

KEEP

CALM

AND GO

TO THE

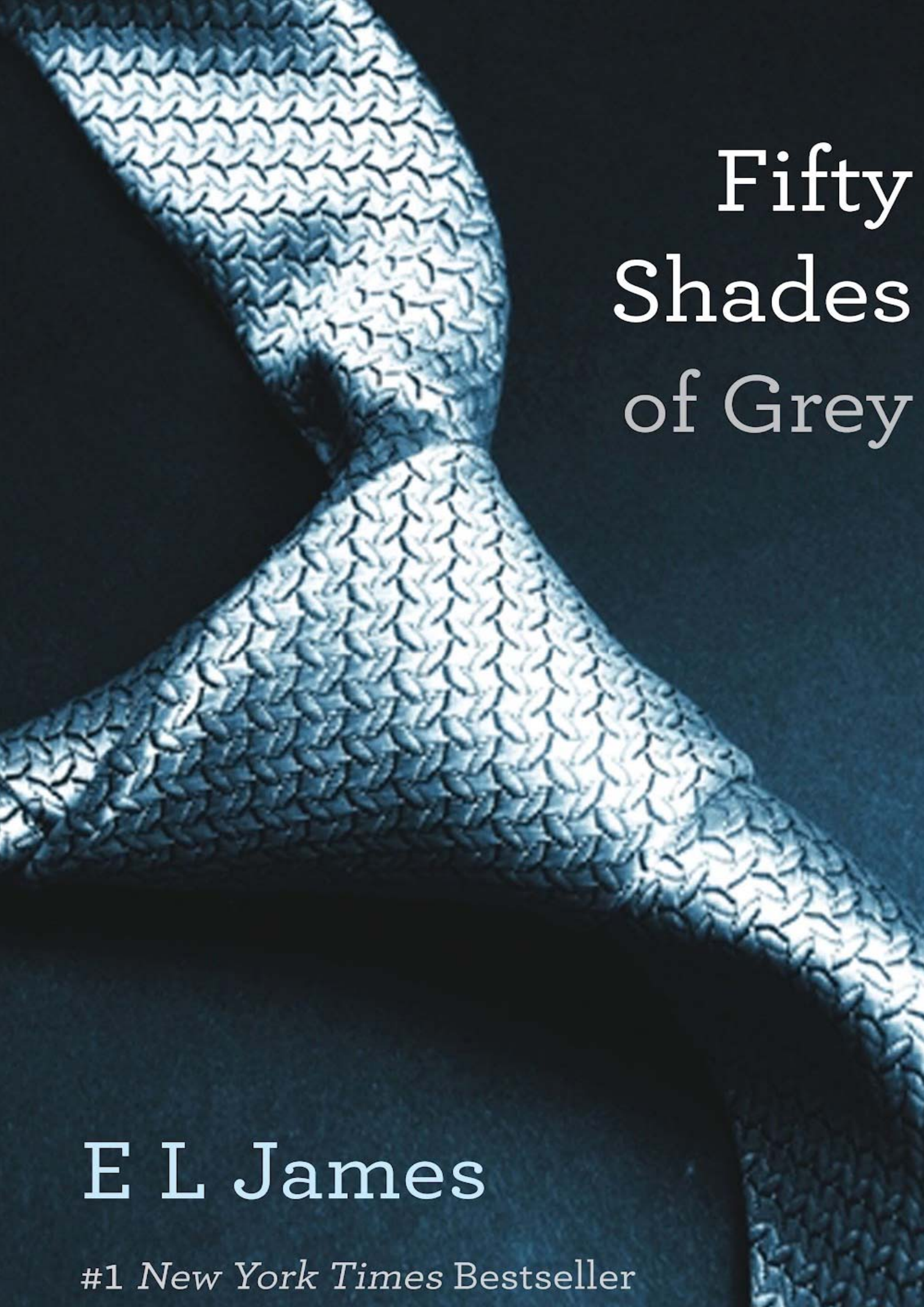
PLAYROOM.

A PARCERIA

Cinquenta Grupos de Cinza



Apresenta:


Fifty
Shades
of Grey
E L James
#1 *New York Times* Bestseller

EQUIPE DA PARCERIA

PEGASUS LANÇAMENTOS

TRADUÇÃO

Ady Miranda, Rute, Partenope, Silvia, Sandra P.

REVISÃO INICIAL

Soryu

PRT

TRADUÇÃO

Miriam e Dani C.

TAD

TRADUÇÃO

Serena, Pâmela e Gaby

REVISÃO FINAL

Elena Somerhalder

Sinopse

Quando *Anastasia Steele* entrevista o jovem empresário *Christian Grey*, descobre nele um homem atraente, brilhante e profundamente dominador. Ingênua e inocente, Ana se surpreende ao perceber que, a despeito da enigmática reserva de Grey, está desesperadamente atraída por ele. Incapaz de resistir à beleza discreta, à timidez e ao espírito independente de Ana, Grey admite que também a deseja — mas em seus próprios termos.

Chocada e ao mesmo tempo seduzida pelas estranhas preferências de Grey, Ana hesita. Por trás da fachada de sucesso — os negócios multinacionais, a vasta fortuna, a amada família —, Grey é um homem atormentado por demônios do passado e consumido pela necessidade de controle. Quando eles embarcam num apaixonado e sensual caso de amor, Ana não só descobre mais sobre seus próprios desejos, como também sobre os segredos obscuros que Grey tenta manter escondidos...

FIFTY SHADES *of* GREY

E L James

Para Niall,

O mestre do universo

Capítulo 01

Eu olho com frustração para mim mesma no espelho. Maldito cabelo, ele simplesmente não se comporta, e maldita Katherine Kavanagh por estar doente e me sujeitar a esta provação. Eu devia estar estudando para meus exames finais, que será na semana que vem, mas estou aqui tentando escovar meus cabelos até que eles se submetam. Eu não devo dormir com ele molhado. *Eu não devo dormir com ele molhado.* Recitando esta ladainha várias vezes, eu tento, mais uma vez, deixa-los sob controle com a escova. Eu reviro meus olhos em exasperação e olho para a pálida menina de cabelos castanhos com olhos azuis muito grandes para seu rosto, olhando fixamente de volta para mim, e desisto. Minha única opção é conter meu cabelo rebelde em um rabo-de-cavalo e esperar que eu pareça meio apresentável.

Kate é minha companheira de quarto, e ela escolheu justamente hoje para sucumbir à gripe.

Então, ela não podia comparecer a entrevista que ela agendou, com algum magnata mega industrial que eu nunca ouvi falar, para o jornal estudantil. Então eu tive que me voluntariar. Eu tenho exames finais para estudar, uma redação para terminar, e eu devia estar trabalhando esta tarde, mas não, hoje eu tenho que dirigir duzentos e sessenta e cinco quilômetros para o centro de Seattle a fim de encontrar o enigmático CEO[1] da Grey Enterprises Holdings Inc. Como um empresário excepcional e benfeitor importante de nossa Universidade, seu tempo é extraordinariamente precioso, muito mais precioso que o meu, mas, ele concedeu a Kate uma entrevista. Um verdadeiro golpe de sorte, ela me disse. Maldita atividades extracurriculares dela.

Kate está encolhida no sofá na sala de estar.

— Ana, eu sinto muito. Demorei nove meses para conseguir esta entrevista. Levará outros seis para reagendar, e nós duas vamos estar formadas até lá. Como editora, eu não posso estragar isto. Por favor, — Kate me implora em sua voz rouca, de garganta inflamada. Como ela faz isto? Mesmo doente ela parecia atrevida e magnífica, com cabelos ruivos dourados e olhos verdes brilhantes, embora agora avermelhados e com coriza nasal. Eu ignoro minha pontada de simpatia indesejada.

[1] CEO – no original - Chief Executive Officer – Diretor Executivo

— Claro que eu vou Kate. Você deve voltar para a cama. Você gostaria de um pouco de Nyquil ou Tylenol? [2]

— Nyquil, por favor. Aqui estão às perguntas e meu mini-gravador. Apenas aperte gravar aqui. Faça anotações e eu transcreverei tudo.

— Eu não sei nada sobre ele, — eu murmuro, tentando e falhando em suprimir meu pânico crescente.

— As perguntas virão ao seu encontro. Vá. É uma longa viagem. Eu não quero que você se atrase.

— Ok, eu estou indo. Volte para a cama. Eu fiz uma sopa para você aquecer mais tarde. — Eu olho para ela ternamente. *Só por você, Kate, eu farei isto.*

— Eu sei. Boa sorte. E obrigado Ana, como sempre, você é minha salvadora.

Juntando minha mochila, eu sorrio ironicamente para ela, então me dirijo porta afora para o carro. Eu não posso acreditar que eu deixei Kate me convencer disto. Entretanto, Kate pode convencer qualquer um de qualquer coisa.

Ela vai ser uma jornalista excepcional. Ela é articulada, forte, persuasiva, argumentativa, bonita e ela é minha mais querida, querida amiga.

As estradas estão limpas quando eu parto de Vancouver, com acesso a Washington em direção a Portland e a I-5. É cedo, e eu não tenho que estar em Seattle até às duas da tarde. Felizmente, Kate me emprestou seu desportivo Mercedes CLK. Eu não tenho certeza se Wanda, meu velho besouro VW, faria a jornada a tempo. Oh, o Merc. é uma diversão de dirigir, e as milhas escapam quando eu piso no pedal até o fundo.

Meu destino é a sede global da empresa do Sr. Grey. É um edifício comercial enorme de vinte andares, todo em vidro curvo e aço, uma estrutura arquitetônica fantástica, com Grey House[3] escrito discretamente em aço acima das portas de vidro dianteiras. É uma e quarenta e cinco quando eu chego, estou tão aliviada de não estar atrasada quando eu entro na enorme, e francamente intimidante portaria de vidro e aço, em arenito branco.

Atrás do balcão de arenito sólido, uma muito atraente, adestrada, jovem loira sorri agradavelmente para mim. Ela está vestindo um terninho carvão e camisa branca, mais elegante que eu já vi. Ela parece imaculada.

— Eu estou aqui para ver o Sr. Grey. Anastásia Steele por Katherine Kavanagh.

— Com licença um momento, Senhorita Steele. — Ela arqueia sua sobrancelha ligeiramente quando eu permaneço conscientemente diante dela. Eu começo a desejar que eu ter pegado emprestado um dos blazers

[2] Marcas de remédios para resfriado

[3] Casa Grey

formais de Kate em lugar de vestir minha jaqueta azul marinho. Eu fiz um esforço e vesti minha única saia, minhas comportadas botas marrons até os joelhos e um suéter azul. Para mim, isto é inteligente. Eu enfio um dos fugitivos tentáculos de meus cabelos para trás de minha orelha enquanto eu finjo que ela não me intimida.

— Senhorita Kavanagh é esperada. Por favor, registre-se aqui, Senhorita Steele. Você irá até o último elevador à direita, pressione para o vigésimo andar. — Ela sorri amavelmente para mim, divertida, sem dúvida, quando eu me registro.

Ela me dá um crachá de segurança que tem VISITANTE muito firmemente estampado na frente. Eu não posso evitar meu sorriso. Certamente é óbvio que eu estou só de visita. Eu não encaixo aqui mesmo.

Nada muda, eu interiormente suspiro. Agradecendo a ela, eu caminho para o banco de elevadores passando os dois homens da segurança que estão muito mais bem vestidos do que eu estou, em seus ternos pretos bem cortados.

O elevador me leva rapidamente com máxima velocidade para o vigésimo andar. As portas deslizam abrindo, e eu estou em outra grande entrada, mais uma vez toda em vidro, aço e arenito branco. Eu sou confrontada por outra mesa de arenito e outra jovem loira vestida impecavelmente em preto e branco, que levanta para me saudar.

— Senhorita Steele, você poderia esperar aqui, por favor? — Ela aponta para uma área acomodada por cadeiras de couro branco.

Atrás das cadeiras de couro está uma espaçosa sala de reunião envidraçada, cercada por uma mesa de madeira escura, igualmente espaçosa e pelo menos vinte cadeiras harmonizadas ao redor dela. Além disto, tinha uma janela do chão ao teto com uma visão do horizonte de Seattle, que mostrava a cidade em direção ao Sound.[4] É uma vista deslumbrante, e eu fico momentaneamente paralisada pela visão. Uau.

Eu me sento, pesco as perguntas de minha mochila, e dou uma repassada nelas, amaldiçoando interiormente Kate por não me fornecer uma breve biografia. Eu não conheço nada sobre este homem que estou para entrevistar. Ele pode ter noventa anos ou pode ter trinta. A incerteza está me irritando, e meus nervos ressurgem, fazendo com que eu fique incomodada. Eu nunca fico confortável com uma entrevista em pessoa, preferindo o anonimato de uma discussão de grupo onde eu posso me sentar imperceptivelmente na parte de trás da sala. Para ser honesta, eu prefiro minha própria companhia, lendo um romance clássico britânico, enrolada em uma cadeira na biblioteca do campus. Não sentada se contorcendo nervosamente em um colossal edifício de vidro e pedra.

[4] **Puget Sound** É um complexo estuário em Seattle com sistema de canais e bacias marinhas interligados, com uma grande conexão para o Estreito de Juan de Fuca e do Oceano Pacífico.

Eu reviro meus olhos para mim mesma. *Mantenha o controle, Steele*. A julgar pelo edifício, que é muito clínico e moderno, eu imagino que Grey está em seus quarenta: em forma, bronzeado, e de cabelos loiros para combinar com o resto do pessoal.

Outra elegante, impecavelmente vestida loira sai de uma grande porta à direita. O que é isso tudo com as loiras imaculadas? É como Stepford[5] aqui. Respirando fundo, eu me levanto. — Senhorita Steele? — A mais recente loira pergunta.

— Sim, — eu coaxo, e clareio minha garganta. — Sim. — Agora, isto soou mais confiante.

— O Sr. Grey irá recebê-la em um momento. Eu posso pegar seu casaco?

— Oh, por favor. — Eu luto para tirar a jaqueta.

— Já foi oferecido a você alguma bebida?

— Hum, não. — Oh Deus, a Loira Número Um está em problemas?

A Loira Número Dois franziu o cenho e olhou a jovem na escrivaninha.

— Você gostaria de um chá, café, água? — Ela pergunta, voltando sua atenção para mim.

— Um copo de água. Obrigada, — eu murmuro.

— Olivia, por favor, vá buscar para Senhorita Steele um copo de água. — A voz dela é grave. Olivia foge imediatamente e se apressa para uma porta no outro lado do saguão.

— Minhas desculpas, Senhorita Steele, Olivia é nossa nova estagiária. Por favor, sente-se. O Sr. Grey levará mais cinco minutos.

Olivia retorna com um copo de água gelada.

— Aqui está, Senhorita Steele.

— Obrigada.

A Loira Número Dois marcha para a grande escrivaninha, seus saltos clicando e ecoando no chão de arenito. Ela se senta, e ambas continuam seu trabalho.

Talvez o Sr. Grey insista que todos os seus empregados sejam loiros. Eu me pergunto ociosamente se isto é legal, quando a porta do escritório abre e um alto, elegantemente vestido, atraente homem Afro-Americano com curtos dreads sai. Eu definitivamente vesti as roupas erradas.

Ele se vira e diz pela porta. — Golfe, esta semana, Grey.

Eu não ouço a resposta. Ele vira-se, me vê, e sorri, seus olhos escuros enrugando nos cantos. Olivia salta e chama o elevador. Ela parece se destacar em pular de sua cadeira. Ela está mais nervosa que eu!

---

[5] **The Stepford Wives** (**Mulheres Perfeitas** ou **As Possuídas**, disponível no mercado literário brasileiro com ambos os títulos) é um romance de 1972 escrito por Ira Levin, baseados no qual foram lançados dois filmes homônimos: em 1975 e em 2004.

— Boa tarde, senhoras, — ele diz enquanto parte pela porta deslizante.

— O Sr. Grey verá você agora, Senhorita Steele. Siga-me, — A Loira Numero Dois diz.

Eu estou bastante tremula tentando suprimir meus nervos. Juntando minha mochila, eu abandono meu copo de água e faço meu caminho para a porta parcialmente aberta.

— Você não precisa bater, apenas entre. — Ela amavelmente sorri.

Eu empurro a porta aberta e cambaleio, tropeçando em meus próprios pés, e caio de cabeça dentro do escritório.

Merda dupla: eu e meus dois pés esquerdos! Eu estou em minhas mãos e de joelhos na porta de entrada do escritório do Sr. Grey, e mãos gentis estão ao meu redor me ajudando a levantar. Eu estou tão envergonhada, maldita falta de jeito. Eu tenho que lançar meu olhar para cima. Puta que pariu, ele é tão jovem.

— Senhorita Kavanagh. — Ele estende uma mão com longos dedos para mim, uma vez que eu fico de pé. — Eu sou Christian Grey. Você está bem? Você gostaria de se sentar?

Tão jovem, e atraente, muito atraente. Ele é alto, vestido em um fino terno cinza, camisa branca e gravata preta, com incontroláveis cabelos cor de cobre e intensos, luminosos olhos cinza claro que me observam astutamente. Leva um momento para eu encontrar minha voz.

— Hum hum. Perfeitamente — eu murmuro. Se este cara está acima dos trinta então eu sou o tio Macaco.[6] Em uma confusão, eu coloco minha mão na dele e nós levamos um choque. Quando nossos dedos se tocam, eu sinto um estimulante e estranho calafrio, correndo através de mim. Eu retiro minha mão apressadamente, envergonhada. Deve ser estática. Eu pisco rapidamente, minhas pálpebras harmonizando minha frequência cardíaca.

— A Senhorita Kavanagh está indisposta, então ela me enviou. Eu espero que você não se importe, Sr. Grey.

— E você é? — Sua voz é morna, possivelmente divertida, mas é difícil dizer por sua expressão impassível. Ele parece ligeiramente interessado, mas acima de tudo, educado.

— Anastásia Steele. Eu estudo Literatura inglesa com Kate, hum… Katherine… hum… Senhorita Kavanagh do Estado de Washington.

— Entendo, — ele simplesmente diz. Eu penso ver um fantasma de um sorriso em sua expressão, mas eu não estou certa. — Você gostaria de se sentar? — Ele acena em direção a um sofá de couro branco em forma de L.

Seu escritório é muito grande para um homem só. Na frente das janelas que vão do chão ao teto, há uma enorme escrivaninha moderna de

[6] Expressão idiomática que se refere a uma expressão de um filme americano, quando você fica muito surpreso

madeira escura, que seis pessoas poderiam comer confortavelmente ao redor. Combinando a mesa de café com o sofá. Todo o resto é branco, teto, pisos e paredes, exceto, a parede perto da porta, onde estava um mosaico pendurado de pequenas pinturas, trinta e seis delas dispostas em um quadrado. Elas são primorosas, uma série de objetos mundanos esquecidos, pintados com tal detalhe preciso que eles parecem com fotografias. Exibidos juntos, eles são de tirar o fôlego.

— Um artista local. Trouton, — Grey diz quando ele pega meu olhar.

— Elas são adoráveis. Elevando o ordinário para o extraordinário, — eu murmuro distraída, tanto por ele como pelas pinturas. Ele vira sua cabeça para um lado e me fixa atentamente.

— Eu concordo plenamente, Senhorita Steele, — ele responde, sua voz suave e por alguma razão inexplicável eu me encontro corando.

Além das pinturas, o resto do escritório era frio, limpo e clínico. Eu me pergunto se isto reflete a personalidade do Adônis, que afunda graciosamente em uma das cadeiras de couro branco á minha frente. Eu agito minha cabeça, transtornada com a direção de meus pensamentos, e recupero as perguntas de Kate da minha mochila. Em seguida, eu instalo o mini gravador e sou toda dedos e polegares, o deixando cair uma segunda vez na mesa de café à minha frente. O Sr. Grey não diz nada, esperando pacientemente "eu espero" enquanto eu me torno cada vez mais envergonhada e frustrada. Quando eu tomo coragem para olhá-lo, ele está me observando, uma mão relaxada em seu colo e a outra embaixo de seu queixo e arrastando o seu longo dedo indicador através de seus lábios. Eu acho que ele está tentando conter um sorriso.

— Desculpe-me, — eu gaguejo. — Eu não estou acostumada a isto.

— Leve o tempo que você precisar, Senhorita Steele, — ele diz.

— Você se importa se eu gravar suas respostas?

— Depois que você teve tantas dificuldades para instalar o gravador, agora que você me pergunta?

Eu coro. Ele está tirando sarro de mim? Eu espero. Eu pisco para ele, sem saber o que dizer, e acho que ele fica com pena de mim porque ele cede. — Não, eu não me importo.

— Será que Kate, eu quero dizer, a Senhorita Kavanagh, explicou para o que é a entrevista?

— Sim. Para aparecer na edição de graduação do jornal estudantil quando eu outorgar o diploma na cerimônia de graduação deste ano.

Oh! Isto é novidade para mim, e eu estou temporariamente preocupada pelo pensamento de que alguém não muito mais velho do que eu, Ok, talvez uns seis anos mais ou menos, e ok, mega- bem sucedido, mas, ainda assim, vai me apresentar em minha licenciatura. Eu franzo a testa, arrastando minha teimosa atenção de volta à tarefa à mão.

— Bem, — eu engulo nervosamente. — Eu tenho algumas perguntas, Sr. Grey. — Eu aliso um cacho perdido de cabelo atrás de minha orelha.

— Eu achei que você teria, — ele diz, impassível. Ele está rindo de mim. Minhas bochechas esquentam com a percepção, e eu me sento reta e enquadro meus ombros em uma tentativa de parecer mais alta e mais intimidante. Apertando o botão iniciar do gravador, eu tento parecer profissional.

— Você é muito jovem para ter acumulado tal império. Há que você deve seu sucesso? — Eu olho para ele. Seu sorriso é arrependido, mas ele parece vagamente desapontado.

— Negócios é tudo sobre pessoas, Senhorita Steele e eu sou muito bom em julgar as pessoas. Eu sei como elas marcam, o que as faz florescer, o que não faz, o que as inspira, e como incentivá-las. Eu emprego um time excepcional, e eu os recompenso bem. — Ele pausa e me fixa com seu olhar cinza. — Minha convicção é de alcançar o sucesso em qualquer esquema, alguém tem que se fazer mestre deste esquema, conhecê-lo de dentro para fora, saber todos os detalhes. Eu trabalho duro, muito duro para fazer isto. Eu tomo decisões baseadas em lógica e fatos. Eu tenho um instinto natural que pode localizar e nutrir uma boa ideia sólida e boas pessoas. O resultado final é sempre estabelecido para as boas pessoas.

— Talvez você seja apenas sortudo. — Isto não está na lista de Kate, mas ele é tão arrogante. Seus olhos chamejam momentaneamente em surpresa.

— Eu não acredito em sorte ou azar, Senhorita Steele. Quanto mais duro eu trabalho mais sorte eu pareço ter. Realmente é tudo sobre ter as pessoas certas em seu time e dirigindo suas energias neste sentido. Eu acho que foi Harvey Firestone quem disse “o crescimento e desenvolvimento das pessoas é a maior vocação de liderança.

— Você soa como um maníaco por controle. — As palavras saíram de minha boca antes que eu possa detê-las.

— Oh, eu exerço controle em todas as coisas, Senhorita Steele, — ele diz sem rastro de humor em seu sorriso. Eu olho para ele, e ele segura o meu olhar continuamente, impassível. Meu batimento cardíaco acelera, e meu rosto fica corado novamente.

Por que ele tem tal efeito irritante sobre mim? Sua beleza opressiva talvez? O modo como seus olhos brilham para mim? O modo como ele acaricia com o dedo indicador seu lábio inferior? Eu gostaria que ele parasse de fazer isto.

— Além disso, o imenso poder é adquirido assegurando-se em seus devaneios secretos, que você nasceu para controlar as coisas, — ele continua, sua voz suave.

— Você sente que tem imenso poder? — *Maníaco por controle.*

— Eu emprego mais de quarenta mil pessoas, Senhorita Steele. Isso me dá certo sentido de responsabilidade.... poder, se assim prefere. Se decidisse que já não me interesso mais pelos negócios de telecomunicações e vendesse tudo, vinte mil pessoas teriam grandes dificuldades em pagar suas hipotecas no final do mês então.

Minha boca abriu. Eu estou espantada pela sua falta de humildade.

— Você não tem um conselho ao qual responder? — Eu pergunto, repugnada.

— Eu possuo a minha empresa. Eu não tenho que responder para um conselho. — Ele levanta uma sobrancelha para mim.

Eu ruborizo. Claro, eu saberia disto se eu tivesse feito alguma pesquisa. Mas puta merda, ele é tão arrogante. Eu mudo de rumo.

— E você tem algum interesse fora de seu trabalho?

— Eu tenho interesses variados, Senhorita Steele. — A sombra de um sorriso toca seus lábios. — Muito variado. — E por alguma razão, eu estou confusa e inflamada por seu olhar firme. Seus olhos estão iluminados com algum pensamento mau.

— Mas se você trabalha tão duro, o que você faz para relaxar?

— Relaxar? — Ele sorri, revelando dentes brancos perfeitos.

Eu paro de respirar. Ele realmente é lindo. Ninguém devia ser tão bonito.

— Bem, para "relaxar" como você diz, eu velejo, eu vôo, eu desfruto de várias atividades físicas.

Ele desloca-se em sua cadeira. — Eu sou um homem muito rico, Senhorita Steele e tenho passatempos caros e absorventes.

Eu olho depressa as perguntas de Kate, querendo sair deste assunto.

— Você investe em fabricação. Por que, especificamente? — Eu pergunto. Por que ele me faz tão desconfortável?

— Eu gosto de construir coisas. Eu gosto de saber como as coisas funcionam: o que torna as coisas marcantes, como construir e destruir. E eu tenho um amor por navios. O que eu posso dizer?

— Isso soa como seu coração falando, em lugar da lógica e fatos.

Ele faz trejeitos com a boca, e olha de forma avaliadora para mim.

— Possivelmente. Embora existem pessoas que diriam que eu não tenho coração.

— Por que eles diriam isto?

— Porque eles me conhecem bem. — Seu lábio enrola em um sorriso irônico.

— Seus amigos dizem que você é fácil de conhecer? — E eu lamento a pergunta assim que eu falo. Não está na lista de Kate.

— Eu sou uma pessoa muito privada, Senhorita Steele. Eu percorro um caminho longo para proteger minha privacidade. Eu não costumo dar entrevistas, — ele vagueia.

— Por que você concordou em fazer esta aqui?

— Porque eu sou um benfeitor da Universidade, e para todos os efeitos, eu não consegui tirar a Senhorita Kavanagh de minhas costas. Ela insistiu e insistiu com meu pessoal de Relações Públicas, e eu admiro esse tipo de tenacidade.

Eu sei o quanto Kate pode ser tenaz. É por isso que eu estou sentada aqui me contorcendo desconfortavelmente, sob o seu olhar penetrante, quando eu tinha que estar estudando para meus exames.

— Você também investe em tecnologias agrícolas. Por que você está interessado nesta área?

— Nós não podemos comer dinheiro, Senhorita Steele, e existem muitas pessoas neste planeta que não tem o suficiente para comer.

— Isso soa muito filantrópico. É algo que você sente apaixonadamente? Alimentar os pobres do mundo?

Ele encolhe os ombros, muito reservado.

— É um negócios astuto, — ele murmura, entretanto eu penso que ele não está sendo sincero. Isso não faz sentido, alimentar os pobres do mundo? Eu não posso ver os benefícios financeiros disto, só a virtude do ideal. Eu olho para a próxima pergunta, confusa por sua atitude.

— Você tem uma filosofia? Nesse caso, qual é?

— Eu não tenho uma filosofia como essa. Talvez um princípio do orientador Carnegie: "Um homem que adquire a habilidade de tomar posse completa de sua própria mente, pode tomar posse de qualquer outra coisa a que ele por justiça tem direito". Eu sou muito peculiar, impulsivo. Eu gosto de controlar, a mim mesmo e aqueles ao meu redor.

— Então você quer possuir coisas? — *Você é um maníaco por controle.*

— Eu quero merecer possuí-las, mas sim, no resultado final, eu quero.

— Você soa como o consumidor irrevogável.

— Eu sou. — Ele sorri, mas o sorriso não toca seus olhos. Novamente isto está em conflito com alguém que quer alimentar o mundo, então eu não posso evitar pensar que nós estamos conversando sobre outra coisa, mas eu estou absolutamente confusa sobre o que é isto. Eu engulo em seco. A temperatura na sala está subindo ou talvez seja apenas eu. Eu só quero que esta entrevista termine. Seguramente Kate tem material suficiente agora? Eu olho para a próxima pergunta.

— Você foi adotado. Até que ponto você acha que isto formou o que você é? — Oh, isto é pessoal. Eu fico olhando para ele, esperando que ele não se ofenda. Sua testa enruga.

— Eu não tenho como saber.

Meu interesse é despertado.

— Que idade você tinha quando você foi adotado?

— Esta é uma questão de registro público, Senhorita Steele. — Seu tom é duro. Eu ruborizo, novamente. *Merda.*

Sim claro que, se eu soubesse que eu faria esta entrevista, eu teria feito algumas pesquisas.

Eu continuo depressa.

— Você teve que sacrificar uma vida familiar por seu trabalho.

— Isto não é uma pergunta. — Ele é conciso.

— Desculpe. — Eu me contorço, e ele me faz sentir como uma criança errante. Eu tento novamente. — Você teve que sacrificar uma vida em família por seu trabalho?

— Eu tenho uma família. Eu tenho um irmão e uma irmã e pais amorosos. Eu não estou interessado em estender minha família além disto.

— Você é gay, Sr. Grey?

Ele inala bruscamente, e eu me encolho, mortificada. *Merda*. Por que eu não empreguei algum tipo de filtro antes de eu ler em voz alta a pergunta? Como eu posso dizer a ele que eu estou só lendo as perguntas?

Maldita Kate e sua curiosidade!

— Não Anastásia, eu não sou. — Ele levanta suas sobrancelhas, um brilho frio em seus olhos. Ele não parece contente.

— Eu peço desculpas. Isto está hum… escrito aqui. — É a primeira vez que ele disse meu nome. Meu batimento cardíaco acelera, e minhas bochechas estão aquecendo novamente. Nervosamente, eu coloco meu cabelo solto atrás da minha orelha.

Ele dobra sua cabeça para um lado.

— Estas não suas próprias perguntas?

O sangue drena de minha cabeça. *Oh não.*

— Éee… não. Kate, a Srta. Kavanagh, ela compilou as perguntas.

— Vocês são colegas no jornal estudantil? — *Oh Merda*. Eu não tenho nada a ver com o jornal estudantil. É a atividade extracurricular dela, não minha. Meu rosto está em chamas.

— Não. Ela é minha companheira de quarto.

Ele esfrega seu queixo em deliberação calma, seus olhos cinza me avaliando.

— Você se voluntariou para fazer esta entrevista? — Ele pergunta, sua voz mortalmente calma.

Espere, quem deveria estar entrevistando quem? Seus olhos queimam em cima de mim, e eu sou obrigada a responder com a verdade.

— Eu fui sorteada. Ela não está bem. — Minha voz é fraca e apologética.

— Isso explica muita coisa.

Há uma batida na porta, e a loira Numero Dois entra.

— Sr. Grey, perdoe-me por interromper, mas sua próxima reunião será em dois minutos.

— Nós não terminamos aqui, Andrea. Por favor, cancele minha próxima reunião.

Andrea fica boquiaberta, sem saber o que falar. Ela parece perdida. Ele vira a cabeça lentamente para encará-la e levanta sua sobrancelha. Ela ruboriza escarlate. *Oh bem. Ainda bem que eu não sou a única.*

— Muito bem, Sr. Grey, — ela murmura, depois saí. Ele franze a testa, e volta sua atenção para mim.

— Onde nós estávamos, Senhorita Steele?

Oh, nós voltamos a "Srta. Steele" agora.

— Por favor, não gostaria de atrapalhar suas obrigações.

— Eu quero saber sobre você. Eu acho que isto é justo. — Seus olhos cinza estão acesos de curiosidade. Duas vezes merda. Onde ele está indo com isto? Ele coloca seus cotovelos nos braços da cadeira e coloca seus dedos na frente de sua boca. Sua boca tão… dispersiva. Eu engulo seco.

— Não existe muito para saber, — eu digo, ruborizando novamente.

— Quais são seus planos depois que você se formar?

Eu encolho os ombros, seu interesse me desconcerta. *Ir para Seattle com Kate, achar um lugar, achar um emprego.* Eu realmente não pensei além do meus exames finais.

— Eu não fiz quaisquer planos, Sr. Grey. Eu só preciso passar nos meus exames finais.

Para o qual eu devia estar estudando no momento, em lugar de me sentar em seu palaciano ostentoso, seu escritório estéril, sentindo-me desconfortável sob seu penetrante olhar.

— Nós temos um excelente programa de estágio aqui, — ele diz calmamente. Eu levanto minhas sobrancelhas em surpresa. Ele está me oferecendo um emprego?

— Oh. Eu vou pensar nisto, — eu murmuro, completamente confusa. — Ainda que eu não tenha certeza se me encaixaria aqui. — Oh não. Eu estou refletindo em voz alta novamente.

— Por que você diz isto? — Ele dobra sua cabeça para um lado, intrigado, uma sugestão de um sorriso toca seus lábios.

— É óbvio, não é? — *Eu não tenho coordenação, sou desleixada e não sou loira.*

— Não para mim, — ele murmura. Seu olhar é intenso, todo o humor tinha desaparecido, e estranhos músculos profundos em minha barriga apertam de repente. Eu desvio meus olhos do seu olhar minucioso e olho cegamente para baixo em meus dedos atados. *O que está acontecendo*? Eu tenho que sair, agora. Eu me inclino para frente para recuperar o gravador.

— Você gostaria que eu mostrasse ao redor? — Ele pergunta.

— Eu estou certa que você está extremamente ocupado, Sr. Grey, e eu tenho uma longa viagem.

— Você vai dirigindo de volta para a WSU[7] em Vancouver? — Ele soa surpreso, ansioso até. Ele olha para fora da janela. Está começado a chover.

[7] **WSU** – Washington State University – Universidade Estadual de Washington

— Bem, é melhor você dirigir com cuidado. — Seu tom é severo, autoritário. Por que ele deveria se importar? — Você conseguiu tudo o que precisa? — Ele adiciona.

— Sim senhor, — eu respondo, embalando o gravador em minha mochila. Seus olhos se estreitam, como estivesse pensando.

— Obrigada pela entrevista, Sr. Grey.

— O prazer foi todo meu, — ele diz, cortês como sempre.

Quando eu me ergo, ele se levanta e estende sua mão.

— Até a próxima, Senhorita Steele. — E isso soa como um desafio, ou uma ameaça, eu não estou certa de qual. Eu franzo a testa. Quando será que nós vamos encontrarmos novamente? Eu aperto sua mão mais uma vez, surpresa que esta estranha corrente entre nós ainda está lá. Deve ser meus nervos.

— Sr. Grey. — Despeço-me dele com um movimento de cabeça.
Ele se dirige a porta com graça e agilidade. E abre a porta totalmente.

— Só assegurando que você passe pela porta, Senhorita Steele. — Ele me dá um pequeno sorriso.

Obviamente, ele está referindo-se a minha entrada nada elegante, mais cedo em seu escritório. Eu coro.

— Muito amável de sua parte, Sr. Grey, — lhe digo bruscamente.
Seu sorriso se alarga. *Eu estou contente que você me ache divertida*, eu penso furiosa interiormente, caminhando para o hall de entrada. Eu fico surpresa quando ele me segue. Tanto Andrea, quanto Olivia me olham, igualmente surpresas.

— Você tem um casaco? — Grey pergunta.

— Sim. — Olivia salta e recupera minha jaqueta, que Grey tira dela antes que ela possa dar para mim. Ele a segura e me sentindo ridiculamente tímida, eu coloco os ombros nela.

Grey coloca suas mãos por um momento em meus ombros. Eu ofego com o contato. Se ele nota minha reação, ele não dá pistas. Seu longo dedo indicador pressiona o botão chamando o elevador, e nós permanecemos esperando, eu sem jeito, e ele sereno e frio.

As portas se abrem, e eu me apresso desesperada para escapar. *Eu realmente preciso sair daqui.* Quando eu viro para olhá-lo, ele está debruçando contra a entrada ao lado do elevador com uma mão na parede. Ele é realmente muito, muito bonito. Seus flamejantes olhos cinza olhando para mim. Desconcerta-me.

— Anastásia, — ele diz como uma despedida.

— Christian, — eu respondo. E misericordiosamente, as portas fecham.

Capítulo 02

Meu coração está disparado. O elevador chega ao andar térreo, e eu desço assim que as portas se abrem, tropeçando mais uma vez, mas felizmente não caindo de bruços no chão de arenito imaculado. Eu corro para as largas portas de vidro, e por fim estou livre no tonificante, limpo, ar úmido de Seattle. Levantando meu rosto, eu dou boas-vindas à fresca chuva refrescante. Eu fecho meus olhos e tomo uma profunda e purificante respiração, tentando recuperar o que resta de meu equilíbrio.

Nenhum homem jamais me afetou desse modo como Christian Grey o fez, e eu não posso entender o porquê.

É sua aparência? Sua civilidade? Sua Riqueza? Seu Poder? Eu não entendo minha reação irracional.

Eu dou um suspiro enorme de alívio. O que em nome dos céus foi tudo aquilo? Eu me inclino contra uma das colunas de aço do edifício, e valentemente tento me acalmar e juntar meus pensamentos. Eu agito minha cabeça. *Puta merda, o que foi aquilo*? Meu coração estabiliza, voltando ao seu ritmo regular, e eu posso respirar normalmente de novo. Eu me dirijo ao meu carro.

Quando eu deixo os limites da cidade para trás, eu começo a me sentir tola e envergonhada, quando eu reproduzo a entrevista em minha mente. Certamente, eu estou reagindo a algo que está em minha imaginação. Certo, então ele é muito atraente, confiante, autoritário, à vontade consigo mesmo, mas por outro lado, ele é arrogante, e por todos os seus modos impecáveis, ele é ditador e frio. Bem, pelo menos a primeira vista.

Um arrepio involuntário percorre minha espinha. Ele pode ser arrogante, entretanto ele tem o direito de ser, ele conseguiu tanto em uma idade tão jovem. Ele não suporta os imbecis, mas por que ele deveria? Novamente, eu estou irritada por Kate não me dar uma breve biografia dele.

Enquanto cruzo ao longo da I-5, minha mente continua a vagar. Eu estou perplexa por existir gente tão empenhada em triunfar. Algumas de suas respostas eram tão enigmáticas, como se ele tivesse uma agenda

oculta. As perguntas de Kate... ufa! A adoção e a pergunta se ele é gay! Eu estremeço. Eu não posso acreditar que eu disse aquilo. *Que o chão, me engula agora!* Toda vez que eu pensar sobre esta pergunta no futuro, eu vou ficar corada de vergonha. Maldita Katherine Kavanagh!

Eu verifico o velocímetro. Eu estou dirigindo mais cautelosamente do que eu estaria em qualquer outra ocasião. E eu sei que é a lembrança de dois olhos cinza penetrantes olhando para mim, e uma voz dura dizendo-me para dirigir cuidadosamente. Agitando minha cabeça, eu percebo que Grey está mais para um homem com o dobro de sua idade.

Esqueça isto, Ana, eu ralho comigo mesmo. Eu chego à conclusão que isto foi uma experiência muito interessante, mas eu não deveria insistir nisto. *Deixe isto para trás.* Eu nunca vou vê-lo novamente. Eu fico imediatamente alegre pelo pensamento. Eu ligo o play do MP3 e giro o volume bem alto, me encosto, e ouço o estrondoso rock alternativo quando eu pressiono o acelerador.

Quando eu atinjo a I-5[8], eu percebo que eu posso dirigir tão rápido quanto eu quero.

Nós vivemos em uma pequena comunidade de apartamentos dúplex em Vancouver, Washington, perto do campus de Vancouver da WSU. Eu tenho sorte dos pais de Kate terem comprado um lugar para ela, e eu pago amendoins pelo aluguel.[9] Isto já faz uns quatro anos. Quando eu desligo o carro, eu sei que a Kate vai querer que eu conte tim-tim por tim-tim da entrevista, ela é tenaz. Bem, pelo menos ela tem o mini gravador. Espero que eu não tenha que elaborar muito além do que foi dito durante a entrevista.

— Ana! Você voltou. — Kate está sentada em nossa sala de estar, cercada por livros. Ela está claramente estudando para as provas finais, entretanto ela ainda está de pijamas de flanela rosa, decorado com coelhinhos fofinhos, aqueles que ela reserva quando acaba com um namoro, quando está doente, e quando está deprimida em geral. Ela pula em cima de mim e me abraça apertado.

— Eu estava começando a me preocupar. Eu esperava que você voltasse mais cedo.

— Oh, eu acho que compensei o tempo considerando que a entrevista funcionou. — Eu aceno com o mini gravador para ela.

— Ana, muito obrigada por fazer isto. Eu fico te devendo, eu sei. Como foi? Como ele era? — Oh não, lá vamos nós, com a Inquisição de Katherine Kavanagh.

Eu luto para responder suas perguntas. O que eu posso dizer?

---

[8] Interestadual – 5

[9] **Se você paga com amendoins, você obtêm macacos.** Ditado popular nos EUA que significa que você paga uma mixaria (muito pouco)

— Eu estou contente que terminei, e que eu não tenha que vê-lo novamente. Ele era bastante intimidante, sabe. — Eu encolho os ombros. — Ele é muito focado, intenso até, e jovem. Realmente jovem.

Kate olha com ingenuidade para mim. Eu franzo a testa para ela.

— Você, não se faça de inocente. Por que você não me deu uma biografia? Ele me fez sentir como uma idiota por me restringir as perguntas básicas. — Kate aperta uma mão em sua boca.

— Jesus, Ana, eu sinto muito, eu não pensei.

Eu bufo.

— Na maior parte ele foi cortês, formal, ligeiramente sufocante, como se tivesse envelhecido antes do tempo. Ele não conversa como um homem de vinte e poucos anos. Que idade ele tem afinal?

— Vinte e sete. Jesus, Ana, eu sinto muito. Eu devia ter informado você, mas eu estava em pânico. Deixe-me pegar o mini gravador, e eu vou começar a transcrever a entrevista.

— Você parece melhor. Você comeu sua sopa? — Eu pergunto, ansiosa para mudar o assunto.

— Sim, e estava deliciosa como sempre. Eu estou me sentindo muito melhor. — Ela sorri para mim em gratidão. Eu verifico meu relógio.

— Eu tenho que correr. Eu posso ainda fazer meu turno na Clayton.

— Ana, você está exausta.

— Eu estarei bem. Eu vejo você mais tarde.

Eu trabalho na Clayton desde que eu comecei na universidade. É a maior loja de ferragens de Portland, e durante os quatro anos em que eu trabalho aqui, eu conheci um pouco sobre quase tudo que vendemos, embora ironicamente, eu sou um desastre em trabalhos manuais. Eu deixo tudo isso para meu pai.

Eu sou muito mais o tipo de garota que se enrosca com um livro em uma confortável cadeira junto à lareira. Eu estou contente que eu possa fazer meu turno, pois isto me dá algo para me concentrar que não seja Christian Grey. Nós estamos ocupados, é o inicio da temporada de verão, e as pessoas estão redecorando suas casas. A Sra. Clayton está contente por me ver.

— Ana! Eu pensei que você não fosse vir hoje.

— Meu compromisso não demorou tanto tempo como eu pensei. Eu terminei em algumas horas.

— Eu estou contente por ver você.

Ela me manda para o deposito para começar a reabastecer as prateleiras, e eu logo fico absorvida na tarefa.

Quando eu chego em casa mais tarde, Katherine está com os fones de ouvido, trabalhando em seu laptop.

Seu nariz está ainda rosa, mas ela está super envolvida no seu trabalho, concentrada e digitando furiosamente. Eu estou exausta, completamente drenada pela longa viagem, a entrevista cansativa, e por

permanecer de pé na Clayton. Eu afundo no sofá, pensando sobre a redação que eu tenho que terminar e todos os estudos que eu não fiz hoje, porque eu estava com… *ele.*

— Você tem um bom material aqui, Ana. Você fez um bom trabalho. Eu não posso acreditar que você não aproveitou a oferta dele para mostrar a você o lugar. Ele obviamente queria passar mais tempo com você.

Ela me lança um olhar fugaz e brincalhão.

Eu ruborizo, e minha frequência cardíaca inexplicavelmente acelera. Estou certa que não foi isso. Ele só queria me mostrar o local, para que eu pudesse ver que ele é o senhor de tudo aquilo. Eu percebo que eu estou mordendo meu lábio, e eu espero que Kate não note. Mas ela parece absorvida em sua transcrição.

— Eu entendo o que você quer dizer sobre formal. Você tomou algumas anotações? — Ela pergunta.

— Hum… não, eu não tomei.

— Tudo bem. Eu ainda posso fazer um artigo bom com isto. Pena que não temos algumas fotos originais. Bonito aquele filho da puta, não é?

Eu ruborizo.

— Eu acho que sim. — Eu tento duramente soar desinteressada, e eu acho que consegui.

— Oh vamos, Ana, até você não pode ser imune a sua aparência. — Ela arqueia uma sobrancelha perfeita para mim.

Merda! Sinto que minhas bochechas ardem. Assim eu a distraio lisonjeando-a, sempre é um bom truque.

— Você provavelmente teria conseguido muito mais dele.

— Eu duvido, Ana. Ora… ele praticamente te ofereceu um emprego. Mesmo depois daquela pergunta que impus para você fazer, você foi muito bem. — Ela olha para mim especulativamente. Eu faço uma retirada apressada para a cozinha.

— Então o que você realmente pensou sobre ele? — Maldição, ela é curiosa. Por que ela não pode simplesmente deixar isto passar? *Pense sobre algo, rápido.*

— Ele é muito mandão, controlador, arrogante, realmente assustador, mas muito carismático. Eu posso entender o fascínio, — eu digo sinceramente, com a esperança que ela encerre este assunto uma vez por todas.

— Você, fascinada por um homem? Está é a primeira vez, — ela bufa.

Eu começo a juntar os ingredientes de um sanduíche, assim ela não pode ver meu rosto.

— Por que você quis saber se ele era gay? Alias, está foi uma pergunta muito embaraçosa. Eu fiquei mortificada, e ele ficou puto ao ser questionado também. — Eu franzo a testa com a memória.

— Sempre que ele está nas páginas da sociedade, ele nunca está acompanhado.

— Foi vergonhoso. A coisa inteira foi constrangedora. Eu estou contente que nunca mais tenha que por os olhos nele novamente.

— Oh, Ana, não pode ter sido tão ruim. Eu penso que ele parece estar bastante interessado em você.

Interessado em mim? Agora Kate está sendo ridícula.

— Você gostaria de um sanduíche?

— Por favor.

Não conversamos mais sobre Christian Grey aquela noite, para meu alívio. Uma vez que nós comemos, eu posso me sentar à mesa de jantar com Kate e, enquanto ela trabalha em seu artigo, eu trabalho em minha redação sobre Tess de D 'Urbervilles.[10] Maldição, esta mulher estava no lugar errado, no tempo errado, no século errado. Quando eu termino, é meia-noite, e Kate já tinha ido há muito tempo para a cama. Eu faço meu caminho para meu quarto, exausta, mas contente que eu fiz tanto para uma segunda-feira.

Eu me enrolo em minha cama de ferro branco, embrulhando uma colcha de minha mãe ao meu redor, fecho meus olhos e durmo imediatamente. Naquela noite eu sonho com lugares escuros, sombrios pisos brancos frios, e olhos cinza.

Pelo resto da semana, eu me dedico em meus estudos e no meu trabalho na Clayton. Kate está ocupada também, compilando sua última edição de sua revista estudantil, antes dela ter que cedê-la para o novo editor, ao mesmo tempo estudando para seus exames finais.

Na quarta-feira, ela está muito melhor, e eu não tenho mais que suportar a visão de seus pijamas com rosa e coelhinhos. Eu telefono para minha mãe na Geórgia para saber como ela está, mas também para que ela possa me desejar sorte em meus exames finais. Ela começa a me contar sobre sua mais nova aventura: está aprendendo a fazer vela. Minha mãe adora aprender coisas novas. Basicamente, ela se entedia e busca coisas novas para preencher seu tempo, mas é impossível ela manter a atenção durante muito tempo em alguma coisa. A semana que vem será uma nova aventura.

Ela me preocupa. Eu espero que ela não hipoteque a casa para financiar esta nova aventura. E eu espero que Bob, seu relativamente novo marido, muito mais velho, esteja de olho nela agora que eu não estou mais lá. Seu terceiro marido parecer ser um cara centrado.

— Como estão às coisas com você, Ana?

Por um momento, eu hesito, e eu tenho toda a atenção de minha mãe.

— Eu estou bem.

— Ana? Você encontrou alguém*? — Uau... como ela faz isto*? A excitação em sua voz é palpável.

[10] Tess of the D'Ubervilles:, é um romance de Thomas Hardy, publicado pela primeira vez em 1891. Considerada uma obra importante da literatura Inglesa.

— Não, mãe, não é nada. Você será a primeira a saber se eu o achar.

— Ana, você realmente precisa sair mais, doçura. Você me preocupa.

— A mãe, eu estou bem. Como está Bob? — Como sempre, a distração é a melhor política.

Mais tarde naquela noite, eu chamo Ray, meu padrasto, Marido Número Dois de mamãe, o homem que eu considero sendo meu pai, e o homem cujo nome eu carrego. É uma conversa breve. De fato, não é tanto uma conversa, é mais uma série unilateral de grunhidos em resposta para a minha gentil persuasão. Ray não é muito de falar. Mas ele é muito ativo, quando ele não esta assistindo futebol na televisão, vai aos jogos de boliche, prática pesca com mosca,[11] ou fazendo mobília. Ray é um carpinteiro qualificado, e a razão de eu saber a diferença entre um falcão e um serrote. Tudo parece bem com ele.

Sexta feira à noite, Kate e eu estamos debatendo o que fazer com nossa noite, nós queremos dar um tempo em nossos estudos, em nosso trabalho, dos jornais estudantis, quando a campainha toca.

Parado em nossa soleira está meu bom amigo José, segurando uma garrafa de champanhe.

— José! Bom te ver! — Eu dou-lhe um abraço rápido. — Entre.

José é a primeira pessoa que eu encontrei quando cheguei na universidade, parecia tão perdido e solitário com eu.

Nós reconhecemos uma alma gêmea em cada um de nós naquele dia, e nós temos sido amigos desde então.

Não só compartilhamos um senso de humor, mas nós descobrimos que tanto Ray como o Sr. José estiveram na mesma unidade do exército juntos. Como resultado, nossos pais se tornaram grandes amigos também.

José estuda engenharia e é o primeiro de sua família a ir para a faculdade. Ele é malditamente brilhante, mas sua verdadeira paixão é a fotografia. José tem um bom olho para uma boa foto.

— Eu tenho novidades. — Ele sorri, com seus olhos escuros brilhando.

— Não me diga que você conseguiu ser expulso por mais uma semana, — eu provoco, e ele faz uma careta brincalhona para mim.

— A galeria Portland Place vai exibir minhas fotografias no próximo mês.

— Isto é incrível, parabéns! — Satisfeita por ele, eu o abraço novamente. Kate sorri para ele também.

— É isto aí José! Eu devia pôr isto no jornal. Nada como mudanças editoriais de último minuto em uma sexta-feira à noite. — Ela sorri.

— Vamos celebrar. Eu quero que você venha para a abertura. — José olha atentamente para mim. Eu ruborizo.

— Você duas claro, — ele adiciona, olhando nervosamente para Kate.

---

[11] **Pesca com mosca** é a tradução do termo em inglês *Fly Fishing*, por muitos conhecidos como *pesca com fly* ou apenas *fly*. Para os brasileiros, o termo correto é pesca com mosca.

José e eu somos bons amigos, mas eu sei que lá no fundo, ele gostaria de ser mais que isto. Ele é atraente e engraçado, mas não é para mim. Ele é mais como um irmão que eu nunca tive. Katherine frequentemente me provoca dizendo que está faltando um namorado em minha vida, mas a verdade é que eu não conheci ninguém que... bem, me atraísse, embora uma parte de mim anseie pelos joelhos trêmulos, o coração saindo pela boca, o friozinho na barriga e noites sem dormir.

Às vezes me pergunto se existe algo de errado comigo. Talvez eu gaste muito tempo na companhia de meus heróis românticos literários, e consequentemente minhas ideais e expectativas são extremamente altos. Mas na verdade, ninguém nunca me fez sentir assim.

Até muito recentemente, a indesejável, vozinha em meu subconsciente sussurra.

NÃO! Eu enterro o pensamento imediatamente. Sem essa, não depois daquela entrevista dolorosa. *Você é gay, Sr. Grey*? Eu estremeço com a memória. Eu sei que eu sonhei com ele quase todas as noites desde então, mas isto é apenas para eliminar a experiência terrível da minha mente, certo?

Eu assisto José abrir a garrafa de champanhe. Ele é alto, em sua calça jeans e camiseta, ele é todo ombros e músculos, pele bronzeada, cabelos escuros e olhos escuros ardentes. Sim, Jose é bastante quente, mas eu acho que ele está finalmente entendendo a mensagem: Nós somos apenas amigos. A rolha estala alto, e José olha para cima e sorri.

Sábado na loja é um pesadelo. Nós recebemos vários clientes que querem enfeitar suas casas. O Sr e a Sra. Clayton, John e Patrick, os outros empregados, estamos correndo apressados. Mas há uma trégua na hora do almoço, e a Sra. Clayton me pede para verificar algumas ordens enquanto eu estou sentada atrás do balcão do caixa discretamente comendo minha rosquinha. Eu estou absorta na tarefa, verificando os números do catálogo dos itens que temos e precisamos encomendar, os olhos passando rapidamente no livro de ordem para a tela do computador enquanto eu verifico se as entradas batem. Então, por alguma razão, eu olho para cima... e encontro-me presa no cinzento olhar ousado de Christian Grey, que está de pé no balcão, encarando-me atentamente.

Meu coração para.

— Senhorita Steele. Que surpresa agradável. — Seu olhar é firme e intenso.

Puta merda. Que diabos ele está fazendo aqui, ele está com os cabelos despenteados, vestindo um suéter creme, jeans e botas? Acho que fiquei boquiaberta, e eu não posso localizar meu cérebro ou minha voz.

— Sr. Grey, — eu sussurro, porque isto é tudo que eu posso fazer. Há uma sombra de um sorriso em seus lábios e seus olhos estão iluminados com humor, como se ele estivesse desfrutando de alguma piada particular.

— Eu estava na área, — ele diz por via de explicação. — Eu preciso abastecer algumas coisas. É um prazer ver você novamente, Senhorita Steele. — Sua voz é morna e rouca, como calda de caramelo derretido em chocolate escuro… ou algo assim.

Eu agito minha cabeça para reunir meu juízo. Meu coração está batendo freneticamente, e por alguma razão eu estou corando furiosamente sob seu olhar minucioso. Eu estou totalmente deslocada pela visão dele de pé diante de mim. Minhas lembranças dele não lhe fazem justiça. Ele não é apenas bonito, ele é o epítome da beleza masculina, de tirar o fôlego, e ele está aqui. Aqui nas lojas Clayton. Vá entender. Finalmente minhas funções cognitivas é restabelecidas e reconectadas com o resto de meu corpo.

— Ana. Meu nome é Ana, — eu murmuro. — Em que posso ajudá-lo, Sr. Grey?

Ele sorri, e novamente é como se ele conhecesse algum grande segredo. E tão desconcertante. Respirando fundo, eu coloco minha fachada de profissional de quem trabalha nesta loja há anos. Eu posso fazer isto.

— Há alguns itens que eu preciso. Para começar, eu gostaria de algumas braçadeiras, — ele murmura, seus olhos cinza frios, mas divertidos.

Braçadeiras?

— Nós temos de vários comprimentos. Eu devo mostrar a você? — Eu murmuro, minha voz suave e oscilante.

Controle-se, Steele. Um leve franzir estraga por sua vez a testa do adorável Grey.

— Por favor. Vá na frente, Senhorita Steele, — ele diz. Eu tento parecer indiferente quando eu saio detrás do balcão, mas realmente eu estou muito concentrada em não tropeçar nos meus próprios pés, minhas pernas de repente estão na consistência de gelatina. Eu estou tão contente por ter decidido vestir meu melhor jeans esta manhã.

— Elas estão junto aos bens elétricos, no corredor oito. — Minha voz está um pouco resplandecente. Eu olho para ele e lamento quase que imediatamente. Maldição, ele é bonito. Eu ruborizo.

— Depois de você, — ele murmura, gesticulando com seus longos dedos de sua mão bem cuidada. Com meu coração quase me estrangulando, porque ele está quase passando pela minha garganta, está tentando escapar de minha boca, começo a me encaminhar a seção de eletrônicos. *Por que ele está em Portland?*

Por que ele está aqui na Clayton? E uma minúscula parte do meu cérebro que utilizo, provavelmente localizada na base de minha medula oblonga[12] onde habita meu subconsciente, diz: *Ele está aqui para vê-la. S*em chance! Eu dispenso isto imediatamente. Por que este belo, poderoso e

[12] **Bulbo raquidiano**, **bolbo raquidiano**, **medulla oblongata**, **medula oblonga**, ou simplesmente **bulbo** é a porção inferior do tronco encefálico, juntamente com outros órgãos como o mesencéfalo e a ponte, que estabelece comunicação entre o cérebro e a medula espinhal.

urbano homem, quer me ver? A ideia é absurda, e eu excluo isto de minha cabeça.

— Você está em Portland a negócios? — Eu pergunto, e minha voz é muito alta, como se eu tivesse preso meu dedo em uma porta ou algo assim. *Maldição! Tente ficar fria Ana!*

— Eu estava visitando a divisão agrícola da universidade. Que está localizada em Vancouver. Eu estou atualmente financiando algumas pesquisa lá, sobre rotação de colheita e ciência do solo, — ele discute o assunto com naturalidade. Vê?

Não está aqui para encontrar você afinal, meu subconsciente zomba de mim, alto, orgulhoso, e rabugento. Eu ruborizo com meus tolos pensamentos impertinentes.

— Tudo parte de seu plano de alimentar o mundo? — Eu provoco.

— Algo assim, — ele reconhece, e seus lábios satirizam em um meio sorriso.

Ele olha para a seleção de braçadeiras que nós temos em estoque na Clayton. O que ele vai fazer com isso? Eu não posso imaginá-lo fazendo um trabalho manual usando isso. Seus dedos deslizam sobre os vários pacotes da prateleira, e por alguma razão inexplicável, eu tenho que desviar o olhar. Ele se curva e seleciona um pacote.

— Estes servirão, — ele diz com o seu sorriso de que está guardando um segredo, e eu ruborizo.

— Gostaria de mais alguma coisa?

— Eu gostaria de algumas fitas adesivas.

Fita adesiva?

— Você está redecorando sua casa? — As palavras escapam antes que eu possa detê-las. Certamente ele contrata operários ou tem pessoal para ajudá-lo a decorar?

— Não, não redecorando, — ele diz depressa então sorri, e eu tenho a sensação estranha que ele está rindo de mim.

Eu sou tão engraçada assim? Pareço engraçada?

— Por aqui, — eu murmuro envergonhada. — a fita adesiva está no corredor de decoração.

Eu olho para trás à medida que ele me segue.

— Você trabalha aqui há muito tempo? — Sua voz é baixa, e ele está olhando para mim, olhos cinza muito concentrados. Eu ruborizo ainda mais intensamente. Por que diabos ele tem este efeito sobre mim?

Eu me sinto com quatorze anos de idade, desajeitada como sempre, e fora do lugar. *Olhos para frente Steele!*

— Quatro anos, — eu murmuro quando nós alcançamos nosso objetivo. Para me distrair, eu passo e seleciono duas fitas adesivas largas.

— Eu vou levar essa, — Grey diz suavemente apontando para a fita mais larga, que eu passo para ele.

Nossos dedos se tocam muito brevemente, e a corrente está lá novamente, atravessando por mim como se eu tivesse tocado um fio exposto. Eu ofego involuntariamente quando eu sinto isto, essa corrente percorre todo meu corpo até em algum lugar escuro e inexplorado, no fundo de minha barriga. Desesperadamente, eu consigo de volta o meu equilíbrio.

— Mais alguma coisa? — Minha voz é rouca e ofegante. Seus olhos se arregalam ligeiramente.

— Algumas cordas, eu acho. — Sua voz reflete a minha, rouca.

— Por aqui. — E abaixo minha cabeça para esconder meu recorrente rubor e dirijo-me para o corredor.

— Que tipo você está procurando? Nós temos corda de filamento sintético e natural... barbantes... fio de corda... — eu me detenho em sua expressão, seus olhos escurecendo. Puta merda.

— Eu vou levar cinco metros de corda de filamentos naturais, por favor.

Rapidamente, com dedos trêmulos, eu meço cinco metros contra a régua fixa, ciente que seu quente olhar cinza está em mim. Eu não ouso olhar para ele. Jesus, eu podia me sentir mais tímida? Pegando minha faca Stanley do bolso de trás de minha calça jeans, eu corto-a, então enrolo cuidadosamente antes de amarrá-la em um nó corrediço. Por algum milagre, eu consigo não arrancar um dedo com minha faca.

— Você era Escoteira? — Ele pergunta divertido, franzindo seus lábios sensuais e esculpidos. *Não olhe para sua boca!*

— Só organizada, as atividades em grupo não são realmente minha praia, Sr. Grey.

Ele arqueia uma sobrancelha.

— E qual é sua praia, Anastásia? — Ele pergunta, sua voz suave e seu sorriso secreto estão de volta. Eu olho para ele incapaz de me expressar. O chão parece placas tectônicas e movimento. *Tente se tranquilizar, Ana,* meu torturado subconsciente implora de joelhos.

— Livros, — eu sussurro, mas por dentro, meu subconsciente está gritando*: Você! Você é minha praia*!

Eu o esbofeteio imediatamente, mortificada com os delírios da minha mente.

— Que tipo de livros? — Ele dobra sua cabeça para um lado. *Por que ele está tão interessado?*

— Oh, você sabe. O habitual. Os clássicos. Literatura britânica, principalmente.

Ele esfrega seu queixo com seu dedo indicador e o longo dedo polegar enquanto ele contempla minha resposta.

Ou talvez ele esteja apenas muito entediado e tentando esconder isto.

— Você precisa de alguma outra coisa? — Eu tenho que sair deste assunto, aqueles dedos naquele rosto são muito sedutores.

— Eu não sei. O que mais você recomenda?

O que eu recomendo? Eu sequer sei o que você está fazendo.

— Para um trabalho manual?

Ele movimenta a cabeça, olhos cinza vivos com humor perverso. Eu ruborizo, e meus olhos se desviam por vontade própria para sua calça jeans confortável.

— Macacões, — eu respondo, e eu sei que eu não estou mais despistando o que sai de minha boca.

Ele levanta uma sobrancelha, divertido, mais uma vez.

— Você não quer estragar sua roupa, — eu gesticulo vagamente na direção de sua calça jeans.

— Eu sempre posso lavá-las. — Ele sorri.

— Hum. — Eu sinto a cor em meu rosto subindo novamente. Eu devo estar da cor do manifesto comunista. *Pare de falar. Pare de falar AGORA.*

— Eu vou levar alguns macacões. Deus me livre de arruinar qualquer roupa, — ele diz secamente.

Eu tento e descarto a imagem indesejada dele sem jeans.

— Você precisa de mais alguma outra coisa? — Eu pergunto quando eu entrego-lhe o macacão azul.

Ele ignora minha investigação.

— Como está indo o artigo?

Ele finalmente me faz uma pergunta normal, longe de toda a insinuação e a conversa confusa de duplo sentido… uma pergunta que eu posso responder. Eu agarro isto firmemente com as duas mãos, como se fosse um bote salva-vidas, e eu sou honesta.

— Eu não estou escrevendo-o, Katherine está. A Srta Kavanagh. Minha companheira de quarto, ela é a escritora. Ela está muito feliz com isto. Ela é a editora da revista, e ficou devastada por não poder fazer a entrevista pessoalmente. — Eu me sinto como se eu emergisse para o ar, enfim um tópico normal de conversação. — Sua única preocupação é que ela não tem nenhuma fotografia original sua.

Grey levanta uma sobrancelha.

— Que tipo de fotografia ela quer?

Ok. Eu não tinha previsto esta resposta. Eu sacudo a cabeça, porque eu simplesmente não sei.

— Bem, eu estou por perto. Amanhã, talvez… — ele é vago.

— Você estaria disposto a participar de uma sessão de fotos? — Minha voz é estridente novamente. Kate estaria no sétimo céu se eu puder tirá-las. *E você pode vê-lo novamente amanhã,* sussurra sedutoramente para mim aquele lugar escuro na base de meu cérebro. Eu descarto a ideia, tola e ridícula…

— Kate ficará encantada se nós pudermos achar um fotógrafo. — Eu estou tão contente, eu sorrio para ele amplamente. Seus lábios abrem como

se ele estivesse tomando um influxo forte de ar, e ele pisca. Por uma fração de segundo, ele parece perdido de alguma maneira, e a Terra se desloca ligeiramente sobre seu eixo, as placas tectônicas resvalam para uma nova posição.

Meu Deus. O olhar perdido de Christian Grey.

— Avise-me sobre amanhã. — Alcançando seu bolso de trás, ele retira sua carteira. — Meu cartão. Tem meu número do celular nele. Você precisa chamar antes das dez da manhã.

— Ok. — Eu sorrio para ele. Kate vai ficar emocionada.

— ANA!

Paul se materializou do outro lado no final do corredor. Ele é o irmão mais novo do Sr. Clayton. Eu ouvi que ele estava em casa de Princeton, mas eu não estava esperando vê-lo hoje.

— Ah, com licença por um momento, Sr. Grey. — Grey faz um cara feia quando eu me afasto dele.

Paul sempre foi um amigo, e neste momento estranho que eu estou tendo com o rico, poderoso, impressionante fora de comparação, atraente e controlador, é ótimo conversar com alguém que seja normal. Paul me abraça apertado pegando-me de surpresa.

— Ana, oi, é tão bom ver você! — Ele esguicha.

— Oi Paul, como você está? Você está em casa para o aniversário de seu irmão?

— Sim. Você está parecendo bem, Ana, realmente bem. — Ele sorri enquanto ele me examina de certa distancia. Então ele me libera, mas mantém um braço possessivo caído sobre meu ombro. Eu me embaralho de um pé para outro, envergonhada. É bom ver Paul, mas ele sempre foi muito familiar.

Quando eu olho para Christian Gray, ele está nós observando como um falcão, seus olhos cinza encobertos e especulativos, sua boca uma dura linha impassível. Ele mudou de forma estranha, do cliente atento para outra pessoa, alguém frio e distante.

— Paul, eu estou com um cliente. Alguém que você deve conhecer, — eu digo, tentando desarmar o antagonismo que eu vejo nos olhos de Grey. Eu arrasto Paul acima para encontrá-lo, e eles se medem um ao outro. A atmosfera de repente é ártica.

— Ah, Paul, este é Christian Gray. Sr. Grey, este é Paul Clayton. Seu irmão é o dono do lugar. — E por alguma razão irracional, eu sinto que eu tenho que explicar um pouco mais.

— Eu conheço Paul desde que eu trabalho aqui, entretanto nós não nos vemos com frequência. Ele chegou de Princeton onde ele está estudando administração de empresas. — Eu estou balbuciando… *Pare, agora!*

— Sr. Clayton. — Christian sustenta seu aperto, seu olhar ilegível.

— Sr. Grey, — Paul retorna seu aperto de mão. — Espere, não Christian Grey? Da Grey Holdings Enterprise? — Paul vai de mal humorado para impressionado em menos de um nano segundo. Grey lhe dá um sorriso cortês que não alcança seus olhos.

— Uau, há alguma coisa em que eu possa ajudá-lo?

— Anastásia tem me ajudado, Sr. Clayton. Ela tem sido muito atenciosa. — Sua expressão é impassível, mas suas palavras… é como se ele estivesse dizendo outra coisa completamente diferente. É desconcertante.

— Legal, — Paul responde. — Vejo você mais tarde, Ana.

— Certo, Paul. — Eu assisto-o desaparecer em direção á sala de estoque. — Mais alguma coisa, Sr. Grey?

— Só estes itens. — Seu tom é cortante e frio. *Porra… eu o ofendi?* Respirando fundo, eu viro e dirijo-me ao caixa. *Qual é o seu problema?*

Eu carrego a corda, macacões, fita adesiva e as braçadeiras até o caixa.

— Isso deu quarenta e três dólares, por favor. — Eu olho para Grey, e desejei não ter feito isso. Ele está me observando de perto, seus olhos cinza intensos e escurecidos. É enervante.

— Você gostaria de uma sacola? — Eu pergunto enquanto eu pego seu cartão de crédito.

— Por favor, Anastásia. — Sua língua acaricia meu nome, e meu coração mais uma vez fica frenético.

E mal posso respirar. Apressadamente, eu coloco suas compras em uma sacola de plástico.

— Você me liga se você quiser que eu faça a sessão de fotos? — Ele é todos negócios mais uma vez. Eu aceno, sem palavras mais uma vez, e devolvo seu cartão de crédito.

— Ótimo. Até amanhã talvez. — Ele vira-se para partir, depois faz uma pausa. — Ah, e Anastásia, eu estou feliz que a Senhorita Kavanagh não pôde fazer a entrevista. — Ele sorri, então anda a passos largos com o propósito renovado para fora da loja, atirando a sacola plástica acima de seu ombro, deixando-me uma massa trêmula e furiosa de hormônios femininos. Eu passo vários minutos olhando fixamente para a porta fechada pela qual ele acabou de sair antes de retornar ao planeta Terra.

Certo, eu gosto dele. Eu admito, isto para mim mesma. Eu não posso esconder meu sentimento mais. Eu nunca me senti assim antes. Eu o acho atraente, muito atraente. Mas ele é uma causa perdida, eu sei, e eu suspiro com um pesar agridoce. Foi apenas uma coincidência, sua vinda aqui. Mas ainda assim, eu posso admirá-lo de longe, certamente? Nenhum dano pode resultar disto. E se eu encontrar um fotógrafo, eu posso seriamente contemplá-lo amanhã. Eu mordo meu lábio em antecipação e eu me encontro sorrindo como uma colegial. Eu preciso telefonar para Kate e organizar uma sessão de fotos.

Capítulo 03

Kate está em êxtase.

— Mas o que ele estava fazendo na Clayton? — Sua curiosidade escoa pelo telefone. Eu estou nas profundezas da sala de estoque, tentando manter minha voz casual.

— Ele passou por aqui.

— Eu acho que isto é uma coincidência enorme, Ana. Você não acha que ele estava ai para ver você?

Ela especula. Meu coração bater forte com a possibilidade, mas a alegria dura pouco. A triste e decepcionante realidade é maçante, ele esteve aqui a negócios.

— Ele veio visitar a divisão de agricultura da universidade. Ele está financiando algumas pesquisas, — eu murmuro.

— Oh sim. Ele deu ao departamento uma doação de $2.5 milhões de Grant.[13]

Uou.

— Como você sabe disto?

— Ana, eu sou uma jornalista, e eu escrevi um perfil sobre o cara. É meu trabalho saber disto.

— Ok, Carla Bernstein,[14] fique fria. Então você quer as fotos?

[13] Referencia a nota de cinquenta dólares que tem a foto do presidente dos USA Ulisses Grant

— Claro que eu quero. A questão é, quem vai fazê-las e onde.

— Nós podemos perguntar-lhe onde. Ele disse que vai ficar na área.

— Você pode contatá-lo?

— Eu tenho seu número de telefone celular.

Kate ofega.

— O mais rico, mais esquivo, mais enigmático solteiro do Estado de Washington, apenas lhe deu seu número de telefone celular.

— Ah… sim.

— Ana! Ele gosta de você. Não há dúvida sobre isto. — Seu tom é enfático.

— Kate, ele está apenas tentando ser agradável. — Mas mesmo quando eu digo as palavras, eu sei que elas não são verdade.

— Christian Grey não é *agradável.* Ele é educado, talvez. E uma pequena voz sussurra silenciosa, *talvez Kate esteja certa.* Fico arrepiada com a ideia de que talvez, apenas talvez, ele possa gostar de mim. Afinal, ele disse que estava contente por Kate não ter feito à entrevista. Eu abraço a mim mesma com uma silenciosa alegria, balançando-me de um lado para outro, acolhendo a possibilidade de que ele possa gostar de mim por um breve momento. Kate me traz de volta para o agora.

— Eu não sei como vamos conseguir fazer as fotos. Levi, o nosso fotógrafo regular, não pode. Ele foi para casa em Idaho Falls pelo fim de semana. Ele vai ficar puto por perder uma oportunidade para fotografar um dos principais empresários da América.

— Humm… Que tal José?

— Grande ideia! Você pergunta a ele, ele faz qualquer coisa por você. Então chame Grey e descubra onde ele nos encontrará. — Kate é irritantemente arrogante sobre José.

— Eu acho que você deveria chamá-lo.

— Quem, José?— Kate ridiculariza.

— Não, Grey.

—Ana, você é a única que tem um relacionamento.

— Relacionamento — Eu bufo para ela, minha voz subindo várias oitavas. — Eu mal conheço o cara.

— Pelo menos você o conheceu, — ela diz amargamente. — E ele parece querer conhecer você melhor. Ana, apenas ligue para ele, — ela estala e desliga. Ela é tão mandona às vezes. Eu faço uma careta para meu celular, mostrando minha língua para ele.

Eu estou deixando uma mensagem para José, quando Paul entra na sala de estoque procurando por lixas.

---

[14] Fazendo uma brincadeira com o nome de Carl Bernstein que em parceria com Bob Woodward, trabalhando como repórter para o *Washington Post*, desvendou a história do caso Watergate

— Nós estamos meio ocupados lá fora, Ana, — ele diz sem animosidade.

— Sim, hum, desculpe, — eu murmuro, voltando-me para sair.

— Então, como é que você conheceu Christian Grey? — A voz de Paul tenta se mostrar indiferente, mas é pouco convincente.

— Eu tive que entrevistá-lo para nosso jornal estudantil. Kate não estava bem. — Eu encolho os ombros, tentando soar casual, mas também sou pouco convincente.

— Christian Grey na Clayton. Vá entender, — Paul bufa, pasmo. Ele agita sua cabeça como se para limpá-la. — E então, quer sair para beber ou algo assim hoje à noite?

Sempre que ele está em casa ele me convida para sair, e eu sempre digo não. É um ritual. Eu nunca considerei uma boa ideia sair com o irmão do chefe, e além disso, Paul é muito atraente como todo jovem americano da casa ao lado, mas ele não é nenhum herói literário, nem esforçando muito minha imaginação. *Grey é*? Meu subconsciente pergunta-me, sua sobrancelha levantada no sentido figurado.

Eu o esbofeteio.

— Você não tem um jantar de família ou algo assim com seu irmão?

— Isto é amanhã.

— Talvez alguma outra hora, Paul. Eu preciso estudar hoje à noite. Eu tenho meus exames finais na semana que vem.

— Ana, um dia destes, você dirá sim, — ele sorri quando eu escapo para a loja.

— Mas eu fotógrafo lugares, Ana, não pessoas, — José geme.

— José, por favor? — Eu imploro. Segurando meu celular, eu marcho pela sala de estar de nosso apartamento, desviando a vista da janela para a luz noturna desvanecendo.

— Dê-me o telefone. — Kate agarra o telefone de mim, lançando seu sedoso cabelo, loiro avermelhado acima de seu ombro.

— Escute aqui, José Rodriguez, se você quiser que nosso jornal cubra a abertura de seu show, você vai fazer estas fotos para nós amanhã, *capiche?* — Kate pode ser terrivelmente dura.

— Ótimo. Ana vai ligar de volta informando o local e horário. Nós vemos você amanhã. — Ela fecha meu celular com um estalo.

— Feito. Tudo que nós precisamos fazer agora é decidir onde e quando. Ligue para ele. — Ela aponta o telefone para mim. Meu estômago revira.

— Ligue para Grey, agora!

Eu faço uma careta para ela e alcanço no meu bolso de trás o cartão de negócios dele. Eu tomo uma profunda e firme respiração, e com dedos trêmulos, eu disco o número.

Ele responde no segundo toque. Sua voz é tranquila e fria.

— Grey.

— Haa… Sr. Grey? É Anastásia Steele. — Eu não reconheço minha própria voz, eu estou muito nervosa. Há uma breve pausa. Por dentro eu estou tremendo.

— Senhorita Steele. Como é bom ouvi-la. — Sua voz muda. Ele fica surpreso, eu acho, e ele soa tão… morno, *sedutor* até. Minha respiração entala, e eu ruborizo. De repente estou consciente de que Katherine Kavanagh está olhando fixamente para mim, boquiaberta, e eu vou para a cozinha para evitar seu minucioso olhar indesejável.

— Haa, nós gostaríamos de fazer a sessão de fotos para o artigo. — *Respire, Ana, respire.*

Meus pulmões absorvem uma respiração apressada. — Amanhã, se estiver tudo bem. Onde seria conveniente para você, senhor?

Eu quase posso ouvir seu sorriso de esfinge pelo telefone.

— Eu vou estar no Heathman em Portland. Digamos nove e meia, amanhã de manhã?

— Certo, nós veremos você lá. — Eu estou irradiante e sem fôlego, como uma criança, não uma mulher adulta que pode votar e beber legalmente no Estado de Washington.

— Eu espero ansiosamente por isto, Senhorita Steele. — Eu visualizo o brilho perverso em seus olhos cinza. *Como ele consegue fazer com que sete pequenas palavras, garantam tantas promessas tentadoras?* Eu desligo. Kate está na cozinha, e ela está olhando fixamente para mim com um olhar de completa e total consternação em seu rosto.

— Anastásia Rose Steele. Você gosta dele! Eu nunca vi ou ouvi você tão, tão… afetada por alguém antes. Você está realmente corada.

— Oh Kate, você sabe que eu ruborizo o tempo todo. É quase uma profissão. Não seja tão ridícula, — eu saio dessa rapidamente. Ela pisca para mim com surpresa, eu raramente fico com raiva, e se fico, rapidamente eu deixo para lá. — Eu apenas o acho… intimidante, isto é todo.

— Heathman, nada mal, — Kate murmura. — Eu darei um telefonema para o gerente e negociarei um espaço para as fotos.

— Eu vou fazer o jantar. Depois eu preciso estudar. — Eu não posso esconder minha irritação com ela, quando eu abro um dos armários para fazer o jantar.

Eu estou inquieta está noite, não paro de me mover e dar voltas e voltas na cama. Sonhando com olhos cinza, macacões, pernas longas, dedos longos, e um local muito escuro e inexplorado. Eu desperto duas vezes na noite, meu coração batendo muito rápido. *Oh, se não conseguir dormir, amanha vou estar com uma cara estupenda,* eu me repreendo. Eu esmurro meu travesseiro e tento me ajeitar.

O Heathman está situado no coração do centro da cidade de Portland. Seu impressionante edifício de pedras marrom foi concluído bem antes da crise da década de 20. José, Travis e eu estamos viajando no meu Fusca, e

Kate está em seu CLK, uma vez que não cabemos todos em meu carro. Travis é amigo e gopher[15] de José, e eu estou aqui para ajudar com a iluminação. Kate conseguiu adquirir o uso de um quarto livre de encargos, pela manhã no Heathman, em troca de um crédito no artigo. Quando ela explica na recepção, que estamos aqui para fotografar o CEO Christian Grey, nós somos imediatamente conduzidos para uma suíte. Apenas uma suíte de tamanho regular, no entanto, já que aparentemente o Sr. Grey está ocupando a maior do edifício. Um executivo de marketing muito interessado nos mostra à suíte, ele é extremamente jovem e está muito nervoso por alguma razão.

Eu suspeito que seja a beleza de Kate e seu ar autoritário que o desarmou, porque ele faz o que ela quer. Os quartos são elegantes, discretos, e opulentamente mobiliado.

São nove horas. Nós temos meia hora para nos instalar. Kate vai de um lado para o outro.

— José, eu acho que nós vamos fotografar contra aquela parede, você concorda? — Ela não espera por sua resposta. — Travis, limpe as cadeiras. Ana, você pode pedir ao serviço de quarto para trazer algumas bebidas? E deixe Grey saber onde estamos.

Sim, Senhora. Ela é tão dominadora. Eu desvio meu olhar, mas faço o que me é pedido.

Meia hora mais tarde, Christian Grey entra em nossa suíte.

Puta merda! Ele está vestindo uma camisa branca, aberta no colarinho, e calças de flanela cinza que pendem de seus quadris. Seus cabelos incontroláveis ainda estão úmidos do banho. Minha boca fica seca só ao olhar para ele... ele é tão estupidamente *quente*. Grey entra na suíte acompanhado de um homem que aparenta ter seus trinta e poucos anos, com um corte militar, com um acentuado terno escuro e gravata, que fica em silencio no canto. Seus olhos cor de avelã nos observa impassível.

— Senhorita Steele, nos encontramos novamente. — Grey estende a mão, e eu a agito, piscando rapidamente.

Oh cara... ele realmente é bastante... uau. Quando eu toco em sua mão, eu sinto aquela deliciosa corrente atravessando-me diretamente, iluminando-me, fazendo-me ruborizar, e eu tenho certeza que minha respiração irregular deve ser audível.

— Sr. Grey, esta é Katherine Kavanagh, — eu murmuro, acenando com uma mão em direção a Kate que avança, olhando-o diretamente nos olhos.

— A tenaz senhorita Kavanagh. Como vai? — Ele lhe dá um pequeno sorriso, olhando genuinamente divertido. — Eu acredito que você está se

[15] Gopher é um protocolo de redes de computadores que foi desenhado para distribuir, procurar e ter acesso a documentos na Internet. Uma maneira de dizer que a pessoa é um pau para toda obra, ou de grande ajuda.

sentindo melhor? Anastásia disse que você estava indisposta na semana passada.

— Eu estou bem, obrigada, Sr. Grey. — Ela agita sua mão com firmeza, sem pestanejar.

Eu me lembro que Kate esteve nas melhores escolas particulares de Washington. Sua família tem dinheiro, e ela cresceu confiante e segura de seu lugar no mundo. Ela não engole nenhum desaforo. Eu a admiro.

— Obrigada por ter tempo para fazer isto. — Ela lhe dá um educado, sorriso profissional.

— É um prazer, — ele responde, voltando seu olhar cinza para mim, e eu ruborizo novamente. Maldição.

— Este é José Rodriguez, nosso fotógrafo, — eu digo, sorrindo para José, que sorri com carinho de volta para mim. Seus olhos são frios quando ele olha de mim para Grey.

— Sr. Grey,— ele movimenta a cabeça.

— Sr. Rodriguez, — A expressão de Grey muda completamente quando ele avalia José.

— Onde você me quer? — Grey pergunta a ele. Seu tom soa vagamente ameaçador. Mas Katherine não está disposta a deixar José executar um show.

— Sr. Grey, se você puder se sentar aqui, por favor? Tenha cuidado com os cabos de iluminação. E depois, nós vamos fazer algumas de pé também. — Ela o direciona para uma cadeira instalada contra a parede.

Travis liga as luzes, momentaneamente ofuscando Grey, e murmura uma desculpa.

Então, Travis e eu recuamos e assistimos como José passa a tirar fotos. Ele tira várias fotos apoiadas, pedindo para Grey virar-se de um jeito, de outro, mover seu braço, então, abaixá-lo novamente. Movendo o tripé, José tira muitas outras, enquanto Grey se senta e posa, pacientemente e naturalmente por mais ou menos vinte minutos. Meu desejo se realizou: Eu posso ficar aqui de pé e admirar Grey bem de perto. Duas vezes nossos olhos se fitam, e eu tenho que afastar o meu para longe de seu olhar nublado.

— Já é o suficiente sentando. — Katherine comanda novamente. — De pé, Sr. Grey? — Ela pergunta.

Ele se levanta, e Travis corre para remover a cadeira. O dispositivo da Nikon de José começa a clicar novamente.

— Eu acho que temos o suficiente, — José anuncia cinco minutos mais tarde.

— Ótimo, — diz Kate. — Obrigada novamente, Sr. Grey. — Ela o cumprimento, assim como José.

— Eu espero ansiosamente ler o artigo, Senhorita Kavanagh, — Grey murmura, e se vira para mim, aguardando à porta. — Você me acompanha, Senhorita Steele? — Ele pergunta.

— Claro, — eu digo, completamente arrebatada. Eu olho ansiosamente para Kate, que encolhe os ombros para mim. Eu noto que José está carrancudo atrás dela.

— Bom dia para vocês todos, — diz Grey enquanto ele abre a porta, abrindo caminho para me permitir sair primeiro.

Que inferno... o que é isto? O que ele quer? Eu paro no corredor do hotel, remexendo-me nervosamente quando Grey sai do quarto, seguido pelo Senhor "Corte de Recruta" em seu terno acentuado.

— Eu ligo para você, Taylor, — ele murmura para o "Corte de Recruta". Taylor caminha pelo corredor abaixo, e Grey vira seu olhar cinzento queimando para mim. *Merda... eu fiz algo errado?*

— Gostaria de saber se você se juntaria a mim para o café da manhã.

Meu coração dispara em minha boca. Um encontro? *Christian Grey está me convidando para um encontro.* Ele está perguntando se você quer um café. *Talvez ele pense que você não acordou ainda*, meu subconsciente resmunga para mim em um humor irônico novamente. Eu limpo minha garganta tentando controlar meus nervos.

— Eu tenho que levar todo mundo para casa, — eu murmuro, me desculpando, torcendo minhas mãos e os dedos na minha frente.

— TAYLOR, — ele chama, fazendo-me saltar. Taylor, que tinha retrocedido pelo corredor abaixo, se vira e volta em direção a nós.

— Eles vão para a universidade? — Grey pergunta, sua voz suave e inquiridora. Eu movimento a cabeça, muito atordoada para falar.

— Taylor pode levá-los. Ele é meu motorista. Nós temos um grande 4x4 aqui, então ele poderá levar o equipamento também.

— Sr. Grey? — Taylor pergunta quando ele nos alcança, permanecendo distante.

— Por favor, você pode conduzir o fotógrafo, seu assistente, e a Senhorita Kavanagh para casa?

— Certamente, senhor, — Taylor responde.

— Pronto. Agora você pode juntar-se a mim para o café? — Grey sorri como se tivesse concluído um negócio.

Eu olho feio para ele.

— Aah, Sr. Grey, é, isto realmente... olhe, Taylor não tem que levá-los para casa. — Eu lanço um breve olhar para Taylor, que permanece estoicamente impassível. — Eu trocarei de veículo com Kate, se você me der um momento.

Grey sorri deslumbrante, desprotegido, natural, exibindo todos os seus dentes, um sorriso glorioso. *Oh meu Deus...* e ele abre a porta da suíte para que eu possa entrar. Eu passo ao redor dele para entrar no quarto, encontrando Katherine em uma profunda discussão com José.

— Ana, eu acho que ele definitivamente gosta de você, — ela diz sem qualquer preâmbulo. José me olha com desaprovação. — Mas eu não confio

nele, — ela adiciona. Eu levanto minha mão na esperança de que ela pare de falar. Por algum milagre, ela o faz.

— Kate, se você levar o fusca, eu posso levar seu carro?

— Por quê?

— Christian Grey me convidou para tomar café com ele.

Ela fica boquiaberta. Kate emudece! Eu saboreio o momento. Ela me agarra pelo braço e me arrasta para o quarto que fica fora da sala de estar da suíte.

— Ana, há algo sobre ele. — Seu tom é cheio de advertência. — Ele é magnífico, eu concordo, mas eu acho que ele é perigoso. Especialmente para alguém como você.

— O que você quer dizer, com alguém como eu? — Eu exijo, afrontada.

— Uma inocente como você, Ana. Você sabe o que eu quero dizer, — ela fala um pouco irritada. Eu ruborizo.

— Kate, é apenas um café. Eu estou começando meus exames finais esta semana, e eu preciso estudar, então eu não vou demorar muito.

Ela franze seus lábios como se considerando meu pedido. Finalmente, ela pesca as chaves do carro do bolso e entrega-as para mim. Eu entrego as minhas.

— Eu vejo você mais tarde. Não demore muito, ou eu vou enviar uma busca e salvamento.

— Obrigada. — Eu a abraço.

Eu saio da suíte para encontrar Christian Grey esperando, encostado contra a parede, parecendo com um modelo em uma pose para alguma brilhante revista top de linha.

— Ok, vamos tomar café, — eu murmuro, ruborizando como uma beterraba vermelha.

Ele sorri.

— Depois de você, Senhorita Steele. — Ele se ergue, levantando a mão para que eu vá primeiro.

Eu faço meu caminho pelo corredor abaixo, meus joelhos trêmulos, meu estômago cheio de borboletas,[16] e meu coração em minha boca, batendo em um ritmo dramático desigual. *Eu vou tomar um café com Christian Grey... e eu odeio café.*

Nós caminhamos juntos pelo largo corredor do hotel para os elevadores. *O que eu devo dizer a ele?* Minha mente de repente paralisa com apreensão. *Sobre o que nós vamos conversar?*

O que na Terra eu tenho em comum com ele? Sua voz suave e morna me surpreende de meu devaneio.

— Quanto tempo você e Katherine Kavanagh se conhecem?

Oh, uma pergunta fácil para começar.

[16] Expressão idiomática americana que se refere a estar com o estomago doendo de nervosismo.

— Desde nosso primeiro ano. Ela é uma boa amiga.

— Humm, — ele responde, reservado. O que ele está pensando?

Nos elevadores, ele aperta o botão de chamada, e a campainha toca quase que imediatamente. As portas deslizam abertas, revelando um jovem casal em um amasso apaixonado do lado de dentro. Surpresos e envergonhados, eles se separam, olhando culpados em todas as direções, menos na nossa. Grey e eu entramos no elevador.

Eu estou lutando para manter uma expressão séria, então eu olho para o chão, sentindo minhas bochechas ficando vermelhas. Quando eu espio para Grey através de meus cílios, ele tem a sugestão de um sorriso em seus lábios, mas é muito difícil de dizer. O jovem casal não diz nada, e nós viajamos até o andar térreo em um silêncio constrangedor. Nós nem sequer temos uma inútil música ambiente para nos distrair.

As portas abrem e, para minha surpresa, Grey toma minha mão, apertando-a com seus dedos longos e frios. Eu sinto o choque correr por mim, e meus já rápidos batimentos aceleram. Quando ele me leva para fora do elevador, nós podemos ouvir as risadinhas suprimidas do casal que estoura atrás de nós. Grey sorri.

— O que tem os elevadores? — Ele murmura.

Nós cruzamos o extenso saguão movimentado do hotel, em direção à entrada, mas, Grey evita a porta giratória e, eu me pergunto se isto é porque ele teria que largar minha mão.

Do lado de fora, está um ameno domingo de maio. O sol está brilhando e o tráfico está limpo. Grey vira à esquerda e anda até a esquina, onde nós paramos, esperando pelas luzes de pedestres do cruzamento mudar. Ele ainda está segurando minha mão. *Eu estou na rua, e Christian Grey está segurando minha mão.* Ninguém jamais segurou minha mão. Eu me sinto tonta, e eu estou formigando por toda parte. Eu tento sufocar o ridículo sorriso que ameaça repartir meu rosto em dois. *Tente ficar fria, Ana,* meu subconsciente implora. O homem verde aparece, e nós andamos novamente.

Nós caminhamos quatro quarteirões, antes de alcançarmos a Cafeteria de Portland, onde Grey me libera para segurar a porta aberta, para que eu possa entrar.

— Por que você não escolhe uma mesa, enquanto eu pego as bebidas. O que você gostaria? — Ele pergunta, cortês como sempre.

— Eu quero… um, English Breakfast tea,[17] em saquinho.

Ele levanta suas sobrancelhas.

— Café não?

— Eu não gosto de café.

Ele sorri.

— Ok, chá em saquinho. Açúcar?[18]

[17] English Breakfast tea – famosa marca de chá.

Por um momento, eu fico atordoada, pensando que está me chamando carinhosamente, mas felizmente meu subconsciente entra em ação com lábios franzidos. *Não, estúpida, se você quer açúcar?*

— Não obrigada. — Eu olho para baixo para meus dedos atados.

— Alguma coisa para comer?

— Não obrigada. — Eu sacudo minha cabeça, e ele anda para o balcão.

Eu disfarçadamente olho para ele sob meus cílios, enquanto ele está na fila de espera para ser servido. Eu poderia observá-lo o dia todo… ele é alto, de ombros largos, esbelto e a forma como suas calças pendem de seus quadris… *Oh meu Deus*. Algumas vezes ele corre seus longos e graciosos dedos por seus agora, cabelos secos, mas ainda desordenado. *Humm… eu gostaria de fazer isto*. O pensamento vem espontaneamente em minha mente, e meu rosto incendeia. Eu mordo meu lábio e olho para minhas mãos novamente, não gostando para onde meus pensamentos rebeldes estão se dirigindo.

— Um centavo por seus pensamentos? — Grey está de volta, assustando-me.

Eu fico roxa. *Eu estava apenas pensando em correr meus dedos por seus cabelos e perguntando-me se pareceria suave ao toque.* Eu balanço minha cabeça. Ele está carregando uma bandeja, que ele coloca sobre a pequena mesa redonda de carvalho envernizada. Ele me entrega uma xícara e um pires, um pequeno bule, e um pratinho contendo um solitário saquinho de chá impresso "Twinings English Breakfast", meu favorito. Ele carrega um café que ostenta um maravilhoso padrão de folhas impresso no leite. *Como eles fazem isto?* Eu me pergunto à toa. Ele também comprou um bolinho de mirtilo para si mesmo. Pondo de lado a bandeja, ele se senta do meu lado oposto e cruza suas longas pernas. Ele parece tão confortável, tão à vontade com seu corpo, eu o invejo. E aqui estou eu, toda desengonçada e descoordenada, incapaz de conseguir ir de A até B sem cair de cara no chão.

— Seus pensamentos? — Ele solicita.

— Este é meu chá favorito. — Minha voz é calma, ofegante. Eu simplesmente não posso acreditar que eu estou sentada em frente a Christian Grey, em uma cafeteria em Portland. Ele franze a testa. Ele sabe que eu estou escondendo algo. Eu coloco o saquinho de chá no bule e quase que imediatamente o pesco novamente com minha colher de chá. Quando eu coloco o saquinho usado de volta no pratinho, ele dobra sua cabeça olhando pra mim interrogativamente.

— Eu gosto de meu chá preto e fraco, — eu murmuro como uma explicação.

— Entendo. Ele é seu namorado?

Uou… O que?

---

[18] No original em inglês está escrito **sugar**, que pode significar também uma maneira carinhosa de chamar a outra pessoa

— Quem?

— O fotógrafo. José Rodriguez.

Eu rio nervosa, mas curiosa. O que deu a ele aquela impressão?

— Não. José é um bom amigo, apenas isto. Por que você pensou que ele fosse meu namorado?

— O modo como você sorriu para ele, e ele para você. — Seu olhar cinza mantém o meu. Ele é tão enervante. Eu quero desviar o olhar, mas eu estou presa, encantada.

— Ele é mais como da família, — eu sussurro.

Grey acena ligeiramente com a cabeça, aparentemente satisfeito com a minha resposta, e eu olho para baixo para seu bolinho de mirtilo. Seus longos dedos habilmente descascam o papel, e eu assisto fascinada.

— Você quer um? — Ele pergunta, e aquele secreto sorriso divertido, está de volta.

— Não obrigada. — Eu franzo a testa e olho para baixo, para minhas mãos novamente.

— E o garoto que eu conheci ontem na loja. Ele não é seu namorado?

— Não. Paul é apenas um amigo. Eu disse a você ontem. — Oh, isto está ficando ridículo. — Por que você pergunta?

— Você parece ficar nervosa ao redor dos homens.

Puta merda, isto é pessoal. *Eu fico nervosa apenas ao seu redor, Grey.*

— Eu acho você intimidante. — Eu fico escarlate, mas mentalmente eu dou tapinhas em minhas costas pela minha franqueza, e olho para minhas mãos novamente. Eu ouço seu profundo suspiro.

— Você deve me achar intimidante, — ele acena concordando. — Você é muito honesta. Por favor, não olhe para baixo. Eu gosto de ver seu rosto.

Oh. Eu olho para ele, e ele me dá um sorriso encorajador, mas irônico.

— Isto me dá algum tipo de pista do que você pode estar pensando, — ele inspira. — Você é um mistério, Senhorita Steele.

Misteriosa? Eu?

— Não existe nada misterioso em mim.

— Eu penso que você é muito auto-suficiente, — ele murmura.

Eu sou*? Uau... como vou administrar isto*? Isto é desconcertante. *Eu, auto-suficiente?*

De jeito nenhum.

— Exceto quando você ruboriza, claro, o que acontece frequentemente. Eu só gostaria de saber por que você estava corada. — Ele joga um pequeno pedaço de bolinho em sua boca, e começa a mastigá-lo lentamente, sem tirar seus olhos de mim. Como se fosse uma sugestão, e eu ruborizo. *Merda!*

— Você sempre faz este tipo de observações pessoais?

— Eu não percebi que fosse. Eu ofendi você? — Ele parece surpreso.

— Não, — eu respondo honestamente.

— Bom.

— Mas você é muito arrogante, — eu retalio calmamente.

Ele levanta as sobrancelhas e, se não me engano, ele ruboriza ligeiramente também.

— Eu estou acostumado a fazer as coisas do meu jeito, Anastásia, — ele murmura. — Com todas as coisas.

— Eu não duvido disso. Por que você não me pediu para chamá-lo por seu primeiro nome? — Eu fico surpresa por minha audácia. Por que esta conversa se tornou tão séria? Isto não está indo do modo como eu pensei que fosse. Eu não posso acreditar que eu estou me sentindo tão antagônica com ele.

É como se ele estivesse tentando me advertir.

— As únicas pessoas que usam meu nome de batismo são a minha família e alguns amigos íntimos. Este é o modo que eu gosto.

Oh. Ele ainda não disse, "Chame-me Christian". Ele *é* um maníaco por controle, não existe nenhuma outra explicação, e parte de mim está pensando que, talvez, teria sido melhor se Kate o entrevistasse. Dois maníacos por controle, juntos. Mais claro que ela é quase loira, loira morango, como todas as mulheres em seu escritório. *E ela é bonita,* meu subconsciente me lembra. Eu não gosto da ideia de Christian e Kate. Eu tomo um gole de meu chá, e Grey come outro pequeno pedaço de seu bolinho.

— Você é filha única? — Ele pergunta.

Uou... ele continua a mudar de direção.

— Sim.

— Fale-me sobre seus pais.

Por que ele quer saber disto? É tão *enfadonho.*

— Minha mãe vive na Geórgia com seu novo marido Bob. Meu padrasto vive em Montesano.

— Seu pai?

— Meu pai morreu quando eu era um bebê.

— Eu sinto muito, — ele murmura e um incomodado olhar fugaz, atravessa seu rosto.

— Eu não me lembro dele.

— E sua mãe se casou de novo?

Eu bufo.

— Você pode dizer isto.

Ele franze a testa para mim.

— Você não está indo muito longe, não é? — Ele diz secamente, coçando seu queixo, como se estivesse pensamento profundamente.

— Nem você.

— Você já me entrevistou uma vez, e eu me lembro de algumas questões bastante comprometedoras. — Ele sorri afetuosamente para mim.

Puta merda. Ele está lembrando a pergunta do "gay". Mais uma vez, eu fico mortificada. Daqui a anos, eu sei, vou precisar de terapia intensiva para não sentir vergonha toda vez que eu recordar este momento. Eu começo a murmurar sobre minha mãe, qualquer coisa para bloquear *esta* memória.

— Minha mãe é maravilhosa. Ela é uma romântica incurável. Ela atualmente está casada com seu quarto marido.

Christian levanta as sobrancelhas em surpresa.

— Eu sinto falta dela, — eu continuo. — Ela tem Bob agora. Eu só espero que ele possa vigiá-la e juntar os pedaços, quando seus esquemas desmiolados não saírem como planejado. — Eu ternamente sorrio. Eu não vejo minha mãe por um longo tempo. Christian observa-me atentamente, tomando goles ocasionais de seu café. Eu realmente não devia olhar para sua boca. É inquietante. Aqueles lábios.

— Você se entende com seu padrasto?

— Claro. Eu cresci com ele. Ele é o único pai que eu conheci.

— E como ele é?

— Ray? Ele é… reservado.

— Só isto? — Grey pergunta, surpreso.

Eu encolho os ombros. O que este homem espera? A história da minha vida?

— Reservado como sua enteada, — Grey sugere de imediato.

Eu me abstenho afastando meu olhar dele.

— Ele gosta de futebol, especialmente futebol europeu, e de boliche, e pesca com mosca, e fazer móveis. Ele é um carpinteiro. Ex- fuzileiro. — Eu suspiro.

— Você viveu com ele?

— Sim. Minha mãe encontrou o Terceiro Marido, quando eu tinha quinze anos. Eu fiquei com Ray.

Ele franze a testa como se não entendesse.

— Você não quis viver com sua mãe? — Ele pergunta.

Eu ruborizo. Isto não é realmente de sua conta.

— Terceiro Marido vivia no Texas. Minha casa estava em Montesano. E você sabe… minha mãe era recém- casada. — Eu paro. Minha mãe nunca falou sobre o ser terceiro marido. Onde Grey está querendo ir com isso? Isto não *é* de sua conta. *Dois podem jogar este jogo.*

— Fale-me sobre seus pais, — eu pergunto.

Ele encolhe os ombros.

— Meu papai é um advogado, minha mãe é pediatra. Eles vivem em Seattle.

Oh… ele teve uma educação cara. E eu me pergunto sobre um casal bem sucedido que adota três crianças, e uma delas se transforma em um belo homem que assume o mundo dos negócios e o conquista sozinho. O que o levou a ser deste modo? Seus pais devem estar orgulhosos.

— O que seus irmãos fazem?

— Elliot está na construção, e minha irmã mais nova está em Paris, estudando arte culinária com algum renomado chefe de cozinha francês. — Seus olhos nublam com irritação. Ele não quer falar sobre sua família ou ele mesmo.

— Eu ouvi dizer que Paris é adorável, — eu murmuro. Por que ele não quer conversar sobre sua família? É porque ele é adotado?

— É bonita. Você já esteve lá? — Ele pergunta, sua irritação esquecida.

— Eu nunca deixei o continente dos EUA. — Então, agora nós voltamos para banalidades. O que ele está escondendo?

— Você gostaria de ir?

— Para Paris? — Eu bufo. Isto me desequilibra, quem não gostaria de ir para Paris? — É claro, — eu concedo. — Mas é a Inglaterra que eu realmente gostaria de visitar.

Ele dobra sua cabeça para um lado, correndo seu dedo indicador por seu lábio inferior… *oh meu.*

— Por quê?

Eu pisco rapidamente. *Concentre-se, Steele.*

— É a casa de Shakespeare, Austen, as irmãs de Brontë, Thomas Hardy. Eu gostaria de ver os lugares que inspiraram estas pessoas a escrever livros tão maravilhosos.

Toda esta conversa de grandes nomes literários, faz-me lembrar de que eu devia estar estudando. Eu olhar para meu relógio.

— É melhor eu ir. Eu tenho que estudar.

— Para seus exames?

— Sim. Eles começam na terça-feira.

— Onde está o carro da senhorita Kavanagh?

— No estacionamento do hotel.

— Eu vou levá-la de volta.

— Obrigado pelo chá, Sr. Grey.

Ele sorri com seu estranho sorriso "*eu tenho um grande segredo*".

— Você é bem-vinda, Anastásia. O prazer é todo meu. Venha, — ele comanda, e segura minha mão com a sua. Eu seguro-a, confusa, e o sigo para fora da cafeteria.

Nós andamos de volta para o hotel, e eu gostaria de dizer que estamos em um silêncio sociável. Ele pelo menos parece em sua habitual tranquilidade, introspectivo. Quanto a mim, estou desesperadamente tentando avaliar como foi nosso café da manhã. Eu sinto como se eu tivesse sido entrevistada para uma posição, mas não estou certa para que.

— Você sempre usa calça jeans? — Ele pergunta inesperadamente.

— Geralmente.

Ele movimenta a cabeça. Nós voltamos ao cruzamento, do outro lado da estrada do hotel. Minha mente está se recuperando. *Que pergunta estranha...* E estou ciente que nosso tempo juntos é limitado. É isto. Isto é tudo, e eu estraguei tudo completamente, eu sei. Talvez ele tenha alguém.

— Você tem uma namorada? — Eu deixo escapar. *Puta merda, eu acabei de dizer isto em voz alta?*

Seus lábios dão um meio sorriso, e ele olha para mim.

— Não, Anastásia. Eu não sou do tipo que namora, — ele suavemente diz.

Oh... *o que isso quer dizer? Ele é gay?* Oh, talvez ele seja, merda! Ele deve ter mentido para mim em sua entrevista. E por um momento, eu acho que ele vai seguir com alguma explicação, alguma pista para esta declaração enigmática, mas ele não o faz. Eu tenho que ir. Eu tenho que tentar organizar meus pensamentos. Eu tenho que ficar longe dele. Eu caminho adiante, e tropeço, tropeço de cabeça na calçada.

— Merda, Ana! — Grey grita.

Ele puxa a minha mão com tanta força, que eu caio para trás contra ele, enquanto um ciclista que passa a toda velocidade, quase me acertando, indo pelo caminho errado nesta rua de mão única.

Tudo acontece tão rápido, que em um minuto estou caindo, no próximo eu estou em seus braços, e ele está me segurando firmemente contra seu tórax. Eu inalo seu cheiro limpo, cheiro vital. Ele cheira a roupa limpa e fresca, e a algum sabonete caro. *Oh meu Deus,* é inebriante. Eu inalo profundamente.

— Você está bem? — Ele sussurra. Ele está com um braço ao meu redor, apertando-me junto a ele, enquanto os dedos de sua outra mão, suavemente rastreia meu rosto sondando, examinando-me. Seu polegar escova meu lábio inferior e eu ouço sua respiração ofegante. Ele está olhando fixamente em meus olhos, e eu seguro seu ansioso olhar, queimando por um momento ou talvez para sempre... mas eventualmente, minha atenção é atraída para sua bonita boca. *Oh meu Deus.* E pela primeira vez em meus vinte e um anos, eu quero ser beijada. Eu quero sentir sua boca na minha.

Capítulo 04

Que droga! Beije-me! Eu imploro, mas não me movo. Eu estou paralisada por causa de uma necessidade estranha, desconhecida, completamente cativada por ele. Eu estou olhando fixamente para a boca perfeitamente esculpida de Christian Grey, hipnotizada e ele está olhando para mim, seu olhar encoberto, seus olhos escurecidos.

Ele respira mais rápido que o habitual e eu parei completamente de respirar. *Eu estou em seus braços*.

Beije-me, por favor. Ele fecha seus olhos, respira fundo e sacode brevemente sua cabeça como se respondesse minha pergunta muda. Quando ele abre seus olhos novamente, é com algum novo propósito, uma vontade de aço.

— Anastásia, você deveria me evitar. Eu não sou homem para você... — ele sussurra.

O quê? De onde veio isso? Seguramente, eu é quem deveria decidir. Eu franzo minha testa para ele e balanço minha cabeça diante da rejeição.

— Respire, Anastásia, respire. Eu vou ficar ao seu lado e irei te soltar agora — ele quietamente diz e se afasta suavemente.

A adrenalina corre por meu corpo, não sei se por causa do ciclista ou da proximidade inebriante de Christian, mas estou fraca e arrepiada. NÃO! Minha mente grita quando ele se afasta e sinto-me roubada. Ele tem suas mãos em meus ombros, segurando-me o comprimento de um braço, analisando minhas reações cuidadosamente. E a única coisa que eu posso pensar é que eu queria ter sido beijada, fiz isto malditamente óbvio e ele não quis. Ele não me quer. Ele realmente não me quer. Eu realmente estraguei o café da manhã.

— Estou bem. — eu respiro, achando minha voz. — Obrigada, — eu murmuro cheia de humilhação. Como eu podia ter interpretado mal a situação entre nós? Eu preciso me afastar dele.

— Pelo que? — Ele franze a testa. Suas mãos não saem de mim.

— Por me salvar. — eu sussurro.

— Aquele idiota estava indo na direção errada. Eu estou contente que eu estava aqui. Eu estremeço só de pensar no que poderia ter acontecido com você. Você quer vir e se sentar no hotel um pouco? — Ele me solta, suas mãos ao seu lado e eu na sua frente me sento uma idiota.

Com uma sacudida, procuro clarear minha cabeça. Eu só quero ir embora. Todas as minhas esperanças inarticuladas foram esmagadas. Ele não me quer. O que eu estava pensando? Eu brigo comigo mesma. *O quê Christian Grey poderia querer comigo?* Meu subconsciente zomba de mim. Eu me abraço e me viro em direção à rua e noto com alívio que o homenzinho verde do sinal de trânsito apareceu. Rapidamente atravesso a rua, consciente de que Christian Grey está logo atrás de mim. Fora do hotel, eu giro brevemente para enfrentá-lo, mas não posso olhar em seus olhos.

— Obrigada pelo chá e por ter concordado com as fotos. — eu murmuro.

— Anastásia... eu... — Ele para e a angústia em sua voz exige minha atenção, então eu o olho, de má vontade. Seus olhos cinzas são como o deserto, enquanto ele corre a mão pelo cabelo. Ele parece destruído, frustrado e todo o seu controle evaporou.

— O quê, Christian? — Eu fico irritada porque ele não fala.

— Nada.

Eu só quero ir embora. Eu preciso levar meu frágil e ferido orgulho para longe e de alguma maneira curá-lo.

— Boa sorte em seus exames, — ele murmura.

Huh? Isto é por que ele parece tão desolado? Este é o seu grande fora? Desejar-me sorte em meus exames?

— Obrigada. — Eu não posso disfarçar o sarcasmo em minha voz. — Adeus, Sr. Grey. — Eu giro nos meus saltos, fico vagamente espantada quando não tropeço, e sem dar a ele um segundo olhar, eu desapareço em direção à garagem subterrânea.

Uma vez na escuridão do concreto frio da garagem, iluminada com sua luz fluorescente e deserta, eu me debruço contra a parede e ponho minha cabeça em minhas mãos. O que eu estava pensando? Indesejada e sem permissão sinto as lágrimas chegarem. Por que eu estou chorando? Eu afundo no chão, brava comigo por esta reação insensata. Apoio-me em meus joelhos e me fecho ainda mais em mim mesma. Eu desejo sumir. Talvez esta dor absurda possa ficar menor ainda se eu sumir.

Coloco minha cabeça sobre meus joelhos e eu deixo as lágrimas irracionais caírem desenfreadas. Eu estou chorando por algo que nunca tive. Que ridículo. Lamentando por algo que nunca... – minhas esperanças esmigalhadas, meus sonhos despedaçados e minhas expectativas frustradas.

Eu nunca fui rejeitada. Certo...eu sempre fui a última a ser escolhida no basquete ou no vôlei – mas eu entendi que – correr e fazer qualquer outra coisa ao mesmo tempo, como saltar ou lançar uma bola não é minha praia. Eu sou uma negação em qualquer campo esportivo.

Romanticamente, no entanto, eu nunca me expus. Uma vida inteira de inseguranças.

Eu sou muito pálida, muito fraca, muito desprezível, sem coordenação, minha lista longa de culpas continuam. Então eu sempre tenho sido aquela que repelia os admiradores. Houve aquele sujeito em minha classe de química que gostou de mim, mas ninguém nunca havia despertado meu interesse – ninguém exceto o maldito Christian Grey. Talvez eu deva ser mais amável com caras como Paul Clayton e José Rodriguez, no entanto eu acredito que por nenhum deles teria chorado num canto escuro.

Talvez tudo o que eu necessite seja dar um bom grito.

Pare! Pare Agora! - Meu subconsciente está metaforicamente gritando comigo, braços dobrados, apoiando-se em uma perna e batendo seu pé em frustração. Entre o carro, vá para casa, vá estudar. Esqueça ele... Agora! E pare como toda essa porcaria de auto-piedade.

Eu respiro bem fundo e levanto. *Componha-se Steele*. Eu vou para o carro de Kate, enxugando minhas lágrimas ao mesmo tempo. Eu não irei mais pensar nele. Eu simplesmente posso encarar este incidente como uma experiência e me concentrar nos meus exames.



Kate está sentada na mesa de jantar, com o notebook, quando eu chego. Seu sorriso de boas vindas some quando ela me vê.

— Ana, o que aconteceu?

Ai, não... A inquisição de Katerine Kavanagh. Eu sacudo minha cabeça para ela, como se dissesse — fique fora disso — mas eu poderia perfeitamente estar lidando com um cego, surdo e mudo.

— Você andou chorando. — Ela tem um dom excepcional para enunciar o que é malditamente óbvio, algumas vezes. — O que aquele bastardo fez para você? — ela fala por entre os dentes, e seu rosto, Jesus! ela está apavorada.

— Nada, Kate. — Este é realmente o problema. O pensamento traz um sorriso torto à minha face.

— Então, por que você estava chorando? Você nunca chora. — Ela disse, sua voz se suavizando. Ela fica parada, seus olhos verdes brilhando de preocupação. Ela coloca seus braços ao meu redor e me abraça.

Eu preciso dizer alguma coisa para ela me deixar em paz.

— Eu quase fui atropelada por uma bicicleta. — Era o melhor que eu podia fazer e isso a distraiu imediatamente...dele.

— Jesus, Ana! Você está bem? Está machucada? — Ela me segura na distância dos braços estendidos e faz uma verificação visual de mim.

— Não, Christina me salvou. — eu sussurro. — Mas foi apavorante.

— Eu não estou surpresa. Como foi o café da manhã? Eu sei que você odeia café.

— Eu tomei chá. Foi legal, nada de mais para contar. Eu não sei por que ele me convidou.

— Ele gosta de você Ana. — Ela abaixou seus braços.

— Não mais. Eu não irei mais vê-lo. — Sim, eu consigo lidar com isso.

— Ah é?

Droga. Ela ficou curiosa. Eu vou para a cozinha para que ela não consiga ver meu rosto.

— Sim... Ele está fora do meu nível Kate. — Eu digo tão secamente quanto eu consigo.

— O que você quer dizer com isso?

— Ora, Kate, é óbvio. — Eu giro para encará-la na porta da cozinha.

— Não para mim. — Ela diz. — Está bem, ele tem mais dinheiro que você, mas até ai, ele tem mais dinheiro que muita gente nos Estados Unidos.

— Kate, ele... — Eu dou de ombros.

— Ana, pelo amor de Deus! Quantas vezes eu vou ter de te dizer? Você é realmente linda! — ela me interrompe. Ah não! Esse discurso de novo não!

— Kate, por favor. Eu preciso estudar. — Eu a corto. Ela franze a testa.

— Você quer ler o artigo? Eu já acabei. José tirou fotos maravilhosas!

Será que eu preciso de uma lembrança visual da beleza de Christian eu – não- te- quero Grey?

— Claro. — Eu coloco um sorriso no rosto, como se fosse mágica e vou até o notebook. E lá está ele, olhando para mim em preto e branco, olhando para mim e encontrando minhas falhas.

— Eu finjo ler o artigo, o tempo todo olhando para seu olhar cinzento, procurando na foto alguma pista o porquê dele não ser o homem para mim – em suas próprias palavras. E subitamente, fica extremamente óbvio. Ele é bonito demais. Nós estamos em polos diferentes, em mundos diferentes. Eu tenho a visão de mim mesma como Ícarus, voando perto demais do sol, queimando e caindo como resultado do meu desejo. As palavras dele fazem sentido. Ele não é homem para mim.

Foi isso o que ele quis dizer e faz com que a rejeição dele seja mais fácil de aceitar...Quase. Mas eu posso viver com isso. Eu entendo.

— Está muito bom Kate. — eu digo. — Vou estudar. — Eu não vou mais pensar nele. Eu prometo para mim mesma e abrindo minhas anotações de revisão, começo a ler.

É apenas quando eu estou na cama, tentando dormir, que eu me permito deixar meus pensamentos voltarem para minha estranha manhã. Eu fico voltando à citação "eu não namoro" e eu fico zangada por não ter descoberto esta informação mais cedo, quando eu estava em seus braços mentalmente implorando com cada fibra do meu ser para que ele me beijasse. Ele já havia dito e repetido. Eu viro de lado. Estranhamente eu me pergunto se ele seria celibatário. Eu fecho meus olhos e começo a divagar. Talvez ele esteja se guardando. "Bem, não para você." Meu subconsciente sonolento me dá um último golpe e me joga na terra dos sonhos.

E esta noite eu sonho com olhos cinzentos, folhas caídas no leite, e eu estou em lugares escuros, com uma luz estranha e eu não sei se estou correndo para alguma coisa ou de alguma coisa... Não está claro.

Eu abaixo minha caneta. Acabei. Meu exame final acabou. Eu sinto o sorriso do gato de Cheschire[19] se espalhar pelo meu rosto. Provavelmente esta é a primeira vez, esta semana, que eu sorrio. É sexta feira, e nós iremos celebrar hoje à noite, realmente celebrar. Acho que irei ficar realmente bêbada. Eu nunca fiquei bêbada antes. Eu olho o pavilhão esportivo procurando por Kate e ela ainda está escrevendo furiosamente, cinco minutos antes de acabar. É isso, o fim da minha vida acadêmica. Nunca mais eu irei sentar em fileiras de ansiedade, isolada, como uma estudante. Por dentro estou fazendo piruetas, sabendo perfeitamente que é o único

[19] O **Gato de Cheshire** é um gato fictício, personagem do livro Alice no país das maravilhas de Lewis Carrol. Ele se caracteriza por seu sorriso pronunciado e sua capacidade de aparecer e desaparecer.

lugar onde posso fazê-las graciosamente. Kate para de escrever e larga a caneta. Ela procura por mim e eu vejo o seu sorriso do gato de Alice, também.

Nós voltamos para casa em seu Mercedes, nos recusando a discutir a prova final. Kate está mais preocupada com o que irá usar esta noite. E eu estou ocupada procurando pelas chaves na minha bolsa.

— Ana, tem um pacote para você!

Kate está parada nos degraus em frente à porta, com um pacote na mão. Estranho. Eu não fiz nenhum pedido ultimamente na Amazon.

Kate me entrega o pacote e pega as chaves para abrir a porta da frente. Está endereçado a Senhorita Anastásia Steele. Não há endereço ou nome de quem enviou. Talvez seja da minha mãe ou de Ray.

— Provavelmente deve ser dos meus pais.

— Abra! — Kate diz, excitada, enquanto se dirige até a cozinha para pegar nosso "Champagnhe de comemoração de exames finais".

Eu abro o pacote e dentro eu acho uma caixa dourada com três livros semi parecidos, recobertos com um pano antigo, cheirando a hortelã e um cartão branco. Escrito nele, com uma letra cursiva e negra, está:

"Por que você não me avisou que havia perigo? Porque você não me avisou? As damas sabem contra o que devem se proteger, porque há romances que contam sobre esses truques."[20]

Eu reconheço a citação de *Tess of the D'Urbervilles*. Eu estou pasma com a ironia de que eu passei três horas escrevendo sobre a novela de Thomas Hardy no meu exame final. Talvez não haja ironia, talvez seja deliberado. Eu inspeciono os livros mais de perto, os três volumes. Eu abro a primeira contracapa. Escrito em uma letra antiga está:

'London: Jack R. Osgood, McIlvaine and Co., 1891.'

Puta merda! São as primeiras edições! Eles devem ter custado uma fortuna e eu sei, quase que mediatamente, quem os mandou. Kate esta recostada nos meus ombros olhando os livros. Ela pega o cartão.

— Primeira edição. — eu sussurro.

— Não! — os olhos de Kate estão abertos com descrença. — Grey?

Eu confirmo.

— Não consigo pensar em mais ninguém.

— O que significa o que está escrito no cartão?

— Eu não faço nenhuma ideia. Eu acho que é um aviso. Honestamente ele vive me alertando. Eu não faço ideia do por que. Não é como se eu estivesse tentando derrubar a porta dele. — eu franzo a testa.

[20] HARDY, Thomas. *Tess of the D'Urbervilles*. 1891. Maiores informações: http://rosebud-rose-bud.blogspot.com.br/2006/09/tess-of-durbervilles.html

— Eu sei que você não quer falar sobre ele, Ana, mas ele está seriamente interessado em você. Com ou sem avisos.

Eu não deixei de pensar em Christian Grey na última semana. Está bem ... Então seus olhos cinzentos continuam assombrando meus sonhos e eu sei que vai levar uma eternidade para expurgar a sensação de estar em seus braços e esquecer seu cheiro. Por que ele me mandou isso?

Ele me disse que eu não era para ele.

— Eu achei um *Tess* primeira edição para vender em Nova York por $14.000,00. Mas o seu está em melhores condições. Deve ter sido mais caro. — Kate estava consultando seu bom amigo Google.

— Esta citação, Tess fala para sua mãe depois que Alex D´Urberville a seduz.

— Eu sei.

Kate fica inspirada. — O que ele está tentando te dizer?

— Eu não sei e eu não me importo. Eu não posso aceitar isso dele. Eu vou mandá-los de volta com alguma citação desconcertante de alguma parte obscura do livro.

— A parte em que Angel Clare diz Foda-se? — Kate pergunta com a cara mais sonsa do mundo.

— Sim, esta parte. — eu rio. Eu amo Kate, ela é leal e sempre me apoia. Eu embrulho os livros e os deixo na mesa de jantar. Kate me dá uma taça de champagne.

— Ao final dos exames e a uma nova vida em Seattle. — Ela sorri.

— Ao fim dos exames, nossa nova vida em Seattle e aos excelentes resultados que teremos! — Nós brindamos e bebemos.

O bar estava barulhento e agitado, cheio de futuros formandos prontos para ficarem imprestáveis. José se juntou a nós. Ele só se formará daqui a um ano, mas ele está no clima de comemorar e nos ajuda a entrar no espírito de nossa nova liberdade pagando margaritas para todos nós. Enquanto eu bebo a minha quinta, percebo que talvez não seja uma boa ideia misturá-la com champagne.

— E agora Ana? — José grita para que eu posso ouvi-lo com todo o barulho.

— Eu e Kate estamos nos mudando para Seattle. Os pais dela compraram um apartamento em um condomínio fechado para ela.

— *Dios Mio*! Como a outra parte vive! Mas você vai vir para minha exposição?

— Claro que sim, José, eu não perderia por nada do mundo! — Eu sorrio e ele coloca seu braço em meus ombros e me puxa para perto.

— Vai significar muito para mim Ana se você estiver lá. — Ele sussurra em minha orelha. — Mais uma margarita?

— José Luis Rodrigues, você está tentando me deixar bêbada? Porque eu acho que está funcionando. — eu rio — Eu acho melhor beber uma cerveja. Eu vou pegar uma jarra para nós.

— Mais bebida Ana! — Kate grita.

Kate tem a constituição de um touro. Ela está com seu braço jogado em Levi, um dos quatro estudantes ingleses que estudaram conosco e seu fotógrafo costumeiro do jornal dos estudantes. Ele desistiu de tirar fotos da bebedeira ao seu redor. Ele tem olhos apenas para Kate. Ela está com uma camiseta de seda, tipo babydoll, jeans justos e saltos altos, cabelos para cima, com alguns fios descendo por seu rosto, como gavinhas, deslumbrante como sempre. Eu, por outro lado, sou mais uma garota de usar all-star, jeans e camiseta, mas eu estou usando a minha melhor calça jeans. Eu saio do abraço de José e vou para a mesa. Opa. Sinto minha cabeça rodar. Eu tenho de segurar nas costas da cadeira. Coquetéis a base de tequila não são uma boa ideia.

Eu vou para o bar e decido que é melhor ir ao banheiro já que ainda estou de pé. "*Bem pensado, Ana*". Eu cambaleio para fora da multidão. Claro, há uma fila, mas ao menos está quieto e fresco no corredor. Eu pego meu celular para aliviar a espera tediosa da fila. *Humm para quem eu liguei por último*? Será eu foi para José? Antes disso há um número que eu não reconheço. Ah sim. Grey, eu acho que este é o número dele. Eu rio. Eu não faço ideia de que horas são, talvez eu o acorde. Talvez ele possa me dizer por que me mandou os livros e aquela mensagem misteriosa. Se ele deseja que eu me mantenha afastada, ele deveria me deixar em paz. Eu contenho um soluço bêbado e aperto o botão para chamar o número dele de novo.

Ele atende no segundo toque.

— Anastacia? — ele parece surpreso de receber minha ligação. Bem, francamente, eu estou surpresa por ter ligado para ele também. Então meu cérebro atrapalhado registra...Como ele sabe que sou eu?

— Por que você me mandou aqueles livros? – eu cuspo as palavras para ele.

—Anastacia, você está bem? Você soa estranha. — sua voz está cheia de preocupação.

— Não sou a estranha, é você. — eu o acuso. Pronto. Eu disse a ele com uma coragem nascida do álcool.

— Anastacia, você andou bebendo?

— O que isso te interessa?

— Estou curioso. Onde você está?

— Em um bar.

— Que bar?

— Um bar em Portland.

— Como você vai para casa?

— Eu dou um jeito. — Esta conversa não está sendo como eu pensei.

— Em que bar você está?

— Por que você mandou os livros, Christian?

— Anastacia, onde você está? Diga-me agora! — seu tom é ditatorial, como sempre um maníaco por controle. Eu o imagino como um antigo diretor de cinema, usando calças de equitação, segurando um antigo megafone em uma mão e um chicote na outra. A imagem me faz rir alto.

— Você é tão dominante. — eu rio.

— Ana, me ajude, onde, cacete, você está?

Christian Grey está amaldiçoando comigo. Eu rio de novo.

— Eu estou em Portland...Bem longe de Seattle.

— Onde em Portland?

— Boa noite Christian.

— Ana!

Eu desligo. Ha! E ele não me respondeu sobre os livros. Eu franzo a testa. Não cumpri minha missão. Eu realmente estou bêbada. – Minha cabeça está girando terrivelmente enquanto eu avanço na fila. Bem, o objetivo de hoje era ficar bêbada. Eu consegui. Então assim que é – *provavelmente não é uma experiência que irei repetir*. A fila anda e agora é a minha vez. Eu olho sem ver o pôster atrás da porta do banheiro que enaltece as virtudes do sexo seguro. Puta merda, eu acabei de ligar para Christian Grey? Merda. Meu telefone toca e eu pulo. Eu grito com a surpresa.

— Oi. — eu murmuro timidamente. Eu não reconheci quem era.

— Eu estou indo te buscar. — ele diz e desliga. Apenas Christian Grey poderia soar calmo e ameaçador ao mesmo tempo.

Puta merda! Eu puxo meu jeans para cima. Meu coração dispara. Vindo me buscar? Ah não! Eu não vou vomitar....não...estou bem. Ele está apenas mexendo com a minha cabeça. Eu não disse a ele onde eu estava. Ele não pode me achar aqui. Além disso, ele está a horas de Seattle e eu terei ido embora há muito tempo quando ele chegar. Eu lavo minhas mãos e olho meu rosto no espelho.

Eu estou levemente corada e ligeiramente sem foco. Hmmm....tequila.

Eu espero no bar, pelo que parece uma eternidade pela jarra de cerveja e eventualmente retorno para a mesa.

— Você demorou. — Kate me repreende. — Onde você estava?

— Eu estava na fila do banheiro.

José e Levi estavam tendo um debate acalorado sobre o time local de baseball. José parou o que estava falando para colocar cerveja para todos nós e tomei um longo gole.

— Kate, acho melhor eu parar um pouco e ir lá fora tomar um pouco de ar.

— Ana, você é muito fraca para bebida.

— Eu volto em cinco minutos.

Eu abri caminho pela multidão novamente. Eu estou começando a sentir náuseas, minha cabeça gira desconfortavelmente e eu mal consigo ficar em pé. Mais instável do que de costume. Respirando o ar frio da noite no estacionamento me faz perceber o quão bêbada eu estou.

Minha visão foi afetada e eu estou vendo tudo dobrado, como nas reprises de Tom e Jerry. Eu acho que vou passar mal. Porque eu me deixei ficar nesse estado?

— Ana! — José se junta a mim. — Você está bem?

— Eu acho que eu bebi demais. — sorrio fracamente para ele.

— Eu também. — ele murmura e seus olhos escuros me olham intensamente. — Você precisa de uma mão? — ele pergunta e se aproxima, colocando seus braços ao meu redor.

— José, eu estou bem, pode me soltar. — eu tento me afastar dele, debilmente.

— Ana, por favor... — ele sussurra, e agora eu estou entre seus braços, sendo puxada mais para perto..

— José, o que você está fazendo?

— Ana, você sabe que eu gosto de você, por favor...

Ele coloca uma de suas mãos em minhas costas, me prendendo contra ele e a outra está no meu rosto, indo para atrás da minha cabeça. Puta merda...ele vai me beijar.

— Não, José, pare! — Eu o empurro, mas ele é todo músculos e força e eu não consigo me livrar dele. Sua mão escorreu para o meu cabelo e ele segura minha cabeça em posição.

— Por favor Ana, carinho — ele sussurra contra os meus lábios. Seu hálito é suave e doce, margaritas e cerveja. Ele gentilmente espalha beijos pelo meu queixo até minha boca. Eu estou apavorada, bêbada e completamente fora de controle. O sentimento é sufocante.

— José, não! — eu suplico. — Eu não quero isso! Você é meu amigo e eu acho que vou vomitar.

— Eu acredito que a dama disse não.

Uma voz sombria soa suavemente. Puta merda! Christian Grey está aqui. Como? José me larga.

— Grey. — Ele responde laconicamente.

Eu olho ansiosa para Christian. Ele olha de forma ameaçadora para José. Ele está furioso. Droga. Meu estômago se manifesta e eu me dobro, meu corpo não consegue mais tolerar o álcool e eu vômito espetacularmente no chão.

— Ugh! Dios mio Ana! — José pula para trás com nojo. Grey pega meu cabelo e o levanta para evitar o vômito e gentilmente me leva em direção ao canteiro de flores na borda do estacionamento. Eu noto, com uma grande gratidão, que está relativamente escuro.

— Se você for vomitar novamente, faça isso aqui. Eu seguro você. — Ele coloca um de seus braços em meus ombros, enquanto o outro segura meu cabelo para ficar longe do meu rosto. Eu tento desajeitadamente empurrá-lo, mas eu vomito novamente... e novamente...ai! merda!

Por quanto tempo isso irá durar? Mesmo quando meu estômago está vazio e nada mais acontece, arrepios horríveis descem pelo meu corpo. Eu juro silenciosamente que eu nunca mais vou beber de novo. Isto é muito apavorante para por em palavras. Finalmente, para.

Minhas mãos estão apoiadas nos tijolos do canteiro, mal me sustentando. Vomitar profusamente é exaustivo. Grey tira uma de suas mãos de mim e me passa um lenço. Apenas ele poderia ter um lenço de linha com monograma, recentemente lavado. CTG. Eu não sabia que ainda se podia comprar desses lenços. Vagamente eu me pergunto o que significa o T enquanto eu limpo minha boca. Eu não consigo olhar para ele. Estou afogada na minha vergonha, com nojo de mim mesma. Eu gostaria de ser engolida pelas azaléias que estão no canteiro e estar em qualquer lugar, menos aqui. José ainda está pairando na porta do bar, olhando para nós. Eu gemo e ponho as mãos na cabeça. Este tem de ser o pior momento da minha existência. Minha cabeça ainda está girando enquanto eu tento lembrar um momento pior – e eu só consigo me lembrar da rejeição de Christian – e este tem muito mais sombras escuras em termos de humilhação. Eu arrisco olhar para ele. Ele está olhando para mim, sua face composta, não me deixando perceber nada. Eu me viro para olhar José que parece estar bem envergonhado e, como eu, intimidado por Grey. Eu o encaro. Eu tenho poucas opções de palavras para o meu suposto amigo, nenhuma delas que eu possa repetir na frente de Christian Grey, presidente executivo. *"Ana, quem você está enganando? Eu simplesmente te vi vomitando pelo chão e nas flores. Não há nada mais desagradável em termos de educação feminina."*

Eu vejo você lá dentro. — José murmura, mas nós dois o ignoramos e ele entra no prédio. Eu estou por minha conta com Grey. Dupla droga. O que eu devo dizer a ele?

Desculpe-se pelo telefonema.

Eu sinto muito. — eu murmuro, olhando para o lenço, que eu amasso furiosamente com meus dedos. *Tão macio.*

Pelo que você está se desculpando Anastacia?

Oh Droga! Ele quer seu maldito pedaço de carne.

— Pelo telefonema, estando bêbada. Ah! A lista é interminável. — eu murmuro, sentindo meu rosto ficar vermelho. *"Por favor, eu posso morrer agora?"*

— Todos nós já passamos por isso, talvez não de forma tão dramática como você. — ele disse secamente. — Isto é sobre conhecer seus limites, Anastacia. Eu quero dizer, eu sou a favor de romper os limites, mas talvez isso seja muito brando. Você tem por hábito este tipo de comportamento?

Minha cabeça está zunindo como excesso de álcool e irritação. O que diabos isto tem a ver com ele? Eu não o convidei para vir até aqui. Ele soa como um homem de meia idade dando bronca em uma criança. Parte de mim deseja dizer que se eu quiser ficarei bêbada todas as noites e esta é a minha decisão e ela nada tem a ver com ele – mas eu não sou corajosa o suficiente. Não agora que eu vomitei na frente dela. Por que ele está parado ali?

— Não. — eu digo de forma contrita. — eu nunca fiquei bêbada antes e agora eu desejo nunca mais ficar.

Eu não consigo entender por que ele está aqui. Eu começo a me sentir fraca. Ele nota minha tontura e me segura antes que eu caia e me levanta em seus braços, me segurando perto de seu peito como se eu fosse uma criança.

— Vamos lá, eu te levo para casa. — ele murmura.

— Eu preciso avisar Kate. — "*Minha nossa Senhora! Estou nos braços dele de novo!"*

— Meu irmão pode dizer a ela.

— O que?

— Meu irmão Elliot está falando com a senhorita Kavanagh.

— Anh? Eu não entendo.

— Ele estava comigo quando você telefonou.

— Em Seattle?

— Não, eu estou no Heathman.

Ainda? Por que?

— Como você me achou?

— Eu rastreei seu telefone Anastacia.

Claro que sim! Mas como isso é possível? Seria legal? *Perseguidor*, meu subconsciente sussurra através da nuvem de tequila que ainda flutua no meu cérebro, mas de alguma maneira, como é ele, eu não me importo.

— Você tem algum casaco ou bolsa?

— Sim, eu vim com os dois. Christian, por favor, eu preciso falar com Kate. Ela vai ficar preocupada. — Ele pressionou os lábios em uma linha fina, e acenou concordando.

— Se você precisa.

Ele me coloca no chão e pegando minha mão me leva para dentro do bar. Eu me sinto fraca, ainda bêbada, embaraçada, exausta, mortificada e em algum nível absolutamente emocionada. Ele está agarrando minha mão, tantas emoções confusas! Eu irei precisar de pelo menos uma semana para processar isso tudo.

É barulhento, cheio e a música tinha começado, então havia uma multidão na pista de dança. Kate não estava em nossa mesa e José desapareceu. Levi parecia perdido e largado por sua conta.

— Onde está Kate? — Eu gritei por cima do barulho. Minha cabeça havia começado a latejar no mesmo compasso da música.

— Dançando. — Ele gritou, e eu podia dizer que ele estava zangado. Ele olhava Christian com suspeita.

Eu luto com meu casaco preto e coloco minha bolsa pequena pela cabeça e ela fica de lado, nos meus quadris. Estou pronta para ir, assim que eu achar Kate.

— Ela está na pista de dança. — Eu toco no braço de Christian, fico na ponta dos pés e grito em seu ouvido, acariciando seu cabelo com meu nariz, sentindo seu cheiro limpo e fresco. Ai Meu Deus! Todos esses proibidos, não familiares sentimentos que eu tentei esconder vieram à tona e correram por meu corpo drenado. Enrubesci e em algum lugar dentro, bem dentro de mim meus músculos estalaram deliciosamente.

Ele revirou seus olhos para mim e pegou minha mão, levando-me para o bar. Ele foi servido imediatamente. Nada de espera para o senhor do controle Grey. Será que tudo vem tão facilmente assim para ele? Eu não consigo ouvir o que ele pediu. Ele me entrega um copo grande de água com gelo.

— Beba. — Ele grita sua ordem para mim.

As luzes se movem, se torcem e piscam para mim no mesmo ritmo da música, conjurando um estranho jogo de luzes e sombras por todo o bar e clientela. Elas se alternam em verde, azul, branco e um endemoniado vermelho. Ele me olha intensamente. Eu tento respirar.

— Todo ele. — Grita.

Ele é tão arrogante. Ele passa uma mão pelos cabelos despenteados. Ele parece frustrado, zangado. Qual é o problema? Tirando uma garota boba e bêbada ligando para ele no meio da noite, que o faz pensar que ela precisa ser resgatada. E acontece que ela realmente acaba precisando ser resgatada de seu amigo amoroso. Então vê-la vomitar violentamente aos seus pés. Oh *Ana....será que você descer tão baixo?* Meu subconsciente está figurativamente com as mãos para cima, como um egípcio e olhando para mim através de óculos com formato de meia lua. Eu balanço levemente, e ele coloca sua mão nos meus ombros, me firmando. Eu faço como me foi mandado e bebo o copo inteiro de água. Eu me sinto enjoada. Tirando o copo de mim, ele o coloca no bar. Eu noto através da névoa da bebida que ele está usando uma blusa branca solta, jeans confortável, all-star preto e uma jaqueta. Sua blusa está desabotoada em cima e eu consigo ver o começo dos pelos de seu peito. No meu estado grogue, ele parece delicioso.

Ele pega minha mão mais uma vez. Puta merda! Ele está me levando para a pista de dança. Merda. Eu não danço. Ele pode sentir minha relutância e sobre as luzes coloridas ele parece divertido, sorrindo sardonicamente. Ele aperta e me puxa pela mão e eu estou em seus braços novamente, então ele começa a se mexer, me levando com ele. Cara, ele sabe

dançar. E eu não consigo acreditar que eu o estou seguindo passo por passo. Talvez seja porque eu estou bêbada. Ele me segura apertado contra ele, seu corpo colado ao meu... se ele não estivesse me segurando tão apertado, eu estou certa de que eu já teria caído. No fundo da minha mente, o mantra de minha mãe ressoa: nunca confie em um homem que sabe dançar.

Ele nos leva através da pista lotada até o outro lado, perto de Kate e Elliot, o irmão dele. A música é um martelar constante, alta e ardilosa, dentro e fora da minha cabeça. Eu suspiro. Kate está se movendo. Ela está dançando loucamente e ela apenas faz isso quando ela realmente gosta de alguém. Realmente gosta de alguém. Isso significa que amanhã haverá três de nós para o café da manhã. Kate!

Christian se reclina e grita nos ouvidos de Elliot. Eu não consigo ouvir o que ele diz. Elliot é alto, com ombros largos, cabelos loiros encaracolados, um sorriso aberto e olhos brincalhões. Eu não consigo saber de que cor eles são por causa das luzes. Elliot concorda e puxa Kate para seus braços, onde ela vai muito contente. Kate! Até mesmo no meu estado inebriado eu fico chocada. Ela acabou de conhecê-lo. Ela concorda com o que quer que Elliot tenha dito, olha para mim e acena. Christian nos impulsiona para fora da pista de dança rapidamente.

Mas eu não consegui falar com ela. Será que está bem? Eu posso ver que as coisas estão indo bem para os dois. *Eu preciso ler sobre como fazer sexo seguro.* No fundo da minha mente, eu espero que ela tenha lido um dos posters do banheiro. Meus pensamentos colidem pelo meu cérebro, brigando com meu estado ébrio e confuso. Está tão quente aqui, tão barulhento, tão colorido – muito brilhante. Minha cabeça começa a rodas, ai, não...e eu consigo sentir o chão subindo para encontrar o meu rosto, quando eu caio.

A última coisa de que me lembro antes de desmaiar nos braços de Christian Grey é o sonoro epíteto:

— Porra!

Capítulo 05

Tudo está em silêncio, as luzes estão apagadas. Estou muito cômoda e aquecida nesta cama. Que bom... Abro meus olhos, por um momento estou tranquila e serena, desfrutando do ambiente, que não conheço. Não tenho nenhuma ideia de onde estou. O travesseiro da cama tem a forma de um sol enorme. Parece-me estranhamente familiar. O quarto é grande e está luxuosamente decorado em tons marrons, dourados e bege. Já a vi isso antes. Onde? Meu ofuscado cérebro procura entre suas lembranças recentes. Droga! Estou no hotel, em Heathman... em uma suíte. Estive em uma parecida junto com Kate. Esta parece maior. Oh, droga. Estou na suíte de Christian Grey. Como cheguei até aqui?

Pouco a pouco, as imagens fragmentadas da noite começam a me torturar. A bebedeira. — OH, não, a bebedeira. A ligação. —OH, não, a ligação, meu vômito. — OH, não, eu vomitei... José e depois Christian. OH, não. Morro de vergonha. Não recordo como cheguei aqui. Estou vestindo uma camiseta, o sutiã e a calcinha. Sem as meias três quartos e nem o jeans. Droga.

Observo uma mesinha do quarto. Há um copo de suco de laranja e dois comprimidos. Ibuprofeno. Sua obsessão por controle está em todos os lugares. Levanto-me da cama e tomo os comprimidos. A verdade é que não me sinto tão mal, certamente estou muito melhor do que mereço. O suco de laranja está delicioso. Tira-me a sede e me refresca.

Ouço uns golpes na porta. Meu coração bate tão forte e minha voz quase não sai por minha boca, mas mesmo assim, Christian abre a porta e entra.

Ah, ele estava fazendo exercício. Veste uma calça de moletom cinza que lhe cai ligeiramente sobre os quadris e uma camiseta cinza de ginástica, empapada de suor, assim como seu cabelo. Christian Grey estava suado. A ideia me parece estranha. Eu respiro profundamente e fecho os olhos. Sinto-me como uma menina de dois anos.

— Bom dia, Anastásia. Como se sente?

— Melhor do que mereço — eu murmuro.

Levanto o olhar para ele. Ele larga uma bolsa grande, de uma loja de roupas, em um divã e pega ambos os extremos da toalha que tem ao redor dos ombros. Seus impenetráveis olhos cinza me olham fixamente. Não tenho nem ideia do que está pensando, como sempre. Ele sabe esconder o que pensa e o que sente.

— Como cheguei até aqui? — pergunto-lhe em voz baixa, constrangida.

Ele senta-se num lado da cama. Está tão perto de mim que poderia tocá-lo, poderia cheirá-lo. Minha nossa... Suor, gel e Christian. Um coquetel embriagador, muito melhor que as margaritas, agora sei por experiência.

— Depois que você desmaiou não quis pôr em perigo o tapete de pele de meu carro te levando para a sua casa, assim te trouxe para este local. — Respondeu-me sem se alterar.

— Você me colocou na cama?

— Sim. — ele respondeu-me impassível.

— Voltei a vomitar? — pergunto-lhe em voz mais baixa.

— Não.

— Tirou-me a roupa? — eu sussurro.

— Sim. — Ele olha-me elevando uma sobrancelha e me ponho mais vermelha que nunca.

— Não fizemos...? — Eu sussurro, com a boca seca, de vergonha, mas não posso terminar a frase. Eu olho para as minhas mãos.

— Anastásia, você estava quase em coma. Necrofilia não é a minha área. Eu gosto que minhas mulheres estejam conscientes e sejam receptivas, — ele me responde secamente.

— Sinto muito.

Seus lábios esboçam um sorriso zombador.

— Foi uma noite muito divertida. Demorarei para esquecê-la.

Eu também... OH, ele estava rindo de mim, e muito... Eu não lhe pedi que viesse me buscar. Não entendo por que tenho que acabar me sentindo como a vilã do filme.

— Não tinha por que seguir meu rastro, com algum equipamento pertencente ao James Bond, que está desenvolvendo em sua companhia, — eu digo bruscamente.

Ele me olha fixamente, surpreso e, se eu não me equivoco, um pouco ofendido.

— Em primeiro lugar, a tecnologia para localizar celulares está disponível na internet. Em segundo lugar, minha empresa não investe em nenhum aparelho de vigilância, nem os fabrica. E em terceiro lugar, se não tivesse ido te buscar, certamente você teria despertado na cama do fotógrafo e, se não estou esquecido, você não estava muito entusiasmada com os métodos dele de te cortejar. — Ele disse de forma mordaz.

Métodos de me cortejar! Levanto o olhar para Christian, que me olha fixamente com olhos brilhantes, ofendidos. Eu tento morder meus lábios, mas não consigo reprimir a risada.

— De que texto medieval você tirou isso? Parece um cavaleiro andante.

Vejo que seu aborrecimento se vai. Seus olhos se adoçam, sua expressão se torna mais cálida e em seus lábios parece esboçar um sorriso.

— Não acho, Anastásia. Um cavaleiro negro, possivelmente. — Ele me diz com um sorriso zombador. — Jantou ontem?

Seu tom é acusador. Nego com a cabeça. Que grande pecado cometi agora? Ele tem a mandíbula tensa, mas seu rosto segue impassível.

— Tem que comer. Por isso você passou mal. De verdade, é a primeira norma quando se bebe.

Passa a mão pelo cabelo, mas agora está muito nervoso.

— Vai seguir brigando?

— Estou brigando?

— Acredito que sim.

— Tem sorte que só estou falando.

— O que quer dizer?

— Bom, se fosse minha, depois do que fez ontem, não se sentaria durante uma semana. Não jantou, embebedou-se e se pôs em perigo.

Ele fecha os olhos. Por um instante o terror se reflete em seu rosto e ele estremece. Quando abre os olhos, me olha fixamente.

— Não quero nem pensar no que poderia ter acontecido.

Eu o fito com uma expressão carrancuda. O que lhe passa? Porque se importa? Se eu fosse dele... Bem, não sou. Embora possivelmente eu gostaria de sê-lo. A ideia abre caminho entre meu aborrecimento por suas palavras arrogantes. Ruborizo-me por culpa de meu caprichoso subconsciente, que dá saltos de alegria com uma saia havaiana vermelha, só de pensar que poderia ser dele.

— Não teria me acontecido nada. Estava com Kate.

— E o fotógrafo? — pergunta-me bruscamente.

Mmm... José. Em algum momento terei que conversar com ele.

— José simplesmente passou da conta.

Encolho meus ombros.

— Bem, na próxima vez que ele passar da conta, alguém deveria lhe ensinar algumas maneiras.

— É muito partidário da disciplina. — digo-lhe entre dentes.

— OH, Anastásia, não sabe o quanto. Fecha um pouco os olhos e ri perversamente.

Deixa-me desarmada. De repente, estou confusa e zangada, e ao mesmo tempo estou contemplando seu precioso sorriso. Uau... Estou encantada, porque eu não estou acostumada ao seu sorriso. Quase esqueço o que está me dizendo.

— Vou tomar banho. Se você não preferir tomar banho primeiro...

Ele inclina a cabeça, ainda sorrindo. Meu coração bate acelerado e o cérebro se nega a fazer as conexões oportunas para que eu respire. Seu sorriso se faz mais amplo. Aproxima-se de mim, inclina-se e me passa o polegar pelo rosto e pelo lábio inferior.

— Respire, Anastásia, — sussurra-me. E logo se levanta e se afasta. —Em quinze minutos trarão o café da manhã. Deve estar morta de fome. Ele entra no banheiro e fecha a porta.

Solto o ar que estava segurando. Por que é tão alucinantemente atraente? Agora mesmo, me meteria na ducha com ele. Nunca havia sentido

algo assim por alguém. Ele ativou meus hormônios. Arde-me a pele por onde ele passou seu dedo. Uma incômoda e dolorosa sensação me faz retorcer. Não entendo esta reação. Mmm... Desejo. É desejo. Assim se sente alguém quando se deseja.

Deixo-me cair sobre os travesseiros suaves de plumas. *Se fosse minha...* Ai, o que estaria disposta a fazer para ser dele? É o único homem que conseguiu acelerar o sangue em minhas veias. Mas também me põe os nervos em pé. É difícil, complexo e pouco claro. De repente, me rechaça, mais tarde, me manda livros que valem quatorze mil dólares, depois me segue no bar como se fosse um perseguidor. E no fim de tudo, passei a noite na suíte de seu hotel e me sinto segura. Protegida.

Preocupo lhe o suficiente para que venha me resgatar, de algo que equivocadamente acreditou que fosse perigoso. E ainda é um cavaleiro. É um cavaleiro branco, com armadura brilhante, resplandecente. Um herói romântico. Sir Gawain ou sir Lancelot. Saio de sua cama e procuro freneticamente meu jeans. Abro a porta do banheiro e aparece ele, molhado e resplandecente por causa da ducha, ainda sem se barbear, com uma toalha ao redor da cintura, e ali estou eu... De calcinhas, olhando-o boquiaberta e me sentindo muito incômoda.

Surpreende-lhe que eu esteja em pé.

— Se está procurando seu jeans, mandei-o à lavanderia. — Ele me fala com um olhar impenetrável. — Estava salpicado de vômito.

— Ah. — Fico vermelha. Por que diabos, tenho sempre que sentir-me tão deslocada?

— Mandei Taylor comprar outro e umas sapatilhas esportes. Estão nessa bolsa.

Roupa nova. Isso era realmente inesperado.

—Bom... Vou tomar banho, — eu murmuro. —Obrigada. — Que outra coisa posso dizer? Pego a bolsa e entro correndo no banheiro para me afastar da perturbadora proximidade de Christian nu. David de Michelangelo não é nada, comparado com ele. O banheiro está branco de vapor. Dispo-me e entro rapidamente na ducha, impaciente por sentir o jorro de água quente sobre meu corpo.

Levanto a cara para a desejada corrente. Desejo Christian Grey. Desejo-o desesperadamente. É sincero. Pela primeira vez em minha vida quero ir para cama com um homem. Quero sentir suas mãos e sua boca em meu corpo. Ele me disse que gosta que suas mulheres estejam conscientes. Então certamente ele se deita com mulheres. Mas não tentou me beijar, como Paul e José. Não o entendo. Deseja-me? Não quis me beijar na semana passada. Pareço-lhe repulsiva? Mas estou aqui, ele me trouxe. Não entendo seu jogo. O que pensa? Dormi em sua cama a noite toda, parece-me meio doido. *Tire suas conclusões, Ana.* Meu subconsciente aparece com sua feia e insidiosa cara. Não dou a mínima importância. A água quente me relaxa.

Mmm... Poderia ficar debaixo do jato, neste banheiro, para sempre. Pego o gel, que cheira a Christian. É um aroma delicioso. Esfrego todo o meu corpo, imaginando que é ele quem o faz, que ele esfrega este gel pelo meu corpo, pelos seios, pela barriga e entre as coxas, com suas mãos, com seus dedos longos. Minha nossa. Meu coração dispara. E é uma sensação muito... muito prazerosa.

Ele bate na porta e levo um susto.

— Chegou o café da manhã.

— Va... valeu, — o susto me arrancou cruelmente de meu sonho erótico.

Saio da ducha e pego duas toalhas. Com uma envolvo o cabelo ao estilo Carmen Miranda, e com a outra me seco a toda pressa evitando a prazerosa sensação da toalha esfregando minha pele hipersensível. Abro a bolsa. Taylor me comprou não só um jeans, mas também uma camisa azul céu, meias três quartos e roupas íntimas. Minha Nossa!

Sutiã e calcinha limpos... Descrevê-los de maneira mundana, não lhes faz justiça. São de uma marca de lingerie europeia de luxo, com desenho delicioso. Renda e seda azul celeste. Uau. Fico impressionada e um pouco intimidada. E, além disso, é exatamente do meu tamanho. Com certeza. Ruborizo-me pensando no rapaz, em uma loja de lingerie, comprando estes objetos. Pergunto-me a que outras coisas ele se dedica em suas horas de trabalho. Visto-me rapidamente. O resto da roupa também fica perfeito. Seco o cabelo com a toalha e tento desesperadamente controlá-lo, mas, como sempre, nega-se a colaborar. Minha única opção é fazer um acréscimo, mas não tenho secador de cabelo. Devo ter algo na bolsa, mas onde está? Respiro fundo. Chegou o momento de enfrentar o senhor Perturbador. Alivia-me encontrar o quarto vazio. Procuro rapidamente minha bolsa, mas não está por aqui. Volto a respirar fundo e vou à sala de estar da suíte. É enorme. Há uma luxuosa zona para sentar-se, cheia de sofás e grandes almofadas, uma sofisticada mesinha com uma pilha grande de livros ilustrados, uma zona de estudo com o último modelo de computador e uma enorme televisão de plasma na parede. Christian está sentado à mesa de jantar, no outro extremo da sala, lendo o jornal. A sala é mais ou menos do tamanho de uma quadra de tênis. Não que eu jogue tênis, mas fui ver Kate jogar, várias vezes. Kate!

— Merda, Kate! — digo com voz rouca.

Christian eleva os olhos para mim.

— Ela sabe que está aqui e que está viva. Mandei uma mensagem pelo Eliot. — Ele diz com certa ironia.

OH, não. Recordo de sua ardente dança ontem, tirando proveito de todos os seus movimentos, exclusivamente, para seduzir o irmão de Christian Grey, nada menos. O que vai pensar sobre eu estar aqui? Nunca passei uma noite fora de casa. Está ainda com o Eliot. Ela só fez algo assim

duas vezes, e nas duas vezes, foi meio doido para mim aguentar o espantoso pijama cor de rosa durante uma semana, quando terminaram. Ela vai pensar que eu também me enrolei com Christian.

Christian me olha impaciente. Veste uma camisa branca de linho, com o peito e os punhos desabotoados.

— Sente-se. — ordena, assinalando para a mesa.

Cruzo a sala e me sento na frente dele, como me indicou. A mesa está cheia de comida.

— Não sabia do que você gosta, assim pedi um pouco de tudo.

Dedica-me um meio sorriso, como desculpa.

— É um esbanjador, — murmuro atrapalhada pela quantidade de pratos, embora tenha fome.

— Eu sou, — diz em tom culpado.

Opto por panquecas, xarope de arce, ovos mexidos e bacon. Christian tenta ocultar um sorriso, enquanto volta o olhar a sua panqueca. A comida está deliciosa.

— Chá? — ele pergunta-me.

— Sim, por favor.

Estende um pequeno bule cheio de água quente, na xícara há uma saquinho do Twinings English Breakfast. Ele lembrou-se do chá que eu gosto.

—Tem o cabelo muito molhado.

— Não encontrei o secador, — sussurro incômoda. Não o procurei.

Christian aperta os lábios, mas não diz nada.

— Obrigada pela roupa.

— É um prazer, Anastásia. Esta cor te cai muito bem.

Ruborizo-me e olho fixamente para meus dedos.

— Sabe? Deveria aprender a receber galanteios, — ele me diz em tom fustigante.

— Deveria te dar um pouco de dinheiro pela roupa.

Ele me olha como se estivesse ofendendo-o. Sigo falando.

— Já me deste os livros, que não posso aceitar, é obvio. Mas a roupa... Por favor, me deixe que lhe pague isso, — digo tentando convencê-lo com um sorriso.

— Anastásia, eu posso fazer isso, acredite.

— Não se trata disso. Por que teria que comprar esta roupa?

— Porque posso.

Seus olhos despedem um sorriso malicioso.

— O fato de que possa não implica que deva, — respondo tranquilamente.

Ele me olha elevando uma sobrancelha, com olhos brilhantes, e de repente me dá a sensação de que estamos falando de outra coisa, mas não sei do que. E isso me recorda...

— Por que me mandou os livros, Christian? — pergunto-lhe em tom suave.

Deixa os talheres e me olha fixamente, com uma insondável emoção ardendo em seus olhos. Maldito seja... Ele me seca a boca.

— Bom, quando o ciclista quase te atropelou... e eu te segurava em meus braços e me olhava me dizendo: "me beije, me beije, Christian"... Ele encolhe os ombros. — Bom, acreditei que te devia uma desculpa e uma advertência. — passou uma mão pelo cabelo. — Anastásia, eu não sou um homem de flores e corações. Não me interessam as histórias de amor. Meus gostos são muito peculiares. Deveria te manter afastada de mim. — Fecha os olhos, como se negasse a aceitá-lo. — Mas há algo em ti que me impede de me afastar. Suponho que já o tinha imaginado.

De repente, já não sinto fome. Não pode afastar-se de mim!

— Pois não te afaste — eu sussurro.

Ele ficou boquiaberto e com os olhos nos pratos.

— Não sabe o que diz.

— Pois me explique isso.

Olhamo-nos fixamente. Nenhum dos dois toca na comida.

— Então, sei que sai com mulheres... — digo-lhe.

Seus olhos brilham divertidos.

— Sim, Anastásia, saio com mulheres. — Ele faz uma pausa para que assimile a informação e de novo me ruborizo. Tornou-se a romper o filtro que separa meu cérebro da boca. Não posso acreditar que disse algo assim em voz alta.

— Que planos tem para os próximos dias? — Ele me pergunta em tom suave.

— Hoje trabalho, a partir do meio-dia. Que horas são? — exclamo assustada.

— Pouco mais de dez horas. Tem tempo de sobra. E amanhã? Colocou os cotovelos sobre a mesa e apoiou o queixo em seus compridos e finos dedos.

— Kate e eu vamos começar a empacotar. Mudamos para Seattle no próximo fim de semana, e eu trabalho no Clayton's toda esta semana.

— Já têm casa em Seattle?

— Sim.

— Onde?

— Não recordo o endereço. No distrito de Pike Market.

— Não é longe de minha casa, — diz sorrindo. — E no que vais trabalhar em Seattle?

Onde quer chegar com todas estas perguntas? O santo inquisidor Christian Grey é quase tão pesado como a Santa inquisidora Katherine Kavanagh.

— Mandei meu curriculum para vários lugares para fazer estágio. Ainda espero resposta.

— E a minha empresa, como te comentei?

Ruborizo-me... Claro que não.

— Bom... não.

— O que tem de ruim com minha empresa?

— Sua empresa ou sua "companhia"? — pergunto-lhe com uma risada maliciosa.

— Está rindo de mim, senhorita Steele?

Inclina a cabeça e acredito que parece divertido, mas é difícil sabê-lo. Ruborizo e desvio meu olhar para meu café da manhã. Não posso olhá-lo nos olhos quando fala nesse tom.

— Eu gostaria de morder esse lábio — sussurra perturbadoramente

Não estou consciente de que estou mordendo meu lábio inferior. Depois de um leve susto, fico boquiaberta. É a coisa mais sexy que me disse. Meu coração pulsa a toda velocidade e acredito que estou ofegando. Meu Deus! Estou tremendo, totalmente perdida e meio doida. Mexo-me na cadeira e procuro seu impenetrável olhar.

— Por que não o faz? — o desafio em voz baixa.

— Porque não vou te tocar, Anastásia... não até que tenha seu consentimento por escrito — diz-me esboçando um ligeiro sorriso.

O quê?

— O que quer dizer?

— Exatamente o que falei. — Sussurra e move a cabeça divertido, mas também impaciente.

— Tenho que lhe mostrar isso Anastásia. A que hora sai do trabalho esta tarde?

— Às oito.

— Bem, poderíamos ir jantar na minha casa em Seattle, esta noite ou no sábado que vem, onde lhe explicaria isso. Você decide.

— Por que não me pode dizer isso agora?

— Porque estou desfrutando o meu café da manhã e de sua companhia. Quando você souber, certamente não quererá voltar a me ver.

— O que significa tudo isto? Trafica com meninos de algum recôndido fundão do mundo para prostituí-los? Faz parte de alguma perigosa gangue mafiosa?

Isso explicaria por que é tão rico. É profundamente religioso? É impotente? Seguro que não... poderia me demonstrar isso agora mesmo. Incomodo-me pensando em todas as possibilidades. Isto não leva a nenhuma parte. Eu gostaria de resolver o enigma de Christian Grey, o quanto antes. Se isso implicar que seu segredo é tão grave que não vou querer voltar ou ter nada com ele, então, a verdade será um alívio. Não te engane!, grita o meu subconsciente. Terá que ser algo muito mau para que saia correndo.

— Esta noite.

— Esta noite.

Levanta uma sobrancelha.

— Como Eva, quer provar quanto antes o fruto da árvore da ciência.

Solta uma risada maliciosa.

— Está rindo de mim, senhor Grey? — pergunto-lhe em tom suave.

Olha-me apertando os olhos e saca seu BlackBerry. Tecla um número.

— Taylor, vou necessitar do Charlie Tango.

Charlie Tango! Quem é esse?

— Desde Portland. A... digamos às oito e meia... Não, fica na escala... Toda a noite.

Toda a noite!

— Sim. Até amanhã pela manhã. Pilotarei de Portland a Seattle.

Pilotará?

— Piloto disponível ás dez e meia.

Deixa o telefone na mesa. Nem por favor, nem obrigado.

— As pessoas sempre fazem o que lhes manda?

— Eles devem fazê-lo, se não quiserem perder seu trabalho, — ele responde-me inexpressivo.

— E se não trabalharem para ti?

— Bom, posso ser muito convincente, Anastásia. Deveria terminar o café da manhã. Logo a levarei para casa. Passarei para te buscar pelo Clayton's as oito, quando sair. Voaremos à Seattle.

— Voaremos?

— Sim. Tenho um helicóptero.

Olho para ele boquiaberta. Segunda entrevista com o misterioso Christian Grey. De um café a um passeio em helicóptero. Uau.

— Iremos a Seattle de helicóptero?

— Sim.

— Por quê?

Ele sorri perversamente.

— Porque posso. Termine o café da manhã.

Como vou comer agora? Vou a Seattle de helicóptero com Christian Grey. E quer me morder o lábio... Estremeço só de pensar.

— Coma, — ele diz bruscamente. — Anastásia, não suporto jogar comida fora... Coma.

— Não posso comer tudo isto, — digo olhando o que ficou na mesa.

— Coma o que há em seu prato. Se ontem tivesse comido como devido, não estaria aqui e eu não teria que mostrar minhas cartas tão cedo.

Aperta os lábios. Parece zangado.

Franzo o cenho e miro a comida que há em meu prato, já fria. Estou muito nervosa para comer, Christian. Você não entende? Explica meu

subconsciente. Mas sou muito covarde para dizê-lo em voz alta, sobretudo, quando parece tão áspero. Mmm... como um menino pequeno. A ideia me parece divertida.

— O que parece tão engraçado? — pergunta-me.

Como não me atrevo a dizer-lhe, não levanto os olhos do prato. Enquanto eu como a última parte da panqueca, elevo o olhar. Observa-me com olhos escrutinadores.

— Boa garota. Levar-te-ei para casa assim que tenha secado o cabelo. Não quero que fique doente.

Suas palavras têm um pouco de promessa implícita. O que quer dizer? Levanto-me da mesa. Por um segundo me pergunto se deveria lhe pedir permissão, mas descarto a ideia. Parece-me que abriria um precedente perigoso. Dirijo-me a seu quarto, mas uma ideia me detém.

— Onde dormiu?

Viro-me para olhá-lo. Está ainda sentado à mesa de jantar. Não vejo mantas nem lençóis pela sala. Possivelmente já os tenha recolhido.

— Em minha cama, — responde-me, de novo, com olhar impassível.

— OH.

—Sim, para mim também foi uma novidade, — Ele diz sorrindo. — Dormir com uma mulher... sem sexo.

— Sim, "sexo", — digo e ruborizo, é obvio.

—Não, — responde-me movendo a cabeça e franzindo o cenho, como se acabasse de recordar algo desagradável. — Sinceramente, só dormir com uma mulher.

Agarra o jornal e segue lendo.

Que significa isso? Alguma vez dormiu com uma mulher? É virgem? Duvido, de verdade. Fico olhando-o sem acreditar nisso. É a pessoa mais enigmática que já conheci. Dei-me conta de que dormi com Christian Grey. Quanto teria dado para estar consciente e vê-lo dormir? Vê-lo vulnerável. Custa-me imaginá-lo. Bom, supõe-se que o descobrirei esta mesma noite.

Já no quarto, procuro em uma cômoda e encontro o secador. Seco o cabelo como posso, lhe dando forma com os dedos. Quando terminei, vou ao banheiro. Quero escovar os dentes. Vejo a escova de Christian. Seria como colocar ele na boca. Mmm... Olho rapidamente para a porta do banheiro... me sentindo culpada. Está úmida. Deve tê-la utilizado. Agarro-a a toda pressa, coloco pasta de dente e me escovo rapidamente. Sinto-me como uma garota má. Resulta muito emocionante.

Recolho a camiseta, o sutiã e a calcinha de ontem, meto-os na bolsa que me trouxe Taylor e volto para a sala de estar a procurar da bolsa e da jaqueta. Para minha grande alegria, tenho um elástico de cabelo na bolsa. Christian me observa com expressão impenetrável enquanto me arrumo. Noto como seus olhos me seguem enquanto me espera que eu termine. Está falando com alguém no seu celular.

— Querem dois...? Quanto vai custar...? Bem, e que medidas de segurança temos ali...? Irã pelo Suez...? Ben Suam é seguro...? E quando a Darfur...? De acordo, adiante. Mantenha-me informado de como vão às coisas.

— Está pronta? — ele pergunta-me.

Confirmo. Pergunto-me sobre o que era a conversa. Pega uma jaqueta azul marinho, agarra as chaves do carro e se dirige à porta.

— Você primeiro, senhorita Steele, — murmura me abrindo a porta.

Tem um aspecto elegante, embora informal.

Fico olhando-o por um segundo mais. E pensando que dormi com ele esta noite, e que, fora às tequilas e o vômito, continua aqui. Não só isso, mas além disso quer me levar a Seattle. Por que a mim? Não o entendo. Cruzo a porta recordando suas palavras: "Há algo em ti...". Bom, o sentimento é mútuo, senhor Grey, e quero descobrir qual é seu segredo.

Percorremos o caminho em silencio até o elevador. Enquanto esperamos, levanto um instante à cabeça para ele, que está me olhando. Sorrio e ele franze os lábios.

Chega o elevador e entramos. Estamos sozinhos. De repente, por alguma inexplicável razão, provavelmente por estar tão perto em um lugar tão reduzido, a atmosfera entre nós muda e se carrega de elétrica e excitante antecipação. Acelera-me a respiração e o coração dispara. Ele olha um pouco para mim, com olhos totalmente impenetráveis. Olha-me o lábio.

— Merda a papelada. Encosta-se em mim e me empurra contra a parede do elevador. Antes que me dê conta, me sujeita os dois pulsos com uma mão, levanta-os acima da minha cabeça e me imobiliza contra a parede com os quadris. Minha mãe. Com a outra mão me agarra pelo cabelo, puxa-o para baixo para me levantar o rosto e cola seus lábios aos meus. Quase me faz mal. Gemo o que lhe permite aproveitar a ocasião para colocar a língua e me percorrer a boca com perita perícia. Nunca me beijaram assim. Minha língua acaricia timidamente a sua e se une a uma lenta e erótica dança de sensações, de sacudidas e empurradas. Levanta a mão e me agarra a mandíbula para que não me mova. Estou indefesa, com as mãos unidas acima da cabeça, o rosto preso e seus quadris me imobilizando.

Sinto sua ereção contra meu ventre. *Meu deus...* Deseja-me. Christian Grey, o deus grego, deseja-me, e eu o desejo, aqui... Agora, no elevador.

— É... tão... doce, — ele murmura entrecortadamente.

O elevador se detém, abre-se a porta, e em um abrir e fechar de olhos me solta e se separa de mim. Três homens trajados de ternos nos olham e entram sorridentes. Pulsa-me o coração a toda pressa. Sinto-me como se tivesse subido correndo por um grande morro. Quero me inclinar e me sujeitar às risadas, mas seria muito óbvio.

Eu o olho. Parece absolutamente tranquilo, como se tivesse estado fazendo palavras cruzadas do Seattle Time. Que injusto. Não o afeta o mínimo a minha presença? Olha-me de esguelha e deixa escapar um ligeiro suspiro. Valeu, afeta-o, e a pequena deusa que levo dentro de mim, sacode os quadris e dança um SAMBA para celebrar a vitória. Os homens de negócios descem no primeiro andar.

— Você escovou os dentes — ele fala me olhando fixamente.

— Usei sua escova.

Seus lábios esboçam um meio sorriso.

— Ai, Anastásia Steele, o que vou fazer contigo?

As portas se abrem no vestíbulo, agarra-me a mão e sai comigo.

— O que terão os elevadores? — ele murmura para si mesmo, cruzando o vestíbulo em grandes pernadas. Luto por manter seu passo, porque todo meu raciocínio ficou esparramado pelo chão e as paredes do elevador número 3 do hotel Heathman.

Capítulo 06

Christian abriu a porta do passageiro do seu Audi SUV preto, e eu subi. É um carro legal. Ele não mencionou a explosão de paixão que eclodiu no elevador. Devo fazer isso? Deveríamos falar sobre o assunto ou fingir que não aconteceu? Não pareceu real, meu adequado primeiro beijo sem restrição. Com o passar do tempo, atribuí-o um caráter mítico como a lenda do rei Artur ou a Cidade Perdida de Atlantis. Nunca aconteceu, nunca existiu. Talvez eu tenha imaginado tudo. Não.

Eu toquei meus lábios, estavam inchados de seu beijo. Definitivamente, aconteceu. Sou uma mulher mudada. Eu quero este homem, desesperadamente, e ele me quer.

Olho-o. Christian está como de costume: correto, educado e um pouco distante.

Tão confuso.

Ele liga o motor e abandona sua vaga no estacionamento. Liga o leitor de MP3. O interior do carro foi preenchido pela mais doce e mais mágica música que duas mulheres cantavam. Uau... todos os meus sentidos estão em desordem, por isso estou duplamente afetada. Enviou arrepios deliciosos a minha coluna vertebral. Christian se dirigiu para SW Park Avenue, e guiou com uma fácil e preguiçosa confiança.

— O que estamos ouvindo?

— É o Dueto das Flores de Delibes, da ópera Lakmé. Você gostou?

— Christian, é maravilhoso.

— É, não é?

Ele sorriu enquanto olhava para mim. E por um momento aparentou sua idade, jovem, despreocupado e bonito até perder o sentido. É esta a chave para chegar a ele? A música? Sento-me e ouço as vozes angélicas, sussurrantes e sedutoras.

— Pode voltar a tocá-la?

— Claro.

Christian apertou um botão, e a música voltou a me acariciar. Invadiu meus sentidos de forma lenta, suave e doce.

— Você gosta de música clássica? — Perguntei-lhe tentando descobrir algo de suas preferências pessoais.

— Meu gosto é eclético, Anastásia. De Thomas Talis a Kings of Leon. Depende de meu estado de ânimo. E o seu?

— O meu também. Embora não conheça o Thomas Talis.

Voltou-se em minha direção, me olhou um instante e voltou a fixar os olhos na estrada.

— Algum dia te mostrarei algo dele. É um compositor britânico do século XVI. Música coral eclesiástica da época dos Tudor. —Ele sorriu-me. — Parece muito esotérico, eu sei, mas é mágico, Anastásia.

Pressionou um botão e começou a soar os Kings of Leon. Este eu conheço. "Sex on Fire." Muito oportuno. Repentinamente, o som de um celular interrompeu a música. Christian apertou um botão do volante.

— Grey. — Respondeu bruscamente.

— Sr.Grey, sou Welch. Tenho a informação que pediu.

Uma voz áspera e imaterial chegou através dos alto-falantes.

— Bom. Mande-me por e-mail. Algo mais?

— Nada mais, senhor.

Apertou o botão, a chamada encerrou e voltou a tocar a música. Nem adeus, nem obrigado. Estou tão feliz que eu nunca seriamente considerei trabalhar para ele.

Estremeço sozinha só de pensar. É muito controlador e frio com seus empregados. O telefone voltou a interromper a música.

— Grey.

— Mandou-lhe por e-mail uma informação confidencial, Sr. Grey.

Era uma voz de mulher.

— Bom. Isso é tudo, Andrea.

— Tenha um bom dia, senhor.

Christian desligou ao pressionar um botão do volante. Logo que a música recomeçou, o telefone voltou a tocar. Nisto consistia sua vida, em constantes telefonemas irritantes?

— Grey. — Disse bruscamente.

— Olá, Christian. Relaxou?

— Olá, Eliot... Estou no viva voz e não estou sozinho no carro.

Christian suspirou.

— Quem está contigo?

Christian balançou a cabeça.

— Anastásia Steele.

— Olá, Ana!

— Ana!

— Olá, Eliot.

— Falaram-me muito de ti. — Eliot Murmurou com voz rouca.

Christian franziu o cenho.

— Não acredite em uma palavra do que Kate te contou. — Ana disse.

Eliot riu.

— Estou levando Anastásia para casa. — Christian disse usando meu nome completo. — Quer que te apanhe?

— Claro.

— Vejo você mais tarde.

Christian desligou o telefone e a música voltou a tocar.

— Por que você insiste em chamar-me Anastásia?

— Porque é seu nome.

— Prefiro Ana.

— De verdade?

Quase chegamos a minha casa. Não demoramos muito.

— Anastásia... — Disse-me pensativo.

Olhei-o com uma expressão má, mas ele não se importou.

— O que aconteceu no elevador... não voltará a acontecer. Bom, a menos que seja premeditado. — Ele disse.

Parou o carro em frente a minha casa. Dei-me conta, de repente, que não me perguntou onde eu vivia. Já sabia. Claro que sabia onde vivo, pois me enviou os livros. Como não o faria um caçador, com um rastreador de celular e proprietário de um helicóptero?

Por que não vai voltar a me beijar? Faço um gesto de desgosto ao pensar nisso. Não o entendo. Honestamente, seu sobrenome deveria ser Enigmático, não Grey. Ele saiu do carro, andando com facilidade, suas pernas longas deram a volta com graça ao redor do carro para o meu lado a fim de abrir a porta. Sempre é um perfeito cavalheiro, exceto, possivelmente, em estranhos e preciosos momentos nos elevadores. Ruborizei-me e o pensamento que eu tinha sido incapaz de tocar adentrou na minha mente. Queria deslizar meus dedos por seu cabelo alvoroçado, mas não podia mover as mãos. Senti-me frustrada ao lembrar.

— Gostei do que aconteceu no elevador. — Murmurei ao sair do carro.

Não estou segura se ouvi um ofegar afogado, mas escolhi fazer caso omisso e subi os degraus da entrada.

Kate e Eliot estavam sentados à mesa. Os livros de quatorze mil dólares não estavam ali, felizmente. Tenho planos para eles. Kate mostrou um sorriso ridículo e pouco habitual, e sua juba despenteada lhe dava um ar muito sexy. Christian me seguiu até a sala de estar, e embora Kate sorrisse com uma expressão de ter passado uma grande noite, o olhou com desconfiança.

— Olá, Ana.

Levantou-se para me abraçar e no momento que me separou um pouco, me olhou de cima a baixo. Franziu o cenho e se voltou para Christian.

— Bom dia, Christian! — Disse-lhe em tom ligeiramente hostil.

— Senhorita Kavanagh — Respondeu em seu endurecido tom formal.

— Christian, seu nome é Kate, — Eliot resmungou.

— Kate.

Christian assentiu com educação e encarou Eliot, que riu e se levantou para também me abraçar.

— Olá, Ana.

Sorri e seus olhos azuis brilharam. Fiquei bem imediatamente. É óbvio que não tinha nada a ver com Christian, mas, claro, são irmãos adotivos.

— Olá, Eliot.

Sorri para ele e me dei conta de que mordia meus lábios.

— Eliot, temos que ir. — Christian disse em tom suave.

— Claro.

Virou-se para Kate, abraçou-a e lhe deu um interminável beijo.

Jesus... Arrumem um quarto! Olhei para meus pés, incômoda. Levantei a visão para Christian, que me olhava fixamente. Sustentei-lhe o olhar. Por que não me beija assim? Eliot continuou beijando Kate, empurrou-a para trás e a fez dobrar-se de forma tão teatral que o cabelo dela quase toca o chão.

— Até mais, querida! — Disse-lhe sorridente.

Kate se derreteu. Nunca antes a tinha visto derretendo-se assim. Veio-me à cabeça as palavras "formosa" e "complacente". Kate, complacente. Eliot deve ser muito bom. Christian revirou os olhos e me olhou com expressão impenetrável, embora possivelmente a situação o divertisse um pouco. Apanhou uma mecha de meu cabelo que escapou do meu rabo de cavalo e o pôs atrás da orelha. Minha respiração entrecortou e ele inclinou minha cabeça com seus dedos. Seus olhos se suavizaram e passou o polegar por meu lábio inferior. O sangue queimou através das minhas veias. E imediatamente retirou a mão.

— Até mais, querida. — Murmurou.

Não pude evitar rir, porque a frase não combinava com ele. Mas embora saiba que está esquivando-se, aquelas palavras ficaram cravadas dentro de mim.

— Passarei para te buscar as oito.

Deu meia volta, abriu a porta da frente e saiu para a varanda. Eliot o seguiu até o carro, mas se voltou e lançou outro beijo para Kate. Senti uma inesperada pontada de ciúmes.

— E então? — Kate perguntou-me com evidente curiosidade enquanto os observamos subir no carro e afastar-se.

— Nada. — Respondi bruscamente, com a esperança de que isso a impedisse de continuar com as perguntas.

Entramos em casa.

— Mas é evidente que sim! — Disse-me.

Não posso dissimular a inveja. Kate sempre consegue enredar os homens. É irresistível, bonita, sexy, divertida, atrevida... Justamente o contrário de mim. Mas o sorriso com o qual me respondeu é contagioso.

— Vou vê-lo novamente esta noite.

Aplaudiu e pulou como uma menina pequena. Não pode reprimir seu entusiasmo e sua alegria, e eu não pude evitar me alegrar. Era interessante ver Kate contente.

— Esta noite Christian vai levar-me a Seattle.

— A Seattle?

— Sim.

— E possivelmente ali...?

— Assim espero.

— Então você gosta dele, não é?

— Sim.

— Você gosta o suficiente para...?

— Sim.

Ergueu as sobrancelhas.

— Uau. Por fim Ana Steele se apaixona por um homem, e é Christian Grey, o bonito e sexy multimilionário.

— Claro, claro, é apenas pelo dinheiro.

Sorri afetadamente até que ao final tivemos ambas, um ataque de riso.

— Essa blusa é nova? — Perguntou-me.

Deixei que ela soubesse todos os detalhes desinteressantes sobre a minha noite.

— Já te beijou? —Perguntou-me enquanto preparava um café.

Ruborizei-me.

— Uma vez.

— Uma vez! — Exclamou.

Assenti bastante envergonhada.

— É muito reservado.

Kate franziu o cenho.

— Que estranho.

— Não acredito, na verdade, que a palavra seja "estranho".

— Temos que nos assegurar de que esta noite esteja irresistível. — Disse-me muito decidida.

OH, não... Já vejo que vai ser um tempo perdido, humilhante e doloroso.

— Tenho que estar no trabalho em uma hora.

— Pode trabalhar nesse tempo. Vamos.

Kate segurou em minha da mão e me levou para casa.

Embora houvesse muito trabalho no Clayton's, as horas passaram-se lentamente. Como estamos em plena temporada do verão, tenho que passar duas horas repondo as estantes depois de ter fechado a loja. É um trabalho mecânico que me deixava tempo para pensar. A verdade é que em todo o dia não pude fazê-lo.

Seguindo os conselhos incansáveis e francamente impertinentes de Kate, depilei minhas pernas, axilas e sobrancelhas, assim fiquei com a pele toda irritada. Era uma experiência muito desagradável, mas Kate me assegurou que era o que os homens esperavam nestas circunstâncias. Que mais esperará Christian? Tenho que convencer Kate de que quero fazê-lo. Por alguma estranha razão, ela não confiava nele, possivelmente porque fosse tão tenso e formal. Avisei-a que não saberia dizer como, mas prometi que lhe enviaria uma mensagem assim que chegasse a Seattle. Não falei nada sobre o helicóptero para que não enlouquecesse.

Também havia a questão sobre José. Havia três mensagens e sete chamadas perdidas suas no meu celular. Também ligou para casa, duas vezes. Kate tem sido muito vaga a respeito de onde eu estou. Ele vai saber que ela me encobre. Kate sempre era muito franca. Mas decidi deixá-lo sofrer um pouco. Ainda estou zangada com ele.

Christian comentou algo sobre uns papéis, e não sei se estava de brincadeira ou se ia ter que assinar algo. Desesperei-me por ter que andar conjecturando todo o tempo. E para o cúmulo das desgraças, estou muito nervosa. Hoje é o grande dia. Estou preparada por fim? Minha deusa interior me observava golpeando impaciente o chão com um pé. Faz anos que está preparada, e está preparada para algo com alguém como Christian Grey, embora ainda não entenda o que vê em mim... a pacata Ana Steele... Não fazia sentido.

Era pontual, é obvio, e quando saí do Clayton's já me esperava, apoiado na parte de trás do carro. Abriu a porta para mim e sorriu cordialmente.

— Boa tarde, senhorita Steele. — Disse-me.

— Sr. Grey.

Inclinei a cabeça educadamente e entrei no assento traseiro do carro. Taylor estava sentado ao volante.

— Olá, Taylor, — Disse-lhe.

— Boa tarde, Srta. Steele. — Respondeu-me em tom educado e profissional.

Christian entrou pela outra porta e brandamente me apertou a mão. Um calafrio percorreu todo meu corpo.

— Como foi o trabalho? — Perguntou-me.

— Interminável. — Respondi-lhe com voz rouca, muito baixa e cheia de desejo.

— Sim, o meu também, pareceu muito longo.

—O que tem feito? — Consegui perguntar.

— Andei com Eliot.

Seu polegar acariciava meus dedos por trás. Meu coração deixou de bater e minha respiração se acelerou. Como é possível que me afete tanto?

Apenas tocou uma pequena parte de meu corpo, e meus hormônios dispararam.

O heliporto estava perto, assim, antes que me desse conta, já havíamos chegado. Perguntei-me onde estaria o lendário helicóptero. Estamos em uma zona da cidade repleta de edifícios, e até eu sei que os helicópteros necessitam espaço para decolar e aterrissar. Taylor estacionou, saiu e abriu minha porta. Em um momento, Christian estava ao meu lado e pegou minha mão novamente.

— Preparada? — Perguntou-me.

Assenti. Queria lhe dizer: "Para tudo", mas estava muito nervosa para articular qualquer palavra.

— Taylor.

Fiz um gesto para o chofer, entramos no edifício e nos dirigimos para os elevadores. Um elevador! A lembrança do beijo daquela manhã voltou a me obcecar.

Não pensei em nada mais por todo o dia. Mesmo no Clayton's não podia tirar tudo da cabeça. O Sr. Clayton precisou gritar comigo duas vezes para que voltasse para a Terra. Dizer que estive distraída era pouco. Christian me olhou com um ligeiro sorriso nos lábios. Ah! Ele também estava pensando no mesmo.

— São apenas três andares. — disse-me com olhos divertidos.

Tenho certeza que tem telepatia. É horripilante.

Pretendi manter o rosto impassível quando entramos no elevador. As portas se fecharam e aí está a estranha atração elétrica, crepitando entre nós, apoderando-se de mim. Fechei os olhos em uma vã intenção de dissipá-la. Ele apertou minha mão com força, e cinco segundos depois as portas se abriram no terraço do edifício. E lá estava, um helicóptero branco com as palavras GREY ENTERPRISES HOLDINGS, Inc. em cor azul e o logotipo da empresa de outro lado. *Certamente que isto é esbanjar os recursos da empresa.*

Ele me levou a um pequeno escritório onde um velho estava sentado atrás da mesa.

— Aqui está seu plano de vôo, Sr. Grey. Revisamos tudo. Está preparado, lhe esperando, senhor. Pode decolar quando quiser.

— Obrigado, Joe. — Respondeu-lhe Christian com um sorriso quente.

Ora, alguém que merecia que Christian o tratasse com educação. Possivelmente não trabalhava para ele. Observei o ancião assombrada.

— Vamos. — Disse-me Christian.

E nos dirigimos ao helicóptero. De perto era muito maior do que pensava. Supunha que seria um modelo pequeno, para duas pessoas, mas contava com, no mínimo, sete assentos. Christian abriu a porta e me indicou um assento na frente.

— Sente-se. E não toque em nada. — Ordenou-me e subiu por trás de mim.

Fechou a porta. Alegrei-me que toda a zona ao redor estivesse iluminada, porque do contrário, nada se veria na cabine. Acomodei-me no assento que me indicou e ele se inclinou para mim para me atar o cinto de segurança. É um cinto de quatro pontos com todas as tiras se conectando a um fecho central. Apertou tanto as duas tiras superiores, que eu não podia me mover.

Ele estava tão próximo a mim, muito concentrado no que fazia. Se pudesse me inclinar um pouco para frente, afundaria o nariz em seu cabelo. Cheirava a limpo, fresco, divino, mas eu estava firmemente atada ao assento e não podia me mover. Levantou o olhar para mim e sorriu, como se lhe divertisse essa brincadeira que apenas ele entendesse. Seus olhos brilharam. Estava tentadoramente perto. Contive a respiração enquanto me aperta uma das tiras superiores.

— Está segura. Não pode escapar. — Sussurrou-me. — Respira, Anastásia. — Acrescentou em tom doce.

Aproximou-se, acariciou meu rosto, correndo os dedos longos até meu queixo, que pegou entre o polegar e o indicador. Inclinou-se para frente e me deu um rápido e casto beijo. Fiquei impactada, me revolvendo por dentro ante o excitante e inesperado contato de seus lábios.

— Eu gosto deste cinto. — Sussurrou-me.

O que?

Acomodou-se ao meu lado, atou-se ao seu assento e em seguida começou um processo de verificar medidores, virar interruptores e apertar botões do enorme gama de marcadores, luzes e botões na minha frente. Pequenas esferas piscaram luzinhas, e todo o painel de comando estava iluminado.

— Ponha os fones de ouvido — Disse-me apontando uns fones na minha frente.

Coloquei-os e o motor começou a girar. Era ensurdecedor. Ele também colocou os fones e seguiu movendo as alavancas.

— Estou fazendo todas as comprovações prévias ao vôo.

Ouvi a imaterial voz de Christian pelos fones. Virou-se para mim e sorriu.

— Sabe o que faz? — Perguntei-lhe.

Voltou-se para mim e sorriu.

— Fui piloto por quatro anos, Anastásia. Está a salvo comigo. — Disse sorrindo-me de orelha a orelha. — Bom, ao menos enquanto estivermos voando. — Acrescentou com uma piscadela.

Piscando... Christian!

— Pronta?

Concordei com os olhos muito abertos.

— De acordo, torre de controle. Aeroporto de Portland, aqui é Charlie Tango Golfe – Golf Echo Hotel, preparado para decolar. Espero confirmação, câmbio.

— Charlie Tango, adiante. Aqui é aeroporto de Portland, avance por um-quatro-mil, direção zero-um-zero, câmbio.

— Entendido, torre, aqui Charlie Tango. Câmbio e desligo. Em marcha. — Acrescentou dirigindo-se a mim.

O helicóptero se elevou pelos ares lenta e brandamente.

Portland desapareceu enquanto adentrávamos ao espaço aéreo, embora meu estômago ficasse ancorado no Oregón. Uau! As luzes se reduziram até converterem-se em uma ligeira piscada a nossos pés. É como olhar para o exterior de um aquário. Uma vez no alto, a verdade é que não se vê nada. Está tudo muito escuro. Nem sequer a lua iluminava um pouco nosso trajeto. Como poderia ver por onde vamos?

— Inquietante, não é? — Christian disse-me pelos fones.

— Como sabe que vai na direção correta?

— Aqui. — Respondeu-me assinalando com seu comprido dedo um indicador com uma bússola eletrônica. — É um Eurocopter EC135. Um dos mais seguros. Está equipado para voar a noite. — Olhou-me e sorriu, — Em meu edifício há um heliporto. Dirigimo-nos para lá.

Óbvio que em seu edifício havia um heliporto. Senti-me totalmente por fora. As luzes do painel de controle lhe iluminavam ligeiramente o rosto. Estava muito concentrado e não deixava de controlar os diversos mostradores situados em frente a ele. Observo seus traços com todos os detalhes. Tem um perfil muito bonito, o nariz reto e a mandíbula quadrada. Eu gostaria de deslizar a língua por sua mandíbula. Não se barbeou, e sua barba de dois dias fez a perspectiva duplamente tentadora. Mmm...

Eu gostaria de sentir sua aspereza sob minha língua, meus dedos, meu rosto.

— Quando voa de noite, não vê nada. Tem que confiar nos aparelhos. — Disse interrompendo minha fantasia erótica.

— Quanto durará o vôo? — Consegui dizer, quase sem fôlego.

Não estava pensando em sexo, de jeito nenhum...

— Menos de uma hora... Temos o vento a favor.

Menos de uma hora para Seattle... Nada mal. Claro, estávamos voando.

Eu tenho menos de uma hora antes da grande revelação. Sinto todos os músculos da barriga contraídos. Tenho um grave problema com as mariposas. Reproduzem-se em meu estômago. O que me terá preparado?

— Está bem, Anastásia?

— Sim.

Respondi-lhe com a máxima brevidade porque os nervos me oprimiam.

Acredito que sorriu, mas é difícil ter certeza na escuridão. Christian acionou outro botão.

— Aeroporto de Portland, aqui Charlie Tango, em um-quatro-mil, câmbio.

Trocava informação com o controle de tráfego aéreo. Soou-me tudo muito profissional. Acredito que estamos passando do espaço aéreo de Portland para o do aeroporto de Seattle.

— Entendido, Seattle, preparado, câmbio e desligo.

Apontou um pequeno ponto de luz à distância e disse:

— Olhe. Aquilo ali é Seattle.

— Sempre impressiona assim às mulheres? "Venha dar uma volta em meu helicóptero"? — Perguntei-lhe realmente interessada.

— Nunca trouxe a uma mulher ao helicóptero, Anastásia. Também isto é uma novidade. — Respondeu-me em tom tranquilo, embora sério.

Ora, não esperava esta resposta. Também uma novidade? Ah, referia-se a dormir com uma mulher?

— Está impressionada?

— Sinto-me sobressaltada, Christian.

Sorriu.

— Sobressaltada?

Por um instante demonstrou ter sua idade.

Assenti.

— Faz tudo... tão bem.

— Obrigado, Srta. Steele — Disse-me educadamente.

Acredito que gostou de meu comentário, mas não estou segura.

Durante um momento atravessamos a escura noite em silêncio. O ponto de luz de Seattle ficava cada vez maior.

— Torre de Seattle ao Charlie Tango. Plano de vôo à Escala em ordem. Adiante, por favor. Preparado. Câmbio.

— Aqui Charlie Tango, entendido, Seattle. Preparado, câmbio e desligo.

— Está claro que você se diverte. — Murmurei.

— O que?

Encarou-me. A tênue luz dos instrumentos parecia zombador.

— Voar. — Respondi-lhe.

— Exige controle e concentração... como não iria me encantar? Embora o que mais gosto é planejar.

— Planejar?

— Sim. Vôo sem motor, para que me entenda. Planadores e helicópteros. Piloto as duas coisas.

— Ah!

Passatempos caros. Lembrei-me que me disse isso na entrevista. Eu gosto de ler e de vez em quando vou ao cinema. Nada de mais.

— Charlie Tango, adiante, por favor, câmbio.

A voz imaterial do controle de tráfego aéreo interrompeu minhas fantasias. Christian respondia em um tom seguro de si mesmo.

Seattle estava cada vez mais perto. Agora estamos nos subúrbios. Uau! Era absolutamente impressionante. Seattle de noite, do céu...

— É bonito, não é verdade? — Perguntou-me Christian em um murmúrio.

Aquiesci entusiasmada. Parecia de outro mundo, irreal, e sinto como se estivesse em um gigante estúdio de cinema, possivelmente no filme favorito de José, Blade Runner.

A lembrança de José tentando me beijar me incomodava. Começo a me sentir um pouco cruel por não ter respondido a suas chamadas. *Tenho certeza que pode esperar até a manhã.*

— Chegaremos em alguns minutos. — Christian murmurou.

E de repente senti meus ouvidos zumbirem, o coração disparar e a adrenalina percorrer meu corpo. Ele recomeçou a falar com o controle de tráfego aéreo, mas já não o escutava. Acreditava que iria desmaiar. Meu destino estava em suas mãos.

Voamos entre edifícios, e em frente a nós vi um arranha céu com um heliporto no terraço. A palavra "Escala" estava pintada em branco no topo do edifício. Estava cada vez mais perto, ia aumentando... como minha ansiedade. *Deus, eu esperava não decepcioná-lo.*

Ele vai me achar desprovida de alguma forma. Gostaria que tivesse atendido a Kate e tivesse posto um de seus vestidos, mas eu gostava de meu jeans negro, e vestia uma camisa verde e uma jaqueta negra de Kate. Estava bastante elegante. Agarrei-me à borda de meu assento cada vez com mais força. *I posso fazer isso, eu posso fazer isso*, repetia-me como um mantra enquanto nos aproximávamos do arranha céu.

O helicóptero reduziu a velocidade e ficou suspenso no ar. Christian aterrissou na pista do terraço do edifício. Tinha um nó no estômago. Não saberia dizer se eram nervos pelo que iria acontecer, ou alívio por termos chegado vivos, ou medo que a coisa não acontecesse bem. Desligou o motor, e o movimento e o ruído do rotor diminuiu até que, só o que se ouvia era o som da minha respiração entrecortada. Christian retirou os fones e se inclinou para tirar os meus.

— Chegamos. — Disse-me em voz baixa.

Seu olhar era intenso, a metade na escuridão e a outra metade iluminada pelas luzes brancas de aterrissagem. Uma metáfora muito adequada para Christian: o cavalheiro escuro e o cavalheiro branco. Parecia tenso. Cerrou a mandíbula e entrecerrou os olhos. Abriu seu cinto de segurança e se inclinou para abrir o meu. Seu rosto estava a centímetros do meu.

— Não tem que fazer nada que não queira fazer. Você sabe, não é?

Seu tom era muito sério, inclusive angustiado, e seus olhos, ardentes. Pegou-me de surpresa.

— Nunca faria nada que não quisesse fazer, Christian.

E enquanto lhe dizia, sentia que não estava de todo convencida, porque nestes momentos certamente faria algo pelo homem que estava sentado ao meu lado. Mas minhas palavras funcionaram e Christian se acalmou.

Encarou-me um instante com cautela e logo, apesar de ser tão alto, moveu-se com elegância até a porta do helicóptero e a abriu. Pulou, esperou-me e agarrou minha mão para me ajudar a descer à pista. No terraço do edifício havia muito vento e me punha nervosa o fato de estar em um espaço aberto a uns trinta andares de altura. Christian passou o braço pela minha cintura e me puxou firmemente contra ele.

— Vamos. — Gritou-me por cima do ruído do vento.

Arrastou-me até um elevador, digitou um número em um painel, e a porta se abriu. No elevador, completamente revestido de espelhos, fazia calor. Podia ver Christian em quantidade, para onde quer que eu olhasse, e a coisa boa era que ele também podia ver várias de mim. Digitou outro código, e as portas se fecharam e o elevador começou a descer.

Em poucos momentos estávamos em um vestíbulo totalmente branco. No meio havia uma mesa redonda de madeira escura com um enorme buquê de flores brancas. As paredes estavam cheias de quadros. Abriu uma porta dupla, e o branco se prolongou por um amplo corredor que nos levou até a entrada de uma sala palaciana. É o salão principal, de teto muito alto. Qualificá-lo de "enorme" seria pouco. A parede do fundo era de cristal e dava em uma sacada com uma magnífica vista da cidade.

À direita havia um imponente sofá em forma de “U” que permitiam sentar-se comodamente dez pessoas. Frente a ele, uma lareira ultramoderna de aço inoxidável... ou, possivelmente, de platina. O fogo aceso iluminava brandamente. À esquerda, junto à entrada, estava a área da cozinha. Toda branca, com as bancadas de madeira escura e um bar em que podiam sentar-se seis pessoas.

Junto à área da cozinha, em frente à parede de cristal, havia uma mesa de jantar rodeada de dezesseis cadeiras. E no fundo havia um enorme piano negro e resplandecente. Claro... certamente também tocava piano. Em todas as paredes havia quadros de todo tipo e tamanho. Em realidade, o apartamento parecia mais uma galeria que uma moradia.

— Dê-me a jaqueta? — Christian perguntou-me.

Nego com a cabeça. Ainda estava com frio da pista do helicóptero.

— Quer tomar uma taça? — Perguntou-me.

Pisquei. Depois do que se passou ontem? Está de brincadeira ou o que? Por um segundo pensei em lhe pedir uma *marguerita*, mas não me atrevi.

— Eu tomarei uma taça de vinho branco. Você quer uma?

— Sim, obrigada. — Murmurei.

Sentia-me incômoda neste enorme salão. Aproximei-me da parede de cristal e me dei conta de que a parte inferior do painel se abria a sacada em forma de acordeão. Abaixo se via Seattle, iluminada e animada. Volto para a área da cozinha, demorei uns segundos, porque estava muito longe da parede de cristal, onde Christian abria um vinho. Retirou sua jaqueta.

— Acha que está bem um Pouily Fumei?

— Não tenho a menor ideia sobre vinhos, Christian. Estou certa de que será perfeito.

Falei em voz baixa e entrecortada. Meu coração batia muito depressa. Queria sair correndo. Isto era luxo de verdade, de uma riqueza exagerada, tipo Bill Gates.

O que estava fazendo aqui? *Sabia muito bem o que estava fazendo aqui*, logrou meu subconsciente. Sim, quero ir para cama com Christian Grey.

— Toma. — Disse-me ao estender uma taça de vinho.

Até as taças são luxuosas, de cristais grossos e muito modernos. Tomei um gole. O vinho era ligeiro, fresco e delicioso.

— Você está muito quieta, e nem mesmo está corada. A verdade é que acredito que nunca te vi tão pálida, Anastásia. — Murmurou. — Está com fome?

Neguei com a cabeça. Não de comida.

— Que casa tão grande.

— Grande?

— Grande.

— É grande. — Admitiu com um olhar divertido.

Tomei outro gole do vinho.

— Sabe tocar? — Perguntei-lhe apontando para o piano.

— Sim.

— Bem?

— Sim.

— Claro, como não. Há algo que não faça bem?

— Sim... umas duas ou três coisas.

Tomou um gole de vinho sem tirar os olhos de cima de mim. Sinto que seu olhar me seguia quando me virei e olhei o imenso salão. Mas não deveria chamar-lhe "salão".

Não é um salão, a não ser uma declaração de princípios.

— Quer te sentar?

Concordei com a cabeça. Agarrou minha mão e me levou ao grande sofá de cor nata. Enquanto me sentava, assaltava-me a ideia de que pareço Tess Durbeyfield observando a nova casa do notário Alec d'Urbervile. A ideia me fez sorrir.

— O que te parece tão divertido?

Estava sentado ao meu lado, me olhando. Descansava a cabeça sobre a mão direita e o cotovelo estava apoiado na parte de trás do sofá.

— Por que me deu de presente precisamente Tess, de D'Urberville? — Perguntei-lhe.

Christian me olhou fixamente um momento. Acredito que lhe surpreendeu minha pergunta.

— Bom, disse-me que gostava de Thomas Hardy.

— Só por isso?

Até eu sou consciente de que minha voz soava decepcionada. Apertou os lábios.

— Pareceu-me apropriado. Eu poderia te empurrar para algum ideal impossível, como Angel Clare, ou te corromper completamente, como Alec d'Urbervile. — Murmurou.

Seus olhos brilharam impenetráveis e perigosos.

— Se apenas houver duas possibilidades, escolho a corrupção. — sussurrei enquanto o encarava.

Meu subconsciente me observava assombrada. Christian ficou boquiaberto.

— Anastásia, deixa de morder o lábio, por favor. Desconcentra-me. Não sabe o que diz.

— Por isso estou aqui.

Franziu o cenho.

— Sim. Desculpa-me um momento?

Desapareceu por uma grande porta no outro extremo do salão. Voltou em dois minutos com uns papéis nas mãos.

—Isto é um acordo de confidencialidade. — Encolheu os ombros e pareceu ligeiramente incômodo. — Meu advogado insistiu.

Estendeu-me os papéis. Fiquei totalmente perplexa.

— Se escolher a segunda opção, a corrupção, terá que assiná-los.

— E se não quiser assinar nada?

— Então fica com os ideais de Angel Clare, bom, ao menos na maior parte do livro.

— O que implica este acordo?

— Implica que não pode contar nada do que aconteça entre nós. Nada a ninguém.

Observei-o sem dar crédito. Merda. Tem que ser ruim, ruim de verdade, e agora tenho muita curiosidade por saber do que se trata.

— De acordo, assinarei.

Estendeu-me uma caneta.

— Nem sequer vai ler?

— Não.

Franziu o cenho.

— Anastásia, sempre deveria ler tudo o que assina. — Arremeteu.

— Christian, o que não entende é que em nenhum caso falaria sobre nós com ninguém. Nem sequer com Kate. Assim que dá no mesmo se assinar um acordo ou não. Se for tão importante para ti ou para seu advogado... que é óbvio que *você* falou de mim para ele, de acordo. Assinarei.

Observou-me fixamente e assentiu muito sério.

— Boa observação, Srta. Steele.

Assinei as duas cópias com um grandiloquente gesto e lhe devolvi uma. Dobrei a outra, enfiei-a na minha bolsa e tomei um comprido gole de vinho. Parecia muito mais valente do que em realidade me sentia.

— Quer dizer com isso que vais fazer amor comigo esta noite, Christian?

Maldita seja! Acabei de dizer isso? Abri ligeiramente a boca, mas em seguida se recompus.

— Não, Anastásia, não quer dizer isso. Em primeiro lugar, eu não faço amor. Eu fodo... duro. Em segundo lugar, temos muito mais papelada que arrumar. E em terceiro lugar, ainda não sabe do que se trata. Ainda poderia sair correndo. Veem, quero te mostrar meu quarto de jogos.

Fiquei boquiaberta. *Fodo duro!* Minha mãe. Isso soa tão... quente. Mas por que vamos ver um quarto de jogos? Estou perplexa.

— Quer jogar Xbox? — Perguntei-lhe.

Riu às gargalhadas.

— Não, Anastásia, nem Xbox, nem PlayStation. Venha.

Levantou-se e me estendeu a mão. Deixei que me levasse de volta para o corredor. À direita das portas duplas, de onde viemos havia outra porta que dava a uma escada.

Subimos ao andar de cima e viramos à direita. Retirou uma chave do bolsinho, virou a fechadura de outra porta e respirou fundo.

— Pode partir em qualquer momento. O helicóptero está preparado para te levar aonde queira. Pode passar a noite aqui e partir amanhã pela manhã. O que disser, para mim, estará bem.

— Abre a maldita porta de uma vez, Christian.

Abriu a porta e se afastou a um lado para que eu entrasse primeiro. Voltei a olhá-lo. Queria saber o que havia ali dentro. Parei e entrei.

E senti como se ele tivesse me transportado ao século XVI, à época da Inquisição espanhola.

Puta merda.

Capítulo 07

O primeiro que notei foi o cheiro: couro, madeira e cera com um ligeiro aroma de limão. É muito agradável, e a luz é tênue, sutil. Na realidade não vejo de onde sai, de algum lugar junto ao teto e emite um resplendor ambiental. As paredes e o teto eram de cor vinho escuro, o que dava à espaçosa sala um efeito uterino e o chão era de madeira envernizada muito velha. Na parede, de frente para a porta, havia um grande X de madeira, de mogno muito brilhante, com argolas nos extremos para ficar seguro. Por cima havia uma grande grade de ferro suspensa no teto, com no mínimo de dois metros quadrados, da qual se penduravam todo o tipo de cordas e algemas brilhantes. Perto da porta, dois grandes postes reluzentes e ornados, como balaústres de um parapeito, porém maior, estavam pendurados ao longo da parede como cortinas. Deles pendiam uma impressionante coleção de varas, chicotes e curiosos instrumentos com plumas.

Junto à porta havia um móvel de mogno maciço com gavetas muitas estreitas, como se estivessem destinados a guardar amostras de um velho museu. Por um instante me perguntei o que havia dentro. *Quero saber*? No canto do fundo vejo um banco acolchoado de couro de cor vermelha, e junto à parede, uma estante de madeira onde parecia guardar tacos de bilhar, mas um observador atento descobriria que continha varas de diversos tamanhos e grossura. No canto oposto havia uma sólida mesa de quase dois metros de largura, de madeira brilhante com pernas talhadas e debaixo, dois tamboretes combinando.

Mas o que dominava o quarto era uma cama. Era maior que as camas de casal, com dossel de quatro postes talhados no estilo rococó. Parecia de finais do século XIX. Debaixo do dossel via mais correntes e algemas reluzentes. Não havia roupa de cama... apenas um colchão coberto com um lençol vermelho e várias almofadas se seda vermelha em um extremo.

A uns metros dos pés da cama havia um grande sofá Chesterfield, colocado no meio da sala, de frente para a cama. Estranha distribuição... isso de colocar um sofá de frente para a cama. E sorri comigo mesmo. Parecia raro o sofá, quando na realidade era o móvel mais normal de toda a sala. Levantei os olhos e observei o teto. Estava cheio de mosquetões, a intervalos irregulares. Perguntei-me, por um segundo, para que serviam. Era estranho, mas toda esta madeira, as paredes escuras, a tênue luz e o couro vermelho, faziam com que o quarto parecesse doce e romântico... Era

qualquer coisa menos isso. Era o que Christian entendia por doçura e romantismo.

Girei e ele estava olhando-me fixamente, como supunha, com uma expressão impenetrável. Avancei pela sala e me seguiu. As plumas tinham me intrigado. Decidi tocá-las. Era como um pequeno gato de noves rabos, porém mais grosso e com pequenas bolas de plástico nos extremos.

— É um chicote de tiras. — Christian disse em voz baixa e doce.

Um chicote de tiras... Nossa. Acredito que estou em estado de choque. Meu subconsciente sumiu, ficou mudo ou simplesmente morreu. Estou paralisada. Posso observar e assimilar, mas não articular o que sinto diante de tudo isso, porque estou em estado de choque. Qual é a reação adequada quando descobre que seu possível amante é um sádico ou um masoquista total? *Medo...* sim... essa parece ser a sensação principal. Agora percebo. Mas não dele. Não acredito que me machucaria. Bom, não sem meu consentimento. Várias perguntas nublaram minha mente. Por quê? Como? Quando? Com que frequência? Quem? Aproximei-me da cama e passei a mão por um dos postes. Era muito grosso e o talhe era impressionante.

— Diga algo — Pediu Christian com um tom enganosamente doce.

— Faz com as pessoas ou fazem com você?

Franziu a boca, não sabia se divertido ou aliviado.

— Pessoas? —Piscou um par de vezes, como se estivesse pensando o que responder. — Faço com mulheres que querem que o faça.

Não entendo.

— Se tem voluntárias dispostas a aceitá-lo, o que faço aqui?

— Porque quero fazê-lo com você, desejo.

— Oh.

Fiquei com a boca aberta. *Por quê?*

Fui para o outro canto do quarto, passei a mão pelo banco acolchoado, até a cintura e deslizei os dedos pelo couro. *Gosta de machucar as mulheres.* A ideia me deprimia.

— É um sádico?

— Sou um Amo.

Seus olhos cinza ficaram abrasadores, intensos.

— O que significa isso? — Perguntei com um sussurro.

— Significa que quero que se renda a mim, em tudo, voluntariamente.

Olhei com o cenho franzido, tentando assimilar a ideia.

— Porque faria algo assim?

— Para satisfazer-me. — Murmurou inclinando a cabeça.

Vejo que esboçou o sorriso.

Satisfazer-me! Quer que o satisfaça! Acho que fiquei com a boca aberta. *Satisfazer Christian Grey.* E nesse momento percebo que sim, que é

exatamente o que quero fazer. Quero que ele desfrute comigo. É uma revelação.

— Digamos, em termos muito simples, que quero que queira me satisfazer. — Disse em voz baixa, hipnótica.

—Como tenho que fazer?

Senti a boca seca. Queria que tivesse mais vinho. Certo, entendo o de satisfazê-lo, mas o quarto de tortura isabelino me deixou desconcertada. Quero saber a resposta?

— Tenho normas e quero que as aceite. São normas que te beneficiam e me proporcionam prazer. Se cumprir essas normas para satisfazer-me, te recompensarei. Se não, te castigarei para que aprendas. — Sussurra. Enquanto fala comigo, olho para a estante de varas.

— E em que momento entra em jogo tudo isso? — Pergunto apontando com a mão ao redor do quarto.

— É parte do pacote de incentivos. Tanto da recompensa como do castigo.

— Então desfrutará exercendo sua vontade sobre mim.

— Se trata de ganhar sua confiança e seu respeito para que me permita exercer minha vontade sobre ti. Obterei um grande prazer, inclusive uma grande alegria, caso você se submeta. Quanto mais se submeter, maior será minha alegria. A equação é muito simples.

— Certo, e o que eu ganho de tudo isso?

Encolheu os ombros no que pareceu um gesto de desculpa.

—A mim. — Limitou-se a responder.

Deus meu… Christian me observava passar a mão pela vara.

— Anastásia, não tem maneira de saber o que pensa. — Murmurou nervoso. – Vamos voltar para baixo, assim poderei me concentrar melhor. Desconcentro-me muito contigo aqui.

Estendeu uma mão, mas não sabia se agora queria segurá-la.

Kate disse que era perigoso e tinha muita razão. *Como ela sabia?* Era perigoso para minha saúde, porque sabia que iria dizer que sim. E uma parte de mim quer gritar e sair correndo por este quarto e tudo o que representa. Sinto-me muito desorientada.

— Não vou te machucar, Anastásia.

Sabia que não estava mentindo. Segurei sua mão e saí com ele do quarto.

— Quero mostrar algo, se por acaso aceitar.

Em lugar de descer as escadas, girou a direita do *quarto de jogos* como ele o chamava e avançou pelo corredor. Passamos junto a várias portas até chegarmos à última. Do outro lado havia um dormitório com uma cama de casal. Tudo era branco… tudo: os móveis, as paredes, a roupa de cama. Era limpa e fria, mas como uma vista preciosa de Seattle desde a janela de cristal.

— Este será seu quarto. Pode decorá-lo a seu gosto e ter aqui o que quiser.

— Meu quarto? Espera que venha viver aqui? — Pergunto sem poder dissimular meu tom horrorizado.

— Viver não. Apenas, digamos, de sexta à noite até a noite de domingo. Temos que conversar sobre o tema e negociar. — Acrescentou em voz baixa e duvidosa.

— Dormirei aqui?

— Sim.

— Não contigo.

—Não. Já disse. Eu não durmo com ninguém. Apenas contigo quando se embebedou até perder o sentido. — Disse em tom de reprimenda.

Aperto meus lábios. Há algo que não se encaixa. O amável e cuidadoso Christian, que me resgata quando estou bêbada e me segura amavelmente enquanto vômito e o monstro que tem um quarto especial cheio de chicotes e algemas é o mesmo?

— Onde você dorme?

— Meu quarto está abaixo. Vamos, deve sentir fome.

— É estranho, mas acho que perdi a fome. — Murmurei sem vontade.

— Tem que comer Anastásia. — Chamou minha atenção.

Segurou minha mão e voltamos para o andar de baixo.

De volta para o salão incrivelmente grande, me senti inquieta. Estou à borda de um precipício e tenho que decidir se quero saltar ou não.

— Sou totalmente consciente de que estou indo por um caminho escuro, Anastásia, e por isso quero de verdade que pense bem. Com certeza tem coisas para perguntar-me. — Disse soltando minha mão e dirigindo-se com passo tranquilo para a cozinha.

Eu tenho. Mas por onde começo?

— Assinou um acordo de confidencialidade, assim que pode perguntar o que quiser e responderei.

Estou junto à bancada da cozinha e observo como abre a geladeira e tira um prato de queijo com dois enormes cachos de uva brancas e vermelhas. Deixa o prato sobre a mesa e começa a cortar o pão.

— Sente-se. — Disse apontando um banco junto à bancada.

Obedeço a sua ordem. Se vou aceitar, terei que me acostumar. Percebo que se mostrou dominante desde que o conheci.

— Falou sobre os papéis.

— Sim.

— A que se refere?

— Bom, além do acordo de confidencialidade, há um contrato que especifica o que faremos e o que não faremos. Tenho que saber quais são seus limites, e você tem que saber quais são os meus. Trata-se de um consenso, Anastásia.

— E se não quiser?

— Perfeito. — Responde com prudência.

— Mas, não teremos nenhuma relação? — Pergunto.

— Não.

—Por quê?

— É esse o único tipo de relação que me interessa.

— Por quê?

Encolheu os ombros.

— Sou assim.

— E como chegou a ser assim?

— Por que cada um é como é? É muito difícil saber. Porque uns gostam de queijo e outros odeiam? Você gosta de queijo? A senhora Jones, minha governanta deixou queijo para o jantar.

Tirou dois grandes pratos brancos de um armário e colocou diante de mim.

E agora começamos a falar sobre queijo... maldição...

— Que normas tenho que cumprir?

— Tenho por escrito. Veremos depois de jantar.

Comida... Como vou comer agora?

— De verdade, não tenho fome. — Sussurrei.

— Vai comer — Se limitou a responder.

O dominante Christian. Agora está tudo claro.

— Quer outra taça de vinho?

— Sim, por favor.

Serviu-me outra taça e sentou a meu lado. Dei um rápido gole.

— Fará bem comer, Anastásia.

Peguei um pequeno cacho de uvas. Com isto sim, que posso. Ele revirou os olhos.

— Faz muito tempo que está nisso? — Perguntou.

— Sim.

— É fácil encontrar mulheres que aceitem?

Ele olhou e levanto uma sobrancelha.

— Ficaria surpresa. — Respondeu friamente.

— Então, porque eu? De verdade, não entendo.

—Anastásia, já te disse. Tem algo. Não posso me afastar de você. — Sorriu ironicamente. — Sou um pássaro atraído pela luz. — Sua voz ficou trêmula. —Te desejo com loucura, especialmente agora, quando morde os lábios. — Respirou fundo e engoliu.

O estomago dava voltas. Deseja-me... de uma maneira rara... é verdade, mas este homem bonito, estranho e pervertido me deseja.

— Acho que inverteu este clichê. — Respondi.

Eu sou o pássaro e ele a luz e vou me queimar. Eu sei.

— Coma!

— Não. Ainda não assinei nada, assim, acho que farei o que quiser, se não se importa.

Seus olhos se acalmaram e seus lábios esboçaram um sorriso.

— Como quiser senhorita Steele.

— Quantas mulheres? — Perguntei de uma vez, com muita curiosidade.

— Quinze.

Nossa, menos do que pensava.

— Durante longos períodos de tempo?

— Algumas sim.

— Alguma vez machucou alguma?

— Sim.

Maldição!

— Grave?

— Não.

— Me machucaria?

— O que quer dizer?

— Se vai me machucar fisicamente.

— Te castigarei quando for necessário e será doloroso.

Acho que estou ficando enjoada. Tomei outro gole de vinho. O álcool me dará coragem.

— Alguma vez te bateram? — Pergunto.

— Sim.

Nossa, me surpreendeu. Antes que pudesse perguntar por esta última revelação, ele interrompeu o curso dos meus pensamentos.

— Vamos conversar no meu escritório. Quero mostrar algo.

Custa muito processar tudo isso. Fui tão inocente ao pensar que passaria uma noite de paixão desenfreada na cama com este homem e aqui estamos negociando um estranho acordo.

Segui até o escritório, um amplo cômodo com uma cortina desde o chão até o teto. Sentou-se na mesa e apontou com um gesto para que me sentasse em uma cadeira de couro de frente a ele e me estendeu uma folha de papel.

— Estas são as regras. Podemos mudá-las. Formam parte do contrato, que também te darei. Leia e comentaremos.

NORMAS

Obediência:

A Submissa obedecerá imediatamente todas as instruções do Amo, sem duvidar, sem reservas e de forma expressiva. A Submissa aceitará toda atividade sexual que o Amo considerar oportuna e prazerosa, exceto as atividades contempladas nos limites inquebráveis (Apêndice 2). O fará com entusiasmo e sem duvidar.

Sono:

A Submissa garantirá que dormirá no mínimo sete horas diária quando não estiver com o Amo.

Refeição:

Para cuidar de sua saúde e bem estar, a Submissa comerá frequentemente alimentos incluídos em uma lista (Apêndice 4). A Submissa não comerá entre horas, a exceção de fruta.

Roupa:

Durante a vigência do contrato, a Submissa apenas usará roupa que o Amo houver aprovado. O Amo oferecerá a Submissa uma quantia para roupas. O Amo acompanhará a Submissa para comprar roupas quando seja necessário. Se o Amo assim o exige, enquanto o contrato estiver vigente, a Submissa vestirá os adornos que exija o Amo, em sua presença ou em qualquer outro momento que o Amo considere oportuno.

Exercício:

O Amo proporcionará a Submissa um treinador pessoal quatro vezes por semana, em sessões de uma hora, horas convenientes para o treinador e a Submissa. O treinador pessoal informará ao Amo os avanços da Submissa.

Higiene pessoal e beleza:

A Submissa estará limpa e depilada a todo momento. A Submissa irá ao salão de beleza escolhido pelo Amo quando este decida e se submeterá a qualquer tratamento que o Amo considere oportuno.

Segurança pessoal:

A Submissa não beberá em excesso, não fumará, não tomará nenhuma substância psicotrópica, nem correrá riscos sem necessidade.

Qualidades pessoais:

A Submissa apenas manterá relações sexuais com o Amo. A Submissa se comportará a todo o momento com respeito e humildade. Deve compreender que sua conduta influencia diretamente na do Amo. Será responsável por qualquer ato, maldade ou má conduta que leve a cabo quando o Amo não estiver presente.

O não cumprimento de qualquer uma das normas anteriores será imediatamente castigada e o Amo determinará a natureza do castigo.

Minha Nossa!

— Limites inquebráveis? — Pergunto.

— Sim. O que você não fará e o que não farei. Temos que especificar em nosso acordo.

— Não tenho certeza se vou aceitar dinheiro para roupas. Não me parece bem.

Me movimento incomoda. A palavra «puta» soa em minha cabeça.

— Quero gastar dinheiro com você. Deixa-me comprar roupa. Talvez necessite que me acompanhe em algum ato, e quero que esteja bem vestida. Tenho certeza que com seu salário, quando encontre um trabalho não poderá pagar a roupa que gostaria que vestisse.

— Não terei que usar quando não estiver contigo?

— Não.

— Certo. *Eu penso nisso como um uniforme.*

— Não quero fazer exercícios quatro vezes por semana.

— Anastásia, necessito que esteja ágil, forte e resistente. Confie em mim, tem que fazer exercícios.

— Com certeza que não quatro vezes por semana. O que acha de três?

— Quero que seja quatro.

— Pensei que fosse uma negociação.

Franziu os lábios.

— Certo, senhorita Steele, tem razão. O que te parece uma hora três dias por semana e meia hora outro dia?

— Três dias, três horas. Você me dá a impressão de que se ocupará de que faça exercício quanto estiver aqui.

Sorriu perversamente e os olhos brilharam como se sentisse aliviado.

— Sim o farei. Certo. Tem certeza de que não quer trabalhar em minha empresa? É boa negociando.

— Não, não acho que seja uma boa ideia.

Observo a folha com suas normas. *Depilar-me! Depilar o que?*

Tudo? Uf!

— Vamos aos limites. Estes são os meus. — Disse estendendo outra folha de papel.

LÍMITES INQUEBRAVEIS:

Atos com fogo.
Atos com urina, fezes e excrementos.
Atos com agulhas, facas, perfurações e sangue.
Atos com instrumentos médicos ginecológicos.
Atos com crianças e animais.
Atos que deixem marcas permanentes na pele.
Atos relativos ao controle da respiração.

Atividade que implique contato direto com corrente elétrica, fogo e chamas no corpo.

Uf. Ele tinha que escrever! Claro... todos estes limites pareciam sensatos e necessários na verdade... Com certeza qualquer pessoa em seu juízo perfeito não iria querer este tipo de coisas. Mas seu estômago ficou enjoado.

— Quer acrescentar algo? — perguntou amavelmente.

Merda. Não tenho nem ideia. Estou totalmente perplexa. Olha para mim e enruga a testa.

— Há algo que não queira fazer?

— Não sei.

— O que é que não sabe?

Removi incomoda e mordo os lábios.

— Nunca fiz uma coisa assim.

— Bom, há algo que não goste no sexo?

Pela primeira vez, no que parecia séculos, ruborizei.

— Pode me dizer, Anastásia. Se não formos sinceros, não vai funcionar.

Volto a me mover incomoda e olho para minhas mãos.

— Diga. — Pediu-me.

— Bom... nunca dormi com ninguém, então não sei. — Digo com uma voz baixa.

Levantei os olhos até ele, que olhava com a boca aberta, paralisado e pálido, muito pálido.

— Nunca? — Sussurrou.

Assenti.

— É virgem?

Assenti com a cabeça e voltei a me ruborizar. Fechou os olhos e pareceu contar até dez, Quando os abriu, ele olhou irritado.

— Por que, porra, não me disse? — Grunhiu.

Capítulo 08

Christian percorre seu estúdio de um lado a outro passando as mãos pelo cabelo.

As duas mãos... o que quer dizer que está duplamente zangado. Seu férreo controle habitual parece haver rachado.

— Não entendo por que não me disse isso, — ele diz zangado.

— Não vi razão para isso. Não tenho por costume ir falando por aí sobre a minha vida sexual. Além disso... acabamos de nos conhecer. — Olho para as minhas mãos. Por que me sinto culpada? Por que está tão zangado? Olho para ele.

— Bom, agora sabe muito mais de mim — diz-me bruscamente, e aperta os lábios. —Sabia que não tinha muita experiência, mas... *virgem!* — Ele fala como se fosse um insulto.

— Inferno, Ana, eu acabo de te mostrar... — queixa-se. — Que Deus me perdoe. Já beijaram você alguma vez, sem que tenha sido eu?

— Claro que sim, — respondo-lhe tentando parecer ofendida. *Ok... talvez, duas vezes.*

— E nenhum rapaz bonito a fez se apaixonar? Realmente, não entendo. Tem vinte e um anos, quase vinte e dois. Você é bonita. — Volta a passar a mão pelo cabelo.

Bonita. Ruborizo-me de alegria. Christian Grey me considera bonita. Entrelaço os dedos e olho para ele fixamente, tentando dissimular meu estúpido sorriso. *Talvez ele seja míope*, meu subconsciente adormecido levanta a cabeça. Onde estava quando eu necessitava dele?

— E você está realmente falando sobre o que quero fazer, quando não tem experiência?

Junta suas sobrancelhas outra vez.

— Por que evitou o sexo? Conte-me, por favor.

Encolho os ombros.

— Ninguém realmente, você sabe... — Ninguém me fez sentir assim, só você. E no final, você é uma espécie de monstro. — Por que está tão zangado comigo? — sussurro-lhe.

— Não estou zangado contigo, estou zangado comigo mesmo. Eu pensei que... — ele suspira. Ele olha atentamente para mim e balança a cabeça. — Quer partir ? — pergunta-me, em tom gentil.

— Não, a menos que você queira que eu parta — murmuro. *Oh não... Eu não quero partir.*

— Claro que não. Eu gosto tê-la aqui. — Ele me diz franzindo o cenho e dá uma olhada ao relógio. — É tarde. — E volta a levantar os olhos para mim. — Você está mordendo o lábio. — Diz-me com voz rouca e me olha especulativo.

— Desculpe.

— Não se desculpe. É que eu também quero mordê-lo, forte.

Fico boquiaberta... Como pode me dizer essas coisas e esperar que não me afetem?

— Venha, — Ele murmura.

— O que?

— Vamos arrumar a situação agora mesmo.

— O que quer dizer? Que situação?

— Sua situação, Ana. Vou fazer amor com você, agora.

— Oh. — Sinto que o chão se move. *Sou uma situação*. Prendo a respiração.

— Isto é, se você quiser, eu quero dizer, não quero tentar a minha sorte.

— Eu pensei que você não fizesse amor. Pensei que você só fodesse duro. — Engulo em seco, de repente minha boca ficou seca.

Lança-me um sorriso perverso e os efeitos dele percorrem o meu corpo até chegar lá...

— Posso fazer uma exceção, ou talvez combinar as duas coisas, veremos. Eu realmente quero fazer amor com você. Por favor, venha para a cama comigo. Quero que nosso acordo funcione, mas você tem que ter uma ideia de onde está se metendo. Podemos começar seu treinamento esta noite... com o básico. Isso não significa que venha com flores e corações, é um meio para chegar a um fim, mas quero esse fim e espero que você o queira também. — Seu olhar cinza é intenso.

Ruborizo-me... *oh...meus*... desejos se tornaram realidade.

— Mas não tenho que fazer tudo o que pede em sua lista de normas. — Digo-lhe com voz entrecortada e insegura.

— Esqueça das normas. Esqueça de todos esses detalhes por esta noite. Desejo-te. Desejei-te desde que entrou em meu escritório, e sei que você também me deseja. Não estaria aqui conversando tranquilamente sobre castigos e limites rígidos se não me desejasse. Ana, por favor, fica comigo esta noite. — Estende-me a mão com olhos brilhantes, ardentes... excitados, e eu coloquei minha mão na sua. Ele me puxa para cima e para os seus braços, para que eu possa sentir o comprimento do seu corpo contra o meu, esta ação rápida pegou-me de surpresa. Ele passa os dedos em volta da minha nuca, pega o meu rabo de cavalo em seu pulso, puxa delicadamente e desfaz. Eu sou forçada a olhar para ele. Ele olha para mim.

— É uma garota muito valente, — sussurra-me. — Estou fascinado por você.

Suas palavras são como um artefato incendiário. Arde-me o sangue. Ele inclina-se, beija-me brandamente e me chupa o lábio inferior.

— Queria morder este lábio, — ele murmura sem separar-se de minha boca. Cuidadosamente, ele o puxa com os dentes. Eu gemo e ele sorri.

— Por favor, Ana, me deixe fazer amor com você.

— Sim, — eu sussurro. Por isso eu estou aqui. Vejo seu sorriso é triunfante quando me solta, agarra-me a mão e me conduz através do apartamento.

Seu quarto é grande. Das altas janelas, que vão do chão ao teto, pode-se ver os iluminados arranha-céus de Seattle.

As paredes são brancas, e os acessórios, azul claro. A enorme cama é ultramoderna, de madeira maciça de cor cinza, com quatro postes, mas sem dossel. Na parede da cabeceira há uma impressionante paisagem marinha.

Estou tremendo como uma folha. É isto. Por fim, depois de tanto tempo, vou fazer isso, e nada menos que com o Christian Grey. Respiro entrecortadamente e não posso tirar os olhos dele.

Ele tira o relógio e o deixa em cima de uma cômoda ao lado da cama. Ele tira a jaqueta e a deixa em uma cadeira. Ele está com uma camisa branca de linho e jeans.

Ele é absurdamente bonito. Seu cabelo cor de cobre escuro está alvoroçado, ele pendura a camisa... Seus olhos cinzentos são ousados e deslumbrantes. Descalça os sapatos e se inclina para tirar as meias, também. Os pés de Christian Grey... Uau... o que há sobre pés descalços? Ele vira-se e me olha com expressão doce.

— Suponho que não toma a pílula.

O quê? Merda.

— Temo que não. — Ele abre a primeira gaveta e saca uma caixa de camisinhas. Ele me olha fixamente.

— Tem que estar preparada, — ele murmura. — Quer que feche as persianas?

— Não me importa. — sussurro. — Pensei que permitisse a ninguém dormir em sua cama.

— Quem disse que vamos dormir? — ele murmura.

— Oh. — *Santo inferno.*

Ele aproxima-se de mim devagar. Está muito seguro de si mesmo, muito sexy, os olhos brilhantes. O meu coração dispara e o sangue dispara por todo o meu corpo. O desejo, um desejo quente e intenso, invade o meu ventre. Ele se detém na minha frente e me olha nos olhos. *Oh, ele é tão sexy...*

— Vamos tirar esta jaqueta, hein? — Ele me diz em voz baixa e agarra as lapelas e muito suavemente desliza a jaqueta pelos meus ombros. Ele a coloca em uma cadeira.

— Tem ideia do muito que a desejo, Ana Steele? — sussurra-me. Minha respiração fica presa. Não posso tirar meus olhos dos seus. Ele chega para perto e suavemente passa os dedos do meu rosto para o meu queixo.

— Tem ideia do que eu vou fazer com você? — acrescenta, me acariciando o queixo.

Os músculos de minha parte mais profunda e escura se esticam com infinito prazer.

A dor é tão doce e tão aguda que quero fechar os olhos, mas os seus, que me olham ardentes, hipnotizam-me. Inclina-se e me beija. Seus lábios são exigentes, firmes e lentos ao se acoplarem aos meus. Ele começa a desabotoar a minha blusa me beijando ligeiramente a mandíbula, o queixo e as comissuras da boca. Tira-me a jaqueta muito devagar e a deixa cair no chão. Afasta-se um pouco e me observa. Por sorte, estou vestindo o meu sutiã azul céu, rendado, que fica estupendo em mim.

Graças aos céus.

— Oh, Ana... – ele respira. –Você tem uma pele preciosa, branca e perfeita. Eu quero beijar você centímetro por centímetro.

Ruborizo-me. *Oh, meu Deus...* Por que ele me disse que não podia fazer amor? Eu farei tudo o que ele quiser.

Ele agarra meu rabo de cavalo, o desfaz e ofega quando a juba cai em cascata sobre os ombros.

— Eu gosto das morenas, — ele murmura e coloca as duas mãos entre meus cabelos, segurando em cada lado da minha cabeça. Seu beijo é exigente, sua língua e seus lábios, persuadindo os meus. Gemo e minha língua indecisa se encontra com a sua. Abraça-me e aproxima-me de seu corpo e me aperta muito forte. Uma mão segue em meu cabelo, a outra me percorre a coluna até a cintura e segue avançando, segue a curva de meu traseiro. Ela flexiona sobre a minha bunda e aperta gentilmente.

Ele me aperta contra os seus quadris, eu sinto sua ereção, que empurra languidamente contra meu corpo.

Volto a gemer sem separar os lábios de sua boca. Logo, não posso resistir às desenfreadas sensações, ou são hormônios, que me devastam o corpo. Desejo-o com loucura.

Agarro-o pelos braços e sinto seus bíceps. É surpreendentemente forte... musculoso. Com um gesto indeciso, subo as mãos até seu rosto e seu cabelo. *Santo Céus.* É tão suave, rebelde. Acariciei com cuidado e Christian geme.

Ele conduz-me devagar para a cama, até que a sinto atrás dos joelhos. Acredito que vai empurrar-me, mas não o faz. Ele solta-me, e de repente, cai sobre os joelhos. Sujeita meus quadris com as duas mãos e desliza a língua por meu umbigo, avança até o quadril me mordiscando e depois me percorre a barriga em direção ao outro lado do quadril.

— Ah, — eu gemo.

Vendo-o de joelhos na minha frente, sentindo sua língua percorrendo meu corpo, é tão excitante e sexy. Apoio as mãos em seu cabelo e puxo gentilmente tentando acalmar minha respiração acelerada.

Ele olha para mim através dos, impossivelmente, cílios longos, com seus ardentes olhos cinzentos. Sobe as mãos, desabotoa-me o botão do jeans e baixa lentamente o zíper.

Sem desviar seus olhos dos meus, suas mãos se movem sob o cós da minha calça, movendo o meu traseiro e retirando. Suas mãos deslizam lentamente do meu traseiro para as minhas coxas, removendo o meu jeans. Não posso deixar de olhá-lo. Ele detém-se e, sem tirar os olhos de mim nem por um segundo, lambe os lábios. Inclina-se para frente e passa o nariz pelo vértice onde se unem minhas coxas. Sinto-o...
Lá.

— Cheira muito bem, — ele murmura e fecha os olhos, com uma expressão de puro prazer, e eu praticamente tenho uma convulsão. Ele estende um braço, tira o edredom, empurra-me brandamente e caio sobre a cama.

Ainda de joelhos, agarra-me um pé, desabotoa meu Converse e tira meu sapato e meias. Apoio-me nos cotovelos e me levanto para ver o que faz, ofegante... morta de desejo. Agarra-me o pé pelo calcanhar e me percorre a panturrilha com a unha do polegar. É quase doloroso, mas sinto que o percurso se projeta sobre minha virilha. Gemo. Sem tirar os olhos de mim, volta a percorrer a panturrilha, desta vez com a língua, e depois com os dentes. *Merda.* Eu gemo... como eu posso sentir isso, *lá.* Caio sobre a cama gemendo. Ouço sua risada afogada.

— Ana, não imagina o que eu poderia fazer contigo — ele sussurra para mim. Ele remove o outro sapato e a meia, depois se levanta e retira totalmente o meu jeans. Estou tombada em sua cama, em calcinhas e sutiã, ele me olha atentamente.

— É muito formosa, Anastásia Steele. Morro por estar dentro de ti.

Merda. Suas palavras. Ele é tão sedutor. Corta-me a respiração.

— Mostre-me como você se dá prazer.

O que? Eu franzo o cenho.

— Não seja tímida, Ana, mostre-me, — ele sussurra.

Balanço a cabeça.

— Não entendo o que quer dizer, — respondo-lhe com voz rouca, tão cheia de desejo, que mal a reconheço.

— Como você se masturba? Quero vê-la.

Balanço a cabeça.

— Não me masturbo. — eu murmuro. Ele levanta as sobrancelhas, atônito por um momento, seus olhos escurecem e balança a cabeça como se não pudesse acreditar.

— Bem, veremos o que podemos fazer sobre isso. — Sua voz é baixa, desafiante, em um tom de deliciosamente e sensual ameaça. Ele desabotoou os botões do jeans e o tira devagar sem separar os olhos dos meus. Inclina-se sobre mim, agarra-me pelos tornozelos, separa-me rapidamente as pernas e se arrasta pela cama entre minhas pernas. Fica suspenso sobre mim. Retorço-me de desejo.

— Não se mova — ele murmura, inclina-se, beija-me a parte interior de uma coxa e vai subindo, sem deixar de me beijar, até o encaixe das minhas calcinhas.

Oh... Não posso ficar quieta. Como não vou mover-me? Retorço-me debaixo dele.

— Vamos ter que trabalhar para que aprenda a ficar quieta, querida. Ele segue me beijando a barriga e introduz a língua no umbigo. Seus lábios sobem para o norte, beijando através do meu tronco.

Minha pele arde. Estou ruborizada, muito quente, com frio, arranho o lençol sob meu corpo. Christian se deita ao meu lado e percorre com a mão do meu quadril até o meu peito, passando pela cintura. Observa-me com expressão impenetrável e me rodeia brandamente os seios com as mãos.

— Se encaixam perfeitamente em minha mão, Anastásia — ele murmura, coloca o dedo indicador pela taça de meu sutiã e abaixa muito devagar e deixando meu seio nu, empurrando para baixo a armação e o tecido. Seus dedos se moveram para o outro seio e repetiu o processo. Meus seios incharam e os mamilos se endureceram sob seu insistente olhar. O sutiã mantém meus seios elevados. — Muito bonitos — sussurra admirado, e os mamilos endurecem ainda mais.

Ele chupa gentilmente um mamilo, desliza uma mão ao outro seio e com o polegar rodeia muito devagar o outro mamilo, alongando-o. Gemo e sinto uma doce sensação descer até a minha virilha. Estou muito úmida. *Oh, por favor,* suplico internamente, agarrando com força o lençol. Seus lábios fecham ao redor de meu outro mamilo, quando o lambe, quase sinto uma convulsão.

— Vamos ver se conseguimos que você goze assim — ele sussurra-me, e segue com sua lenta e sensual incursão. Meus mamilos sentem seus hábeis dedos e seus lábios, que acendem minhas terminações nervosas até o ponto em que todo o meu corpo geme em uma doce agonia.

Ele não se detém.

— Oh... por favor, — suplico-lhe, jogo a cabeça para trás, com a boca aberta e gemo, sinto minhas pernas endurecerem. Maldição, o que está acontecendo comigo?

— Deixe vir, querida, — ele murmura. Aperta-me um mamilo com os dentes, com o polegar e o indicador aperta forte o outro, me deixo cair em suas mãos, meu corpo convulsiona e estala em mil pedaços. Ele beija-me,

profundamente, colocando a língua na minha boca para absorver meus gritos.

Meu deus! Isso foi fantástico. Agora eu sei que todo o alarido é sobre a minha reação. Ele me olha com um sorriso satisfeito, embora esteja segura de que não é mais que gratidão e admiração por mim.

— É muito receptiva, — Ele respira. — Terá que aprender a controlá-lo, e será muito divertido te ensinar como. — Ele me beija outra vez.

Minha respiração ainda está irregular, enquanto me recupero do orgasmo. Desliza uma mão até minha cintura, meus quadris, para as minhas partes íntimas... *caramba.* Introduz um dedo pela renda e lentamente começa a riscar círculos ao redor do meu... *lá*. Ele fecha os olhos por um instante e contém a respiração.

— Você está tão deliciosamente úmida. Deus, quanto eu te desejo. — Introduz um dedo dentro de mim e eu grito, enquanto o tira e volta a colocá-lo. Esfrega-me o clitóris com a palma da mão, e grito de novo. Segue me introduzindo o dedo, cada vez com mais força. Gemo.

De repente se senta, tira-me a calcinha e a joga no chão. Ele tira também sua cueca e libera sua ereção. Minha nossa! Estica o braço até a mesinha da cama, agarra um pacotinho prateado e se move entre minhas pernas para que se abram. Ajoelha-se e desliza a camisinha por seu membro enorme. Oh, não... *Será que vai? Como?*

— Não se preocupe, — sussurra, me olhando nos olhos. — Você também se dilatará. — Inclina-se apoiando as mãos a ambos os lados de minha cabeça, de modo que fica suspenso sobre mim. Olha-me nos olhos com a mandíbula apertada e os olhos ardentes. Neste momento me dou conta de que ainda está vestindo a camisa.

— Tem certeza que quer fazê-lo? — pergunta-me em voz baixa.

— Por favor, — suplico-lhe.

— Levante os joelhos, — ordena-me em tom suave e obedeço imediatamente. — Agora vou fodê-la, senhorita Steele... — murmura colocando a ponta de seu membro ereto na entrada de meu sexo — Duro, — ele sussurra e me penetra bruscamente.

— Aaai! — eu grito, ao sentir uma sensação de aperto dentro de mim, enquanto ele rasga através da minha virgindade. Ele fica imóvel e me observa com olhos brilhantes com triunfo, em êxtase.

Tem a boca ligeiramente aberta e lhe custa respirar. Ele geme.

— É muito apertada. Está bem?

Concordo, com meus olhos arregalados e me agarrando a seus braços. Sinto-me tão cheia. Ele continua imóvel para que me acostume com a invasiva e entristecedora sensação de tê-lo dentro de mim.

— Vou mover-me, querida, — sussurra-me um momento depois, em tom firme.

Oh.

Ele retrocede com deliciosa lentidão. Fecha os olhos, geme e volta a me penetrar. Grito pela segunda vez e ele se detém.

— Mais? — sussurra-me com voz selvagem.

— Sim, — respondo-lhe. Ele volta a me penetrar e a deter-se.

Gemo. Meu corpo o aceita... Oh, quero que continue.

— Outra vez? — pergunta-me.

— Sim. - respondo-lhe em tom de súplica.

E ele se move, mas esta vez não se detém. Apoia-se nos cotovelos, de modo que sinto seu peso sobre mim, me aprisionando. A princípio se move devagar, entra e sai de meu corpo. E à medida que vou me acostumando à estranha sensação, começo a mover os quadris com os seus.

Ele acelera. Gemo e ele investe com força, cada vez mais depressa, sem piedade, a um ritmo implacável, eu mantenho o ritmo de suas investidas. Ele pega a minha cabeça com as mãos, beija-me bruscamente e volta a morder meu lábio inferior com os dentes. Ele mudou um pouco e sinto que algo cresce no mais profundo de mim, como antes. Vou me pondo esticada à medida que me penetra uma e outra vez. Meu corpo treme, arqueio-me, estou banhada em suor. *Oh, meu Deus...* Eu não sabia que iria me sentir assim... Não sabia que a sensação podia ser tão agradável. Meus pensamentos se dispersam... Não há mais que sensações... Só ele... Só eu... Oh, por favor... Meu corpo fica rígido.

— Goze para mim, Ana, — ele sussurra sem fôlego e me deixo gozar assim que diz, explodindo ao seu redor com meu clímax e me dividindo em mil pedaços sob seu corpo. E enquanto ele também goza, grita meu nome, dá uma última investida e fica imóvel, como se tivesse se esvaziado dentro de mim.

Ainda estou ofegante, tentando acalmar a minha respiração e os batimentos do meu coração, e meus pensamentos estão em desordem desenfreada. Uau... foi algo incrível. Abro os olhos e ele apoiou sua testa na minha. Tem os olhos fechados e sua respiração é irregular. Christian pisca, abre os olhos e me lança um olhar turvo, embora doce. Ele continua dentro de mim. Inclina-se, beija-me brandamente na testa e, muito devagar, começa a sair de meu corpo.

— Oooh. — É uma sensação estranha, que me faz estremecer.

— Eu te machuquei? — Christian pergunta-me, enquanto tomba ao meu lado, apoiando-se em um cotovelo. Passa-me uma mecha de cabelo por detrás da orelha. E não posso evitar esboçar um amplo sorriso.

— Você está, realmente, perguntando se me machucou?

— Não me venha com ironias, — diz-me com um sorriso zombador. — Sério, você está bem? — Seus olhos são intensos, perspicazes, inclusive exigentes.

Eu me estico ao seu lado, sentindo os membros enfraquecidos, com os ossos como se fossem de borracha, mas estou relaxada, muito relaxada.

Sorrio-lhe. Não posso deixar de sorrir. Agora eu sei o porquê de tanto barulho.

Dois orgasmos... todo o seu ser completamente descontrolado, como se estivesse dentro da centrifuga de uma secadora. Uau.

Não tinha nem ideia do que meu corpo era capaz, de que podia esticar-se tanto e liberar-se de forma tão violenta, tão gratificante. O prazer foi indescritível.

— Você está mordendo o lábio, e não me respondeu. — Ele franziu a testa. Eu sorrio para ele de forma travessa. Ele parece glorioso com seu cabelo desgrenhado, seus ardentes olhos cinza estavam entrecerrados e sua expressão sombria.

— Eu gostaria de voltar a fazê-lo, — eu sussurro. Por um momento acredito ver uma fugaz expressão de alívio em seu rosto. Logo troca rapidamente de expressão e me olha com olhos velados.

— Agora mesmo, senhorita Steele? — murmura secamente. Inclina-se sobre mim e me beija brandamente na comissura da boca. — Não é um pouco exigente? Vire-se.

Pisquei várias vezes, mas ao final, viro-me. Desabotoa-me o sutiã e desliza a mão das costas até o traseiro.

— Tem uma pele realmente preciosa, — ele murmura. Coloca uma perna entre as minhas e fica meio convexo sobre minhas costas. Sinto a pressão dos botões de sua camisa enquanto me retira o cabelo do rosto e me beija no ombro.

— Por que você não tirou a camisa? — pergunto-lhe. Ele fica imóvel. Depois de um momento, tira a camisa e volta a tombar-se em cima de mim. Sinto sua cálida pele sobre a minha. Mmm... É uma maravilha. Tem o peito coberto por uma ligeira capa de pelos, que me faz cócegas nas costas.

— Então você quer que eu a foda novamente? — sussurra-me ao ouvido, e começa a me beijar muito suavemente ao redor da minha orelha e no pescoço.

Suas mãos se movem para baixo, deslizando pela minha cintura, pelo meu quadril, pela minha coxa e para a parte de trás do meu joelho. Ele empurra meu joelho mais alto, e me corta a respiração... *Oh meu Deus, o que está fazendo agora?* Ele mete-se entre minhas pernas, pressiona-se contra as minhas costas e me passa a mão pela coxa até o traseiro. Acaricia-me devagar as nádegas e depois desliza os dedos entre minhas pernas.

— Vou foder você por trás, Anastásia, — ele murmura, e com a outra mão me agarra pelo cabelo à altura da nuca e puxa ligeiramente para me colocar. Não posso mover a cabeça. Estou imobilizada debaixo dele, indefesa.

— Você é minha, — ele sussurra. — Só minha. Não se esqueça. — Sua voz é embriagadora, e suas palavras, sedutoras. Noto como cresce sua ereção contra minha coxa.

Desliza os dedos e me acaricia gentilmente o clitóris, fazendo círculos muito devagar. Sinto sua respiração através do meu rosto, enquanto me mordisca ao longo da minha mandíbula.

— Seu cheiro é divino, — Acaricia-me atrás da orelha com o nariz. Esfrega as mãos contra meu corpo uma e outra vez. Em um instinto reflexo, começo a riscar círculos com os quadris, ao compasso de sua mão, e um prazer enlouquecedor me percorre as veias como se fosse adrenalina.

— Não se mova, — ordena-me em voz baixa, embora imperiosa, e lentamente me introduz o polegar e o gira acariciando as paredes de minha vagina. O efeito é alucinante. Toda minha energia se concentra nessa pequena parte de meu corpo. Gemo.

— Você gosta? — Pergunta-me em voz baixa, passando os dentes pela minha orelha, e começa a mover o polegar lentamente, dentro, fora, dentro, fora... com os dedos ainda riscando círculos.

Fecho os olhos e tento controlar minha respiração, tento absorver as desordenadas e caóticas sensações que seus dedos desatam em mim enquanto o fogo me percorre o corpo. Volto a gemer.

— Está muito úmida e é muito rápida. Muito receptiva. Oh, Anastásia, eu gosto, eu gosto muito, — ele sussurra.

Quero mover as pernas, mas não posso. Tem-me aprisionada e mantém um ritmo constante, lento e tortuoso. É absolutamente maravilhoso. Gemo de novo e de repente, ele se move.

— Abre a boca, — pede-me e introduz o polegar na minha boca. Pestanejo freneticamente.

— Veja como é o seu gosto, — sussurra-me ao ouvido. — Chupe-me, querida. — Pressiona a língua com o polegar, fecho a boca ao redor de seu dedo e chupo grosseiramente. Sinto o sabor salgado de seu polegar e a acidez ligeiramente metálica do sangue. *Porra.* Isto é errado, mas é terrivelmente erótico.

— Quero foder sua boca, Anastásia, e logo o farei, — diz-me com voz rouca, selvagem e respiração entrecortada.

Foder a minha boca! Gemo e mordo-o. Dá um grito afogado e me puxa o cabelo com mais força, dolorosamente, então solto o seu dedo.

— Minha menina travessa, — ele sussurra, estica a mão para a mesinha de cabeceira e agarra um pacotinho prateado. — Fique quieta, não se mova, — ordena-me me soltando o cabelo.

Rasga o pacotinho prateado, enquanto eu respiro com dificuldade e sinto o calor percorrendo minhas veias. A espera é excitante. Inclina-se, seu peso volta a cair sobre mim e me agarra pelos cabelos para me imobilizar a cabeça. Não posso me mover. Tem-me sedutoramente presa e está preparado para voltar a me penetrar.

— Desta vez vamos muito devagar, Anastásia, — ele me diz.

E me penetra devagar, muito devagar, até o fundo. Seu membro se estende e me invade por dentro implacavelmente. Gemo com força. Desta vez o sinto mais profundo, delicioso. Volto a gemer, e num ritmo muito lento traçando círculos com os quadris e puxando de volta, detém-se um momento e volta a me penetrar.

Repete o movimento uma e outra vez. Deixa-me louca. Suas provocadoras investidas, deliberadamente lentas, e a intermitente sensação de plenitude são irresistíveis.

— Você me faz sentir tão bem, — ele gemeu, e minhas vísceras começam a tremer. Puxa e espera.

— Não, querida, ainda não, — ele murmura, quando deixo de tremer, começa de novo o maravilhoso processo.

— Por favor, — suplico-lhe. Acredito que não vou aguentar muito mais. Meu corpo está tenso e se desespera para liberar-se.

— Quero você dolorida, querida, — ele murmura, e segue com seu doce e pausado suplício, para frente e para trás.

— Quero que, cada vez que te mova amanhã, recorde que estive dentro de ti. Só eu. Você é minha.

Gemo.

— Christian, por favor, — sussurro.

— O que quer, Anastásia? Diga-me.

Volto a gemer. Ele retira-se e volta a me penetrar lentamente, de novo riscando círculos com os quadris.

— Diga-me, — ele murmura.

— Você, por favor.

Ele aumenta o ritmo progressivamente e sua respiração se volta irregular. Começo a tremer por dentro, e Christian acelera o ritmo.

— Você... é... tão... doce, — ele murmura ao ritmo de suas investidas. — Eu... lhe... desejo... tanto...

Gemo.

— Você... é... minha... Goze para mim, querida, — ele gritou.

Suas palavras são minha perdição, lançam-me pelo precipício. Sinto que meu corpo se convulsiona e venho gritando e balbuciando uma versão de seu nome contra o colchão. Christian investe até o fundo mais duas vezes e fica paralisado, goza e se derrama dentro de mim. Desaba-se sobre meu corpo, com o rosto afundado em meu cabelo.

— Porra, Ana, — ele ofega. Ele retira-se imediatamente e cai, rodando em seu lado da cama. Eu puxo meus joelhos até o peito, totalmente esgotada, e imediatamente caio em um sonho profundo.

Quando eu acordo, ainda está escuro. Não tenho nem ideia de quanto tempo eu dormi. Estiro as pernas debaixo do edredom e me sinto dolorida, deliciosamente dolorida. Não vejo Christian em nenhum lugar. Sento na cama e contemplo a cidade à minha frente. Há menos luzes acesas nos

arranha-céus e o amanhecer já se insinua. Ouço música. As notas cadenciadas do piano. Um doce e triste lamento. Bach[21], eu acredito, mas não estou segura.

Jogo o edredom de lado e me dirijo sem fazer ruído, pelo corredor que leva ao grande salão.

Christian está sentado ao piano, totalmente absorto na melodia que está tocando. Sua expressão é triste e desamparada, como a música. Toca maravilhosamente bem. Apoio-me na parede da entrada e escuto encantada. É uma música extraordinária. Está nu, com o corpo banhado na cálida luz de um abajur solitário junto ao piano. Como o resto do salão está escuro, parece isolado em seu pequeno foco de luz, intocável... sozinho, em uma bolha.

Avanço para ele em silencio, atraída pela sublime e melancólica música. Estou fascinada. Observo seus compridos e hábeis dedos percorrendo e pressionando suavemente as teclas, e penso que esses mesmos dedos percorreram e acariciaram com destreza meu corpo. Ruborizo-me ao pensá-lo, sufoco um grito e aperto as coxas. Christian levanta seus insondáveis olhos cinza com expressão indecifrável.

— Desculpe, — eu sussurro. — Não queria incomodar você.

Ele franze ligeiramente o cenho.

— Certamente, eu deveria estar dizendo isso para você, — ele murmura. Deixa de tocar e apoia as mãos nas pernas.

De repente, me dou conta de que estava vestido com uma calça de pijama. Ele passa os dedos pelo cabelo e se levanta.

As calças lhe caem dessa maneira tão sexy... *oh, meu Deus*. Minha boca está seca quando rodeia tranquilamente o piano e se aproxima de mim. Ele tem os ombros largos e os quadris estreitos, ao andar lhe esticam os abdominais. É impressionante...

— Devia estar na cama, — ele adverte-me.

— Um tema muito bonito. Bach?

— A transcrição é de Bach, mas originariamente é um concerto para oboé do Alessandro Marcello.

— Precioso, embora muito triste, uma música muito melancólica.

Ele esboça um meio sorriso.

— Para cama, — ordena-me. — Pela manhã você estará esgotada.

— Eu acordei e você não estava.

— Tenho dificuldade para dormir. Não estou acostumado a dormir com alguém, — ele murmura. Eu não consigo discernir qual é seu estado de ânimo. Parece um pouco desanimado, mas é difícil de saber, por causa da escuridão. Talvez se deva ao tom do tema que estava tocando. Rodeia-me com um braço e me leva carinhosamente para o quarto.

— Quando começou a tocar? Touca muito bem.

[21] Johann Sebastian Bach foi um compositor, cantor, maestro, professor, organista, cravista, violista e violinista da Alemanha.

— Aos seis anos.

— Oh. — Christian aos seis anos... tento imaginar a imagem de um pequeno menino de cabelo acobreado e olhos cinza, e meu coração derrete... Um menino de cabelos alvoroçados, que gosta de música incrivelmente triste.

— Como se sente? — pergunta-me já de volta no quarto. Ele liga uma luminária.

— Estou bem.

Nós dois olhamos para a cama ao mesmo tempo. Os lençóis estão manchados de sangue, como uma prova de minha virgindade perdida. Ruborizo-me, embaraçada e jogo o edredom por cima.

— Bem, a senhora Jones terá algo no que pensar, — Christian resmunga na minha frente. Coloca a mão debaixo do meu queixo, levanta-me o rosto e me olha fixamente. Observa-me com olhos intensos. Dou-me conta de que é a primeira vez que o vejo com o peito nu. Instintivamente, eu estico a mão, de forma que meus dedos passem pelo seu peito. Quero sentir os pelos escuros do seu peito, mas, imediatamente, dá um passo atrás.

— Vá para cama, — me diz bruscamente. E logo suaviza um pouco o tom. — Deitarei um pouco contigo.

Retiro a mão e franzo levemente o cenho. Eu penso que nunca toquei o seu tronco. Ele abre uma gaveta, saca uma camiseta e a veste rapidamente.

— Para a cama, — ele volta a me ordenar. Eu salto na cama tentando não pensar no sangue.

Ele deita-se também e me rodeia com os braços por trás, de maneira que não veja seu rosto. Beija-me o cabelo com suavidade e inala profundamente.

— Durma, doce Anastásia — ele murmura, e eu fecho os olhos, mas não posso evitar sentir certa melancolia, não sei se é pela música ou pela sua conduta. Christian Grey tem um lado triste.

Capítulo 09

A luz inundava o quarto, arrancando-me de um sono profundo. Eu me espreguiço e abro os olhos. Era uma bonita manhã de maio, com Seattle aos meus pés. Uau, que vista. Christian Grey está profundamente adormecido ao meu lado. Surpreende-me que esteja ainda na cama. Como está de cara para mim, tenho a oportunidade de examiná-lo bem, pela primeira vez. Seu formoso rosto parece mais jovem, relaxado em seu sono. Seus lábios esculturais, carnudos estão ligeiramente abertos, e o seu cabelo, limpo e brilhante, em gloriosa confusão. Como alguém pode ser tão bonito e mesmo assim ser frio? Recordo seu quarto no andar de cima... talvez não seja tão frio. Sacudo minha cabeça, tenho muito em que pensar. Sinto a tentação de esticar a mão e tocá-lo, mas está tão adorável dormindo, como um garotinho. Eu não tenho que me preocupar com o que estou dizendo, pelo que diz ele, ele tem planos, especialmente planos para mim.

Eu poderia passar o dia todo o contemplando, mas tenho minhas necessidades... fisiológicas. Saio devagar da cama, vejo sua camisa branca no chão e me visto com ela. Dirijo-me para a uma porta pensando que podia ser o banheiro, mas acabo dentro de um *closet* tão grande quanto o meu quarto. Filas e filas de trajes caros, de camisas, sapatos e gravatas. Para que necessita de tanta roupa? Eu estalo a língua em desaprovação. Na verdade, o *closet* de Kate certamente não fica devendo nada a este. Kate! *Oh, não*. Não me lembrei dela uma única vez a noite toda. Eu tinha que lhe mandar uma mensagem. Merda. Ela vai se zangar comigo. Por um segundo, me pergunto como está com o Elliot.

Volto para o quarto, Christian continua dormido. Abro a outra porta. É o banheiro, maior que meu quarto de dormir. Para que necessita tanto

espaço um homem sozinho? Duas pias, eu observo com ironia. Se nunca dorme com ninguém, uma das duas não é utilizada.

Olho-me no enorme espelho. Pareço diferente? Sinto-me diferente. Para ser sincera, estou um pouco dolorida, e os músculos... é como se nunca tivesse feito exercício na vida. *Você não faz exercícios em sua vida*, diz-me meu subconsciente, que despertou.

Ele me olha franzindo os lábios e batendo com o pé no chão. Acaba de se deitar com ele, você entregou sua virgindade a um homem que não a ama, que tem planos muito estranhos para você, que quer convertê-la em uma espécie de pervertida escrava sexual.

VOCÊ ESTÁ LOUCA? – ele grita para mim.

Sigo me olhando no espelho e estremeço. Tenho que assimilar tudo isto. Honestamente, gostei de perder para um homem que está para além de bonito, mais rico que Creso, e que tem um Quarto Vermelho da Dor me esperando. Estremeço. Estou desconcertada e confusa. Meu cabelo está um desastre, como sempre. O cabelo revolto não fica nada bem. Tento pôr ordem nesse caos com os dedos, mas não o consigo e me rendo... Possivelmente tenha algum elástico na bolsa.

Morro de fome. Volto para o quarto. O belo adormecido continua dormindo, assim, o deixo e vou à cozinha.

OH, não... Kate. Deixei a bolsa no estúdio de Christian. Vou buscá-la e pego meu celular. Três mensagens.

Tudo OK Ana

Onde estás Ana

Que droga Ana

Ligo para Kate, mas não me responde e lhe deixo uma mensagem na secretária eletrônica, lhe dizendo que estou viva e que o Barbazul não acabou comigo, bem, ao menos não no sentido que poderia lhe preocupar... *ou talvez sim*. Estou muito confusa. Tenho que tentar me esclarecer e analisar meus sentimentos por Christian Grey. É impossível. Movo a cabeça me dando por vencida. Preciso estar sozinha, longe daqui, para pensar.

Encontro na bolsa dois elásticos para o cabelo e rapidamente faço duas tranças. Sim! Possivelmente quanto mais menina pareça, mais a salvo estarei do Barbazul. Pego o meu iPod na bolsa e coloco os fones. Não há nada como música, para cozinhar. Coloco o iPod no bolso da camisa de Christian, subo o volume e começo a dançar.

Santo inferno, eu estou faminta.

A cozinha me intimida um pouco. É elegante e moderna, com armários sem puxadores. Demoro uns segundos em chegar à conclusão de que tenho que pressionar as portas para que se abram. Possivelmente deveria preparar o café da manhã para Christian. No outro dia comeu uma panqueca... Bem, ontem, no Heathman. Caramba, quantas coisas aconteceram desde ontem. Abro a geladeira, vejo que há muitos ovos e pego o que quero para panquecas e bacon. Começo a fazer a massa dançando pela cozinha.

Estar ocupada é bom. Isso me concede um pouco de tempo para pensar, mas sem aprofundar muito. A música que ressona em meus ouvidos também me ajuda a afastar os pensamentos profundos. Eu vim para cá para passar a noite na cama de Christian Grey e consegui, embora ele não permita a ninguém dormir em sua cama. Sorrio. Missão cumprida. Bons momentos. Sorrio. Bons, muito bons momentos, e começo a divagar recordando a noite. Suas palavras, seu corpo, sua maneira de fazer amor... Fecho os olhos, meu corpo vibra ao recordá-lo e os músculos de meu ventre se contraem. Meu subconsciente me faz cara feia. Sua maneira de *foder, não de fazer amor*, grita-me como uma harpia. Não faço conta, mas no fundo sei que tem razão. Movo a cabeça para me concentrar no que estou fazendo.

A cozinha é muito sofisticada. Confio que saberei como funciona. Necessito de um lugar para deixar as panquecas, para que não esfriem. Começo com o bacon. Amy Studt está cantando em meu ouvido uma canção sobre gente inadaptada, uma canção que sempre significou muito para mim, porque sou uma inadaptada. Nunca me encaixei em nenhum lugar, e agora... tenho que considerar uma proposta indecente do Rei dos Desajustes. Por que Christian é assim? Por natureza ou por educação? Nunca conheci a ninguém igual.

Coloco o bacon no grill, enquanto frita, bato os ovos. Volto-me e vejo Christian sentado em um tamborete, com os cotovelos em cima do balcão de café da manhã e o rosto apoiado na mão. Veste a camiseta com que dormiu. O cabelo revolto lhe fica realmente bem, assim como a barba de dois dias. Parece divertido e surpreso ao mesmo tempo. Fico paralisada e ruborizada. Logo me acalmo e tiro os fones. Com os joelhos tremendo, só de vê-lo.

— Bom dia, senhorita Steele. Está muito ativa esta manhã, — diz-me em tom frio.

— Eu dormi bem, — digo-lhe gaguejando. Ele tenta dissimular seu sorriso.

— Não imagino por que. — ele faz uma pausa e franze o cenho. — Eu também, quando voltei para a cama.

— Está com fome?

— Muita, — responde-me com um olhar intenso, e acredito que não se refere à comida.

— Panquecas, bacon e ovos?

— Soa muito bem.

— Não sei onde estão os guardanapos de mesa. — Encolho os ombros e tento desesperadamente não parecer nervosa.

— Eu me ocupo disso. Você cozinha. Quer que ponha música, então você pode continuar... err... dançando?

Olho para os meus dedos, perfeitamente consciente de que estou ruborizando.

— Por favor, não pare por minha causa. Isso é muito interessante, — diz-me em tom zombador.

Enrugo os lábios. Interessante, verdade? Meu subconsciente se dobra de rir.

Viro e sigo batendo os ovos, certamente com mais força do que necessário.

Num instante, ele está ao meu lado. Ele gentilmente puxa a minha trança.

— Eu adoro isso, — sussurra. — Mas não vão proteger você.

Mmm, Barbazul...

— Como quer os seus ovos? — pergunto-lhe bruscamente. Ele sorri.

— Completamente batidos e espancados, — ele sorri.

Sigo com o que estava fazendo tentando ocultar meu sorriso. É difícil não ficar louca por ele, especialmente quando está tão brincalhão, o qual não é nada frequente. Abre uma gaveta, saca duas toalhas individuais negras e as coloca no balcão. Jogo o ovo batido em uma frigideira, pego o bacon do grill, dou a volta e coloco mais no grill.

Quando me volto, há suco de laranja no balcão e Christian está preparando café.

— Quer um chá?

— Sim, por favor. Se tiver.

Pego um par de pratos e os coloca em cima de uma bandeja de aquecimento para mantê-los quentes. Christian abre um armário e saca uma caixa de chá Twinings English Breakfast. Franzo os lábios.

— Um bocado de conclusões precipitadas, não é?

— Você crê? Não tenho certeza que tenhamos concluído nada, ainda, senhorita Steele, — ele murmura.

O que ele quer dizer com isso? Nossa negociação? Nossa, err... relação... seja o que for? Ele ainda é tão enigmático. Sirvo o café da manhã nos pratos quentes, que estão em cima dos guardanapos de mesa. Abro a geladeira e pego xarope de arce.

Olho para Christian, ele está esperando que eu me sente.

— Senhorita Steele. — diz-me assinalando um tamborete.

— Senhor Grey. — Concordo com a cabeça, em reconhecimento. Ao me sentar, faço uma ligeira careta de dor.

— Está muito dolorida? — pergunta-me, enquanto também toma assento.

Ruborizo-me. *Por que me faz perguntas tão pessoais?*

— Bem, para falar a verdade, não tenho com o que comparar isso, — respondo-lhe. — Queria me oferecer sua compaixão? — pergunto-lhe em tom muito doce. Acredito que tenta reprimir um sorriso, mas não estou segura.

— Não. Perguntava-me se devemos seguir com seu treinamento básico.

— Oh. — Olho para ele estupefata, contenho a respiração e estremeço. *Oh... eu adoraria.* Sufoco um gemido.

— Coma, Anastásia. — Meu apetite se tornou incerto, novamente... mais... mais sexo... sim, por favor.

— Isto está delicioso, a propósito. — Ele sorri para mim.

Eu tento uma garfada de omelete, mas mal posso prová-lo. Treinamento básico! *Quero foder a sua boca.* O que faz parte do treinamento básico?

— Deixe de morder o lábio. É muito perturbador, e acontece que me dei conta de que não está vestindo nada debaixo de minha camisa, e isso me desconcentra ainda mais. — Ele rosna.

Inundo a bolsa de chá no bule que Christian me trouxe. Minha cabeça está dando voltas.

— Em que tipo de treinamento básico está pensando? — pergunto-lhe, minha voz está com um volume um pouco alto, o que trai meu desejo de parecer natural, como se não me importasse muito, e o mais tranquila possível, em que pese, os hormônios estão causando estragos por todo meu corpo.

— Bem, como está dolorida, pensei que poderíamos nos dedicar às técnicas orais.

Engasgo-me com o chá e o olho para ele, com os olhos arregalados. Ele me dá tapinhas nas costas e me aproxima o suco de laranja. Não tenho nem ideia de no que está pensando.

— Isto é, se você quiser ficar, — ele acrescenta. Olho para ele tentando recuperar o equilíbrio. Sua expressão é impenetrável. É muito frustrante.

— Eu gostaria de ficar durante o dia, se não houver problema. Amanhã tenho que trabalhar.

— A que hora tem que estar no trabalho?

— Às nove.

— Levarei você ao trabalho amanhã, às nove.

Franzo o cenho. *Quer que eu fique outra noite?*

— Tenho que voltar para casa esta noite. Preciso trocar de roupa.

— Podemos comprar algo.

Não tenho dinheiro para comprar roupa. Levanta a mão, agarra o meu queixo e faz meus dentes soltarem meu lábio inferior. Eu não estava consciente de que me estava mordendo o lábio.

— O que acontece? — pergunta-me.

— Tenho que voltar para casa esta noite.

Ele aperta a boca em uma linha dura.

— Ok, esta noite, — ele aceita. — Agora acabe o café da manhã.

Minha cabeça e meu estômago dão voltas. Meu apetite sumiu. Contemplo a metade de meu café da manhã, que segue no prato. Já não tenho fome.

— Coma, Anastásia. Ontem à noite não jantou.

— Não tenho fome, de verdade, — sussurro.

Ele aperta os olhos.

— Eu gostaria muito que terminasse o seu café da manhã.

— Qual o seu problema com a comida? — Eu deixo escapar. Ele franze a testa.

— Já te disse que não suporto desperdiçar comida. Coma, diz-me bruscamente, com expressão sombria, doída.

Droga. *O que é tudo isto?* Pego o garfo e como devagar, tentando mastigar.

Se for ser sempre tão estranho com a comida, terei que lembrar para não encher tanto o prato. Seu semblante se adoça a medida que vou comendo o café da manhã. Observo-o retirar seu prato. Espera a que eu termine e retira o meu também.

— Você cozinhou, eu limpo.

— Muito democrático.

— Sim. — diz-me, franzindo o cenho. — Não é meu estilo habitual. Assim que acabar, tomaremos um banho.

— Oh, ok. *Oh meu Deus...* Eu preferiria uma ducha. O som de meu telefone me tira do devaneio. É Kate.

— Olá. — Afasto-me dele e me dirijo para as portas de vidro da varanda, na minha frente.

— Ana, por que não me mandou uma mensagem ontem à noite? — Ela está zangada.

— Desculpe-me. Eu fui superada pelos acontecimentos.

— Você está bem?

— Sim, perfeitamente.

— Você fez? — Ela tenta conseguir a informação. Eu rolo meus olhos com a expectativa em sua voz.

— Kate, eu não quero comentar isso por telefone. — Christian eleva os olhos para mim.

— Você fez... eu posso dizer.

Como pode estar segura? Ela está blefando, e eu não posso falar sobre isso. Eu assinei um maldito acordo.

— Kate, por favor.

— Como foi? Você está bem?

— Já te disse que estou perfeitamente bem.

— Ele foi gentil?

— Kate, por favor! - Não posso reprimir meu aborrecimento.

— Ana, não me oculte isso. Estou a quase quatro anos esperando este momento.

— Nos veremos esta noite. — E desligo.

Vou ter dificuldade com esse assunto. É muito obstinada e quer que eu conte tudo com detalhes, mas não posso contar-lhe porque assinei um... como se chama? Um contrato de confidencialidade.

Ela vai ter um ataque e com razão. Tenho que pensar em algo. Volto à cabeça e observo Christian movendo-se com desenvoltura pela cozinha.

— O acordo de confidencialidade abrange tudo? — pergunto-lhe indecisa.

— Por quê? — Ele se vira e me olha, enquanto guarda a caixa de chá. Ruborizo-me.

— Bom, tenho algumas duvidas, já sabe... sobre sexo. — Falo com ele, olhando os dedos. — E eu gostaria de conversar com Kate.

— Você pode falar comigo.

— Christian, com todo o respeito... — Fico sem voz. *Eu não posso falar com você*. Vou pegar o seu viés, enrolado como o inferno, com sua distorcida visão de sexo. Quero uma opinião imparcial. — É apenas sobre a mecânica. Não vou mencionar o Quarto Vermelho da Dor.

Ele levanta as sobrancelhas.

— Quarto Vermelho da Dor? Trata-se, sobretudo, de prazer, Anastásia. Acredite-me. — Ele diz.

— E além disso, — ele acrescenta em tom mais duro, — sua companheira de quarto está saindo com meu irmão. Preferia que você não falasse com ela.

— Sua família sabe algo sobre as suas... preferências?

— Não. Não é assunto deles. — ele aproxima-se de mim.

— O que quer saber? — pergunta-me, ele desliza os dedos gentilmente pela minha bochecha até o queixo, depois o levanta para me olhar diretamente nos olhos. Estremeço por dentro. Não posso mentir para este homem.

— No momento, nada de concreto, — sussurro.

— Bem, podemos começar perguntando como foi para você ontem à noite? — A curiosidade ardia nos seus olhos. *Estava impaciente para saber. Uau.*

— Bom, - eu murmuro.

Esboça um ligeiro sorriso.

— Para mim também, — ele murmura. — Eu nunca fiz sexo baunilha antes. Há muito a ser dito sobre ele. Mas, então, talvez seja porque é com você. — Desliza o polegar por meu lábio inferior.

Eu inalo fortemente. *Sexo baunilha?*

— Venha, vamos tomar um banho. — Ele se inclina e me beija. O meu coração dá um salto e o desejo percorre o meu corpo e se concentra... na minha parte mais profunda.

A banheira é branca, profunda e ovalada, muito *designer*. Christian se inclina e abre a torneira da parede ladrilhada. Bota na água um óleo de banho que parece muito caro. À medida que a banheira vai enchendo forma-se uma espuma, um doce e sedutor aroma de jasmim invade o banheiro. Christian me olha com olhos impenetráveis, tira a camiseta e a joga no chão.

— Senhorita Steele. — diz-me, estendendo a mão.

Estou ao lado da porta, com os olhos muito abertos, receosa e com as mãos ao redor do corpo. Aproximo-me admirando furtivamente seu corpo. Agarro-lhe a mão que me estende, enquanto entro na banheira, ainda com sua camisa posta. Faço o que me diz. Vou ter que me acostumar, se acabar aceitando sua escandalosa oferta... se! A água quente é tentadora.

— Vire-se e me olhe, — ordena-me em voz baixa. Faço o que me pede. Observa-me com atenção.

— Sei que esse lábio é delicioso, posso atestar isso, mas pode deixar de mordê-lo? — diz-me apertando os dentes. — Quando faz isso, tenho vontade de foder você, e está dolorida, não é?

Deixo de me morder o lábio porque fico boquiaberta, impactada.

— Isso — ele desafia. — Você entendeu. — Ele me olha. Concordo com a cabeça, freneticamente. *Não tinha nem ideia de que eu pudesse lhe afetar tanto.*

— Bom. — Ele aproxima-se, pega o iPod do bolso da camisa e o deixa em cima da pia.

— Água e iPods... não é uma combinação muito inteligente — ele murmura. Inclina-se, agarra a camisa branca por baixo, puxa de meu corpo e a joga no chão.

Afasta-se para me contemplar. Meu Deus, eu estou completamente nua. Fico vermelha e olho para as minhas mãos, que estão à altura da minha barriga. Desejo desesperadamente desaparecer dentro da água quente com espuma, mas sei que ele não vai querer que o faça.

— Ouça — chama-me. Eu olho para ele. Tem o rosto inclinado para um lado. —Anastásia, é muito bonita, toda você. Não baixe a cabeça como se estivesse envergonhada. Não tem por que se envergonhar, eu asseguro a você que é um prazer poder lhe contemplar. Pega o meu queixo e me levanta a cabeça para que olhe para ele. Seus olhos são doces e quentes, até ardentes. *Oh meu Deus*. Está muito perto de mim. Poderia estender o braço e tocá-lo.

— Você pode se sentar agora. — ele me diz, interrompendo meus pensamentos erráticos, agacho-me e me meto na agradável água quente. Oh... isso arde. Isso me pega de surpresa, mas tem um cheiro maravilhoso, porém, a ardência inicial não demora para diminuir. Deito-me de barriga para cima, fecho os olhos um instante e me relaxo na tranquilizadora calidez. Quando os abro, está me olhando fixamente.

— Por que não toma um banho comigo? — atrevo-me a lhe perguntar, embora com voz rouca.

— Eu acho que vou. Mova-se para frente, — ordena-me.

Ele tira as calças do pijama e se mete na banheira atrás de mim. A água sobe de nível quando se senta e me puxa para que me apoie em seu peito. Coloca suas longas pernas em cima das minhas, com os joelhos flexionados e os tornozelos à mesma altura dos meus, e me abre as pernas com os pés. Fico boquiaberta. Coloca o nariz entre meus cabelos e inala profundamente.

— Você cheira bem, Anastásia.

Um tremor me percorre todo o corpo. *Estou nua em uma* banheira *com Christian Grey.*

E ele também está nu. Se alguém me houvesse isso dito ontem, quando despertei na suíte do hotel, não teria acreditado.

Agarra um frasco de gel da prateleira junto à banheira e joga um pouco na mão. Esfrega as mãos para fazer uma ligeira quantidade de espuma, coloca-me isso ao redor do pescoço e começa a me estender o sabão pela nuca e os ombros, massageando-os com força com seus compridos e fortes dedos. Eu gemo. Eu adoro sentir suas mãos.

— Você gosta? — Quase posso ouvir seu sorriso.

— Mmm.

Desce pelos meus braços, logo por debaixo até as axilas, me esfregando brandamente. Fico muito contente por Kate ter insistido em que me depilasse. Desliza as mãos por meus seios, e inala drasticamente à medida que seus dedos os rodeiam e começam a massageá-los brandamente, sem agarrá-los. Arqueio meu corpo instintivamente e empurro os seios contra suas mãos. Tenho os mamilos sensíveis, muito sensíveis, sem dúvida pela pouca delicadeza com que foram tratados ontem à noite. Ele não se entretém muito tempo com eles. Desliza as mãos até meu ventre. Minha respiração acelera e o coração dispara. Sinto sua ereção contra meu traseiro. Excita-me saber que é o meu corpo que o faz se sentir dessa forma. *Claro... não sua cabeça.* Meu subconsciente zomba. Espanto o inoportuno pensamento.

Ele para e pega uma toalhinha enquanto eu encosto contra ele, querendo... necessitando. Apoio às mãos em suas coxas firmes e musculosas. Joga mais gel na toalhinha, inclina-se e me esfrega entre as minhas pernas. Contenho a respiração. Seus dedos habilmente me estimulam através do tecido, é celestial, e meus quadris começam a mover-se no seu ritmo, pressionando contra sua mão. À medida que as sensações se apoderam de mim, inclino a cabeça para trás com os olhos semicerrados e a boca entreaberta. Gemo. Dentro de mim aumenta a pressão, lenta e inexoravelmente... *oh meu Deus.*

— Sente isso, querida — Christian sussurra em meu ouvido, e me roça suavemente o lóbulo com os dentes. — Sinta-o para mim.

Suas pernas imobilizam as minhas, contra as paredes da banheira, aprisionando-as, o que lhe dá livre acesso as minhas partes mais íntimas.

— Oh... por favor — sussurro. Meu corpo fica rígido e tento esticar as pernas. Sou uma escrava sexual deste homem, que não deixa que me mova.

— Acredito que já está suficientemente limpa — ele murmura e se detém. *O que? Não! Não! Não!*

Minha respiração está irregular.

— Por que você parou? — pergunto-lhe, ofegante.

— Porque tenho outros planos para ti, Anastásia.

O que... *oh meu Deus*... mas... eu estava... isso não é justo.

— Vire-se. Eu também tenho que me lavar — ele murmura.

Oh! Viro-me e fico pasma ao ver que ele agarra o membro ereto com força.

Estou de boca aberta.

— Quero que, para começar, conheça bem a parte mais valiosa de meu corpo, minha parte favorita. Estou muito ligado a isso.

É tão grande e está crescendo. O membro ereto fica por cima da água, que lhe chega aos quadris. Levanto os olhos um segundo e observo seu sorriso perverso. Diverte-se com minha expressão atônita. Dou-me conta de que estou olhando fixamente para o seu membro. Engulo a saliva. *Tudo isso esteve dentro de mim!* Parece impossível. Ele quer que eu o toque. Mmm... ok, traga-o.

Sorrio para ele, pego o gel e jogo um pouco na mão. Faço o mesmo que ele fez, esfrego o sabão nas mãos até que forme espuma. Não tiro os olhos dos seus. Entreabro os lábios para que fique mais fácil respirar... e deliberadamente mordo o lábio inferior e logo passo a língua por cima, pela zona que acabo de morder. Ele me olha com olhos sérios, impenetráveis, que se abrem enquanto deslizo a língua pelo lábio. Inclino-me e lhe rodeio o membro com uma mão, imitando a maneira como ele próprio o agarra. Fecho os olhos por um momento. Uau... é muito mais duro do que pensava. Percebo que ele colocou a sua mão sobre a minha. — Assim, — ele sussurra e move a mão para cima e para baixo, segurando meus dedos com força, que por sua vez, apertam com força o seu membro. Fecho de novo os olhos e prendo a respiração. Quando volto a abri-los, seu olhar é de um cinza abrasador. —Muito bem, querida.

Ele solta a minha mão, deixa que eu siga sozinha e fecha os olhos enquanto movo a mão para cima e para baixo. Ele flexiona ligeiramente os quadris na minha mão, e reflexivamente eu o agarro com mais força. Do mais profundo da garganta lhe escapa um rouco gemido. *Foder a minha boca... Mmm.* Recordo que ele colocou o polegar em minha boca e me pediu que o chupasse com força. Abre a boca à medida que sua respiração se

acelera. Tem os olhos fechados. Inclino-me, coloco os lábios ao redor de seu membro e chupo de forma vacilante, deslizando a língua pela ponta.

— Uau... Ana. — Ele arregala os olhos e sigo chupando forte.

Mmm... É duro e suave ao mesmo tempo, como aço recoberto de veludo, surpreendentemente saboroso, salgado e suave.

— Cristo, — ele geme, e volta a fechar os olhos.

Movendo para baixo, eu o empurro dentro de minha boca. Ele volta a gemer. *Ha! Minha* deusa interior está encantada. Eu posso fazê-lo. *Eu posso fodê-lo com minha boca.* Volto a girar a língua ao redor da ponta, e ele se arqueia e levanta os quadris. Tem os olhos abertos, e eles despedem fogo. Volta a arquear-se apertando os dentes. Apoio-me em suas coxas e empurro a boca até o fundo. Sinto nas mãos que suas pernas se esticam. Agarra-me pelas tranças e começa realmente a mover-se.

— Oh... querida... é fantástico, — ele murmura. Eu chupo mais forte e passo a língua pela ponta de sua impressionante ereção. Pressiono com a boca, cobrindo os dentes com os lábios. Ele respira com a boca entreaberta e geme.

— Jesus. Até onde você pode chegar? — ele sussurra.

Mmm... Empurro com força e sinto seu membro no fundo da garganta, e logo nos lábios outra vez. Passado a língua pela ponta. É como ter meu próprio picolé com sabor Christian Grey. Chupo cada vez mais depressa, empurrando cada vez mais fundo e girando a língua ao redor. *Mmm...* Não tinha nem ideia de que proporcionar prazer podia ser tão excitante, ao vê-lo retorcer-se sutilmente de desejo carnal. Minha deusa interior dança merengue com alguns passos de salsa.

— Anastásia, eu vou gozar em sua boca, — ele adverte-me ofegante. — Se não quiser, pare agora. Ele flexiona os quadris outra vez, com os olhos muito abertos, cautelosos e cheios de desejo lascivo... e me deseja. Deseja a minha boca... *oh meu Deus*.

Caramba. Agarra-me pelo cabelo com força. Eu posso fazer isso. Empurro ainda com mais força e de repente, em um momento de insólita segurança em mim mesma, descubro os dentes. Isso o derruba pela borda.
Ele grita, fica imóvel e sinto um líquido quente e salgado deslizando pela minha garganta. Engulo isso rapidamente. Ugh... Eu não tenho certeza sobre isso. Mas basta um olhar para ele para que não me importe, ele gozou na banheira por minha causa. Sento-me para trás e o observo com um sorriso triunfal, que me eleva as comissuras da boca. Ele respira entrecortadamente. Abre os olhos e me olha.
— Não tem ânsia de vômito? — pergunta-me atônito. — Cristo, Ana... isso foi.. realmente bom, de verdade, muito bom. Embora eu não esperasse. — Ele franze o cenho. —Sabe, você não deixa de me surpreender.

Sorrio e mordo o lábio conscientemente. Ele me olha especulativamente.

— Você já tinha feito isso antes?

— Não. — Não posso ocultar um ligeiro matiz de orgulho em minha negativa.

— Bom, — ele diz complacentemente e, conforme acredito, aliviado. — Outra novidade, senhorita Steele.

Avalia-me com o olhar. — Bom, tem um 'A' em técnicas orais. Venha, vamos para cama. Devo-lhe um orgasmo.

Orgasmo! Outro!

Sai rapidamente da banheira e me oferece a primeira imagem completa do Adônis de divinas proporções que é Christian Grey. Minha deusa interior deixou dançar e o observa também, boquiaberta e babando. Sua ereção se reduziu, mas segue sendo importante... Uau. Ele enrola uma pequena toalha na cintura para cobrir o essencial, e pega outra maior e suave, de cor branca, para mim. Saio da banheira e lhe agarro a mão que me estende. Envolve-me na toalha, abraça-me e me beija com força, me colocando a língua na boca.

Desejo estirar os braços e abraçá-lo... tocá-lo... mas os tenho presos dentro da toalha. Não demoro para me perder em seu beijo. Segura a minha cabeça com as mãos, percorre-me a boca com a língua e me dá a sensação de que está me expressando sua gratidão... talvez... pela minha primeira felação? Uau?

Afasta-se um pouco, coloca as mãos em ambos os lados do meu rosto, e me olha nos olhos. Parece perdido.

— Diga que sim, — ele sussurra fervorosamente.

Franzo o cenho, porque não o entendo.

— Para o quê?

— Sim, para o nosso acordo. Para ser minha. Por favor, Ana — sussurra suplicante, enfatizando o "por favor" e meu nome. Volta a me beijar com paixão, e logo se afasta e me olha piscando. Agarra-me pela mão e me conduz de volta ao quarto, cambaleando um pouco, eu o sigo mansamente. Aturdida. *Ele realmente quer isso.*

Já no quarto, observa-me junto à cama.

— Confia em mim? — pergunta-me, de repente. Eu concordo, sacudindo a cabeça, com os olhos muito abertos, de repente me dou conta de que, efetivamente, confio nele. *O que vai fazer-me agora?* Uma descarga elétrica me percorre o corpo.

— Boa garota, — ele me diz, passando o polegar pelo lábio inferior. Aproxima-se do armário e volta com uma gravata cinza de seda.

— Junte as mãos na frente, — ordena-me, tirando-me a toalha e jogando-a no chão.

Faço o que me pede. Rodeia-me os pulsos com a gravata e faz um nó apertado. Seus olhos brilham de excitação. Puxa a gravata para assegurar-se de que o nó não se mova. *Tem que ter sido escoteiro para saber fazer estes*

nós. E agora o quê? Meu pulso atravessou o telhado, meu coração pulsa em um ritmo frenético. Desliza os dedos pelas minhas tranças.

— Você parece tão jovem com estas tranças, — ele murmura aproximando-se de mim. Instintivamente, me movo para trás até sentir a cama atrás dos meus joelhos. Ele tira a sua toalha, mas não posso tirar os olhos de seu rosto. Sua expressão é ardente, cheia de desejo.

— Oh, Anastásia, o que vou fazer contigo? — sussurra-me. Estende-me sobre a cama, cai ao meu lado e me levanta as mãos por cima da cabeça.

— Deixa as mãos assim. Não as mova. Entendido? — Seus olhos queimam os meus e sua intensidade me deixa sem fôlego. Não é um homem que se deva zangar. Nunca.

— Responda-me, — ele me pede em voz baixa.

— Não moverei as mãos. — respondo-lhe sem fôlego.

— Boa garota, — ele murmura e deliberadamente se passa a língua pelos lábios muito devagar. Fascina-me sua língua percorrendo lentamente seu lábio superior. Olha-me nos olhos, observa-me, examina-me. Inclina-se e me dá um casto e rápido beijo nos lábios.

— Vou beijar seu corpo todo, senhorita Steele, — diz-me em voz baixa, e agarra-me pelo queixo e o levanta, isso lhe dá acesso ao meu pescoço. Seus lábios deslizam pela minha garganta, beijando, chupando e mordiscando. Todo meu corpo vibra com antecipação... em toda parte. O banho recente me deixou com a pele hipersensível. O sangue quente desce lentamente até meu ventre, entre as pernas, até meu sexo. Eu gemo.

Quero tocá-lo. Movo as mãos, mas, como estou amarrada, toco-lhe o cabelo com bastante estupidez. Deixa de me beijar, levanta os olhos e move a cabeça de um lado a outro estalando a língua. Pega as minhas mãos e volta a me colocar acima da cabeça.

— Se mover as mãos, teremos que recomeçar — ele repreende-me suavemente.

Oh, ele gosta de me provocar.

— Quero tocar em você. — Digo-lhe ofegando, sem poder me controlar.

— Eu sei, — murmura. — Mas deixe as mãos quietas, — ele ordena, sua voz é forte.

Ele levanta o meu queixo de novo e começa a beijar a minha garganta como antes. OH... ele é tão frustrante.

Suas mãos descem pelo meu corpo, sobre meus seios, enquanto seus lábios deslizam pelo meu pescoço. Acaricia-me com a ponta do nariz, e logo, com a boca, dá início a uma lenta travessia para o sul e segue o rastro das suas mãos, pelo esterno, até meus seios. Beija-me e me mordisca um, logo o outro, e me chupa suavemente os mamilos. Caramba.

Meus quadris começam a balançar-se e a mover-se por conta própria, seguindo o ritmo de sua boca, e eu tento desesperadamente lembrar que tenho que manter as mãos acima da cabeça.

— Não se mova, — adverte-me, sinto sua cálida respiração sobre minha pele. Chega ao meu umbigo, introduz a língua e me roça a barriga com os dentes. Meu corpo se arqueia. — Mmm. Que doce é você, senhorita Steele. — Desliza o nariz desde meu umbigo até meus pelos púbicos, me mordendo suavemente e me provocando com a língua. Sentando-se, de repente, ele se ajoelha aos meus pés, agarra-me pelos tornozelos e me separa as pernas.

Caramba. Ele agarra o meu pé esquerdo, dobra meu joelho e leva o pé à boca.

Sem deixar de observar minhas reações, beija ternamente cada um dos meus dedos e logo morde cada um suavemente. Quando chega ao mindinho, morde com mais força. Sinto uma convulsão e gemo. Ele desliza a língua pelo peito do meu pé... e já não posso mais vê-lo.

Isso é muito erótico. Vou entrar em combustão. Aperto os olhos e tento absorver e suportar todas as sensações que me provoca. Beija-me o tornozelo e segue seu percurso pela panturrilha até o joelho, onde se detém. Então começa com o pé direito, repetindo todo o sedutor e assombroso processo.

— Oh, por favor, — Eu gemo e ele morde meu dedo mindinho, e a dentada se projeta no mais profundo de meu ventre.

— Todas as coisas boas, senhorita Steele, — ele respira.

Desta vez não se detém no joelho. Segue pela parte interior da coxa e de uma vez me separa mais as pernas. Sei o que vai fazer, e uma parte de mim quer empurrá-lo, porque morro de vergonha. Ele vai me beijar *lá!*. Eu sei disso. Mas outra parte de mim desfruta com antecipação. Ele muda para o outro joelho e sobe até a coxa me beijando, me chupando, me lambendo e, de repente, está entre minhas pernas, deslizando o nariz por meu sexo, para cima e para baixo, muito suavemente, com muita delicadeza. Retorço-me... *oh meu Deus.*

Ele para e espera que me acalme. Levanto a cabeça e olho para ele com a boca aberta. Meu acelerado coração tenta tranquilizar-se.

— Sabe o embriagador que seu aroma é, senhorita Steele? — ele murmura, e sem afastar seus olhos dos meus, introduz o nariz em meus pelos púbicos e cheira.

Ruborizo-me, sinto que vou desmaiar e fecho os olhos imediatamente. Não posso vê-lo fazendo algo assim!

Percorre-me muito devagar o sexo. *Oh, foda...*

— Eu gosto disso. — Ele gentilmente puxa os meus pelos púbicos. — Talvez devamos manter isso.

— Oh... por favor, — suplico-lhe.

— Mmm, eu gosto que me suplique, Anastásia.

E gemo.

— Não estou acostumado a pagar com a mesma moeda, senhorita Steele, — ele sussurra deslizando-se pelo meu sexo. — Mas hoje me agradou, assim tem que receber sua recompensa. — Ouço em sua voz o sorriso perverso, e enquanto meu corpo palpita com suas palavras, começa a rodear meu clitóris com a língua, muito devagar, me sujeitando as coxas com as mãos.

— Ahhh! — Eu gemo, meu corpo se arqueia e se convulsiona ao contato de sua língua.

Segue me torturando com a língua uma e outra vez. Perco a consciência de mim mesma. Todas as partículas de meu ser se concentram no pequeno ponto nevrálgico por cima das coxas. As pernas ficam rígidas. Ouço seu gemido, enquanto me introduz um dedo.

— Oh, querida. Eu adoro que esteja tão molhada para mim.

Move o dedo riscando um amplo círculo, me expandindo, me empurrando, e sua língua segue o compasso do dedo ao redor de meu clitóris. Gemo. É muito... Meu corpo suplica por alivio, e não posso seguir me negando. Deixo-me ir. O orgasmo se apodera de mim e perco todo pensamento coerente, retorço-me por dentro, uma e outra vez. *Caramba.* Eu grito, e o mundo se desmorona e desaparece de minha vista, enquanto a força de meu clímax torna tudo nulo e sem efeito.

Estou ofegante e vagamente ouço quando ele rasga o envelope da camisinha. Muito lentamente ele penetra em mim e começa a mover-se. *Oh... meu.. Deus*. A sensação é dolorosa e doce, forte e suave ao mesmo tempo.

— Como está? — pergunta-me em voz baixa.

— Bem. Muito bem, — respondo-lhe. E começa a mover-se muito depressa, até o fundo, investe uma e outra vez, implacável, empurra e volta a empurrar até que volto a estar perto da borda. Eu choramingo.

— Goze para mim, querida. — Ele me fala no ouvido, com voz áspera, dura e selvagem, eu explodo enquanto bombeia rapidamente dentro de mim.

— Obrigada, porra — ele sussurra e empurra forte uma vez mais e geme ao chegar ao clímax apertando-se contra mim. Logo fica imóvel, com o corpo rígido.

Ele desaba sobre mim. Sinto o seu peso me esmagando contra o colchão. Passo minhas mãos atadas ao redor de seu pescoço e o abraço como posso. Eu sei, neste momento, que faria qualquer coisa por este homem. Sou dele. A maravilha que está me ensinando é muito mais do que jamais teria podido imaginar. E ele quer levá-la mais, muito mais, para um lugar que eu não posso, na minha inocência, nem sequer imaginar. *Oh... o que devo fazer?*

Apoia-se nos cotovelos, e seus intensos olhos cinza me olham fixamente.

— Vê o bom que nós somos juntos? — ele murmura. — Se você se entregar para mim, será muito melhor. Confie em mim, Anastásia. Posso transportar você a lugares que nem sequer sabe que existem.

Suas palavras ecoam em meus pensamentos. Encosta o seu nariz no meu. Ainda não me recuperei da minha insólita reação física e olho para ele com a mente em branco, procurando algum pensamento coerente.

De repente, ouvimos vozes no salão, do lado de fora da porta do quarto. Demoro um momento para processar o que estou ouvindo.

— Se ainda está na cama, tem que estar doente. Ele nunca está na cama a estas horas. Christian nunca se levanta tarde.

— Senhora Grey, por favor.

— Taylor, não pode me impedir de ver meu filho.

— Senhora Grey, ele não está sozinho.

— O que quer dizer com não está sozinho?

— Está com alguém.

— Oh... — Até eu posso ouvir a descrença em sua voz.

Christian pisca rapidamente, olhando para mim, com olhos arregalados, com horror humorado.

— Merda! É minha mãe.

Capítulo 10

Ele puxa para fora de mim, de uma vez. Eu estremeço. Senta-se na cama, tira a camisinha usada e joga em um cesto de papéis.

— Vamos, temos que nos vestir... se quiser conhecer minha mãe. — Ele sorri, levanta-se da cama e veste o jeans, sem cuecas! Tento me levantar, mas continuo amarrada.

— Christian... não posso me mover.

Seu sorriso se acentua, inclina-se e desamarra a gravata, que me deixou a marca do tecido nos pulsos. Isto é... sexy. Observa-me divertido, com olhos dançarinos. Beija-me rapidamente na testa e me sorri.

— Outra novidade, — ele reconhece, mas não tenho ideia do que está falando.

— Eu não tenho roupa limpa. — De repente, estou cheia de pânico, considerando a experiência que acabo de viver, o pânico me parece insuportável. Sua mãe! *Caramba.* Não tenho roupa limpa e ela praticamente nos pegou em flagrante delito. —Talvez devesse ficar aqui.

— Oh, não, você não vai, — Christian ameaça. — Pode vestir algo meu. — Ele veste uma camiseta branca e passa a mão pelo cabelo revolto. Embora esteja muito nervosa, fico embevecida. Será que vou me acostumar a olhar para este homem?

Sua beleza é desconcertante.

— Anastásia, você ficaria bonita até com um saco. Não se preocupe, por favor. Eu gostaria que conhecesse minha mãe. Vista-se. Vou acalmá-la um pouco. — Aperta os lábios. — Espero você no salão, dentro de cinco minutos, caso contrário, eu virei e a arrastarei para fora daqui, com qualquer coisa que esteja vestindo. Minhas camisetas estão nessa gaveta. As camisas estão no closet. Sirva-se. — Olha-me um instante, inquisitivo e sai do quarto.

Caramba. A mãe de Christian. É muito mais do que esperava. Talvez conhecê-la me permita colocar algumas peças no quebra-cabeça. Poderia me ajudar a entender por que Christian é como é... De repente, quero conhecê-la. Recolho minha blusa do chão e me alegro por descobrir que sobreviveu a noite sem estar muito amassada. Encontro o sutiã azul debaixo da cama e me visto rapidamente. Mas se há algo que odeio é usar calcinhas sujas. Dirijo-me à cômoda de Christian e procuro uma de suas cuecas.

Ponho-me uma cueca cinza da Calvin Klein, o jeans e meu Converse.

Puxo a jaqueta, corro ao banheiro e observo meus olhos muito brilhantes, minha cara vermelha... e meu cabelo. Caramba... as tranças estão desfeitas. Procuro uma escova, mas só encontro um pente. Ele terá

que servir. Um rabo de cavalo é a única resposta. Eu me desespero com minhas roupas. Talvez devesse aceitar a oferta de roupas de Christian.
Meu subconsciente franze os lábios e articula a palavra "vadia". Não faço conta. Ponho a jaqueta e me alegro de que os punhos cubram as marcas da gravata. Nervosa, me olho pela última vez no espelho. É o que posso fazer. Dirijo-me ao salão.

— Aqui está. — diz Christian levantando do sofá.

Olha-me com expressão cálida e apreciativa. A mulher loira que está ao seu lado se vira e me dedica um amplo sorriso. Levanta-se também. Está impecavelmente vestida, com um vestido estilo camisa, castanho claro, com sapatos combinando. Está arrumada, elegante, bonita, e me mortifico um pouco pensando como estou um desastre.

— Mamãe, apresento-lhe Anastásia Steele. Anastásia, esta é Grace Trevelyan-Grey.
A doutora Trevelyan-Grey me estende a mão. *T... de Trevelyan?*

— Prazer em conhecê-la, — ela murmura. Se não estou enganada, há espanto e alivio, talvez atordoamento em sua voz e um brilho quente em seus olhos cor de avelã. Aperto-lhe a mão e não posso evitar de sorrir, retornando o seu calor.

— Doutora Trevelyan-Grey, — eu murmuro.

— Chame-me de Grace. — Sorri, e Christian franze o cenho. — Usualmente sou chamada de doutora Trevelyan, e a senhora Grey é minha sogra. — Ela pisca um dos olhos. — Então, como se conheceram? — pergunta olhando para Christian, incapaz de ocultar sua curiosidade.

— Anastásia me entrevistou para a revista da faculdade, porque esta semana vou entregar os diplomas de graduação.

Dupla merda. Tinha-o esquecido.

— Então, você vai se graduar esta semana? — Grace pergunta.

— Sim.

Meu celular começa a tocar. *Kate, eu aposto.*

— Desculpem-me. O telefone está na cozinha. Aproximo-me e o pego do balcão sem checar o número.
— Kate.

— Meu Deus! Ana! – *Que merda*, é José. Parece desesperado. — Onde está? Já liguei umas vinte vezes. Tenho que ver você. Quero te pedir perdão pelo que aconteceu na sexta-feira. Por que não me respondeu as ligações?

— Olhe, José, agora não é um bom momento.

Olho muito nervosa para Christian, que me observa atentamente, com rosto impassível, enquanto murmura algo para sua mãe. Dou-lhe as costas.

— Onde você está? Kate está muito evasiva, — ele queixa-se.

— Estou em Seattle.

— O que você faz em Seattle? Está com ele?

— José, eu ligo para você mais tarde. Não posso falar agora. E desligo.

Volto com toda tranquilidade para Christian e sua mãe. Grace está em pleno falatório.

— ... e Elliot me ligou para dizer que você estava por aqui... Faz duas semanas que não vejo você, querido.

— Elliot sabia? — Christian pergunta me olha com expressão indecifrável.

— Pensei que poderíamos comer juntos, mas já vejo que tem outros planos, assim não quero lhes interromper. — Ela agarra seu comprido casaco de cor creme, vira-se para ele, oferecendo o rosto para ele. Ele a beija rapidamente com suavidade. Ela não toca nele.

— Tenho que levar Anastásia para Portland.

— É claro, querido. Anastásia, foi um prazer lhe conhecer. Espero que voltemos a nos ver.

Ela estende-me a mão, com olhos brilhantes e nós sacudimos.

Taylor aparece procedente de... *onde?*

— Senhora Grey? — Ele pergunta.

— Obrigado, Taylor. — Ele a segue pelo salão e atravessam as portas duplas que vão para o vestíbulo. Taylor esteve aqui o tempo todo? Por quanto tempo esteve aqui? Onde esteve?

Christian me olha.

— Então o fotógrafo ligou para você?

Merda.

— Sim.

— O que queria?

— Só me pedir perdão, já sabe... por sexta-feira.

Christian aperta os olhos.

— Eu vejo, — ele diz simplesmente.

Taylor volta a aparecer.

— Senhor Grey, há um problema com o envio de Darfur.

Christian acena bruscamente para ele com a cabeça.

— O Charlie Tango voltou para o Boeing Field?

— Sim, senhor.

Taylor sacode a cabeça para mim.

— Senhorita Steele.

Eu sorrio timidamente para ele, que se vira e sai.

— Taylor vive aqui?

— Sim. — responde-me cortante. *Qual o problema agora?*

Christian vai à cozinha, pega o seu BlackBerry e dá uma olhada aos e-mails, suponho. Está muito sério. Ele faz uma ligação.

— Ros, qual é o problema? — pergunta bruscamente. Escuta sem deixar de me olhar com olhos interrogativos. Eu estou no meio do enorme salão me sentindo extraordinariamente auto-consciente e deslocada.

— Não vou pôr a tripulação em perigo. Não, cancele-o... Lançá-lo-emos do ar... Bom.

Desliga. A suavidade em seus olhos desapareceu. Parece hostil. Lança-me um rápido olhar, dirige-se para seu escritório e volta um momento mais tarde.

— Este é o contrato. Leia e o comentaremos no fim de semana que vem. Sugiro que pesquise um pouco, para que saiba do que estamos falando. — Para por um momento. —Bom, se aceitar e espero realmente que aceite. — acrescenta em tom mais suave, nervoso.

— Pesquisar?

— Você pode ficar surpresa com o que pode encontrar na internet — ele murmura.

Internet! Não tenho computador, só o notebook de Kate, e, é obvio, não posso utilizar o do Clayton's para este tipo de "pesquisa", certo?

— O que acontece? — pergunta-me inclinando a cabeça.

— Não tenho computador. Estou acostumada a utilizar os da faculdade. Verei se posso utilizar o notebook de Kate.

Ele me entregou um envelope pardo.

— Estou certo que posso... err, lhe emprestar um. Recolha suas coisas. Voltaremos para Portland de carro e comeremos algo pelo caminho. Vou vestir-me.

— Tenho que fazer uma ligação, — eu murmuro. Só quero ouvir a voz do Kate. Ele franze o cenho.

— Para o fotógrafo? — Suas mandíbulas se apertam e os olhos ardem. Eu pisco para ele. — Eu não gosto de compartilhar, senhorita Steele. Lembre-se disso. — Seu tom de voz calmo, é um arrepiante aviso e dando um olhar muito frio para mim, ele volta para o quarto.

Caramba. Eu só queria ligar para a Kate. Quero ligar diante dele, mas sua repentina atitude distante me deixou paralisada. O que aconteceu com o homem generoso, depravado e sorridente que me fazia amor faz apenas meia hora?

— Pronta? — Christian me pergunta junto à porta dupla do vestíbulo.

Eu concordo, incerta. Ele recuperou seu tom distante, educado e convencional. Voltou a colocar a máscara. Leva uma bolsa de couro sobre o ombro. Para que a necessita? Talvez ele fique em Portland. Então recordo a entrega dos diplomas. Sim, claro... Estará em Portland na quinta-feira.

Está vestindo uma jaqueta negra de couro. Vestido assim, sem dúvida não parece um multi milionário. Parece um menino extraviado, possivelmente uma rebelde estrela de rock ou um modelo de passarela. Suspiro por dentro, desejando ter uma décima parte de sua elegância. É tão tranquilo e controlado... Franzo o cenho ao recordar seu arrebatamento com a ligação de José... Bom, ao menos parece que o é.

Taylor está esperando ao fundo.

— Amanhã, então, — ele diz para Taylor, que concorda.

— Sim, senhor. Que carro vai levar, senhor?

Lança-me um rápido olhar.

— O R8.

— Boa viagem, senhor Grey. Senhorita Steele. — Taylor me olha com simpatia, embora possivelmente no mais profundo de seus olhos esconda um pingo de lástima.

Sem dúvida acredita que sucumbi aos dúbios hábitos sexuais do senhor Grey. Bom, aos seus excepcionais hábitos sexuais, ou possivelmente, o sexo seja assim para todo mundo? Franzo o cenho ao pensar nisso. Não tenho nada com o que compará-lo e pelo visto, não posso perguntar a Kate. Assim terei que falar do tema com Christian. Seria perfeitamente natural poder falar com alguém... mas não posso falar com Christian se ele se mostrar tão aberto num minuto e tão retraído no seguinte.

Taylor nos segura a porta para que saiamos. Christian chama o elevador.

— O que foi, Anastásia? — pergunta-me. Como sabe que estou remoendo algo em minha mente? Ele chega mais perto e levanta o meu queixo.

— Pare de morder o lábio ou a foderei no elevador, e não vou me importar se entrar alguém ou não.

Ruborizo-me, mas seus lábios esboçam um ligeiro sorriso. Ao final parece que está recuperando o senso de humor.

— Christian, tenho um problema.

— Oh, sim? — pergunta-me me observando com atenção.

Chega o elevador. Entramos e Christian aperta o botão marcado com um G.

— Bem, — eu ruborizo. *Como posso dizer-lhe isso?* — Preciso falar com a Kate. Tenho muitas perguntas sobre sexo, e você está muito comprometido. Se quiser que faça todas essas coisas, como vou saber...? — interrompo-me e tento encontrar as palavras adequadas.

— É que não tenho pontos de referência.

Ele rola os olhos.

— Fale com ela se for preciso. — responde-me zangado. — Mas se assegure de que não comente nada com o Elliot.

Não concordo com sua insinuação. *Kate não é assim.*

— Kate não faria algo assim, como eu não diria a você nada do que ela me conte sobre Elliot... se me contasse algo, — acrescento rapidamente.

— Bom, a diferença é que não me interessa sua vida sexual — murmura Christian em tom seco. — Elliot é um bastardo curioso. Mas lhe fale só do que temos feito até agora, — ele adverte.

— Ela, provavelmente, me cortaria as bolas se soubesse o que quero fazer contigo, — ele acrescenta em voz tão baixa, que não estou segura de se pretendia que o ouvisse.

— Ok, — concordo prontamente, sorrindo para ele, aliviada. Não quero nem pensar em Kate cortando as bolas de Christian.

Ele franze os lábios e sacode a cabeça.

— Quanto antes se submeta para mim melhor, assim acabamos com tudo isto — ele murmura.

— Acabamos com o que?

— Com seus desafios. — Passa-me uma mão pelo meu queixo e me beija rapidamente nos lábios. As portas do elevador se abrem. Agarra-me pela mão e me leva para a garagem no subsolo.

Eu o desafio... como?

Perto do elevador vejo o Audi 4x4 negro, mas quando aperta o comando para que se abram as portas, acendem-se as luzes de um esportivo negro reluzente. É um desses carros que deveria ter uma loira de pernas longas, deitada no capô, vestida apenas com uma faixa.

— Bonito carro, — eu murmuro secamente.

Ele levanta o olhar e sorri.

— Eu sei, — responde-me, e por um segundo volta a ser o doce, jovem e despreocupado Christian. Inspira-me ternura. Está entusiasmado. *Os meninos e seus brinquedos.* Rolo os olhos, mas não posso ocultar meu sorriso. Abre-me a porta e entro. Uau... é muito baixo. Ele se move em volta do carro com graça fácil e dobra seu corpo longo elegantemente ao meu lado. Como ele faz isso?

— Então, que tipo de carro é esse?

— Um Audi R8 Spyder. Como faz um dia lindo, podemos baixar a capota. Há um boné de beisebol aí. Na verdade, deve haver dois. Ele aponta para uma caixa. — E óculos de sol se você quiser.

Ele dá partida na ignição, e o motor ruge a nossas costas. Deixa a bolsa entre os dois assentos, aperta um botão e a capota retrocede lentamente. Aperta outro, e a voz do Bruce Springsteen nos envolve.

— Vai ter que gostar do Bruce, — Sorri-me, e tira o carro do estacionamento e sobe a rampa, onde nos detemos, esperando que a porta levante.

E saímos para a ensolarada manhã de maio em Seattle. Abro a caixa e pego os bonés de beisebol. São da equipe dos Mariners. Ele gosta de beisebol? Passo-lhe um boné e ponho o outro. Eu passo o rabo de cavalo pela parte de trás do meu boné e puxo a viseira para baixo.

Pessoas nos olham quando nos dirigimos pelas ruas. Por um momento penso que olham para ele... e logo tenho um paranóico pensando que me olham porque sabem o que estive fazendo nas últimas doze horas, mas ao final, me dou conta de que o que olham é o carro. Christian parece alheio a tudo, perdido em seus pensamentos.

Há pouco tráfico, assim não demoramos para chegar a interestadual 5 em direção ao sul, com o vento soprando por cima de nossas cabeças. Bruce canta que arde de desejo. Muito oportuno. Ruborizo-me escutando a letra. Christian me olha. Com seus óculos Ray-Ban, não vejo sua expressão. Franze os lábios, apóia uma mão em meu joelho e me aperta suavemente. Minha respiração fica difícil.

— Tem fome? — pergunta-me.

Não de comida.

— Não especialmente.

Seus lábios voltam a apertar-se em uma linha firme.

— Você tem que comer, Anastásia, — ele repreende-me. — Conheço um lugar fantástico perto de Olympia. Pararemos ali. — Aperta-me o joelho de novo, sua mão volta a pegar no volante e pisa no acelerador. Vejo-me impulsionada contra o respaldo do assento. Caramba, como corre este carro. O restaurante é pequeno e íntimo, um chalé de madeira em meio de um bosque. A decoração é rústica: cadeiras diferentes, mesas com toalhas em xadrez e flores silvestres em pequenos vasos. *Cuisine Sauvage*, alardeia um pôster por cima da porta.

— Fazia tempo que não vinha aqui. Não se pode escolher... Preparam o que caçaram ou recolheram. — Levanto as sobrancelhas fingindo horrorizar-se e não posso evitar de rir. A garçonete nos pergunta o que vamos beber. Ruboriza-se ao ver Christian e se esconde debaixo de sua comprida franja loira para evitar olhá-lo nos olhos. Ela gosta dele! *Não acontece só comigo!*

— Dois copos do Pinot Grigio, — diz Christian em tom autoritário. Eu aperto meus lábios, aborrecida. — O que? — pergunta-me bruscamente.

— Eu queria uma Coca-cola light, — eu sussurro.

Seus olhos cinza se apertam e ele sacode sua cabeça.

— O Pinot Grigio daqui é um vinho decente. Irá bem com a comida, tragam o que nos trouxerem, — diz-me em tom paciente.

— Tragam o que trouxerem?

— Sim.

Esboça seu deslumbrante sorriso inclinando a cabeça e faz um nó no meu estômago. Eu não posso deixar de devolver-lhe seu sorriso glorioso.

— Minha mãe gostou de você, — diz-me de repente.

— Sério? — Suas palavras me fazem ruborizar de alegria.

— Oh sim. Sempre pensou que eu fosse gay.

Abro a boca ao me lembrar *daquela pergunta... na entrevista. Oh, não.*

— Por que ela pensava que é gay? — pergunto-lhe em voz baixa.

— Porque nunca me viu com uma garota.

— Oh... com nenhuma das quinze?

Ele sorri.

— Tem boa memória. Não, com nenhuma das quinze.

— Oh.

— Olhe, Anastásia, para mim também foi um fim de semana de novidades, — diz-me em voz baixa.

— Foi?

— Nunca tinha dormido com ninguém, nunca tinha tido relações sexuais em minha cama, nunca tinha levado uma garota no Charlie Tango e nunca tinha apresentado uma mulher para minha mãe. O que você está fazendo comigo? — A intensidade de seus olhos ardentes me corta a respiração.

A garçonete chega com nossos copos de vinho, e imediatamente dou um pequeno gole. Está sendo franco ou se trata de um simples comentário fortuito?

— Eu gostei muito deste fim de semana, — digo em voz baixa. Ele aperta os olhos para mim novamente.

— Pare de morder o lábio, — ele grunhe. — Eu também, — ele acrescenta.

— O que é sexo baunilha? — pergunto-lhe, embora só para me distrair do intenso olhar ardente e sexy que ele está me dando. Ele ri.

— Sexo convencional, Anastásia. Sem brinquedos, nem acessórios. — ele encolhe os ombros. — Você sabe... bom, a verdade é que não sabe, mas isso é o que significa.

— Oh. — Eu pensei que era sexo bolo de chocolate com uma cereja no topo, o que tivemos. Mas então, o que eu sei?

A garçonete nos traz sopa, que ambos olhamos com certo receio.

— Sopa de urtigas, — informa-nos a garçonete, dando meia volta e retornando zangada à cozinha. Não acredito que goste que Christian não lhe faça nem caso. Provo a sopa, que está deliciosa.

Christian e eu olhamos um para o outro, aliviados. Dou uma risada e ele inclina a cabeça.

— Que som adorável, — murmura.

— Por que você nunca fez sexo baunilha antes? Você sempre fez... err, o que faz? — pergunto-lhe intrigada.

Ele concorda lentamente.

— Mais ou menos. — Ele responde-me com cautela. Por um momento franze o cenho e parece liberar uma espécie de batalha interna. Logo levanta os olhos, como se tivesse tomado uma decisão. — Uma amiga de minha mãe me seduziu quando eu tinha quinze anos.

— Oh. *Meu deus, tão jovem!*

— Seus gostos eram muito especiais. Fui seu submisso durante seis anos. — Ele encolhe os ombros.

— Oh. — Meu cérebro congelou, atordoado por essa confissão.

— Então, eu sei o que isso implica, Anastásia. — Seus olhos brilham com a introspecção.

Observo-o fixamente, incapaz de articular uma palavra... Até meu subconsciente está em silêncio.

— A verdade é que não tive uma introdução ao sexo muito corrente.

A curiosidade entra em ação.

— E alguma vez saiu com alguém na faculdade?

— Não. — responde-me, negando com a cabeça, para enfatizar sua resposta.

A garçonete chega para retirar nossos pratos e nos interrompe um por momento.

— Por quê? — pergunto-lhe, quando ela se vai.

Ele sorri sardonicamente.

— Você, realmente, quer saber?

— Sim.

— Porque não quis. Ela era tudo o que queria ou necessitava. Além disso, ela iria me castigar. — Ele sorri com carinho ao recordar.

Oh, isso era muita informação… mas queria mais.

— Então, ela era uma amiga de sua mãe, quantos anos ela tinha?

Ele sorri.

— Tinha idade suficiente para saber o que fazia.

— Você ainda a vê?

— Sim.

— Ainda… bem…? — Ruborizo-me.

— Não. — Ele sacode a cabeça e com um sorriso indulgente. — Ela é uma boa amiga.

-Oh. Sua mãe sabe?

Ele me olha, como se dissesse para não ser idiota.

— Claro que não.

A garçonete retorna com carne de veado, mas meu apetite sumiu. Que revelação.

Christian, um submisso... caramba. Eu dou um comprido gole no Pinot Grigio... Christian tinha razão, é obvio, está delicioso. Deus, tenho que pensar em tudo o que me contou. Necessito tempo para processá-lo quando estiver sozinha, porque agora sua presença me distrai. É tão irresistível, tão macho alfa, e de repente, lança esta bomba. *Ele sabe o que é ser submisso.*

— Mas não pode ter sido em tempo integral? — Estou confusa.

— Bem, era, apesar de não vê-la o tempo todo. Era… difícil. Afinal, eu ainda estava na escola e mais tarde, na faculdade. Coma, Anastásia.

— Não tenho fome, Christian, de verdade. *Eu estou me recuperando da revelação.*

Sua expressão se endurece.

— Coma, — diz-me em tom tranquilo, muito tranquilo.

Eu olho para ele. Este homem… abusaram sexualmente dele quando era adolescente… seu tom é ameaçador.

— Espere um momento, — eu murmuro. Ele pisca um par de vezes.

— Ok, — ele murmura e segue comendo.

Assim será a coisa se assinar. Terei que cumprir suas ordens. Franzo o cenho. *É isso o que quero?*
Pego o garfo e a faca, e começo a cortar o veado. Está delicioso.

— Assim será a nossa... nossa relação? — Eu sussurro. — Estará me dando ordens todo o momento? — pergunto-lhe em um sussurro, sem me atrever a olhá-lo.

— Sim, - ele murmura.

— Já vejo.

— E o que mais que eu queira que faça, — acrescenta em voz baixa.

Eu sinceramente duvido disso. Eu corto mais um pedaço de veado e aproximo dos lábios.

— É um grande passo, — eu murmuro e como.
— Sim, é. Ele fecha os olhos por um segundo. Quando os abre, está muito sério.

— Anastásia, tem que seguir seu instinto. Pesquise um pouco, leia o contrato... Não tenho problema em comentar qualquer detalhe. Estarei em Portland até na sexta-feira, se por acaso quiser que falemos sobre isso antes do fim de semana. — Suas palavras me chegam em uma corrida. — Ligue-me ... talvez, pudéssemos jantar... digamos na quarta-feira? Na verdade, quero que isto funcione. Nunca quis tanto.

Seus olhos refletem sua ardente sinceridade e seu desejo. É basicamente o que não entendo. *Por que eu? Por que* não uma das quinze? OH, não... É nisso que vou converter-me? Em um número?
A dezesseis, nada menos?

-O que aconteceu com as outras quinze? - pergunto-lhe, de repente.

Ele suspende as sobrancelhas, surpreso e move a cabeça com expressão resignada.

— Coisas distintas, mas ao fim e ao cabo se reduz a... — detém-se, acredito que tentando encontrar as palavras.
— Incompatibilidade. — Ele encolhe os ombros.

— E acredita que eu poderia ser compatível contigo?

— Sim.

— Então, já não vê nenhuma de ex.

— Não, Anastásia. Eu não. Sou monógamo em meus relacionamentos.

Oh... *isso é novidade.*

— Já vejo.

— Pesquise um pouco, Anastásia.

Eu abaixo o garfo e a faca. Não posso continuar comendo.

— Só isso? Isso é tudo o que vai comer?
Eu concordo. Ele franze o cenho, mas decide não dizer nada. Eu deixo escapar um pequeno suspiro de alívio.

Meu estômago está embrulhado com tantas informações e me sinto um pouco tonta pelo vinho. Observo-o devorando tudo o que tem no prato. Ele come como um cavalo. Deve fazer muito exercício para manter a boa forma. De repente, recordo como lhe cai bem o pijama. A imagem é totalmente perturbadora. Contorço-me desconfortavelmente. Ele me olha e eu ruborizo.

— Eu daria tudo para saber o que está pensando neste exato momento, — ele murmura.

Ruborizo ainda mais.

Ele sorri perversamente para mim.

— Eu posso imaginar, — provoca-me.

— Alegro-me de que não possa ler meus pensamentos.

— Seus pensamentos não, Anastásia, mas seu corpo... isso conheço bastante bem desde ontem. — Sua voz é sugestiva. Como pode mudar de humor tão rápido? É tão volátil... É tão difícil seguir seu ritmo.

Chama à garçonete e lhe pede a conta. Depois de pagar, levanta-se e me estende a mão.

— Vamos. — Agarra-me pela mão e voltamos para carro. O inesperado dele é este contato de sua pele, normal, íntimo. Não posso reconciliar este gesto corrente e tenro com o que quer faz naquele quarto... O Quarto Vermelho da Dor.

Fazemos a viagem de Olympia para Vancouver em silêncio, cada um afundado em seus pensamentos. Quando estaciona em frente à porta de minha casa, são cinco horas da tarde.

As luzes estão acesas, então Kate está em casa, sem dúvida, empacotando, a menos que Elliot ainda não tenha partido. Christian desliga o motor, então percebo que tenho que me separar dele.

— Quer entrar? — pergunto-lhe. Não quero que parta. Quero ficar mais tempo com ele.

— Não. Tenho trabalho para fazer, — ele diz simplesmente, me olhando com expressão insondável.

Eu olho para baixo, para as minhas mãos e entrelaço os dedos. De repente, me sinto emotiva. Ele vai partir. Aproximando-se mais, ele pega uma de minhas mãos e lentamente a leva à boca e beija suavemente a palma, bem a moda antiga. Meu coração salta para minha boca.

— Obrigado por este fim de semana, Anastásia. Foi... estupendo. Quarta-feira? Passarei para lhe pegar no trabalho ou onde você quiser. — Ele diz suavemente.

— Quarta-feira, — sussurro.

Ele beija minha mão de novo e a coloca de volta em meu colo. Sai do carro, aproxima-se de minha porta e abre. Por que, de repente, me sinto desolada? Isso me dá um nó na garganta. Não quero que me veja assim. Fixo um sorriso em meu rosto, saio do carro e me dirijo para a porta, sabendo

que eu tenho que enfrentar Kate e não quero enfrentar a Kate. No meio caminho, eu giro e olho para ele. *Levante o queixo, Steele*, eu me repreendo.

— Oh... à propósito, vesti uma de suas cuecas. — Dou para ele um pequeno sorriso e puxo o elástico de sua cueca para que ele veja. Christian abre a boca, surpreso. O que é uma grande reação. Meu humor muda imediatamente, eu escorrego para dentro de casa, uma parte de mim querendo pular e dar socos no ar. *SIM!* A minha deusa interior está encantada.

Kate está na sala de estar, colocando seus livros em caixas.

— Você voltou. Onde está Christian? Como você está? — pergunta-me em tom febril, nervoso. Vem para mim, agarra-me pelos ombros e examina minuciosamente meu rosto antes mesmo de me dizer olá.

Merda... Tenho que lutar com a insistência e a tenacidade de Kate, e tenho na bolsa um documento legal assinado, que diz que não posso falar. Não é uma saudável combinação.

— Bem, como foi? Não deixei que pensar em ti por um momento, depois que Elliot partiu, claro. — Ela sorri maliciosamente.

Não posso evitar sorrir por sua preocupação e sua ardente curiosidade, mas de repente, me dá vergonha.

Eu ruborizo. O que aconteceu foi muito íntimo. Tudo isso. Ver e saber o que Christian esconde. Mas tenho que lhe dar alguns detalhes, porque se não, não vai deixar-me em paz.

— Está tudo bem, Kate. Muito bem, eu penso, — digo-lhe em tom tranquilo, tentando ocultar meu sorriso.

— Você pensa?

— Não tenho nada com o que comparar, não é? — digo-lhe, encolhendo de ombros apologeticamente.

— Ele fez você gozar?

Caramba, como ela é direta. Eu fico vermelha.

— Sim, — eu murmuro, exasperada.

Kate me empurra até o sofá e nos sentamos. Ela agarra as minhas mãos.

— Isso é bom. — Olha-me como se não acreditasse. — Foi sua primeira vez. Uau, Christian deve saber o que se faz.

Oh, Kate, se você soubesse...

— Minha primeira vez foi terrível, — ela continua, fazendo uma cara triste e engraçada.

— Anh? — Isso me interessa, era algo que ela nunca tinha me contado antes.

— Sim. Steve Paton. No segundo grau. Um atleta babaca. — Encolhe os ombros. — Foi muito brusco, e eu não estava preparada. Estávamos os dois bêbados. Já sabe... o típico desastre adolescente, depois da festa de

formatura. Ugh, demorei meses para me decidir a voltar a tentar. E não com aquele inútil. Eu era muito jovem. Você fez bem em esperar.

— Kate, isso parece horrível.

Kate parece melancólica.

— Sim, demorei quase um ano para ter meu primeiro orgasmo com penetração, e aí está você... na primeira vez.

Concordo envergonhada. A minha deusa interior está sentada na postura do lótus e parece serena, embora tenha um ardiloso sorriso autocomplacente no rosto.

— Alegro-me de que tenha perdido a virgindade com um homem que sabe o que se faz. — Ele pisca para mim com um olho. — E quando volta a vê-lo de novo?

— Quarta-feira. Vamos jantar.

— Então você ainda gosta dele?

— Sim, mas não sei o que vai acontecer... no futuro.

— Por quê?

— É complicado, Kate. Você sabe... seu mundo é totalmente diferente do meu.

Boa desculpa. Aceitável também. Muito melhor que... *ele tem um Quarto Vermelho da Dor e quer me converter em sua escrava sexual.*

— Oh por favor, não permita que o dinheiro seja um problema, Ana. Elliot me disse que é muito estranho que Christian saia com uma garota.

— Será que ele...? — pergunto-lhe, minha voz estava várias oitavas mais aguda.

Tão obvio, Steele! Meu subconsciente me olha movendo seu comprido dedo e logo se transforma na balança da justiça para me lembrar que Christian poderia me processar se eu revelasse demais.

Ah... O que pode fazer? Ficar com todo meu dinheiro? Tenho que me lembrar de procurar no Google "*pena por descumprir um acordo de confidencialidade*" quando fizer minha "pesquisa". É como se ele me tivesse me passado lição de casa. Talvez eu possa ganhar um diploma. Ruborizo me lembrando do meu A, esta manhã, no meu experimento na banheira.

— Ana, o que foi?

— Estava me lembrando de algo que Christian me disse.

— Você parece diferente, — Kate me diz com carinho.

— Eu estou diferente. Dolorida, — confesso-lhe.

— Dolorida?

— Um pouco. — Ruborizo-me.

— Eu também. Homens, — ela diz com uma careta de desgosto. — São como animais. — Nós duas começamos a rir.

— Você também está dolorida? — pergunto-lhe surpreendida.

— Sim... excesso de uso.

Eu começo a rir.

— Fale-me mais sobre Elliot e seu excesso de uso, — pergunto-lhe quando paro por fim. Eu posso sentir que estou relaxando, pela primeira vez, desde que estava fazendo fila no banheiro do bar... antes da chamada de telefone que começou tudo isto... quando admirava o senhor Grey à distância. Dias felizes e sem complicações.

Kate se ruboriza. *Oh, meu deus...* Katherine Agnes Kavanagh se converte em Anastásia Rose Steele. Lança-me um olhar ingênuo. Nunca antes a tinha visto reagir assim por um homem.

Meu queixo cai tanto que chega ao chão. *Onde está Kate? O que fizeram com ela?*

— Oh, Ana, — ela me diz entusiasmada. — Ele é tão... tão... tudo. E quando nós... Oh... é fantástico. — Ela está tão alterada que logo não pode completar uma frase.

— Eu penso que você está tentando me dizer que você gosta dele.

Ela concorda com a cabeça, rindo como uma lunática.

— E vou vê-lo no sábado. Vai nos ajudar com a mudança. — Junta as mãos, levanta do sofá e se dirige à janela fazendo piruetas. A mudança. *Merda*, eu tinha esquecido disso, apesar de haver caixas por toda parte.

— Muito amável de sua parte, — digo-lhe. Assim o conhecerei também. Possivelmente possa me dar mais pistas sobre seu estranho e inquietante irmão.

— Então, o que fizeram ontem à noite? — pergunto-lhe. Ela inclina a cabeça para mim e levanta as sobrancelhas em um gesto que deve dizer: "O que te parece que fizemos, idiota?".

— Mais ou menos o mesmo que vocês fizeram, mas nós jantamos antes. — Ela sorri para mim. — Você realmente está bem? Parece um pouco sobrecarregada.

— Estou sobrecarregada. Christian é muito intenso.

— Sim, já faço uma ideia. Mas ele foi bom para você?

— Sim, — tranqüilizo-a. — Estou morta de fome. Quer que prepare algo?

Ela concorda e coloca um par de livros em uma caixa.

— O que quer fazer com os livros de quatorze mil dólares? — pergunta-me.

— Vou devolvê-los.

— Realmente?

— É um presente exagerado. Não posso aceitá-lo, especialmente agora. — Sorrio, e Kate concorda com a cabeça.

— Eu entendo você. Chegou um par de cartas para você, e José não deixou de ligar. Parecia desesperado.

— Vou ligar para ele, — murmuro evasiva. Se contar para Kate sobre José, ela vai querer ele para o café da manhã. Recolho as cartas da mesa e as abro.

— Ei, tenho entrevistas! Dentro de duas semanas, em Seattle, para fazer estágio.

— Em uma editora?

— Para duas delas!

— Eu lhe disse que seu curiculum acadêmico lhe abriria portas, Ana.

Kate já tem seu posto para fazer as práticas no The Seattle Time, é obvio. Seu pai conhece alguém, que conhece alguém.

— Como Elliot se sente por você sair de férias? — pergunto-lhe.

Kate se dirige para a cozinha, e pela primeira vez desde que cheguei parece desconsolada.

— Ele entende. Uma parte de mim não quer partir, mas é tentador demais ficar tomando banho de sol um par de semanas. Além disso, minha mãe não deixa de insistir, porque acredita que serão nossas últimas férias em família, antes que Ethan e eu comecemos a trabalhar a sério.

Eu nunca saí dos Estados Unidos. Kate vai por duas semanas a Barbados, com seus pais e seu irmão, Ethan. Ficarei sozinha duas semanas, sem Kate, na casa nova. Será estranho. Ethan esteve viajando pelo mundo desde o ano passado, depois de graduar-se. Por um momento me pergunto se o verei antes que saiam de férias. É um tipo muito simpático. O telefone me tira de meu devaneio.

— Deve ser José.

Suspiro. Sei que tenho que falar com ele. Levanto o telefone.

— Alô.

— Ana, você voltou! — exclama José aliviado.

— Obviamente. — Respondo-lhe com certo sarcasmo e rolo os olhos para o telefone.

Ele fica em silencio por um momento.

— Posso ver você? Sinto muito sobre sexta-feira. Estava bêbado... e você... bem. Ana, me perdoe, por favor.

— Claro que te perdoo, José. Mas não repita isso de novo. Sabe quais são meus sentimentos por você.

Ele suspira profundamente, com tristeza.

— Eu sei, Ana. Mas pensei que se beijasse você, possivelmente seus sentimentos mudassem.

— José eu te amo fraternamente, você é muito importante para mim. É como o irmão que nunca tive. E isso não vai mudar. Você sabe disso. — Eu sei que o estou magoando, mas é a verdade.

— Então, você saiu com ele? — pergunta-me com desdém.

— José, não sai com ninguém.

— Mas você passou a noite com ele.

— Não é da sua conta!

— É pelo dinheiro?

— José! Como se atreve? — grito-lhe, atônita por seu atrevimento.

— Ana, — ele diz com voz queixosa, em tom de desculpa. Eu não estou disposta a aguentar seus ciúmes mesquinhos. Sei que está machucado, mas já tenho bastante lutando com Christian Grey.

— Talvez possamos tomar um café amanhã. Ligarei para você, — digo-lhe em tom conciliador.

Ele é meu amigo e lhe tenho muito carinho. Mas neste momento não estou precisando disso.

— Amanhã, então. Você me liga? — Sua voz esperançosa me comove.

— Sim... boa noite, José. — Desligo, sem esperar sua resposta.

— O que foi tudo isto? — Katherine pergunta-me com as mãos nos quadris. Eu decido que o melhor quer dizer a verdade. Parece mais obstinada que nunca.

— Ele tentou me beijar na sexta-feira.

— José? *E* Christian Grey? Ana, seus feromônios devem estar fazendo horas extras. No que estava pensando esse imbecil? — Ela sacode a cabeça zangada e segue empacotando.

Quarenta e cinco minutos mais tarde, fizemos uma pausa para degustar a especialidade da casa, minha lasanha.

Kate abre uma garrafa de vinho e nos sentamos para comer entre as caixas, bebendo vinho tinto barato e vendo porcarias na televisão. Essa é a normalidade. É bem recebida e tranquilizadora depois das últimas quarenta e oito horas de... loucura. É minha primeira comida, em dois dias, sem preocupações, sem que insistam e em paz. *Qual o problema que Christian tem com a comida?* Kate recolhe os pratos enquanto eu acabo de empacotar o que fica na sala de estar. Só deixamos o sofá, a televisão e a mesa. O que mais poderíamos necessitar? Só falta empacotar o conteúdo de nossos quartos e a cozinha, e temos toda a semana pela frente. *Resultado!*

O telefone volta a tocar. É Elliot. Kate me pisca um olho e vai para o seu quarto, saltitando como se tivesse quatorze anos. Sei que deveria estar escrevendo seu discurso oficial, mas parece que Elliot é mais importante. O que acontece com os homens Grey? O que os faz tão absorventes, tão devoradores e tão irresistíveis? Tomo outro gole de vinho.

Faço uma rápida busca por algum programa de TV, mas no fundo sei que estou me demorando de propósito. O contrato está queimando dentro de minha bolsa. Terei forças para lê-lo esta noite?

Apoio à cabeça nas mãos. Tanto José como Christian querem algo de mim. Com José é fácil. Mas Christian... Christian tem um campeonato totalmente diferente, de manipulação, de entendimento. Uma parte de mim quer sair correndo e se esconder. O que vou fazer? Penso em seus ardentes olhos cinza, em seu intenso e provocador olhar e fico tensa. Ele nem está aqui, e eu estou ligada. Isso não pode ser só sobre sexo, pode? Lembro de sua conversa suave, esta manhã no café da manhã, a sua alegria com o meu

prazer com o passeio de helicóptero, ele tocando piano, essa música tão triste, doce e comovedora...

Ele é uma pessoa muito complicada. E agora comecei a entender por que. Um menino privado de adolescência, sexualmente abusado por uma malvada senhora Robinson... não é estranho que pareça mais velho do que é. Meu coração se enche de tristeza ao pensar no que no que ele deve ter passado. Sou muito ingênua para saber exatamente do que se trata, mas a pesquisa deve me dar um pouco de luz. Embora de verdade, quero saber? Quero explorar esse mundo do qual não sei nada?

É um passo muito importante.

Se não o tivesse conhecido, seguiria tão feliz, alheia a tudo isto. Minha mente se translada para a noite de ontem e a esta manhã... a incrível e sensual sexualidade que experimentei. Quero dizer adeus a isso? *Não!* exclama meu subconsciente... Minha deusa interior concorda em um silêncio zen, para mostrar que está de acordo com ele.

Kate volta para a sala de estar, sorrindo de orelha a orelha. *Talvez ela esteja apaixonada*. Eu olho para ela, boquiaberta. Nunca se comportou assim.

— Ana, vou para cama. Estou muito cansada.

— Eu também, Kate.

Ela me abraça.

— Alegro-me que tenha voltado sã e salva. Há algo estranho em Christian, — ela acrescenta em voz baixa, em tom de desculpa. Eu sorrio para tranquilizá-la, embora pense... *Como diabos ela sabe?* Por isso ela será uma jornalista tão boa, por sua infalível intuição.

Pego a minha bolsa, vou para o meu quarto com passo desinteressado. Os esforços sexuais das últimas horas e o total e absoluto dilema que me enfrento me deixaram esgotada. Sento-me na cama, tiro da bolsa com cautela, o envelope de papel pardo e dou voltas com ele entre as mãos. Estou segura de que quero saber até onde chega à depravação de Christian? É tão assustador. Respiro fundo e com o coração na garganta, eu abro o envelope.

Capítulo 11

Existem vários papéis no interior do envelope. Eu os pego, com o coração disparado, e sento na cama e começo a ler.

CONTRATO

No dia_____ de 2011 ("data de início")

ENTRE

O SR. CHRISTIAN GREY, com domicilio no Escala 301, Seattle, 98889 Washington, ("o Dominante")

E A SRTA. ANASTÁSIA STEELE, com domicilio no SW Green Street 1114, apartamento 7, Haven Heights, Vancouver, 98888 Washington ("a Submissa")

AS PARTES ACORDAM O SEGUINTE

1. A seguir estão os termos de um contrato vinculativo entre o Dominante e a Submissa.

TERMOS FUNDAMENTAIS

2. O propósito fundamental deste contrato é permitir que a Submissa explore sua sensualidade e seus limites de forma segura, com o devido respeito e cuidar de suas necessidades, seus limites e seu bem-estar.

3. O Dominante e a Submissa acordam e admitem que tudo o que aconteça sob os termos deste contrato será consensual e confidencial, e estará sujeito aos limites acordados e aos procedimentos de segurança que se contemplam neste contrato. Podem acrescentar-se limites e procedimentos de segurança adicionais.

4. O Dominante e a Submissa garantem que não padecem de infecções sexuais nem enfermidades graves, incluindo HIV, herpes e hepatite, entre outras. Se durante a vigência do contrato (como se define abaixo) ou de qualquer ampliação do mesmo, uma das partes for diagnosticada ou tiver conhecimento de padecer de alguma destas enfermidades, compromete-se a informar à outra imediatamente e em todo caso, antes que se produza qualquer tipo de contato entre as partes.

5. É preciso cumprir as garantias e os acordos anteriormente mencionados (e todo limite e procedimento de segurança adicional acordado na cláusula 3). Toda infração invalidará este contrato com caráter imediato e ambas as partes aceitam assumir totalmente ante a outra as consequências da infração.

6. Todos os pontos deste contrato devem ler-se e interpretar-se à luz do propósito e os términos fundamentais estabelecidos nas cláusulas 2-5.

FUNÇÕES

7. O Dominante será responsável pelo bem-estar e pelo treinamento, a orientação e a disciplina da Submissa. Decidirá o tipo de treinamento, a orientação e a disciplina, e o momento e o lugar de administrá-los, atendendo aos termos acordados, os limites e os procedimentos de segurança estabelecidos neste contrato ou acordado ainda nos termos da cláusula 3 acima.

8. Se em algum momento o Dominante não mantiver os termos acordados, os limites e os procedimentos de segurança estabelecidos neste contrato ou acordados na cláusula 3, a Submissa tem direito a finalizar este contrato imediatamente e a abandonar seu serviço ao Dominante sem prévio aviso.

9. Atendendo a esta condição e às cláusulas 2-5, a Submissa tem que obedecer em tudo ao Dominante. Atendendo aos termos acordados, os limites e os procedimentos de segurança estabelecidos neste contrato ou acordados na cláusula 3, deve oferecer ao Dominante, sem perguntar nem duvidar, todo o prazer que este lhe exija, e deve aceitar, sem perguntar nem duvidar, o treinamento, a orientação e a disciplina em todas suas formas.

INÍCIO E VIGÊNCIA

10. O Dominante e a Submissa assinam este contrato na data de início, conscientes de sua natureza e comprometendo-se a acatar suas condições sem exceção.

11. Este contrato terá efeito durante um período de três meses a partir da data de início ("vigência do contrato"). Ao expirar a vigência, as partes comentarão se este contrato e o disposto por eles no mesmo, são satisfatórios e se estiverem satisfeitas as necessidades de cada parte. Ambas as partes podem propor ampliar o contrato e ajustar os termos ou os acordos que nele se estabelecem. Se não se chegar a um acordo para ampliá-lo, este contrato concluirá e ambas as partes serão livres para seguir sua vida separados.

DISPONIBILIDADE

12. A Submissa estará disponível para o Dominante desde sexta-feira à noite até o domingo pela tarde, todas as semanas durante a vigência do contrato, com as horas a especificar pelo Dominante ("horas atribuídas"). Podem acordar mutuamente por mais horas, atribuídas como adicionais.

13. O Dominante se reserva o direito a rechaçar o serviço da Submissa em qualquer momento e pelas razões que sejam. A Submissa pode solicitar sua liberação em qualquer momento, liberação que ficará a critério do Dominante e estará exclusivamente sujeito aos direitos da Submissa contemplados nas cláusulas 2-5 e 8.

LOCALIZAÇÃO

14. A Submissa estará disponível às horas atribuídas e às horas adicionais, nos lugares que determine o Dominante. O Dominante concorrerá com todos os custos de viagem que incorra a Submissa com este fim.

PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS

15. As duas partes discutem e acordam as seguintes prestações de serviços, e ambas deverão as cumprir durante a vigência do contrato. Ambas as partes aceitam que podem surgir questões não contempladas nos termos deste contrato de prestação de serviços, e que determinadas questões poderão renegociar-se. Nestas circunstâncias, poderão propor-se cláusulas adicionais a modo de emenda. Ambas as partes deverão acordar, redigir e assinar toda cláusula adicional ou emenda, que estará sujeita aos termos fundamentais estabelecidos nas cláusulas 2-5.

DOMINANTE

15.1. O Dominante deve priorizar em todo momento a saúde e a segurança da Submissa. O Dominante em nenhum momento exigirá, solicitará, permitirá nem pedirá à Submissa que participe das atividades detalhadas no Apêndice 2 ou em toda atividade que qualquer das duas partes considere insegura. O Dominante não levará a cabo, nem permitirá que se leve a cabo, nenhuma atividade que possa ferir gravemente à Submissa ou pôr em perigo sua vida. As restantes sub-partes desta cláusula 15 devem ler-se atendendo a esta condição e aos acordos fundamentais das cláusulas 2-5.

15.2. O Dominante aceita o controle, o domínio e a disciplina da Submissa durante a vigência do contrato. O Dominante pode utilizar o corpo da Submissa em qualquer momento durante as horas atribuídas, ou em horas adicionais acordadas, da maneira que considere oportuno, no sexo ou em qualquer outro âmbito.

15.3. O Dominante oferecerá a Submissa o treinamento e a orientação necessários para servir adequadamente ao Dominante.

15.4. O Dominante manterá um entorno estável e seguro para que a Submissa possa levar a cabo suas obrigações para servir ao Dominante.

15.5. O Dominante pode disciplinar à Submissa quanto seja necessário para assegurar-se de que a Submissa entenda totalmente seu papel de submissão ao Dominante e para desalentar condutas inaceitáveis. O Dominante pode açoitar, surrar, dar chicotadas e castigar fisicamente à Submissa se o considerar oportuno por motivos de disciplina, por prazer ou por qualquer outra razão, que não está obrigado a expor.

15.6. No treinamento e na administração de disciplina, o Dominante garantirá que não fiquem marcas no corpo da Submissa, nem feridas que exijam atenção médica.

15.7. No treinamento e na administração de disciplina, o Dominante garantirá que a disciplina e os instrumentos utilizados para administrá-la, sejam seguros, não os utilizará de maneira que provoquem danos sérios e em nenhum caso poderá transpassar os limites estabelecidos e detalhados neste contrato.

15.8. Em caso de enfermidade ou ferida, o Dominante cuidará da Submissa, vigiará sua saúde e sua segurança, e solicitará atenção médica quando o considerar necessário.

15.9. O Dominante cuidará de sua própria saúde e procurará atenção médica quando for necessário para evitar riscos.

15.10. O Dominante não emprestará sua Submissa a outro Dominante.

15.11. O Dominante poderá sujeitar, algemar ou atar a Submissa em todo momento durante as horas atribuídas ou em qualquer hora adicional por qualquer razão e por compridos períodos de tempo, emprestando a devida atenção à saúde e a segurança da Submissa.

15.12. O Dominante garantirá que todo o equipamento utilizado para o treinamento e a disciplina se mantenha limpo, higiênico e seguro em todo momento.

SUBMISSA

15.13. A Submissa aceita o Dominante como seu dono e entende que agora é de sua propriedade e que está ao seu dispor quando o Dominante lhe agrade durante a vigência do contrato em geral, mas especialmente nas horas atribuídas e nas horas adicionais acordadas.

15.14. A Submissa obedecerá às normas estabelecidas no Apêndice 1 deste contrato.

15.15. A Submissa servirá ao Dominante em tudo aquilo que o Dominante considere oportuno e deve fazer todo o possível por agradar ao Dominante em todo momento.

15.16. A Submissa tomará medidas necessárias para cuidar de sua saúde, solicitará ou procurará atenção médica quando a necessitar, e em todo momento manterá informado o Dominante de qualquer problema de saúde que possa surgir.

15.17. A Submissa garantirá que toma anticoncepcionais orais, e que toma como e quando é devido para evitar ficar grávida.

15.18. A Submissa aceitará sem questionar todas e cada uma das ações disciplinadoras que o Dominante considere necessárias, e em todo momento recordará seu papel e sua função ante o Dominante.

15.19. A Submissa não se tocará nem se proporcionará prazer sexual sem a permissão do Dominante.

15.20. A Submissa se submeterá a toda atividade sexual que exija o Dominante, sem duvidar e sem discutir.

15.21. A Submissa aceitará açoites, surras, pauladas, chicotadas ou qualquer outra disciplina que o Dominante administrar, sem duvidar, perguntar nem queixar-se.

15.22. A Submissa não olhará diretamente nos olhos ao Dominante exceto quando lhe ordenar. A Submissa deve abaixar os olhos, guardar silêncio e mostrar-se respeitosa em presença do Dominante.

15.23. A Submissa se comportará sempre com respeito para o Dominante e só se dirigirá a ele como senhor, senhor Grey ou qualquer outro apelativo que lhe ordene o Dominante.

15.24. A Submissa não tocará no Dominante sem seu rápido consentimento.

ATIVIDADES

16. A Submissa não participará de atividades ou atos sexuais que qualquer das duas partes considere inseguras nem nas atividades detalhadas no Apêndice 2.

17. O Dominante e a Submissa comentaram as atividades estabelecidas no Apêndice 3 e fazem constar por escrito no Apêndice 3 seu acordo a respeito.

PALAVRAS DE SEGURANÇA

18. O Dominante e a Submissa admitem que o Dominante pode solicitar à Submissa ações que não possam levar-se a cabo sem incorrer em danos

físicos, mentais, emocionais, espirituais ou de outro tipo no momento em que lhe solicitam. Neste tipo de circunstâncias, a Submissa pode utilizar uma palavra de segurança. Serão incluídas duas palavras de segurança em função da intensidade das demandas.

19. Será utilizada a palavra de segurança "Amarelo" para indicar ao Dominante que a Submissa está chegando ao limite da resistência.

20. Será utilizada a palavra de segurança "Vermelho" para indicar ao Dominante que a Submissa já não pode tolerar mais exigências. Quando se disser esta palavra, a ação do Dominante cessará totalmente, com efeito imediato.

CONCLUSÃO

21. Os abaixo assinantes têm lido e entendido totalmente o que estipula este contrato.

Aceitamos livremente os termos deste contrato e com nossa assinatura damos nossa conformidade.

_____

Dominante: Christian Grey

Data:

_____

Submissa: Anastásia Steele

Data:

APÊNDICE 1

NORMAS

Obediência:

A Submissa obedecerá imediatamente todas as instruções do Dominante, sem duvidar, sem reservas e de forma expedita. A Submissa aceitará toda atividade sexual que o Dominante considere oportuna e prazerosa, exceto as atividades contempladas nos limites infranqueáveis (Apêndice 2). O fará com entusiasmo e sem duvidar.

Sono:

A Submissa garantirá que dorme no mínimo oito horas diárias quando não estiver com o Dominante.

Comida:

Para cuidar de sua saúde e seu bem-estar, a Submissa comerá frequentemente os mantimentos incluídos em uma lista (Apêndice 4). A Submissa não comerá entre horas, à exceção de fruta.

Roupa:

Durante a vigência do contrato, a Submissa só vestirá roupa que o Dominante tenha aprovado. O Dominante oferecerá à Submissa um orçamento para roupas, que a Submissa deve utilizar. O Dominante acompanhará à Submissa às compras de roupas quando for necessário. Se o Dominante assim o exigir, enquanto o contrato esteja vigente, a Submissa ficará com os adornos que lhe exija o Dominante, em sua presença ou em qualquer outro momento que o Dominante considere oportuno.

Exercício:

O Dominante proporcionará à Submissa um treinador pessoal quatro vezes por semana, em sessões de uma hora, a horas convencionadas pelo treinador pessoal e a Submissa. O treinador pessoal informará ao Dominante dos avanços da Submissa.

Higiene pessoal e beleza:

A Submissa estará limpa e depilada em todo momento. A Submissa irá a um salão de beleza eleita pelo Dominante quando este o ditar e se submeterá a qualquer tratamento que o Dominante considere oportuno. O Dominante concorrerá com todos os gastos.

Segurança pessoal:

A Submissa não beberá em excesso, não fumará, não tomará substâncias psicotrópicas, nem correrá riscos desnecessários.

Qualidades pessoais:

A Submissa só manterá relações sexuais com o Dominante. A Submissa se comportará em todo momento com respeito e humildade. Deve compreender que sua conduta influi diretamente na do Dominante.

Será responsabilizada por eventuais delitos, desmandos e os excessos cometidos quando não na presença do Dominante.

Ao descumprimento de qualquer das normas anteriores será imediatamente castigada, e o Dominante determinará a natureza do castigo.

APÊNDICE 2

Limites Rígidos

Sem atos com fogo.
Sem atos com urina, ou defecção e seus produtos.
Sem atos com agulhas, facas, perfurações e sangue.
Sem atos envolvendo instrumentos médico ginecológico.
Sem atos com crianças ou animais.
Sem atos que deixem marcas permanentes na pele.
Sem atos relativos ao controle da respiração.
Sem atividade que implique contato direto com corrente elétrica (tanto alternada como contínua), fogo ou chamas no corpo.

APÊNDICE 3

Limites Suaves

A discutir e acordar por ambas as partes:
Qual dos seguintes atos sexuais são aceitáveis para a Submissa?

- *Masturbação*
- *Felacão*
- *Cunnilingus*
- *Penetração vaginal*
- *Fisting vaginal*

• *Penetração anal*
• *Fisting anal*

A ingestão de sêmen é aceitável para a Submissa?
O uso de brinquedos sexuais é aceitável para a Submissa?
• *Vibradores*
• *Consoladores*
• *Plugues anais*
• *Outros brinquedos vaginais/anais*

A Submissa aceita o uso de Bondage?
• *Mãos na frente*
• *Mãos atrás*
• *Tornozelos*
• *Joelhos*
• *Cotovelos*
• *Pulsos aos tornozelos*
• *Barras de amarração*
• *Amarrada ao mobiliário*
• *Vendar*
• *Colocação de mordaça*
• *Bondage com cordas*
• *Bondage com fita adesiva*
• *Bondage com algemas de couro*
• *Suspensão*
• *Bondage com algemas de metal/restrições*

Quanto de dor a Submissa está disposta a experimentar?
Onde 1 equivale a que gosta muito e 5, a que lhe desgosta muito:
1 - 2 - 3 - 4 - 5

Aceita a Submissa as seguintes forma de dor/castigo/disciplina?
Onde 1 é para nenhum e 5 é para grave: 1 - 2 - 3 - 4 - 5
• *Açoites*
• *Açoites com pá*
• *Chicotadas*
• *Açoites com vara*
• *Mordidas*
• *Pinças para mamilos*
• *Pinças genitais*
• *Gelo*
• *Cera quente*
• *Outros tipos/métodos de dor*

Caramba. Nem sequer tenho forças para dar uma olhada à lista dos mantimentos. Engulo em seco, tenho a boca seca, e volto a ler.

Minha cabeça está zumbindo. Como vou aceitar tudo isto? E aparentemente é em meu benefício, *para que explore minha sensualidade e meus limites de forma segura...* oh, por favor! É de fazer rir. *Servi-lo e obedecê-lo em tudo.* Em tudo! Sacudo a cabeça com descrença. Na realidade, os votos de matrimônio não utilizam palavras como... obediência? Desconcerta-me. Os casais ainda dizem isso? Só três meses, por isso houve tantas? Não ficam muito tempo? Ou já tiveram bastante em três meses? *Todos os fins de semana?* É muito. Não poderei ver Kate nem os amigos que possa fazer em meu novo trabalho, caso eu encontre um trabalho... Talvez eu devesse reservar um fim de semana ao mês só para mim. Talvez, quando tiver minha menstruação, parece... prático.

É meu dono! Terei que fazer o que lhe agrade! *Caramba.*

Estremeço ao pensar que ele poderá me açoitar ou me amarrar. Talvez os açoites não sejam tão graves, embora humilhantes. E me amarrar? Bom, já me amarrou as mãos. Isso foi... bem, foi excitante, muito excitante, assim possivelmente tampouco seja tão grave. Não me emprestará a outro Dominante... maldito seja, é obvio que não. Seria totalmente inaceitável. *Por que eu ainda estou pensando sobre isso?*

Não posso olhá-lo aos olhos. *Que estranho*! É a única maneira de ter alguma possibilidade de saber o que está pensando. Mas a quem intento enganar? Nunca sei o que está pensando, mas eu gosto de olhá-lo nos olhos. São bonitos, cativantes, inteligentes, profundos e escuros, escuros com segredos dominantes. Penso em seu olhar ardente e aperto minhas coxas, eu estremeço.

E não posso tocá-lo. Bem, isto não me surpreende. E essas estúpidas regras... Não, não, não posso. Cubro o rosto com as mãos. Isso não é a maneira de manter uma relação. Preciso dormir um pouco. Estou fisicamente esgotada. As travessuras físicas que pratiquei nas últimas vinte e quatro horas foram, francamente, exaustivas. E mentalmente... Oh, homem, isso é muito para levar a bordo. Como diria José, uma autêntica fodida mental. Possivelmente pela manhã, isso não me pareça uma brincadeira de mau gosto.

Levanto-me e me troco rapidamente. Talvez devesse pedir emprestado para Kate o seu pijama rosa de flanela. Eu estou precisando do contato com algo fofinho e tranquilizador. Vou para o banheiro para escovar os dentes, vestindo camiseta e calças curtas de pijama.

Eu me olho no espelho do banheiro. *Eu não posso considerar isso seriamente...*

Meu subconsciente parece sensato e racional, e não sarcástico, como está acostumado a ser. A deusa interior não deixa de saltitar e bater palmas como uma menina de cinco anos. Por favor, vamos fazer isso... *se não, acabaremos sozinhas, com um montão de gatos, e suas novelas como companhia.*

O único homem que já me atraiu, chega com um maldito contrato, um chicote e um sem-fim de regras e cláusulas. Bem, ao menos consegui o que queria este fim de semana. Minha deusa interior deixa de saltar e sorri com serenidade. *OH, sim...* articula com os lábios, acenando para mim presunçosamente.

Ruborizo ao recordar de suas mãos e sua boca sobre mim, seu corpo dentro do meu. Fecho os olhos, eu sinto a força familiar e deliciosa dos meus músculos de baixo, profundo. Eu quero fazer isso de novo e de novo. Talvez se eu só assinasse para o sexo... ele aceitaria isso? Suspeito que não.

Eu, submissa? Talvez eu venha através dessa forma. Talvez eu o tenha enganado na entrevista. Sou tímida, sim... mas submissa? Eu deixei a Kate me intimidar... não é mesmo? E esses limites suaves, caramba. Confundo a minha cabeça, embora me tranquilize saber que temos que discuti-los.

Volto para meu quarto. É muito para pensar a respeito. Preciso limpar a cabeça, uma abordagem pela manhã, quando estiver de cabeça fresca para resolver o problema. Guardo os documentos ofensivos na bolsa.

Amanhã... amanhã será outro dia. Meto-me na cama, apago a luz e fico olhando ao teto. Oh, eu queria nunca tê-lo conhecido. Minha deusa interior sacode sua cabeça para mim. Ela e eu sabemos que é mentira. Eu nunca tinha me sentido tão viva.

Fecho meus olhos e mergulho em um sono profundo com sonhos ocasionais de camas com dossel, envelopes de papel manilha e intensos olhos cinza.

Kate me acorda na manhã seguinte.

— Ana, eu devo chamar você. Você deve ter sentido frio.

Meus olhos se negam a abrir-se. Não só se levantou, mas sim, saiu para correr. Dou uma olhada para o despertador. São oito da manhã. Caramba, dormi mais de nove horas.

— O que foi? — balbucio meio dormindo.

— Chegou um homem com um pacote para você. Tem que assinar.

— O que?

— Vamos. É grande. Parece interessante. — Ela dá pulinhos entusiasmados e volta para a sala de estar. Saio da cama e pego o robe, que está pendurado na porta. Um homem jovem, com um rabo de cavalo, está em pé na nossa sala de estar, segurando uma caixa grande nas mãos.

— Olá — eu murmuro.

— Eu vou preparar um chá. — Kate diz, indo para a cozinha.

— Senhorita Steele?

E imediatamente sei quem me manda o pacote.

— Sim, — eu respondo-lhe com receio.

— Trago um pacote para você, mas tenho que instalá-lo e lhe ensinar a utilizá-lo.

— Sério? A estas horas?

— Eu só cumpro ordens, senhora. — Ele me dá um sorriso encantador, mas profissional, como se dissesse: "não me venha com bobagens".

Ele acaba de me chamar de "senhora"? Envelheci dez anos em uma noite? Se for assim, é culpa do contrato. Franzo os meus lábios com desgosto.

— Ok, o que é isso?

— É um MacBook Pro.

— É claro que é. — Eu digo, rolando os olhos.

— Ainda não está nas lojas, senhora. É o último da Apple.

Por que não me surpreende? Suspiro ruidosamente.

— Coloque-o aí, na mesa de jantar.

Vou à cozinha para me juntar a Kate.

— O que é? — Ela me pergunta curiosa, com os olhos brilhantes. Também, ela dormiu muito bem.

— Um notebook de Christian.

— Por que ele mandou um notebook? Sabe que pode utilizar o meu, — ela franze o cenho.

Não para o que ele tem em mente.

— Oh, é só um empréstimo. Queria que eu experimentasse isso. — Minha desculpa parece pouco convincente, mas Kate concorda. *Oh meu Deus...* eu enganei Katherine Kavanagh. Pela primeira vez. Ela me passa uma taça de chá.

O notebook é brilhante, prateado e bastante bonito. Ele tem uma tela muito grande.

Christian Grey gosta das coisas grandes... Eu penso no lugar onde ele vive, na verdade, na área de seu apartamento.

— Ele tem o mais recente sistema operacional e um conjunto completo de programas, além de um disco rígido de 1,5 terabytes, assim terá muito espaço, 32 gigas de RAM... Para que vai utilizá-lo?

— Bem... para mandar e-mails.

— E-mails! — Ele exclama pasmo, elevando as sobrancelhas, com um olhar um pouco doente no rosto.

— E, talvez, navegar na internet? — acrescento, encolhendo os ombros, quase me desculpando.

Ele suspira.

— Bem, este tem pleno acesso sem fio N, e o instalei com as especificações de sua conta. Este bebê está preparado para funcionar,

virtualmente, em todo planeta. — Ele me explica, olhando-o com certo desejo.

— Minha conta?

— Sua nova conta de e-mail.

Tenho uma conta de e-mail?

Ele aponta para um ícone na tela e segue me falando, mas é como ruído branco. Não entendo uma palavra do que diz e, para ser sincera, não me interessa. *Só me diga como ligá-lo e desligá-lo...* o resto eu descobrirei sozinha. Depois de tudo, tem quatro anos que utilizo o da Kate. Kate assobia impressionada, assim que o vê.

— É tecnologia de última geração. — Ela levanta as sobrancelhas para mim. — A maioria das mulheres recebem flores ou talvez jóias, — ela diz sugestivamente, tentando conter um sorriso.

Faço uma careta, mas não posso aguentar séria. Nós duas temos um ataque de risada, o rapaz que mexia no notebook, nos olha perplexo, com a boca aberta. Ele termina e me pede para assinar a folha de entrega.

Enquanto Kate o acompanha à porta, sento-me com minha taça de chá, abro o programa de correio e descubro que está me esperando um e-mail de Christian. O coração dá um salto. *Tenho um email de Christian Grey.* Abro-o, nervosa.

De: Christian Grey
Data: 22 de maio de 2011 23:15
Para: Anastásia Steele
Assunto: Seu novo ordenador

Querida senhorita Steele:

Confio que tenha dormido bem. Espero que faça bom uso deste notebook, como comentamos.

Estou impaciente pelo jantar com você, na quarta-feira.

Até então, estarei encantado de responder a qualquer pergunta via e-mail, se o desejar.

Christian Grey
CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

Aperto em "Responder".

De: Anastásia Steele
Data: 23 de maio de 2011 08:20
Para: Christian Grey
Assunto: Seu novo computador (em empréstimo)

Dormi muito bem, obrigado... por alguma estranha razão... *Senhor.*
Acreditei entender que o computador era em empréstimo, quer dizer, não é meu.

Ana

Sua resposta chega instantaneamente.

De: Christian Grey
Data: 23 de maio de 2011 08:22
Para: Anastásia Steele
Assunto: Seu novo computador (em empréstimo)

O computador é em empréstimo. Indefinidamente, senhorita Steele.
Observo, pelo seu tom, que andou lendo a documentação que lhe dei.
Tem alguma pergunta?

Christian Grey
CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

Não posso evitar de sorrir.

De: Anastásia Steele
Data: 23 de maio de 2011 08:25
Para: Christian Grey
Assunto: Mentes inquisitivas

Tenho muitas perguntas, mas não me parece adequado fazer isso via e-mail, e alguns de nós tem que trabalhar para ganhar a vida.

Não quero, nem necessito, um computador indefinidamente.

Até mais tarde. Que tenha um bom dia... *Senhor.*

Ana

Quase instantaneamente, há uma resposta.

De: Christian Grey
Data: 23 de maio de 2011 08:26
Para: Anastásia Steele
Assunto: Seu novo computador (de novo em empréstimo)

Até mais tarde, querida.

P.S.: Eu também trabalho para ganhar a vida.

Christian Grey
CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

Fecho o computador sorrindo como uma idiota. Como posso resistir ao Christian brincalhão? Vou chegar tarde no trabalho. Bom, é minha última semana... Certamente o senhor e a senhora Clayton farão um pouco de vista grossa. Corro para o banheiro sem poder tirar o sorriso, de orelha a orelha. *Ele me mandou e-mails!* Sinto-me como uma menina tonta. Todas as angústias pelo contrato, desapareceram. Enquanto lavo o cabelo, tento pensar no que poderia lhe perguntar por e-mail, embora, certamente, estas coisas são melhores para conversar ao vivo. Suponhamos que alguém invada a sua conta... Ruborizo sozinha, só de pensar. Visto-me rapidamente, me despeço de Kate aos gritos e saio para trabalhar, minha última semana no Clayton'S.

José me liga, às onze.

— Olá, vamos tomar um café?

Seu tom é o do José de sempre, meu amigo José, não um... como o chamou Christian? Um pretendente. Ugh.

— Claro. Estou no trabalho. Pode passar por aqui, digamos, às doze?

— Vejo você então.

Desligo e volto a repor as brocas e a pensar em Christian Grey e seu contrato.

José é pontual. Entra na loja saltitando vacilante como um cachorrinho brincalhão de olhos escuros.

— Ana. — Ele esboça seu deslumbrante sorriso hispano-americano, e eu já não estou mais aborrecida.

— Olá, José. — Eu o abraço. — Estou morta de fome. Vou dizer à senhora Clayton que estou saindo para comer.

No caminho da cafeteria, agarro o braço de José. Eu estou tão grata por sua... normalidade. Um amigo que eu conheço e entendo.

— Ana, — ele murmura, — você me perdoou de verdade?

— José, você sabe, nunca poderei estar muito tempo zangada contigo.

Ele sorri.

Estou impaciente para chegar em casa, para ver se tenho algum e-mail de Christian, e possivelmente, possa começar minha pesquisa. Kate saiu, assim ligo o novo computador e abro o programa de correio. É obvio, na caixa de entrada tenho um e-mail do Christian. Quase salto da cadeira de tanta alegria.

De: Christian Grey
Data: 23 de maio de 2011 17:24
Para: Anastásia Steele
Assunto: Trabalhar para ganhar a vida

Querida senhorita Steele:

Espero que tenha tido um bom dia no trabalho.

Christian Grey
CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

Aperto "Responder".

De: Anastásia Steele
Data: 23 de maio de 2011 17:48
Para: Christian Grey
Assunto: Trabalhar para ganhar a vida

Senhor... Eu tive um dia excelente no trabalho.

Obrigada.
Ana

De: Christian Grey
Data: 23 de maio de 2011 17:50
Para: Anastásia Steele
Assunto: Ao trabalho!

Senhorita Steele:

Alegro-me tanto que tenha tido um dia excelente.
Enquanto escreve e-mails, não está pesquisando.

Christian Grey
CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

De: Anastásia Steele
Data: 23 de maio de 2011 17:53
Para: Christian Grey
Assunto: Aborrecido

Senhor Grey, pare de me mandar e-mails e poderei começar a fazer minha tarefa.

Eu gostaria de tirar outro A.

Ana

Abraço a mim mesma.

De: Christian Grey
Data: 23 de maio de 2011 17:55
Para: Anastásia Steele
Assunto: Impaciente

Senhorita Steele,

Deixe de *me* escrever e-mails... e faça a sua tarefa.
Eu gostaria de lhe dar outro A.
O primeiro foi muito bem merecido. ;)

Christian Grey
CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

Christian Grey acaba de me enviar uma piscada... *Oh meu*. Abro o Google.

De: Anastásia Steele
Data: 23 de maio de 2011 17:59
Para: Christian Grey
Assunto: Investigação na internet

Senhor Grey,

O que você sugere que eu coloque no buscador?
Ana

De: Christian Grey
Data: 23 de maio de 2011 18:02
Para: Anastásia Steele
Assunto: Investigação na internet

Senhorita Steele:

Comece sempre pela Wikipedia.
Não quero mais e-mails a menos que tenha perguntas.

Entendido?

Christian Grey
CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

De: Anastásia Steele
Data: 23 de maio de 2011 18:04
Para: Christian Grey
Assunto: Autoritário!

Sim... *senhor.*
É muito autoritário.

Ana

De: Christian Grey
Data: 23 de maio de 2011 18:06
Para: Anastásia Steele
Assunto: Controlando

Anastásia, você não imagina quanto.
Bem, talvez agora faça uma ligeira ideia.
Faça o trabalho.

Christian Grey
CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

Eu teclo "submisso" na Wikipédia.

Meia hora depois, eu me sinto levemente enjoada e francamente chocada, até o âmago. Eu realmente quero colocar tudo isso na cabeça? Caramba, é isto o que ele faz no Quarto Vermelho da Dor? Sento-me, olhando para a tela, e uma parte de mim, uma parte muito úmida e integrante de mim, que só familiarizei-me muito recentemente, está seriamente ligada. Oh meu, algumas dessas coisas são EXCITANTES. Mas são para mim? Puta merda... eu poderia fazer isso? Eu preciso de espaço. Eu preciso pensar.

Capítulo 12

Pela primeira vez em minha vida, saio para correr voluntariamente. Procuro meus asquerosos tênis, que nunca uso, uma calça de moletom e uma camiseta. Faço uma trança, ruborizo-me com as lembranças que voltam à minha mente e ligo o iPod. Não posso me sentar em frente a essa maravilha da tecnologia e seguir vendo ou lendo mais material inquietante. Preciso queimar parte desta excessiva e enervante energia. A verdade é que gostaria de correr até o hotel Heathman e exigir sexo deste maníaco por controle. Mas está a oito quilômetros, e duvido que possa chegar a correr dois, muito menos oito, e, claro, ele poderia não aceitar, o que seria muito humilhante.

Quando abro a porta, Kate está saindo de seu carro. Ela quase deixa as compras caírem quando me vê. Ana Steele com tênis de corrida. Eu aceno e não paro, por causa da inquisição. Preciso de algum tempo sozinha. Snow Patrol está tocando em meus ouvidos, e saio para o céu opala e aruá marinha, do anoitecer.

Passo pelo parque. O que vou fazer? Desejo-o, mas nesses termos? A verdade é que não sei. Talvez eu devesse negociar o que quero. Revisar esse ridículo contrato linha a linha e dizer o que me parece aceitável e o que não. Minha pesquisa me disse que legalmente é sem nenhum valor. Ele deve saber. Suponho que só serve para definir os parâmetros da relação. Ele ilustra o que posso esperar dele e o que ele espera de mim, a minha submissão total. Estou preparada para dar isso a ele? Sou mesmo capaz?

Uma pergunta me persegue, por que é ele assim? Será que é porque foi seduzido quando era muito jovem? Eu simplesmente não sei. Ele ainda é um mistério.

Eu paro ao lado de um grande pinheiro e apoio as mãos em meus joelhos, respirando com dificuldade, puxando o precioso ar para os meus pulmões. Sinto-me bem, é fantástico. Sinto que minha determinação se fortalece. Sim. Tenho que lhe dizer o que me parece bem e o que não. Tenho que lhe mandar por e-mail o que penso, e então poderemos discutir na quarta-feira. Eu respiro fundo, para me limpar por dentro, e dou a volta para casa.

Kate foi comprar roupas, como só ela poderia, eram roupas para suas férias em Barbados.

Principalmente biquínis e cangas combinando. Ela vai parecer fantástica com todos esses modelos, mas mesmo assim, ela prova todos e me obriga a sentar e comentar como ficaram. Não há muitas maneiras de dizer: "Está fantástica, Kate". Embora esteja magra, tem umas curvas de perder o

sentido. Ela não faz isso de propósito, eu sei, mas ao final arrasto meu penoso corpo coberto de suor até o meu quarto com a desculpa de ir empacotar mais caixas. Eu poderia me sentir mais inadequada? Levo comigo o computador sem fio, ligo e escrevo um email para Christian.

De: Anastásia Steele
Data: 23 de maio de 2011 20:33
Para: Christian Grey
Assunto: Universitária escandalizada

Bem, já vi o bastante.
Foi agradável te conhecer.

Ana

Pressiono "Enviar", abraçando-me, rindo da minha piada. Será que ele vai achar isso tão engraçado? *Oh, merda...*

Certamente não. Christian Grey não é famoso por seu senso de humor. Embora saiba que ele o tem, porque experimentei. Talvez ele deixe para lá. Espero sua resposta.

Espero... e espero. Olho para o despertador. Já se passaram dez minutos.

Para esquecer da angústia que se abre caminho em meu estômago, ponho-me a fazer o que havia dito a Kate que faria: empacotar as coisas de meu quarto. Começo colocando meus livros em uma caixa.

Por volta das nove sigo sem notícias. *Talvez ele tenha saído*. Eu estou amuada e petulante, ponho os fones do iPod, escuto o Snow Patrol e sento em minha mesa para reler o contrato e a anotar minhas observações e comentários.

Não sei por que levanto o olhar, possivelmente capto de relance um ligeiro movimento, não sei, mas quando a levanto, Christian está na porta de meu quarto me olhando fixamente. Leva suas calças cinza de flanela e uma camisa branca de linho, e agita brandamente a chave do carro. Arregalo os olhos e fico gelada. *Porra!*

— Boa noite, Anastásia. — Sua voz era fria, sua expressão precavida e ilegível. A capacidade de falar me abandona. Maldita Kate, deixou-o entrar sem me avisar. Estou vagamente ciente de que ainda estou de moletom, toda suada e sem tomar banho, e ele está muito bonito, com as calças caindo bem nos quadris, e o que mais, ele está em meu quarto.

Eu senti que o seu e-mail merecia uma resposta em pessoa — explica em tom seco.

Abro a boca e volto a fechá-la, duas vezes. A piada é sobre mim. Nunca, neste ou em qualquer universo alternativo eu esperava que ele largasse tudo e viesse até aqui.

Posso me sentar? — pergunta-me, agora com olhos divertidos. *Obrigada, Meu deus... Talvez a brincadeira lhe pareceu engraçada.*

Eu concordo. Minha capacidade de falar permanece incerta. *Christian Grey está sentado em minha cama.*

Perguntava-me como seria seu quarto, — Ele diz.

Olho ao meu redor, pensando em uma rota de fuga, não, aqui só tem uma porta e uma janela.

Meu quarto é funcional, mas acolhedor, poucos móveis brancos de vime e uma cama de casal branca, de ferro, com uma colcha de patchwork que minha mãe fez quando estava em sua etapa de trabalhos caseiros. É azul céu e creme.

— É muito sereno e tranquilo, - ele murmura. *Não neste momento... não com você aqui. F*inalmente minha medula oblonga recorda o seu propósito, eu respiro.

Como...?

Ele sorri para mim.

Ainda estou no Heathman.

Isso eu já sabia.

— Quer tomar algo? — Tenho que dizer o que a educação sempre me impõe.

— Não, obrigado, Anastásia. Esboça um deslumbrante meio sorriso com a cabeça ligeiramente inclinada.

Bem, eu certamente vou precisar de uma.

Então, foi *agradável* me conhecer?

Maldição, ofendeu-se? Olho para baixo, para os meus dedos. Como eu vou sair dessa? Se lhe disser a ele que era uma brincadeira, não acredito que goste de muito.

— Pensei que me responderia por e-mail. — digo-lhe em voz muito baixa, patética.

Você está mordendo o lábio de propósito? — pergunta-me muito sério.

Eu pisco os olhos, abro a boca e solto o lábio.

Não estava consciente de que estava mordendo o lábio, — eu murmuro.

Meu coração está disparado. Sinto a tensão, essa deliciosa eletricidade estática que invade o espaço. Ele está sentado muito perto de mim, com seus olhos cinza impenetráveis, os cotovelos apoiados nos joelhos e as pernas separadas. Inclina-se, desfaz-me uma trança muito devagar e me

separa o cabelo com os dedos. Fico com a respiração presa e não posso me mover. Observo hipnotizada sua mão movendo-se para a outra trança, tirando a borracha e desfazendo a trança com seus compridos e hábeis dedos.

— Vejo que você decidiu fazer um pouco de exercício — fala em voz baixa e melodiosa, me colocando o cabelo atrás da orelha. — Por que, Anastásia? — Rodeia-me a orelha com os dedos e muito suavemente, ritmicamente, acaricia o lóbulo. Isso é muito sexual.

— Necessitava tempo para pensar, — eu sussurro. Eu sou toda coelho e faróis, mariposa e chama, pássaro e serpente... e ele sabe exatamente o que está fazendo.

— Pensar no que, Anastásia?

— Você.

E você decidiu que foi agradável me conhecer? Refere-te a me conhecer em sentido bíblico?

Merda. Ruborizo-me.

— Não pensava que fosse um perito na Bíblia.

— Eu ia à catequese aos domingos, Anastásia. Aprendi muito.

Não recordo ter lido nada sobre pinças para mamilos na Bíblia. Talvez lhe deram a catequese com uma tradução moderna.

Seus lábios se arqueiam desenhando um ligeiro sorriso e dirijo o olhar para sua boca.

Bom, pensei que devia vir a lhe recordar quão *agradável* foi me conhecer.

Meu Deus. Eu fico olhando para ele de boca aberta, e seus dedos se movem da minha orelha para o meu queixo.

O que lhe parece, senhorita Steele?

Seus olhos cinzentos brilham para mim, há um desafio intrínseco em seu olhar. Seus lábios estão entreabertos, está esperando, alerta para atacar. O desejo, agudo, líquido e fumegante - arde no mais profundo de meu ventre.

Adianto-me e me lanço para ele. De repente se move, não tenho nem ideia de como, e em um abrir e fechar de olhos estou na cama, imobilizada debaixo dele, com as mãos estendidas e sujeitas por cima da cabeça, com sua mão livre me agarrando o rosto e sua boca procurando a minha.

Ele coloca a língua em minha boca, reclama-me e me possui, e eu me deleito com sua força. Sinto-o por todo meu corpo. Deseja-me, e isso provoca estranhas e deliciosas sensações dentro de mim. Não quer a Kate, com seus minúsculos biquínis, nem a uma das quinze, nem à malvada senhora Robinson. Quer a mim. Este formoso homem me deseja. Minha deusa interior brilha tanto que poderia iluminar toda a cidade de Portland. Deixa de me beijar. Abro os olhos e o vejo me olhando fixamente.

Confia em mim? — pergunta-me.

Eu concordo, com os olhos muito abertos, com o coração ricocheteando nas costelas e o sangue trovejando por todo meu corpo. Ele estica o braço e do bolso da calça tira sua gravata de seda cinza... a gravata cinza que deixa pequenas marcas da malha em minha pele. Senta-se rapidamente escarranchado sobre mim e me ata as colunas, mas esta vez ata o outro extremo da gravata ao canto da cama. Puxa o nó para comprovar que está seguro. Não vou a nenhuma parte. Estou atada a minha cama, e muito excitada.

Ele se levantou e ficou em pé junto à cama, me olhando com olhos turvos de desejo. Seu olhar é de triunfo e de alívio.

— Melhor assim, — murmura e esboça um sorriso perverso de conhecimento. Inclina-se e começa a me desamarrar um tênis. Oh, não... não... meus pés. Acabo de correr.

Não, — protesto e empurro para que me solte.

Detém-se.

Se lutar, amarrarei também os pés, Anastásia. Se fizer o menor ruído, te amordaçarei. Fique quieta. Katherine provavelmente está aqui e poderá me escutar lá fora.

Amordaçar-me! Kate! Eu calo a boca.

Tirou -me os tênis e as meias, e me baixa muito devagar a calça de moletom.

Oh... que calcinha estou vestindo? Levanta-me, retira a colcha e o edredom de debaixo de mim e me coloca de barriga para cima sobre os lençóis.

— Vejamos. — ele passa a língua lentamente pelo lábio inferior. — Está mordendo o lábio, Anastásia. Sabe o efeito que tem sobre mim. — Pressiona-me seu longo dedo indicador na boca como advertência.

Oh meu Deus. Eu mal posso me conter, estou indefesa, tombada, vejo que ele se move tranquilamente pelo meu quarto. É um afrodisíaco embriagador. Lentamente, sem pressas, ele tira os sapatos e as meias, desfaz-se da calça e tira a camisa.

— Acredito que você viu muito, — ele ri maliciosamente. Volta a sentar-se em cima de mim, escarranchado, e me levanta a camiseta. Acredito que vai me tirar isso, mas a enrola à altura do pescoço e logo a sobe de maneira que me deixa descoberta a boca e o nariz, mas me cobre os olhos. E como está tão bem enrolada, não vejo nada.

— Mmm — sussurra satisfeito. — Isto está cada vez melhor. Eu vou tomar uma bebida. Inclina-se, beija-me brandamente nos lábios e deixo de sentir seu peso. Ouço o leve chiado da porta do quarto. Tomar uma bebida. Onde? Aqui? Em Portland? Em Seattle? Aguço o ouvido. Distingo ruídos surdos e sei que está falando com a Kate... Oh, não... Ele está praticamente nu. O que vai dizer a Kate? Ouço um golpe seco. O que é isso? Retorna, a porta volta a chiar, ouço seus passos pelo quarto e o som de gelo tilintando

em um copo. O que está bebendo? Fecha a porta e ouço como se aproxima tirando as calças, que caem ao chão. Sei que está nu. E volta a sentar-se escarranchado sobre mim.

— Tem sede, Anastásia? — pergunta-me em tom zombador.

— Sim, — digo-lhe, porque de repente sinto a boca seca. Ouço o tinido do gelo no copo. Inclina-se e, ao me beijar, derrama em minha boca um líquido delicioso. É vinho branco. Não o esperava e é muito excitante, embora esteja gelado, e os lábios do Christian também estão frios.

Mais? — pergunta-me em um sussurro.

Aceito. O gosto é ainda melhor porque vem de sua boca. Inclina-se e bebo outro gole de seus lábios... *Oh, meu Deus*.

— Não vamos muito longe, sabemos que sua tolerância ao álcool é limitada, Anastásia.

Não posso evitar de rir, e ele se inclina e solta outra deliciosa baforada. Ele se coloca ao meu lado e sinto sua ereção no quadril. Oh, quero-o dentro de mim.

Isso parece bom para você? — pergunta-me, mas ouço a borda em sua voz.

Estou tensa. Volta a mover o copo, beija-me e, junto com o vinho, solta um pedaço de gelo, na boca. Muito devagar começa a descer com os lábios desde meu rosto, passando por meus seios, até meu torso e meu ventre. Coloca-me uma parte de gelo no umbigo, onde se forma um pequeno lago de vinho muito frio que provoca um incêndio que se propaga até o mais profundo de meu ventre. Uau.

— Agora tem que ficar quieta, — ele sussurra. — Se você se mover, molhara a cama de vinho, Anastásia.

Meus quadris se flexionam automaticamente.

Oh, não. Se derramar o vinho, vou te castigar, senhorita Steele.

Gemo, tento me controlar e luto desesperadamente contra a necessidade de mover os quadris. Oh, não... *por favor.*

Baixa com um dedo as taças do sutiã e deixa com os seios no ar, expostos e vulneráveis. Inclina-se, beija e pega meus mamilos com os lábios frios, gelados. Luto contra meu corpo, que tenta responder arqueando-se.

Você gosta disto? — pergunta-me me apertando um mamilo.

Volto a ouvir o tinido do gelo, e logo o sinto ao redor de meu mamilo direito, enquanto puxa de uma vez o esquerdo com os lábios. Gemo e luto para não me mover. Uma desesperadora e doce tortura.

— Se derramar o vinho, não deixarei que goze.

— Oh... por favor... Christian... Senhor... por favor. — Ele estava me deixando louca. Posso *ouvi-lo* sorrir.

O gelo de meu mamilo está derretendo-se. Estou muito quente... quente, molhada e morta de desejo.

Quero-o dentro de mim. Agora.

Ele desliza muito devagar os dedos gelados pelo meu ventre. Como tenho a pele hipersensível, meus quadris se flexionam e o líquido do umbigo, agora menos frio, goteja-me pela barriga. Christian se move rapidamente e o lambe, beija-me, morde-me brandamente, chupa-me.

Oh querida, Anastásia, você se moveu. O que vou fazer contigo?

Ofego em voz alta. A única coisa que posso me concentrar é em sua voz e seu tato. Nada mais é real. Nada mais importa. Meu radar não registra nada mais. Desliza os dedos por dentro da minha calcinha e me alivia ouvir que lhe escapa um profundo suspiro.

OH, querida, — ele murmura e me introduz dois dedos.

Sufoco um grito.

— Estará pronta para mim logo, — ele diz. Movendo seus tentadores dedos devagar, dentro e fora, eu empurro para ele elevando os quadris.

— Você é uma garota gulosa, — ele me repreende baixinho, e seu polegar circunda o meu clitóris e sem seguida, pressiona para baixo.

Ofego e meu corpo estremece sob seus peritos dedos. Estica um braço e retira a camiseta dos meus olhos para que possa vê-lo. A tênue luz do abajur me faz piscar. Desejo tocá-lo.

— Eu quero tocar você. — eu respiro.

— Eu sei, — ele murmura. Inclina-se e me beija sem deixar de mover os dedos ritmicamente dentro de meu corpo, riscando círculos e pressionando com o polegar. Com a outra mão me recolhe o cabelo para cima e me sujeita a cabeça para que não a mova. Replica com a língua o movimento de seus dedos. Começo a sentir as pernas rígidas de tanto empurrar para sua mão. Ele retira gentilmente sua mão, então sou trazida de volta da beira do abismo. Ele repete isso uma e outra vez. Isso é tão frustrante... *Oh, por favor, Christian, eu grito por dentro.*

— Este é seu castigo, tão perto e de repente tão longe. Você acha isso agradável? — sussurra-me ao ouvido.

Eu choramingo, esgotada, e puxo meus braços amarrados. Estou indefesa, perdida em uma tortura erótica.

— Por favor, — suplico-lhe, e ele finalmente tem piedade de mim.

—Como quer que lhe foda, Anastásia?

Oh... meu corpo começa a tremer e volta a fica imóvel.

— Por favor.

— O que você quer, Anastásia?

— Você... agora, - eu grito.

— Como quer que eu lhe foda. Há uma variedade infinita de maneiras, — ele respira contra meus lábios. Ele retira sua mão e atinge a mesa de cabeceira, pegando o saquinho prateado. Ajoelha-se entre minhas pernas e, muito devagar, tira-me a calcinha sem deixar de me olhar com olhos brilhantes. Ele coloca o preservativo. Eu observo fascinada, hipnotizada.

Isto lhe parece agradável? — diz-me acariciando-se.

— Eu quis dizer isso como uma brincadeira, — eu choramingo. *Por favor, me foda Christian.*

Ele levanta as sobrancelhas, deslizando a mão para cima e para baixo em seu impressionante membro.

— Uma brincadeira? — pergunta-me com a voz ameaçadoramente suave.

— Sim. Por favor, Christian, — rogo-lhe.

— Você está rindo agora?

Não, — eu choramingo.

A tensão sexual está a ponto de me fazer estalar. Olha-me por um momento, avaliando meu desejo, e de repente me agarra e me dá a volta. Fico surpresa, e como tenho as mãos amaradas, tenho que me apoiar nos cotovelos. Empurra-me os joelhos para elevar o traseiro e me dá um forte tapa. Antes que possa reagir, penetra-me. Eu grito, pelo tapa e por sua agressão súbita, e gozo imediatamente uma e outra vez, caindo debaixo dele, que segue a bater deliciosamente dentro de mim. Não se detém. Estou destroçada. Não aguento mais... e ele empurra uma e outra vez... e sinto que volta a me alagar outra vez... então eu estou começando de novo... não pode ser... não...

— Vamos, Anastásia, mais uma vez, — ele rosna por entre os dentes cerrados, e inacreditavelmente, meu corpo responde, convulsionando em torno dele, quando eu chego ao clímax de novo, gritando o seu nome. Despedaço-me novamente em pequenos fragmentos, e Christian finalmente para, em silêncio, encontrando a sua liberação.

Ele cai em cima de mim, ofegando.

Quanto você achou bom? — pergunta-me com os dentes apertados.

Oh, meu Deus.

Estou caída na cama, devastada, ofegando e com os olhos fechados, quando se separa de mim muito devagar. Levanta-se e começa a vestir-se. Quando acabou, volta para a cama, desamarra-me e me tira a camiseta. Flexiono os dedos e esfrego as bochechas, sorrindo ao ver que me marcou o desenho do lençol. Ajusto o sutiã enquanto ele atira a colcha e o edredom para me tampar. Olho para ele aturdida e ele me devolve o sorriso.

— Foi realmente muito bom, — sussurro timidamente.

— Não use esta palavra de novo.

— Você não gosta de que palavra?

— Não. Não tem nada que ver comigo.

— Oh... Eu não sei... parece ter um efeito benéfico para você.

— Eu sou um efeito benéfico? Isso é o que sou agora? Poderia ferir mais meu amor próprio, senhorita Steele?

— Não acredito que tenha algum problema de amor próprio. Mas sou consciente de que o digo sem convicção. Algo me passa rapidamente pela cabeça, uma ideia fugaz, mas me escapa antes que possa apanhá-la.

— Você crê? — pergunta-me em tom amável. Ele está deitado ao meu lado, vestido, com a cabeça apoiada no cotovelo, e eu estou apenas com o sutiã.

— Por que você não gosta que lhe toquem?

—Porque não. — Ele inclina-se sobre mim e me beija suavemente na testa. — Então, esse e-mail que você mandou era uma brincadeira

Sorrio a modo de desculpa e encolho de ombros.

— Estou vendo. Então ainda está pensando em minha proposta?

— Sua proposta é indecente... sim, estou pensando nela. Mas, tenho alguns problemas, embora.

Ele me sorri aliviado.

— Ficaria decepcionado se não tivesse algumas coisas para discutir.

— Eu ia mandar isso por email, mas você me interrompeu.

— Coitus interruptus.

— Vê, eu sabia que tinha um pouco de senso de humor escondido por aí. — digo-lhe sorridente.

— Não é tão divertido, Anastásia. Pensei que estava me dizendo não, que nem sequer queria comentá-lo. — Sua voz falha.

— Ainda não sei. Não decidi nada. Você vai me colocar uma coleira?

Ele levanta as sobrancelhas.

— Você esteve pesquisando. Eu não sei, Anastásia. Nunca dei uma coleira para alguém..

Oh... deveria me surpreender? Sei tão pouco sobre as sessões... Eu não sei.

— Você já usou uma coleira? — pergunto, num sussurro

— Sim.

— Da senhora Robinson?

— Senhora Robinson! — Ele ri às gargalhadas, e parece jovem e despreocupado, com a cabeça arremessada para trás. Sua risada é contagiosa.

Eu sorrio para ele.

— Eu vou contar a ela como a chama, ela vai adorar.

— Você continua em contato com ela? — pergunto-lhe sem poder dissimular meu temor.

— Sim. — responde-me muito sério.

Oh... de repente, uma parte de mim se volta louca de ciúmes. O sentimento é tão forte que me perturba.

— Já vejo. — digo-lhe em tom tenso. — Assim tem alguém com quem comentar seu estilo alternativo de vida, mas eu não posso.

Ele franze as sobrancelhas

— Acredito que nunca pensei por este ponto de vista. A senhora Robinson fazia parte deste estilo de vida. Eu disse a você que agora é uma boa amiga. Se quiser, posso te apresentar a uma de minhas ex-submissas. Poderia falar com ela.

O que? Ele está, deliberadamente, tentando me deixar aborrecida?

— Esta é a sua ideia de uma piada?

— Não, Anastásia. — Confuso, e ele balança a cabeça seriamente.

— Não... eu vou fazer isso do meu jeito, muito obrigada — eu respondi bruscamente, puxando o cobertor até ao meu queixo.

Ele observa-me perdido, surpreso.

— Anastásia, eu... — Ele não sabe o que dizer. Uma novidade, eu acredito. — Não queria te ofender.

— Não estou ofendida. Estou consternada.

— Consternada?

— Não quero falar com nenhuma ex-namorada... escrava... sub... ou qualquer nome que você chama.

— Anastásia Steele, está com ciúmes?

Eu fico vermelha

— Você vai ficar?

— Amanhã, no café da manhã, tenho uma reunião em Heathman. Além disso, já te disse que não durmo com minhas namoradas, escravas, submissas, com ninguém. Sexta-feira e sábado foram uma exceção. Não voltará a acontecer. — Ouço a firme determinação atrás de sua doce voz rouca.

Eu franzo os lábios.

— Bem, estou cansada agora.

— Você está me chutando para fora? — Ele levanta as sobrancelhas, perplexo e um pouco aflito.

— Sim.

— Bem, outra novidade. — Olha-me especulativamente. — Não quer discutir nada agora? Sobre o contrato.

— Não. — respondo-lhe de mau humor.

— Deus, eu gostaria de dar-lhe uma boa surra. Você se sentiria muito melhor, assim como eu.

— Você não pode dizer essas coisas... Ainda não assinei nada.

— Um homem pode sonhar, Anastásia. — Ele inclina-se e me agarra pelo queixo. — Quarta-feira? — Ele murmura, e beija-me rapidamente nos lábios.

— Quarta-feira. — respondo-lhe. — Eu acompanho você até lá fora. Só me dê um minuto. — Sento, coloco a camisa e empurrou-o para obter espaço na cama. Ele faz isso com relutância.

— Passe-me à calça de moletom, por favor.

Ele a recolhe do chão e me entrega.

— Sim, senhora. — Ele tenta ocultar seu sorriso, mas não o consegue.

Eu olho para ele de cara feia, enquanto ponho as calças. Meu cabelo está um desastre e eu sei que depois que ele se for, eu terei que enfrentar a inquisição de Katherine Kavanagh. Coloco um elástico no cabelo, dirijo-me para a porta e abro para ver se vejo Kate. Ela não está na sala de estar. Acredito que a ouço falando no telefone em seu quarto. Christian me segue. Durante o breve percurso entre o meu quarto e a porta da frente, meus pensamentos e meus sentimentos fluem e se transformam. Já não estou zangada com ele. De repente, me sinto insuportavelmente tímida. Não quero que parta. Pela primeira vez, eu gostaria que ele fosse *normal*, eu gostaria de manter uma relação normal, que não exigisse um acordo de dez páginas, açoites e mosquetões no teto de seu quarto de jogos.

Abro-lhe a porta e olho para as minhas mãos. É a primeira vez que recebo um homem em minha casa para fazer sexo, e acredito que foi genial. Mas agora me sinto como um recipiente, como um copo vazio que se enche com o seu desejo. Meu subconsciente sacode a cabeça.

Eu queria correr até Heathman em busca de sexo... *e lhe fizeram uma entrega expressa.* Cruzo os braços e bato com o pé no chão, como um 'qual o problema em olhar em seu rosto'. Christian parou junto à porta, agarra-me pelo queixo e me obriga a olhá-lo. Sua testa enruga ligeiramente .

— Você está bem? — ele pergunta me acariciando o queixo com seu polegar.

— Sim. — respondo-lhe, embora com toda a honestidade eu não estou muito certa. Sinto uma mudança de paradigma. Eu sei que se aceitar, vou me machucar. Ele não é capaz, não lhe interessa ou não quer me oferecer nada mais... mas eu quero mais. *Muito mais.* O ataque de ciúmes que senti por um momento, antes, me diz que meus sentimentos por ele são mais profundos do que eu mesma posso admitir.

— Quarta-feira, — ele confirma, inclina-se e me beija com ternura. Mas enquanto está me beijando, seus lábios ficam mais urgentes contra os meus, sua mão se move para cima do meu queixo e está segurando a minha cabeça, uma mão de cada lado. Sua respiração se acelera. Inclina-se para mim e me beija mais profundamente. Coloquei minhas mãos em seus braços. Quero deslizar as mãos pelo seu cabelo, mas resisto porque sei que não gostaria. Ele encosta sua testa contra a minha, de olhos fechados, com a voz tensa.

— Anastásia, — ele sussurra. — o que você está fazendo comigo?

— O mesmo eu poderia dizer para você, — sussurro de volta.

Toma uma respiração profunda, beija-me na testa e parte. Avança em passo decidido para o carro passando a mão pelo cabelo. Enquanto abre a porta, levanta o olhar e me lança um sorriso arrebatador. Totalmente deslumbrada, devolvo-lhe um leve sorriso e volto a pensar em Ícaro

aproximando-se muito ao sol. Fecho a porta da rua, enquanto se mete em seu carro esportivo. Sinto uma irresistível necessidade de chorar. Uma triste e solitária melancolia me oprime o coração. Volto para meu quarto, fecho a porta e me apoio tentando racionalizar meus sentimentos, mas não posso. Deixo-me cair no chão, cubro o rosto com as mãos e as lágrimas começam a descer.

Kate bate na porta suavemente.

— Ana? — ela sussurra. Eu abro a porta. Ela me olha e me abraça.

— O que está errado? O que lhe fez esse bastardo repulsivo?

— Oh, Kate, nada que eu não quisesse que me fizesse.

Ela me empurra para a cama e nos sentamos.

— Você está com o cabelo horrível.

Embora esteja desconsolada, rio-me.

— O sexo foi bom, não foi terrível em nada.

Kate sorri.

— Melhor. Por que você está chorando? Você nunca chora. — Ela pega a minha escova na mesa em frente, senta atrás de mim, e muito devagar escova para tirar os nós.

— Eu só não acho que nosso relacionamento está indo a lugar nenhum. — Olho para os meus dedos.

— Você não disse que ia vê-lo só na quarta-feira?

— Sim, foi o que combinamos.

— E por que ele apareceu hoje por aqui?

— Porque lhe mandei um e-mail.

— Pedindo para que ele viesse?

— Não, lhe dizendo que não queria voltar a vê-lo.

— E ele veio até aqui? Ana, você é genial.

— A verdade é que era uma brincadeira.

— Oh, agora sim não estou entendendo nada.

Pacientemente, lhe explico essência do meu e-mail, sem entrar em detalhes.

— Pensou que responderia por email.

— Sim.

— Mas isso fez com que ele viesse aqui.

— Sim.

— Eu diria que ele está completamente apaixonado por você.

Franzo o cenho. *Christian apaixonado por mim? Dificilmente.* Ele só está procurando um novo brinquedo, um novo e adequado brinquedo para deitar-se e lhe fazer coisas indescritíveis. Meu coração se aperta.

Essa é a verdade.

— Ele veio só para foder-me, isso é tudo.

— Quem disse que o romantismo tinha morrido? — ela murmura horrorizada. Eu choquei a Kate. Não pensava que isso fora possível. Encolho os ombros, como desculpa.

— Ele utiliza o sexo como uma arma.

— Fode você para submetê-la? – Ela sacode a cabeça com desaprovação. Eu pisco rapidamente para ela, e eu sinto o rubor se espalhando pelo meu rosto. *Oh... na mosca, Katherine Kavanagh, ganhadora do premio Pulitzer de jornalismo.*

— Ana, não a entendo, e você faz amor com ele?

— Não, Kate, não fazemos amor... fodemos... como diz Christian. Ele não está interessado em amor.

— Sabia que havia algo estranho nele. Tem problema em assumir compromisso.

Eu concordo, como se estivesse de acordo, mas por dentro suspiro. Oh, Kate... eu gostaria de lhe contar tudo sobre este tipo estranho, triste e perverso, e gostaria que você pudesse me dizer para esquecê-lo, para deixar de ser tola.

— Eu acho que é uma situação bastante esmagadora, — murmuro. Esse é o eufemismo do ano. Porque eu não quero mais falar sobre Christian, eu pergunto sobre Elliot. Só de mencionar o seu nome, a atitude de Katherine muda radicalmente, seu rosto se ilumina, sorrindo para mim.

— Ele virá cedo no sábado para nos ajudar na mudança. Abraça a escova com força contra seu peito, ela se deu bem, e sinto uma vaga e familiar pontada de inveja. Kate encontrou um homem normal e parece muito feliz.

Eu viro para ela e a abraço.

— Ah, quase tinha me esquecimento. Seu pai ligou quando estava... bem, ocupada. Parece que Bob teve um pequeno acidente, assim, sua mãe e ele não poderão vir à entrega do diploma. Mas seu pai estará aqui na quinta-feira. Ele quer que você ligue para ele.

— Oh... minha mãe não me ligaria para me dizer isso. O Bob está bem?

— Sim. Ligue para ela de manhã. Agora é tarde.

— Obrigada, Kate. Já estou bem, agora. Amanhã ligarei também para o Ray. Acredito que vou-me deitar. — Ela me sorri, mas aperta seus olhos, preocupada.

Quando ela saiu, sento-me, volto a ler o contrato e vou tomando notas. Uma vez que terminei, ligo o computador disposta a lhe responder.

Em minha caixa de entrada há um e-mail do Christian.

De: Christian Grey

Data: 23 de maio de 2011 23:16
Para: Anastásia Steele
Assunto: Esta noite

Senhorita Steele:

Espero impaciente por suas observações sobre o contrato.
Enquanto isso, que durma bem, querida.

Christian Grey
CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

De: Anastásia Steele
Data: 24 de maio de 2011 00:02
Para: Christian Grey
Assunto: Objeções

Querido senhor Grey

Aqui está minha lista de objeções. Espero que na quarta-feira possamos discutir com calma, durante o nosso jantar.

Os números remetem às cláusulas:

2: Não tenho certeza que seja exclusivamente em MEU benefício, quer dizer, para que explore minha sensualidade e meus limites. Estou segura de que para isso, não necessitaria um contrato de dez páginas. Certamente é para SEU benefício.

4: Como sabe, só pratiquei sexo com você. Não tomo drogas e nunca fiz uma transfusão. Certamente estou mais que sã. E sobre você?

8: Posso rescindir o contrato a qualquer momento, se acreditar que não está cumprindo os limites acordados. Ok, isso me parece muito bem.

9: Devo obedecer você em tudo? Aceitar sua disciplina sem duvidar? Temos que conversar sobre isso.

11: Período de prova de um mês, não de três.

12: Não posso me comprometer todos os fins de semana. Tenho vida própria, e seguirei tendo. Possivelmente três de cada quatro?

15.2: Utilizar meu corpo da maneira que considere oportuna, no sexo ou em qualquer outro âmbito... Por favor, defina "em qualquer outro âmbito".

15.5: Toda a cláusula sobre a disciplina em geral. Não estou segura de que queira ser açoitada, surrada ou castigada fisicamente. Estou segura de que isto infringe as cláusulas 2-5. E além disso "por qualquer outra razão" é simplesmente mesquinho... e me disse que não era um sádico.

15.10: Como se me emprestar a alguém pudesse ser uma opção. Mas me alegro de que o deixe bem claro.

15.14: Sobre as normas, comento mais adiante.

15.19: Que problema há em que me toque sem sua permissão? Em qualquer caso, sabe que não o faço.

15.21: Disciplina: veja-se acima cláusula 15.5.

15.22: Não posso te olhar nos olhos? Por quê?

15.24: Por que não posso tocar em você?

Normas:

Dormir: aceitarei seis horas.

Comida: não vou comer o que puser em uma lista. Ou a lista dos mantimentos se elimina, ou rompo o contrato.

Roupa: de acordo, contanto que só tenha que vestir a sua roupa quando estou com você... Ok.

Exercício: tínhamos ficado em três horas, mas segue pondo quatro.

Limites suaves:

Temos que passar por tudo isto? Não quero fisting de nenhum tipo. O que é a suspensão? Pinças genitais... deve estar de brincadeira.

Poderia me dizer quais são seus planos para quarta-feira? Eu trabalho até às cinco da tarde.

Boa noite.
Ana

De: Christian Grey
Data: 24 de maio de 2011 00:07
Para: Anastásia Steele
Assunto: Objeções

Senhorita Steele:

É uma lista muito longa. Por que ainda está acordada?

Christian Grey
CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

De: Anastásia Steele
Data: 24 de maio de 2011 00:10

Para: Christian Grey
Assunto: Queimando o óleo da meia-noite

Senhor:

Se não recordar mal, estava com esta lista quando sua obsessão por controle me interrompeu e me levou para a cama.

Boa noite.
Ana

De: Christian Grey
Data: 24 de maio de 2011 00:12
Para: Anastásia Steele
Assunto: Pare de queimar o óleo da meia-noite

ANASTÁSIA,VÁ PARA CAMA.

Christian Grey
CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

Oh... em maiúsculas! Como se gritasse. Desligo o computador. Como pode me intimidar estando a oito quilômetros de distância?

Eu sacudo a minha cabeça. Meu coração está disparado, eu subo na cama e imediatamente caio em um sonho profundo, embora intranquilo.

Capítulo 13

No dia seguinte, ao voltar para casa, depois do trabalho, lembro de minha mãe. No Clayton's o dia foi relativamente tranquilo, tive muito tempo para pensar.

Eu estou inquieta, nervosa, porque amanhã terei que enfrentar o obcecado por controle, e no fundo, eu estou preocupada porque possivelmente fui muito negativa em minha resposta ao contrato. Talvez ele vá desistir da coisa toda.

Minha mãe está muito triste, sente muito por não poder vir à entrega do diploma. Bob torceu um ligamento e esta mancando. Honestamente, ele é tão propenso a acidentes como eu sou. Ele deverá se recuperar sem problemas, mas tem que fazer repouso, e minha mãe tem que atendê-lo o tempo todo.

— Ana, querida, sinto muitíssimo, — lamenta minha mãe ao telefone.

— Mãe, está tudo bem. Ray estará aqui.

— Ana, parece distraída... você está bem, querida?

— Sim, mamãe. — *Oh, se você soubesse...* conheci um cara escandalosamente rico, que quer manter comigo uma espécie de estranha e perversa relação sexual, em que eu não tenho nem palavras nem opinião.

— Conheceu alguém?

— Não, mamãe. — Agora mesmo não gostaria de falar do assunto.

— Bem, querida, na quinta-feira, eu pensarei em você. Amo você... vou sabe disso, querida? — Fecho os olhos. Suas carinhosas palavras me reconfortavam.

— Eu também te amo, mamãe. Dê meu olá para Bob. Espero que se recupere logo.

— Certo, querida. Adeus.

— Adeus.

Enquanto falava com mamãe, entrei em meu quarto. Ligo meu computador infernal e abro a caixa de correio. Tenho um e-mail do Christian, da última hora de ontem à noite ou primeira hora desta manhã, dependendo de como você veja a coisa. Meu coração acelera instantaneamente, e ouço o sangue bombear em meus ouvidos. Maldito seja... talvez ele me diga que não... certo... talvez tenha cancelado o jantar. A ideia me parece dolorosa. Descarto-a rapidamente e abro o email.

De: Christian Grey
Data: 24 de maio de 2011 01:27
Para: Anastásia Steele
Assunto: Suas objeções

Querida senhorita Steele:

Depois de revisar com mais detalhe suas objeções, permita-me lhe recordar a definição de submisso.

Submisso - adjetivo

1. inclinado ou disposto a submeter-se; que obedece humildemente: *servente submisso.*
2. que indica submissão: *uma resposta submissa.*

Origem: 1580-1590; submeter-se, submissão

Sinônimos:

1. obediente, complacente, humilde.
2. passivo, resignado, paciente, dócil, contido.

Antônimos:

1. rebelde, desobediente.

Por favor, tenha isso em mente quando nos reunirmos na quarta-feira.

Christian Grey
CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

Meu sentimento inicial foi de alívio. Ao menos está disposto a comentar minhas objeções e ainda quer que nos vejamos amanhã. Penso um pouco e lhe respondo.

De: Anastásia Steele
Data: 24 de maio de 2011 18:29
Para: Christian Grey
Assunto: Minhas objeções... O que acontece com as suas?

Senhor:

Rogo-lhe que observe a data de origem: 1580-1590. Queria recordar ao senhor, com todo respeito, que estamos em 2011. Percorremos um longo caminho desde então.

Permita-me lhe oferecer uma definição para que a tenha em conta em nossa reunião:

Compromisso: essencial

1. chegar a um entendimento mediante concessões mútuas; alcançar um acordo ajustando exigências ou princípios em conflito ou oposição mediante a recíproca modificação das demandas.
2. O resultado de certo acordo.
3. Algo intermediário entre duas coisas diferentes. *A divisão de nível é um compromisso entre uma casa de fazenda e uma de muitos andares.*
4. Um comprometimento, especialmente da reputação; expor em perigo, suspeita, etc.: *comprometer a integridade de alguém.*

Ana

De: Christian Grey
Data: 24 de maio de 2011 18:32
Para: Anastásia Steele
Assunto: O que acontece com minhas objeções?

Bem entendido, como sempre, senhorita Steele. Passarei para pegá-la em sua casa às sete em ponto.

Christian Grey
CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

De: AnastásiaSteele
Data: 24 de maio de 2011 18:40
Para: Christian Grey
Assunto: 2011 - As mulheres sabem dirigir

Senhor,

Tenho carro e sei dirigir.
Preferiria que nos encontrássemos em outro lugar.
Onde nos encontramos?
Em seu hotel às sete?

Ana

De: Christian Grey
Data: 24 de maio de 2011 18:43
Para: Anastásia Steele
Assunto: Jovenzinha teimosa

Querida senhorita Steele:

Remeto ao meu e-mail de 24 de maio de 2011, enviado a 01:27, e à definição que contém.

Acredita que será capaz de fazer o que lhe diga?

Christian Grey
CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

De: Anastásia Steele
Data: 24 de maio de 2011 18:49
Para: Christian Grey
Assunto: Homem intratável

Senhor Grey,

Eu prefiro dirigir.
Por favor.

Ana

De: Christian Grey
Data: 24 de maio de 2011 18:52
Para: Anastásia Steele
Assunto: Homem exasperado

Muito bem.
Em meu hotel às sete.
Vemo-nos no Marble Bar.

Christian Grey
CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

Até por e-mail fica de mau humor. Não entende que posso precisar sair correndo? Não que minha lata-velha seja muito rápida... mas mesmo assim, necessito de uma via de escape.

De: Anastásia Steele
Data: 24 de maio de 2011 18:55
Para: Christian Grey
Assunto: Homem não tão intratável

Obrigada.
Ana

De: Christian Grey
Data: 24 de maio de 2011 18:59
Para: Anastásia Steele
Assunto: Mulher exasperante

De nada.

Christian Grey
CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

Ligo para Ray, que está pronto para ver um partida dos Sounders, uma equipe de futebol de Salt Lake City, assim, felizmente, nossa conversa será breve.

Virá na quinta-feira para a graduação. Depois quer me levar para comer em algum lugar. Sinto uma grande ternura quando falo com Ray, isso me faz sentir um nó na garganta. Sempre esteve ao meu lado diante dos devaneios amorosos de minha mãe. Temos um vínculo especial, que é muito importante para mim. Embora seja meu padrasto, sempre me tratou como a uma filha, e tenho muita vontade de vê-lo. Faz muito que não o vejo. Agora mesmo, preciso de sua força e tranquilidade. Sinto a sua falta. Talvez deva canalizar meu Ray interior para minha entrevista de amanhã.

Kate e eu nos dedicamos empacotar e compartilhamos uma garrafa de vinho barato, como tantas vezes. Quando por fim quase terminei de empacotar minhas coisas do quarto vou para a cama, estou mais calma. A atividade física de colocar tudo em caixas foi uma boa distração, e estou cansada. Quero descansar. Aconchego-me na cama e em seguida durmo.

Paul retornou de Princeton antes de se mudar para Nova Iorque para fazer negócios em uma entidade financeira. Passa o dia me seguindo pela loja e me pedindo que fiquemos juntos. É um pesadelo.

— Paul, já lhe falei cem vezes, esta noite vou sair.

— Não, não vai. Diz isso para me dar o fora. Sempre me dá o fora.

Sim... parece que ando me esquivando.

— Paul, eu sempre pensei que não era boa ideia sair com o irmão do chefe.

— Deixará de trabalhar aqui na sexta-feira. E amanhã não trabalha.

— E a partir sábado estarei em Seattle, e você em Nova Iorque. Nem de propósito poderíamos estar mais longe. Além disso, é verdade que tenho um encontro esta noite.

— Com o José?

— Não.

— Com quem?

— Paul... Oh. — Suspirou exasperada. Não ia se dar por vencido. — Com Christian Grey. — Não pude evitar o tom de chateação. Mas funcionou. Paul ficou boquiaberto e mudo. Droga... até o seu nome deixa às pessoas sem palavras.

— Você vai sair com Christian Grey? — perguntou quando se recuperou do susto. Seu tom de incredulidade é evidente.

— Sim.

— Estou vendo. - Paul parecia abatido, mesmo atordoado, e uma pequena parte de mim se incomodava que lhe tenha surpreendido tanto. À deusa interior também. Ela faz um gesto muito vulgar e pouco atraente para ele com os dedos.

Depois disso, ele me ignorou, e as cinco em ponto saio correndo da loja.

Kate me emprestou dois vestidos e dois pares de sapatos, para esta noite e para a graduação de amanhã. Eu queria poder sentir-me mais entusiasmada com roupas e fazer um esforço extra, mas não são minhas. Qual é a sua, Anastásia? A pergunta de Christian, a meia voz, me perseguia. Balançando a cabeça e me esforçando para acalmar os nervos, escolho o vestido cor de ameixa para esta noite. É discreto e parece adequado para uma entrevista de negócios, por que, depois de tudo, vou negociar um contrato.

Tomo um banho, depilo minhas pernas e as axilas, lavo os cabelos e passo uma boa meia hora secando-os, isso para que caia ondulado sobre meus seios e costas. Pego algumas mechas com um pente para retirá-lo do rosto, aplico algum rímel e brilho de labial. Quase nunca uso maquiagem. Sinto-me intimidada.

Nenhuma das minhas heroínas literárias teve que se maquiar, talvez soubesse algo mais sobre isso se o fizessem. Calço os sapatos de salto cor de ameixa, combinando com o vestido, e por volta das seis e meia, estou pronta.

— Bem? — pergunto para Kate.

Ela sorri.

— Rapaz, você vai arrasar, Ana. — Ela acena com aprovação. —Você está linda.

— Linda! Pretendo ser discreta e parecer uma mulher de negócios.

— Também, mas sobretudo, está um escândalo. Este vestido fica muito bem com seu tom de pele. E marca tudo. — disse com uma risadinha.

— Kate! — repreendo-a.

— As coisas são como são, Ana. A impressão geral é... muito boa. Com esse vestido, terá ele comendo em sua mão.

Aperto os lábios. *Oh, você não poderia estar mais errada.*

— Deseje-me sorte.

— Você precisa de sorte para ficar com ele? — pergunta ela franzindo o cenho, confusa.

— Sim, Kate.

— Bem, pois então tenha sorte. — Ela me abraçou e eu sai pela porta da frente.

Tenho que tirar os sapatos para conduzir. Wanda, meu fusca azul marinho, não foi desenhado para ser conduzido por mulheres com saltos altos. Estacionei em frente ao Heathman as sete, faltando dois minutos exatamente, dando as chaves ao manobrista, percebo que ele olha para meu fusca com cara feia, mas eu o ignoro. Respiro fundo, me preparo mentalmente para a batalha e me dirijo ao hotel.

Christian está inclinado sobre o balcão, bebendo um copo de vinho branco. Ele está vestido com a habitual camisa branca de linho, jeans preto, gravata preta e jaqueta preta. Tem os cabelos tão alvoroçados como sempre. Suspiro. Fico uns segundos parada na entrada do bar, observando,

admirando a vista. Ele lança um olhar, acredito que nervoso, para a porta se esticando e fica imóvel. Pestaneja um par de vezes e depois esboça lentamente um sorriso indolente e sexy que me deixa sem palavras e isso me derrete por dentro. Avanço para ele fazendo um enorme esforço para não morder meus lábios, consciente de que eu, Anastásia Steele de Clumsyville, estou de saltos. Ele caminha graciosamente par me encontrar.

— Você está linda, — ele murmura, inclinando-se para me beijar rapidamente na bochecha. — Lindo vestido, senhorita Steele. Parece-me muito bem. — Agarra minha mão, e me leva a uma mesa reservada e faz um gesto ao garçom.

— O que quer tomar?

Esboço um ligeiro sorriso enquanto me sento na mesa. Bem, ao menos pergunta-me.

— Tomarei o mesmo que você, obrigado. — Viu? Sei fazer meu papel e me comportar.

Divertido, pede outro copo do Sancerre e se senta em frente a mim.

— Têm uma adega excelente aqui, — me diz, inclinando a cabeça para um lado.

Ele apoia os cotovelos na mesa e junta os dedos de ambas as mãos à altura da boca. Em seus olhos brilham uma incompreensível emoção. E aí está... uma descarga elétrica que conecta com o meu eu mais profundo. Remexo-me, incômoda diante de seu olhar escrutinador, com o coração pulsando rapidamente. Tenho que manter a calma.

— Está nervosa? — Ele pergunta amavelmente.

— Sim.

Ele inclina-se para frente.

— Eu também, — ele sussurra com cumplicidade. Mantenho meus olhos nos seus. *Ele? Nervoso?*

Nunca. Eu pestanejo e ele me dá seu precioso sorriso meio de lado. Chega o garçom com meu vinho, um pratinho com frutas secas e outro com azeitonas.

— Então, como faremos isso? — Eu pergunto. — Revisamos meus pontos um a um?

— Sempre tão impaciente, senhorita Steele.

— Bem, eu poderia perguntar o que você achou do tempo hoje?

Ele sorriu e pegou uma azeitona com seus longos dedos. Ele botou na boca e meus olhos se fixam na sua boca, que esteve sobre a minha... em todo meu corpo. Ruborizo.

— Acredito que o tempo hoje não teve nada de especial, — Ele riu.

— Está rindo de mim, senhor Grey?

— Sim, senhorita Steele.

— Sabe que esse contrato não tem nenhum valor legal.

— Sou perfeitamente consciente disso, senhorita Steele.

— Pensou em me dizer isso, em algum momento?

Ele franze o cenho.

— Você acredita que estou te coagindo para que faça algo que não quer fazer, e que além disso pretendo ter algum direito legal sobre você?

— Bem... sim.

— Não tem um bom conceito de mim, não é verdade?

— Não respondeu a minha pergunta.

— Anastásia, não importa se é legal ou não. É um acordo que eu gostaria de ter contigo... o que eu gostaria de ter de você e o que você pode esperar de mim. Se você não gostar, não assine. Se o assinar e depois decidir que você não gosta, há suficientes cláusulas que lhe permitirão deixá-lo. Mesmo se você for legalmente vinculada, acredita que levaria você a julgamento se decidisse partir?

Tomo um comprido gole de vinho. Meu subconsciente me dá um golpe no ombro. Tem que estar atenta. *Não beba muito.*

— As relações deste tipo se apoiam na sinceridade e na confiança, — seguiu me dizendo. — Se não confiar em mim... tem que confiar em mim para que saiba em que medida estou te afetando, até onde posso ir contigo, até onde posso te levar... se não puder ser sincera comigo, então, realmente, não podemos fazer isso.

Oh meu Deus, vá diretamente ao ponto. *Até onde pode me levar.* Caramba. O que quer dizer?

— É muito simples, Anastásia. Confia em mim ou não? — Ele perguntou com os olhos ardentes. — Você manteve este tipo de conversa com... bem, com as quinze?

— Não.

— Por que não?

— Porque elas já eram submissas. Sabiam o que queriam da relação comigo, e em geral, o que eu esperava. Com isso, era uma simples questão de afinar os limites possíveis, esses tipos de detalhes.

— Você as procura em alguma loja? Nós somos Submissas?

Ele ri.

— Não exatamente.

— Então como?

— É disso que quer falar? Ou passamos ao melhor da questão? Às objeções, como você diz.

Engulo em seco. *Confio nele?* É nisso que se resume tudo, à confiança? Sem dúvida deveria ser coisa mais importante para os dois. Lembro-me de sua raiva quando liguei para José.

— Você está com fome? — Ele pergunta, e me distrai de meus pensamentos.

Oh, não... a comida.

— Não.

— Você comeu hoje?

Eu olho para ele. Honestamente... Caramba, não vai gostar da minha resposta.

— Não. — respondo em voz baixa.

Ele me olhou com expressão muito séria.

— Tem que comer, Anastásia. Podemos jantar aqui ou em minha suíte. O que você prefere?

— Acredito que é melhor ficamos em terreno neutro.

Ele sorriu com ar zombador.

— Crê que isso me deteria? — pergunta em voz baixa, como uma sensual advertência.

Arregalo os olhos e volto a engolir a saliva.

— Eu espero.

— Vamos, reservei um jantar privado. — Ele sorriu enigmaticamente e saiu da mesa me estendendo a mão.

— Traga o seu vinho — murmura.

Agarro a sua mão, levanto e paro a seu lado. Solta a minha mão, põe no braço, cruzamos o bar e subimos uma grande escada até a sobreloja. Um rapaz com uniforme do Heathman se aproxima de nós.

— Senhor Grey, por aqui, por favor.

Nós o seguimos por uma luxuosa sala de sofás, até um refeitório privado, com uma só mesa. Era pequeno, mas suntuoso. Sob um candelabro cintilante, a mesa está coberta por linho engomado, taças de cristal, talheres de prata e um ramo com uma rosa branca. Um encanto antigo e sofisticado impregnava a sala, forrada com painéis de madeira. O garçom retira a cadeira e me sento. Eu coloco o guardanapo no colo. Ele coloca as taças na mesa. Christian se senta em frente a mim. Eu fico olhando para ele.

— Não morda o lábio, — ele sussurra.

Eu franzo o cenho. Caramba. Nem sequer me dei conta de que estava fazendo isso.

— Já pedi a comida. Espero que não se importe.

A verdade é que me parece um alívio. Não estou segura de que possa tomar mais decisões.

— Não, está tudo bem, — eu respondo.

— Eu gosto de saber que pode ser dócil. Agora, onde estávamos?

— No x da questão. — Dou outro longo gole de vinho. Está muito bom. Christian Grey conhece bem os vinhos bons. Eu lembro do último gole que me ofereceu, em minha cama. O inoportuno pensamento me fez ruborizar.

— Sim, suas objeções. — Põe a mão no bolso interno da jaqueta e tira uma folha de papel.

Meu e-mail.

— Cláusula 2. De acordo. É em benefício dos dois. Voltarei a redigi-lo.

Pestanejo. Caramba... vamos passar por cada um destes pontos, um de cada vez. Não me sinto tão valente estando com ele. Ele parece tão sério. Reforço-me com outro gole de vinho. Christian continua.

— Minha saúde sexual. Bem, todas as minhas companheiras anteriores fizeram análise de sangue, e eu faço exames a cada seis meses, de todos estes riscos que existam. Meus últimos exames estavam perfeitos. Nunca usei drogas. Na realidade, sou totalmente contra as drogas, e minha empresa leva uma política antidrogas muito a sério. Insisto em que se façam exames aleatórios e de surpresa nos meus empregados para detectar qualquer possível consumo de drogas.

Uau... A obsessão controladora leva à loucura. Eu o encaro perplexa.

— Nunca fiz uma transfusão. Isso responde a sua pergunta?

Concordo, impassível.

— Seu ponto seguinte eu já comentei antes. Você pode sair a qualquer momento, Anastásia. Não vou te deter. Mas se for... acaba tudo. Quero que saiba.

— Ok, — eu respondo em voz baixa. Se eu for, acabou. A ideia me parece inesperadamente dolorosa.

O garçom chega com o primeiro prato. Como vou comer? Caramba... ele pediu ostras em uma cama de gelo.

— Espero que você goste das ostras, — Christian diz em tom amável.

— Nunca as provei. — Nunca.

— Sério? Bem. Pegue uma. A única coisa que tem que fazer é colocar isso na boca e engolir. Acredito que conseguirá. — Ele olha para mim e sei a que está se referindo. Fico vermelha como um tomate. Sorrindo me diz que devo espremer suco de limão em uma ostra e colocá-la na boca.

— Mmm, deliciosa. Tem sabor de mar, — ele diz sorrindo. — Vamos, — ele me encoraja.

— Não tenho que mastigá-la?

— Não, Anastásia. — Seus olhos brilham divertidos. Parece muito jovem. Eu aperto os lábios, e sua expressão muda instantaneamente. Ele me olha muito sério. Estico o braço e pego a primeira ostra. Ok... isto não vai sair bem. Jogo suco de limão e a coloco na boca. Ela desliza por minha garganta, todo o mar, sal, e a forte acidez do limão e sua textura carnuda... Oooh. Lambo os lábios, e ele me olha fixamente, com olhos impenetráveis.

— É bom?

— Comerei outra e lhe responderei.

— Boa garota, — me diz orgulhoso.

— Você pediu ostras de propósito? Não dizem que são afrodisíacas? — Não, é só o primeiro prato do menu. Não necessito de afrodisíacos contigo. Acredito que sabe, e acredito que é assim contigo também, — ele diz tranquilamente. — Onde estávamos? — Ele dá uma olhada no meu e-mail, enquanto pego outra ostra.

Acontece o mesmo com ele. Eu o afeto... Uau.

— Obedecer-me em tudo. Sim, quero que faça. Necessito que o faça. Considera um papel difícil, Anastásia?

— Mas me preocupa que me faça mal.

— Que te faça mal como?

— Fisicamente. — *E emocionalmente.*

— De verdade acredita que te faria mal? Que transpassaria os limites, ao ponto de não poder aguentar?

— Você disse que tinha feito mal a alguém antes.

— Sim, mas foi há muito tempo.

-O que aconteceu?

-Pendurei-a no teto do quarto de jogos. De fato, é um dos seus pontos. Suspensão... para isso são os mosquetões. Com cordas. E apertei muito uma corda.

Levanto uma mão lhe suplicando que pare.

— Não preciso saber mais. Então, você que me suspender?

— Não, se realmente não quiser. Pode tirar da lista dos limites rígidos.

— Ok.

— Bom, crê que poderá me obedecer?

Lança-me um olhar intenso. Passam os segundos.

— Poderia tentar, — eu sussurro.

— Bom. — Ele sorri. — Novo termo. Um mês não é nada, especialmente se quiser um fim de semana livre de cada mês. Não acredito que eu possa aguentar ficar longe de ti tanto tempo. Mal o consigo agora. — Ele pausa.

Não pode ficar longe de mim? O que?

— Que tal, um dia de um fim de semana por mês só para você. Mas ficará comigo uma noite no meio da semana.

— De acordo.

— E, por favor, tentamos por três meses. Se você não gostar, pode partir a qualquer momento.

— Três meses? — Sinto-me pressionada. Dou outro comprido gole de vinho e me concedo o gosto de outra ostra. Poderia aprender o que eu gosto.

— O tema da propriedade, é meramente terminologia e remete ao princípio da obediência. É para você entrar no estado de ânimo adequado, para que entenda de onde venho.

— E quero que saiba que, assim que cruzar a porta de minha casa, você é minha por inteiro, farei contigo o que me der vontade. Terá que aceitar de boa vontade. Por isso tem que confiar em mim.

— Vou foder você, quando quiser, como quiser e onde quiser. Vou disciplinar você, por que você vai estragar tudo. Adestrarei você para que me agrade. Mas sei que tudo isto é novo para você.

— De inicio iremos com calma, e eu te ajudarei. Nós vamos atuar em vários cenários. Quero que confie em mim, mas sei que tenho que ganhar sua confiança, e o farei. O "em qualquer outro âmbito"... de novo, é para ajudar você a se colocar em uma situação. Significa que tudo está permitido.
Ele se mostra apaixonado, cativante. Está claro que é sua obsessão, sua maneira de ser... Não conseguia afastar os olhos dele. Quero-o de verdade. Ele para de falar e me olha.

— Continua comigo? — pergunta em um sussurro, com voz intensa, cálida e sedutora. Ele toma um gole de vinho sem tirar seus penetrantes olhos de mim.

O garçom se aproxima da porta, e Christian assente ligeiramente para lhe indicar que pode retirar os pratos.

— Quer mais vinho?

— Tenho que dirigir.

— Água, então?

Eu concordo.

— Normal ou com gás?

— Com gás, por favor.

O garçom parte.

— Está muito pensativa, — sussurra Christian.

— Você está muito falador.

Ele sorri.

— Disciplina. A linha que separa o prazer da dor é muito fina, Anastásia. São as duas caras de uma mesma moeda. E uma não existe sem a outra. Posso lhe ensinar quão prazerosa pode ser a dor. Agora não me acreditas, mas a isso me refiro quando falo de confiança. Haverá dor, mas nada que não possa suportar. Voltamos para o tema da confiança. Confia em mim, Ana?

Ana!

— Sim, confio em ti, — respondo espontaneamente, sem pensar... por que é verdade... Eu confio nele.

— De acordo, — ele diz aliviado. — O resto, são apenas detalhes.

— Detalhes importantes.

— Ok, vamos falar sobre eles.

Minha cabeça dá voltas com tantas palavras. Devia ter trazido o gravador da Kate para poder voltar a ouvir depois o que ele disse. Muita informação, muitas coisas para processar. O garçom volta a aparecer com o segundo prato: bacalhau, aspargos e purê de batatas com molho holandês. Eu nunca me senti com menos fome por alimentos.

— Espero que você goste de pescado, — Christian diz em tom amável.

Olho minha comida e bebo um longo gole de água com gás. Eu veementemente gostaria que fosse vinho.

— A normas. Falemos das normas. Rompe o contrato pela comida?

— Sim.

— Posso mudar e dizer que comerá no mínimo três vezes ao dia?

— Não. — Eu não vou ceder neste tema. Ninguém vai dizer-me o que tenho que comer.

Como foder, sim, mas comer... não, de jeito nenhum.

Ele aperta os lábios.

— Preciso saber que não passa fome.

Franzo o cenho. *Por quê?*

— Tem que confiar em mim.

Ele me olha por um instante e relaxa.

— Touché, senhorita Steele, — diz em tom tranquilo. Aceito o da comida e o de dormir.

— Por que não posso te olhar?

— Isso é uma coisa de Dominante e Submissa. Você vai se acostumar com isso.

Eu vou?

— Por que não posso te tocar?

— Porque não.

Ele aperta os lábios.

— Isso é por causa da senhora Robinson?

Ele me olhou com curiosidade.

— Por que você pensa isso? — E imediatamente o entende. — Você acredita que ela me traumatizou?

Eu concordo.

— Não Anastásia, não é por isso. Além disso, a senhora Robinson não tomaria qualquer dessas merdas de mim.

Oh... mas eu sim, tenho que aceitar. Faço cara feia.

— Então não tem nada que ver com isso...

— Não. E tampouco quero que se toque.

O que? Ah, sim, a cláusula de que não posso me masturbar.

— Só por curiosidade... *por quê?*

— Porque quero todo o seu prazer para mim, — diz em tom rouco, mas determinado.

Oh... Não sei o que responder. Por um lado, aí está com seu "Quero te morder os lábios"; pelo outro, é muito egoísta. Franzo o cenho e espeto um pedaço de bacalhau, tentando avaliar mentalmente o que me aconteceu. A comida e o sono. Eu posso olhar nos olhos dele. Ele vai levar devagar, e ainda não falamos nos limites suaves. Mas não estou segura de que posso confrontar enfrentar isso de comida.

— Terá muitas coisas para pensar, não é verdade?

— Sim.

— Quer que passemos já aos limites passíveis?

— Não, depois de comer.

Ele sorriu.

— Delicado?

— Mais ou menos.

— Você não comeu muito.

— Comi o suficiente.

-Três ostras, quatro pedacinhos de bacalhau e um aspargo. Nem purê de batatas, nem frutas secas, nem azeitonas. E não comeste o dia todo. Você me disse que podia confiar.

Caramba. Ele vai fazer um sermão completo.

— Christian, por favor, não estou acostumada a ter conversas deste tipo todos os dias.

— Preciso que esteja sadia e em forma, Anastásia.

— Eu sei.

— E agora mesmo quero tirar esse vestido de seu corpo.

Engulo a saliva. *Tirar o vestido de Kate.* Sinto um puxão no mais profundo de meu ventre. Alguns músculos que agora estou mais familiarizada, se contraem com suas palavras. Mas não posso aceitar. Volta a utilizar contra mim sua arma mais potente. É fabuloso praticando sexo... Até eu me dei conta disso.

— Não acredito que seja uma boa ideia, — eu murmurei. — Ainda não comemos a sobremesa.

— Quer sobremesa? — ele pergunta baixinho.

— Sim.

— A sobremesa poderia ser você, — murmura sugestivamente.

— Não estou segura de que seja bastante doce.

— Anastásia, você é deliciosamente doce. Eu sei.

— Christian, você utiliza o sexo como arma. Não me parece justo, — sussurro olhando para minhas mãos, e logo o encaro nos olhos. Levanta as sobrancelhas, surpreso, e vejo que esta pesando minhas palavras. Segura o queixo, pensativo.

— Tem razão. Faço isso. Na vida, cada um utiliza o que sabe, Anastásia. Isso não muda o fato que eu deseje muitíssimo você. Aqui. Agora.

Como é possível que me seduza somente com a voz? Já estou ofegando, com o sangue circulando a todo vapor pelas veias, e os nervos estremecendo.

— Eu gostaria de tentar algo, — ele respira.

Franzo o cenho. Acaba de me dar um montão de ideias que tenho que processar, e agora isto.

— Se você fosse minha sub, você não teria que pensar sobre isso. Seria fácil. — Sua voz é doce e sedutora. — Todas estas decisões... todo o desgastante processo de pensamento por trás delas. Coisas como, “Ésta é a coisa certa a fazer?”, "Se isso poderia acontecer aqui?", "Poderia acontecer

agora?". Não teria que se preocupar com esses detalhes. Seria eu, como seu Dom. E agora mesmo, eu sei que me deseja, Anastásia.

Franzo o cenho ainda mais. Como ele pode dizer?

— Estou tão seguro porque...

Maldito seja, responde às perguntas que não lhe faço. É também adivinho?

— ...seu corpo a delata. Está apertando as coxas, estás mais vermelha e sua respiração mudou.

Oh, sim é demais.

— Como sabe sobre minhas coxas? — pergunto em voz baixa, em tom incrédulo. Elas estão sob a mesa, pelo amor de Deus.

— Eu notei que a toalha se movia, e deduzi, me apoiando em anos de experiência. Estou certo, não é?

Ruborizo-me e encaro minhas mãos. Seu jogo de sedução me põe muito difícil. Ele é o único que conhece e entende as normas. Eu sou muito ingênua e inexperiente. Meu único ponto de referência é Kate, mas ela não aguenta bobagens dos homens. As demais experiências que tenho são do mundo da ficção: Elizabeth Bennet estaria indignada, Jane Eyre aterrorizada, e Tess sucumbiria, como eu.

— Não terminei o bacalhau.

— Prefere o bacalhau frio a mim?

Levanto a cabeça, de repente, e o encaro. Um desejo imperioso brilha em seus olhos ardentes, como prata fundida, com necessidade imperiosa.

— Pensei que você gostaria que comesse toda a comida do prato.

— Agora mesmo, senhorita Steele, importa-me uma merda sua comida.

— Christian, não joga limpo, de verdade.

— Eu sei. Nunca joguei limpo.

Minha deusa interior franze o cenho e tenta me convencer. Você pode. Jogue o seu jogo. Posso? De acordo. O que tenho que fazer? Minha inexperiência é um peso em torno do meu pescoço.

Espeto um aspargo, o encaro e mordo o lábio. Logo, muito devagar, coloco a ponta do aspargo na boca e o chupo.

Christian abre os olhos de maneira imperceptível, mas eu o noto.

— Anastásia, o que está fazendo?

Mordo a ponta.

— Estou comendo um aspargo.

Christian se remexe em sua cadeira.

— Acredito que está jogando comigo, senhorita Steele.

Finjo inocência.

— Só estou terminando a comida, senhor Grey.

Nesse preciso momento o garçom bate na porta e entra sem esperar resposta. Olho um segundo para Christian, que faz cara feia, mas concorda

em seguida, assim que o garçom recolhe os pratos. A chegada do garçom quebrou o feitiço, e me apego a esse instante de lucidez. Tenho que ir. Se ficar, nosso encontro só poderá terminar de uma maneira, e preciso pôr certas barreiras depois de uma conversa tão intensa. Minha cabeça se rebela tanto como meu corpo morre de desejo. Preciso de um tempo, uma distancia para pensar em tudo o que me foi dito. Ainda não tomei uma decisão, e seus atrativos e sua destreza sexual não é nada fácil para mim.

— Quer sobremesa? — pergunta Christian, tão cavalheiro como sempre, mas com os olhos ainda ardentes.

— Não, obrigado. Acredito que tenho que ir, digo olhando para minhas mãos.

— Já vai ? — pergunta sem poder ocultar sua surpresa.

O garçom sai às pressas.

— Sim.

É a decisão correta. Se ficar nesta mesa com ele, me entregarei. Levanto com determinação. — Amanhã nos vemos as duas na cerimônia de graduação.

Christian se levanta automaticamente, manifestando anos de arraigada urbanidade.

— Não quero que vá.

— Por favor... Tenho que ir.

— Por quê?

— Porque você me expôs muitas coisas, nas quais devo pensar... e preciso de uma certa distância.

— Poderia fazer você ficar, — ele ameaça.

— Sim, não seria difícil, mas não quero que faça.

Ele passa a mão pelos cabelos, me olhando atentamente.

— Olha, quando veio para minha entrevista e entrou em meu escritório, tudo era "Sim, senhor", "Não, senhor". Pensei que fosse uma submissa nata. Mas, na verdade, Anastásia, não estou seguro de que seja totalmente submissa, diz em tom tenso, se aproximando de mim.

— Talvez você tenha razão, — eu respondo.

— Quero ter a oportunidade de descobrir se é, — ele murmura, me olhando. Levanta um braço, acaricia meu rosto e passa o polegar pelo meu lábio inferior. Não sei fazer de outra maneira, Anastásia. Sou assim.

— Eu sei.

Ele inclina-se para me beijar, mas para antes de seus lábios tocarem os meus, seus olhos procuram os meus, como me pedindo permissão. Elevo os lábios para ele e me beija, e como não sei se voltarei a beijá-lo mais, deixo-me levar. Minhas mãos se movem, deslizam por seu cabelo, atraindo-o para mim. Minha boca se abre e minha língua acaricia a sua. Me pega pela nuca para me beijar mais profundamente, respondendo ao meu ardor. Desliza a

outra mão pelas minhas costas, e ao chegar ao final da coluna, para e me aperta contra seu corpo.

— Não posso te convencer de ficar? — pergunta sem deixar de me beijar.

— Não.

— Passe a noite comigo.

— Sem tocar em você? Não.

Ele geme.

— Você é impossível, garota. — Queixa-se. Levanta a cabeça e me olha fixamente. —Por que tenho a impressão de que está se despedindo de mim?

— Porque eu tenho que ir, agora.

— Não é isso o que quero dizer, e você sabe.

— Christian, eu tenho que pensar em tudo isto. Não sei se posso manter o tipo de relação que você quer.

Ele fecha os olhos e pressiona sua cabeça contra a minha, dando a ambos a oportunidade de relaxar ou respirar. Um momento depois me beija na testa, respira fundo, com o nariz afundado em meu cabelo, me solta e dá um passo atrás.

— Como quiser, senhorita Steele, — diz com rosto impassível. Acompanho você até o vestíbulo.

Estendo a mão. Inclino-me, pego a bolsa e lhe dou a mão. *Maldito seja, isto poderia ser tudo.* Eu o sigo pela grande escada até o vestíbulo, sinto coceira no couro cabeludo, e o sangue me bombeia depressa. Poderia ser o último adeus se eu não aceitar.

Meu coração se contrai dolorosamente no peito. Que reviravolta. Que diferença um momento de clareza pode fazer a uma menina.

— Tem o ticket do estacionamento?

Pego o ticket na bolsa e entrego. Christian o entrega ao porteiro. O encaro enquanto esperamos.

— Obrigada pelo jantar, — eu murmuro.

— Foi um prazer como sempre, senhorita Steele, — ele responde educadamente, embora pareça distante em seus pensamentos, completamente distraído.

Observo atentamente e memorizo seu formoso perfil. Obcecada com a desagradável ideia de que poderia não voltar a vê-lo. Tudo isso é muito doloroso para mim, de repente, se vira e me olha com expressão intensa.

— Esta semana eu volto para Seattle. Se tomar a decisão correta, poderei ver você no domingo? — pergunta em tom inseguro.

— Bem, vou ver. Talvez. — Eu respiro. Momentaneamente, ele parece aliviado, mas em seguida franze o cenho.

— Agora faz frio. Você trouxe casaco?

— Não.

Ele sacode a cabeça com irritação e tira a sua jaqueta.

— Toma. Não quero que passe frio.

Eu pisco para ele, enquanto ele segurava a jaqueta aberta. Ao passar os braços pelas mangas, lembro um momento em seu escritório em que ele pôs a jaqueta sobre os ombros, no dia em que o conheci, e a impressão que me causou. Nada mudou. Na realidade, agora é até mais intenso.
Sua jaqueta estava quente, era muito grande e cheira a ele. *Oh meu...* delicioso.

Chega o meu carro. Christian fica boquiaberto.

— Esse é seu carro? — Ele estava horrorizado. Agarra minha mão e sai comigo ao encalço. O manobrista sai, me entrega as chaves, e Christian lhe dá uma gorjeta.

— Está em condições de circular? — pergunta, me fulminando com o olhar.

— Sim.

— Chegará até Seattle?

— Claro que sim.

— Em segurança?

— Sim — respondo irritada. Veja, é velho, mas é meu e funciona. — Meu padrasto comprou pra mim.

— Oh, Anastásia, acredito que podemos melhorar isso.

— O que você quer dizer? — de repente, entendo. — Nem pense em me comprar um carro.
Ele me olha com o cenho franzido e a mandíbula tensa.

— Logo veremos, — responde.
Faz uma careta enquanto abre a porta do condutor e me ajuda a entrar. Eu tiro os sapatos e abaixo o vidro. Ele me olha com expressão impenetrável e olhos turvos.

— Conduza com cuidado, — diz em voz baixa.

— Adeus, Christian. — Eu digo com voz rouca, como se estivesse a ponto de chorar... *caramba, eu não vou chorar.* Eu sorrio ligeiramente.
Enquanto me afasto, sinto uma pressão no peito, começam a aflorar as lágrimas e sufoco um soluço.
As lágrimas não demoram a rolar por minhas bochechas, embora, a verdade é que não entendo por que choro. Eu estava me segurando. Ele explicou tudo. Ele foi claro. Ele me quer, mas preciso de mais. Preciso que ele me queira como eu o quero e preciso, e no fundo sei que não é possível. Estou triste.

Eu nem sei como classificá-lo. Se aceitar... ele será meu namorado?
Poderei apresentá-lo aos meus amigos? Ir com ele a bares, ao cinema ou jogar boliches? Acredito que não, na verdade. Ele não vai me deixar tocá-lo, nem dormir com ele. Sei que não tenho feito estas coisas no passado, mas quero fazer no futuro. E não é este o futuro que ele tem pra mim.

E se eu disser que sim, e no prazo de três meses ele disser que não, que se cansou de tentar me moldar-me em algo que não sou. Como vou me sentir? Estarei comprometida emocionalmente? E durante três meses terei feito coisas que não estou segura de que queira realmente fazer. E se depois me diz que não, que acabou o acordo, como vou sobreviver o abandono? Possivelmente o melhor seja desistir agora, quero manter minha auto-estima mais ou menos intacta.

Mas a ideia de não voltar mais a vê-lo parece insuportável. Como ele entrou em minha pele em tão pouco tempo? Não pode ser apenas sexo... pode? Passado a mão pelos olhos para secar as lágrimas. Não quero analisar o que sinto por ele. Assusta-me só de pensar o que poderia descobrir. *O que vou fazer?*

Estaciono em frente a nossa casa. Não vejo luzes acesas, assim acho que Kate deve ter saído. É um alívio. Não quero ter que responder perguntas. Enquanto me dispo, ligo meu computador infernal e encontro uma mensagem de Christian na caixa de entrada.

De: Christian Grey
Data: 25 de maio de 2011 22:01
Para: Anastásia Steele
Assunto: Esta noite

Não entendo por que saiu correndo esta noite. Espero sinceramente ter respondido todas as suas perguntas de forma satisfatória. Sei que tem que expor muitas coisas e espero fervorosamente que leve a sério minha proposta. Quero de verdade que isto funcione. Temos que levar com calma.

Confie em mim.

Christian Grey
CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

Este e-mail me fez chorar ainda mais. Não sou uma fusão empresarial. Não sou uma aquisição. Lendo este email, qualquer uma diria sim. Não lhe respondo. Não sei o que lhe dizer, essa é a verdade. Ponho o pijama e me meto na cama enrolada em sua jaqueta, deitada na escuridão, penso em todas as vezes que me advertiu para que me mantivesse afastada dele.

"Anastásia, deveria se manter afastada de mim. Não sou um homem para ti."

"Eu não tenho namoradas."

"Não sou um homem de flores e corações."

"Eu não faço amor."

"Não sei fazer de outra maneira."

Eu choro silenciosamente, abraçada em meu travesseiro, é nessa última ideia que me agarro. Tampouco eu sei fazer de outra maneira.
Talvez juntos possamos encontrar um outro caminho.

Capítulo 14

Christian estava de pé acima de mim segurando um chicote de couro trançado. Ele apenas usava um jeans Levis velho, desbotado e rasgado. Ele golpeia o chicote lentamente em sua palma sem deixar de me olhar. Ele estava sorrindo, triunfante. Eu não posso me mover. Eu estou nua e algemada, de braços abertos, em uma grande cama de dossel. Avançando, ele arrastou a ponta do chicote da minha testa para baixo e pelo comprimento do meu nariz, então eu pude cheirar o couro, depois sobre os meus lábios entreabertos, eu ofegava.

Ele empurra a ponta em minha boca assim eu posso saborear o couro liso, rico.

— Chupe isso, — ele comandou, com sua voz suave. Minha boca fecha acima da ponta à medida que eu obedeço.

— Já chega, — ele estala.

Eu arquejo mais uma vez, enquanto ele arrasta o chicote de minha boca, trilhando o caminho para baixo, pelo meu queixo, em meu pescoço e para o oco na base da minha garganta. Ele girou o chicote lentamente, em seguida continuou a arrastar a ponta do chicote para baixo em meu corpo,

ao longo de meu esterno[22], entre meus seios, acima de meu torso, até meu umbigo. Eu arquejo, torcendo, puxando contra minhas restrições, que estão em meus pulsos e tornozelos. Ele roda a ponta ao redor meu umbigo, então continua a arrastar a ponta de couro para baixo, por meu pelo pubiano e para meu clitóris. Ele sacode o chicote e bate com força em meu clitóris e eu gozo, gloriosamente, gritando em minha liberação.

Abruptamente, eu desperto, com a respiração ofegante, coberta de suor e sentindo os tremores secundários de meu orgasmo. Mas que Inferno. Eu estou completamente desorientada. *Que diabo acabou de acontecer?* Eu estou em meu quarto, sozinha. Como? Por quê? Eu me sento ereta, chocada… uau. Já é de manhã. Eu olhei para o meu relógio de alarme – oito horas. Eu ponho minhas mãos na cabeça. Eu não sabia que eu podia sonhar com sexo. Será que foi algo que comi? Talvez as ostras e minha pesquisa na Internet, se manifestando apropriadamente em meu primeiro sonho quente e molhado. Estou desnorteada. Eu não tinha nenhuma ideia de que podia ter um orgasmo em meu sono.

Kate está se movimentando dentro da cozinha, quando eu meio que entro cambaleante.

— Ana, você está bem? Você parece estranha. A jaqueta que você está vestindo é de Christian?

— Eu estou bem. — Maldição, eu devia ter me olhado no espelho. Eu evito seus olhos verdes, penetrantes.

Eu ainda estou me recuperando do meu evento matutino. — Sim, a jaqueta é Christian.

Ela franziu a testa.

— Você dormiu?

— Não muito bem.

Eu me dirigi à chaleira. Eu preciso de um chá.

— Como foi o jantar?

E lá vamos nós...

— Nós comemos ostras. Seguidas por bacalhau, então eu diria que foi piscoso[23].

— Ugh… eu odeio ostras, eu não quero saber sobre a comida. Como estava Christian? Sobre o que você conversou?

— Ele foi atencioso, — eu pauso.

O que eu posso dizer? Que ele é HIV é negativo, ele estava limpo, que ele estava encenando pesadamente, querendo que eu obedeça a todos os seus comandos, que ele machucou alguém uma vez ao amarrá-la no teto de seu quarto, que ele quis me foder na sala de jantar privada. Isso seria um

[22] Osso ímpar, situado na parte anterior do tórax, e com o qual se articulam as clavículas e as cartilagens costais das sete primeiras costelas.

[23] Em que há muito peixe

bom resumo? Eu desesperadamente tento me lembrar de algo sobre o meu encontro com Christian, que eu possa discutir com Kate.

— Ele não aprova a Wanda.

— Quem, Ana? Isto é notícia velha. Por que você está sendo tão modesta? Desista, amiga.

— Oh, Kate, nós conversamos sobre muitas coisas. Você sabe, o quão exigente ele é sobre comida. Incidentemente, ele gostou de seu vestido. — A água da chaleira ferveu, então eu faço algum chá. — Você quer chá? Quer que eu de ouça o seu discurso para hoje?

— Sim, por favor. Eu trabalhei nele ontem à noite, com Lilah. Eu vou buscá-la. E sim, eu adoraria um chá. — Kate correu para fora da cozinha.

Irritada, Katherine Kavanagh desviou. Eu cortei um pão e coloquei-o na torradeira. Ruborizei ao lembrar do meu sonho muito vívido. Que diabos foi aquilo?

Ontem à noite foi difícil dormir. Minha cabeça estava zumbindo com as várias opções. Eu estou tão confusa. A ideia de Christian de uma relação era mais como uma oferta de trabalho, com seus horários, com uma descrição de trabalho e um conjunto de procedimento bastante severo. Não é como se eu enfrentasse o meu primeiro romance, mas, claro, Christian não é romântico. Se eu disser a ele que eu quero mais, ele pode dizer não... e eu poderia arriscar a aceitar o que ele ofereceu. E isto é o que mais me interessa, porque eu não quero perdê-lo. Mas eu não estou certa de que tenha estômago para ser sua submissa.

No fundo, são os bastões e chicotes que me perturbam. Eu sou uma covarde física, percorrerei um longo caminho para evitar a dor. Eu penso sobre meu sonho... *será que seria assim?* Minha deusa interior salta de cima para baixo com pom-poms de torcida, gritando sim para mim.

Kate volta para a cozinha com seu laptop. Eu me concentro em meu pão e escuto, pacientemente, como ela apresentará seu discurso em Valedictorian.

Eu estou vestida e pronta para quando Ray chegar. Eu abro a porta da frente, e ele esta em pé na varanda, em seu terno mal-adaptado. Uma onda morna de gratidão e o amor por este homem descomplicado atravessou-me, eu lanço meus braços ao redor dele, em uma exibição não característica de afeto. Ele fica surpreendido, perplexo.

— Ei, Annie, eu estou contente em ver você também, — ele murmurou, enquanto me abraçava. Se afastando de mim, com suas mãos em meus ombros, ele me olha de cima a baixo, com suas sobrancelhas apertadas. — Você está bem, garota?

— Claro, Papai, uma menina não pode estar contente em ver seu velho?

Ele sorriu, seus olhos escuros ondulando nos cantos, seguindo-me na sala de estar.

— Você parece bem, — ele diz.

— Este vestido é da Kate. — Olhei para o vestido de chiffon cinza com decote.

Ele franziu o cenho.

— Onde está Kate?

— Ela foi para o campus. Ela estará fazendo um discurso, então ela tem que estar lá bem cedo.

— Nós devíamos ir?

— Papai, nós temos meia hora. Você gostaria de algum chá? E você pode dizer-me como está todo mundo em Montesano. Como está o transito?

Ray puxou o seu carro para o estacionamento do campus e nós seguimos o fluxo de pessoas pontilhado com onipresentes becas pretas e vermelhas, indo em direção ao auditório de esportes.

— Boa sorte, Annie. Você parece muito nervosa, você tem que fazer alguma coisa?

Caramba… por que Ray escolheu hoje para ser tão observador?

— Não, Papai. É um grande dia. — *E eu vou o vê-lo.*

— Sim, a minha garotinha conseguiu um grau. Eu me orgulho de você, Annie.

— Aw… obrigado Ray. — Oh eu amo este homem.

O auditório de esportes estava lotado. Ray foi se sentar com os outros pais e simpatizantes no assento inclinado, enquanto eu faço meu caminho para minha cadeira. Eu estou vestindo minha beca preta e meu capelo, eu me sinto protegida por eles, anônima. Não há ninguém sobre o palco ainda, mas eu não consigo acalmar o meu nervosismo. Meu coração está disparado e minha respiração é curta. Ele está aqui, em algum lugar. Eu me pergunto se Kate está conversando com ele, interrogando-o talvez.

Eu faço o caminho para minha cadeira no meio dos alunos na mesma categoria, cujos sobrenomes também começam com S. Eu estou na segunda fila, dispondo-me ainda mais ao anonimato. Eu olho para trás de mim e localizo Ray sentado no alto das arquibancadas. Eu dou a ele um aceno. Ele conscientemente dá para mim um meio aceno, meia saudação de volta. Eu me sento e espero.

O auditório se enche depressa, o zumbido de vozes excitadas fica mais alto e mais alto. A fila de cadeiras na frente se enche. E em um e outro lado de mim, eu estou junto de duas meninas a quem não conheço, são de uma faculdade diferente. Elas, obviamente, são amigas próximas e conversam através de mim, excitadamente.

As onze, exatamente, o Reitor aparece por detrás do palco, seguidos pelos três Vice Reitores, e então, pelos professores seniores, todos vestidos com seus trajes pretos e vermelhos. Nós levantamos e aplaudimos nosso pessoal de ensino. Alguns Professores movimentam a cabeça e acenam, outros parecem chateados. Professor Collins, meu tutor e meu professor

favorito, parece ter acabado de sair da cama, como sempre. Os últimos a entrarem no palco são Kate e Christian. Christian destaca-se em seu terno sob medida cinza, com as luzes do auditório refletindo e enfatizando o tom cobre de seus cabelos. Ele parece tão sério e contido. Quando ele se senta, ele abre o único botão preso de seu paletó e eu vislumbro a sua gravata. *Caramba... aquela gravata*! Eu esfrego meus pulsos reflexivamente. Eu não posso tirar os meus olhos dele, sua beleza me distrai como sempre e ele está usando está gravata de propósito, sem dúvida. Eu posso sentir minha boca apertada em uma linha dura. O público se senta e o aplauso cessa.

— Olhe para ele!— Uma das meninas ao meu lado respira entusiasticamente para sua amiga.

— Ele é sexy e quente.

Eu endureço. Eu estou certa de que elas não estão conversando sobre o Professor Collins.

— Deve ser Christian Grey.

— Ele é solteiro?

Eu eriço.

— Eu acho que não, — eu murmuro.

— Oh. — Ambas as meninas olham para mim em surpresa.

— Eu acho que ele é gay, — eu murmúrio.

— Que vergonha, — uma das meninas geme.

Quando o Reitor se levanta e dá inicio aos atos com sua fala, eu assisto Christian que sutilmente percorre o olhar pela sala. Eu afundo em minha cadeira, curvando meus ombros, tentando me fazer tão imperceptível quanto possível. Eu falho miseravelmente como uns segundos mais tarde seus olhos cinza acham os meus. Ele olha fixamente para mim, seu rosto impassível, completamente misterioso. Eu me mexo desconfortavelmente, hipnotizada por seu olhar e sinto um rubor lento se espalhar através de meu rosto. Espontaneamente, eu recordo meu sonho desta manhã e os músculos em minha barriga dão um aperto deleitável. Eu inalo fortemente. Eu posso ver a sombra de um de sorriso cruzar os seus lábios, mas é passageiro. Ele brevemente fecha seus olhos e ao abri-los, retoma a sua expressão indiferente.

Seguindo um olhar rápido para o Reitor, ele olha fixamente para frente, enfocando o emblema da WSUV pendurado acima da entrada. Ele não gira seus olhos em direção a mim novamente. O Reitor fala sem parar, e Christian ainda não olha para mim, ele mantém o olhar fixo para frente.

Por que ele não olhou mais para mim? Talvez ele tenha mudado de ideia? Uma onda de mal-estar cai sobre de mim. Talvez sair com ele na noite passada fosse o fim para ele também. Ele estaria chateado de esperar que eu me decida. Oh não, eu podia ter estragado tudo completamente. Eu lembrei de seu e-mail de ontem à noite. Talvez ele estivesse zangado por que não respondi.

De repente, a sala estoura em aplausos, quando a Senhorita Katherine Kavanagh subiu no palco. O Reitor se senta e Kate lança o seu adorável cabelo longo para trás dela, enquanto ela coloca seus documentos na tribuna. Ela toma seu tempo, não se intimidando por mil pessoas boquiabertas estarem olhando para ela. Ela sorri quando está pronta, olhando para a multidão cativada e eloquentemente começando o seu discurso. Ela é tão composta e engraçada, as meninas ao meu lado estouram risadas na sua primeira piada. *Oh, Katherine Kavanagh, você realmente sabe como pronunciar um discurso.* Eu me senti tão orgulhosa por ela naquele momento, meus pensamentos de errantes sobre Christian foram empurrados para um lado. Embora eu tenha ouvido o seu discurso antes, eu escuto cuidadosamente. Ela comanda a sala e leva o seu público com ela.

Seu tema é: *O que vem depois da faculdade?* Sim, realmente o que esperar? Christian estava assistindo Kate, suas sobrancelhas ligeiramente levantadas, em surpresa, eu penso. Sim, poderia ter sido Kate quem tivesse ido o entrevistar. E poderia ter sido Kate a quem ele estaria agora fazendo propostas indecentes. A bela Kate e o belo Christian, juntos. Eu podia ser como as duas meninas ao meu lado, admirando ele de longe. Eu sei que Kate não teria o feito esperar.

Do que ela o chamou no outro dia? Arrepiou-se. O pensamento de uma confrontação entre Kate e Christian, me faz desconfortável. Eu tenho que dizer que, eu não sei em qual deles eu faria a minha aposta.

Kate concluiu sua fala com um floreado e espontaneamente todos levantaram, aplaudindo e torcendo, sua primeira ovação. Eu olhei para ela com alegria e ela sorriu de volta para mim. *Bom trabalho*, Kate. Ela se senta, assim como o público e o Reitor sobe e introduz Christian… *caramba*, Christian vai fazer um discurso. O Reitor fala brevemente sobre as realizações de Christian: CEO de sua própria e extraordinariamente bem sucedida companhia, um homem que realmente fez o seu próprio caminho.

— E também um benfeitor importante da nossa Universidade, por favor, boas-vindas para o Sr. Christian Grey.

O Reitor sacudiu a mão de Christian e houve uma onda de aplausos educados. Meu coração estava em minha garganta. Ele subiu na tribuna e inspecionou o corredor. Ele parece tão confiante estando na frente de todos nós, como Kate fez antes dele. As duas meninas ao meu lado inclinaram-se, extasiadas. De fato, eu penso a maior parte dos membros femininos da audiência chegaram um pouco mais perto e alguns dos homens também. Ele começou, com sua voz suave, medida, hipnotizando.

— Eu estou profundamente agradecido e tocado pelos grandes elogios concedidos a mim pelas autoridades da WSU hoje. Ofereceram a mim uma rara oportunidade para conversar sobre o trabalho impressionante do departamento de ciência ambiental aqui na Universidade. Nossa meta é desenvolver métodos viáveis e ecologicamente sustentáveis de agricultura

para países do terceiro mundo; nossa última meta é ajudar a erradicar a fome e a pobreza através do globo. Mais de um bilhão das pessoas, principalmente na África Sub-Saariana, Sul da Ásia e América Latina, vivem em uma pobreza miserável. A deficiência agrícola é predominante dentro destas partes do mundo e o resultado é destruição ecológica e social. Eu sei o que é estar profundamente faminto. Isto é uma jornada muito pessoal para mim…

Minha mandíbula caiu no chão. *O que?* Christian esteve com fome alguma vez. *Caramba.* Bem, isso explica muita coisa. E eu recordei a entrevista; ele realmente queria alimentar o mundo. Eu desesperadamente procurei em meu cérebro, para lembrar o que Kate escreveu em seu artigo. Adotado aos quatro anos, eu penso. Eu não posso imaginar que Grace o deixou com fome, então ele deve ter sofrido antes disso, quando menininho. Eu fico com o coração apertado só com o pensamento de uma criança faminta, de olhos cinza.

Oh não. Que tipo de vida ele teve antes dos Greys conseguirem pegá-lo e resgatá-lo?

Eu sou tomada por uma sensação de forte indignação, pobre, fodido, enroscado, filantrópico Christian… entretanto eu estou certa que ele não vê a ele mesmo deste modo e repeliria quaisquer pensamentos de condolências ou piedade. Abruptamente, todo mundo entra repentinamente em aplauso e permanece. Eu sigo, entretanto, não ouvindo metade de seu discurso. Ele está fazendo todos estes bons trabalhos, gerindo uma companhia enorme e me perseguindo ao mesmo tempo. É impressionante. Lembro-me dos trechos breves da conversa que ele teve sobre Darfur… e tudo cai no mesmo lugar. Alimentos.

Ele sorriu brevemente no aplauso morno, até Kate está aplaudindo, então ele retoma sua cadeira. Ele não olha para mim e eu estou fora de condição, tentando assimilar estas novas informações sobre ele.

Um dos Vice-Reitores sobe e nós começamos o processo longo e tedioso de pegarmos os nossos diplomas. Existem mais de quatrocentos formandos e isso leva uma longa hora antes de eu ouvir meu nome. Eu faço o meu caminho para o palco entre as risadinhas das duas meninas.

Christian olha para mim, seu olhar é morno, mas controlado.

— Parabéns, Senhorita Steele, — ele disse, quando agitou a minha mão, apertando suavemente. Eu sinto a carga de sua carne na minha. — Você teve um problema com seu laptop?

Eu fiquei séria, quando ele me entregou o meu diploma.

— Não.

— Então você está ignorando meus e-mails?

— Eu só vi as fusões e aquisições.

Ele olhou interrogativamente para mim.

— Mais tarde, — ele disse, acho que estou interrompendo a fila.

Eu volto para minha cadeira. E-mails? Ele deve ter enviado outro. O que ele disse?

A cerimônia toma outra hora para concluir. É interminável. Finalmente, o Reitor lidera os membros do corpo docente para fora do palco e para um aplauso ainda mais empolgante, precedidos por Christian e Kate. Christian não olha para mim, mesmo que eu esteja disposta a fazê-lo.

Minha deusa interior não está contente.

Então eu permaneço e espero por nossa fila dispersar, Kate chama por mim. Ela está encabeçando meu caminho por detrás do palco.

— Christian quer conversar com você, — ela grita. As duas meninas que estão agora de pé ao meu lado, viram-se e bocejam para mim.

— Ele me mandou aqui, — ela continua.

Oh…

— Seu discurso foi ótimo, Kate.

— Foi, não é? — Ela irradiava. — Você vai? Ele pode ser muito insistente. — Ela rolou seus olhos e eu sorri.

— Você não tem nenhuma ideia. Eu não posso deixar Ray muito tempo. — Eu olhei para Ray e levantei meus dedos para cima para indicar cinco minutos. Ele movimenta a cabeça, dando a mim um sinal de acordo e eu segui Kate pelo corredor atrás do palco. Christian estava conversando com o Reitor e dois professores. Ele olhou para cima quando me viu.

— Com licença, cavalheiros, — eu o ouço murmúrio. Ele vem na minha direção e sorri brevemente para Kate.

— Obrigado, — ele diz, e antes que possa responder, ele toma meu cotovelo e me guia para o que parece ser uma sala de armários masculinos. Ele verifica se está vazio e então ele fecha a porta. *Caramba, o que ele tem em mente?* Eu pisco para ele quando se volta para mim.

— Por que você não mandou um email para mim? Ou mandou uma mensagem de volta? — Ele olhou. Eu estou perplexa.

— Eu não olhei para meu computador hoje, ou meu telefone. — Droga, ele tem tentado me ligar? Eu tento minha técnica de distração que é tão efetiva em Kate. — Você fez um grande discurso.

— Obrigado.

— Explique seus assuntos de comida para mim.

Ele corre uma mão por seu cabelo, exasperado.

— Anastásia, não eu quero falar sobre isso agora. — Ele fechou os seus olhos, parecendo aflito.

— Eu fiquei preocupado com você.

— Preocupado, por quê?

— Porque você foi para casa naquela armadilha que você chama um carro.

— O que? Não é uma armadilha. É bom. José faz a manutenção, regularmente, para mim.

— José, o fotógrafo? — os olhos de Christian estão apertados, seu rosto está congelado. *Oh merda.*

— Sim, o Fusca era da sua mãe.

— Sim, provavelmente sua mãe e sua avó, antes de ser dela. Não é seguro.

— Eu o tenho dirigido por mais de três anos. Eu sinto muito que você esteja preocupado. Por que você não chamou? — Puxa, ele está exagerando completamente.

Ele respirou fundo.

— Anastásia, eu preciso de uma resposta sua. Esta espera está me deixando louco.

— Christian, eu… olhe, eu deixei meu padrasto sozinho.

— Amanhã. Eu quero uma resposta, amanhã.

— Certo. Amanhã, eu direi a você então. — Eu pisquei para ele.

Ele andou de volta, em relação a mim friamente e seus ombros relaxaram.

— Você vai ficar para beber? — Ele perguntou.

— Eu não sei o que Ray quer fazer.

— Seu padrasto? Eu gostaria de encontrá-lo.

Oh não… por quê?

— Eu não estou certa que isto é uma boa ideia.

Christian destrancou a porta, sua boca fez uma linha horrenda.

— Você tem vergonha de mim?

— Não! — Foi minha vez de soar exasperada. —Apresentar você para meu pai como o que? 'Este é o homem que me deflorou e quer que nós comecemos uma relação de BDSM'. Você não está usando tênis.

Christian levantou os olhos para mim, então seus lábios estremeceram em um sorriso. E apesar do fato que eu estar louca por ele, meu rosto estava involuntariamente puxado um sorriso de resposta.

— Só assim você sabe que eu posso correr bastante rápido. Só diga a ele que eu sou seu amigo, Anastásia.

Ele abre a porta, e eu encabeço para fora. Minha mente está girando. O Reitor, os três Vice-Reitores, quatro professores e Kate olham fixamente para mim enquanto eu caminho apressadamente, passando por eles. *Caramba.* Deixando Christian com a faculdade, eu fui à procura de Ray.

Diga a ele que eu sou seu amigo. Amigo com benefícios, eu franzi a testa subconscientemente. Eu sei, eu sei. Eu agitei o pensamento desagradável para longe. Como eu o apresentarei para Ray? O corredor ainda estava meio cheio e Ray não se moveu de seu lugar. Ele me vê, acena e faz de seu modo.

— Eh, Annie. Parabéns. — Ele põe seu braço ao meu redor.

— Você gostaria de vir comigo e tomar uma bebida na marquise?

— Certo. É seu dia. Vá em frente.

— Nós não temos, se você não quiser.... — *Por favor diga não...*

— Annie, eu me acabei de sentar por umas duas horas e meia, escutando todo o tipo de tagarelar. Eu preciso de uma bebida.

Eu ponho meu braço no seu e nós saímos do recinto com a multidão, no calor do início da tarde. Nós passamos pela fila para o fotógrafo oficial.

— Oh, antes que esqueça. — Ray tirou uma máquina fotográfica digital de seu bolso. — Uma para o álbum, Annie. — Eu rolei meus olhos, enquanto ele clica uma foto minha.

— Eu posso tirar o capelo e a beca, agora? Eu me sinto um tipo de idiota.

Você parece meio que idiota... meu subconsciente está em seu melhor sarcasmo. *Então, você vai apresentar Ray para o homem que você fode? Ele Ficará muito orgulho...* Meu subconsciente está me olhando por cima com olhar superior. Deus, eu a odeio às vezes.

A marquise é imensa e cheia de alunos, pais, professores e amigos, todos tagarelando alegremente. Ray me dá uma taça de champanhe ou vinho efervescente barato, eu suspeito. Não está gelado e tem gosto doce. Meus pensamentos viram para Christian... ele não gostará disto.

— Ana! — Eu giro e Ethan Kavanagh agarra-me em seus braços. Ele me gira ao redor, sem derramar meu vinho, o que é uma façanha.

— Parabéns! — Ele sorri para mim, piscando seus olhos verdes.

Que surpresa. Seu cabelo é louro escuro, desgrenhado e sensual. Ele é tão bonito quanto Kate. A semelhança de família é impressionante.

— Ethan! Que adorável ver você. Papai, este é Ethan, Irmão de Kate. Ethan, este é meu pai, Ray Steele. — Eles apertam as mãos, meu pai friamente avaliando Sr. Kavanagh.

— Quando chegou da Europa? — Eu pergunto.

— Faz uma semana, mas eu quis surpreender minha irmãzinha, — ele diz conspirativamente.

— Isto é tão doce. — Eu sorrio para ele.

— Ela é Valedictorian, não podia faltar com ela. — Ele parece imensamente orgulhoso de sua irmã.

— Ela fez um grande discurso.

— Sim, ela fez,— Ray concorda.

Ethan tinha seu braço ao redor minha cintura quando eu olhei para cima, para os olhos cinza gelados de Christian Grey. Kate estava ao lado dele.

— Oi, Ray, — Kate beijou Ray em ambas as bochechas, fazendo-o ruborizar. —Você conhece o namorado da Ana? Christian Grey.

Carmba... Kate! Mas que Porra! Todo o sangue do meu rosto foi drenado.

— Sr. Steele, é um prazer conhecer você. — Christian suavemente disse, calorosamente, completamente imperturbável com a apresentação de

Kate. Ele estende a sua mão, que, todo crédito para Ray, a toma, não mostrando uma sugestão de surpresa, apenas toma.

Muito obrigado, Katherine Kavanagh, eu fumego. Eu penso que meu subconsciente desfaleceu.

— Sr. Grey, — Ray murmurou, sua expressão era indecifrável, exceto talvez, pelo leve arregalar de seus grandes olhos marrons. Eles deslizaram para o meu rosto com um, *quando era que você ia dar para mim esta notícia*, olhar. Eu mordi o meu lábio.

— E isto é meu irmão, Ethan Kavanagh. — Disse Kate para Christian.

Christian deu um olhar ártico para Ethan, que ainda tinha seu braço ao redor de mim.

— Sr. Kavanagh.

Eles apertam as mãos. Christian estendeu sua mão para mim.

— Ana, querida, — ele murmurou.

Quase morro ao escutá-lo.

Eu saio do aperto de Ethan, ao qual Christian solta um sorriso frio. E eu me posiciono ao seu lado. Kate sorriu para mim. Ela sabia exatamente o que estava fazendo, a raposa!

— Ethan, Mamãe e papai querem uma palavra. — Kate arrasta Ethan para longe.

— Então, crianças, a quanto tempo vocês se conhecem? — Ray olhou impassivelmente de Christian para mim.

O poder da fala fugiu de mim. Eu queria que o chão me absorvesse. Christian pôs seu braço ao redor mim, seu polegar deslizando em minhas costas nuas em uma carícia, antes de sua mão apertar o meu ombro.

— Um par de semanas, — ele disse suavemente. —Nós nos conhecemos quando Anastásia veio me entrevistar para a revista dos alunos.

— Não sabia que você trabalhou na revista dos alunos, Ana. — A voz de Ray rinha uma repreensão silenciosa, revelando sua irritação. *Merda.*

— Kate estava doente, — eu murmurei. Foi tudo que eu pude administrar.

— Belo discurso o seu, Sr. Grey.

— Obrigado, senhor. Eu entendi que você é um grande pescador.

Ray levantou suas sobrancelhas e sorriu, num raro e genuíno sorriso de Ray Steele e foram eles, conversando sobre peixes. De fato, eu logo me senti sobrando. Ele estava encantando o meu pai… *como ele esta por você*, meu subconsciente falou para mim. Seu poder não conhece limites. Eu me desculpei e sai para achar Kate.

Ela estava conversando com seus pais, que são atenciosos como sempre e calorosamente me saúdam. Nós trocamos breves amabilidades, principalmente sobre as próximas férias em Barbados e sobre nosso movimento.

— Kate, como você pode apresentá-lo para o Ray? — Eu reclamei na primeira oportunidade que nós tivemos de não sermos ouvidas.

— Porque eu sabia que você nunca faria e eu quero ajudar Christian com os assuntos de compromisso. — Kate sorriu para mim docemente.

Eu fiz uma carranca. *Sou eu que não quero compromisso com ele, sua tola!*

— Ele parece muito legal sobre isto, Ana. Não mele. Olhe para ele agora, Christian não pode tirar seus olhos de você. — Eu olhei para cima, ambos, Ray e Christian, estavam olhando para mim. — Ele tem estado vigiando você como um falcão.

— Seria melhor eu ir resgatar Ray ou Christian. Eu não sei qual deles. Você não ouviu a última palavra sobre isso, Katherine Kavanagh! — Eu olhei para ela.

— Ana, eu te fiz um favor, — ela falou atrás de mim.

— Oi. — Eu sorri para eles dois em meu retorno.

Eles parecem bem. Christian estava apreciando alguma piada particular e meu papai parecia incrivelmente relaxado, dado que ele estava em uma ocasião social. O que mais eles tinham discutido além de peixes? — Ana, onde estão os banheiros?

— Atrás da marquise, à esquerda.

— Vejo você em um momento. Vocês, crianças, se divirtam.

Ray foi-se. Eu olhei nervosamente para Christian. Nós pousamos brevemente para um fotógrafo.

— Obrigada, Sr. Grey. — O fotógrafo foi embora. Eu fiquei piscando por causa do flash.

— Então você encantou meu pai também?

— Também? — Os olhos cinza de Christian queimaram e ele levantou uma sobrancelha interrogativa. Eu corei.

Ele ergue sua mão e traçou a minha bochecha com seus dedos.

— Oh, eu gostaria de saber o que você estava pensando, Anastásia, — ele sussurrou sombriamente, acariciando o meu queixo e levantando minha cabeça de forma que nos olhamos atentamente, um nos olhos do outro.

Minha respiração estava arfante. Como ele pode ter este efeito sobre mim, até nesta festa lotada?

— Agora mesmo, eu estou pensando, que gravata bonita, — eu respirei.

Ele riu.

— Esta, recentemente, se tornou a minha favorita.

Eu estava escarlate de rubor.

— Você parece adorável, Anastásia, o decote deste vestido se adapta bem a você e eu posso atacar suas costas, sentir sua bonita pele.

De repente, era como se nós estivéssemos sozinhos no quarto. Apenas nós dois, meu corpo inteiro ficou vivo, cada terminação nervosa estava suavemente cantando, aquela eletricidade me puxando para ele, carregando entre nós.

— Você sabe que vai ser bom, não é, bebê? — Ele sussurrou. Eu fechei meus olhos, enquanto o meu interior desenrolou e derreteu.

— Mas eu quero mais, — eu sussurrei.

— Mais? — Ele olhou para mim perplexo, seus olhos escureceram. Eu sacudi a cabeça e engoli. *Agora ele sabe.*

— Mais — ele diz novamente, suavemente. Testando a palavra, uma palavra pequena, simples, mas tão cheia de promessa. Seu dedo polegar fez uma trilha para baixo até o meu lábio. —Você quer corações e flores.

Eu movimentei a cabeça novamente. Ele piscou para mim, eu assisti a sua luta interna, em seus olhos. — Anastásia. — Sua voz é suave. — Não é algo que eu saiba.

— Nem eu.

Ele sorriu ligeiramente.

— Você não sabe muito, — ele murmura.

— E você sabe todas as coisas erradas.

— Erradas? Não eu. — Ele agitou sua cabeça. Ele parecia tão sincero. — Tente isto, — ele sussurrou.

Um desafio, ousando-me, ele levantou a sua cabeça para um lado e seu sorriso entortou, um deslumbrante sorriso.

Eu ofeguei, eu sou a Eva no Jardim de Eden e ele é a serpente, eu não posso resistir.

— Certo, — eu sussurrei.

— O que? — Eu tenho sua atenção cheia, não dividida. Eu traguei.

— Certo. Eu tentarei.

— Você está concordando? — Sua descrença era evidente.

— Dentro dos limites toleráveis, sim. Eu tentarei. — Falo numa voz muito baixa. Christian fechou seus olhos e me puxou em um abraço.

— Jesus, Ana, você é tão inesperada. Você toma a minha respiração.

Ele recuou e, de repente, Ray havia retornado e o volume na marquise havia gradualmente subido e encheu meus ouvidos. Nós não estávamos sós. *Caramba, eu acabei de concordar em ser sua sub.* Christian sorriu para Ray e seus olhos estavam dançando de alegria.

— Annie, nós não devíamos ir almoçar?

— Certo. — Eu pisquei para Ray, tentando achar meu equilíbrio. *O que você fez?* Meu subconsciente gritou para mim. Minha deusa interior estava dando piruetas em uma rotina merecedora de um ginasta olímpico russo.

— Você gostaria de juntar-se a nós, Christian? — Ray perguntou.

Christian! Eu olhei fixamente para ele, implorando para que ele recusasse. Eu precisava de espaço para pensar… oh que merda eu fiz?

— Obrigado, Sr. Steele, mas eu tenho planos. Foi um prazer conhecer você, senhor.

— Igualmente, — Ray respondeu. — Cuide de minha menininha.

— Oh, é só o que eu pretendo, Sr. Steele.

Eles apertaram as mãos. Eu tive náuseas. Ray não tinha nenhuma ideia do quão Christian pretendia cuidar de mim. Christian tomou a minha mão e levantou-a até os seus lábios e beijou as minhas juntas ternamente, seus olhos ardentes estavam grudados em mim.

— Mais tarde, Senhorita Steele, — ele respirou, sua voz era uma promessa total.

Minha barriga enrolou com o pensado… oh meu Deus. *Agarre-se… mais tarde?*

Ray tomou o meu cotovelo e me levou em direção à entrada barraca.

— Pareça um homem jovem sólido. Muito apresentável também. Você podia fazer muito pior, Annie. Entretanto por que eu tive que ouvir sobre ele por Katherine, — ele ralhou.

Eu encolhi os ombros apologeticamente.

— Bem, qualquer homem que goste de pescar está bom para mim.

Misericórdia, Ray também o aprova. Se ele soubesse.

Ray voltou para casa ao entardecer.

— Ligue para sua mãe, — ele disse.

— Eu irei. Obrigado por vir, Papai.

— Não teria faltado a isto por nada no mundo, Annie. Você me fez tão orgulhoso.

Oh não. Eu não vou ficar sentimental. Um enorme nó formou em minha garganta, eu abracei-o, forte. Ele pôs seus braços ao redor de mim, confuso e eu não pude ajudar nisso, uma cachoeira de lágrimas estavam em meus olhos. — Ei, Annie, querida, — Ray sussurrou. — Grande e velho dia… hein? Quer que eu entre e faça um chá para você?

Eu ri, apesar de minhas lágrimas. O chá é sempre uma resposta de acordo com Ray. Eu lembro da minha mãe reclamando com ele, dizendo que ele sempre estava pronto para o chá e simpatia, ele era sempre bom no chá, mas não tão quente na simpatia.

— Não, Papai, eu estou bem. Foi realmente maravilhoso ver você. Eu o visitarei tão logo que me estabeleça em Seattle.

— Boa sorte com as entrevistas. Deixe-me saber como elas vão.

— Com certeza, Papai.

— Amo você, Annie.

— Amo você também, Papai.

Ele sorri, seus olhos marrons mornos, ardendo, ele subiu de volta em seu carro. Eu acenei e ele dirigiu para o crepúsculo, eu vaguei apaticamente de volta ao apartamento.

Primeira coisa eu fiz foi verificar meu telefone celular. Precisava ser recarregado, então eu tinha que encontrar o carregador antes de poder pegar as minhas mensagens. Havia quatro ligações, uma mensagem de voz e duas de texto. Três ligações de Christian... nenhuma mensagem. Uma chamada perdida de José e um correio de voz dele me desejando tudo de bom na formatura.

Eu abri os textos.

Você está casa segura

Ligue-me

As duas eram de Christian, por que ele não ligou para casa? Eu vou para o meu quarto e ligo o notebook.

De: Christian Grey
Assunto: Hoje à noite
Data: 25 de maio 2011 23:58
Para: Anastásia Steele

Eu espero que você tenha chegado bem em casa naquele seu carro.
Deixe-me saber que você está bem.

Christian Grey
CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

Droga... Por que ele se preocupa tanto com o meu Fusca. Deu a mim três anos de serviços leais e José sempre tem estado disponível para fazer a manutenção para mim. O próximo e-mail de Christian era de hoje.

De: Christian Grey
Assunto: Limites suaves
Data: 26 de maio 2011 17:22
Para: Anastásia Steele
O que eu posso dizer que já não tenho dito?
Estarei feliz em conversar sobre isso a qualquer hora.
Você estava bonita hoje.

Christian Grey
CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

Eu quero vê-lo, então respondo.

De: Anastásia Steele
Assunto: Limites suaves
Data: 26 de maio 2011 19:23
Para: Christian Grey

Eu posso sair esta noite para discutir se você quisesse.

Ana

De: Christian Cinzento
Assunto: Limites toleráveis
Data: 26 de maio 2011 19:27
Para: Anastásia Steele

Eu vou a sua casa. Quando eu disse que não gostava que você dirigisse esse carro, eu estava falando sério.
Chegarei brevemente.

Christian Grey
CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

Caramba... ele está vindo, agora. Eu tenho que lhe preparar uma coisa. A primeira edição do livro de Thomas Hardy ainda está na prateleira da sala de estar. Eu não posso ficar com ela. Eu embrulho ele em papel de embrulho e eu rabisco no embrulho uma citação direta do livro da Tess:

[24]"Eu concordo com as condições, Anjo;
Por que você sabe bem qual seria a minha punição – apenas
Apenas não a torne maior do que eu possa suportar."

[24] Livro – Tess of the d'Urberville (Thomas Hardy, capítulo 37)

Capítulo 15

— Oi. — Eu me sentia insuportavelmente tímida quando eu abri a porta. Christian estava e, pé na varanda, vestindo uma calça jeans e uma jaqueta de couro.

— Oi, — ele disse, seu rosto se iluminou com seu sorriso radiante. Eu tomei um momento para admirar a sua beleza. *Oh meu deus*, ele está tão sexy vestindo couro.

— Entre.

— Se eu posso, — ele disse divertido. Ele levantou uma garrafa de champanhe à medida que entrava. — Eu pensei que nós celebraríamos a sua graduação. Nada melhor que uma boa Bollinger.

— Escolha interessante de palavras, — eu secamente comentei.

Ele sorriu.

— Oh, eu gosto de sua sagacidade, sempre pronta, Anastásia.

— Nós só temos xícaras. Nós empacotamos todos os copos.

— xícaras? Bem, isso soa bem para mim.

Eu encabeço para a cozinha. Nervosa, com borboletas inundando meu estômago, é como ter uma pantera ou um leão de montanha todo impossível de predizer e predatório em minha sala de estar.

— Você quer pires também?

— Xícaras está ótimo, Anastásia, — Christian disse distraidamente da sala de estar.

Quando eu retornar, ele estará olhando fixamente para o pacote marrom de livros. Eu coloco as xícaras na mesa.

— Isto é para você, — eu ansiosamente murmurei.

Caramba... isto provavelmente vai ser uma briga.

— Hmm, interessante. Uma citação muito oportuna. — Seu dedo indicador longo distraidamente passando pela escrita. — Eu penso que eu era D 'Urberville, não Anjo. Você decidiu-se pela humilhação. — Ele me dá um breve sorriso de lobo. — Só você poderia encontrar algo que poderia soar tão apropriadamente.

— Também é um apelo, — eu sussurrei. *Por que eu estou tão nervosa?* Minha boca está seca.

— Um apelo? Para eu ir devagar com você?

Concordei com a cabeça.

— Eu comprei isto para você, — ele disse suavemente, seu olhar era impassível. —Eu irei mais devagar com você se você aceitar.

Eu traguei convulsivamente.

— Christian, eu não posso aceitar, eles são valiosos demais.

— Você vê, isto é o que eu estava conversando sobre, você me desafiando. Eu quero que você os tenha e isto é o fim da discussão. É muito simples. Você não tem que pensar sobre isto. Como uma submissa você só seria agradecida por eles. Você só aceita o que eu compro para você porque me agrada fazer isso.

— Eu não era uma submissa quando você comprou-os para mim, — eu sussurrei.

— Não... mas você concordou Anastásia. — Seus olhos ficaram cautelosos.

Eu suspirei. Eu não vou ganhar isto, então vamos ao plano B.

— Então eles são meus para fazer o que eu quiser?

Ele me olhou suspeitosamente, mas concedeu.

— Sim.

— Nesse caso, eu gostaria de dar eles para a caridade, uma que trabalhe em Darfur desde que parece ser perto de seu coração. Eles podem leiloa-los.

— Se é isso que você quer fazer. — Sua boca fixou em uma linha dura. Ele estava desapontado.

Eu ruborizada.

— Eu pensarei sobre isto, — eu murmurei, eu não queria desapontá-lo e suas palavras voltaram para mim. *Eu quero que você me queira, por favor.*

— Não pense Anastásia. Não sobre isto. — Seu tom está suave e sério.

Como eu não posso pensar? Você pode fingir ser um carro, como suas outras possessões, meu subconsciente faz um mal recebido retorno cáustico. Eu o ignoro. Oh, nós não podemos rebobinar? A atmosfera entre nós é agora tensa. Eu não sei o que fazer. Eu olho fixamente para baixo, para os meus dedos.

Como eu recupero esta situação?

Ele põe a garrafa de champanhe na mesa e na minha frente. Pondo sua mão debaixo de meu queixo, ele levanta minha cabeça. Ele olha para mim, com uma expressão grave.

— Eu comprarei muitas coisas para você, Anastásia. Se acostume com isto. Eu disponho. Eu sou um homem muito rico. — Ele se abaixou e plantou um beijo rápido, puro em meus lábios. — Por favor. — Ele me libera.

Oh' minhas bocas subconscientes dizem para mim.

— Faz-me sentir barata, — eu murmuro.

Christian correu a mão por seu cabelo, exasperado.

— Não devia. Você está fazendo tempestade em um copo de água, Anastásia. Não faça um julgamento moral de você mesma, baseado no que os outros poderiam pensar. Não desperdice sua energia. Você tem receios

sobre nosso acordo, isto é perfeitamente natural. Você não sabe no que você está se metendo.

Eu franzi a testa, tentando processar as suas palavras.

— Ei, pare com isto, — ele comandou suavemente, acariciando o meu queixo novamente e puxando suavemente assim que eu aperto o meu lábio inferior com os meus dentes. — Não existe nada sobre você que seja barato Anastásia. Eu não deixarei você pensar nisto. Eu acabei de comprar para você alguns livros velhos que eu pensei que poderia significar algo para você, isto é tudo. Tome algum champanhe. — Seus olhos estavam mornos e suaves, eu sorri timidamente de volta para ele. — Assim é melhor, — ele murmurou. Ele levantou o champanhe, tirou fora a tampa com chapa e arame, torcendo a garrafa pela cortiça e abrindo com um pequeno estalo e um floreado praticado, que não derramou uma gota. Ele encheu metade das xícaras.

— É rosa, — eu murmurei, surpresa.

— Bollinger Grande Année Rosé 1999, uma vindima excelente, — ele diz com sabor.

— xícaras.

Ele sorriu.

— Em xícaras. Parabéns por sua graduação, Anastásia. — Nós tinimos xícaras, ele tomou um gole da bebida, mas eu não pude evitar de pensar que essa comemoração era sobre minha rendição.

— Obrigada, — eu murmurei e tomei um gole. Claro que era delicioso. — Nós devemos ir pelos limites suaves?

Ele sorriu e eu ruborizei.

— Sempre tão ávida. — Christian tomou a minha mão e me levou para o sofá onde ele se sentou e me arrastou para baixo, ao seu lado.

— Seu padrasto é um homem muito reticente.

Ah... sem limites toleráveis então. Eu só quero resolver tudo isso logo, minha ansiedade estava me roendo.

— Você o cativou. — Eu fiz beicinho.

Christian riu suavemente.

— Só porque eu sei como pescar.

— Como você sabia que ele gostava de pescar?

— Você disse para mim. Quando nós fomos para o café.

— Oh... eu disse? — Eu tomei outro gole. Uau ele tem uma memória para os detalhes. Hmm... este champanhe realmente é muito bom. — Você provou o vinho na recepção?

Christian fez uma careta.

— Sim. E era ruim.

— Eu pensei em você quando eu provei. Como você conseguiu ser tão bem informado sobre vinhos?

— Eu não sou um conhecedor, Anastásia, eu só sei do que eu gosto. — Seus olhos cinza brilharam, quase prata e ele me fez corar. — Um pouco mais? — Ele perguntou, se referindo ao champanhe.

— Por favor.

Christian levantou graciosamente e pegou a garrafa. Ele encheu a minha xícara. Ele estava me deixando alegre? Eu olhei para ele suspeitosamente.

— Este lugar parece bonito nu, você está pronta para se mudar?

— Mais ou menos.

— Você estará trabalhando amanhã?

— Sim, é meu último dia no Clayton.

— Eu ajudaria você a se mudar, mas eu prometi encontrar minha irmã no aeroporto.

Oh… isto é novidade.

— Mia chega de Paris muito cedo no sábado de manhã. Eu sou voltar para Seattle amanhã, mas eu ouvi que Elliot está dando a vocês duas uma mão.

— Sim, Kate está muito excitada sobre isto.

Christian fez uma careta.

— Sim, Kate e Elliot, quem teria pensado? — Ele murmurou e com um pouco de razão, ele não parecia contente.

— Então o que você está fazendo sobre o trabalho em Seattle?

Quando nós vamos conversar sobre os limites? Qual é o seu jogo?

— Eu tenho algumas entrevistas marcadas.

— Você ia me dizer isto quando? — Ele arqueou uma sobrancelha.

— Err… eu estou dizendo a você agora.

Ele estreitou os seus olhos.

— Onde?

Por um pouco de razão, possivelmente porque ele poderia usar sua influência, eu não queria dizer a ele.

— Um par de editoras.

— É isso que você quer fazer, algo em publicação?

Eu cautelosamente movi a cabeça.

— Bem? — Ele olhou para mim pacientemente querendo mais informações.

— Bem o que?

— Não seja obtusa, Anastásia, quais editoras? — Ele ralhou.

— Apenas umas pequenas, — eu murmurei.

—Por que você não quer que eu saiba?

— Influência imprópria.

Ele ficou carrancudo.

— Oh, agora você está sendo obtuso.

Ele riu.

— Obtuso? Eu? Deus, você é desafiadora. Beba tudo, vamos conversar sobre estes limites. — Ele pegou uma cópia de meu e-mail e a lista. Ele andou por aí com esta lista em seus bolsos? Eu penso que existe uma em sua jaqueta também. Merda, seria melhor eu não esquecer isto. Eu drenei minha xícara.

Ele olhou rapidamente para mim.

— Mais?

— Por favor.

Ele sorriu aquele sorriso 'oh tão satisfeito consigo mesmo', segurando a garrafa de champanhe no alto e parou.

— Você comeu?

Oh não… não este velho castanheiro.

— Sim. Comi bastante junto com Ray. — Eu desviei o olhar dele. O champanhe estava me fazendo corajosa.

Ele se debruçou para frente e segurou o meu queixo, olhando fixamente em meus olhos.

— Da próxima que desviar seu olhar de mim, eu tomarei você sobre os meus joelhos.

O que?!

— Ah, — eu respirei e pude ver a excitação em seus olhos.

—Ah, — ele respondeu, espelhando o meu tom. — Então isso é o começo, Anastásia.

Meu coração bateu tão forte contra meu tórax, senti que as borboletas em meu estomago fugiam pela minha garganta. *Por que isto é quente?*

Ele encheu a minha xícara, e eu bebi praticamente toda. Castigada, eu olhei fixamente para ele.

— Consegui a sua atenção agora, não é?

Eu movi a cabeça.

— Responda-me.

— Sim… você tem minha atenção.

— Bom,— ele sorriu um sorriso de saber. —Então, os atos sexuais. Nós fizemos a maior parte disto.

Eu me movi mais para perto dele no sofá e olhei para a lista.

APÊNDICE 3

Limites Toleráveis

Deve ser discutido e concordado entre ambas as partes.

Qual dos atos sexuais seguintes são aceitáveis para os Submissos?

- Masturbação
- Felação

• Cunnilingus
• Intercurso vaginal
• Vaginal com punho
• Intercurso anal
• Anal com punho

— Nenhum punho, você diz. Tem outra coisa que você se opõem? — Ele suavemente perguntou.

Eu engoli seco.

— Intercurso anal não é algo que me entusiasme.

— Eu concordarei com o punho, mas eu realmente gostaria de reivindicar sua bunda, Anastásia. Mas nós esperaremos por isto. Além disso, não é algo que nós podemos mergulhar, — ele sorriu para mim. — Sua bunda precisará ser treinada.

— Treinada? — Eu sussurrei.

— Oh sim. Precisará de preparação cuidadosa. O intercurso anal pode ser muito aprazível, confie em mim. Mas se nós tentarmos isto e você não gostar, nós não temos que fazer isto novamente. — Ele sorriu para mim. Eu pisquei para ele. Ele pensa que eu apreciarei isto? Como ele sabe que é aprazível?

— Você já fez isto? — Eu sussurrei.

— Sim.

Caramba. Eu ofeguei.

— Com um homem?

— Não. Eu nunca fiz sexo com um homem. Não é a minha praia.

— Sra. Robinson?

— Sim.

Caramba... como? Eu franzi a testa. Ele moveu a lista para baixo.

— Ok. Deglutição de sêmen. Bem, você conseguiu um A nisto.

Eu corei e a *deusa interior que existe em mim deu muitas beijocas com seus lábios juntos, ardendo de orgulho.*

— Então. — Ele olhou para mim sorrindo. — Deglutição de sêmen está certo?

Eu movi a cabeça, incapaz de o olhar nos seus olhos e drenei a minha xícara novamente.

— Mais? — Ele perguntou.

— Mais. — E eu de repente estou lembrando de nossa conversa hoje mais cedo, enquanto ele enchia a minha xícara. Ele está se referindo a aquilo ou apenas ao champanhe? Isto é coisa de champanhe inteira?

— Brinquedos sexuais? — Ele perguntou.

Eu encolhi os ombros, olhando para a lista abaixo.

O uso de brinquedos sexuais aceitáveis para os Submissos?

- *Vibradores*
- *Dildos*
- *Plugues anais*
- *Outros*

— Plugues anais? Faz o que seu nome diz? — Eu amassei meu nariz com desgosto.

—S im, — ele sorriu. — E eu me refiro sobre intercurso anal. É para o treinando.

— Oh… o que vem a ser outros?

— Ovos, contas… todo o tipo de material.

— Ovos? — Eu fiquei alarmada.

— Não ovos reais, — ele riu ruidosamente, agitando a cabeça.

Eu apertei meus lábios para ele.

— Eu estou contente que você achou engraçado. — Eu não pude manter a mágoa fora de minha voz.

Ele parou de rir.

— Eu me desculpo. Senhorita Steele, eu sinto muito, — ele disse, tentando parecer arrependido, mas seus olhos ainda estavam dançando com humor. — Algum problema com brinquedos?

— Não, — eu estalei.

— Anastásia, — ele bajulou. —Eu sinto muito. Acredite em mim, não queria rir. Eu nunca tive uma conversa como esta, com tantos detalhes. Você é só tão sem experiência. Eu sinto muito. — Seus grandes olhos cinza pareciam sinceros.

Eu descongelo um pouco e tomo outro gole de champanhe.

— Certo… servidão — ele disse, retornando a lista. Eu examinei a lista e minha deusa interiou saltou de cima e para baixo como uma criança pequena esperando por sorvete.

Servidão é aceitável para a Submissa?

- *Mãos para frente - Mãos para atrás*
- *Joelhos - Tornozelos*
- *Cotovelos*
- *Pulsos para tornozelos*
- *Barras de espalhador*
- *Amarrada a mobília*
- *Vendando*
- *Amordaçando*

• *Servidão com Corda*
• *Servidão com Fita*
• *Servidão com algemas de couro*
• *Suspensão*
• *Servidão com algemas/ restrições de metal*

— Nós conversamos sobre suspensão. E é bom você configurar isso, se quiser, como um limite duro. Leva muito tempo e eu só terei você por períodos pequenos de tempo, de qualquer maneira. Alguma duvida?

— Não ria de mim, mas o que é uma barra de espalhador?

— Eu prometo não rir. Eu me desculpei duas vezes. — Ele olhou para mim. — Não me faça fazer isto novamente, — ele advertiu. E eu acho que eu visivelmente encolhi... Oh, ele é tão mandão. — Um espalhador é uma barra com algemas de tornozelos e/ou pulsos. Eles são divertidos.

— Certo... Bem me amordaçando. Eu estaria preocupada se eu não pudesse respirar.

— Eu estaria preocupado se você não pudesse respirar. Eu não quero sufocar você.

— E como eu usarei palavras seguras se eu for amordaçada?

Ele parou.

— Em primeiro lugar, eu espero que você nunca tenha que usá-las. Mas se você for amordaçada, nós usaremos sinais da mão, — ele disse simplesmente.

Eu pisquei para ele. Mas se eu for amarrada em cima, como isto vai funcionar? Meu cérebro começou a ter uma névoa... hmm *álcool.*

— Eu fico nervosa sobre o amordaçar.

— Certo. Eu tomarei isso em nota.

Eu olhei fixamente para ele, começando a entender.

— Você gosta de amarrar suas submissas, assim elas não podem tocar em você?

Ele olhou para mim, com seus olhos arregalados.

— Isto é uma das razões, — ele disse suavemente.

— É por isso que você amarrou minhas mãos?

— Sim.

— Você não gosta de conversar sobre isto, — eu murmurei.

— Não, eu não gosto. Você gostaria de outra bebida? Está fazendo você valente e eu preciso saber como você sente sobre dor.

Caramba... esta é a parte enganadora. Ele encheu a minha xícara e eu dei um gole.

— Então, qual a sua atitude geral sobre receber dor? — Christian olhou esperançosamente para mim.

— Você está mordendo o seu lábio, — ele disse sombriamente.

Eu imediatamente parei, mas eu não soube o que dizer. Eu corei e olhei fixo para as minhas mãos.

— Você foi fisicamente castigada quando uma criança?

— Não.

— Então você não tem nenhuma esfera de referência mesmo?

— Não.

— Não é tão ruim quanto você pensa. Sua imaginação é seu pior inimigo, — ele sussurrou.

— Você tem que fazer isto?

— Sim.

— Por quê?

—Faz parte do jogo, Anastásia. É o que eu faço. Eu posso ver que você está nervosa. Vamos por métodos.

Ele me mostrou a lista. Meu subconsciente sai correndo e gritando, se escondendo atrás do sofá.

- *Espancar*
- *Palmatória*
- *Chicoteando*
- *Surra de vara*
- *Mordidas*
- *Braçadeiras de mamilo*
- *Braçadeiras genitais*
- *Gelo*
- *Cera quente*
- *Outro tipos/métodos de dor*

— Bem, você não disse não para braçadeiras genitais. Muito bem. A surra é o que mais machuca.

Eu empalideci.

— Nós iremos chegar nessa parte.

— Ou não fazer isto, — eu sussurrei.

— Isto é faz parte do negócio, querida, mas nós ficaremos exaltados com tudo isso. Anastásia, não vou te obrigar a fazer nada horrível.

— Esta coisa de castigo, é o que mais me preocupa. — Minha voz era muito pequena.

— Bem, eu estou contente que você disse para mim. Nós manteremos a surra fora da lista, no momento. Se você conseguir ficar mais confortável com este material, nós aumentaremos a intensidade. Nós faremos isto devagar.

Eu traguei e ele se debruçou para frente e beijou os meus lábios.

— Então, que não foi tão ruim, foi?

Eu encolhi os ombros, meu coração estava na boca novamente.

— Olhe, eu quero conversar sobre mais uma coisa, então eu estou levando você para a cama.

— Cama? — Eu rapidamente pisquei e o sangue correu em volta do meu corpo, em lugares quentes que eu nem sabia que existiam, até muito recentemente.

— Vamos, Anastásia, falando sobre tudo isso, eu não quero foder você na semana que vem, mas agora mesmo. Deve estar tendo um pouco de efeito em você também.

Remexi-me. Minha deusa interior arquejou.

— Veja? Ao lado disso, existe algo que eu quero tentar.

— Algo doloroso?

— Não, pare de pensar que tudo dói. É tudo prazer. Eu já machuquei você?

Eu corei.

— Não.

— Bem, então. Olhe, hoje mais cedo você disse que queria mais, — ele se deteve, incerto, de repente.

Oh, meu Deus... onde eu estava me metendo?

Ele apertou minha mão.

— Poderíamos tentar durante um tempo, em que você não seja minha submissa. Eu não sei se funcionará. Eu não saberia como separar tudo. Isso pode não funcionar. Mas eu estaria disposto a tentar. Talvez uma noite por semana. Eu não sei.

Mais que merda... minha boca caiu aberta, meu subconsciente estava em choque, *Christian Grey está aceitando o mais!* Ele estava disposto a tentar! Meu subconsciente ainda a espreita por detrás do sofá, ainda registrando o choque em seu rosto.

— Eu tenho uma condição. — Ele olhou cautelosamente para a minha expressão atordoada.

— O que? — Eu respiro. Qualquer coisa. Eu darei a você qualquer coisa.

— Você, cortesmente, deve aceitar o meu presente de graduação.

— Oh. — E no fundo, eu realmente sabia o que era. O medo invadiu a minha barriga.

Ele está olhando fixamente para mim, medindo a minha reação.

—Vamos, — ele murmura e levanta, arrastando-me. Tomando sua jaqueta, ele a bota por cima de meus ombros e dirige-se para a porta.

Estacionado do lado de fora está um carro vermelho flex, um Audi de duas portas, compacto.

— É para você. Feliz graduação, — ele murmurou, puxando-me em seus braços e beijando meu cabelo.

Ele me comprou um maldito carro, novo em folha, pelo o que eu podia ver. Puxa... eu tive suficiente dificuldade com os livros. Eu olhei fixamente para isto, inexpressivamente, desesperadamente tentando determinar como eu me sinto sobre isto. Eu estou intimidada em um nível, agradecida em outro, chocada por ele ter realmente feito isto, mas não anulava uma emoção, a raiva. Sim, eu estou brava, especialmente, depois de tudo que eu disse a ele sobre os livros... entretanto, ele já tinha comprado isto. Tomando minha mão, ele me levou caminho abaixo em direção a esta nova aquisição.

— Anastásia, seu velho Fusca é francamente perigoso. Eu nunca perdoaria a mim mesmo se algo acontecesse a você, quando seria tão fácil para mim, fazer isto direito, — ele diminuiu. Seus olhos estavam em mim, mas no momento, eu não posso trazer meu olhar para ele. Eu estou olhando calada, fixamente na sua novidade vermelha.

— Eu mencionei isto para seu padrasto. Ele concordou comigo, — ele murmurou.

Girando, eu olhei para ele, minha boca se abre com horror.

— Você mencionou isto para Ray. Como você pôde? — Eu só pude cuspir as palavras. *Como ele ousou?* Pobre Ray. Eu tive náuseas, mortificada por meu pai.

— É um presente, Anastásia. Você não pode só dizer obrigado?

— Mas você sabe que é demais.

— Não, para mim não é, não para minha paz de espírito.

Eu fiz uma carranca para ele, em uma falta do que dizer. Ele não entende isto! Ele tem dinheiro para toda a sua vida. Certo, não em toda sua vida, não quando era uma criança pequena e minha visão de mundo mudou. O pensamento era muito decepcionante e eu suavizo, e olho para o carro, me sentindo culpada com meu amuo. Suas intenções são boas, extravagantes, mas com um bom propósito.

— Eu tenho muito prazer por você emprestar isto para mim, como o laptop.

Ele suspirou fortemente.

— Certo. Emprestado. Indefinidamente. — Ele olhou cautelosamente para mim.

— Não, não indefinidamente, mas no momento. Obrigada.

Ele franziu a testa. Eu me estico e o beijo brevemente em sua bochecha.

— Obrigada pelo carro, senhor. — Eu digo tão docemente quanto eu posso dizer.

Ele me agarra de repente, me puxando contra ele, uma mão em minhas costas me segurando e a outra encerrada em meus cabelos.

— Você é uma mulher desafiadora, Ana Steele. — Ele apaixonadamente me beija, forçando meus lábios a separar com a sua língua, não tomando nenhum prisioneiro.

Meu sangue imediatamente aquece, e eu retornei o seu beijo com minha própria paixão. Eu o quero tanto, apesar do carro, dos livros, os limites suaves... as surras... eu o quero.

— Estou tomando todo meu autocontrole para não foder você no capô deste carro agora mesmo, só para mostrar a você que você é minha, que se eu quiser lhe comprar a merda de carro, eu comprarei para você esta merda, — ele rosnou. —Agora vamos entrar que eu quero você nua. — Ele plantou um beijo rápido e áspero em mim.

Cara, ele está bravo. Ele agarra minha mão e me leva de volta para o apartamento e diretamente para o meu quarto... sem nenhum desvio. Meu subconsciente está atrás do sofá novamente, com a cabeça escondida debaixo de suas mãos. Ele liga a luz lateral e para, olhando fixamente para mim.

— Por favor, não fique bravo comigo, — eu sussurro.

Seu olhar é impassível; Seus olhos cinza estão frios como cacos de vidro fumê.

— Eu sinto muito sobre o carro e os livros, — eu falei quase sem voz. Ele permanece mudo e pensando.

— Você me assusta quando você está bravo, — eu respirei, olhando fixamente para ele.

Ele fechou seus olhos e agitou sua cabeça. Quando ele abriu os olhos, sua expressão suavizou consideravelmente. Ele respirou fundo e engoliu.

— Se vire, — ele sussurrou. — Eu quero tirar você desse vestido.

Outra mudança de humor total é tão duro de continuar. Obedientemente, eu giro e meu coração dispara e imediatamente o desejo substituiu o mal estar, viajando pelo meu sangue e preenchendo a escuridão e a ânsia baixa, abaixo de minha barriga. Ele puxa o meu cabelo fora de minhas costas para que ele fique no meu lado direito, enrolando sobre o meu peito. Ele coloca seu dedo indicador na minha nuca e dolorosa e lentamente arrasta o dedo para baixo na minha espinha. Sua unha bem cuidada suavemente roça as minhas costas.

— Eu gosto deste vestido, — ele murmura. — Eu gosto de ver sua pele sem defeito.

Seu dedo alcança o decote do meu vestido, na metade do caminho da minha espinha, enganchando seu dedo no decote, ele me puxa de forma mais íntima, me fazendo voltar contra ele. Sinto-me corar, contra seu corpo. Inclinado-se, ele inala meu cabelo.

— Você cheira tão bem, Anastásia. Tão doce. — Seu nariz desliza pela minha pele, passando pela minha orelha, descendo pelo meu pescoço, ele desliza devagar, suave como uma pena e então, ele beija o meu ombro.

Minha respiração muda de rasa a apressada, cheia de expectativa. Seus dedos estão em meu zíper. Dolorosamente lento, mais uma vez ele desce, enquanto seus lábios se movimentam, lambendo, beijando e chupando ao seu modo, através de meu outro ombro. Ele é tão provocadoramente bom nisso. Meu corpo ressoa e eu começo a torcer languidamente sob o seu toque.

— Você. Ainda. Está. Aprendendo. Como. Manter. — ele sussurrou, beijando-me ao redor minha nuca, entre cada palavra.

Ele puxa a presilha no pescoço, e o vestido cai formando uma piscina em meus pés.

— Nenhum sutiã, Senhorita Steele. Eu gosto disso.

Suas mãos alcançam meus seios, segurando-os como concha e meus mamilos enrugam ao seu toque.

— Erga seus braços e os coloque ao redor minha cabeça, — ele murmura contra meu pescoço.

Eu imediatamente obedeço e na subida, meus seios empurram contra as suas mãos, meus mamilos endureceram mais ainda. Meus dedos tecem em seu cabelo, muito suavemente eu acaricio seu cabelo suave, sensual. Eu rolo minha cabeça para um lado para dar a ele acesso mais fácil ao meu pescoço.

— Mmm… — ele murmura naquele espaço atrás de minha orelha, enquanto ele começa a estender meus mamilos com seus dedos longos, espelhando minhas mãos em seu cabelo.

Eu gemo como a sensação registra afiada e clara em minha virilha.

— Eu devo fazer você gozar desta maneira? — Ele sussurra.

Eu arqueio minhas costas para forçar meus seios em suas peritas mãos.

— Você gosta disto, não é, Senhorita Steele?

— Mmm…

— Diga-me. — Ele continua a lenta tortura sensual, puxando suavemente.

— Sim.

— Sim, o que.

— Sim… Senhor.

— Boa menina. — Ele me belisca duro, e meu corpo convulsiona contra sua frente.

Eu ofego no primoroso, agudo, prazer/dor. Eu o sinto contra mim. Eu gemo e minhas mãos apertam mais, puxando seu cabelo mais duro.

— Eu não penso que você está pronta para gozar ainda, — ele sussurra, acalmando as suas mãos, ele suavemente morde meu lóbulo da orelha e puxa-o. — Além disso, você me desagradou.

Oh... não, o que isto quererá dizer? Meu cérebro registra através da névoa de desejo necessitado à medida que eu gemo.

— Então talvez eu não deixe você gozar afinal. — Ele retorna a atenção de seus dedos para meus mamilos, puxando, torcendo, amassando. Eu empurrei duro o meu traseiro contra ele... movendo de um lado para o outro.

Eu sinto seu sorriso contra meu pescoço, enquanto movimenta as mãos até meus quadris. Ele engancha os dedos em minha calcinha por trás, estirando-as, ele empurra os polegares através do material, rasgando-a e jogando-a na minha frente para que eu possa ver... *caramba.* Suas mãos se movem, descendo para o meu sexo... e por detrás, ele lentamente insere o seu dedo.

— Oh, sim. Minha doce menina, você está pronta, — ele respira, enquanto me gira totalmente, de modo que eu fique de frente para ele. Sua respiração acelerou. Ele põe o dedo na sua boca. —Você tem um sabor tão bom, Senhorita Steele. — Ele suspira. — Dispa-me, — ele suavemente comanda, olhando fixamente para mim, com olhos semicerrados.

Tudo que eu estou vestindo são os meus sapatos, bem, os sapatos de salto alto de Kate. Eu estou surpreendida. Eu nunca despi um homem.

— Você pode fazer isto, — ele suavemente me bajula.

Oh meu Deus. Eu rapidamente pisco. Por onde começar? Eu agarro sua camiseta e ele agarra minhas mãos e agita sua cabeça, sorrindo astutamente em mim.

— Oh não. — Ele agita sua cabeça, sorrindo. — Não a camiseta, você pode precisar dela para tocar-me como eu planejei. — Seus olhos estão vivos com a excitação.

Oh... isto é novidade... eu posso tocar nas roupas. Ele pega uma de minhas mãos e a coloca contra sua ereção.

— Este é o efeito que você está causando em mim, Senhorita Steele.

Eu ofego e flexiono meus dedos ao redor de sua circunferência e ele sorri.

— Eu quero estar dentro de você. Tire a minha calça jeans. Você está no comando.

Caramba... estou no comando. Estou de boca aberta.

— O que você vai fazer comigo? — Ele provoca.

Oh as possibilidades... minha deusa ruge, de algum lugar, nascida da frustração, da necessidade. A coragem de Steele aparece, eu o empurro para a cama. Ele ri enquanto cai, eu olho para ele parecendo vitoriosa. Minha deusa vai explodir. Eu arranco seus sapatos, depressa, desajeitadamente e suas meias. Ele está olhando fixamente para mim, seus olhos brilhando de

diversão e desejo. Ele parece… gloriosamente… *meu*. Eu rastejo para cima da cama e me sento montada nele para retirar a sua calça jeans, corro meus dedos debaixo do cós, sentindo o cabelo em seu caminho para a felicidade. Ele fecha seus olhos e empurra os seus quadris.

— Você terá que aprender a se manter quieto, — eu lhe repreendo e eu acaricio os pelos debaixo da sua cintura.

Ele puxa a respiração e sorri para mim.

— Sim, Senhorita Steele, — ele murmura com os olhos queimando e brilhando. —Em meu bolso, tem preservativo, — ele respira.

Eu procuro em seu bolso lentamente, olhando o seu rosto, enquanto sinto ao redor. Sua boca está aberta. Eu pego duas embalagens de preservativo e as coloco ao lado de seus quadris. *Dois!* Meus dedos ansiosos alcançam o botão de seu cós e o abrem, apalpando um pouco. Eu estou mais que excitada.

— Tão ávida, Senhorita Steele, — ele murmura, sua voz está atada com humor. Eu arrasto o zíper para baixo e agora eu estou enfrentado o problema de remover suas calças… *hmm*. Eu embaralho abaixo e puxo. O movimento é difícil. Eu franzo a testa. Como isto pode ser tão difícil?

— Eu não posso me manter quieto se você vai morder seu lábio, — ele adverte, então, ele arqueia sua pélvis para cima, fora da cama, assim eu posso arrastar sua calça para baixo e sua cueca ao mesmo tempo, whoa…

Livrando-se. Ele chuta suas roupas para o chão.

Santo Deus, ele é todo meu para tocar é como se fosse Natal.

— Agora o que você vai fazer? — Ele respira, com todo um rastro de humor nisso.

Eu alargo a mão e o acaricio, assistindo sua expressão à medida que eu faço. Sua boca está aberta em formato de "O", enquanto ele respira forte. Sua pele é tão lisa e suave… e duro… hmm, que combinação deliciosa. Eu me debruço para frente, meu cabelo caindo ao redor de mim e ele está em minha boca. Eu o chupo, duro. Ele fecha seus olhos, sacudindo os seus quadris embaixo de mim.

— Puxa, Ana, continue, — ele geme.

Eu me sinto tão poderosa, é um sentimento tão arrojado, provocando e provando-o com minha boca e língua. Ele está tenso embaixo de mim, enquanto eu deslizo a minha boca nele, empurrando para a parte de trás de minha garganta, meus lábios apertando… de novo e novamente.

— Pare, Ana, pare. Eu não quero gozar.

Eu me sento em cima, piscando para ele, eu estou arquejando, assim como ele, mas confusa. *Eu estava no comando, não é?* Minha deusa interior parece com alguém que perdeu seu sorvete.

— Sua inocência e entusiasmo são muito cativantes, — ele ofega. — Você, em cima… é isso que nós precisamos fazer.

Oh.

— Aqui, coloque isto. — Ele me dá um pacote de preservativo.

Caramba. Como? Eu rasgo o pacote e abro, o preservativo de borracha é todo pegajoso em meus dedos.

— Aperte o topo e então abra isto. Você não quer qualquer ar no fim daquela ventosa, — ele fala meio que sem ar.

E muito lentamente, muito concentrada, eu faço como fui ensinada.

— Cristo, você é a morte para mim, Anastásia, — ele geme.

Eu admiro meu trabalho manual e ele. Ele realmente é um espécime boa de homem, olhar para ele é muito, muito excitante.

— Agora. Eu quero ser enterrado dentro de você, — ele murmura. Eu olho para ele assustada e ele senta-se, de repente, então nós estamos cara a cara.

— Assim, — ele respirou e ele serpenteou uma mão ao redor dos meus quadris, erguendo-me ligeiramente, com a outra ele se posicionou embaixo de mim e muito lentamente, facilitou-se dentro de mim.

Eu gemo conforme ele me estira e entra em mim, enchendo-me, minha boca se abre diante da surpresa doce, sublime, agonizante, o sentimento mais completo. *Oh... por favor.*

— Está certo, querida, sinta-me, sinta-me todo, — ele rosna e brevemente fecha seus olhos.

Ele está dentro de mim, embainhado até o talo, ele me segura no lugar, por segundos... minutos... eu não tenho nenhuma ideia, olhando fixamente, atentamente em meus olhos.

— Fundo deste jeito, — ele murmura. Ele flexiona e roda seus quadris, no mesmo movimento, eu gemo... oh meu deus – a sensação irradia ao longo de minha barriga... em todos os lugares. *Porra!*

— Novamente, — eu sussurro. Ele sorri um sorriso preguiçoso e repete.

Gemendo, eu jogo minha cabeça para trás, meu cabelo que cai em minhas costas e muito lentamente, ele afunda de volta para a cama.

— Você move, Anastásia, para cima e para baixo, como você quiser. Tome minhas mãos, — ele respira, sua voz está rouca , baixa e tão sensual.

Eu aperto suas mãos, como minha vida dependesse disso. Suavemente eu empurro-o e volto para baixo, *oh meu Deus.* Seus olhos estão queimando com antecipação selvagem. Sua respiração está entrecortada, combinando com a minha, ele ergue sua pélvis à medida que eu desço, saltando-me de volta para cima. Nós aumentamos o ritmo... para cima, para baixo, acima, abaixo... repetidas vezes... e parece tão... bom. Entre meu ofegar, a penetração é profunda e transbordante... A sensação ardente que me atravessa inteira e cresce através de mim, olho dentro dos seus olhos, e nossos olhos se encontram... e eu vejo admiração em seus olhos, admiração para mim.

Eu estou fodendo-o. Eu estou no comando. Ele é meu, eu sou sua. O pensamento me empurra, pesado como concreto, acima da borda e eu chego ao clímax ao redor dele… gritando incoerentemente.

Ele agarra meus quadris, fechando seus olhos, inclinado à cabeça para trás, sua mandíbula apertada, ele goza em silencio. Eu desmorono em seu peito, subjugada, em algum lugar, entre fantasia e realidade, um lugar onde não existe nenhum limite, duro ou suave.

Capítulo 16

Lentamente o mundo exterior invadiu os meus sentidos, e oh meu deus, que invasão. Eu estou flutuando, meus membros estão suaves e lânguidos, totalmente gastos. Eu estou deitada em cima dele, minha cabeça está em seu tórax e ele cheira divinamente: linho fresco, lavado e algum caro sabonete corporal, e o melhor perfume, mais sedutor do planeta... Christian. Eu não quero me mover, eu quero respirar este elixir pela eternidade. Eu me aninho, desejando que não tivesse a barreira de sua camiseta. E, quando a razão e o bom senso retornam ao resto de meu corpo, eu estico minha mão sobre o seu tórax. Esta é a primeira vez que eu o toquei aqui. Ele é firme… forte. Sua mão mergulha para cima e agarra a minha, mas ele suaviza o gesto puxando-a para sua boca e docemente beijando meus dedos.

Ele rola sobre mim e me olha.

— Não faça, — ele murmura e então me beija ligeiramente.

— Por que você não gosta de ser tocado? — Eu sussurro, olhando fixamente para seus olhos cinza suaves.

— Porque estou muito fodido, Anastásia. Tenho muito mais sombras que luz. Tenho Cinquentas sombras ruins!

Oh… sua honestidade me desarma completamente. Eu pisco para ele.

— Eu tive uma introdução muito dura na vida. Não quero carregar você com os detalhes. Só não faça. — Ele roçou seu nariz contra o meu, e então ele retira-se de mim e se senta.

— Acredito que já tivemos o básico. Como foi?

Ele parece completamente contente consigo mesmo e soa muito prosaico, ao mesmo tempo, ele está como se só tivesse marcado uma nova caixa de seleção em uma lista de verificação. Eu ainda estou sofrendo com o comentário sobre a sua dura introdução de vida. É tão frustrante e eu estou desesperada para saber mais. Mas ele não dirá nada para mim. Eu viro minha cabeça para um lado, como ele faz, e faço um esforço enorme para sorrir para ele.

— Se você acha que conseguiu me iludir que você me outorgou o controle, bem, você não levou em conta minhas boas notas. — Eu sorrio timidamente para ele. —Mas obrigada pela ilusão.

— Senhorita Steele, você não é só um rosto bonito. Você teve seis orgasmos até agora e todos eles pertencem a mim, — ele ostenta, brincalhão novamente.

Eu ruborizo e pisco ao mesmo tempo, enquanto ele olha fixamente para mim. *Ele está fazendo uma contagem!* Suas sobrancelhas apertaram.

— Você tem algo para me dizer? — Sua voz, de repente, era dura.

Eu faço uma careta. *Droga.*

— Eu tive um sonho esta manhã.

— Oh? — Ele olhou para mim.

Dupla droga. Eu estou em apuros?

— Eu gozei no meu sonho.— Eu lanço meu braço acima de meus olhos. Ele não diz nada. Eu o espio por debaixo de meu braço, e ele parece divertido.

— Em seu sonho?

— Despertou-me.

— Eu estou certo que fez. Com o que você estava sonhando?

Droga.

— Você.

— O que eu estava fazendo?

Eu lanço meu braço acima de meus olhos novamente. E como uma criança pequena, eu brevemente entretenho o pensado de que se eu não posso vê-lo, então ele não pode me ver.

— Anastásia, o que eu estava fazendo? Eu não perguntarei a você novamente.

— Você estava usando um chicote de montaria.

Ele moveu o meu braço.

— Realmente?

— Sim. — Eu estou vermelha.

— Existe esperança para você ainda, — ele murmura. — Eu tenho vários chicotes de montaria.

— Couro trançado marrom?

Ele ri.

— Não, mas eu estou certo que eu podia conseguir um. — Seus olhos cinza brilham de excitação.

Inclinando, ele me dá um breve beijo, então ele levanta e agarra as sua cueca, *oh não... ele está indo.* Eu olho rapidamente para o relógio, são apenas nove e quarenta. Eu saio da cama também e pego minha calça de moletom e um camiseta, então me sento de volta na cama, cruzo as pernas e fico assistindo-o. Eu não quero que ele vá. O que eu posso fazer?

— Quando é seu período? — Ele interrompe meus pensamentos.

O que!

— Eu odeio usar estas coisas, — ele murmura. Ele levanta o preservativo do chão, então desliza em sua calça jeans.

— Bem? — Ele inicia quando eu não respondo, ele olha para mim esperançosamente como se ele estivesse esperando por minha opinião sobre o tempo. Caramba... isto é coisa pessoal.

— Semana que vem. — Eu olho fixamente para minhas mãos.

— Você precisa fazer algum tipo de contracepção.

Ele é tão mandão. Eu olho fixamente para ele, inexpressivamente. Ele se senta de volta na cama, enquanto ele coloca suas meias e sapatos.

— Você tem um médico?

Eu agito minha cabeça. Nós voltamos para contratos e aquisições, outra mudança de humor do Christian de 180 graus.

Ele faz uma carranca.

— Eu posso pedir ao meu médico para vê-la em seu apartamento, domingo de manhã antes de você vir me ver. Ou ele pode ver você em minha casa. O que você prefere?

Sem pressão, sei. Apenas outra coisa que ele está pagando... mas, realmente, isto é para seu benefício.

— Em sua casa. — Com isso, estou garantido vê-lo no domingo.

— Certo. Eu informarei a hora.

— Você está partindo?

Não vá... fique comigo, por favor.

— Sim.

Por que?

— Como você voltará? — Eu sussurro.

— Taylor me levantará.

— Eu posso dirigir para você. Eu tenho um adorável carro novo.

Ele olha para mim, com uma expressão morna.

— Isto é mais para ele. Eu acho que você bebeu demais.

— Você me fez ficar alegre de propósito?

— Sim.

— Por quê?

— Porque você acha excesso em tudo, e você é reticente como o seu padrasto. Uma gota de vinho em você e você começa a falar, e eu preciso que você se comunique honestamente comigo. Caso contrário, você se cala, eu não tenho nenhuma ideia do que você está pensando. *In vino veritas*[25], Anastásia.

— E você pensa que é sempre honesto comigo?

— Eu me empenho para ser. — Ele olha para mim cautelosamente. — Isto só funcionará se nós formos honestos um com o outro.

— Eu gostaria que você ficasse e usasse isto. — Eu levanto o segundo preservativo.

Ele sorri e seus olhos brilharam com humor.

— Anastásia, eu cruzei tantas linhas aqui, esta noite. Eu tenho que ir. Eu verei você no domingo. Eu terei o contrato revisado e pronto para você, então nós podemos realmente começar a jogar.

— Jogar? — *Caramba.* Meu coração pulou em minha boca.

— Eu gostaria de fazer uma cena com você. Mas eu não vou, até que você assine, então eu sei que você estará pronta.

— Oh. Então eu poderia esticar isto, se eu não assinar?

Ele me olha, avaliando-me, então, seus lábios se contorcem em um sorriso.

— Bem, eu suponho que você poderia, mas eu posso rachar sob tensão.

— Rachar? Como? — Minha deusa interior despertou e está prestando atenção.

Ele movimenta a cabeça devagar, e então ele sorri, brincando.

— Podia ficar realmente feio.

Seu sorriso é infeccioso.

— Feio, como?

— Oh você sabe, explosões, perseguições de carro, sequestro, encarceramento.

— Você me sequestraria?

— Oh sim, — ele sorriu.

— Seguraria-me contra minha vontade? *Puxa, isto é quente.*

— Oh sim, — ele movimenta a cabeça. — E então nós estamos falando TPT 24/7.

— Perdi-me, — eu respiro, meu coração dispara... *ele está falando sério?*

—Troca do Poder Total – o tempo todo. — Seus olhos estão brilhando, e eu posso sentir sua excitação de onde eu estou sentada.

[25] In **Vino Veritas** – No vinho está a verdade, afirmavam os antigos romanos. Com isso eles queriam dizer que a embriaguez soltava a língua e fazia a verdade vir á tona.

Caramba.

— Então você não tem nenhuma escolha, — ele diz sarcasticamente.

— Claramente. — Eu não posso manter o sarcasmo fora de minha voz então eu olho para cima, meus olhos alcançando o céu.

— Oh, Anastásia Steele, você acabou de desviar seus olhos dos meus?

Caramba.

— Não, — eu grito.

— Eu penso que você fez. O que eu disse que faria com você se desviasse seus olhos de mim novamente?

Merda. Ele se senta na extremidade da cama.

— Venha aqui, — ele diz suavemente.

Eu empalideço. Puxa… ele está falando sério. Eu me sento olhando fixamente para ele completamente imóvel.

— Eu não assinei, — eu sussurro.

— Eu disse a você o que faria. Eu sou um homem de palavra. Eu vou espancar você e então vou foder você muito rápido e muito duro. Parece que nós precisaremos do preservativo afinal.

Sua voz está tão suave, ameaçadora, e *é condenadamente quente.* Minhas entranhas praticamente contorcem com o potente, necessitado, líquido, desejo. Ele olha para mim, esperando, com os olhos brilhando. Timidamente, eu descruzo as minhas pernas. *Devo correr?* Isto é, nosso relacionamento está em jogo, aqui, agora. Eu deixo que ele faça isto ou eu digo não, e então como será? Porque eu sei que vai ser mais se eu disser não. Faça isto! Minha deusa discuti comigo, meu subconsciente está tão paralisado como eu estou. — Eu estou esperando, — ele diz. — Eu não sou um homem paciente.

Oh pelo o amor de tudo que é santo. Eu estou ofegante, com medo, ligada. O sangue disparando dentro de meu corpo, minhas pernas estão como geleia. Lentamente, eu me arrasto para ele, até chegar ao seu lado.

— Boa menina, — ele murmura. — Agora levante-se.

Oh merda… ele só não pode simplesmente acabar com isso? Eu não estou certa se eu posso permanecer. Hesitante, eu levanto. Ele estende a sua mão e eu coloco o preservativo em sua palma. De repente ele me agarra, me inclinando sobre o seu colo. Com um movimento suave, ele ajeita o seu corpo, de modo que, o meu torso está descansando na cama ao lado dele. Ele joga a perna direita sobre as minhas duas e bota o seu antebraço esquerdo na parte de baixo das minhas costas, segurando-me para baixo, assim eu não posso me mover. *Oh foda.* — Ponha suas mãos, as duas, em ambos os lados de sua cabeça, — ele ordena.

Eu imediatamente obedeço.

— Por que eu estou fazendo isto, Anastásia? — Ele pergunta.

— Porque desviei meu olhar do seu, — eu posso apenas falar.

— Você pensa que isto é cortês?

— Não.

— Você fará isto novamente?

— Não.

— Eu espancarei você toda vez que você fizer isto, você entendeu?

Muito lentamente, ele retira a minha calça de moletom. Oh, como isto é humilhante, humilhante, assustador e quente. Ele está fazendo uma refeição disto. Meu coração está na boca. Eu mal posso respirar. *Merda, será que vai doer?*

Ele coloca sua mão em minha bunda nua, suavemente me afagando, acariciando ao redor, com sua palma plana. E então sua mão não está mais lá… e ele me bate, forte. *Ow!* Meus olhos se abrem em resposta à dor, eu tento sair dali, mas sua mão entre minhas omoplatas me mantém para baixo. Ele me acaricia novamente onde ele me bateu, sua respiração mudou, está mais alta, mais dura. Ele me bate novamente, rapidamente em sucessão.

Puta merda, isso dói. Eu não faço nenhum som, meu rosto paralisou com a dor. Eu tento me contorcer para fugir dos golpes, estimulada pela adrenalina subindo e correndo pelo meu corpo.

— Fique quieta, — ele rosna. — Ou eu espancarei você por mais tempo.

Ele está me esfregando agora, vem o golpe seguinte. Surge um padrão rítmico, acariciar, acariciar, bater duro. Eu tenho que me concentrar para lidar com esta dor. Meu mente se esvazia, enquanto me esforço para absorver a sensação cansativa. Ele não me bate no mesmo lugar duas vezes sucessivas, ele está espalhando a dor.

— Aargh! — Eu reclamo na décima palmada, sem perceber eu estava contando mentalmente as palmadas.

— Eu estou apenas esquentando.

Ele me bate novamente, então ele me acaricia suavemente. A combinação do duro golpe pungente e sua carícia suave é muito entorpecedora. Ele me bate novamente… isto está ficando mais duro de aguentar.

Meu rosto dói, estou muito contraída. Ele me acaricia gentilmente e então vem o golpe. Eu grito novamente.

— Ninguém pode ouvir você, querida, só eu.

E ele me bate novamente. Em algum lugar bem no fundo, eu quero implorar para ele parar. Mas eu não o faço. Eu não quero dar a ele a satisfação. Ele continua no ritmo inflexível. Eu gritei mais seis vezes. Dezoito golpes no total. Meu corpo está cantando, cantando de seu impiedoso assalto.

— Já chega, — ele fala com voz rouca. — Bem feito, Anastásia. Agora eu vou foder você. Ele acaricia meu traseiro suavemente, que queima com os

golpes que ele me deu, então ele vai acariciando ao redor e descendo. De repente, ele insere dois dedos dentro de mim, deixando-me completamente surpresa. Eu suspiro, este novo ataque rompe a dormência ao redor do meu cérebro.

— Sinta isto. Veja quanto seu corpo gosta disto, Anastásia. Você vai ficar molhada só para mim.

Existe temor em sua voz. Ele move seus dedos, dentro e fora em sucessão rápida.

Eu gemo, não seguramente não, e então seus dedos se foram... e eu sou deixada querendo.

— Da próxima vez, eu vou fazer você contar. Agora onde está o preservativo?

Ele alcança o preservativo e gentilmente me ergue, empurrando-me de rosto sobre a cama. Eu ouço o som de seu zíper e o rasgar do invólucro. Ele arranca a minha calça de moletom fora e então me guia em uma posição de joelhos, gentilmente acariciando meu agora muito dolorido traseiro.

— Eu vou tomar você agora. Você pode gozar, — ele murmura.

O que? Como se eu tivesse uma escolha.

E ele está dentro de mim, me enchendo rapidamente, eu gemo alto. Ele se move, batendo em mim, um ritmo rápido e intenso contra meu dolorido traseiro. O sentimento está além de requintado, bruto e degradante, é de explodir a mente. Meus sentidos estão devastados, desconectados, apenas me concentrando no que ele está fazendo para mim. Como ele está fazendo-me sentir, essa força familiar no fundo da minha barriga, apertando, acelerando. NÃO... e meu corpo traidor explode em um intenso orgasmo, estremecendo.

— Oh, Ana! — Ele grita em voz alta enquanto ele encontra a sua liberação, segurando-me no lugar, ele derrama-se em mim. Ele cai, ofegante ao meu lado e ele me puxa em cima dele e enterra seu rosto em meu cabelo, segurando-me apertado.

— Oh, querida, — ele respira. — Bem-vinda ao meu mundo.

Ficamos deitados ali, ofegantes, juntos, esperando que nossa respiração diminuía a velocidade. Ele suavemente acaricia o meu cabelo. Eu estou em seu peito novamente. Mas desta vez, eu não tenho forças para erguer minha mão e senti-lo. *Rapaz... eu sobrevivi.* Isso não era tão ruim. Eu sou mais estoica do que pensava. Minha deusa interior está prostrada... bem pelo menos ela está quieta. Christian fuça meu cabelo novamente, inalando profundamente.

— Bem feito, querida — ele sussurra, com uma alegria calma em sua voz. Suas palavras enrolam ao redor de mim, como uma toalha fofa e suave do Hotel Heathman, eu estou tão contente que ele tenha sentido tanto prazer.

Ele pega na alça da minha camisola.

— É com isto que você dorme? — Ele pergunta suavemente.

— Sim, — eu respiro com sono.

— Você devia estar em sedas e cetins, você é uma menina bonita. Eu farei compras para você.

— Eu gosto de meu moletom, — eu murmuro, tentando e falhando, soar irritada.

Ele beija minha cabeça novamente.

— Nós veremos, — ele diz.

Nós ficamos por mais alguns minutos, horas, quem sabe, eu acho que eu cochilei.

— Eu tenho que ir, — ele diz, se inclinando ele beija minha testa suavemente. —Você está bem? — Sua voz é suave.

Eu penso sobre sua pergunta. Meu traseiro está dolorido. Bem, ardendo agora, e incrivelmente eu me sinto, fora a exaustão, radiante. A realização é humilhante, inesperada. Não estou entendendo. *Puta merda.*

— Eu estou bem, — eu sussurro. Eu não quero dizer mais que isto.

Ele levanta.

— Onde é seu banheiro?

— Ao longo do corredor à esquerda.

Ele pega o outro preservativo e sai do quarto. Eu levanto rigidamente e coloco minha calça de moletom. Ela irrita um pouco contra o meu sofrido traseiro. Eu estou tão confusa com a minha reação. Eu me lembro dele dizendo, não me lembro quando, que eu me sentiria muito melhor depois de uma boa surra. *Como que pode ser isso?* Eu realmente não entendo. Mas, estranhamente, eu estou. Eu não posso dizer que eu apreciei a experiência, de fato, eu ainda percorreria um caminho longo para evitar isto, mas agora… eu me sinto segura, estranha, banhada em fosforescência, saciada. Eu ponho minha cabeça em minhas mãos. Eu só não entendo.

Christian retorna ao quarto. Eu não posso olhá-lo nos olhos. Eu olho fixamente para minhas mãos.

— Eu achei um pouco de óleo de bebê. Deixe-me esfregar isto em seu traseiro.

O que?

— Não. Eu estou bem.

— Anastásia, — ele adverte e eu quero desviar meus olhos, mas depressa paro. Eu fico de frente para a cama. Sentando ao meu lado, ele puxa delicadamente a minha calça de moletom para baixo novamente. *De cima a baixo como gavetas de puta*, meu subconsciente comenta amargamente. Na minha cabeça, eu digo a ela para onde ir.

Christian espirra óleo de bebê em sua mão e então esfrega no meu traseiro com cuidadosa ternura - De removedor de maquilagem para bálsamo de traseiro espancado, quem teria pensado que era um líquido tão versátil.

— Eu gosto de por minhas mãos em você, — ele murmura, e eu tenho que concordar, eu também.

— Pronto, — ele diz quando termina e ele puxa minhas calças novamente.

Eu olho para o meu relógio. É dez e trinta.

— Eu estou saindo agora.

— Eu verei você sair. — Eu ainda não posso olhar para ele.

Tomando minha mão, ele me leva para a porta da frente. Felizmente, Kate ainda não está casa. Ela deve ainda estar jantando com seus pais e Ethan. Eu estou realmente contente por ela não estar ao redor e ouvir meu castigo.

— Você não tem que chamar o Taylor? — Eu pergunto, evitando o contato visual.

— Taylor está aqui desde as nove. Olhe para mim, — ele respira.

Eu me esforço para encontrar os seus olhos, mas quando eu faço, ele está olhando para em mim com admiração.

— Você não chorou, — ele murmura, então me agarra de repente e me beija fervorosamente. — Domingo, — ele sussurra contra meu lábios, e isso é ambas, uma promessa e uma ameaça.

Eu assisto ele caminhar pela calçada e subir no grande Audi preto. Ele não olha para trás. Eu fecho a porta e estou impotente na sala de estar de um apartamento que eu devo morar apenas outras duas noites. Um lugar que vivi feliz por quase quatro anos... ainda hoje, pela primeira vez, eu me sinto só e desconfortável aqui, infeliz com minha própria companhia. O quão me distancie do que sou? Eu sei que, debaixo de meu exterior entorpecido, está um poço de lágrimas. O que eu estou fazendo? A ironia é que eu não posso nem me sentar e desfrutar de um bom choro. Eu terei que permanecer em pé. Eu sei que é tarde, mas decido ligar para minha mãe.

— Meu doce, como você está? Como foi a graduação? — Ela se entusiasma no telefone. Sua voz é um bálsamo calmante.

— Desculpe por ligar tão tarde, — eu sussurro.

Ela pausa.

— Ana? O que está errado? — Ela é toda seriedade agora.

— Nada, Mãe, eu só queria ouvir sua voz.

Ela fica muda por um momento.

— Ana, o que é? Por favor, me diga. — Sua voz é suave e reconfortante, eu sei que ela se importa. Não convidadas, as minhas lágrimas começam a fluir. Eu chorei muito frequentemente nos últimos dias.

— Por favor, Ana — ela diz, sua angústia reflete a minha.

— Oh, Mãe, é um homem.

— O que ele fez para você? — Seu alarme é palpável.

— Não é assim. — *Embora ele seja...* Oh merda. Eu não a quero preocupar. Eu só quero outra pessoa para ser forte por mim, no momento.

— Ana, por favor, você está me preocupando.

Eu tomo uma grande respiração.

— Eu estou um tanto quanto apaixonada por este sujeito, ele é tão diferente de mim, eu não sei se nós devíamos ficar juntos.

— Oh, querida. Eu gostaria de estar aí com você. Eu sinto tanto por faltar a sua graduação. Você apaixonou-se por alguém, finalmente. Oh, docinho, homens, eles são tão enganadores. Eles são uma espécie diferente, querida. Quanto tempo você o conhece?

Christian é definitivamente uma espécie diferente... *planeta diferente.*

— Oh, quase três semanas eu acho.

— Ana, querida, isto não é nada mesmo. Como você pode conhecer alguém nesse período de tempo? Basta ter calma com ele e o mantê-lo no comprimento de um braço até que você decida se ele é digno de você.

Uau... é irritante quando minha mãe é tão perspicaz, mas infelizmente o conselho chega tarde.

Ele me *merece*? Este é um conceito interessante. Eu sempre me pergunto se eu sou merecedora dele.

— Querida, você soa tão infeliz. Volte para casa, venha nos visitar. Eu sinto saudade de você, querida. Bob adoraria ver você também. Você pode ter alguma distância e talvez alguma perspectiva. Você precisa de um tempo. Você tem trabalhado tão duro.

Oh menino, isto era tentador. Fugir para a Geórgia. Pegar algum raio de sol, alguns coquetéis.

O bom humor da minha mãe... seus braços amorosos.

— Eu tenho duas entrevistas de trabalho em Seattle na segunda-feira.

— Oh, isto é uma notícia maravilhosa.

A porta abre e Kate aparece, sorrindo para mim. Seu rosto cai quando ela vê que eu tinha chorado.

— Mãe, eu tenho que ir. Eu pensarei sobre uma visita. Obrigada.

— Querida, por favor, não deixe um homem entrar debaixo de sua pele. Você é extremamente jovem. Vá e se divirta.

— Sim, Mãe, amo você.

— Oh, Ana, eu amo você também, tanto. Fique segura, querida. — Eu desligo e enfrento Kate que olha para mim.

— Aquele obscenamente rico fudido chateou você novamente?

— Não... tipo de... err... sim.

— Mande-o passear, Ana. Desde que o conheceu você está muito transtornada. Eu nunca a vi assim antes.

O mundo de Katherine Kavanagh é muito claro, muito preto e branco. Não os intangíveis, misteriosos, tons vagos de meu mundo cinza. *Bem-vinda ao meu mundo.*

— Se sente, deixe de conversa. Vamos beber algum vinho. Oh, você tomou champanhe. — Ela espiou a garrafa. — De boa marca também.

Eu sorrio ineficaz, olhando apreensivamente para o sofá. Eu abordo isto com precaução.

Hmm... sentando.

— Você está bem?

— Eu caí sobre meu traseiro.

Ela não pode questionar minha explicação, porque eu sou uma das mais descoordenadas pessoas no Estado de Washington. Eu nunca pensei que eu veria isso como uma bênção. Eu cuidadosamente sento-me, agradavelmente surpreendida por eu estar bem, volto a minha atenção para Kate, mas minha mente é puxada de volta para Heathman. *–Bem, se fosse minha, depois do que fez ontem, não se sentaria durante uma semana.* — Ele disse isto então. Mas naquele momento eu não pensava em mais nada, a não ser, ser dele. Todos os sinais de advertência estavam lá, eu só fui muito ignorante e demasiado apaixonada para notar.

Kate volta da sala de estar com uma garrafa de vinho tinto e lavou as xícaras.

— E lá vamos nós. — Ela me dá uma xícara de vinho. O sabor não é tão bom quanto o Bolly.

— Ana, se ele for um idiota com assuntos de compromisso, dispense-o. Embora eu realmente não entenda seus problemas de compromisso. Ele não conseguia tirar os olhos de você na marquise, olhava para você como um falcão. Eu diria que ele está completamente apaixonado, mas talvez ele tenha um modo engraçado de mostrar a isto.

Completamente apaixonado? Christian? Que forma curiosa de demonstra-lo? Eu diria.

— Kate, isso é complicado. Como foi sua noite? — Eu pergunto.

Eu não posso conversar sobre isto com Kate sem ser esclarecedora demais, mas uma pergunta sobre o seu dia e Kate esquece isto. É tão reconfortante se sentar e escutar sua conversa normal. A notícia quente é que Ethan pode vir morar conosco após as suas férias. Isso será divertido, Ethan é uma piada. Eu franzo a testa. Eu não acho que Christian aprovará. *Bem... difícil.* Ele só terá que absorver isto. Eu tomo umas xícaras de vinho e decido ligá-lo agora a noite. Foi um dia muito longo. Kate me abraça e então pega o telefone para ligar para Elliot.

Eu verifico o computador depois de escovar meus dentes. Tem um e-mail de Christian.

De: Christian Grey
Assunto: Você
Data: 26 de maio 2011 23:14

Para: Anastásia Steele

Querida Senhorita Steele
Você é simplesmente excelente. A mulher mais bela, inteligente, espirituosa e corajosa que eu já conheci. Tome um pouco de Advil[26], isto não é um pedido. E não dirija seu Fusca novamente. Eu saberei.

Christian Grey
CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

Oh, eu não posso dirigir meu carro novamente! Então, eu digito minha resposta.

De: Anastásia Steele
Assunto: Lisonja
Data: 26 de maio 2011 23:20
Para: Christian Grey

Querido Sr. Grey

Galanteios não levará você a lugar nenhuma, mas desde que você tem estado em todos os lugares, o ponto é discutível.
Eu precisarei dirigir meu Fusca para uma garagem para que eu possa vendê-lo, por isso não vou aceitar graciosamente qualquer um dos seus disparates sobre isso. O vinho tinto é sempre mais preferível que Advil.

Ana
PS: A surra é um limite DURO para mim.

Eu teclo e envio.

De: Christian Grey
Assunto: As mulheres frustrantes que não podem receber elogios
Data: 26 de maio 2011 23:26
Para: Anastásia Steele

Querida Srta. Steele

[26] analgésicos

Eu não estou lisonjeando você. Você devia ir para a cama.

Eu aceito sua adição para os limites duros.

Não beba demais.

Taylor dará fim a seu carro e conseguirá um bom preço por ele também.

Christian Grey
CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc

De: Anastásia Steele
Assunto: Taylor – ele é o homem certo para o trabalho?
Data: 26 de maio 2011 23:40
Para: Christian Grey

Querido Senhor

Intrigada-me que você prefere deixar seu braço direito dirigir meu carro, mas não a mulher você fode ocasionalmente. Como vou saber que Taylor conseguirá o melhor preço para o meu carro? Eu, no passado, provavelmente antes de encontrar você, soube conduzir um negócio e arrumar uma pechincha por ele.

Ana

De: Christian Grey
Assunto: Cuidadoso!
Data: 26 de maio 2011 23:44
Para: Anastásia Steele

Querida Srta. Steele

Estou certo que o VINHO TINTO a fez falar dessa maneira, e que você teve um dia muito longo.

Entretanto, estou tentado em voltar até ai e me assegurar que você não se sente por uma semana, em vez de uma noite.

Taylor é ex-soldado e capaz de dirigir qualquer coisa de uma motocicleta até um Tanque Sherman.

Seu carro não apresenta um perigo para ele.

Agora, por favor, não se refira a você mesma como 'uma mulher que eu fodo ocasionalmente' porque, francamente, me ENFURECE, e te asseguro que você realmente não gostaria de me ver zangado.

Christian Grey
CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

De: Anastásia Steele
Assunto: Cuidadoso você mesmo
Data: 26 de maio 2011 23:57
Para: Christian Grey

Querido Sr. Grey

Eu não estou certa se eu gosto de você, especialmente neste momento.

Srta. Steele

De: Christian Grey
Assunto: Cuidadoso você mesmo
Data: 27 de maio 2011 00:03
Para: Anastásia Steele

Por que você não gosta de mim?

Christian Grey
CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

De: Anastásia Steele
Assunto: Cuidadoso você mesmo
Data: 27 de maio 2011 00:09
Para: Christian Grey

Porque você nunca fica comigo.

Bem, isso vai dar a ele algo para pensar. Eu fechei o computador com indiferença, e rastejo para a minha cama. Eu desligo a minha luz lateral e olho fixo para o teto. Foi um longo dia, um arranco sentimental depois do outro. Foi emocionante passar algum tempo com Ray. Ele parecia bem,

estranhamente ele aprovou Christian. Droga, Kate e sua boca gigantesca. Ouvindo Christian falar sobre ter passado fome. Que diabos foi isso tudo? Deus, e o carro. Eu nem sequer disse a Kate sobre o novo carro. No que Christian estava pensando?

E então hoje à noite, ele realmente me bateu. Eu nunca apanhei em minha vida. No que eu me meti? Muito lentamente, minhas lágrimas, interrompidas pela chegada de Kate, começam a deslizar para baixo, pelos lados de meu rosto e em meus ouvidos. Eu apaixonei-me por alguém que é tão emocionalmente desligado, só vou me machucar, no fundo eu sei disto, alguém que por sua própria admissão é completamente fudido. *Por que* ele é tão fodido? Deve ser horrível ser tão afetado como ele é, e o pensamento de que ele foi uma criança que sofreu alguma crueldade insuportável, me chorar mais. *Talvez, se ele fosse mais normal, ele não gostaria de você*, meu subconsciente contribui depreciativamente para meus devaneios... e no fundo do meu coração, eu sei que isto é verdade. Agarro-me ao meu travesseiro e as comportas se abriram... e pela primeira vez em anos, eu estou soluçando incontrolavelmente em meu travesseiro.

Estou distraída momentaneamente, na escuridão da minha alma, quando ouço Kate gritando.

— Que porra você acha que você está fazendo aqui?

— Que, pois não pode!

— Que merda você fez para ela agora?

— Desde que ela te conheceu ela chora o tempo todo.

— Você não pode entrar aqui!

Christian entra repentinamente em meu quarto e sem a menor cerimônia liga a luz de cima, fazendo-me piscar.

— Jesus, Ana, — ele murmurou. Ele desliga novamente e está ao meu lado em um momento.

— O que você está fazendo aqui? — Eu ofego entre soluços. Merda. Eu não consigo parar de chorar.

Ele liga a luz lateral, me fazendo piscar novamente. Kate chega e permanece na entrada.

— Você quer que eu expulse este idiota? — Ela pergunta, irradiando uma termo-nuclear hostilidade. Christian levanta as sobrancelhas para ela, sem dúvida, surpreendido por seu lisonjeiro epíteto e seu antagonismo feroz. Sacudo minha cabeça, e ela rola seus olhos para mim. *Oh... eu não faria isso perto do Sr. G.*

— É só gritar se você precisar de mim, — ela disse mais suavemente. — Grey, as suas cartas estão marcadas, — ela sussurra para ele. Ele acena para ela, e ela se vira e puxa a porta, mas não a fecha.

Christian olha para mim, sua expressão é um tumulo, seu rosto está pálido. Ele está vestindo seu casaco listrado, e do bolso, ele tira um lenço e o entrega para mim. Eu acho que ainda tenho um outro seu em algum lugar.

— O que está acontecendo? — Ele pergunta calmamente.

— Por que você está aqui? — Eu pergunto, ignorando sua pergunta. Minhas lágrimas milagrosamente cessaram, mas eu estou com náuseas.

— Parte de meu papel é para cuidar de suas necessidades. Você disse que queria que eu ficasse, então aqui estou. Eu ainda acho que você gosta disto. — Ele pisca para mim, verdadeiramente perplexo. — Tenho certeza de que sou responsável, mas eu não tenho nenhuma ideia do por que. Será que é porque eu bati em você?

Eu me puxo para cima, estremecendo por meu traseiro dolorido. Eu me sento e o enfrento.

— Você tomou um pouco de Advil?

Sacudo a cabeça. Ele estreita seus olhos e deixa o quarto. Eu o ouço conversando com Kate, mas não o que estão dizendo. Ele volta alguns momentos mais tarde com pílulas e uma xícara da água.

— Tome estes, — ele ordena suavemente enquanto se senta em minha cama, ao meu lado.

Eu faço como ele disse.

— Converse comigo, — ele sussurra. — Você me disse que estava bem. Eu nunca teria deixado você se eu pensasse que você estava assim.

Eu olho fixamente para minhas mãos. O que posso dizer que eu já não disse? Eu quero mais. Eu quero que ele fique porque *ele* quer ficar comigo, não porque eu sou uma bagunça chorona, e eu não quero que ele me bata, isto é tão irracional?

— Creio que quando você disse que estava bem, você não estava.

Eu corei.

— Eu pensei que estava bem.

— Anastásia, você não pode me dizer o que você pensa que eu quero ouvir. Isto não é muito honrado, — Ele me adverte. — Como posso confiar em qualquer coisa que você me disse?

Eu olhei para ele, e ele franziu a testa, com um olhar sombrio em seu rosto. Ele passou ambas as mãos por seu cabelo.

— Como você se sentiu enquanto eu estava batendo em você e depois?

— Eu não gostei disto. Eu prefiro que você não faça isto novamente.

— Isto não foi para você gostar.

— Por que você gosta disto? — Eu olho fixamente nele.

Minha pergunta o surpreende.

— Você realmente quer saber?

— Oh, confie em mim, eu estou fascinada.— E eu não posso manter o sarcasmo fora de minha voz.

Ele aperta seus olhos novamente.

— Cuidado, — ele adverte.

Eu empalideço.

— Você vai me bater novamente? — Eu desafio.

— Não, não hoje à noite.

Ufa... Meu subconsciente e eu, ambos, demos um suspiro mudo de alívio.

— Então, — eu inicio.

— Eu gosto do que o controle me traz, Anastásia. Eu quero que você se comporte de um modo particular, e se você não fizer isso, eu devo puni-la, e você aprenderá a se comportar da maneira que eu desejar. Eu aprecio castigar você. Eu quis espancar você desde que você me perguntou se eu era gay.

Eu corei com a lembrança. Droga, eu quis espancar a mim mesma depois daquela pergunta. Então Katherine Kavanagh é responsável por tudo isso, e se ela fosse para aquela entrevista e fizesse a pergunta sobre ele ser gay, ela estaria sentando aqui com o traseiro dolorido. Eu não gosto desse pensamento. Como isso é confuso?

— Então você não gosta do modo que eu sou.

Ele olha fixamente para mim, perplexo novamente.

— Eu acho que você é adorável do modo que você é.

— Então por que você está tentando me mudar?

— Eu não quero mudar você. Gostaria de ser cortês e seguir o conjunto de regras que eu dei a você e não me desafiar. Simples, — ele diz.

— Mas você quer me punir?

— Sim eu quero.

— Isso é o que eu não entendo.

Ele suspira e passa as mãos pelos cabelos novamente.

— É do jeito que eu sou feito, Anastásia. Eu preciso controlar você. Eu preciso que você se comporte de um certo modo, e se você não o fizer, gosto de ver sua bonita pele rosa de alabastro se aquecendo sob de minhas mãos. Excita-me.

Caramba. Agora nós estamos chegando a algum lugar.

— Então, não é a dor que você está me fazendo passar?

Ele engole em seco.

— Um pouco, para ver se você pode suportar isso, mas isto não é toda a razão. É o fato de que você é minha para fazer o que eu achar melhor, o controle total sobre outra pessoa. Isso me excita. Muitíssimo, Anastásia. Olhe, eu não estou me explicando muito bem... eu nunca tive que fazer isso antes. Eu não tinha realmente pensado sobre nisso em qualquer grande profundidade. Eu sempre estive com pessoas da mesma opinião, — ele encolheu os ombros se desculpando. — E você ainda não respondeu minha pergunta, como você se sentiu depois?

— Confusa.

— Você estava sexualmente excitada por isto, Anastásia, — ele fecha seus olhos brevemente, e quando ele abre e olha para mim, eles estão queimando brasas esfumaçadas.

Sua expressão puxa aquela parte escura de mim, enterrada nas profundezas de minha barriga, minha libido, acordou e domada por ele, mas até agora, insaciável.

— Não me olhe desse jeito, — ele murmura.

Eu franzi a testa. Droga o que eu fiz agora?

— Eu não tenho nenhum preservativo, Anastásia, e você sabe, você está chateada. Ao contrário do que sua companheira de quarto acredita, eu não sou um monstro degenerado. Então, você se sentiu confusa?

Eu encolho sob o seu olhar intenso.

— Você não tem nenhum problema em ser honesta comigo. Seus e-mails sempre dizem exatamente como você se sente. Por que você não pode fazer isso em uma conversa? Eu intimido tanto você?

Eu escolho em um ponto imaginário azul na colcha creme da minha mãe.

— Você me seduz, Christian. Subjuga-me completamente. Eu me sinto como Ícaro voando muito perto do Sol, — eu sussurro.

Ele suspira.

— Bem, eu penso que você vai da maneira errada por aí, — ele sussurra.

— O que?

— Oh, Anastásia, você me enfeitiçou. Não é óbvio?

Não, não para mim. *Feiticeira*... minha deusa está olhando de boca aberta. Até ela não acredita nisto.

— Você ainda não respondeu minha pergunta. Escreva para mim um e-mail, por favor. Mas agora, eu realmente gostaria de dormir. Eu posso ficar?

— Você quer ficar? — Eu não posso esconder a esperança em minha voz.

— Você me queria aqui.

— Você não respondeu minha pergunta.

— Vou escrever um e-mail para você, — ele murmurou com petulância.

Levantando, ele esvazia seus bolsos da calça jeans, BlackBerry, chaves, carteira e dinheiro. Caramba, os homens levam um monte de porcaria em seus bolsos. Ele retira seu relógio, sapatos, meias e a calça jeans, coloca sua jaqueta sobre a minha cadeira. Ele caminha em volta e para o outro lado da cama e desliza dentro.

— Deite-se, — ele ordena.

Eu deslizo devagar para debaixo das coberturas, estremecendo ligeiramente, olhando fixamente para ele. Caramba... ele está ficando. Eu

acho que eu estou entorpecida com o choque exultante. Ele se debruça em um cotovelo e olha para mim.

— Se você vai chorar. Chore na minha frente. Eu preciso saber.

— Você quer me fazer chorar?

— Particularmente, não. Eu só quero saber como você está se sentindo. Eu não quero que você escorregue por entre meus dedos. Desligue a luz. Está tarde, e nós dois temos que trabalhar amanhã.

Então aqui... e ainda tão mandão, mas eu não posso reclamar, ele está em minha cama. Eu não entendo muito por que... talvez eu devesse chorar mais vezes na frente dele. Eu desligo a luz de cabeceira. — Deite-se de lado, de costas para mim, — ele murmura na escuridão.

Reviro os olhos no pleno conhecimento de que ele não pode me ver, mas eu faço como ele disse. Cautelosamente, ele passa por cima e coloca os braços ao redor de mim e me puxa para seu tórax... oh meu Deus.

— Durma, querida, — ele sussurra, e eu sinto seu nariz em meu cabelo, enquanto ele inala profundamente.

Puta merda. Christian Grey está dormindo comigo, e no conforto e consolo de seus braços, e eu caminho para um sono pacífico.

Capítulo 17

A chama da vela é demasiada quente. Ela treme e dança sobre a brisa morna, uma brisa que não traz nenhum alivio para o calor. Suave como asas de gaze elas batem de um lado para outro na escuridão, polvilhando escalas empoeiradas no círculo de luz. Eu estou lutando para resistir, mas estou atraída. E então é tão brilhante, eu estou voando muito perto do sol, deslumbrada pela luz, frita e derretendo do calor, cansada de meus empenhos para ficar no ar. Eu estou tão quente. O calor… é sufocante, insuportável. Ele me acorda.

Eu abro meus olhos e eu estou envolta em Christian Grey. Ele está embrulhado ao meu redor como uma bandeira da vitória. Ele está profundamente adormecido com sua cabeça em meu peito, seu braço sobre mim, segurando-me perto, uma de suas pernas está jogada e enganchada em torno das minhas. Ele está me sufocando com o calor de seu corpo, ele é pesado. Eu tomo um momento para absorver que ele está ainda em minha cama e dormindo, já tem luz lá fora, é de manhã. Ele passou a noite inteira comigo.

Meu braço direito está estendido, sem dúvida em busca de um lugar fresco, e como eu processo o fato que ele está ainda comigo, o pensamento ocorre que eu posso tocá-lo. Ele está adormecido. Timidamente, eu levanto a minha mão e corro as pontas de meus dedos sobre as suas costas. Profundo, em sua garganta, eu ouço um gemido fraco, angustiado e ele se mexe. Ele aninha em meu tórax, inalando profundamente enquanto ele desperta. Sonolento, piscando, os seus olhos cinza se encontram com os meus de baixo de seus cabelos despenteados.

— Bom dia, — ele murmura e franze a testa. — Jesus, até em meu sono eu estou atraído por você. — Ele se move devagar, descolou seus membros de mim enquanto ele se ajeita. Eu me tornei ciente de sua ereção contra meu quadril. Ele nota a minha reação em meus olhos, ele sorri um sorriso sensual e lento.

— Hmm… isso tem possibilidades, mas eu penso que nós deveremos esperar até domingo. — Ele se inclina e fuça minha orelha com seu nariz.

Eu ruborizo, entretanto eu sinto sete tons de escarlate do seu calor.

— Você é muito quente, — eu murmuro.

— Você não é tão ruim, — ele murmura e se aperta contra mim, sugestivamente.

Eu corei um pouco mais. Não foi isso que eu quis dizer. Ele se escora em cima em seu cotovelo e olha para mim, divertido. Ele inclina-se, e para minha surpresa, planta um beijo gentil em meus lábios.

— Dormiu bem? — Ele pergunta.

Eu concordo com a cabeça, olhando fixamente para ele, e eu percebo que eu dormi muito bem, exceto talvez pela última meia hora, quando eu estava com muito calor.

— Eu também. — Ele franze a testa. — Sim, muito bem. — Ele levanta suas sobrancelhas surpreso e confuso.

— Que horas são?

Eu olho para o meu relógio.

— É 7:30.

— 7:30… merda. — Ele saiu da cama e pegou a sua calça jeans.

Foi minha vez de olhar divertida, enquanto me sento. Christian Grey está atrasado e agitado. Isso é algo que eu nunca vi antes. Eu tardiamente percebo que meu traseiro não está mais dolorido.

— Você é uma péssima influência para mim. Eu tenho uma reunião. Eu tenho que ir, tenho que estar em Portland às oito. Você está sorrindo para mim?

— Sim.

Ele sorri.

— Eu estou atrasado. Eu não costumo me atrasar. Outra primeira vez, Senhorita Steele. — Ele puxa em seu casaco e em seguida se abaixa e agarra minha cabeça, com uma mão de cada lado.

— Domingo, — ele disse, e a palavra estava carregada com uma promessa não dita.

Minhas entranhas se contraem e então se descontraem em uma antecipação deliciosa. A sensação é esquisita. Que inferno, se minha cabeça estivesse à altura do meu corpo. Ele inclina-se e beija-me rapidamente. Ele pega as suas coisas na minha mesa de cabeceira e os sapatos, que ele não coloca.

— Taylor virá avaliar o seu Fusca. Eu estava falando sério. Não o dirija. Vejo você em minha casa no domingo. Vou enviar um e-mail para você mais tarde. — E como um vendaval, ele se foi.

Oh meu Deus, Christian Grey passou a noite comigo, e eu me sinto descansada. E não houve sexo, só carinho. Ele me disse que ele nunca dormiu com ninguém, mas ele é dormiu comigo três vezes.

Sorri e lentamente sai da minha cama. Eu me sinto mais otimista do que eu tenho pelo último dia ou assim. Dirijo-me à cozinha, precisando de uma xícara de chá.

Depois do café da manhã, tomo banho e me visto rapidamente para meu último dia em Clayton. É o fim de uma era, adeus para o Sr. & Sra. Clayton, WSU, Vancouver, o apartamento, meu Fusca. Olho para o relógio, é só 7:52. Eu tenho tempo.

De: Anastásia Steele
Assunto: Ataque e Espancamento: Os efeitos posteriores
Data: 27 de maio 2011 08:05
Para: Christian Grey

Querido Sr. Grey

Você queria saber por que eu me senti confusa depois que você, que eufemismo devemos aplicar, espancada, castigada, batida, atacada. Bem, durante todo o processo alarmante eu me senti humilhada, aviltada e abusada. E para minha grande mortificação, você está certo, eu estava excitada, o que foi inesperado. Como você bem sabe, todas as coisas sexuais são novas para mim, eu gostaria de ser mais experiente e, portanto, mais preparada. Fiquei chocada ao me sentir excitada.

O que realmente me preocupou foi como me senti depois. E isso é mais difícil de articular.

Fiquei feliz por que você estava feliz. Senti-me aliviada por não ser tão doloroso quanto eu pensei que seria. E quando eu estava deitada em seus braços, me senti saciada. Mas me sinto muito desconfortável, até culpada, me sentindo dessa forma. Não combina bem comigo, eu estou confusa como resultado. Isso responde a sua pergunta?

Espero que o mundo de Fusões e Aquisições seja tão estimulante como sempre… e que você não tenha se atrasado muito.

Obrigado por ficar comigo.

Ana

De: Christian Grey
Assunto: Livre Sua Mente
Data: 27 de maio 2011 08:24
Para: Anastásia Steele

Interessante… ligeiramente exagerada no titulo, Senhorita Steele.

Para responder aos seus pontos:

• Eu vou continuar com as palmadas, assim como está.

• Então você se sentiu humilhada, vil, abusada e agredida, você é muito Tess Durbeyfield. Creio que foi você quem decidiu pela degradação se bem me lembro. Você realmente sente assim ou você pensa que você deveria se sentir assim?

São duas coisas muito diferentes. Se é assim que você se sente, você acha que poderia tentar e abraçar estes sentimentos , lidar com eles, por mim? Isso é o que uma submissa faria.

• Eu sou grato por sua inexperiência. Eu valorizo isso, e eu estou só começando a entender o que significa. Simplificando... isso significa que você é minha em todos os sentidos.

• Sim, você ficou excitada, que por sua vez é muito excitante, não há nada de errado com isto.

• Feliz nem sequer começa a definir o que senti. Alegria estática chega perto.

• Surra de punição dói muito mais que surra sensual. De modo que, é quase tão difícil para quem dá quanto para quem recebe. A menos que, naturalmente, você cometa alguma transgressão grave, caso em que usarei alguns implementos para castigar você. Minha mão estava muito dolorida. Mas eu gosto disso.

• Eu me senti muito saciado, muito mais do que você poderia saber.

• Não desperdice sua energia em culpa, sentimentos de injustiça, etc. Nós somos adultos responsáveis e o que nós fazemos atrás de portas fechadas está entre nós mesmos. Você precisa liberar a sua mente e escutar o seu corpo.

• O mundo de M&A não é quase tão estimulante quanto você é Senhorita Steele.

Christian Grey
CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

Caramba... *minha em todos os sentidos*. Minha respiração disparou.

De: Anastásia Steele
Assunto: Consentindo Adultos!
Data: 27 de maio 2011 08:26
Para: Christian Grey

Você não está em uma reunião?
Eu estou muito contente por sua mão estar dolorida.
E se eu escutasse o meu corpo, eu estaria no Alasca agora.

Ana
PS: Eu pensarei sobre abraçar estes sentimentos.

De: Christian Grey
Assunto: Você não chamou a policia
Data: 27 de maio 2011 08:35
Para: Anastásia Steele

Senhorita Steele

Eu estou em uma reunião discutindo mercados futuros, se você estiver realmente interessada.

Para o registro: você permaneceu ao meu lado sabendo o que eu iria fazer.

Você não fez, em qualquer momento me pediu para parar, você não usou qualquer uma das palavras seguras.

Você é uma adulta e você tem escolhas.

Francamente, eu estou ansioso pela próxima vez que minha mão esteja a tocando com dor.

Você, obviamente não está escutando a parte certa de seu corpo.

O Alasca é muito frio e sem nenhum lugar para correr. Eu acharia você.

Eu posso controlar o seu telefone celular, lembrar?

Vá trabalhar.

Christian Grey
CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

Eu franzi a testa para a tela. Ele está certo, claro. É minha escolha. Hmm. Ele está falando sério sobre me achar, eu devia decidir fugir durante algum tempo? Minha mente voou brevemente para a oferta da minha mãe. Eu bato resposta.

De: Anastásia Steele
Assunto: Espreitador
Data: 27 de maio 2011 08:36
Para: Christian Grey

Você buscou terapia para suas propensões de assediador?

Ana

De: Christian Grey
Assunto: Espreitador? Eu?
Data: 27 de maio 2011 08:38
Para: Anastásia Steele

Eu pago ao eminente Dr. Flynn uma pequena fortuna para que ele se ocupe de minhas tendência de assédio e de outras propensões.

Vá trabalhar.

Christian Grey
CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

De: Anastásia Steele
Assunto: Charlatões caros
Data: 27 de maio 2011 08:40
Para: Christian Grey

Eu posso humildemente sugerir que você busque uma segunda opinião?

Eu não estou certa que esse Dr. Flynn é muito efetivo.

Senhorita Steele

De: Christian Grey
Assunto: Segundas Opiniões
Data: 27 de maio 2011 08:43
Para: Anastásia Steele

Não é da sua conta, humilde ou não, mas Dr. Flynn é a segunda opinião.

Você terá que acelerar em seu novo carro, pondo você mesma em risco desnecessário, penso que isto é contra as regras.

VÁ TRABALHAR.

Christian Grey

CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

De: Anastásia Steele
Assunto: ALTOS CAPITAIS
Data: 27 de maio 2011 08:47
Para: Christian Grey

Como o objeto de suas propensões é espreitar, eu penso que é da minha conta realmente.

Eu não assinei ainda. Então não há limites de regras. E eu não começo até as 9:30.

Senhorita Steele

De: Christian Grey
Assunto: Linguística descritiva
Data: 27 de maio 2011 08:49
Para: Anastásia Steele

Sem limites? Não sei onde isso aparece no Dicionário Webster.

Christian Grey
CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

De: Anastásia Steele
Assunto: Linguística descritiva
Data: 27 de maio 2011 08:52
Para: Christian Grey

Está entre excesso de controle e perseguidor.
E linguística descritiva é um limite duro para mim.
Você vai parar de me aborrecer agora?
Eu gostaria de ir trabalhar em meu novo carro.

Ana

De: Christian Grey
Assunto: Jovem desafiadora, mas divertida
Data: 27 de maio 2011 08:56
Para: Anastásia Steele
A palma da minha mão está coçando.
Dirija com segurança, Senhorita Steele.

Christian Grey
CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

O Audi é uma alegria para dirigir. Tem direção hidráulica. Wanda, meu Fusca, não tem nenhum poder, de qualquer jeito, então meu treino diário, dirigindo meu Fusca, cessará. Oh, mas eu terei um instrutor de educação física particular para enfrentar, de acordo com as regras de Christian. Eu franzo a testa. Odeio me exercitar.

Enquanto eu estou dirigindo, eu tento analisar a nossa troca de e-mails. Ele é um paternalista filho da puta, às vezes. E então eu penso sobre Grace e eu me sinto culpada. Mas, claro, ela não era sua mãe biológica. Hmm isso é um mundo inteiro de dor desconhecida. Bem, paternalista filho da puta funciona bem, então. Sim. Eu sou uma adulta, obrigado por me lembrar, Christian Grey é a minha escolha. O problema é, eu só quero Christian, não toda sua... bagagem. E agora ele tem uma bagagem para encher um 747[27]. Eu não poderia simplesmente deitar-me e abraçá-lo? Como uma submissa? Eu disse que ia tentar. Isso é uma enorme pergunta.

Eu puxo o carro para o estacionamento de Clayton. Enquanto faço meu caminho, eu mal posso acreditar que é meu último dia. Felizmente, a loja está ocupada e o tempo passa depressa. Na hora do almoço, o Sr. Clayton me convoca parar ir ao almoxarifado. Ele está em pé ao lado de um motoboy.

— Senhorita Steele? — O motoboy pergunta. Eu franzo a testa interrogativamente para o Sr. Clayton, que encolhe os ombros, tão perplexo

[27] O Boeing **747** é um avião wide-body comercial e aviões de transporte de carga

quanto eu. Meu coração afunda. O que Christian me enviou agora? Eu assino o pacote pequeno e abro imediatamente. É um BlackBerry. Meu coração afunda ainda mais. Eu o deixo ligado.

De: Christian Grey
Assunto: BlackBerry SOB EMPRÉSTIMO
Data: 27 de maio 2011 11:15
Para: Anastásia Steele

Eu preciso ser capaz de contatar você em todos os momentos, e uma vez que esta é sua forma mais honesta de comunicação, eu percebi que você precisava de um BlackBerry.

Christian Grey
CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

De: Anastásia Steele
Assunto: O consumismo Enlouquecido
Data: 27 de maio 2011 13:22
Para: Christian Grey

Eu penso que você precisa chamar o Dr. Flynn agora mesmo.

Suas tendências de perseguidor estão numa correria louca.

Eu estou no trabalho. Vou enviar um e-mail para você quando eu chegar em casa.

Obrigado por mais este dispositivo.

Eu não estava errada quando disse que você era um total consumista.

Por que você faz isto?

Ana

De: Christian Grey
Assunto: Sagacidade de uma jovem
Data: 27 de maio 2011 13:24
Para: Anastásia Steele

Direto no ponto, como sempre, Senhorita Steele.

Dr. Flynn está de férias.

E eu faço isto porque posso.

Christian Grey
CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

Eu coloquei a coisa em meu bolso de trás, já o odiando. Trocar e-mail com Christian é viciante, mas eu devo trabalhar. Ele vibra uma vez contra o meu traseiro... que hábil, eu ironicamente penso, mas convocando toda a minha força de vontade, eu o ignoro.

As quatro, o Sr. e Sra. Clayton reúnem todos os outros empregados na loja, e durante um discurso embaraçoso de enrolar o cabelo, presenteia-me com um cheque de trezentos dólares.

Naquele momento, vêm em minha mente os acontecimentos das três últimas semanas de exames, graduação, intensas fodidas com um bilionário, defloração, limites duros e suaves, salas de jogos sem consoles, passeios de helicóptero e o fato que eu me mudarei amanhã. Incrivelmente, eu me seguro. Meu subconsciente está com temor. Eu abraço os Claytons bem apertado. Eles foram gentis e generosos como empregadores, eu vou sentir falta deles.

Kate está saindo de seu carro quando eu chego em casa.

— O que é isto? — Ela diz acusadoramente, apontando para o Audi. Eu não posso resistir.

— É um carro, — eu satirizo. Ela estreita os olhos, e por um breve momento, eu me pergunto se ela vai me pôr através de seus joelhos também. — Meu presente de formatura. — Eu tento agir com indiferença. *Sim, eu recebo carros caros, dados para mim todos os dias*. Ela fica de boca aberta.

— Generoso, o bastardo acima de tudo, não é?

Concordo com a cabeça.

— Eu tentei não aceitá-lo, mas francamente, não vale apena a briga.

Kate aperta os lábios.

— Não admira que você esteja tão sobrecarregada. Eu notei que ele ficou.

— Sim. — Eu sorrio melancolicamente.

— Vamos terminar de empacotar?

Concordo com a cabeça e sigo-a para dentro. Eu verifico o e-mail de Christian.

De: Christian Grey
Assunto: Domingo
Data: 27 de maio 2011 13:40
Para: Anastásia Steele

Devo vê-la à 1 da tarde de domingo?
O médico estará em Escala para vê-la às 1:30.
Eu estou partindo para Seattle agora.
Espero que sua mudança seja ok, eu estou ansioso por domingo.

Christian Grey
CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

Droga, ele poderia estar discutindo o tempo. Eu decido enviar um e-mail assim que nós terminarmos a embalagem, ele pode ser um minuto tão divertido, e então ele pode ser tão formal e sufocante. É difícil de continuar. Honestamente, é como um e-mail para um empregado. Eu desvio meu olhar desafiadoramente e me junto a Kate para embalar.

Kate e eu estamos na cozinha quando ouvimos uma batida na porta. Taylor está na varanda, me olhando em seu terno impecável. Eu noto o rastro de ex-soldado em seu corte de cabelo curto, físico elegante, e seu olhar frio.

— Senhorita Steele, — ele diz. — Eu vim por seu carro.

— Oh sim, claro. Entre, eu vou pegar as chaves.

Seguramente isto está acima e além da chamada do dever. Eu pergunto-me novamente a descrição do trabalho de Taylor. Eu lhe entrego as chaves, e nós andamos em um silêncio desconfortável para mim, em direção ao meu Fusca azul claro. Abro a porta e removo a lanterna do porta-luvas. É isto aí.

Não tem mais nada de pessoal em Wanda. *Adeus, Wanda. Obrigada.* Eu acaricio seu teto enquanto fecho a porta do passageiro.

— Há quanto tempo você trabalha para o Sr. Grey? — Eu pergunto.

— Quatro anos, Senhorita Steele.

De repente, eu tenho um desejo irresistível de bombardeá-lo com perguntas. O que este homem deve saber sobre Christian, todos os seus segredos. Entretanto, ele provavelmente assinou um contrato de confidencialidade.

Eu olho nervosamente para ele. Ele tem a mesma expressão taciturna de Ray, e amorno com ele.

— Ele é um bom homem, Senhorita Steele, — ele diz, e ele sorri ligeiramente. Com isto, ele me dá um aceno de cabeça, sobe em meu carro e vai embora.

Apartamento, Fusca, Claytons, é tudo mudança agora. Eu agito minha cabeça enquanto eu vago de volta para dentro. E a maior mudança de todas é Christian Grey. Taylor pensa que ele é um bom homem.

Posso acreditar nele?

José junta-se nós com comida chinesa em caixas para viagem, às oito. Nós terminamos. Está tudo empacotado e pronto para mudar. Ele traz várias garrafas da cerveja, Kate e eu nos sentamos no sofá enquanto ele está de pernas cruzadas no chão, entre nós. Nós assistimos porcarias na TV, bebemos cerveja, e quando a noite avança, nós ternamente e em voz alta relembramos, enquanto a cerveja faz seu efeito. Foram quatro anos muito bons.

O clima entre José e eu voltou ao normal, o beijo tentado foi esquecido. Bem, ele foi varrido para debaixo do tapete que minha deusa está deitada em cima, comendo uvas e tocando seus dedos, a espera, não muito pacientemente, do domingo. Ouvimos uma batida na porta e meu coração pula até a minha garganta. Será?

Kate responde a porta e está quase pulando fora de seus pés por Elliot. Ele a segura num abraço de Hollywood, e rapidamente o abraço se transforma num apaixonado beijo no estilo europeu. *Honestamente... consigam um quarto.* José e eu olhamos fixamente um para o outro. Estou estarrecida com a falta de modéstia.

— Vamos caminhar até o bar? — Eu peço a José, que acena com a cabeça freneticamente. Nós estamos muito desconfortáveis com o desenrolar de sexo desenfreado diante de nós. Kate olha para mim, corada e com os olhos brilhantes.

— José e eu estamos saindo para uma bebida rápida. — Afasto meus olhos dos dela. Ha! Eu ainda posso afastar a vista quando eu quero.

— Certo, — ela sorri.

—Oi Elliot, adeus Elliot.

Ele pisca um grande olho azul para mim, e José e eu estamos fora da porta, dando uma risadinha, como adolescentes. Enquanto nós passeamos até o bar, eu ponho meu braço no de José. Deus, ele é tão descomplicado.

— Eu realmente não apreciei isto antes.
— Você ainda virá para a abertura de minha amostra, não é?
— Claro, José, quando é?
— 9 de junho.
— Que dia é? — De repente eu entrei em pânico.
— É uma quinta-feira.
— Sim, eu devo vir… e você nos visitará em Seattle?
— Tente me parar. — Ele sorri.

É tarde quando eu volto do bar. Kate e Elliot não estão em nenhum lugar para serem vistos, mas menino, eles podem ser ouvidos. Puta merda. Espero que eu não seja tão barulhenta. Eu sei que Christian não é. Eu ruborizo com o pensamento e fujo para o meu quarto. Depois de um abraço não de todo desajeitado, mas breve, José se foi. Eu não sei quando o verei novamente, provavelmente, na sua apresentação fotográfica, e mais uma vez, estou encantada por ele finalmente ter uma exposição. Vou sentir faltar e de seu charme de menino. Eu não pude contar-lhe sobre o Fusca, eu sei que ele vai pirar quando descobrir, mas só posso lidar com um homem de cada vez pirando a minha volta. Uma vez no meu quarto, eu verifico o computador, e claro, tem um e-mail de Christian.

De: Christian Grey
Assunto: Onde você está?
Data: 27 de maio 2011 22:14
Para: Anastásia Steele

'Eu estou no trabalho. Vou enviar e-mail para você quando eu chegar em casa.'

Você está ainda no trabalho ou você empacotou o seu telefone, BlackBerry e MacBook?

Ligue-me, ou posso ser forçado a ligar para Elliot.

Christian Grey
CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

Droga… *José… merda.*

Eu agarro meu telefone. Cinco chamadas perdidas e uma mensagem de voz. Como tentativa, eu escuto a mensagem. É Christian.

'Eu acho que você precisa aprender a administrar minhas expectativas. Eu não sou um homem paciente. Se você disser que vai entrar em contato comigo quando você terminar de trabalhar, então você deve ter a

decência de fazê-lo. Caso contrário, eu me preocupo, e não é uma emoção que eu estou familiarizado, e eu não tolero isto muito bem. Ligue-me.'

Merda dupla. Será que ele vai me dar uma pausa? Eu olho de cara feia para o telefone. Ele está me sufocando. Com um medo profundo enrolando em meu estômago, eu procuro o seu número e aperto para ligar. Meu coração está em minha boca enquanto eu espero por ele responder. Ele provavelmente gostaria de bater sete sombras de demônios de mim. O pensamento está me deprimindo.

— Oi, — ele diz baixinho, e sua resposta me deixa fora de equilíbrio, porque eu estou esperando sua raiva, mas que qualquer coisa, ele parece aliviado.

— Oi, — eu murmuro.

— Eu estava preocupado com você.

— Eu sei. Eu sinto muito por não responder, mas eu estou bem.

Ele faz uma pausa.

— Você teve uma noite agradável? — Ele é decisivamente cortês.

— Sim. Nós terminamos de empacotar e Kate e eu compartilhamos comida chinesa com José. — Eu fecho meus olhos firmemente quando digo o nome de José. Christian não diz nada.

— E você? — Pergunto para preencher o abismo ensurdecedor do silêncio repentino. Eu não vou deixar que ele me faça sentir culpada sobre José.

Eventualmente, ele suspira.

— Eu fui a um jantar para angariar fundos. Foi mortalmente maçante. Saí logo que pude.

Ele soava tão triste e resignado. Meu coração apertou. Fico imaginando-o em todas aquelas noites sentado atrás do piano em sua enorme sala de estar e a melancolia agridoce insuportável da música que ele estava tocando.

— Eu gostaria que você estivesse aqui, — eu sussurro, porque eu tenho vontade de segurá-lo. Acalmá-lo.

Embora ele não me permita. Eu quero sua proximidade.

— Gostaria? — Ele murmura suavemente. Maldição. Isto não soa como ele, e meu couro cabeludo parece ter espinhos brotando, de apreensão.

— Sim, — eu respiro. Depois de uma eternidade, ele suspira.

— Verei você domingo?

— Sim, domingo, — eu murmuro, e uma onda de excitação atravessa meu corpo.

— Boa noite.

— Boa noite, Senhor.

Minha continência o pega desprevenido, e eu ouvir seu suspiro.

— Boa sorte com sua mudança amanhã, Anastásia. — Sua voz é suave. E nós dois estamos pendurados no telefone como adolescentes, quando nenhum dos dois quer desligar.

— Você desliga, — eu sussurro. Finalmente, eu sinto seu sorriso.

— Não, você desliga. — E eu sei que ele está sorrindo.

— Eu não quero.

— Nem eu.

— Você estava muito bravo comigo?

— Sim.

— Você ainda está?

— Não.

— Então você não vai me castigar?

— Não. Eu sou um cara de age conforme o momento.

— Eu notei.

— Você pode desligar agora, Senhorita Steele.

— Você realmente me quer, Senhor?

— Vá para a cama, Anastásia.

— Sim, Senhor.

Nós dois permanecemos na linha.

— Você sempre acha que vai ser capaz de fazer o que diz? — Ele está divertido e irritado ao mesmo tempo.

— Talvez. Vamos ver depois de domingo. — E eu aperto 'fim' no telefone.



Elliot se levanta e admira sua obra. Ele re-conectou a nossa TV ao sistema de satélite no nosso apartamento da Pike Place Market. Kate e eu caímos no sofá dando uma risada, impressionadas com seu talento com uma furadeira. A tela plana parece estranha contra a convertida obra de alvenaria do armazém, mas sem dúvida eu me acostumarei a isto.

— Veja querida, fácil. — Ele sorriu um sorriso largo de dentes brancos, para Kate, e ela quase literalmente se dissolve no sofá.

Reviro meus olhos para o casal.

— Eu adoraria ficar, querida, mas minha irmã volta de Paris. É um jantar compulsório de família esta noite.

— Você pode vir depois? — Kate pede timidamente, toda suave e nem parecendo Kate.

Eu estou caminhando até a área da cozinha com a pretensão de desempacotar uma das caixas. Eles estão ficando muito pegajosos.

— Vou ver se consigo escapar, — ele promete.

— Eu descerei com você. — Kate sorri.

— Adeus, Ana. — Elliot sorri.

— Adeus, Elliot. Diga oi para Christian por mim.

— Só oi? — Suas sobrancelhas levantam sugestivamente.

— Sim. — Eu ruborizo. Ele pisca para mim, e eu fico carmesim enquanto ele segue Kate para fora do apartamento. Elliot é adorável, tão diferente de Christian. Ele é caloroso, aberto, físico, muito físico, muito físico, com Kate. Eles mal conseguem manter suas mãos longe um do outro, para ser honesta, é embaraçoso e eu estou verde ervilha de inveja.

Kate retornou mais ou menos vinte minutos mais tarde com pizza, nós nos sentamos cercadas por engradados, em nosso novo espaço aberto, comendo diretamente da caixa. O pai de Kate nos fez sentir orgulhosas. O apartamento não é grande, mas grande o suficiente, três quartos e um espaço grande com vista para Pike Place Market. É todo sólido, com piso de madeira e tijolos vermelhos, as bancadas da cozinha são de concreto liso, muito utilitário, muito agora. Nós duas adoramos estar no coração da cidade.

Às oito o interfone zumbe. Kate dá um salto e meu coração pula dentro da minha boca.

— Entrega para Senhorita Steele, Senhorita Kavanagh. — A decepção flui livremente e de forma inesperada por minhas veias. Não é Christian.

— Segundo andar, apartamento dois.

Kate sacode o entregador. Ele fica de boca aberta quando vê Kate, vestida com jeans apertado, camiseta, cabelo preso com algumas mechas escapando. Ela tem esse efeito sobre os homens. Ele segura uma garrafa de champanhe com um balão preso, ele tem forma de helicóptero. Ela dá a ele um sorriso deslumbrante para mandá-lo para seu caminho e continua a ler em voz alta o cartão para mim.

Senhoras, boa sorte em sua nova casa, Christian Grey.

Kate agita sua cabeça com desaprovação.

— Por que ele só não pode escrever 'de Christian'? E por que este balão em forma de helicóptero?

— Charlie Tango.

— O que?

— Christian voou comigo para Seattle em seu helicóptero. — Eu encolhi os ombros.

Kate olha para mim de boca aberta. Eu tenho que dizer que, amo essas ocasiões – Katherine Kavanagh, muda e pavimentada, eles são tão raros. Eu dou um sumário do momento luxuoso para ela apreciar.

— Sim, ele tem um helicóptero, que ele próprio pilotou, — afirmo com orgulho.

— Claro que o bastardo é obscenamente rico e tem um helicóptero. Por que você não me contou? — Kate olha acusadoramente para mim, mas ela está sorrindo, balançando a cabeça em descrença.

— Eu estive de cabeça cheia ultimamente.

Ela franze a testa.

— Você vai ficar bem enquanto eu estiver fora?

— Claro. — Eu respondo tranquilizadora. *Nova cidade, sem emprego... namorado dando trabalho.*

— Você deu a ele nosso endereço?

— Não, mas o assédio é uma de suas especialidades. — Eu medito, na verdade disso.

A testa de Kate franze ainda mais.

— De alguma maneira eu não fico surpreendida. Ele me preocupa, Ana. Pelo menos ele manda um bom champanhe e está gelado.

Claro, só Christian enviaria champanhe gelado ou mandaria o seu secretário para fazer isto… ou talvez Taylor. Nós abrimos a champanhe, em seguida achamos as nossas xícaras, elas foram os últimos artigos a ser empacotados.

— Bollinger Grande Année Rosé 1999, uma vindima excelente. — Eu sorrio para Kate, nós tocamos as xícaras.

Eu acordo cedo para um domingo de manhã cinza, depois de uma noite de sono surpreendentemente refrescante e ficar acordada olhando para as minhas caixas. Você realmente deve desempacotá-los, acusou meu aborrecido subconsciente, apertando os lábios. Não… hoje é o dia. A minha deusa está fora de si, pulando de pé para pé. A antecipação trava pesado e solene sobre a minha cabeça como uma nuvem da tempestade tropical escura. Borboletas inundam a minha barriga, bem como uma mais escura, carnal, cativante dor que eu tento imaginar o que ele fará para mim… é claro, eu tenho que assinar aquele maldito contrato ou não? Eu ouço o sinal de correio eletrônico no computador no chão ao lado de minha cama.

De: Christian Grey
Assunto: Minha Vida em Números
Data: 29 de maio 2011 08:04
Para: Anastásia Steele

Se você vier dirigindo, vai precisar deste código de acesso para a garagem subterrânea na Escala: 146963

Estacione na vaga 5 – que é minha.

Codifique para o elevador: 1880

Christian Grey
CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

De: Anastásia Steele
Assunto: Uma Vindima excelente
Data: 29 de maio 2011 08:08
Para: Christian Grey

Sim Senhor. Compreendido.
Obrigado pelo champanhe e o balão Charlie Tango, que está agora amarrado na minha cama.

Ana

De: Christian Cinzento
Assunto: Inveja
Data: 29 de maio 2011 08:11
Para: Anastásia Steele

DE nada.
Não se atrase.
Charlie Tango é sortudo.

Christian Grey
CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

Reviro meus olhos com a sua prepotência, mas sua última linha me faz sorrir. Eu dirigir-me ao banheiro, perguntando-me se Elliot conseguiu voltar ontem à noite e me esforçando para conter os meus nervos.

Eu posso dirigir o Audi com sapatos de salto alto! Às 12:55 da tarde precisamente, eu entro na garagem do Escala e estaciono na vaga cinco. Quantas vagas ele possui? O Audi SUV está lá, o R8, e dois Audi SUVs menores… hmm. Eu verifico meu rímel, raramente usado, na luz de vaidade do espelho. Não tem um desses no Fusca.

Vá menina! Minha deusa interior tem os seus pom pons na mão, ela está agindo como líder de torcida.

No espelho infinito do elevador, eu verifico meu vestido cor de ameixa, bem, vestido ameixa de Kate.

A última vez que eu o vesti, ele queria tirá-lo de mim. Meu corpo aperta com o pensamento.

Oh meu, o sentimento é apenas requintado, e eu tento recuperar o fôlego. Eu estou vestindo a roupa íntima que Taylor comprou para mim. Eu

corei com o pensamento, ele vagando pelos corredores da Agent Provocateur ou onde quer que tenha comprado isto, com seu cabelo de corte militar. As portas se abrem, e eu estou de frente para o hall com o número do apartamento.

Taylor espera nas portas duplas quando eu saio do elevador.

— Boa tarde, Senhorita Steele, — ele diz.

— Oh, por favor me chame de Ana.

— Ana, — ele sorri.

— O Sr. Grey está esperando por você.

Aposto que está.

Christian está sentado em seu sofá na sala de estar, lendo os jornais de domingo. Ele olha para cima enquanto Taylor me dirige para a sala de estar. A sala é exatamente como eu me lembro, já se passou uma semana inteira desde que estive aqui, mas parece que foi a mais tempo. Christian parece frio e calmo, na verdade, ele parece divino. Ele está com uma camisa branca de linho e calça jeans, sem sapato ou meias. Seu cabelo está desgrenhado e despenteado, seus olhos cinza brilham maliciosamente para mim. Ele é de cair o queixo de tão bonito. Ele levanta e caminha em minha direção, com um sorriso divertido nos seus belos lábios esculpidos.

Eu estou parada na entrada da sala, paralisada por sua beleza e a doce antecipação do que está por vir. A chama familiar entre nós está lá, provocando devagar na minha barriga, me chamando para ele.

— Hmm… esse vestido, — ele murmura com aprovação, enquanto olha para mim. — Bem-vinda de novo, Senhorita Steele, — ele sussurra, apertando meu queixo, ele se inclina e me dá um beijo gentil nos meus lábios. O toque de seus lábios nos meus reverbera em todo o meu corpo. Minha respiração falha.

— Oi, — eu sussurro enquanto ruborizo.

— Você está na hora certa. Eu gosto que seja pontual. Venha. — Ele toma minha mão e me leva para o sofá. — Eu queria te mostrar uma coisa, — ele diz enquanto nós nos sentamos. Ele me entrega o Seattle Times. Na página oito, há uma fotografia de nós dois juntos na cerimônia de formatura. *Caramba.* Eu estou no jornal. Eu verifico a legenda.

Christian Grey e amiga na cerimônia de formatura no em WSU Vancouver.

Eu rio.

— Então eu sou sua 'amiga ' agora.

— É o que parece. E se está no jornal, então deve ser verdade. — Ele sorriu.

Sentando ao meu lado, todo o seu corpo está voltado para mim, uma de suas pernas dobrada debaixo da outra. Aproximando-se mais, ele dobra meu cabelo atrás de minha orelha com seu longo dedo indicador. Meu corpo ganha vida com o seu toque, esperando e necessitada.

— Então, Anastásia, você tem uma ideia muito melhor agora do que esta se metendo que a outra vez que vieste aqui.

— Sim. — *Onde ele está querendo ir com isso?*

— E ainda assim você voltou.

Concordo com a cabeça timidamente, seus olhos cinzentos brilham. Ele balança a cabeça ligeiramente como se ele estivesse lutando com a ideia.

— Você já comeu? — Ele pergunta inesperadamente.

Merda.

— Não.

— Você está com fome? — Ele está realmente tentando não parecer aborrecido.

— Não de comida, — eu sussurro, e suas narinas incendeiam um pouco em reação.

Ele se inclina e sussurra em meu ouvido.

— Você está tão ansiosa como sempre, Senhorita Steele, e só para contar-lhe um pequeno segredo, eu também. Mas o Dr. Greene é esperado aqui em breve. — Ele senta-se. — Eu gostaria que você comesse, — ele ligeiramente me ralha.

Meu sangue aquecido esfria. Caramba, o médico. Eu tinha esquecido.

— O que você pode-me dizer sobre Dr. Greene? — Eu peço para nos distrair, a ambos.

— Ela é o melhor em Obstetrícia/Ginecologia em Seattle. O que mais eu posso dizer? — Ele encolhe os ombros.

— Eu pensei que eu estaria vendo o seu médico, e não me diga que você é realmente uma mulher, porque eu não acreditarei em você.

Ele me dá um olhar de 'deixe de ser ridícula'.

— Eu penso que é mais apropriado que você consulte um especialista. Não é? — Ele diz suavemente.

Eu concordo com a cabeça. Santo Deus, se ela é a melhor Obstetra/Ginecologista, ele está marcado ela para me ver num domingo, na hora do almoço! Eu não posso começar a imaginar quanto isso vai custar. Christian, de repente, franze a testa, como se recordando algo desagradável.

— Anastásia, minha mãe gostaria que você viesse para jantar hoje à noite. Acredito que Elliot está pedindo a Kate também. Eu não sei como você se sente sobre isso. Será estranho para mim apresentá-la para minha família.

Estranho? Por quê?

— Você tem vergonha de mim? — Eu não posso manter a dor fora da minha voz.

— Claro que não. — Ele revira seus olhos para mim.

— Por que é estranho?

— Porque eu nunca fiz isto antes.

— Por que você tem permissão para desviar a vista e eu não?

Ele pisca em mim.

— Eu não sabia que eu estava.

— Nem eu, normalmente, — eu respondo para ele.

Christian olha para mim, mudo. Taylor aparece na porta.

— Dr. Greene está aqui, Senhor.

— Mostre a ela o quarto da Senhorita Steele.

Quarto da senhorita Steele!

— Pronta para um pouco de contracepção? — Ele pergunta enquanto ele levanta e estende sua mão para mim.

— Você não virá comigo? — Eu suspiro, chocada.

Ele ri.

— Eu pagaria um bom dinheiro para assistir, acredite em mim, Anastásia, mas eu não penso que a boa doutor aprovaria.

Tomo a sua mão, e ele me puxa para os seus braços e beija-me profundamente. Eu enganchei em seus braços, tomada pela surpresa. Sua mão está em meu cabelo segurando minha cabeça, e ele me puxa contra ele, sua testa contra a minha.

— Eu estou tão feliz por você estar aqui, — ele sussurra. — Eu não posso esperar para deixá-la nua.

Capítulo 18

Dra. Greene é alta, loira e imaculada, vestido em um terno azul real. Lembro-me da mulher que trabalha no escritório de Christian. Ela tem o visual de modelo, outra loira Stepford[28]. Seu cabelo longo é varrido para cima em um coque elegante. Ela deve estar em seus quarenta e poucos anos.

— Sr. Grey. — Ela aperta a mão estendida de Christian.

— Obrigado por vir em um prazo tão curto, — diz Christian.

— Obrigada por fazer valer a pena, Sr. Grey. Senhorita Steele. — Ela sorri, seus olhos esfriam me avaliando.

Nós apertamos as mãos, e eu percebo que ela é uma daquelas mulheres que não tolera tolos de bom grado. Como Kate. Eu gosto dela imediatamente. Ela dá a Christian um olhar aguçado, e depois de uma batida desajeitada, ele toma a sua sugestão.

— Eu estarei no andar de baixo, — ele murmura, e ele deixa o que parece ser o meu quarto.

— Bem, Senhorita Steele. O Sr. Grey está me pagando uma pequena fortuna para lhe atender. O que eu posso fazer para você?

Depois de um exame completo e uma longa discussão, a Dra. Greene e eu decidimos pela mini-pílula. Ela escreve para mim uma receita pré-paga e me diz para buscá-las amanhã. Eu amo a sua atitude sem tolices, ela me

[28] *The Stepford Wives* (*Mulheres Perfeitas* ou *As Possuídas*, disponível no mercado literário brasileiro com ambos os títulos) é um romance de 1972 escrito por Ira Levin, baseados no qual foram lançados dois filmes homônimos: em 1975 e em 2004.

instruiu até que estivesse tão azul quanto sua roupa, para tomá-la todos os dias no mesmo horário. E noto que ela esta morrendo de curiosidade a respeito da minha relação com Sr. Grey. Eu não dou nenhum detalhe sobre isso. De alguma maneira, eu acho que ela não pareceria tão calma se ela visse o Quarto Vermelho da Dor dele. Eu ruborizo quando nós passamos pela porta fechada e voltamos para o andar de baixo, para a galeria de arte que é a sala de estar de Christian.

Christian estava lendo, acomodado em seu sofá. Uma melodia empolgante estava tocando no aparelho de som, rodando em volta dele, segregando-o, enchendo o quarto com uma musica doce, de encher a alma.

Por um momento, ele parece sereno. Ele se vira e olha para nós quando entramos e sorri calorosamente em mim.

— Já acabou? — Ele pergunta como se estivesse genuinamente interessado. Ele aponta o controle remoto para uma elegante caixa branca embaixo da lareira que aloja seu iPod, e a melodia requintada diminui, mas continua no fundo. Levantando, ele caminha em nossa direção.

— Sim, Sr. Grey. Cuide dela, ela é uma mulher bonita, jovem e brilhante.

Christian está surpreendido, assim como eu. Que coisa imprópria para um médico dizer. Ela está dando a ele algum tipo de advertência não tão sutil? Christian se recupera.

— Esta é minha intenção, — ele murmurou, confuso.

Olhando para ele, eu encolho os ombros, envergonhada.

— Eu vou lhe enviar a minha conta, — ela diz decisivamente enquanto ela agita a sua mão.

— Bom dia e boa sorte para você, Ana. — Ela sorri, seus olhos enruga quando ela faz isso, enquanto nós apertamos as mãos.

Taylor aparece do nada para acompanhá-la através das portas duplas e para o elevador. Como ele faz isso? Onde ele se esconde?

— Como foi isso? — Christian pergunta.

— Muito bem, obrigada. Ela disse que eu tenho que me privar de toda atividade sexual pelas próximas quatro semanas.

Christian fica de boca aberta, em choque, eu não posso me manter séria e sorrio para ele como uma idiota.

— Te peguei!

Ele aperta os olhos, eu imediatamente paro de rir. Na verdade, ele parece bastante ameaçador. Oh merda. Meu subconscientes se esconde no canto, enquanto todo o sangue do meu rosto é drenado, eu o imagino me pondo através de seu joelho novamente.

— Te peguei! — Ele diz e sorri. Ele agarra-me pela minha cintura e me puxa contra ele. — Você é incorrigível, Senhorita Steele, — ele murmura, olhando em meus olhos enquanto ele tece seus dedos em meu cabelo,

segurando-me firmemente no lugar. Ele me beija duro, e eu agarro os seus braços musculosos para apoio.

— Como eu gostaria de tomar você aqui, agora, você precisa comer e eu também. Não quero você desmaiando em mim mais tarde, — ele murmura contra meus lábios.

— Isto é tudo que você quer? O meu corpo. — Eu sussurro.

— Essa sua boca esperta, — ele respira.

Ele me beija apaixonadamente de novo, e abruptamente me libera, tomando minha mão e me leva para a cozinha. Eu estou em choque. Num minuto estamos brincando e no outro... eu abano meu rosto aquecido. Ele é apenas sexo, e agora eu tenho que recuperar meu equilíbrio e comer algo. A melodia ainda está tocando no fundo.

— Que música é essa?

— Villa Lobos, uma ária das Bachianas Brasileiras. Bom, não é?

— Sim, — eu murmuro em total acordo.

A mesa do café da manhã está preparada para dois; Christian pega uma tigela de salada da geladeira.

— Galinha Caesar e salada, está bom para você?

Oh graças a Deus, nada muito pesado.

— Sim, muito obrigado.

Eu vejo como ele se move graciosamente por sua cozinha. Ele está muito à vontade com seu corpo em um nível, entretanto ele não gosta de ser tocado... talvez por isso, no fundo, ele não está. Nenhum homem é uma ilha, eu penso, exceto, talvez, Christian Grey.

— O que você está pensando? — Ele pergunta, puxando-me de meu devaneio. Eu ruborizo.

— Eu estava só assistindo o modo como você se move.

Ele levanta uma sobrancelha, divertido.

— E? — Ele diz secamente.

Eu coro um pouco mais.

— Você é muito gracioso.

— Muito obrigado, Senhorita Steele, — ele murmura. Ele se senta ao meu lado, segurando uma garrafa de vinho. — Chablis?

— Por favor.

— Sirva você mesma a salada, — ele diz, sua voz é suave.

— Diga-me, que método você optou?

Eu estou momentaneamente confusa por sua pergunta, quando percebo que ele está conversando sobre a visita da Dra. Greene.

— Mini Pílula.

Ele franze a testa.

— E você vai se lembrar de tomá-la regularmente, na hora certa, todos os dias?

Droga... claro que vou. Como ele sabe? Eu coro com o pensamento, provavelmente de um ou mais das quinze.

— Eu estou certa que você lembrará por mim, — eu secamente murmuro.

Ele olha para mim com condescendência divertida.

— Eu vou colocar um alarme em meu calendário. — Ele sorri. — Coma.

A galinha Caesar está deliciosa. Para minha surpresa, eu estou morta de fome, e pela primeira vez, que desde que estou com ele, eu termino minha comida antes dele. O vinho é nítido, limpo, e frutado.

— Ansiosa como sempre, Senhorita Steele? — Ele sorri para meu prato vazio.

Eu olho para ele por debaixo de meus cílios.

— Sim, — eu sussurro.

Sua respiração muda. E como ele olha fixamente para mim, eu sinto que a atmosfera entre nós lentamente está mudando, evoluindo... carregando. Seu olhar vai de escuro até queimar sem chama, levando-me com ele.

Ele se levanta, diminuindo a distância entre nós, e me ergue e carrega-me para fora de meu banquinho do bar em seus braços.

— Você quer fazer isto? — Ele respira, olhando para mim atentamente.

— Eu não assinei nada.

— Eu sei — mas eu estou quebrando todas as regras neste dia.

— Você vai me bater?

— Sim, mas não será para machucar você. Eu não quero castigar você agora. Se você me pegasse ontem à noite, bem, isso teria sido uma história diferente.

Puta merda. Ele quer me machucar... como eu lido com isso? Eu não posso esconder o horror em meu rosto.

— Não deixe ninguém tentar e convencer você de outra coisa, Anastásia. Uma das razões para as pessoas como eu fazer isso é porque nós gostamos de dar ou receber dor. É muito simples. Assim não invista seu tempo em pensar o porquê disso.

Ele me puxa contra ele, e pressiona a ereção em minha barriga. Eu devia correr, mas eu não posso. Estou atraída por ele em algum nível profundo, elementar, que eu não posso começar a entender.

— Você chegou a qualquer conclusão? — Eu sussurro.

— Não, e agora mesmo, eu só quero amarrar você e fodê-la sem sentido. Você está pronta para isso?

— Sim, — eu respiro, enquanto tudo em meu corpo aperta de uma vez... *uau.*

— Bom. Venha. — Ele toma minha mão e, deixando todos os pratos sujos na mesa do café da manhã, nós seguimos para o andar de cima.

Meu coração começa a acelerar. É isso. Eu realmente vou fazer isso. Minha deusa está girando como uma bailarina de classe mundial, pirueta depois de pirueta. Ele abre a porta para sua sala de jogos, afastando para que eu possa entrar, eu estou mais uma vez no Quarto Vermelho da Dor. Ainda é o mesmo, o cheiro de couro, frutas cítricas, madeira escura polida, todo muito sensual. Meu sangue está correndo aquecido e assustado pela adrenalina misturada com luxúria e desejo em meu sistema. É um coquetel arrojado, potente. Christian mudou de postura completamente, sutilmente se alterou, está mais duro e mais cruel. Ele olha para mim e seus olhos estão aquecidos, lascivos… hipnóticos.

— Quando você está aqui, você é completamente minha, — ele respira, cada palavra é lenta e medida. — Para fazer como eu achar melhor. Você entende?

Seu olhar é tão intenso. Concordo com a cabeça, minha boca está seca, meu coração bate de tal forma que parece querer sair de meu peito.

— Tire os sapatos, — ele ordena suavemente.

Eu engulo, e bem desajeitada, tiro-os. Ele se inclina e paga-os e os deposita ao lado da porta.

— Ótimo. Não hesite quando eu lhe pedir para fazer alguma coisa. Agora eu vou tirar este vestido de você. Algo que eu queria fazer a alguns dias, se bem me lembro. Eu quero que você esteja confortável com seu corpo, Anastásia. Você tem um corpo bonito, e eu gosto de olhar para ele. É uma alegria para meus olhos. De fato, eu podia olhar você o dia todo, e eu não quero você embaraçada ou envergonhada com a sua nudez. Você entende?

— Sim.

— Sim, o que? — Ele se inclina para mim, olhando.

— Sim, Senhor.

— Você quer dizer isso? — Ele estala.

— Sim, Senhor.

— Bom. Erga seus braços acima de sua cabeça.

Eu faço conforme fui instruída, ele se abaixa e agarra a bainha do vestido. Lentamente, ele puxa meu vestido bem acima de minhas coxas, meus quadris, minha barriga, meus seios, meus ombros e acima de minha cabeça. Ele está me examinando novamente e distraidamente dobra meu vestido, sem tirar os olhos de mim.

Ele o coloca na caixa grande ao lado da porta. Alcançando-me, ele puxa o meu queixo, seu toque me queimando.

—Você está mordendo o lábio, — ele respira. — Você sabe o que isso faz para mim, — ele acrescenta sombriamente. — Vire-se.

Viro-me imediatamente, sem hesitação. Ele desabotoa meu sutiã e então toma ambas as alças, lentamente ele puxa para baixo de meus braços,

roçando a minha pele com seus dedos e a ponta de suas unhas dos polegares, enquanto desliza meu sutiã. Seu toque envia calafrios pela minha espinha abaixo, despertando todas as terminações nervosas de meu corpo. Ele está de pé atrás de mim, tão perto que eu sinto o calor que irradia dele, aquecendo-me, aquecendo-me toda. Ele puxa meu cabelo que cai solto por minhas costas, pega um punhado em minha nuca, e angula minha cabeça para um lado. Ele corre seu nariz no meu pescoço exposto, inalando todo o caminho, então vai até minha orelha. Os músculos da minha barriga se apertam, carnal e querendo. Droga, ele mal me tocou, e eu o quero.

— Você cheira tão divino como sempre, Anastásia, — ele sussurra enquanto coloca um beijo suave em baixo de minha orelha.

Eu gemo.

— Quieta, — ele respira. — Não faça um som.

Puxando meu cabelo atrás de mim, para minha surpresa, ele começa a trançá-lo em uma trança grande, seus dedos rápidos e ágeis. Ele amarra isso com algo que não vejo e quando acaba dá um puxão rápido, assim sou forçada a voltar contra ele.

— Gosto de seu cabelo trançado assim, — ele sussurra.

Hmm… por quê?

Ele libera o meu cabelo.

— Vire-se, — ele ordena.

Eu faço como ele manda, minha respiração está difícil, medo e desejo misturados. É uma mistura intoxicante.

— Quando eu disser a você para entrar aqui, assim é como você deve estar vestida. Só de calcinha. Você entende?

— Sim.

— Sim, o que? — Ele franze a testa para mim.

— Sim, Senhor.

Um traço de um sorriso ergue o canto de sua boca.

— Boa menina. — Seus olhos queimam nos meus. — Quando eu disser a você para entrar aqui, eu espero que você se ajoelhe ali. — Ele aponta para um lugar ao lado da porta. — Faça isto agora.

Eu pisco, processando suas palavras, me viro e bastante desajeita me ajoelho-me como indicado.

— Você pode se sentar-se sobre os calcanhares.

Sento-me de volta.

— Coloque suas mãos e antebraços apoiados nas coxas. Bom. Agora separe os seus joelhos. Mais amplo. Mais amplo. Perfeito. Olhe abaixo no chão.

Ele caminha para mim, e eu posso ver seus pés e pernas em meu campo de vista. Pés descalços.

Eu devia estar tomando notas se ele quiser que eu me lembre. Ele se abaixa e pega minha trança novamente, então puxa minha cabeça para trás, assim eu estou olhando nele. É apenas não doloroso.

— Você vai se lembrar dessa posição, Anastásia?

— Sim, Senhor.

— Bom. Fique aqui, não se mova. — Ele deixa o quarto.

Eu estou de meus joelhos, esperando. Onde ele foi? O que ele vai fazer comigo? O tempo passa. Eu não tenho ideia de quanto tempo ele me deixou assim… alguns minutos, cinco, dez? Minha respiração fica mais rasa, a antecipação está me devorando de dentro para fora.

E, de repente, ele está de volta, subitamente eu estou mais calma e mais animada na mesma respiração. *Eu poderia estar mais excitada?* Eu posso ver seus pés. Ele trocou sua calça jeans. Esta é mais velha, rasgada, macia e super lavada. Caramba. Esta calça jeans é quente. Ele fecha a porta e trava algo na parte traseira.

— Boa garota, Anastásia. Você está linda assim. Bem feito. Levante-se.

Eu levanto, mas mantenho meu rosto abaixado.

— Você pode olhar para mim.

Eu olho para ele, e ele está me olhando atentamente, avaliando, mas seus olhos suavizam. Ele tira sua camisa. Oh meu… eu quero tocá-lo. O botão superior de sua calça jeans é desfeito.

— Eu vou acorrentar você agora, Anastásia. Dê-me sua mão direita.

Dou-lhe minha mão. Ele vira a palma para cima, e antes de eu perceba, ele esmaga o centro com um chicote, eu não o tinha notado em sua mão direita. Isso acontece tão rapidamente que a surpresa quase não registra. Ainda mais surpreendente, não machuca. Bem, não muito, apenas uma picada de dor ligeira.

— Como que sente? — Ele pergunta.

Eu pisco para ele, confusa.

— Responda-me.

— Ok. — Eu franzo a testa.

— Não franza a testa.

Eu pisco e tento ficar impassível. Eu tenho sucesso.

— Isso machucou?

— Não.

— Isto não vai machucar. Você entende?

— Sim. — Minha voz está incerta. *Ele realmente não vai* me *machucar?*

— Eu falo sério, — ele diz.

Droga, minha respiração é tão superficial. Será que ele sabe o que eu estou pensando? Ele me mostra o chicote. É de couro marrom trançado.

Meus olhos disparam ao encontro dos seus, eles estão acesos como chamas e com um rastro de diversão.

— Nosso objetivo é agradar, Senhorita Steele, — ele murmura. — Venha. — Ele toma meu cotovelo e me move para em baixo da grade. Ele empurra para cima e para baixo algumas correntes com punhos de couro preto. — Esta grade é projetada para as correntes se moverem através da grade.

Olho para cima. Puta merda, é como um mapa do metrô.

— Nós vamos começar aqui, mas eu quero te foder em pé. Então nós vamos acabar naquela parede ali. — Ele aponta com o chicote para onde está um grande X de madeira na parede.

— Ponha suas mãos acima de sua cabeça.

Eu imediatamente obedeço, sentindo como se eu estivesse saindo do meu corpo, uma observadora casual dos acontecimentos à medida que se desenrolam em torno de mim. Isto está além de fascinante, além de erótico. É singularmente a coisa mais excitante e assustadora que eu já fiz. Eu estou confiando-me a um homem bonito que, por sua própria admissão, é cinquenta sombras ruins. Eu suprimo a excitação breve do medo. Kate e Elliot, eles sabem que eu estou aqui.

Ele está muito perto quando prende as algemas. Eu estou olhando para seu peito. Sua proximidade é divina. Ele cheira a corpo lavado e Christian, uma mistura inebriante, e que me arrasta de volta para o agora. Eu quero correr meu nariz e língua através desse punhado de cabelo no peito.

Eu poderia simplesmente me inclinar para frente…

Ele dá um passo para trás e olha para mim, sua expressão é coberta, lasciva, carnal, e eu sou impotente, minhas mãos amarradas, mas só olhando para seu rosto adorável, lendo sua necessidade e desejo por mim, eu posso sentir a umidade entre minhas pernas. Ele caminha lentamente em volta de mim.

— Você parece poderosa, mesmo amarrada assim, Senhorita Steele. E sua boca esperta, está quieta no momento. Assim que eu gosto.

Ficando em minha frente novamente, ele engancha seus dedos em minha calcinha, em um ritmo lento, retira-a pelas minhas pernas, sem pressa, dolorosamente devagar, de modo que ele acaba de joelhos diante de mim. Não tirando seus olhos dos meus, ele aperta a minha calcinha em sua mão, leva-a até seu nariz e inala profundamente. *Puta merda. De verdade ele fez isso?* Ele sorri maliciosamente para mim, dobra-a e a coloca no bolso de sua calça jeans.

Desenrolando-se, levanta-se preguiçosamente, como um gato selvagem, ele aponta o fim do chicote para o meu umbigo, vagarosamente circulando, atormentando-me. No toque do couro, eu tremo e suspiro. Ele anda em volta de mim novamente, arrastando o chicote em torno do meu

corpo. Em seu segundo circuito, ele de repente sacode o chicote e bate no meu traseiro… contra meu sexo. Eu clamo de surpresa, enquanto todas as minhas terminações nervosas ficaram em alerta. Eu puxo contra as restrições. O choque corre através de mim, com o mais doce e mais estranho sentimento de prazer.

— Quieta, — ele sussurra enquanto caminha ao redor de mim novamente, o chicote ligeiramente mais alto, em torno do meio de meu corpo. Desta vez, quando ele sacode isso contra mim, no mesmo lugar, eu estou antecipando-o… *oh meu Deus*. Meu corpo convulsiona na mordida doce do ardor.

Enquanto ele faz seu caminho em torno de mim, ele sacode novamente, desta vez batendo em meu mamilo, e eu jogo minha cabeça para trás, enquanto as terminações nervosas cantam. Ele bate de novo… um breve, rápido, doce castigo. Meus mamilos endurecem e alongam com o ataque, eu ruidosamente gemo, puxando meus punhos de couro.

— Isso parece bom? — Ele respira.

— Sim.

Ele me bate novamente entre as nádegas. Desta vez me dói.

— Sim o que?

— Sim, Senhor, — eu choramingo.

Ele dá uma parada… mas eu não posso mais vê-lo. Meus olhos estão fechados enquanto eu tento absorver a miríade de sensações que circulam pelo meu corpo. Muito lentamente, ele chove pequenas lambidas do chicote abaixo, na minha barriga, indo para o sul. Eu sei onde isto está levando, e tento preparar-me para isso, mas quando ele bateu em meu clitóris, eu ruidosamente clamo.

— Oh… por favor! — Eu gemo.

— Quieta, — ele ordena e bate novamente em meu traseiro.

Eu não esperava que isso fosse assim… eu estou perdida. Perdida em um mar de sensações. E, de repente, ele está arrastando o chicote contra meu sexo, pelos meus pêlos pubianos, até a entrada da minha vagina.

— Veja como você está molhada, Anastásia. Abra seus olhos e sua boca.

Eu faço como ele ordena, completamente seduzida. Ele empurra a ponta do chicote em minha boca, como no meu sonho. *Puta merda.*

— Sinta o seu sabor. Chupe. Chupe duro, bebê.

Minha boca se fecha em torno do chicote, enquanto fixo os meus olhos nos dele. Eu posso saborear o couro rico e o salinidade de minha excitação. Seus olhos estão ardendo. Ele está em seu elemento.

Ele puxa a ponta de minha boca, enquanto fica na minha frente e me agarra e me beija duramente, sua língua invadindo minha boca. Envolvendo seus braços ao redor mim, ele me puxa contra ele. Seu peito esmaga o meu,

e eu coço para tocá-lo, mas eu não posso, minhas mãos estão inúteis acima de mim.

— Oh, Anastásia, você tem um gosto tão bom, — ele respira. — Eu devo fazer você gozar?

— Por favor, — eu imploro.

O chicote morde minhas nádegas. *Ow!*

— Por favor, o que?

— Por favor, Senhor, — eu choramingo.

Ele sorri para mim, triunfante.

— Com isto? — Ele segura o chicote para que eu possa vê-lo.

— Sim, Senhor.

— Você tem certeza? — Ele olha fixamente para mim.

— Sim, por favor, Senhor.

— Feche seus olhos.

Eu fecho e o quarto está fora, ele está fora... o chicote fora. Ele começa com pequenas lambidas do chicote contra minha barriga mais uma vez. Descendo, pequenas lambidas suaves contra meu clitóris, uma vez, duas, três vezes, repetidas vezes, até que, finalmente, é isso, eu não posso aguentar mais e eu gozo, gloriosamente, ruidosamente, ficando fraca. Seus braços enrolam ao meu redor, enquanto minhas pernas viravam geleia. Eu dissolvo em seu abraço, minha cabeça contra seu tórax, estou choramingando e gemendo, enquanto os tremores de meu orgasmo me consomem. Ele me ergue, e de repente estamos nos movendo, meus braços ainda amarrados acima de minha cabeça, e eu posso sentir a madeira fresca da cruz polida em minhas costas, e ele está abrindo os botões em sua calça jeans. Ele me derruba contra a cruz brevemente, enquanto ele desliza um preservativo, e então suas mãos embrulham ao redor minhas coxas e ele me ergue novamente.

— Erga suas pernas, bebê, envolva-as em torno de mim.

Eu me sinto tão fraca, mas eu faço como ele pede e ele envolve minhas pernas ao redor de seus quadris e se posiciona abaixo de mim. Com um impulso, ele está dentro de mim, eu choro novamente, escutando seu gemido abafado em minha orelha. Meus braços estão descansando em seus ombros enquanto ele empurra dentro mim. Porra, é profundo deste modo. Ele empurra novamente e de novo, seu rosto em meu pescoço, sua respiração áspera em minha garganta. Eu sinto crescer novamente. Droga, não... não novamente... eu não penso que meu corpo vai aguentar mais outro momento da terra tremendo. Mas eu não tenho nenhuma escolha... e com uma inevitabilidade que está se tornando familiar, eu deixo ir e gozo novamente, é doce, angustiante e intenso.

Eu perco todo o sentido de mim mesma. Christian segue, gritando a sua liberação com os dentes cerrados e me segurando forte e mais perto.

Ele retira-se de mim rapidamente e me empurra contra a cruz, seu corpo se apoiando no meu. Desafivelando as algemas, ele livra minhas mãos, e ambos caímos no chão. Ele me puxa em seu colo, embalando-me, e eu inclino a minha cabeça contra seu tórax. Se eu tivesse força, eu o tocaria, mas eu não faço. Tardiamente, eu percebo que ele está ainda vestindo sua calça jeans.

— Bem feito, bebê, — ele murmura. — Isso machucou?

— Não, — eu respiro. Eu posso apenas manter meus olhos abertos. *Por que eu estou tão cansada?*

— Você esperava por isso? — Ele sussurra enquanto ele segura-me perto, seus dedos empurrando algumas mechas fugitivas de cabelo fora de meu rosto.

— Sim.

— Você vê, a maior parte de seu medo está em sua cabeça, Anastásia, — ele pausa. — Você faria isto novamente?

Eu penso por um momento, enquanto nuvens de fadiga atravessam meu cérebro… novamente?

— Sim. — Minha voz é tão suave.

Ele me abraça firmemente.

— Bom. Então, eu também, — ele murmura, então se inclina e suavemente beija o topo de minha cabeça. — E eu não terminei com você ainda.

Não terminou comigo ainda. Santo Deus. Não há nenhum modo que eu possa fazer mais nada. Eu estou totalmente gasta e lutando um desejo irresistível de dormir. Eu estou apoiada contra seu tórax, meus olhos estão fechados, e ele está embrulhado ao redor mim, braços e pernas e eu me sinto… segura, e oh tão confortável. Será que ele vai me deixar dormir, talvez sonhar? Minha boca aperta com o pensamento tolo e virando meu rosto para o peito de Christian, eu inalo seu odor sem igual e estremeço, mas imediatamente ele… oh merda. Abro meus olhos e olho para ele. Ele está olhando fixamente para mim.

— Não faça, — ele adverte.

Eu ruborizo e olho de volta para o seu peito com desejo. Eu quero correr minha língua pelo cabelo, beijá-lo e pela primeira vez, eu noto que ele tem algumas fortuitas pequenas cicatrizes redondas espalhadas ao redor de seu peito. *Catapora? Sarampo?* Eu penso distraidamente.

— Ajoelhe-se perto da porta, — ele ordena, enquanto se senta novamente, pondo suas mãos sobre os joelhos, efetivamente me liberando. Não mais morno, a temperatura de sua voz caiu vários graus.

Eu tropeço desajeitadamente para a posição ereta, levanto e vou me ajoelhar perto da porta e como instruída. Eu estou trêmula e muito, muito cansada, monumentalmente confusa. Quem teria pensado que eu poderia encontrar tal satisfação neste quarto. Quem podia ter pensado que seria tão

desgastante? Meus membros são deliciosamente pesados, saciados. Minha deusa tem um sinal de 'Não perturbe ' no lado de fora de seu quarto.

Christian está se movendo na periferia de minha vista. Meus olhos começam a fechar.

— Estou chateando você, Senhorita Steele?

Eu pulo, acordando e Christian está em pé na minha frente, com os braços cruzados, olhando para mim. Oh merda, pega de surpresa, isso não vai ser bom. Seus olhos suavizam quando eu olho para ele.

— Levante-se, — ele ordena.

Eu levanto cautelosamente. Ele olha para mim e sua boca aperta para cima.

— Você está quebrada, não é?

Concordo com a cabeça timidamente, corando.

— Fibra, Senhorita Steele. — Ele estreita seus olhos para mim. — Eu não tive minha dose de você ainda. Segure as mãos na frente como se você estivesse rezando.

Eu pisco para ele. *Rezando! Rezando para você maneirar comigo.* Eu faço como ele disse. Ele toma uma braçadeira e amarra em volta de meus pulsos, apertando o plástico. Santo Inferno. Meus olhos voam para os seus.

— Parece familiar, — ele pergunta, incapaz de esconder seu sorriso.

Merda... as braçadeiras de plástico. Ele estava se reabastecendo no Clayton! Tudo se torna claro. Eu engasgo quando picos de adrenalina passam por meu corpo novamente. Ok, agora você tem a minha atenção, eu estou acordada agora.

— Eu tenho uma tesoura aqui. — Ele a segura para que eu possa ver. — Eu posso cortar fora de você em um momento.

Eu tento puxar os meus pulsos separadamente, testando minhas algemas, e quando faço, o plástico morde a minha carne, é dolorido, mas se eu relaxar meus pulsos, eles ficam bem, a algema não está cortando em minha pele.

— Venha. — Ele toma minhas mãos e me leva para a cama de dossel. Eu noto agora que tem lençóis vermelho escuro sobre ela e uma algema em cada canto.

— Eu quero mais, muito, muito mais, — ele se inclina e sussurra em meu ouvido.

Meu coração para e começa a bater novamente. *Oh céus.*

— Mas eu farei isto rápido. Você está cansada. Segure-se no poste, — ele diz.

Eu franzo a testa. *Não na cama, então?* Eu acho que eu posso separar minhas mãos enquanto pego o adorno esculpido do poste de madeira.

— Abaixe, — ele ordena. —B om. Não goze. Se o você fizer, eu espancarei você. Entendeu?

— Sim, Senhor.

— Bom.

Ele permanece atrás de mim e aperta meus quadris, então, rapidamente levanta-me para trás assim que eu estou inclinada para frente, segurando o poste.

— Não goze Anastásia, — ele adverte. — Eu vou foder você duro, por detrás. Segure o poste para sustentar seu peso. Entendeu?

— Sim.

Ele bate o meu traseiro com sua mão. *Ow...* ardeu.

— Sim, Senhor, — eu murmúrio depressa.

—Separe suas pernas. — Ele põe sua perna entre as minhas, e segurando meus quadris, ele empurra minha perna direita para o lado.

— Assim é melhor. Depois disso, eu deixarei você dormir.

Dormir? Eu estou ofegante. Eu não estou pensando em dormir agora. Ele chega para cima e suavemente afaga as minhas costas.

— Você tem uma pele tão bonita, Anastásia, — ele respira enquanto se curva e beija ao longo da minha coluna, beijos suaves como penas, gentis. Ao mesmo tempo, suas mãos se movem para minha frente pegando os meus seios, e como ele faz isso, ele prende meus mamilos entre seus dedos e aperta-os gentilmente.

Eu abafo meu gemido quando sinto meu corpo inteiro responder, acordando mais uma vez para ele.

Ele suavemente morde e me chupa em minha cintura, puxando os meus mamilos, e minhas mãos apertam o poste perfeitamente esculpido. Suas mãos se soltam e eu ouço o agora familiar barulho da retirada de sua calça jeans.

— Você tem uma bunda tão cativante e sensual, Anastásia Steele. O que eu gostaria de fazer com ela.

Suas mãos alisam e modelam cada uma das minhas nádegas, então ele desliza os dedos para baixo e desliza dois dedos dentro de mim.

— Tão molhada. Você nunca decepciona, Senhorita Steele, — ele sussurra, e eu ouço a maravilha em sua voz. — Segure firme... isso vai ser rápido, bebê.

Ele agarra meus quadris e se posiciona, e me esforço para receber o seu assalto. Mas ele avança e agarra minha trança e enrola em torno de seu pulso até minha nuca, segurando minha cabeça no lugar. Muito lentamente ele entra em mim, puxando meu cabelo ao mesmo tempo... oh a plenitude. Ele sai de mim lentamente, sua outra mão agarra meu quadril, segurando apertado, e então ele investe novamente dentro de mim, empurando-me para frente.

— Segure, Anastásia! — Ele grita com os dentes cerrados.

Eu agarro o poste mais firme e empurro de volta contra ele, enquanto ele continua seu ataque implacável, uma e outra vez, seus dedos cavando

em meu quadril. Meus braços estão doendo, minhas pernas se sentem inseguras, meu couro cabeludo está ficando dolorido de ser puxada pelo cabelo... e eu posso sentir um ajuntamento bem dentro de mim. Oh não... e pela primeira vez, eu temo meu orgasmo... se eu gozar...

Eu desmoronarei. Christian continua a se mover dentro e fora de mim, sua respiração é dura, gemendo, gemendo. Meu corpo está respondendo... como? Eu sinto um acelerar. Mas, de repente, Christian silencia, entrando em mim realmente fundo.

— Vamos lá, Ana, dê para mim, — ele geme, meu nome em seus lábios me envia sobre a borda que toma todo o meu corpo e a sensação de espiral e doce liberação, e, em seguida, completa e totalmente sem sentidos.

Quando retomo os sentidos, eu estou deitada sobre ele. Ele está no chão e eu estou deitada em cima dele, minhas costas sobre sua frente, e eu estou olhando para o teto, toda pós-coito, brilhante, quebrada. Oh... as algemas, eu penso distraidamente, eu tinha esquecido disso. Christian fuça o meu ouvido.

— Levante suas mãos, — ele diz suavemente.

Meus braços parecem feitos de chumbo, mas eu os levanto. Ele empunha a tesoura e passa uma lâmina sob o plástico.

— Eu a declaro livre Ana, — ele respira, e corta o plástico.

Eu dou uma risadinha e esfrego meus pulsos quando eles são liberados. Eu sinto seu sorriso.

— Este é um som tão adorável, — ele diz melancolicamente. Ele se senta, de repente, levando-me com ele de forma que eu estou mais uma vez sentado em seu colo.

— Isto é minha culpa, — ele diz e me ajeita de modo que ele pode esfregar meus ombros e braços.

Delicadamente ele massageia um pouco de volta a vida os meus membros.

O quê?

Olho para ele atrás de mim, tentando entender o que ele quer dizer.

— Que você não dá uma risadinha mais frequentemente.

— Eu não sou uma grande risonha, — eu murmuro sonolenta.

— Oh, mas quando isso acontece, Senhorita Steele, é uma maravilhosa alegria de se ver.

— Muito florido, Sr. Grey, — eu murmuro, tentando manter meus olhos abertos.

Seus olhos suavizam e ele sorri.

— Eu diria que você está completamente fodida e com necessidade de sono.

— Isso não era florido mesmo, — eu murmuro brincando.

Ele sorri e suavemente me ergue fora dele, ele permanece gloriosamente nu. Eu desejo estar momentaneamente mais desperta para realmente apreciá-lo. Pegando sua calça jeans, ele a veste.

— Não quero assustar Taylor, ou a Sra. Jones no que diz respeito a esse assunto, — ele resmunga.

Hmm... eles devem saber que grande bastardo ele é. O pensamento me preocupa.

Ele inclina-se para me ajudar a levantar e ir até a porta, atrás da qual pendura um roupão cinzento. Ele pacientemente me veste como se eu fosse uma criança pequena. Eu não tenho a força para erguer meus braços. Quando eu estou coberta e respeitável, ele se inclina e me beija suavemente, apertando a boca em um sorriso.

— Para cama, — ele diz.

Oh... não...

— Para dormir, — acrescenta tranquilizador quando vê minha expressão.

De repente, ele levanta-me e leva-me enrolada contra seu peito para o quarto ao longo do corredor onde, mais cedo hoje, a Dra. Greene me examinou. Minha cabeça cai contra o seu peito.

Estou exausta. Eu não me lembro de alguma vez ter estado mais cansada. Puxando para trás o edredom, ele me deita, e ainda mais surpreendente, sobe ao meu lado e me segura perto.

— Durma agora, menina linda, — ele sussurra, e beija o meu cabelo.

E antes de eu possa fazer um comentário jocoso, eu estou adormecida.

Capítulo 19

O roçar de lábios através de minha testa, deixando beijos ternos e doces em seu rastro, faz parte de mim girar e responder, mas principalmente eu quero ficar dormindo. Eu gemo e me refugio em meu travesseiro.

— Anastásia, acorde. — A voz de Christian é suave, bajulando.

— Não, — eu gemo.

— Nós temos que sair em meia hora para jantar com meus pais. — Ele está se divertindo.

Eu abro meus olhos relutantemente. É crepúsculo. Christian está debruçando sobre mim, olhando-me atentamente.

— Vamos dorminhoca. Levante-se. — Ele se inclina e me beija novamente.

— Eu comprei-lhe uma bebida. Eu estarei no andar de baixo. Não volte a dormir, ou você estará em apuros, — ele ameaça, mas seu tom é aprazível. Ele me beija brevemente e sai, deixando-me sonolenta, a piscar os meus olhos no quarto fresco.

Eu estou um pouco recuperada, mas de repente, nervosa. Caramba, eu vou conhecer a sua gente! Ele apenas me bateu com o chicote, me amarrou, usando uma algema que eu mesma lhe vendi, pelo amor de Deus, agora vou encontrar seus pais. Será a primeira vez de Kate encontrá-los também, pelo menos que ela estará lá para me dar suporte. Eu enrolo os meus ombros. Eles estão duros. Sua exigência por um instrutor particular de ginástica não parece tão estranha agora, de fato, parece obrigatório, se eu tiver qualquer pretensão de acompanhá-lo.

Saio lentamente da cama e noto que meu vestido está pendurado fora do guarda-roupa e meu sutiã está na cadeira. Onde está a minha calcinha? Eu verifico embaixo da cadeira. Nada. Então, lembro-me, que ele colocou-a no bolso de sua calça jeans. Eu ruborizo com a lembrança, depois dele, eu não posso mesmo pensar sobre isso, ele é tão bárbaro. Eu franzo a testa. *Por que ele não me devolveu a minha calcinha?*

Eu vou para o banheiro, perplexa com a minha falta de roupa íntima. Enquanto me enxugo, depois de minha agradável, mas extremamente breve chuveirada, eu percebo ele fez isso de propósito. Ele quer que eu me sinta envergonhada e peça a minha calcinha de volta, e ele pode dizer sim ou não. Minha deusa está rindo de mim. *Inferno... dois podem jogar esse jogo em particular.* Resolvendo não lhe perguntar por ela e não dar-lhe satisfação, eu decido encontrar seus pais sem calcinha. *Anastásia Steele!* Meu subconsciente me repreenda, mas eu não quero escutar, quase abraço a mim mesma com alegria porque eu sei que isso o deixará louco.

Volto ao quarto, coloco meu sutiã, deslizo em meu vestido e calço os meus sapatos. Eu removo a trança e apressadamente escovo meu cabelo, eu então olho para a bebida que ele deixou.

É cor-de-rosa de pálido. O que é isto? Cranberry e água com gás. Hmm… o sabor é delicioso e extingue minha sede.

Voltando ao banheiro, eu me verifico no espelho, olhos brilhantes, bochechas ligeiramente coradas, o olhar um pouco presunçoso por causa de meu plano sobre a calcinha, e saio para o andar de baixo. Quinze minutos. Não é ruim, Ana.

Christian aguarda ao lado da janela panorâmica, vestindo as calças de flanela cinza que eu amo, aquelas que penduram dessa forma incrivelmente sensual fora de seus quadris, e, claro, uma camisa de linho branco. Ele não tem alguma outra cor? Frank Sinatra canta suavemente nos alto-falantes de som surround.

Christian se vira e sorri quando eu entro. Ele olha para mim com expectativa.

— Oi, — eu digo baixinho, e meu sorriso de esfinge encontra o seu.

— Oi, — ele diz. — Como você está sentindo? — Seus olhos estão iluminados com diversão.

— Bem, obrigada. Você?

— Eu me sinto bem poderoso, Senhorita Steele.

Ele está tão à espera que eu diga alguma coisa.

— Frank. Eu nunca imaginei que você fosse um fã de Sinatra.

Ele levanta suas sobrancelhas para mim, seu olhar é especulativo.

— Gosto eclético, Senhorita Steele, — ele murmura, e ele dá alguns passos em minha direção, como uma pantera, até chegar na minha frente, seu olhar tão intenso que me tira o fôlego.

Frank começa a cantar… uma velha canção, uma das favoritas de Ray. “Witchcraft”. Christian passa vagarosamente a ponta do dedo pela minha bochecha, e eu sinto todo o caminho até *lá* embaixo.

— Dance comigo, — ele murmura, com voz rouca.

Tomando o controle remoto fora de seu bolso, ele aumenta o volume e mantém a sua mão para mim, seu olhar cinza cheio de promessas, desejo e humor. Ele é totalmente sedutor, e eu estou encantada. Eu coloco minha mão na sua. Ele sorri preguiçosamente para mim e me puxa em seu abraço, seu braço enrolando ao redor minha cintura, e ele começa a balançar.

Eu ponho minha mão livre em seu ombro e sorrio para ele, pego em seu humor, brincalhão, infeccioso. E ele começa a mover. Rapaz, ele sabe dançar. Nós cobrimos o chão, da janela até a cozinha e de volta novamente, girando e girando, no tempo da música. E ele faz isto tão fácil para mim.

Nós deslizamos em torno da mesa de jantar, para o piano, e de lá para cá na frente da parede de vidro, fora, Seattle piscava um mural escuro e

mágico para nossa dança, e eu não posso evitar a minha risada despreocupada. Ele sorri para mim quando a música chega ao fim.

— Não existe nenhuma bruxa mais agradável que você, — ele murmura e então me beija docemente. — Bem, isso comprou um pouco de cor para suas bochechas, Senhorita Steele. Obrigado pela dança. Nós devemos ir e encontrar meus pais?

— De nada, e sim, eu não posso esperar para encontrar com eles, — eu respondo sem fôlego.

— Você tem tudo que você precisa?

— Oh, sim, — eu respondo docemente.

— Você tem certeza?

Concordo com a cabeça tão indiferente quanto eu posso administrar sob o seu escrutínio intenso, divertido. Seu rosto se divide em um sorriso enorme, ele balança a cabeça.

— Ok. Se esta é a maneira que você quer jogar, Senhorita Steele.

Ele agarra minha mão, recolhe a sua jaqueta que está pendurada em uma das banquetas, e me leva através da entrada para o elevador. Oh, as muitas faces de Christian Grey. *Será que jamais serei capaz de compreender este homem volúvel?*

Eu espio para ele no elevador. Ele está curtindo uma piada privada, um vestígio de um sorriso que flerta com sua boca bonita. Eu temo que seja a minha custa. *O que eu estava pensando?* Eu vou conhecer os seus pais e eu não estou vestindo qualquer roupa íntima. Meu subconsciente me dá um inútil aviso, *eu te disse*. Na segurança relativa de seu apartamento, parecia uma ideia divertida. Agora, eu estou quase fora de mim *sem calcinha*! Ele olha para mim, e está lá, a tensão aumentando entre nós. O olhar divertido desaparece de seu rosto e suas linhas de expressão, a escuridão de seus olhos… *oh meu Deus*.

As portas do elevador se abrem no andar térreo. Christian balança a cabeça ligeiramente como se para limpar seus pensamentos e gesticula para que eu saia antes dele, em gesto cavalheiresco.

Com quem ele está brincando? Ele não é nenhum cavalheiro. Ele tem minha calcinha.

Taylor dirige o Audi grande. Christian abra a porta traseira para mim, e eu entro, tão elegantemente quanto posso, considerando meu estado de nudez lasciva. Eu sou grata pelo vestido ameixa de Kate ser comprido até os joelhos.

Nós aceleramos pela I-5, nós estamos em silencio, sem dúvida inibidos pela presença de Taylor, na frente. O humor de Christian é quase tangível e parece mudar. O humor está se dissipando lentamente enquanto nos dirigimos para o norte. Ele está pensativo, olhando para fora da janela, e eu posso senti-lo deslizar para longe de mim. O que ele está pensando? Eu não posso perguntar a ele. O que eu posso dizer na frente de Taylor?

— Onde você aprendeu a dançar? — Eu pergunto como tentativa. Ele gira olhar em mim, seus olhos ilegíveis sob a luz intermitentes das lâmpadas das ruas no percurso.

— Você realmente quer saber? — Ele responde em voz baixa.

Meu coração afunda, e agora eu não quero, porque eu posso imaginar.

— Sim, — eu murmuro, relutantemente.

— A Sra. Robinson gostava de dançar.

Oh, minhas piores suspeitas confirmadas. Ela o ensinou bem, e o pensamento me deprime, não existe nada que eu possa lhe ensinar. Eu não tenho nenhuma habilidade especial.

— Ela deve ter sido uma boa professora.

— Ela era, — ele diz suavemente.

Meus couro cabeludo pinica. Será que ela teve o melhor dele? Antes dele se tornar tão fechado? Ou será que ela o trouxe para fora de si mesmo? Ele tem esse lado, divertido, brincalhão. Eu sorrio involuntariamente ao recordar de estar em seus braços enquanto ele girou comigo ao redor sua sala de estar, de forma inesperada, e ele tem minha calcinha, em algum lugar.

E depois há o Quarto Vermelho da Dor. Eu esfrego meus pulsos reflexivamente, as tiras finas de plástico fizeram o mesmo com outra menina. Ela lhe ensinou tudo ou o arruinou, dependendo do ponto de vista. Ou talvez ele teria encontrado o seu caminho de qualquer maneira, apesar da Sra. R.

Eu percebo, naquele momento, que eu a odeio. Eu espero nunca conhecê-la, porque eu não serei responsável por minhas ações se o fizer. Eu não posso me lembrar de sentir esta raiva sobre qualquer pessoa, especialmente alguém que eu nunca conheci. Olhando para fora da janela, eu medito sobre a minha raiva e ciúme irracional.

Minha mente voa de volta à tarde. Dado o que eu entendo de suas preferências, penso que ele tem pegado leve comigo. *Eu faria isso novamente?* Eu não posso fingir ter algum argumento contra isto. Claro que eu faria, se ele me pedisse, contanto que ele não me machucasse e se for à única maneira para estar com ele.

Essa é a linha divisória. Eu quero estar com ele. Minha deusa interior suspira aliviada. Chego à conclusão que ela raramente usa seu cérebro para pensar, mas outra parte vital de sua anatomia, e no momento, é uma parte bastante exposta.

— Não, — ele murmura.

Eu franzo a testa e viro para olhar para ele.

— Não faça o que? — Eu não o toquei.

— Não pense sobre as coisas, Anastásia. — Alcançando-me, ele pega minha mão, ergue-a até seus lábios, e beija meus dedos suavemente. — Eu tive uma tarde maravilhosa. Obrigado.

E ele está de volta comigo, novamente. Eu pisco para ele e sorrio timidamente. Ele está tão confuso. Posso fazer uma pergunta que está me incomodando.

— Por que você usou uma braçadeira?

Ele sorri para mim.

— É rápido, é fácil e é algo diferente para você sentir a experiência. Eu sei que elas são bastante brutais, como dispositivo de contenção. — Ele sorri ligeiramente para mim.

— Muito eficaz para mantê-lo em seu lugar.

Eu ruborizo e olho nervosamente para Taylor, que permanece impassível, com os olhos na estrada. *O que eu deveria dizer sobre isso?* Christian encolhe os ombros inocentemente.

— Tudo parte de meu mundo, Anastásia. — Ele aperta minha mão e lá estava, olhando para fora da janela novamente.

Seu mundo realmente, e eu quero pertencer a ele, mas em suas condições? Eu simplesmente não sei. Ele não mencionou aquele maldito contrato. Minhas reflexões internas não fazem nada para me alegrar. Olho pela janela e a paisagem mudou. Nós estamos cruzando uma das pontes, cercados pela escuridão. A noite sombria reflete meu estado de espírito introspectivo, fechando, sufocante.

Olho brevemente para Christian, e ele está olhando para mim.

— Um centavo por seus pensamentos? — Ele pergunta.

Eu suspiro com tristeza.

— Tão ruim, hein?

— Eu gostaria de saber o que você estava pensando.

Ele sorri para mim.

— Idem, bebê, — ele diz suavemente, enquanto Taylor acelera na noite em direção a Bellevue.

É um pouco antes das oito, quando o Audi entra na calçada de uma mansão de estilo colonial. É de tirar o fôlego, até mesmo as rosas em torno da porta. Um perfeito retrato de livro.

— Você está pronta para isso? — Christian pergunta, enquanto Taylor para o carro na frente da porta impressionante.

Concordo com a cabeça, ele dá a minha mão outro aperto tranquilizante.

— Primeira vez para mim também, — ele sussurra, então sorri maliciosamente. —Aposto que você gostaria de estar vestindo sua roupa íntima agora, — ele brinca.

Eu coro. Eu tinha já esquecido da minha calcinha. Felizmente, Taylor saiu do carro e está abrindo minha porta, assim ele não pode ouvir nossa troca de palavras. Eu faço uma careta para Christian, que sorri amplamente enquanto eu giro e saio do carro.

Dra. Grace Trevelyan-Grey está na porta esperando por nós. Ela parece elegantemente sofisticada em um vestido de seda azul claro, por trás dela está o Sr. Grey, eu presumo, alto, loiro, e tão bonito ao seu próprio modo como Christian.

— Anastásia, já conhece a minha mãe, Grace. Este é o meu pai, Carrick.

— Sr. Grey, que prazer conhece-lo. — Eu sorrio e agito sua mão estendida.

— O prazer é todo meu, Anastásia.

— Por favor, me chame de Ana.

Seus olhos azuis são suaves e gentis.

— Ana, o quão adorável vê-la novamente. — Grace me envolve em um abraço caloroso. — Entre, minha querida.

— Ela está aqui? — Eu ouço um grito alto de dentro a casa. Eu olho nervosamente para Christian.

— Esta é Mia, minha irmã caçula, — ele diz quase irritado, mas não completamente.

Existe uma subcorrente de afeto em suas palavras, a forma como sua voz cresce mais suave e seus olhos ondulam, quando ele menciona seu nome. Christian obviamente a adora. É uma revelação.

E ela vem correndo solta pelo salão, cabelos escuros, alta e curvilínea. Ela deve ter a minha idade.

— Anastásia! Eu ouvi tanto sobre você. — Ela me abraça apertado.

Caramba. Eu não posso deixar de sorrir com o seu entusiasmo ilimitado.

— Ana, por favor, — eu murmuro enquanto ela me arrasta pelo grande vestíbulo. O piso é todo de madeira escura, com tapetes antigos e uma escadaria para o segundo andar.

— Ele nunca trouxe uma garota para esta casa antes, — Mia diz, com seus olhos escuros brilhando de excitação.

Vislumbro Christian revirando os olhos, e eu levanto uma sobrancelha para ele. Ele estreita seus olhos para mim.

— Mia, acalme-se, — Grace aconselha suavemente. — Olá, querido, — ela diz enquanto beija Christian em ambas as faces. Ele sorri para ela calorosamente, e então aperta a mão de seu pai.

Todos nós entramos na sala de estar. Mia não soltou a minha mão. A sala é espaçosa, decorada com bom gosto em creme, marrom e azul claro, confortável, discreta e muito elegante. Kate e Elliot estão aconchegados juntos em um sofá, segurando taças de champanhe. Kate salta para me abraçar, e Mia finalmente solta a minha mão.

— Oi, Ana! — Ela sorri. — Christian. — Ela acena com a cabeça bruscamente para ele.

— Kate. — Ele é igualmente formal com ela.

Eu franzo a testa com essa troca. Elliot me pega em um abraço todo abrangente. O que é isto, a semana de abraçar Ana? Esta deslumbrante exibição de afeto, eu apenas não estou acostumada com isso. Christian está ao meu lado, envolvendo seu braço ao redor de mim, colocando sua mão em meu quadril, ele estende seus dedos e puxa-me para perto. Todos estão olhando para nós. É enervante.

— Bebidas? — O Sr. Grey parece se recuperar. — Prosecco?

— Por favor, — Christian e eu falamos em uníssono.

Oh… isso está além de estranho. Mia bate palmas.

— Vocês estão até falando ao mesmo tempo. Eu vou buscar. — Ela sai da sala.

Eu fiquei escarlate, e vendo Kate sentada com Elliot, ocorreu-me, de repente, que a única razão para Christian me convidar era porque Kate estaria aqui. Elliot, provavelmente, livre e alegremente pediu a Kate para conhecer seus pais. Christian estava preso, sabendo que eu descobriria via Kate. Eu fiz uma careta com o pensamento. Ele foi forçado ao convite. Uma compreensão triste e deprimente. Meu subconsciente acena com a cabeça sabiamente, um olhar 'você finalmente entendeu sua estúpida', apareceu em seu rosto.

— O jantar está quase pronto, — Grace diz, enquanto ela segue Mia fora da sala.

Christian franze a testa e olha para mim.

— Sente-se, — ele comanda, apontando para o sofá de pelúcia, e eu me sento, cuidadosamente cruzando minhas pernas. Ele se senta ao meu lado, mas não me toca.

— Nós estávamos falando sobre férias, Ana, — o Sr. Grey diz amavelmente. — Elliot decidiu seguir Kate e sua família para Barbados por uma semana.

Olho para Kate, ela sorri, seus olhos estão grandes e brilhantes. Ela está encantada. Katherine Kavanagh, mostre alguma dignidade!

— Você está tomando uma pausa agora que você terminou a faculdade? — O Sr. Grey pergunta.

— Eu estou pensando sobre ir para Geórgia por alguns dias, — eu respondo.

Christian olha para mim, piscando um par de vezes, sua expressão é ilegível. Oh merda.

Eu não comentei isso com ele.

— Geórgia? — Ele murmura.

— Minha mãe vive lá, e eu não a vejo há algum tempo.

— Quando você estava pensando em ir? — Sua voz é baixa.

— Amanhã, final da noite.

Mia passeia em volta na sala abastecendo as taças de Prosecco rosa pálido.

— A sua boa saúde! — O Sr. Grey levanta a taça. Um brinde apropriado para um marido de uma médica, que me faz sorrir.

— Por quanto tempo? — Christian pergunta, com sua voz enganosamente suave.

Puta merda... ele está com raiva.

— Eu não sei ainda. Dependerá das minhas entrevistas, amanhã.

Sua mandíbula apertou, e Kate fica com aquele olhar interferindo em seu rosto. Ela sorri excessivamente doce.

— Ana merece uma pausa, — ela diz intencionalmente para Christian. Por que ela é tão antagônica em relação a ele? O que é o seu problema?

— Você tem entrevistas? — O Sr. Grey pergunta.

— Sim, para estágios em duas editoras, amanhã.

— Desejo-lhe boa sorte.

— O jantar está na mesa, — Grace anuncia.

Todos nós levantamos. Kate e Elliot seguem o Sr. Grey e Mia para fora da sala. Quando vou seguir, Christian agarra o meu cotovelo, trazendo-me para uma parada abrupta.

— Quando você ia dizer-me que estava partindo? — Ele pergunta com urgência. Seu tom é suave, mas ele está mascarando sua raiva.

— Eu não estou partindo, eu vou ver minha mãe, e eu estava só pensando sobre isto.

— Que tal o nosso acordo?

— Nós não temos um acordo ainda.

Ele aperta os olhos, depois parece lembrar-se. Soltando a minha mão, ele toma meu cotovelo e me leva para fora da sala.

— Essa conversa não terminou, — ele sussurra ameaçadoramente quando entramos na sala de jantar.

Ah, É. Não fique tão chateado e ... *e me devolva a minha calcinha.* Eu olho para ele.

A sala de jantar me faz lembrar nosso jantar privado em Heathman. Um lustre de cristal pendurado sobre a mesa de madeira escura e há um espelho enorme e esculpido, na parede. A mesa está servida e coberta com uma toalha de mesa de linho branco, uma tigela de peônias rosas pálidas como o peça central. É impressionante.

Tomamos nossos lugares. O Sr. Grey está na cabeceira da mesa, enquanto eu me sento no seu lado direito, Christian está acomodado ao meu lado. O Sr. Grey agarra a garrafa aberta de vinho tinto e oferece um pouco para Kate. Mia toma sua cadeira ao lado de Christian e pega a sua mão, aperta firmemente. Christian sorri calorosamente para ela.

— Onde você conheceu Ana? — Mia pergunta a ele.

— Ela me entrevistou para a revista estudantil da WSU.

— A que Kate edita, — eu adiciono, na esperança de desviar a conversa para longe de mim.

Mia sorri para Kate, sentada em frente, ao lado de Elliot e eles começam a conversar sobre a revista dos alunos.

— Vinho, Ana? — O Sr. Grey pergunta.

— Por favor. — Eu sorrio para ele. O Sr. Grey levanta para encher o resto dos copos.

Eu olho para Christian. Ele se vira para olhar para mim, sua cabeça está inclinada para um lado.

— O que? — Ele pergunta.

— Por favor, não fique bravo comigo, — eu sussurro.

— Eu não estou bravo com você.

Eu fico olhando para ele. Ele suspira.

— Sim, eu estou louco com você. — Ele fecha seus olhos brevemente.

— Louco a ponto de dar palmadas? — Eu pergunto nervosamente.

— Sobre o que vocês dois estão cochichando? — Kate interrompe.

Eu coro e Christian olha para ela em um olhar 'tire o seu rabo fora do caminho' Kavanagh, de modo que até Kate murcha sob o seu olhar.

— Apenas sobre a minha viagem para a Geórgia, — eu digo docemente, com a esperança de encerrar a hostilidade mútua.

Kate sorri, com um brilho perverso em seu olhar.

— Como estava José quando você foi para o bar com ele na sexta-feira?

Puta merda, Kate. Eu arregalo meus olhos para ela. O que ela está fazendo? Ela arregala seus olhos para mim de volta, e eu percebo que ela está tentando deixar Christian ficar ciumento. *Como ela sabe pouco.* Eu pensei que tinha conseguido acabar com isso.

— Ele estava bem, — eu murmuro.

Christian se inclina.

— Louco de dar palmadas, — ele sussurra. —Especialmente agora. — Seu tom era calmo e mortal.

Oh não. Eu me contorço.

Grace reaparece carregando dois pratos, seguida por uma mulher muito jovem, com tranças loiras, vestida elegantemente de azul claro, carregando uma bandeja de pratos. Seus olhos imediatamente acham Christian na sala. Ela cora e olha para ele sob seu rímel nos longos cílios.

O que!

Em algum lugar na casa o telefone começa a tocar.

— Com licença, — O Sr. Grey levanta novamente e sai.

— Obrigado, Gretchen, — Grace diz suavemente, franzindo a testa com a saída do Sr. Grey. — Só deixe a bandeja no console. — Gretchen acena a cabeça, e com outro olhar furtivo para Christian, ela parte.

Então, os Greys tem empregadas, e a empregada está de olho em cima do meu pretende a Dominante. Pode esta noite conseguir ficar pior? Eu franzo a testa e olho para minhas mãos no meu colo.

O Sr. Grey retorna.

— Ligação para você, querida. É do hospital, — ele diz para Grace.

— Por favor, comece, todo mundo. — Grace sorri enquanto me dá um prato e parte.

Cheira delicioso, – chouriço e vieiras com pimentões vermelhos assados e cebolinhas, polvilhado com salsa. Apesar de ter meu estômago revolto com as ameaças veladas de Christian, os olhares sublinhar da bonita e pequena Senhorita Maria Chiquinha e a perda da minha roupa íntima, eu estou com fome. Eu coro quando percebo que o esforço físico desta tarde me deu tamanho apetite.

Momentos depois Grace retorna, com a sobrancelha franzida. O Sr. Grey vira a cabeça de um lado… como Christian.

— Tudo bem?

— Outro caso de sarampo, — Grace suspira.

— Oh não.

— Sim, uma criança. O quarto caso este mês. Se as pessoas vacinassem as suas crianças. — Ela agita sua cabeça tristemente, e então sorri. — Eu estou tão contente que nossos filhos nunca tiveram isso. Eles nunca pegaram qualquer coisa pior que catapora, ainda bem. Pobre Elliot, — ela diz enquanto ela senta-se, sorrindo com indulgencia para o filho. Elliot franze a testa e se torce desconfortavelmente. — Christian e Mia tiveram sorte. Eles tiveram isto tão suavemente, que dividiram apenas uma mancha entre eles.

Mia deu uma risadinha e Christian revirou os olhos.

— Então, você pegou o jogo dos Marinheiros, Pai? — Elliot claramente estava interessado a mudar de assunto.

Os aperitivos são deliciosos, eu me concentro em comer enquanto Elliot, o Sr. Grey e Christian conversam sobre beisebol. Christian parece relaxado e tranquilo conversando com sua família. Minha mente está trabalhando furiosamente. Porra Kate, que jogo ela está jogando? *Ele vai me punir?* Eu me acovardo com o pensamento. Não assinei aquele contrato ainda. Talvez eu não o faça. Talvez eu fique na Geórgia onde ele não pode me alcançar.

— Como você está se estabelecendo em seu novo apartamento querida? — Grace pergunta educadamente.

Sou grata por sua pergunta, distraindo-me de meus pensamentos discordantes, e eu conto a ela sobre nossa mudança.

Como nós terminamos nossos pratos iniciais, Gretchen aparece, e não pela primeira vez, eu queria me sentir capaz de pôr minhas mãos livremente em Christian só para a deixar saber que, ele pode ter cinquenta

tons de ruim, mas ele é meu. Ela começa a limpar a mesa, escovando demasiado perto de Christian para o meu gosto. Felizmente, ele parece alheio a ela, mas minha deusa interior está queimando sem chama e não em um bom caminho.

Kate e Mia estão encerando líricos sobre Paris.

— Você esteve em Paris, Ana? — Mia pergunta inocentemente, distraindo-me de meu devaneio de ciúmes.

— Não, mas eu adoraria ir. — Eu sei que sou a única à mesa que nunca deixou os EUA.

— Nós fomos a Paris na lua de mel. — Grace sorriu para o Sr. Grey que devolveu o sorriso para ela.

É quase embaraçoso testemunhar. Eles obviamente se amam profundamente, e pergunto-me por um breve momento como deve ser crescer com ambos os pais.

— É uma bela cidade, — Mia concorda. — Apesar dos parisienses. Christian, você devia levar Ana para Paris, — Mia declara com firmeza.

— Eu penso que Anastásia prefere Londres, — Christian diz baixinho.

Oh… ele lembrou. Ele coloca sua mão em meu joelho, seus dedos que viajam até a minha coxa. Meu corpo inteiro aperta em resposta. *Não… não aqui, não agora.* Eu coro e endureço, tentando ficar longe dele. Sua mão em minha coxa me acalma. Eu procuro o meu vinho, em desespero.

A pequena senhorita Maria Chiquinha européia retorna, toda com olhares tímidos e balançando os quadris, com nossa reentrada, um Beff Wellington, eu acho. Felizmente, ela nos dá os pratos e então parte, embora ela demore dando a Christian o seu. Ele olha intrigada para mim enquanto eu assisto-a fechar a porta da sala de jantar.

— Então, o que havia de errado com os parisienses? — Elliot pergunta a sua irmã. — Eles não ligaram para suas maneiras encantadoras?

— Ugh, não eles não fizeram. E Monsieur Floubert, o ogro com quem eu estava trabalhando, ele era um tirano dominador.

Eu engasguei com meu vinho.

— Anastásia, você é bem? — Christian perguntou solicito, mantendo a sua mão em minha coxa.

O humor retornou a sua voz. *Oh graças a Deus.* Quando eu concordo com a cabeça, ele bate levemente em minhas costas suavemente, e só retira sua mão quando ele vê que eu me recuperei.

A carne estava deliciosa, servida com batatas doces assadas, cenouras, nabos e feijões verdes. E estavam mais saborosas desde que Christian conseguiu apresentou seu bom-humor para o resto da refeição. Eu suspeito que é porque eu estou comendo com tanto gosto. A conversa flui livremente entre o Greys, quentes e carinhosos, suavemente provocando uns aos outros. Durante a nossa sobremesa de limão *syllabub*, Mia nos presenteia com suas façanhas em Paris, passando a um ponto de falar em

francês fluente. Todos nós olhamos para ela e ela olha de volta confusa, até Christian dizer a ela, também em francês fluente, o que ela tinha feito, então ela explode em um ataque de risos. Ela tem uma risada muito contagiante e logo todos estamos às gargalhadas.

Elliot fala sobre seu projeto de edifício mais recente, uma nova comunidade eco amigável ao norte de Seattle. Eu olho para Kate, e ela está pendurada em cada palavra que Elliot diz, seus olhos ardem com luxúria ou o amor. Eu ainda não descobri. Ele sorri para ela, e é como se uma promessa não dita passasse entre eles. *Mais tarde, bebê*, ele está dizendo, e é quente, assustadoramente quente. Eu coro só de assisti-los.

Eu suspiro e espio o Cinquenta Sombras. Ele é tão bonito, eu podia olhar para ele para sempre. Ele tem uma sombra de barba em seu queixo, e meus dedos coçam para arranhar isso e senti-la contra meu rosto, contra meus seios... entre minhas coxas. Eu coro com a direção de meus pensamentos. Ele olha para em mim e levanta sua mão para puxar meu queixo.

— Não morda seu lábio, — ele murmura com voz rouca. — Eu quero fazer isto.

Grace e Mia tiram as louças da sobremesa e seguem para a cozinha, enquanto o Sr. Grey, Kate, e Elliot discutem os méritos dos painéis solares no Estado de Washington. Christian, finge interesse na conversa, põe sua mão mais uma vez em meu joelho, e seus dedos viajam pela minha coxa. Minha respiração está aos trancos, e eu aperto minhas coxas juntas em uma tentativa para deter seu progresso. Posso vê-lo sorrir maliciosamente.

— Eu devo dar a você uma excursão pela propriedade? — Ele pergunta para mim bastante abertamente.

Eu sei que estou querendo dizer sim, mas eu não confio nele. Antes de eu poder responder, porém, ele está em pé e estendendo a sua mão para mim. Eu coloco minha mão na sua, e sinto todo o aperto dos músculos no fundo do meu ventre, respondendo aos seus escuros e famintos olhos cinza.

— Com licença, — eu digo para o Sr. Grey e sigo Christian para fora da sala de jantar.

Ele me leva pelo corredor e pela cozinha onde Mia e Grace estão empilhando os pratos na máquina de lavar. Maria Chiquinha européia não está em nenhum lugar visível.

— Eu vou mostrar a Anastásia o quintal, — Christian diz inocentemente para sua mãe.

Ela nos acena com um sorriso, enquanto Mia volta para a sala de jantar.

Nós saímos para uma área de pátio de laje cinzenta, iluminado por luzes embutidas.

Há uns arbustos em vasos de pedra cinzenta e uma mesa de metal e cadeiras chiques em um canto.

Christian passa para eles, em mais alguns passos, estamos sobre um vasto gramado que leva até a baía... oh meu, é lindo. Seattle cintila no horizonte, é fresca, brilhante, a lua de maio abre um caminho de prata cintilante através da água em direção a um cais onde dois barcos estão atracados. Ao lado do cais está uma casa de barcos. É tão pitoresco, tão pacífico. Eu olho e bocejo por um momento.

Christian me puxa atrás dele, e meus saltos afundam na grama macia.

— Pare, por favor. — Eu estou tropeçando em seu rastro.

Ele para e olha em mim, sua expressão é insondável.

— Meus saltos de sapatos. Eu preciso tirar meus sapatos.

— Não se preocupe, — ele diz, e ele se abaixa e coloca-me por cima de seu ombro. Eu grito ruidosamente com surpresa chocada, e ele me dá um tapa no traseiro.

— Mantenha sua voz, — ele rosna.

Oh não... isso não é bom, meu subconsciente está tremendo nos joelhos. Ele está louco sobre algo, poderia ser José, Geórgia, sem calcinha, mordendo lábio. Merda, ele é fácil irritar.

— A onde nós estamos indo? — Eu respiro.

— Casa de barcos, — ele estala.

Eu agarro-me em seus quadris, por que estou de cabeça para baixo, ele anda a passos largos de propósito, no luar, através do gramado.

— Por quê? — Eu sôo ofegante, saltando sobre seu ombro.

— Eu preciso estar só com você.

— Por quê?

— Porque eu vou espancar e então foder você.

— Por quê? — Eu suavemente choramingo.

— Você sabe por que, — ele silva.

— Eu pensei que você era um cara de age conforme o momento? — peço sem fôlego.

— Anastásia, eu estou sendo agindo conforme o momento, confie em mim.

Puta merda

Capítulo 20

Christian cruza como um ciclone a porta de madeira da casa de embarcação e pausa para acender algumas luzes. As luzes fluorescentes cintilam e zumbem em silêncio em sequência enquanto luzes fortes inundam o grande edifício de madeira. Da minha visão de cabeça para baixo, eu conseguia ver uma lancha motorizada na doca flutuando gentilmente na água escura, mas eu apenas tive uma breve visão antes que ele estivesse me carregando para as escadas de madeira indo para o quarto acima.

Ele pausa na entrada e liga outro interruptor... halogênios desta vez, elas eram mais suaves, mais difusas... e nós estávamos no sótão com teto inclinado. Ele está decorado com um tema náutico da Nova Inglaterra: azul marinho e creme com listras vermelhas. Os móveis são esparsos, apenas dois sofás é tudo o que eu posso ver.

Christian me coloca de pé no chão de madeira. Eu não tenho tempo para examinar ao meu redor – meus olhos não podem deixá-lo. Eu estou hipnotizada... assistindo-o como se ele fosse um daqueles predadores raros e perigosos, esperando pelo ataque dele. A respiração dele é forçada, mas ele acabou de atravessar o gramado e subir um lance de escadas. Olhos cinzentos queimando com raiva, necessidade, e luxúria pura e inalterada.

Puta merda. Eu poderia entrar em combustão apenas com o olhar dele.

— Por favor, não me bata, - eu sussurro, implorando.

Suas sobrancelhas se franzem, seus olhos se arregalam. Ele pisca duas vezes.

— Eu não quero que você me dê palmadas, não aqui, não agora. Por favor, não faça.

A boca dele se abre levemente pela surpresa, e além da coragem, eu tento esticar meu braço e correr meus dedos pela bochecha dele, ao longo de sua costeleta, até a barba rala em seu queixo.

É uma mistura curiosa de suavidade e espinhoso. Lentamente fechando seus olhos, ele inclina o rosto no meu toque, e sua respiração se prende em sua garganta. Esticando com a minha outra mão, eu corro meus dedos pelo cabelo dele. Eu amo o cabelo dele. Seu gemido suave é quase inaudível, e quando ele abre os olhos, o seu olhar é preocupado, como se ele não entendesse o que eu estava fazendo.

Dando um passo para frente fazendo com que eu estivesse grudada nele, eu puxei gentilmente o cabelo dele, trazendo sua boca para a minha, e eu o beijei, forçando minha língua entre os lábios dele e dentro de sua boca. Ele geme, e seus braços vêm ao meu redor, me puxando perto dele. Suas

mãos encontram o seu caminho para o meu cabelo, e ele me beija de volta, com força e possessivamente. A língua dele e a minha se torcem e viram um, nos consumindo. Ele tem um gosto divino.

Ele se afasta repentinamente, as nossas respirações estão irregulares e misturadas. Minhas mãos caem para os braços dele e ele me olha feio.

— O que você está fazendo comigo? — ele sussurra confuso.

— Beijando você.

— Você disse não.

— O quê? *Não para o quê?*

— Na mesa de jantar, com as suas pernas.

Oh... então é sobre isso.

— Mas nós estávamos na mesa de jantar dos seus pais. — Eu olho para ele, completamente perdida.

— Ninguém nunca disse não para mim antes. E é tão... quente.

Seus olhos se abrem bastante com admiração e luxúria. É uma mistura inebriante. Eu engulo instintivamente. A mão dele se move para o meu traseiro. Ele me puxa com força contra ele, e eu posso sentir sua ereção.

Oh meu Deus...

— Você está bravo e excitado porque eu disse não? — Eu falo, atônita.

— Estou bravo porque você nunca falou de Georgia para mim. Estou bravo porque você foi beber com aquele cara que tentou te seduzir quando você estava bêbada e que te deixou quando você estava doente com um quase completo estranho. Que tipo de amigo faz isso? E estou bravo e excitado porque você fechou suas pernas para mim. — Seus olhos brilham perigosamente, e ele está lentamente alcançando a barra do meu vestido.

— Eu quero você, e eu te quero agora. E se você não vai me deixar te dar umas palmadas... que você merece... eu vou te foder neste sofá neste minuto, rapidamente, para o meu prazer, não seu.

Meu vestido mal está cobrindo o meu traseiro nu. Ele se move repentinamente para que suas mãos estejam apalpando o meu sexo, e um de seus dedos se afunda lentamente dentro de mim. Seu outro braço me segura firmemente no lugar ao redor da minha cintura. Eu seguro um gemido.

— Isso é meu, — ele sussurra agressivamente. — Tudo meu. Você entende? — Ele desliza seu dedo dentro e fora enquanto ele me olha, analisando a minha reação, seus olhos queimando.

— Sim, sua, — eu sussurro enquanto meu desejo, quente e pesado, surge através da minha corrente sanguínea, afetando... tudo. Minhas terminações nervosas, minha respiração, meu coração está batendo forte, tentando deixar o meu peito, o sangue vibrando nos meus ouvidos.

Abruptamente, ele se move, fazendo diversas coisas de uma vez. Retirando seus dedos, deixando-me querendo, abrindo sua braguilha, e me empurrando no sofá para que ele esteja deitado em cima de mim.

— Mãos na cabeça, — ele comanda através de dentes apertados enquanto ele se ajoelha, forçando as minhas pernas a se abrirem mais, e se esticando para alcançar o bolso interno de seu casaco. Ele tira um pacote de papel de alumínio, olhando para mim, sua expressão obscura, antes de retirar seu casaco e deixando-o cair no chão. Ele rola a camisinha pelo seu impressionante comprimento.

Eu coloco minhas mãos na cabeça, e eu sei que é para que eu não o toque. Eu estou tão excitada.

Eu sinto meus quadris se movendo para cima para encontrá-lo... querendo-o dentro de mim, desse jeito... áspero e duro. Oh... a antecipação.

— Nós não temos muito tempo. Isso será rápido, e é para mim, não você. Você entende? Não goze, ou eu vou te dar umas palmadas, — ele diz através de seus dentes cerrados.

Puta merda... como eu vou parar?

Com uma rápida estocada, ele está totalmente dentro de mim. Eu gemo alto, guturalmente, e me deleitando na plenitude de sua posse. Ele coloca as mãos em cimas das minhas, no topo da minha cabeça, seus cotovelos mantém meus braços abertos, e suas pernas me imobilizam por completo. Ele está em todo lugar, me sobrecarregando, quase sufocando. Mas é maravilhoso também, este é o meu poder, isso é que o eu faço com ele, e é uma sensação triunfante, hedonista. Ele se move rapidamente e furiosamente dentro de mim, sua respiração árdua em meu ouvido, e o meu corpo responde, se derretendo ao redor dele. Eu não devo gozar. Não. Mas eu estou encontrando-o em cada estocada, um contra-ponto perfeito. Abruptamente, e muito cedo, ele se enfia dentro de mim e quando ele encontra a sua liberação, o ar sibilando entre seus dentes.

Ele relaxa por um momento, então eu sinto o peso delicioso inteiro dele em mim. Eu não estou pronta para soltá-lo, meu corpo implorando alívio, mas ele é tão pesado, e naquele momento, eu não posso empurrá-lo. Muito de repente, ele se retira, deixando-me dolorida e faminta por mais. Ele me olha carrancudo.

— Não se toque. Eu quero você frustrada. É isso que você faz comigo ao não falar comigo, ao me negar o que é meu. — Seus olhos estão ardendo novamente, com raiva novamente.

Eu concordo, ofegante. Ele fica de pé e retira a camisinha, fazendo um nó na ponta, e a coloca no bolso de sua calça. Eu olho para ele, minha respiração ainda errática, e involuntariamente eu aperto minhas coxas juntas, tentando encontrar algum tipo de alívio. Christian fecha sua

braguilha e corre sua mão pelo cabelo enquanto ele se abaixa para pegar seu casaco. Ele se vira para me olhar, sua expressão mais suave.

— É melhor voltarmos para a casa.

Eu me sento, um pouco instável, atordoada.

— Aqui. Você pode colocar de volta.

De dentro de seu bolso, ele retira minha calcinha. Eu não sorrio quando a pego dele, mas por dentro eu sei... eu recebi essa foda de punição mas ganhei uma pequena vitória com a calcinha. Minha deusa assente concordando, um sorriso de satisfação em seu rosto... *você não teve que pedir por ela.*

— CHRISTIAN! — Mia grita do andar inferior.

Ele se vira e ergue as sobrancelhas para mim.

— Bem na hora. Cristo, às vezes ela pode ser tão irritante.

Eu faço uma careta para ele, apressadamente eu recupero minha calcinha e a coloca no lugar certo, e fico de pé com o máximo de dignidade que eu consigo juntar no meu de estado recém-foda. Rapidamente, eu tento ajeitar o meu cabelo de recém-foda.

— Aqui em cima, Mia, — Ele chama. — Bem, Srta. Steele, eu me sinto melhor por isso... mas eu ainda quero te dar umas palmadas, — ele diz suavemente.

— Eu não acredito que eu mereço, Sr. Grey, especialmente depois de tolerar o seu ataque sem motivo.

— Sem motivo? Você me beijou.

Ele se esforça para parecer ofendido.

Eu aperto meus lábios.

— Foi um ataque como melhor forma de defesa.

— Defesa contra o quê?

— Você e sua mão inquieta.

Ele inclina a cabeça para um lado e sorri para mim enquanto Mia sobe a escada escandalosamente.

— Mas foi tolerável? — ele pergunta suavemente.

Eu fico vermelha.

— Por pouco, — eu sussurro, mas eu não consigo evitar o meu sorriso.

— Oh, aí estão vocês. — Ela sorri para nós.

— Eu estava mostrando o lugar para Anastásia. — Christian estica sua mão para mim, seus olhos cinzentos intensos.

Eu coloco a minha mão na dele, e ele a aperta suavemente.

— Kate e Elliot estão prestes a ir embora. Você pode acreditar naqueles dois? Eles não conseguem tirar a mão um do outro. — Mia finge estar enojada e olha para mim e para o Christian. — O que vocês dois estavam fazendo aqui?

Meu, ela é direta. Eu fico mais vermelha ainda.

— Mostrando a Anastásia a minha fileira de troféus, — Christian diz sem perder o passo, completamente com cara de paisagem. — Vamos dizer tchau para a Kate e o Elliot.

Fileira de troféus? Ele me empurra gentilmente na frente dele, e quando Mia se vira para sair, ele me dá um tapa no traseiro. Eu arquejo de surpresa.

— Eu vou fazer de novo, Anastásia, e logo, — ele ameaça baixinho perto do meu ouvido, então ele me puxa para um abraço, minhas costas para o peito dele, e beija o meu cabelo.

De volta na casa, Kate e Elliot estão se despedindo de Grace e do Sr. Grey. Kate me abraça forte.

— Eu preciso falar com você sobre antagonizar o Christian, — eu sibilo baixinho em seu ouvido enquanto ela me abraça.

— Ele precisa ser antagonizado, então você pode ver como realmente ele é. Tenha cuidado, Ana... ele é tão controlador, — ela sussurra. — Vejo você depois.

EU SEI COMO REALMENTE ELE É... VOCÊ NÃO!... eu grito com ela na minha cabeça.

Eu estou totalmente ciente que as ações dela vêm de um lugar bom, mas algumas vezes ela ultrapassa a linha, e nesse momento ela ultrapassa tanto até o estado vizinho. Eu faço uma careta para ela, e ela mostra a sua língua para mim, fazendo-me sorrir contra a minha vontade. Kate brincalhona é uma novidade, deve ser influência do Elliot. Nós acenamos para eles da porta, e Christian se vira para mim.

— Nós devemos ir também... você tem as entrevistas amanhã.

Mia me abraça carinhosamente quando nós nos despedimos.

— Nós nunca pensamos que ele encontraria alguém! — ela se emociona.

Eu fico vermelha, e Christian afasta seu olhar novamente. Eu aperto meus lábios. Porque ele pode fazer isso e eu não? Eu quero desviar meu olhar também, mas eu não ouso, não depois da ameaça dele no ancoradouro.

— Se cuide, Ana, querida, — Grace diz carinhosamente.

Christian, envergonhado ou frustrado pela ampla atenção que eu estou ganhando dos Greys, pega a minha mão e me puxa para o lado dele.

— Não vamos assustá-la ou estragá-la com muita atenção, — ele resmunga.

— Christian, pare de provocar. — Grace chama a atenção dele indulgentemente, seus olhos brilhando com amor e afeição por ele.

De alguma forma, eu não acho que ele esteja provocando. Eu sorrateiramente vejo a interação deles. É óbvio que a Grace o adora como um amor incondicional de mãe. Ele se abaixa e a beija duramente.

— Mãe, — ele diz, e há uma corrente inferior em sua voz... reverência talvez?

— Sr. Grey... obrigada e adeus. — Eu estico minha mão para ele, e ele me abraça também!

— Por favor, me chame de Carrick. Eu espero que nós a vejamos novamente, logo, Ana.

Com as nossas despedidas feitas, Christian me leva para o carro onde o Taylor está esperando. Meu, que dia. Eu estou exausta, fisicamente e emocionalmente. Depois de uma breve conversa com Taylor, Christian sobe no carro ao meu lado. Ele se vira para mim.

— Bem, parece que a minha família gosta de você também, — ele murmura.

Também? O pensamento depressivo de como eu fui convidada aparece sem ser solicitado e indesejado na minha cabeça. Taylor liga o carro e segue para longe do círculo de luz da entrada da garagem para a escuridão da rua. Eu olho para o Christian, e ele está me encarando.

— O quê? — ele pergunta, sua voz baixa.

Eu hesito momentaneamente. Nâo... eu vou contar para ele. Ele sempre está reclamando que eu não converso com ele.

— Eu acho que você se sentiu obrigado a me trazer para conhecer os seus pais. — Minha voz é suave e hesitante. — Se Elliot não tivesse chamado Kate, você nunca teria me chamado. — Eu não posso ver o rosto dele no escuro, mas ele inclina a cabeça, boquiaberto comigo.

— Anastásia, eu estou encantando que você tenha conhecido os meus pais. Por que você é tão cheia de insegurança? Isso nunca deixa de me surpreender. Você é uma jovem tão forte e independente, mas você tem pensamentos tão negativos a respeito de você. Se eu não quisesse que você os conhecesse, você não estaria aqui. É assim que você se sentiu no tempo inteiro que você esteve lá?

Oh! Ele me queria lá... e é uma revelação. Ele não parece desconfortável em me responder como ele estaria se ele estivesse escondendo a verdade. Ele parece genuinamente feliz que eu estou aqui... um brilho quente se espalha pelas minhas veias. Ele balança a cabeça e alcança a minha mão. Eu olho nervosamente para o Taylor.

— Não se preocupe com Taylor. Fale comigo.

Eu dou de ombros.

— Sim. Eu pensei nisso. E outra coisa. Eu apenas mencionei Georgia porque Kate estava falando sobre Barbados... eu ainda não me decidi.

— Você quer ir ver sua mãe?

— Sim.

Ele olha estranhamente para mim, como se ele estivesse tendo alguma luta interna.

— Eu posso ir com você? — ele pergunta eventualmente.

O quê?

— Hum... eu não acho que isso seja uma boa ideia.

— Por que não?

— Eu estava esperando dar um tempo em toda essa... intensidade e tentar pensar em algumas coisas.

Ele me encara.

— Eu sou muito intenso?

Eu caio na risada.

— Isso é para falar o mínimo!

Na luz dos postes de luz que passar, eu vejo os lábios dele se curvarem.

— Você está rindo de mim, Srta. Steele?

— Eu não ousaria, Sr. Grey, — eu respondo numa seriedade de mentira.

— Eu acho que você ousa, e eu acho que você ri de mim, frequentemente.

— Você é bem engraçado.

— Engraçado?

— Oh sim.

— Engraçado estranho ou engraçado Rá Rá?

— Oh... um monte de um e um pouco do outro.

— Qual que é qual?

— Eu vou deixar para você descobrir isso.

— Eu não tenho certeza se eu posso descobrir qualquer coisa ao seu redor, Anastásia, — ele diz sarcasticamente, e então continua baixinho, — Sobre o que você precisa pensar em Georgia?

— Nós, — eu sussurro.

Ele me encara, impassivo.

— Você disse que tentaria, — ele murmura.

— Eu sei.

— Você está reconsiderando?

— Possivelmente.

Ele se mexe como se estivesse desconfortável.

— Por quê?

Puta merda. Como isso se tornou uma conversa intensa e significativa? Foi jogado para cima de mim, como uma prova que eu não estou preparada para fazer. O que eu falo? Porque eu acho que te amo, e você apenas me vê como um brinquedo. Porque eu não posso te tocar, porque eu estou muito assustada para te mostrar qualquer tipo de afeição

no caso de você recusar ou me dizer para ir embora ou pior... me bater? O que eu posso dizer?

Eu encaro por um momento para fora da janela. O carro está seguindo pela ponte. Nós dois estamos envolvidos na escuridão, mascarando nossos pensamentos e sentimentos, mas nós não precisamos da noite para isso.

— Por que, Anastásia? — Christian me pressiona por uma resposta.

Eu dou de ombros, presa. Eu não quero perdê-lo. Apesar de todas as suas exigências, sua necessidade de controle, seus vícios assustadores. Eu nunca me senti tão viva como eu me sinto agora. É uma emoção estar sentada ao lado dele. Ele é tão imprevisível, sexy, inteligente, e engraçado. Mas seus humores... oh... e ele quer me machucar. Ele diz que ele vai pensar sobre as minhas reservas, mas isso ainda me assusta. Eu fecho meus olhos. O que eu posso dizer? Bem lá no fundo eu apenas gostaria de mais, mais afeição, mais do Christian brincalhão, mais... amor.

Ele aperta minha mão.

— Fale comigo, Anastásia. Eu não quero te perder. Esta última semana... — Ele vai parando de falar.

Nós estamos chegando perto do fim da ponte, e a rua mais uma vez é banhada na luz neón das lâmpadas dos postes então seu rosto fica intermitentemente no escuro e no claro. E é uma metáfora tão apropriada. Este homem, que eu já pensei como sendo um herói romântico... um cavaleiro branco, ou um cavaleiro obscuro, como ele disse. Ele não é um herói, ele é um homem com falhas emocionais profundas, e ele está me arrastando para a escuridão. Será que eu consigo trazê-lo para a luz?

— Eu ainda quero mais, — eu sussurro.

— Eu sei, — ele diz. — Eu vou tentar.

Eu pisco para ele, e ele abandona a minha mão e puxa o meu queixo, liberando meu lábio preso.

— Por você, Anastásia, eu vou tentar. — Ele está radiando sinceridade.

E esse é o meu sinal. Eu solto o meu cinto de segurança, vou para o outro lado, e subo no colo dele, pegando-o totalmente de surpresa. Colocando meus braços ao redor da cabeça dele, eu o beijo, por um longo tempo e com força, e em um nanosegundo, ele está respondendo.

— Fique comigo esta noite, — ele sussurra. — Se você for embora, eu não te verei a semana inteira. Por favor.

— Sim, - eu cedo. — E eu vou tentar também. Eu vou assinar o seu contrato. — E é uma decisão feita no calor do momento.

Ele olha para mim.

— Assine depois de Georgia. Pense sobre isso. Pense bem, bebê.

— Eu vou. — E nós sentamos em silêncio por um quilômetro ou dois.

— Você realmente deveria usar o seu cinto de segurança, — Christian sussurra desaprovadoramente no meu cabelo, mas ele não faz nenhum movimento para me tirar do colo dele.

Eu me aconchego nele, olhos fechados, meu nariz está no pescoço dele, absorvendo a fragrância sexy de Christian: sexy-picante-almiscarado e loção de banho, minha cabeça está no ombro dele. Eu deixo a minha mente flutuar, e eu me permito fantasiar que ele me ama. Oh, e é tão real, quase tangível, e uma parte pequeníssima do meu subconsciente desagradável se comporta de forma usual e *ousa ter esperança*. Eu tomo cuidado para não tocar no peito dele, mas apenas me acomodo em seus braços enquanto ele me abraça apertado.

Logo, eu sou tirada do meu sonho impossível.

— Estamos em casa, — Christian murmura, e é uma fantasia tão provocadora, cheia de tanto potencial.

Em casa, com o Christian. Exceto que o apartamento dele é uma galeria de arte, não um lar.

Taylor abre a porta para nós, e eu o agradeço timidamente, consciente que ele estava ouvindo a nossa conversa, mas o sorriso gentil dele é confortante e não entrega nada. Quando saímos do carro, Christian me observa criticamente. *Ah não... o que eu fiz agora?*

— Porque você não está com um casaco? — ele franze para mim enquanto ele tira o dele e coloca por cima dos meus ombros.

Um alívio me inunda.

— Está no meu carro novo, — eu respondo sonolenta, bocejando.

Ele sorri para mim.

— Cansada, Srta. Steele?

— Sim, Sr. Grey. — Eu me sinto envergonhada sob o seu escrutínio provocante. No entanto, eu sinto que uma explicação está em ordem, — eu fui dominada hoje de uma maneira que eu nunca achei que fosse possível.

— Bem, você está com azar, porque vou te convencer a fazer umas coisinhas a mais, — ele promete enquanto ele pega a minha mão e me leva de volta para o prédio. *Puta merda... De novo?!*

Eu olho para ele no elevador. Eu presumo que ele gosta de dormir comigo, e então eu me lembro de que ele não dorme com ninguém, apesar de ele ter dormido comigo algumas vezes.

Eu faço uma careta, e abruptamente seu olhar escurece. Ele alcança e pego o meu queixo, liberando meu lábio do dente.

— Um ia, eu vou, te foder neste elevador, Anastásia, mas nesse momento você está cansada... então eu acho que nós devemos ficar com a cama mesmo.

Abaixando, ele prende seus dentes ao redor do meu lábio inferior e puxa gentilmente. Eu me derreto contra ele, e a minha respiração para, enquanto minhas entranhas se soltam de desejo. Eu respondo, acelerando

meus dentes por cima do lábio superior dele, e ele geme. Quando as portas do elevador se abrem, ele pega a minha mão e me puxa para dentro da sala de estar, passa pelas portas duplas, e entra no corredor.

— Você precisa de uma bebida ou algo?

— Não.

— Bom. Vamos para a cama.

Eu ergo minhas sobrancelhas para ele.

— Você vai se contentar com baunilha?

Ele inclina a cabeça para um lado.

— Não tem nada de ruim sobre baunilha... é um sabor bem intrigante, — ele sussurra.

— Desde quando?

— Desde sábado passado. Por quê? Você estava esperando algo mais exótico?

Minha deusa ergue sua cabeça acima do parapeito.

— Ah não. Eu tive o bastante de exótico por um dia. — Minha deusa faz beicinho para mim, falhando miseravelmente em esconder o seu desapontamento.

— Certeza? Nós satisfazemos todos os gostos aqui... pelo menos trinta e um sabores. — Ele sorri para mim de maneira lasciva.

— Eu notei, — eu respondo secamente.

Ele balança a cabeça.

— Venha, Srta. Steele, você tem um grande dia amanhã. Quanto mais cedo você estiver na cama, mais cedo você será fodida, e mais cedo você poderá dormir.

— Sr. Grey, você é um romântico incurável.

— Srta. Steele, você tem uma boca esperta. Eu posso ter que dominá-la um dia. Venha. — Ele me leva pelo corredor para o seu quarto e chuta a porta para fechá-la.

— Mãos no ar, — ele comanda.

Eu faço o que ele pede, e em um movimento incrivelmente rápido, ele tira o meu vestido como um mágico, pegando-o na barra e puxando suavemente e rapidamente pela minha cabeça.

— Ta Da! — ele diz brincalhão.

Eu dou uma risadinha e aplaudo. Ele se curva graciosamente sorrindo. *Como eu posso resisti-lo quando ele está assim?* Ele coloca o meu vestido na cadeira solitária ao lado de sua cômoda.

— Qual é seu próximo truque? — eu encorajo, provocando.

— Ah minha querida, Srta. Steele. Venha para a minha cama, — ele rosna. — E eu te mostro.

— Você acha que pelo menos uma vez eu devo bancar a difícil? — eu pergunto coquetemente.

Seus olhos se arregalam com surpresa, e eu vejo um brilho de excitação.

— Bem... a porta está fechada. Não tenho certeza de como você pode me evitar, — ele diz sarcasticamente. — Eu acho que é um trato feito.

— Mas eu sou uma boa negociadora.

— Eu também. — Ele me encara, mas quando ele faz isso, sua expressão muda, confusa inunda-o, e a atmosfera no quarto muda repentinamente, ficando tensa. — Você não quer foder? — ele pergunta.

— Não, —eu sussurro.

— Oh. — ele faz uma careta.

Ok, lá vai... respire fundo.

— Eu quero que você faça amor comigo.

Ele fica parado e me encara sem expressão. Sua expressão escurece. Oh merda, isso não parece bom. *Dê a ele um minuto!* Meu subconsciente dá bronca.

— Ana, eu... — ele corre a mão pelo cabelo. Duas mãos. Meu, ele realmente está atordoado.

— Eu pensei que tínhamos feito? — ele diz eventualmente.

— Eu quero te tocar.

Ele dá um passo involuntário para trás, sua expressão parece amedrontada por um momento, e então ele se recompõe.

— Por favor, — eu sussurro.

Ele se recupera.

— Ah, não Srta. Steele, você teve o bastante de concessões de mim por uma noite. E eu estou dizendo não.

— Não?

— Não.

Ah... eu não posso argumentar com isso... posso?

— Olha, você está cansada, eu estou cansado. Vamos apenas ir para cama, — ele diz, me observando cuidadosamente.

— Então te tocar é um limite para você?

— Sim. Essa é velha.

— Por favor, me diga o por que.

— Ah, Anastásia, por favor. Só deixa quieto por enquanto, — ele murmurou exasperado.

— É importante para mim.

De novo ele passa as duas mãos pelo cabelo, e ele profere um juramento sob a sua respiração.

Virando o seu calcanhar, ele segue para a cômoda, puxa uma camiseta, e a joga para mim. Eu a pego, confusa.

— Coloque isso e vá para cama, — ele vocifera, irritado.

Eu faço uma careta e decido agradá-lo. Virando de costas, eu rapidamente removo o meu sutiã, colocando a camiseta o mais rápido

possível para cobrir a minha nudez. Eu deixo a calcinha, eu não a usei em grande parte da noite.

— Eu preciso do banheiro. — Minha voz é um sussurro.

Ele faz uma careta, confuso.

— Agora você está pedindo permissão?

— Errr... não.

— Anastásia, você sabe onde é o banheiro. Hoje, nesse ponto em nosso estranho arranjo, você não precisa de permissão para usá-lo. — Ele não consegue esconder sua irritação. Ele tira a sua camiseta, enquanto eu corro para o banheiro.

Eu me encaro no espelho gigante, chocada que ainda pareço à mesma. Depois de tudo o que eu fiz hoje, ainda sou a mesma garota comum olhando boquiaberta de volta para mim. *O que você esperava? Que nascessem chifres e um pequeno rabo pontudo, em você?* O meu subconsciente vocifera para mim. *Que acha que está fazendo? Tocar é um limite para ele. Isso está muito claro, sua imbecil. Ele precisa ter primeiro confiança, para depois falar.* Meu subconsciente está furioso, parecendo à medusa em sua raiva, o cabelo voando, suas mãos apertando ao redor de seu rosto igual O Grito de Edvard Munch[29]. Eu o ignoro, mas ele não quer voltar para seu lugar. *Você está deixando-o bravo – pense sobre o que ele disse, tudo o que ele concedeu.* Eu faço uma careta para a minha reflexão. Eu preciso ser capaz de mostrar para ele afeição – então talvez ele possa retribuir.

Eu balanço minha cabeça resignada e pego a escova de dente de Christian. O meu subconsciente está certo, claro. Eu estou apressando-o. Ele não está pronto e nem eu também. Nós estamos equilibrados nessa delicada gangorra, que é o nosso estranho arranjo – em lados diferentes, vacilando, e vai e volta entre nós dois. Nós dois precisamos estar mais próximos do meio. Eu só espero que nenhum de nós caíssemos em nossas tentativas em fazer isso. Isso tudo é tão repentino. Talvez eu precise de um pouco de distância. Georgia parece mais atraente do que nunca. Quando eu começo a escovar os dentes, ele bate na porta.

— Entra, — eu falo com a boca cheia de pasta.

Christian fica parado no batente da porta, seu pijama largo nos quadris – daquele jeito que faz com que cada célula no meu corpo acorde e fique atenta. Ele está sem camiseta, e eu o bebo como se eu estivesse louca de sede e ele é uma fonte de água limpa e fria na montanha. Ele olha para mim impassível, então sorri e vem ficar ao meu lado. Nossos olhares se prendem no espelho, cinza para o azul. Eu termino de escovar, lavo a escova, e a entrego para ele, meu olhar nunca deixando o dele. Sem palavras, ele

[29] **Edvard Munch** foi um pintor norueguês, um dos precursores do expressionismo alemão. O Grito (no original Skrik) é uma série de quatro pinturas, a mais célebre das quais datada de 1893.

pega a minha escova de mim e a coloca na boca. Eu sorrio de volta para ele, e seus olhos estão de repente dançando com humor.

— Por favor, sinta-se a vontade para usar a minha escova. — O seu tom é de gentil escárnio.

— Obrigada, senhor, — eu sorrio docemente, e eu saio, seguindo de volta para cama.

Alguns minutos depois ele se junta a mim.

— Você sabe que não era bem assim que eu imaginava como seria essa noite, — ele murmura petulante.

— Imagine se eu dissesse para você que você não poderia me tocar.

Ele sobre na cama e senta de pernas cruzadas.

— Anastásia, eu te disse. Cinquenta Sombras. Eu tive um começo duro na vida... você não quer essa merda na sua cabeça. Por que você iria querer?

— Porque eu quero te conhecer melhor.

— Você me conhece o suficiente.

— Como você pode dizer? — Eu me esforço para ficar de joelhos, encarando-o.

Ele afasta seu olhar de mim, frustrado.

— Você está desviando seu olhar do meu. Da última vez que eu fiz isso, eu terminei em cima do seu joelho.



— Ah, eu gostaria de colocá-la lá de novo.

Inspiração veio a mim.

— Conte-me e você pode.

— O quê?

— Você me ouviu.

— Você está negociando comigo? — Sua voz ressoa com uma descrença espantada.

Eu assinto. Sim... *é dessa forma.*

— Negociando.

— Não funciona desse jeito, Anastásia.

— Ok. Conte-me, e eu viro meus olhos para você.

Ele ri, e eu recebo um raro vislumbre do Christian despreocupado. Eu não o vejo faz um tempo.

Ele fica sério.

— Sempre tão ansiosa e ávida por informação. — Seus olhos cinzas brilham com especulação.

Depois de um momento, ele graciosamente desce da cama. — Não vá embora, — ele diz e sai do quarto.

Lanças me perfuram, e eu me abraço. O que ele está fazendo? Será que ele tem algum tipo de plano maligno? Merda. Imagine se ele volta com uma vara, ou algum tipo de instrumento bizarro?

Puta merda, o que eu farei então? Quando ele volta, ele está segurando algo pequeno em suas mãos. Eu não consigo ver o que é, e eu estou queimando de curiosidade.

— Quando é a sua primeira entrevista amanhã? — Ele pergunta suavemente.

— Às duas.

Um sorriso perverso lento se espalha em seu rosto.

— Bom. — E perante os meus olhos, ele sutilmente muda. Ele está mais duro, rebelde... gostoso. Este é o Christian dominante.

— Saia da cama. Fique lá. — Ele aponta para o lado da cama, e eu me atrapalho para sair da cama rapidamente. Ele me encara atentamente, seus olhos cintilando com promessa.

— Confia em mim? — ele pergunta suavemente.

Eu assinto. Ele estende a mão, e em sua palma estão duas bolas prateadas redondas e brilhantes, ligadas por um grosso fio negro.

— Estas são novas, — ele diz enfaticamente.

Eu olho questionadoramente para ele.

— Eu vou colocar elas dentro de você, e então eu vou te dar umas palmadas, não para punir, mas para o seu prazer e meu. — ele pausa, observando os meus olhos arregalados.

Dentro de mim! Eu perco o fôlego, e todos os meus músculos lá dentro da barriga ficam tensos. Minha deusa está fazendo a dança dos sete véus.

— E então nós vamos foder, e se você ainda estiver acordada, eu vou repartir um pouco de informação a respeito dos meus anos de formação. Concorda?

Ele está pedindo minha permissão! Ofegante, eu aceno. Eu sou incapaz de falar.

— Boa menina. Abra sua boca.

Boca?

— Abra mais.

Muito gentilmente, ele coloca as bolas na minha boca.

— Elas precisam ser lubrificadas. Sugue, — ele ordena, sua voz suave.

As bolas são frias, suaves, surpreendentemente pesadas, e têm um gosto metálico. Minha boca seca se enche de saliva enquanto a minha língua explora os objetos estranhos. O olhar cinzento de Christian não deixa o meu. Infernos, isso está me excitando. Eu me contorço de leve.

— Fique parada, Anastásia, — ele avisa.

— Pare. — Ele as tira da minha boca. Se movendo para frente, ele joga a coberta para o lado e senta-se na beirada.

— Venha aqui.

Eu fico de pé na frente dele.

— Agora vire-se, abaixe-se, e agarre os seus tornozelos.

Eu pisco para ele, e sua expressão se escurece.

— Não hesite, — ele censura baixinho, um sobre tom em sua voz, e ele coloca as bolas em sua boca.

Porra, isso é mais sexy do que a escova de dente. Eu sigo as ordens dele imediatamente. Meu, eu posso tocar os meus tornozelos? Eu descubro que posso, com facilidade. A camiseta desliza pelas minhas costas, expondo meu traseiro. Graças aos céus eu fiquei de calcinha, mas eu suspeito que não será por muito tempo.

Ele coloca sua mão reverentemente no meu traseiro e muito suavemente acaricia com toda a sua mão. Com meus olhos abertos, eu posso ver as pernas dele através das minhas, nada mais. Eu fecho meus olhos com força enquanto ele gentilmente remove a calcinha para o lado e lentamente percorre seu dedo para cima e para baixo no meu sexo. Meu corpo se prepara em uma mistura inebriante de antecipação selvagem e excitação. Ele desliza um dedo dentro de mim, e ele circula-o deliciosamente devagar. Ah, que gostoso. Eu gemo.

A respiração dele para, e eu o escuto gemer enquanto ele repete o movimento. Ele retira seu dedo e muito lentamente insere os objetos, uma bola, lenta e deliciosa de cada vez. *Oh uau.*

Elas estão na temperatura do corpo, quentes por causa das nossas bocas. É uma sensação curiosa. Quando elas estão dentro de mim, eu não posso realmente senti-las... mas, no entanto, eu sei que elas estão *lá*.

Ele endireita a minha calcinha e se inclina para frente, e seus lábios beijam suavemente o meu traseiro.

— Fique de pé, — ele ordena, e trêmula eu fico de pé.

Ah! Agora eu posso senti-las... mais ou menos. Ele pega os meus quadris para me endireitar enquanto eu restabeleço o meu equilíbrio.

— Você está bem? — ele pergunta, sua voz preocupada.

— Sim. — Minha resposta está leve como uma pena.

— Vire-se. — Eu viro e o encaro.

As bolas puxam para baixo e involuntariamente eu aperto ao redor delas. A sensação me atordoa, mas não de uma maneira ruim

— Como é a sensação? — ele pergunta.

— Estranha.

— Estranho bom ou estranho ruim?

— Estranho bom, - eu confesso, ficando vermelha.

— Bom. — Há um traço de humor perambulando em seus olhos.

— Eu quero um copo de água. Vá e pegue um para mim, por favor.

Ah.

— E quando você voltar, eu devo te colocar no meu joelho. Pense sobre isso, Anastásia.

Água? Ele quer água – agora – por quê?

Quando eu saio do quarto, se torna abundantemente claro o motivo que ele quer que eu ande – enquanto eu faço isso, as bolas fazem um peso dentro de mim, me massageando internamente. É uma sensação tão estranha e não inteiramente desconfortável. Elas me deixam necessitada, necessitada por sexo.

Ele está me assistindo cuidadosamente quando eu retorno.

— Obrigado, — ele diz enquanto pega o copo de mim.

Lentamente, ele dá um gole e então coloca o copo ao lado da mesa de cabeceira. Há um pacote de papel alumínio, pronto e esperando, como eu. E eu sei que ele está fazendo isso para aumentar a antecipação. Meu coração aumentou o ritmo. Ele virou o seu olhar brilhante cinzento para o meu.

— Venha. Fique ao meu lado. Como da última vez.

Eu fico ao lado dele, meu sangue tamborilando pelo meu corpo, e desta vez... estou excitada.

Acesa.

— Pergunte para mim, — ele diz baixinho.

Eu faço uma careta. Pergunta a ele o quê?

— Pergunte para mim, — sua voz está uma pouco mais áspera.

O quê? Como está a sua água? O que ele quer?

— Pergunte-me, Anastásia. Eu não vou dizer de novo. — E há uma ameaça implícita em suas palavras, e eu me toco. Ele quer que eu peça para ele me bater.

Puta merda. Ele está me olhando ansiosamente, seus olhos ficando mais frios. *Merda.*

— Me bata, por favor... senhor. — eu sussurro.

Ele fecha seus olhos momentaneamente, saboreando as minhas palavras. Esticando a mão, ele pega a minha mão esquerda e ele me puxa para os joelhos dele. Eu caio instantaneamente, e ele me firma quando eu caio em seu colo.

Meu coração está na boca quando a mão dele gentilmente acaricia o meu traseiro. Eu estou posicionada em seu colo novamente para que o meu torso descanse na cama ao lado dele. Desta vez ele não joga a perna dele em cima da minha, mas acaricia o meu cabelo e o tira do meu rosto e o enfia atrás da orelha. Quando ele termina, ele pega o meu cabelo na nuca e me segura no lugar. Ele puxa gentilmente e a minha cabeça vai para trás.

— Eu quero ver o seu rosto enquanto eu te dou umas palmadas, Anastásia, — ele murmura o tempo inteiro enquanto ele está esfregando suavemente o meu traseiro.

A mão dele se move entre as minhas nádegas, e ele empurra contra o meu sexo, e a sensação é... eu gemo. Ah, a sensação é maravilhosa.

— Isso é para o seu prazer, Anastásia, meu e seu, — ele sussurra suavemente.

Ele ergue a mão e a traz para baixo em um tapa ressoante na junção das minhas coxas, meu traseiro e meu sexo. As bolas vão para frente dentro de mim, e estou perdida em um pântano de sensação. O ardor no meu traseiro, a plenitude das bolas dentro de mim, e o fato de que ele está me segurando. Eu contorço o meu rosto enquanto as minhas faculdades tentam absorver todos estes sentimentos estrangeiros. Eu noto que em algum lugar no meu cérebro ele não me bateu com tanta força como da última vez. Ele acaricia o meu traseiro de novo, trilhando sua palma pela minha pele e por cima da minha calcinha.

Por que ele não tirou a minha calcinha? Então sua palma desaparece, ele a traz para baixo novamente. Eu gemo quando a sensação se espalha. Ele começa um padrão: esquerda para direita e então para baixo.

As que vão para baixo são as melhores. Tudo se move para frente, dentro de mim... e entre cada palmada ele me acaricia, me massageia... para que eu possa ser massageada de dentro para fora. É uma sensação tão erótica e estimulante, e por alguma razão, porque isso é nos meus termos, eu não me importo com a dor.

Não é tão doloroso... bem é, mas não insuportável. De alguma forma manejável, e sim prazerosa... até. Eu gemo. *Sim, eu posso fazer isso.*

Ele pausa enquanto ele lentamente tira a minha calcinha pelas pernas. Eu me contorço nas pernas dele, não porque eu quero escapar os golpes, mas eu quero... mais, liberação, algo. O toque dele contra a minha pele sensível tudo era um formigamento sensual. Era irresistível, e ele começa de novo. Alguns tapas suaves novamente e então aumentando, esquerda para direita e para baixo. Ah, para baixo, eu gemo.

— Boa garota, Anastásia, — ele geme, e sua respiração está entrecortada.

Ele me dá mais dois tapas, e então ele puxa os pequenos fios presos nas bolas e as tira de dentro de mim repentinamente. Eu quase chego no clímax – a sensação é fora deste mundo. Movendo-se rapidamente, ele gentilmente me vira. Eu escuto ao invés de ver o rasgar do pacote de papel alumínio, e então ele está deitado ao meu lado. Ele pega as minhas mãos, erguendo-as acima da minha cabeça, e ele se aconchega em cima de mim, deslizando lentamente, me preenchendo onde os globos prateados estavam. Eu gemo alto.

— Ah, bebê, — ele sussurra enquanto ele se move para trás, para frente, em um ritmo lento e sensual, me saboreando, me sentindo.

Ele nunca havia sido tão gentil, e não demora nem um pouco para eu cair do precipício, espiralando em um orgasmo delicioso, violento e exaustivo. Enquanto eu aperto ao redor dele, isso incita sua própria liberação, e ele desliza dentro de mim, parando, falando meu nome de maneira ofegante com uma admiração desesperada.

— *Ana!*

Ele fica em silêncio e ofegante em cima de mim, suas mãos ainda interligando nas minhas acima da minha cabeça.

Finalmente, ele se inclina para trás e me encara.

— Eu gostei disso, — ele sussurra, e então me beija docemente.

Ele não se prolonga para mais doces beijos, mas se levanta, me cobre com a coberta, e desaparece dentro do banheiro. Na sua volta, ele está carregando uma garrafa de loção branca. Ele senta ao meu lado na cama.

— Vire-se, — ele ordena, e relutantemente eu me viro.

Honestamente, toda essa bagunça. Eu me sinto sonolenta.

— O seu traseiro está com uma cor gloriosa, — ele diz aprovadoramente, e ele carinhosamente massageia a loção refrescante no meu traseiro rosa.

— Abre o jogo, Grey, — eu bocejo.

— Srta. Steele, você sabe como estragar um momento.

— Nós temos um trato.

— Como você se sente?

— Sendo passada para trás.

Ele suspira, desliza ao meu lado, e me puxa para os seus braços. Com cuidado para não tocar o meu traseiro dolorido, nós estamos de conchinha novamente. Ele me beija bem suavemente ao lado da minha orelha.

— A mulher que me trouxe para este mundo era uma puta viciada em crack, Anastásia. Vá dormir.

Puta merda... o que isso significa?

— Era?

— Ela está morta.

— Há quanto tempo?

Ele suspira.

— Ela morreu quando eu tinha quatro anos. Eu realmente não me lembro dela. Carrick me deu alguns detalhes. Eu apenas me lembro de certas coisas. Por favor, vá dormir.

— Boa noite, Christian.

— Boa noite, Ana.

Enquanto eu deslizo para um sono exausto e confuso, sonhando com um garotinho de quatro anos de idade, com olhos cinzentos em uma casa escura, assustadora e miserável.

Capítulo 21

Há luz em toda parte. Quente, brilhante, uma luz penetrante, e eu me esforço para mantê-la de lado por mais alguns preciosos minutos. Eu quero me esconder, somente por mais alguns minutos. Mas o brilho é muito forte, e eu finalmente sucumbo à vigília. Uma manhã gloriosa em Seattle me cumprimenta, o sol se derramando através das janelas altas e inundando o quarto com uma luz clara demais. Por que nós não fechamos as persianas ontem à noite? Eu estou na cama vasta de Christian Grey, mas sem o Christian Grey.

Eu me deito por um momento encarando a vista sublime do horizonte de Seattle através das janelas altas. A vida nas nuvens realmente parecia irreal. Uma fantasia – um castelo no ar, à deriva do chão, seguro das realidades da vida – bem longe do abandono, fome, e as mães que se prostituem pelo crack. Eu estremeço ao pensar do que ele passou quando criança, e eu entendo o motivo para ele viver aqui, isolado, cercado, por lindas e preciosas obras de arte – tão distante de onde ele começou... uma declaração de intenções. Eu faço uma careta porque isso ainda não explica porque ele não me deixa tocá-lo.

Ironicamente, eu sinto o mesmo aqui na torre espaçosa dele. Estou neste apartamento fantástico, fazendo um sexo fantástico com o meu fantástico namorado. Quando a realidade sombria é que ele quer um arranjo especial, apesar dele ter dito que tentaria mais. O que isso realmente significa? É isso que eu preciso esclarecer entre nós para ver se nós ainda estamos de lado diferentes na gangorra ou se nós estamos nos aproximando.

Saiu da cama me sentindo dura, e por falta de uma melhor expressão, bem amassada. Sim, isso deve ser efeito de tanto sexo. Meu subconsciente aperta seus lábios em desaprovação. Eu reviro meus olhos para ela, grata que um certo controlador de mãos inquietas não está no quarto, e resolvo perguntar para ele sobre o treinador. Isso se eu assinar. Minha deusa olha de cara feia para mim desesperada. Claro que você vai assinar. Eu ignoro os dois, e depois de uma rápida ida ao banheiro, eu vou procurar Christian.

Ele não está na galera de arte, mas uma elegante mulher de meia idade está limpando a área da cozinha. A visão dela me para no meio do caminho. Ela tem cabelo loiro curto e olhos azuis claros; ela está vestindo uma camisa branca simples sob medida e uma saia reta azul marinho. Ela sorri amplamente quando me vê.

— Boa dia, Srta. Steele. Você gostaria de um café da manhã? — O tom dela é cálido, mas sério, e eu estou atordoada. Quem é essa atraente loira na cozinha de Christian?

Eu estou apenas usando a camisa de Christian. Eu me sinto autoconsciente e envergonhada pela minha falta de roupas.

— Eu sinto que nós nos conhecemos em desvantagem. — Minha voz está baixa, incapaz de esconder a ansiedade na minha voz.

— Ah, eu sinto muitíssimo, eu sou a Sra. Jones, sou a empregada do Sr. Grey.

Ah.

— Como você está? — eu consigo falar.

— Você gostaria de um café da manhã, senhora?

Senhora!

— Só um pouco de chá está ótimo, obrigada. Você sabe onde o Sr. Grey está?

— Em seu escritório.

— Obrigada.

Eu fugi para o escritório, mortificada. Por que o Christian só tem loiras atraentes trabalhando para ele? E um pensamento desagradável veio involuntariamente em minha mente – Todas elas são ex-subs? Eu me recuso a entreter essa ideia horrível. Eu enfio minha cabeça timidamente pela porta. Ele está no telefone, de frente para a janela, com calça preta e uma camisa branca. Seu cabelo ainda está molhado do banho, e eu estou completamente distraída dos meus pensamentos negativos.

— A menos que a companhia P&L melhore, eu não estou interessado, Ros. Nós não vamos carregar peso morto... eu não preciso de mais desculpas esfarrapadas... Fale para Marco me ligar, ou ele caga ou saía da moita... sim, diga para Barney que o protótipo parece bom, apesar de que eu não estou certo sobre a interface... não, está apenas faltando algo... eu quero encontrar com ele esta tarde para discutir... na verdade, ele e a equipe dele nós podemos trocar uma avalanche de ideias... ok. Transfira-me de volta para Andrea... — ele espera, encarando para fora da janela, mestre do universo, encarando as pequenas pessoas abaixo de seu castelo no céu. — Andrea...

Olhando para cima, ele me nota na porta. Um sorriso lento e sexy se espalha em seu lindo rosto, e eu estou sem palavras enquanto minhas entranhas se derretem. Ele é sem dúvidas o homem mais lindo do planeta, muito lindo para as pequenas pessoas lá em abaixo, muito lindo para mim.

Não, minha deusa faz uma careta para mim, não é muito lindo para mim. Ele é meio que meu, por enquanto.

A ideia cria uma excitação pelo meu sangue e dispersa a minha insegurança irracional.

Ele continua sua conversa, seus olhos nunca deixando os meus.

— Limpe a minha agenda esta manhã, mas fale para Bill me ligar. Eu estarei aí às duas. Eu preciso falar com Marco esta tarde, isso precisará de pelo menos meia hora... marque com Barney e a equipe dele depois do Marco ou talvez amanhã, e encontre tempo para eu ver Claude todos os dias esta semana... Diga para ele esperar... Oh... Não, eu não quero publicidade para Darfur... Diga para Sam lidar com isso... Não... Que evento? ... Neste sábado agora?... Espera.

— Quando você voltará da Georgia? — ele pergunta.

— Sexta-feira.

Ele continua sua conversa no telefone.

— Eu preciso de um convite extra porque eu tenho um encontro... sim, Andrea, é isso que eu disse, um encontro, Srta. Steele irá me acompanhar... isso é tudo. — Ele desliga. — Boa dia, Srta. Steele.

— Sr. Grey, — eu sorrio timidamente.

Ele dá a volta em sua mesa com a sua graça de sempre e para na minha frente. Ele tem um cheiro tão bom; limpo e recém-lavado, tão Christian. Ele gentilmente acaricia minha bochecha com as costas de seus dedos.

— Eu não queria te acordar, você parecia tão pacífica. Você dormiu bem?

— Eu estou muito bem descansada, obrigada. Eu apenas vim te dizer oi antes de eu tomar banho.

Eu olho para ele, bebendo-o inteiro. Ele se inclina para frente e me beija gentilmente, e eu não posso evitar. Eu jogo meus braços ao redor do pescoço dele e os meus dedos se contorcem em seu cabelo ainda molhado.

Empurrando o meu corpo contra o dele, eu o beijo de volta. Eu o quero. O meu ataque o toma de surpresa, mas depois de um segundo, ele responde, um gemido baixo em sua garganta. Suas mãos deslizam para o meu cabelo e pelas minhas costas para segurar o meu traseiro nu, sua língua explorando a minha boca. Ele se afasta, seus olhos semicerrados.

— Bem, dormir parece combinar com você, — ele murmura. — Eu sugiro que você vá e tome o seu banho, ou eu deitarei você na minha mesa, agora.

— Eu escolho a mesa, — eu sussurro imprudentemente enquanto o desejo me invade como adrenalina pelo meu sistema, acordando tudo em seu percurso.

Ele me olha atordoado por um milissegundo.

— Você realmente gostou disso, não é, Srta. Steele? Você está se tornando insaciável, — ele murmura.

— Eu só sou insaciável com você, — eu sussurro.

Seus olhos se arregalam e escurecem enquanto suas mãos acariciam o meu traseiro nu.

— Pode apostar, só eu, — ele rosna, e de repente com um movimento fluído, ele tira todos os seus projetos e documentos para fora da mesa e eles se dispersam pelo chão, ele me pega nos braços, e me deita na mesa na extremidade mais curta da mesa para que a minha cabeça esteja quase na beirada.

— Você tem, o que você quer, bebê, — ele murmura, o preservativo é sacodido do bolso de sua calça enquanto ele abre a braguilha de sua calça. Oh Sr. Escoteiro. Ele coloca a camisinha em sua ereção e olha para mim. — Eu espero que você esteja pronta, — ele sussurra, um sorriso malicioso em seu rosto. E em um momento, ele está me preenchendo, segurando meus pulsos com firmeza nas minhas laterais, e enterrando em mim profundamente.

Eu gemo... *oh sim*.

— Cristo, Ana. Você está tão pronta, — ele sussurra em veneração.

Colocando minhas pernas ao redor da cintura dele, eu o seguro da única maneira que eu consigo enquanto ele fica de pé, me encarando, olhos cinzentos brilhando, apaixonado e possessivo. Ele começa a se mover, realmente se mover. Isso não é fazer amor, isso é foder – e eu amo. Eu gemo. É tão cru, tão carnal, está me fazendo tão lasciva.

Ele retorce o quadril de um lado para o outro, e a sensação é incrível.

Oh meu Deus. Eu fecho meus olhos, sentindo a acumulação – aquela deliciosa, lenta subida.

Puxando-me mais para cima, mais alto no castelo no ar. Oh sim... a sua carícia aumentando uma fração. Eu gemo alto. Eu sou toda sensação... toda dele, aproveitando cada estocada, cada pressão. E ele pega o ritmo, enfiando mais rápido... com mais força... e o meu corpo inteiro está se movendo ao seu ritmo, e eu posso sentir a rigidez nas minhas pernas, e as minhas entranhas tremendo e se acelerando.

— Vamos lá, bebê, dê para mim, — me estimula atrás dos dentes cerrados – e a necessidade fervente em sua voz – a tensão – me manda por cima do abismo.

Eu grito um apelo sem palavras enquanto eu toco o sol e me queimo, caindo ao redor dele, caindo, sem fôlego de volta para um círculo brilhante de sol na terra. Ele enfia dentro de mim e para abruptamente enquanto ele alcança seu próprio clímax, puxando meus pulsos, e se afundando graciosamente e sem palavras ao meu lado.

Uau... isso foi inesperado. Eu lentamente me materializei de volta na terra.

— Que inferno você está fazendo comigo? — ele sussurra enquanto ele funga no mesmo pescoço. — Você me seduz totalmente, Ana. Você tece uma poderosa magia.

Ele libera meus pulsos, e eu passo meus dedos pelo cabelo, descendo do meu furor. Eu pressiono minhas pernas com mais força ao redor dele.

— Sou eu que estou seduzida, — eu sussurro.

Ele olha para cima, me observando, sua expressão está desconcertada, alarmada até. Colocando suas mãos em cada lado do meu rosto, ele segura minha cabeça no lugar.

— Você... É... Minha, — ele diz, cada palavra destacada. — Você entende?

Ele é tão sério, tão apaixonado, um fanático. A força de sua suplica me parece tão inesperada e me deixa desarmada. Eu me pergunto por que ele está se sentindo assim.

— Sim, sua, — eu sussurro, totalmente desconcertada com seu fevor.

— Você tem certeza que tem ir para a Geórgia?

Eu assinto lentamente. E naquele breve momento, eu posso ver a expressão dele mudar e as persianas se fecharem. Abruptamente ele se fecha, me fazendo estremecer.

— Você está dolorida? — ele pergunta, se inclinando em cima de mim.

— Um pouco, — eu confesso.

— Eu gosto que você esteja dolorida. — Seus olhos ardem. — Isso a faz lembrar onde eu estive aí, e somente eu.

Ele pega o meu queixo e me beija com força, então fica de pé e estica sua mão para me ajudar a levantar. Eu olho para o pacote de alumínio ao meu lado.

— Sempre preparado, — eu murmuro.

Ele olha para mim confuso enquanto ele fecha novamente a braguilha. Eu ergo o pacote vazio.

— Um homem pode esperar, Anastásia, até sonhar, e algumas vezes os sonhos dele se tornam realidade.

Ele soa tão estranho, seus olhos queimando. Eu apenas não entendo. O meu brilho pós-foda está sumindo rápido. Qual é o problema dele?

— Então, na sua mesa, isso foi um sonho? — eu pergunto secamente, tentando dar uma leveza de humor à atmosfera entre nós.

Ele sorri um sorriso enigmático que não alcança seus olhos, e eu sei imediatamente que esta não é a primeira vez que ele fez sexo nessa mesa. O pensamento não é bem vindo. Eu me mexo desconfortavelmente enquanto o meu brilho pós-foda evapora.

— É melhor eu ir tomar um banho. — Eu fico de pé e passo por ele.

Ele faz uma careta e passa a mão no cabelo.

— Eu tenho mais umas duas ligações para fazer. Eu me juntarei a você para o café da manhã quando você sair do chuveiro. Eu acho que a Sra. Jones lavou suas roupas de ontem. Elas estão no guarda-roupa.

O quê? Quando diabos ela fez isso? Eita, será que ela podia nos ouvir? Eu ruborizo.

— Obrigada, — eu murmuro.

— Não foi nada, — ele responde automaticamente, mas há um tom em sua voz.

Eu não vou agradecer por você ter-me fodido. Apesar de ter sido bom...

— O quê? — ele pergunta, e eu percebo que estou fazendo careta.

— O que está errado? — eu pergunto baixinho.

— O que você quer dizer?

— Bem... você está mais estranho do que o normal.

— Você me acha estranho? — ele tenta segurar um sorriso.

— Vamos apenas dizer que foi um momento inesperado.

— Nosso objetivo é agradar, Sr. Grey. — Eu inclino minha cabeça para um lado como ele frequentemente faz comigo e devolvo suas palavras.

— E você me agrada, — ele diz, mas ele parece desconfortável. — Eu pensei que você iria tomar um banho.

Oh, ele está me dispensando.

— Sim... hum, eu te vejo em um momento. — Eu corro para fora de seu escritório atordoada.

Ele parecia confuso. Por quê? Eu tenho que dizer que até onde eu sei de experiências, essa foi bem satisfatória. Mas emocionalmente... bem, estou aturdida pela reação dele, e isso foi tão emocionalmente enriquecedor quanto algodão doce é nutritivo.

Sra. Jones ainda está na cozinha.

— Você gostaria de um pouco de chá agora, Srta. Steele?

— Eu vou tomar banho primeiro, obrigada, — eu murmuro e levo meu rosto em brasas rapidamente para fora do cômodo.

No chuveiro, eu tento descobrir o que está acontecendo com o Christian. Ele é a pessoa mais complicada que eu conheço, e eu não consigo entender a mudança constante do seu humor. Ele parecia bem quando eu entrei em seu escritório. Nós fizemos sexo... e então ele não estava. Não, eu não entendo. Eu olho para o meu subconsciente. Ela está assoviando com suas mãos atrás das costas e olhando para todo lugar menos para mim. Ele não tem ideia, e a minha deusa ainda está se deleitando no brilho pós-foda remanescente. Não... nós todos estamos sem ideia.

Eu seco o cabelo com a toalha, e penteio meu cabelo com o único pente de Christian, e o amarro em um coque. O vestido cor de ameixa da Kate está lavado e passado no guarda-roupa juntamente com o meu sutiã e calcinha limpos. A Sra. Jones é uma maravilha. Colocando os sapatos da Kate, eu endireito o meu vestido, respiro fundo, e sigo de volta para a grande sala.

Christian ainda não está em nenhum lugar para ser visto, e a Sra. Jones está verificando o conteúdo da despensa.

— Chá agora, Srta. Steele? — ela pergunta.

— Por favor. — Eu sorrio para ela. Eu me sinto um pouco mais confiante agora que estou vestida.

— Você gostaria de algo para comer?

— Não, obrigada.

— Claro que você vai comer alguma coisa, — Christian vocifera, olhando de cara feia. — Ela gostaria de panquecas, bacon, e ovos, Sra. Jones.

— Sim, Sr. Grey. O que você gostaria, senhor?

— Omelete, por favor, e um pouco de fruta. — Ele não tira seus olhos de mim, sua expressão indecifrável. — Sente, — ele ordena, apontando para um dos bancos da mesa.

Eu aceito, e ele se senta ao meu lado enquanto a Sra. Jones se ocupa com o café da manhã. Deus, eu fico nervosa só de imaginar alguém ouvindo nossa conversa.

— Você já comprou a sua passagem aérea?

— Não, eu vou comprá-la quando eu chegar em casa... na internet.

Ele se inclina em um cotovelo, esfregando o seu queixo.

— Você tem dinheiro?

Ah não.

— Sim, — eu digo com uma paciência fingida como se eu tivesse falando com uma criança pequena.

Ele ergue uma sobrancelha severa para mim. *Merda.*

— Sim, eu tenho, obrigada, — eu emendo rapidamente.

— Eu tenho um jato. Não está programado para ser usado pelos próximos três dias, está a sua disposição.

Eu olho boquiaberta para ele. Claro que ele tem um jato, e eu tenho que resistir a natural tendência do meu corpo de desviar meus olhos dele. Eu quero rir. Mas eu não o faço, já que eu não consigo entender o humor dele.

— Nós já fizemos um sério mau uso da sua companhia de aviação. Eu não gostaria de fazê-lo novamente.

— É a minha companhia, é o meu jato. — Ele soa quase magoado. *Ah, garotos e seus brinquedos!*

— Obrigada pela oferta. Mas eu ficaria mais feliz em pegar um voo programado.

Ele parece como se quisesse discutir mais, mas decide não fazê-lo.

— Como desejar, — ele suspira. — Você tem muita preparação a fazer para sua entrevista?

— Não.

— Bom. Você ainda não vai me contar quais são as editoras?

— Não.

Seus lábios se curvam em um sorriso relutante.

— Eu sou um homem de meios, *Srta. Steele.*

— Estou bem ciente disso, *Sr. Grey*. Você irá monitorar o meu telefone? — eu pergunto inocentemente.

— Na verdade, eu estarei bem ocupado esta tarde, então eu terei que arrumar outra pessoa para fazê-lo.

Ele sorri.

Ele está brincando?

— Se pode colocar alguém para fazer isso, é porque está com excesso de pessoal.

— Eu mandarei um email para o chefe dos recursos humanos e falarei para ela verificar o número de funcionários. — Seus lábios se retorcem para esconder seu sorriso.

Ah, graças ao Senhor, ele recuperou o seu senso de humor.

A Sra. Jones nos serve o café da manhã e nós comemos em silêncio por alguns momentos. Depois de limpar as panelas, diplomaticamente, ela sai da sala. Eu olho para ele.

— O que foi, Anastásia?

— Sabe, você nunca me contou o motivo de você não gostar de ser tocado.

Ele empalidece e sua reação me faz sentir culpada por ter perguntado.

— Eu te contei coisas que eu jamais contei a alguém. — Sua voz está baixa enquanto ele me olha impassivamente.

E está claro para mim que ele nunca confidenciou nada para ninguém. Ele não tem amigos próximos? Talvez ele contou para a Sra. Robinson? Eu quero perguntar a ele, mas eu não posso... eu não posso forçar a invasão. Sacudo a cabeça na realização. Ele realmente é uma ilha.

— Você pensará sobre o nosso acordo enquanto você estiver fora? — ele pergunta.

— Sim.

— Você sentirá minha falta?

Eu olho para ele, surpresa por sua pergunta.

— Sim, — eu respondo honestamente.

Como ele pode significar tanto para mim em tão pouco tempo? Ele conseguiu ficar sob minha pele... literalmente. Ele sorri e seus olhos brilham.

— Eu sentirei sua falta também. Mais do que você imagina, — ele suspira.

Meu coração se aquece pelas suas palavras. Ele realmente está tentando, bastante. Ele gentilmente acaricia minha bochecha, se abaixa, e me beija suavemente.

Já é o final da tarde, e eu sento nervosa e inquieta no átrio à espera do Sr. J. Hyde da Editora Seattle Independent. Esta é a minha segunda entrevista hoje, e a aquela que eu estou mais ansiosa. Minha primeira entrevista foi boa, mas é um grande conglomerado com escritórios sediados em todos os EUA, e eu seria uma de muitas assistentes editoriais lá. Eu posso imaginar ser engolida e cuspida bem rapidamente em tal máquina corporativa.

A editora SIP é onde eu quero estar. É pequena e não convencional, defendendo os autores locais, e tem um elenco interessante e peculiar de clientes.

Ao meu redor o ambiente é pouco decorado, austero, mas eu acho que é declaração dos projetos da empresa que uma falta de recurso e desleixo. Eu estou sentada em um dos dois sofás *chesterfield* verde escuro de couro... não muito diferente do sofá que o Christian tem em seu quarto de jogos. Eu acaricio o couro apreciativamente e me pergunto à toa o que Christian faz naquele sofá. Minha mente vagueia enquanto eu penso nas possibilidades... não.... eu não preciso pensar nisso agora. Eu fico vermelha por conta dos meus pensamentos impertinentes e inadequados.

A recepcionista é uma mulher afro-americana com grandes brincos pratas e um longo cabelo liso. Ela tem uma aparência de boemia, o tipo de mulher que eu poderia virar amiga. O pensamento é confortante. A cada momento, ela olha para cima para mim, para longe de seu computador e sorri tranquilizadoramente. Eu timidamente retorno o sorriso.

O meu vôo está marcado; minha mãe está no sétimo céu que eu vou visitar; já arrumei as malas, e Kate concordou em me levar para o aeroporto. Christian exigiu que eu levasse o meu Blackberry e o Mac. Eu reviro meus olhos com a memória de sua prepotência arrogante, mas eu percebo agora que é somente a maneira que ele é. Ele gosta de controlar tudo, incluindo eu. No entanto, ele é tão imprevisível e surpreendentemente agradável também. Ele pode ser carinhoso, bem-humorado, até mesmo doce. E quando ele é, é tão estranho e inesperado. Ele insistiu em me acompanhar o caminho todo até o meu carro na garagem. Meu Deus, eu vou estar fora por apenas alguns dias, ele está agindo como eu fosse estar fora por semanas. Ele me mantém com o pé atrás permanentemente.

— Ana Steele? — Uma mulher com um cabelo longo, preto, parecendo de uma época pré-rafaelita[30] estava parada ao lado da mesa da recepção e me distrai da minha introspecção. Ela tem a mesma aparência boêmia e esvoaçante igual à recepcionista. Ela poderia estar no final dos

[30] Na Inglaterra de 1848, um grupo de jovens artistas forma uma irmandade chamada "Os Pré-Rafaelitas". Um importante movimento artístico que mudou os rumos da estética da arte, em uma época que os artistas tinham voz, coragem e, sobretudo, ideal. Estes artistas eram jovens destemidos que lutaram pelo que acreditavam ser a forma ideal de se fazer arte.

trinta anos, talvez nos quarenta. É tão difícil dizer as idades de mulheres mais velhas.

— Sim, — eu respondo, me levantando desajeitadamente.

Ela me oferece um sorriso educado, seus frios olhos castanhos me avaliam. Eu estou vestindo um dos vestidos da Kate, um babador preto sobre uma camisa branca, e os meus saltos altos pretos. Toda entrevista, eu penso. Meu cabelo está preso em um rabo de cavalo, e pela primeira vez os fios estão se comportando... ela estica sua mão para mim.

— Olá, Ana, meu nome é Elizabeth Morgan. Eu sou a responsável pelo Recursos Humanos aqui na SIP. Como você está? — Eu balanço a mão dela. Ela parece bem casual para ser a chefe do RH.

— Por favor, me siga.

Atravessamos as portas duplas atrás da área da recepção, e entramos em um grande e plano escritório brilhantemente decorado, e de lá, para dentro de uma pequena sala de reunião. As paredes são de um verde-claro, forradas com imagens de capas de livros. À frente da mesa de bordo de conferência senta um jovem com o cabelo vermelho amarrado em um rabo de cavalo. Brincos pequenos, de argola, prateados, brilham em suas duas orelhas. Ele veste uma camisa azul-clara, sem gravata, e calças de flanela cinza. Ao me aproximar, ele se levanta e olha para mim com insondáveis olhos azuis escuros.

— Ana Steele, eu sou Jack Hyde, um dos editores-chefes da SIP, e eu estou muito contente em te conhecer.

Nós apertamos as mãos, e sua expressão escura é ilegível, apesar de ser amigável o bastante, eu acho.

— Você viajou de longe? — ele pergunta agradavelmente.

— Não, eu recentemente me mudei para Pike Street Market.

— Ah, não muito longe então. Por favor, sente-se.

Eu sento, e Elizabeth toma o seu lugar ao lado dele.

— Então por que você gostaria de fazer estágio aqui para nós na SIP, Ana? — ele pergunta.

Ele diz o meu nome suavemente e inclina a cabeça para um lado, como alguém que eu conheço... é enervante. Estou fazendo o meu melhor para ignorar a desconfiança irracional que ele me inspira, me lançando no meu discurso cuidadosamente preparado, consciente de que um rubor rosado está se espalhando pelo meu rosto. Eu olho para os dois, lembrando da palestra de Katherine Kavanagh sobre a Técnica de Entrevista de Sucesso... mantenha o contato com os olhos, Ana! Cara, esse mulher pode ser mandona também, às vezes. Jack e Elizabeth me escutam atentamente.

— Você possui uma média bem impressionante. Que atividades extracurriculares você desfrutou em fazer na WSU?

Desfrutar?! Eu pisco para ele. Que escolha estranha de palavra. Eu me lanço nos detalhes de quando trabalhei na biblioteca central do campus,

e a minha única experiência entrevistando um homem obscenamente rico para a revista estudantil. Eu encubro a parte sobre a qual eu não realmente escrevi o artigo. Menciono duas sociedades literárias nas quais eu participei e concluo com o trabalho em Clayton e todo aquele conhecimento inútil que eu agora possuo sobre hardware e o faça-você-mesmo.

Os dois riem, que era a resposta que eu esperava. Lentamente, eu relaxo e começo a desfrutar.

Jack Hyde faz perguntas afiadas e inteligentes, mas eu não me derrubo...eu continuo, e quando nós discutimos as minhas preferências literárias e os meus livros favoritos, eu acho que consigo manter bem a conversação. Jack, por outro lado, parece apenas favorecer a literatura americana escrita depois de 1950. Nada mais.

Sem clássicos... nem mesmo Henry James ou Upton Sinclair ou F. Scott Fitzgerald. Elizabeth não diz nada, apenas assente ocasionalmente e toma notas. Jack, apesar de argumentativo, tem um charme próprio, e minha cautela inicial se dissipa ao longo da conversa.

— E onde você se vê em cinco anos? — ele pergunta.

Com Christian Grey, o pensamento vem involuntariamente na minha cabeça. A minha mente errante me faz franzir.

— Como editora talvez? Talvez uma agente literária, eu não tenho certeza. Estou aberta a oportunidades. — Ele sorri.

— Muito bom, Ana. Eu não tenho mais perguntas. Você tem? — ele direciona sua pergunta para mim.

— Quando você gostaria que a pessoa começasse? — eu pergunto.

— O quanto antes, — Elizabeth oferece. — Quando você pode começar?

— Estou disponível a partir da próxima semana.

— Isso é bom saber, — Jack diz.

— Se é isso que todos têm a dizer, — Elizabeth olha para nós dois, — eu acho que isso conclui a nossa entrevista. — Ela sorri gentilmente.

— Foi um prazer te conhecer, Ana, — Jack diz suavemente quando ele pega a minha mão. Ele a aperta gentilmente, para que eu olhe para ele enquanto eu digo adeus.

Eu me sinto inquieta enquanto eu faço o meu caminho para o carro, embora eu não saiba dizer o motivo. Eu acho que a entrevista foi boa, mas é tão difícil dizer. Entrevistas parecem ser situações tão artificiais, todos em seu melhor comportamento, tentando desesperadamente se esconder atrás de uma fachada profissional. Será que o meu rosto se encaixa? Terei de esperar para ver.

Eu subo no meu Audi A3 e sigo de volta para o apartamento, apesar de eu ir com calma. Estou no vôo da madrugada com uma parada em Atlanta, mas o meu vôo não sai até as 10:25 desta noite, então eu tenho bastante tempo.

Kate está desempacotando caixas na cozinha quando eu retorno.

— Como foi? — ela pergunta, excitada. Somente Kate fica linda em uma camiseta grande demais, jeans velho, e uma bandana azul escura.

— Bem, obrigada, Kate. Não tenho certeza se essa roupa era moderna o bastante para a segunda entrevista.

— Oh?

— Teria ido melhor com algo boêmio e elegante.

Kate ergue uma sobrancelha.

— Você e seu boêmio e elegante. — Ela inclina a cabeça para um lado — *Aff! Porque todo mundo está me lembrando do meu favorito Cinquenta sombras?* — Na verdade, Ana, você é uma das poucas pessoas que podem realmente usar esse tipo de modelo.

Eu sorrio.

— Eu realmente gostei da segunda entrevista. Eu acho que eu poderia me encaixar lá. O cara que me entrevistou me deixou nervosa, no entanto, — eu paro de falar... merda eu estou falando com a detetive Kavanagh aqui. *Cala a boca Ana!*

— Oh? — O radar Katherine Kavanagh detecta um fato interessante para entra em ação... um assunto que apenas irá surgir em algum momento inoportuno e vergonhoso, o que me lembra.

— Alías... por favor, você poderia parar de provocar o Christian? O seu comentário sobre o José no jantar ontem foi fora de linha. Ele é um cara ciumento. O que você fez, não foi legal.

— Olha, se ele não fosse irmão do Elliot eu teria dito coisa bem pior. Ele é realmente um maníaco por controle. Eu não sei como você aguenta. Eu estava tentando deixá-lo com ciúmes... dando a ele um pouco de ajuda com os seus problemas de relacionamento. — Ela ergue a mão defensivamente. — Mas... se você não quer que eu interfira, eu não vou, — ela diz rapidamente por causa da minha careta.

— Bom. A vida com Christian já é complicada o bastante, confie em mim.

Meu Deus, eu soo como ele.

— Ana, — ela pausa e me encara. — Você está bem, não está? Você não está correndo para a sua mãe para escapar?

Eu ruborizo.

— Não Kate. Foi você quem disse que eu precisava de um tempo.

Ela fecha a distância entre nós e pega a minha mão... um coisa não típica da Kate.

Ah não... lágrimas ameaçam.

— Você está, eu não sei... diferente. Eu espero que você esteja bem, e quaisquer que sejam os problemas que você está tendo com o Sr. Cheio da Grana, você pode falar comigo. E eu tentarei não incomodá-lo, apesar de que

francamente me ser muito atraente a ideia, mas... Olha, Ana, se algo está errado, você irá me contar, eu não vou julgar. Eu tentarei entender.

Eu tento segurar as lágrimas.

— Ah, Kate. – Eu a abraço. — Eu acho que eu realmente me apaixonei por ele.

— Ana, qualquer um pode ver isso. E ele também se apaixonou por você. Ele está louco por você. Não consegue tirar os olhos de você.

Eu rio incerta.

— Você acha?

— Ele não te falou?

— Não em tantas palavras.

— Você contou para ele?

— Não em tantas palavras. — Eu dou de ombros apologeticamente.

— Ana! Alguém tem que dar o primeiro passo, senão vocês nunca chegarão em lugar algum.

O quê... dizer a ele como eu me sinto?

— Eu estou com medo de assustá-lo.

— E como você sabe se ele não está sentindo o mesmo?

— Christian, com medo? Eu não posso imaginá-lo com medo de nada.

Mas enquanto eu digo as palavras, eu o imagino como uma criança pequena. Talvez o medo fosse tudo o que ele conhecesse. Uma tristeza aperta e esmaga o meu coração com o pensamento.

Kate olha para mim com os lábios apertados e olhos estreitos, bem como o meu subconsciente... tudo que ela precisa é dos óculos meia-lua.

— Vocês dois precisam se sentar e conversar um com o outro.

— Nós não temos conversados ultimamente. — Eu ruborizo. Comunicação não-verbal não esta indo mal. Bem, muito mais do que bem.

Ela sorri.

— Isso seria sexo por mensagem! Se isso está indo bem, então isso é meia batalha ganha Ana. Eu vou pegar comida chinesa. Você quer um pouco?

— Eu estarei... nós não temos que sair por mais duas horas ainda.

— Não... eu te verei em vinte minutos. — Ela pega seu casaco e sai, esquecendo-se de fechar a porta. Eu a fecho atrás dela e sigo para o meu quarto pensando sobre suas palavras.

Christian está com medo dos seus sentimentos por mim? Ele tem sentimentos mesmo por mim? Ele parece bem veemente, diz que sou dele... mas isso só é parte do seu eu dominante eu-devo-possuir-e-ter-tudo-agora, maníaco-por-controle, certamente. Eu percebo que enquanto eu estiver fora eu terei que repassar por todas as nossas conversas novamente e ver se eu consigo descobrir algum sinal.

Eu sentirei sua falta também... mais do que você imagina...

Você me enfeitiçou completamente...

Eu balanço minha cabeça. Eu não quero pensar sobre isso agora. Eu estou carregando o BlackBerry, eu não estive com ele a tarde inteira. Eu me aproximo dele com cuidado, e estou desapontada que não há mensagens. Eu ligo o aparelho maligno, e não há mensagens também. O mesmo endereço de email Ana... o meu subconsciente revira seus olhos para mim, e pela primeira vez, eu entendo o porquê do Christian quer me dar uns tapas quando eu faço isso.

Ok. Bem, eu vou escrever um email para ele.

De: Anastásia Steele
Assunto: Entrevistas
Data: 30 de Maio de 2011 18:49
Para: Christian Grey

Querido Senhor

Minhas entrevistas foram boas hoje.
Pensei que você pudesse estar interessado.
Como foi o seu dia?

Ana

Eu sento e encaro a tela. As respostas de Christian normalmente são instantâneas. Eu espero... e espero, e finalmente eu ouço o som da minha caixa de entrada.

De: Christian Grey
Assunto: Meu dia
Data: 30 de Maio de 2011 16:03
Para: Anastásia Steele

Querida Srta. Steele

Tudo o que você faz me interessa, você é a mulher mais fascinante que eu conheço.

Estou feliz que as suas entrevistas foram boas.

Minha manhã foi além de todas as expectativas.

Minha tarde foi bem enfadonha em comparação.

Christian Grey
CEO, Grey Empreendimentos e Hodlings Ltda.

De: Anastásia Steele
Assunto: Ótima Manhã
Data: 30 de Maio de 2011 19:05
Para: Christian Grey

Querido Senhor

A minha manhã foi além das expectativas para mim também, apesar de você ter ficado meio que estranho depois do impecável sexo na mesa. Não pense que eu não notei.

Obrigada pelo café da manhã. Ou agradeça a Sra. Jones.

Eu gostaria de fazer perguntas sobre ela depois – sem você ficar estranho comigo de novo.

Ana

Meus dedos pairam sobre o botão de enviar, e eu fico mais corajosa em saber que eu estarei do outro lado do continente há esta hora amanhã.

De: Christian Grey
Assunto: Publicação e Você?
Data: 30 de Maio de 2011 19:10
Para: Anastásia Steele

Anastásia

'Ficar meio estranho' não é um termo que deveria ser usado por alguém que quer fazer uma carreira em Publicação. Impecável? Comparado ao quê, por favor me conte? E o que você precisa me perguntar sobre a Sra. Jones? Estou intrigado.

Christian Grey
CEO, Grey Empreendimentos e Holdings Ltda.

De: Anastásia Steele
Data: 30 de Maio de 2011 19:17
Para: Christian Grey
Assunto: Você e a Senhora Jones

Querido Senhor

A linguagem evolui com o tempo e vai seguindo. É algo vivo. Não está presa numa torre de marfim, cheia de obras de arte caras e com uma visão panorâmica da maior parte de Seattle com um helicóptero em seu telhado.

Impecável – comparado às outras vezes que nós... qual é a sua palavra... ah, sim... fodemos. Na verdade, a foda tem sido bem impecável, ponto final, na minha humilde opinião – mas então como você sabe eu tenho uma experiência bem limitada.

A Sra. Jones é uma ex-sub sua?

Ana

Meus dedos pairam mais uma vez no botão de enviar, e eu pressiono.

De: Christian Grey
Assunto: Linguagem. Olha a boca!
Data: 30 de Maio 2011 19:22
Para: Anastásia Steele

Anastásia

A Sra. Jones é uma empregada valorizada. Eu nunca tive qualquer tipo de relacionamento com ela além do profissional. Eu não emprego ninguém com quem eu tive um relacionamento sexual. Estou chocado que você pense assim. A única pessoa que eu faria uma exceção a esta regra seria você – porque você é uma jovem brilhante com habilidades impressionantes de negociação.

No entanto, se você continuar usando essa linguagem, eu posso ter que reconsiderar em incorporá-la a minha planilha. Estou feliz que você tem experiência limitada. A sua experiência continuará sendo limitada – apenas comigo. Eu deverei considerar impecável como um elogio... apesar de que

contigo, eu nunca tenho certeza se é isso que você quer dizer, ou se o seu senso de ironia está levando vantagem sobre você... como sempre.

Christian Grey
CEO, Grey Empreendimentos e Holdings Ltda. De sua Torre de Marfim

---

De: Anastásia Steele
Assunto: Nem por todo Chá na China
Data: 30 de Maio de 2011 19:27
Para: Christian Grey

Querido Sr. Grey

Eu acho que já expressei as minhas reservas sobre trabalhar em sua empresa. Minhas opiniões a respeito disso não mudaram, e não vão mudar, e nunca irão mudar. Eu devo te deixar agora já que Kate retornou com comida. O meu senso de ironia e eu, te damos boa noite.

Eu entrarei em contato quando estiver na Geórgia.

Ana

De: Christian Grey
Para: Nem Mesmo o Volúvel Chá Inglês do Café da Manhã?
Data: 30 de Maio 2011 19:29
Para: Anastásia Steele

Boa noite Anastásia.

Eu espero que você e o seu senso de ironia tenham um bom voo.
Christian Grey

CEO, Grey Empreendimentos e Holding Ltda.

Kate e eu paramos do lado de fora da área de embarque no terminal do Aeroporto Sea-Tac. Se inclinando, ela me abraça.

— Aproveite Barbados, Kate. Tenha um maravilhoso feriado.

— Eu te vejo quando voltar. Não deixe o velho saco de dinheiro te estressar.

— Eu não vou.

Nós nos abraçamos de novo – e então estou sozinha. Eu sigo até a área de check-in e fico na fila, esperando pela minha bagagem de mão. Eu não me incomodei com uma mala, só uma mochila prática que Ray me deu no meu último aniversário.

— Passagem, por favor? — O jovem entediado atrás da mesa estica a mão sem olhar para mim.

Espelhando o seu tédio, eu entrego a minha passagem e a minha carteira de motorista como documento. Estou esperando por um assento na janela se for possível.

— Ok, Srta. Steele. Você foi promovida para a primeira classe.

— O quê?

— Senhora, você gostaria de ir até a sala de espera da primeira classe e esperar pelo seu vôo lá. — Ele parece ter acordado e está sorrindo para mim como se eu fosse a Fada do Natal e o Coelhinho da Páscoa em um mesmo pacote.

— Claramente há algum erro.

— Não, não. — Ele verifica a tela de seu computador novamente. — Anastásia Steele – promovida. — Ele me oferece um sorriso afetado.

Aff. Eu estreito meus olhos. Ele me entrega um cartão de embarque, e eu sigo na direção da sala de embarque da primeira classe murmurando baixinho. Maldito Christian Grey, controlador louco e intrometido – ele apenas não consegue deixar as coisas quietas.

Capítulo 22

Fizeram minha unha, me massagearam, e eu tomei duas taças de champanhe. A Primeira classe tinha muitas características redentoras. Com cada gole de Moet, eu me sentia ligeiramente mais propensa a perdoar Christian e sua intervenção. Eu abro meu MacBook, esperando testar a teoria que isso funciona em qualquer lugar no planeta.

De: Anastásia Steele

Assunto: Gestos mais que Extravagante

Data: 30 de maio 2011 21:53

Para: Christian Grey

Querido Sr. Grey

O que realmente me preocupa é como você soube em que vôo eu estava.

Sua perseguição não conhece limite. Vamos esperar que Dr. Flynn tenha voltado de suas férias.

Fizeram minhas unhas, recebi massagem nas costas e tomei duas taças de champanhe – um começo muito bom para minhas férias.

Obrigada.

Ana

De: Christian Grey

Assunto: Você é Muito Bem-vinda

Data: 30 de maio 2011 21:59

Para: Anastásia Steele

Querida Senhorita Steele

Dr. Flynn está de volta, e eu tenho um encontro com ele esta semana.

Quem massageou suas costas?

Christian Grey

CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

Aha! Hora do troco. Nosso vôo foi anunciado assim eu devo responder o e-mail dele no avião. Será mais seguro. Eu quase abraço eu mesma com uma alegria maliciosa.

Existe tantos quartos na primeira classe. Com um coquetel de champanhe na mão, eu me sento em uma suntuosa cadeira de couro na janela enquanto a cabine lentamente se enchia. Eu ligo para Ray para dizer a ele onde eu estou – Um telefonema misericordiosamente breve, já que é tão tarde para ele.

— Amo você, Papai, — eu murmuro.

— Também te amo, Annie. Diga oi para sua mãe. Boa noite.

— Boa noite — Eu desligo.

Ray está em boa forma. Eu olho fixamente para meu Mac e com a mesma alegria infantil se construindo.

Abrindo meu notebook, eu abro meu e-mail.

De: Anastásia Steele

Assunto: Hábeis e fortes mãos

Data: 30 de maio 2011 22:22

Para: Christian Grey

Querido Senhor.

Um homem jovem e muito agradável massageou minhas costas. Sim. Realmente muito agradável. Eu não teria encontrado Jean-Paul na sala de embarque comum – então muito obrigada novamente por esse tratamento.

Eu não estou certa se terei permissão para responder seu próximo e-mail uma vez que nós decolarmos, e eu preciso de meu sonho de beleza desde que eu não tenho dormido tão bem recentemente.

Sonhos agradáveis Sr. Greys… pensando em você.

Ana

Oh, ele vai pirar – e eu estarei no ar e fora de seu alcance. Que lhe sirva de lição.

Se eu estivesse na sala de embarque comum Jean-Paul não teria conseguido colocar suas mãos em mim. Ele é um jovem muito agradável, loiro com um bronzeado permanente – honestamente, quem se bronzeia em Seattle? Que absurdo. Eu penso que ele é gay – mas eu manterei esse detalhe para mim mesmo. Eu olho fixamente para meu e-mail. Kate está certa. É como pescar em um aquário. Meu subconsciente me encarava fixamente com uma torção feia em sua boca – você realmente quer deixá-lo com raiva? O que ele fez é doce, você sabe! Ele se importa com você e quer que você viaje com estilo. Sim, mas ele podia ter perguntado ou dizer a mim.

Não me fazer parecer como uma completa desajeitada no check-in. Eu aperto o enviar e espero, me sentindo como uma menina muito malcriada.

— Senhorita Steele, você precisará guardar seu notebook para a partida,— a assistente de vôo educadamente diz. Ela me faz salta. Minha consciência culpada estava trabalhando.

— Oh, desculpe.

Droga. Agora eu terei que esperar para saber se ele respondeu. Ela me deu um cobertor e travesseiro suave, mostrando seus dentes perfeitos. Eu coloco o cobertor acima de meus joelhos. É bom sentir mimada às vezes.

A cabine se enche, com exceção da cadeira ao lado da minha que está ainda desocupada. Oh não... um pensamento perturbador cruza minha mente. Talvez essa cadeira é de *Christian.* Oh droga...

Não... ele não faria isto. Não é? Eu disse a ele que não queria que ele viesse comigo. Eu olho ansiosamente em meu relógio e então a voz mecânica anuncia.

— Tripulação da cabine, coloquem o cinto é hora da verificação.

O que isso quer dizer? Eles estão fechando as portas? Meu couro cabeludo alfineta enquanto me sento com uma palpitante antecipação. A cadeira próxima a minha é a única desocupada na cabine de dezesseis cadeiras. O avião arranca com uma sacodida, e eu suspiro de alívio, mas também sinto uma picada lânguida de decepção... sem Christian durante quatro dias. Eu espio o visor do meu BlackBerry.

De: Christian Grey

Assunto: Aprecie isto Enquanto Você Pode

Data: 30 de maio 2011 22:25

Para: Anastásia Steele

Querida Senhorita Steele

Eu sei o que você está tentando fazer – e acredite – você conseguiu. Da próxima vez você irá no bagageiro, atada e amordaçada em um engradado. Acredite que me encarregar que você viaje nessas condições me dará mais prazer do que trocar a passagem por uma de primeira classe.

Eu espero ansiosamente seu retorno.

Christian Grey

CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

Meu Deus. Esse é o problema com o humor de Christian – eu nunca estou certa se ele foi engraçado ou se estava seriamente bravo. Eu suspeito que nesta ocasião ele esteja seriamente bravo. Disfarçadamente, para que o comissário de bordo não veja, eu digito uma resposta debaixo do cobertor.

De: Anastásia Steele

Assunto: Brincando?

Data: 30 de maio 2011 22:30

Para: Christian Grey

Veja – eu não tenho nenhuma ideia se você está brincando. Se você não estiver – então eu penso que eu ficarei na Geórgia. Os engradados são um limite para mim. Desculpe ter te deixado bravo. Diga-me que você me perdoa.

A.

De: Christian Grey

Assunto: Brincando

Data: 30 de maio 2011 22:31

Para: Anastásia Steele

Como é que você está mandando email? Você está arriscando a vida de todo mundo a bordo, inclusive de você mesma, usando seu BlackBerry? Eu penso que isto infringe uma das regras.

Christian Grey

***CEO, com as duas mãos soltas se contraído*, Grey Participações e Empreendimentos Inc**.

Duas mãos! Eu coloco no lugar meu BlackBerry, me reencosto no assento enquanto o avião taxia na pista, e retiro minha cópia esfarrapada de

Tess – uma leitura leve para a viagem. Uma vez que estamos voando, eu inclino minha cadeira para trás, e logo eu estou flutuando para o sono.

O comissário de vôo me desperta quando começamos nossa descida em Atlanta. 5:45 da manhã, horário local, mas eu só tive umas quatro horas de sono ... eu me sinto embriagada, mas agradeço o suco de laranja que a comissária me oferece. Eu olho nervosamente para o meu BlackBerry. Não existe nenhum e-mail adicional de Christian. Bem, é quase três de manhã em Seattle, e ele provavelmente quer evitar que eu sobrecarregue o sistema aéreo, ou quer evitar que deixe os celulares ligados quando estiver dentro dos aviões.

A espera em Atlanta é só de uma hora. E novamente eu estou deleitando-me na sala de embarque da primeira classe. Estou tentada a me enrolar e dormir em um dos macios e convidativos sofás que afundam suavemente debaixo de meu peso. Mas isso não é suficiente para me manter acordada, eu começo um interminável monólogo interior dirigido a Christian.

De: Anastásia Steele

Assunto: Você gosta de me assustar?

Data: 31 de maio 2011 06:52 EST

Para: Christian Grey

Você sabe o quanto me desagrada que você gaste dinheiro comigo. Sim, você é muito rico, mas isso me deixa desconfortável, é como se você me pagasse por sexo. Porém, eu gosto de viajar em primeira classe, é um tanto mais civilizado que classe econômica. Então obrigada. Eu quero dizer isto – e eu apreciei a massagem de Jean Paul. Ele era muito gay. Eu omiti esse pequeno detalhe no meu e-mail para te provocar, porque eu estava aborrecida com você, e sinto muito sobre isto.

Mas como sempre, você exagerou. Você não pode dizer coisas assim para mim (atada e amordaçada em uma caixa – Você estava falando sério ou era uma brincadeira?) Isso me assusta... você me assusta... eu estou completamente atada em seu feitiço, considerando seu estilo de vida que eu até então não sabia que existia até o último sábado, e então você escreve algo assim e eu quero sair correndo gritando. Eu não irei, claro, porque eu sentiria sua falta. Realmente sentiria sua falta. Eu quero que nós tentemos, mas eu tenho horror à profundidade dos sentimentos que eu tenho por você e o caminho escuro que você está me levando. O que você está oferecendo é erótico e sensual, e eu sou curiosa, mas eu também estou assustada que

você me machuque – fisicamente e emocionalmente. Depois de três meses você pode dizer adeus, e como eu vou ficar depois disso? Entretanto eu suponho que esse risco está lá em qualquer relação. Isto só não é o tipo de relação que eu me imaginei tendo, especialmente como meu primeiro. É um pulo enorme de fé para mim.

Você estava certo, quando disse que eu não tenho um osso submisso em meu corpo... e eu concordo com você agora. Tendo dito isto, eu quero estar com você, e se é isso que tenho que fazer, eu gostaria de tentar, mas penso que se eu fosse fazer isso e acabaria com hematomas – e eu não aprecio essa ideia.

Eu estou tão feliz que você disse que você tentará mais. Eu só preciso pensar sobre o que o 'Mais' significa para mim, e isto é uma das razões por que eu quis alguma distância. Você me deslumbra tanto que eu acho muito difícil pensar claramente quando nós estamos juntos.

Eles estão chamando meu vôo. Eu tenho que ir.

Até mais tarde

Sua Ana

Eu aperto o enviar e faço meu caminho sonolento para o portão de partida para embarcar em um avião diferente.

Este aqui tem só seis cadeiras na primeira classe, e uma vez que nós estamos no ar, eu enrolo-me debaixo de meu cobertor suave e adormeço.

Muito cedo, eu sou despertada pelo comissário de vôo oferecendo a mim mais suco de laranja quando nós começamos a nossa descida para Savannah Internacional. Eu engulo lentamente, muito cansada, e permito a mim mesmo sentir um pouco de excitação. Eu vou ver minha mãe pela primeira vez em seis meses. Espio para a tela do meu BlackBerry, eu lembro vagamente que enviei um longo e-mail para Christian – mas não tinha nenhuma resposta. É cinco da manhã em Seattle – esperançosamente espero que ele esteja ainda dormindo e não esteja tocando lamentos tristes em seu piano.

O bom das mochilas de mão é que pode sair rápido do aeroporto sem ter que esperar eternamente pelas bagagens nos carrosséis. A beleza de viajar em primeira classe é que eles deixam você sair do avião primeiro.

Minha mãe está esperando com Bob, e é tão bom ver eles. Eu não sei se foi por causa de esgotamento, a jornada longa, ou toda a situação com Christian, mas assim que eu estou nos braços da minha mãe, eu entro repentinamente em lágrimas.

— Oh Ana, querida. Você deve estar tão cansada. — Ela olha ansiosamente para Bob.

— Não mãe, é só que ... Eu estou tão contente em ver você. — Eu firmemente a abraço.

Ela parece tão boa, acolhedora é como minha casa. Relutantemente, eu a solto, e Bob me dá um abraço desajeitado. Ele parece instável em seus pés, e eu lembro que ele machucou sua perna.

— Bem-vinda de volta, Ana. Por que você chorando? — Ele pergunta.

— Aw, Bob, eu só estou contente por ver você também. — Eu olho fixamente para cima, para seu bonito rosto com mandíbula quadrada, e seus brilhantes olhos azuis que olham para mim com carinho. Eu gosto deste marido, Mãe. Você pode ficar com ele. Ele toma minha mochila.

— Jesus, Ana, o que você tem aqui?

Será o Mac? Eles dois põem seus braços ao redor de mim enquanto nos dirigirmos ao estacionamento.

Eu sempre esqueço o quão insuportavelmente quente é Savannah. Deixando o fresco ar condicionado no salão de chegada, nós andamos pelo calor da Geórgia... Aff... É esgotador.

Eu tenho que sair do abraço de mamãe e Bob para eu tirar meu moletom. Eu estou tão feliz porque trouxe shorts. Eu sinto falta do calor seco de Vegas às vezes, onde eu vivi com mamãe e Bob quando eu tinha dezessete anos, mas este calor úmido, mesmo às 8:30 de manhã, leva algum tempo para se acostumar. Quando eu estou atrás de Bob, no maravilhoso ar-condicionado do Tahoe SUV, eu me sinto mole, e meu cabelo crespo começou a protestar pelo calor.

Atrás do SUV eu escrevo um rápido texto para Ray, Kate, e Christian:

Cheguei sã e salva em Savannah. A :)

Meus pensamentos se perdem brevemente em José quando eu aperto enviar, em meio a minha fadiga, eu lembro que sua exposição é na semana que vem. Eu devia convidar Christian sabendo como ele se sente sobre José? Christian ainda quererá me ver depois daquele e-mail? Eu estremeço ante ao pensamento, e então apago isto. Eu lidarei com isso mais tarde. Agora mesmo eu vou apreciar a companhia da minha mãe.

— Querida, você deve estar cansada. Você gostaria de dormir quando nós chegamos em casa?

— Não, mãe. Eu gostaria de ir para a praia.

Eu estou com meu biquíni azul, bebendo uma Coca-Cola de Dieta, em uma espreguiçadeira enfrentando o Oceano Atlântico, e pensando que ontem eu estava encarando o Sound em direção ao Pacífico.

Minha mãe está deitada ao meu lado com um chapéu de sol ridiculamente grande e mole, estilo Jackie O, bebericando sua própria Coca-Cola. Nós estamos na Praia Tybee Island, só a três quarteirões de casa.

Ela segura minha mão. Minha fadiga diminuiu, e enquanto eu me embebedo do sol, eu me sinto confortável, segura, e morna. Pela primeira vez em muito tempo, eu começo a relaxar.

— Então Ana… diga-me sobre este homem que te deixa tão louca.

Louca! Como ela pode saber? O que vou dizer? Eu não posso conversar sobre Christian em grandes detalhes por causa do NDA, mas mesmo assim, eu conversaria com minha mãe sobre isto? Eu pisco ante ao pensamento.

— Bem? — Ela inicia e aperta minha mão.

— Seu nome é Christian. Ele é além de bonito. Ele é rico… muito rico. Ele é muito complicado e temperamental.

Sim – eu me sinto desordenadamente contente com meu resumo conciso e preciso. Eu viro para o lado, para encará-la, da mesma maneira ela faz o mesmo movimento. Ela olha para mim com seus olhos azuis cristalinos.

— Complicado e temperamental são os dois pedaços dessas informações que eu quero me concentrar, Ana.

Oh não…

— Oh, Mãe, suas mudanças de humor me deixam atordoada. Ele teve uma educação horrenda, então ele é muito fechado, difícil de entender.

— Você gosta dele?

— É mais que isso.

— Realmente?— Ela fica com a boca aberta.

— Sim, Mãe.

— Homens não são realmente complicados, Ana, querida. Eles são criaturas muito simples e literais. Eles normalmente querem dizer o que eles dizem. E nós gastamos horas tentando analisar o que eles disseram – Quando realmente é óbvio. Se eu fosse você, eu o levaria literalmente. Isso poderia ajudar.

Eu fico pasma com ela. Isto soa como um bom conselho. Tome Christian literalmente. Imediatamente algumas das coisas que ele me diz surgem em minha mente.

Eu não quero perder você...

Você me encantou...

Você me enfeitiçou completamente...

Eu sentirei sua falta também... mais do que você imagina...

Eu olho em minha mãe. Ela está em seu quarto casamento. Talvez ela soubesse algo sobre homens afinal.

— A maioria dos homens são mal-humorados, alguns um pouco mais do que outros. Tome seu pai por exemplo... — Seus olhos suavizam e entristecem sempre que ela pensa sobre meu papai. Meu papai real, este homem mítico que eu nunca conheci, tirado muito cruelmente de nós em um acidente de treinamento de combate quando ele era um marinheiro. Uma parte de mim pensa que minha mãe tem procurado por alguém igual ao meu papai todo esse tempo... talvez ela tenha finalmente achada o que ela procurando em Bob. Pena que ela não pode achar isto com Ray.

— Eu costumava pensar que seu pai era mal-humorado. Mas agora quando eu olho para trás, eu só penso que ele estava muito concentrado em seu trabalho e tentando construir uma vida para nós. — Ela suspira. — Ele era tão jovem, nós dois éramos. Talvez esse fosse o problema.

Hum.. Christian não é exatamente velho. Eu sorrio ternamente para ela. Ela pode se tornar muito emotiva quando pensa sobre meu pai, mas eu estou certa que ele não tinha nada parecido com os humores de Christian.

— Bob quer nos levar hoje à noite para jantar. No seu clube de golfe.

— Oh não! Bob começou a jogar golfe? — Eu ridicularizo em descrença.

— Nem me diga isso,— geme minha mãe, rolando seus olhos.

Depois de um leve almoço de volta na casa, eu começo a desempacotar. Eu vou me presentear com uma soneca. Minha mãe desapareceu para moldar algumas velas ou qualquer coisa do gênero, e Bob está no trabalho, então eu tenho tempo para dormir um pouco. Eu abro o Mac e o ligo.

É duas da tarde na Geórgia, onze da manhã em Seattle. Pergunto-me se tenho uma resposta de Christian. Nervosamente, eu logo no programa de e-mail.

De: Christian Grey

Assunto: Finalmente!

Data: 31 de maio 2011 07:30

Para: Anastásia Steele

Anastásia

Aborrece-me que, quando coloca distância entre nós, você se comunica abertamente e honestamente comigo. Por que você não pode fazer isso quando nós estamos juntos?

Sim, eu sou rico. Se acostume a isto. Por que eu não devia gastar dinheiro com você? Nós dissemos a seu pai que eu sou seu namorado, pelo amor de Deus. Isso não é o que os namorados fazem? Como seu Amo, eu esperaria que você aceitasse o que seja que eu gaste com você sem argumento. Por certo, diga a sua mãe também.

Eu não sei como responder seu comentário sobre sentir como uma prostituta. Eu sei que isso não foi o que você escreveu, mas é o que você implicou. Eu não sei o que eu posso dizer ou fazer para erradicar isto. Eu gostaria que você tivesse o melhor de tudo. Eu trabalho excepcionalmente duro, então eu posso gastar meu dinheiro como eu quero. Eu podia comprar para você, tudo o que deseja Anastásia, e eu quero fazê-lo. Chame isto redistribuição de riqueza se você quiser. Ou simplesmente saiba que eu não iria, não poderia pensar em você no modo que você descreveu, e eu estou bravo se é isso como você se vê. Para tal mulher brilhante, engenhosa, bonita e jovem você tem alguns problemas reais de auto-estima, e estou pensando em marcar uma consulta para você com Dr. Flynn.

Eu me desculpo por tê-la assustado. Eu acho o pensamento de incitar medo em você detestável. Você realmente pensa que eu deixaria você viajar desse modo? Eu ofereci a você meu jato privado, pelo amor de Deus. Sim foi uma piada, uma ruim obviamente. Porém, o fato é – o pensamento de você atada e amordaçada me excita (isto não é uma brincar – é verdade). Eu posso renunciar os engradados - os engradados não me atraem. Eu sei que você tem problemas com amordaçar, nós conversamos sobre isso e se/quando eu amordaçar você, nós discutiremos isto. O que você não percebeu é que em relações de Dominador/submisso é o submisso é que tem todo o poder. Isto é você. Eu repetirei isto – você tem o poder. Não eu. Na casa dos barcos você disse não. Eu não posso tocar em você se você disser não – é por isso que nós temos um acordo – o que você fará ou não. Se nós tentarmos coisas e você não gostar delas, nós podemos revisar o acordo. Depende de você – não de mim. E se você não quiser ser e amordaçada em um engradado, então não acontecerá.

Eu quero compartilhar meu estilo de vida com você. Eu nunca quis tanto uma coisa como essa. Francamente me admira que você uma jovem tão inocente, como você está disposta a tentar. Isso me diz mais do que você pode imaginar. Você não percebe que eu estou pego em seu feitiço, também, embora eu lhe disse isso a muito tempo. Eu não quero perder você. Eu estou nervoso que você voou três mil milhas para ficar longe de mim por alguns dias, porque você não pode pensar claramente ao meu redor. Acontece o mesmo comigo Anastásia. Minha razão desaparece quando nós estamos juntos – É muito intenso o que eu sinto por ti.

Eu entendo sua inquietude. Eu tentei ficar longe de você; Eu sabia que você era inexperiente, entretanto eu nunca teria procurado você se eu soubesse exatamente quão inocente você era – e ainda você consegue me desarmar completamente de um modo que ninguém fez antes. Seu e-mail por exemplo: Eu li e reli ele incontáveis vezes tentando entender seu ponto de vista. Três meses é uma quantia arbitrária de tempo. Nós podíamos fazer isto seis meses, um ano? Quanto tempo você quer que seja? O que faria você confortável?

Diga a mim.

Eu entendo que isto seja ato de fé enorme para ti. Eu tenho que ganhar sua confiança, mas justamente por isso, você tem que se comunicar comigo quando eu estiver falhando em fazer isto. Você parece tão forte e auto-suficiente, e então eu leio o que você escreveu aqui, e eu vejo o outro lado de você. Nós temos que guiar um ao outro Anastásia, e eu posso só tomar minhas sugestões de você. Você tem que ser honesta comigo, e nós temos que achar um caminho para fazer este acordo dar certo.

Você se preocupa sobre não ser submissa. Bem talvez isto seja verdade. Tendo dito isto, o único tempo você assume o comportamento de uma submissa é no playroom. Parece que esse é o lugar onde você me deixa exercitar o controle adequado sobre você, e o único lugar onde você faz como é dito. Exemplar é o termo que vem na minha cabeça. E eu nunca bateria em você para deixar hematomas. Eu aponto no rosa. Fora do playroom, eu gosto que você me desafie. É uma experiência muito inovadora e refrescante, e eu não quereria mudar isto. Então sim, diga a mim o que você quer em termos de mais. Eu vou me empenhar para manter uma mente aberta, e eu devo tentar e dar a você o espaço que você precisa e ficarei longe de você enquanto você está na Geórgia. Eu espero ansiosamente seu próximo e-mail.

Enquanto isso, se divirta. Mas não demais.

Christian Grey

CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

Merda. Ele escreveu uma redação como se estivéssemos na escola – e maior parte era verdade. Meu coração está em minha boca quando eu releio sua epístola, e eu me amonto na cama sobressalente praticamente abraçando meu Mac. Faça nosso acordo de um ano? Eu tenho o poder! Jesus, eu vou ter que pensar sobre isto. *Considere o que ele fala literalmente*, foi isso o que minha mãe diz. Ele não quer me perder.

Ele disse duas vezes! Ele quer fazer isto funcionar também. *Oh Christian, eu também!* Ele vai tentar e ficar longe! Isto significa que ele poderia falhar em ausentar-se? De repente, eu espero que sim. Eu quero vê-lo. Nós nos separamos em menos de vinte e quatro horas, e saber que eu não poderei vê-lo por quatro dias, eu percebo o quanto eu sinto sua falta. Quanto eu o amo.

— Ana, querida.— A voz é suave e morna, cheia de amor e memórias doces de tempos passados. O toque gentil de mão no meu rosto. Minha mãe me desperta, e eu estou embrulhado ao redor do meu notebook, abraçando ele para mim.

— Ana, coração — ela continua com sua suave voz enquanto eu superficialmente durmo, piscando na luz pálida e rosa do crepúsculo.

— Oi, Mãe. — Eu estico e sorriu.

— Nós estamos saindo para jantar em trinta minutos. Você ainda quer vir? — Ela amavelmente pergunta.

— Oh, sim, Mãe, claro.— Eu tento muito forte, mas falho em abafar meu bocejo.

— Agora, isto é um pedaço impressionante de tecnologia. — Ela aponta para meu notebook.

Oh droga.

— Oh… isto? — Eu me esforço parecer indiferente e casual, surpreendida.

Mamãe notará? Ela parece estar mais astuta desde que eu adquiri um 'namorado'.

— Christian emprestou isto para mim. Eu penso que eu podia pilotar o ônibus espacial com isto, mas eu só uso para e-mail e acesso de Internet.

Realmente não é nada. Olhando-me suspeitosamente, ela se senta na cama e dobra um cacho perdido de cabelo atrás da minha orelha.

— Ele tem mandado email para você?

Oh dupla droga.

— Sim. — Minha indiferença está se esgotando, e eu ficou ruborizada.

— Talvez ele esteja sentindo sua falta, huh?

— Eu espero, Mãe.

— O que ele diz?

Oh tripla droga. Eu freneticamente tento pensar sobre algo aceitável daquele e-mail que eu possa dizer à minha mãe. Eu estou certo que ela não quer ouvir sobre Dominadores e escravidão e amordaçamento, entretanto eu não posso dizer a ela porque existe o NDA.

— Ele me disse para me divertir, mas não demais.

— Soa razoável. Eu deixarei você se preparar, querida. — Inclinando, ela beija minha fronte. — Eu estou tão contente que você está aqui, Ana. É maravilhoso ver você. — E com aquela declaração amorosa, ela parte.

Hmm, Christian e razoável... dois conceitos que eu pensei ser completamente incompatível, mas depois de seu e-mail, talvez todas as coisas são possíveis. Eu agito minha cabeça. Eu precisarei de tempo para digerir suas palavras. Provavelmente depois do jantar – e eu poderei responder para ele então. Eu saio para fora da cama e depressa escapo de minha camiseta e calça, e vou para o chuveiro.

Eu trouxe o vestido cinza de Kate que eu vesti para minha graduação. É o único artigo vistoso que eu tenho. Uma boa coisa sobre o calor é que o amassado desapareceu, então eu penso que servirá para o clube de golfe. Enquanto eu visto, eu olho o notebook. Não existe nada de novo de Christian, e eu sinto uma punhalada de decepção. Muito depressa, eu digito um e-mail para ele.

De: Anastásia Steele

Assunto: Eloquente?

Data: 31 de maio 2011 19:08 EST

Para: Christian Grey

Senhor, você é um escritor bastante loquaz. Eu tenho que ir jantar no clube de golfe do Bob, e só para constar, eu estou rolando meus olhos com o pensamento. Mas você e sua inquieta mão estão muito longe de mim, então meu traseiro está salvo por enquanto. Eu amei seu e-mail. Responderei quando eu puder. Eu sinto sua falta já.

Aprecie sua tarde.

Sua Ana

De: Christian Grey

Assunto: Seu traseiro

Data: 31 de maio 2011 16:10

Para: Anastásia Steele

Querida Senhorita Steele

Eu estou distraído pelo título deste e-mail. Desnecessário dizer que está salvo – no momento.

Aprecie seu jantar, e eu sinto sua falta também, especialmente de seu traseiro e sua boca esperta.

Minha tarde será enfadonha, clareados só por pensamentos de você e seu olhar desviado. Eu penso que foi você que tão intencionalmente me fez ver que sofro horrível costume.

Christian Grey

CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

De: Anastásia Steele

Assunto: O olho Rolando

Data: 31 de maio 2011 19:14 EST

Para: Christian Grey

Querido Sr. Grey

Pare de me mandar email. Eu estou tentando me arrumar para jantar. Distrai-me muito, até mesmo quando você está no outro lado do país. E sim – quem espanca você quando você desvia seu olhar?

Sua Ana

Eu aperto enviar, e imediatamente a imagem daquela bruxa do mal, Sra. Robinson entra em minha mente. Eu não quero nem imaginar. Christian sendo batido por alguém tão velho quanto minha mãe, é apenas tão errado. Novamente eu pergunto-me que dano ela fez. Minha boca aparece uma linha horrenda. Eu preciso de uma boneca para pregar alfinetes, talvez desse modo eu possa desabafar alguma da raiva que eu sinto por essa estranha.

De: Christian Grey

Assunto: Seu traseiro

Data: 31 de maio 2011 16:18

Para: Anastásia Steele

Querida Senhorita Steele

Eu gosto mais do meu assunto do que o seu, em muitos sentidos Por sorte sou o mestre de meu próprio destino e ninguém me castiga. Exceto minha mãe ocasionalmente e Dr. Flynn, claro. E você.

Christian Grey

CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

De: Anastásia Steele

Assunto: castigar ... eu ?

Data: 31 de maio 2011 19:22 EST

Para: Christian Grey

Querido Senhor

Quando eu tive coragem de castigar você, Sr. Grey? Eu penso que você está me confundindo com outra pessoa... o que é muito preocupante. Eu realmente tenho que me arrumar.

Sua Ana

De: Christian Grey

Assunto: Seu traseiro

Data: 31 de maio 2011 16:25

Para: Anastásia Steele

Querida Senhorita Steele

Você faz isso constantemente escrevendo. Eu posso fechar seu vestido?

Christian Grey

CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc

Por algum motivo, suas palavras saltam da pagina e me fazem engasgar. Oh… ele quer brincar.

De: Anastásia Steele

Assunto: NC-17

Data: 31 de maio 2011 19:28 EST

Para: Christian Grey

Eu prefiro você abrindo-o.

De: Christian Grey

Assunto: Cuidadoso com o que você deseja …

Data: 31 de maio 2011 16:31

Para: Anastásia Steele

Eu também.

Christian Grey

CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

De: Anastásia Steele

Assunto: Ofegante

Data: 31 de maio 2011 19:33 EST

Para: Christian Grey

Lentamente…

De: Christian Grey

Assunto: Gemendo

Data: 31 de maio 2011 16:35

Para: Anastásia Steele

Queria estar ai.

Christian Grey

CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

De: Anastásia Steele

Assunto: Gemendo

Data: 31 de maio 2011 19:37 EST

Para: Christian Grey

Eu também

— Ana! — Minha mãe me chama, fazendo-me saltar. Droga. Por que eu me sinto tão culpada?

— Estou indo, Mãe.

De: Anastásia Steele

Assunto: Gemendo

Data: 31 de maio 2011 19:39 EST

Para: Christian Grey

Preciso ir.

Até logo, bebê.

Eu entro correndo no corredor onde o Bob e minha mãe estão esperando. Minha mãe com uma careta.

— Querida... você está bem? Você parece um pouco corada.

— A mãe, eu estou bem.

— Você parece adorável, querida.

— Oh, é um vestido da Kate. Você gosta?

Franze o cenho ainda mais.

— Por que você está vestindo um vestido da Kate?

Oh... não.

— Porque eu gosto deste aqui e ela não,— eu improviso depressa.

Ela me considera astutamente enquanto Bob faz uma cara de morto de fome.

— Eu levarei você as compras amanhã,— ela diz.

— Oh, Mãe, você não precisa fazer isto. Eu tenho bastante roupas.

— Eu não posso fazer algo para minha própria filha? Vamos, Bob está morrendo de fome.

— Certo,— Bob geme, apertando seu estômago e assumindo uma falsa expressão aflita.

Eu dou uma risadinha quando ele desvia o olhar, e nós saímos de casa.

Mais tarde quando estava no chuveiro, esfriando debaixo da água morna, eu reflito em quanto minha mãe mudou. Vendo ela no jantar, ela estava em seu lugar, engraçada e glamorosa e entre muitos amigos no clube de golfe. Bob era morno e atento... eles parecem tão bons um para o outro. Eu estou realmente contente. Quer dizer que eu posso parar de me preocupar sobre ela e ficar questionando sobre suas decisões e pôr os dias escuros de Marido Número Três atrás de ambas. Bob é um guardião. E ela está dando a mim bons conselhos. *Quando isso começou a acontecer*?

Desde que eu conheci Christian. Por que disto?

Quando eu termino, eu me seco depressa, ansiosa por voltar para Christian. Existe um e-mail esperando por mim, enviado logo após eu sair para jantar algumas horas atrás.

De: Christian Grey

Assunto: Plágio

Data: 31 de maio 2011 16:41

Para: Anastásia Steele

Você roubou minha frase.

E me deixou na mão.

Aprecie seu jantar.

Christian Grey

CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

De: Anastásia Steele

Assunto: Olha quem fala?

Data: 31 de maio 2011 22:18 EST

Para: Christian Grey

Senhor, se me lembro bem a frase original era de Elliot.

Na mão como?

Sua Ana.

De: Christian Grey

Assunto: Negócios inacabados

Data: 31 de maio 2011 19:22

Para: Anastásia Steele

Senhorita Steele

Você voltou. Você saiu muito de repente - só quando as coisas estavam ficando interessantes.

Elliot não é muito original. Ele deve ter roubado aquela frase de alguém.

Como foi o jantar?

Christian Grey

CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

De: Anastásia Steele

Assunto: Negócios inacabados?

Data: 31 de maio 2011 22:26 EST

Para: Christian Grey

O jantar estava demais – você ficará muito contente em ouvir que comi demais.

Ficando interessante? Como?

De: Christian Grey

Assunto: Negócios inacabados - definitivamente

Data: 31 de maio 2011 19:30

Para: Anastásia Steele

Você está se fazendo de boba? Eu acho que você tinha acabado de me pedir para abrir seu vestido.

E eu estava esperando ansiosamente para fazer isto. Eu também estou contente por ouvir que você está comendo.

Christian Grey

CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

De: Anastásia Steele

Assunto: Bem... sempre existe o fim de semana

Data: 31 de maio 2011 22:36 EST

Para: Christian Grey

Claro que eu como... É só a incerteza que eu sinto ao redor de você que me tira o apetite.

E eu jamais me faria de boba, Sr. Grey.

Seguramente você se deu conta disso ;)

De: Christian Grey

Assunto: Não pode Esperar

Data: 31 de maio 2011 19:40

Para: Anastásia Steele

Eu devo lembrar disto, Senhorita Steele, e sem nenhuma dúvida usarei esse conhecimento para minha vantagem.

Eu sinto muito ouvir que eu tiro seu apetite. Eu pensei que tivesse um efeito mais sensual em você. Você tem um efeito assim em mim, além de ser muito prazeroso também.

Eu espero ansiosamente a próxima vez.

Christian Grey

CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

De: Anastásia Steele

Assunto: Linguística ginástica

Data: 31 de maio 2011 22:36 EST

Para: Christian Grey

Você tem brincando com o dicionário de sinônimos novamente?

De: Christian Grey

Assunto: Rugindo

Data: 31 de maio 2011 19:40

Para: Anastásia Steele

Você me conhece tão bem Senhorita Steele.

Eu estou jantando com um velho amigo agora assim eu estarei dirigindo.

Até mais, bebê©

Christian Grey

CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

Que o velho amigo? Eu não achava que Christian tivesse quaisquer velhos amigos, exceto… *ela*. Eu fiz uma careta para a tela. Por que ele tem ainda que vê-la? Sofro um repentino e agudo ataque de ciúme. Eu quero bater em algo, de preferência na Sra. Robinson. Fechando o notebook raivosamente, eu tombo na cama.

Eu devia realmente responder seu longo e-mail desta manhã, mas eu de repente estou muito brava. Por que ele não pode vê-la como ela é – uma molestadora de crianças? Eu desligo a luz, fervendo, olhando fixamente na escuridão. Como ela ousa? Como ela ousa censurar um adolescente vulnerável? Ela ainda está fazendo isto? Por que eles não param? Vários cenários flutuaram por minha mente: Ele tinha tido o suficiente, então por

que ele ainda é amigo dela? Do mesmo modo – ela é casada? Divorciado? Jesus – ela tem crianças? *Ela tem crianças de Christian?* Meu subconsciente recria sua cabeça feia, olhando de soslaio, e eu estou chocada e enjoada com o pensamento. Dr. Flynn sabe sobre ela?

Eu luto para fora da cama e ligo máquina novamente. Eu estou em uma missão. Eu tamborilo meus dedos impacientemente esperando pela tela azul aparecer. Eu entro no Google imagens e escrevo 'Christian Grey' na caixa de procura. A tela de repente surge com imagens de Christian: Com gravata preta, bem vestido, Deus – fotos de José do Heathman, em sua camisa e calça comprida de flanela branca. Como eles colocaram isso internet? Deus, ele parece bem.

Eu movo depressa nas telas: Alguns com negócios de associação, então retrato após gloriosos retratos do homem mais fotogênico que eu conheço, intimamente. *Intimamente? Eu conheço Christian intimamente?* Eu conheço-o sexualmente, e eu imagino que existe muito mais para descobrir lá. Eu sei que ele é mal-humorado, difícil, engraçado, frio, morno... Jesus, o homem é uma massa andante de contradições. Eu clico para a próxima página. Ele está ainda sozinho em todas estas fotografias, e eu lembro de Kate mencionando que ela não podia achar quaisquer fotografias dele com uma companhia, o que levava a sua pergunta gay. Então, na terceira página, existe um retrato de mim, com ele, em minha graduação. Sua única foto com uma mulher, e sou eu.

Droga! Eu estou no Google! Eu olho fixamente para nós juntos. Eu pareço surpreendida pela máquina fotográfica, nervosa, fora do ambiente. Isto foi logo antes de eu concordar em tentar. Quanto a ele, Christian parecia impossivelmente bonito, calmo, e ele está vestindo aquele terno. Eu olho para ele, um rosto tão bonito, um rosto bonito que podia estar olhando fixamente para a maldita Sra. Robinson agora mesmo. Eu salvo o retrato em meus favoritos e clico por todas as dezoito telas... nada. Eu não achei Sra. Robinson no Google. Mas eu tenho que saber se ele estava com ela. Eu digito um e-mail rápido para Christian.

De: Anastásia Steele

Assunto: Companheiros de jantar apropriados

Data: 31 de maio 2011 23:58 EST

Para: Christian Grey

Eu espero que você e seu amigo tenham um jantar muito agradável.

Ana

Obs: Ele é a Sra. Robinson?

Eu aperto enviar e subo desapontadamente de volta na cama, resolvendo perguntar a Christian sobre sua relação com aquela mulher. Uma parte de mim está desesperada para saber mais, e outra parte quer esquecer que algum vez ele já lhe disse. E minha mestruação começou, então eu devo lembrar de tomar minha pílula de manhã. Eu depressa programo um alarme no calendário em meu BlackBerry. Deixando-o na mesa ao lado da cama, eu deitei-me e eventualmente cai em um sono intranquilo, desejando que nós estivéssemos na mesma cidade, não a 2 mil milhas separadamente.

Depois de uma manhã de compras e uma tarde na praia, minha mãe decretou que nós devíamos passar a noite em um bar. Abandonando Bob na TV, nós fomos ao bar do hotel mais exclusivo de Savannah. Eu estou em meu segundo Cosmopolitan[31]. Minha mãe está em seu terceiro. Ela está oferecendo mais percepções no frágil ego masculino. Isso é muito desconcertante.

— Você vê Ana, homens pensam que qualquer coisa que saia da boca da mulher é um problema para ser resolvido. Não entendem que gostamos de conversar sobre o assunto, trocar umas ideias e esquecer. Os homens preferem ação.

— Mãe, por que está me dizendo isso? — Eu pergunto, falhando em esconder minha exasperação. Ela tem estado assim o dia todo.

— Querida, você soa muito perdida. Você nunca trouxe um menino para casa. Você nem sequer teve um namorado quando nós estávamos em Vegas. Eu pensei que algo poderia acontecer com aquele sujeito que você se conheceu na faculdade, José.

— Mãe, José é só um amigo.

— Eu sei, amada. Mas algo surgiu, e eu não penso que você está me dizendo tudo.— Ela olha em mim, seu rosto cauterizado com preocupação maternal.

— Eu só precisava de alguma distância de Christian para arrumar meus pensamentos... isto é tudo. Ele tende a me subjugar.

— Subjugar?

— Sim. Embora eu sinta falta dele. — Eu franzo o cenho.

[31] Um cosmopolita, ou informalmente cosmo, é um cocktail feito com vodka, , suco de cranberry e suco de limão espremido ou suco de limão adoçado.

Eu não ouvi sobre Christian o dia todo. Nenhum e-mail, nada. Eu estou tentada a ligar para ele para ver se ele esta bem. Meu pior medo é que ele tenha sofrido um acidente de carro, meu segundo pior medo é que Sra. Robinson tenha posto suas garras do mal nele novamente. Eu sei que é irracional, mas onde *ela* estava envolvida, eu pareço perder toda a perspectiva.

— Querida, eu tenho que retocar a maquiagem.

A Breve ausência da minha mãe me permite a outra chance de verificar meu BlackBerry. Eu tenho tentado sorrateiramente verificar meus e-mails o dia todo. Finalmente – uma resposta de Christian!

De: Christian Grey

Assunto: Companheiros de jantar

Data: 1 de junho 2011 21:40 EST

Para: Anastásia Steele

Sim, eu jantei com a Sra. Robinson. Ela é só uma velha amiga, Anastásia.

Esperando ansiosamente ver você novamente. Eu sinto sua falta.

Christian Grey

CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

Ele estava jantando com ela. Meu couro cabeludo pinicou quando a adrenalina lançou-se furiosamente por meu corpo, todos meus piores medos se tornaram realidade, colidindo para mim. *Como ele podia?* Eu estou fora por dois dias, e ele corre para aquela cadela do mal.

De: Anastásia Steele

Assunto: Velhos COMPANHEIROS de JANTAR

Data: 1 de junho 2011 21:42 EST

Para: Christian Grey

Ela não é só uma velha amiga.

Ela achou outro menino adolescente para afundar seus dentes?

Você ficou muito velho para ela?

Esta não é a razão pela qual sua relação terminou?

Eu aperto enviar quando minha mãe retorna.

— Ana, você está tão pálida. O que aconteceu?

Eu agito minha cabeça.

— Nada. Vamos tomar outra bebida, — eu murmuro.

Suas sobrancelhas se unem, mas ela olhou para cima e atraiu a atenção de um dos garçons, apontando para nossos copos. Ele movimenta a cabeça. Ele entende o idioma universal de 'o mesmo novamente, por favor.' Enquanto ela faz isso, eu depressa olho em meu BlackBerry.

De: Christian Grey

Assunto: Cuidado…

Data: 1 de junho 2011 21:45 EST

Para: Anastásia Steele

Isto não é algo que eu desejo discutir via e-mail.

Quantos Cosmopolitan você vai beber?

Christian Grey

CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

Santo Deus, ele está aqui.

Capítulo 23

Eu olho nervosamente em torno do bar, mas não posso vê-lo.

— Ana, o que é? Você parece como se viu um fantasma.

— É Christian, ele está aqui.

— O que? Sério? — Ela olhar em torno do bar também.

Eu negligenciei mencionar as tendências de perseguidor de Christian para minha mãe.

Eu o vejo. Meu coração pula, começando uma batida frenética quando ele faz seu caminho em direção a nós. *Ele realmente está aqui – por mim.* Minha deusa interior se levanta como uma loca do seu chaise longue[32]. Movendo suavemente pela multidão, seu cabelo reflete cobre e vermelho debaixo do loiro. Seus olhos cinzas claro estão brilhando com – raiva? Tensão? Sua boca parece uma linha horrenda, a mandíbula tensa. *Oh Merda... não.* Eu estou tão brava com ele agora mesmo, e ele está aqui. Como eu posso estar brava com ele na frente da minha mãe?

Ele chega a nossa mesa, olhando para mim cautelosamente. Ele está vestido com camisa de linho e calça jeans branca habitual.

— Oi,— eu grito, incapaz de esconder meu choque e temor em vê-lo aqui em carne.

— Oi,— ele responde, e inclinado para abaixo, ele beija minha bochecha, pegando-me de surpresa.

— Christian, essa é minha mãe, Carla. — Meus modos inveterados assumem o comando.

Ele gira para saudar minha mãe.

— Sra. Adams, estou encantado em conhecê-la você.

Como ele sabia seu nome? Ele dá a ela seu sorriso Christian Grey, de parar o coração, sem poder de reação. Ela não tinha chance. A mandíbula da minha mãe praticamente bateu na mesa. *Jesus, controle-se mãe.* Ela toma sua mão oferecida e eles as agitaram. Minha mãe não respondeu. Oh, a completa mudez e atordoamento é algo genético – Eu não tinha nenhuma ideia.

— Christian, — ela administra finalmente, sem ar.

[32] Um chaise longue é um sofá estofados na forma de uma cadeira. Às vezes, é escrito incorretamente como "espreguiçadeira".

Ele sorri conscientemente para ela, seus olhos cinzas brilhando. Eu estreito meus olhos para ambos.

— O que você está fazendo aqui? — Minha pergunta soa mais frágil do que quero dizer, e seu sorriso desaparece, sua expressão agora cautelosa. Eu estou emocionada por vê-lo, mas estou completamente atordoada, minha raiva sobre Sra. Robinson ainda me faz ferver o sangue. Eu não sei se eu quero gritar com ele ou lançar em seus braços – mas eu não penso que ele gostaria de qualquer um – e eu quero saber quanto tempo ele tem nos observado. Eu também estou um pouco ansiosa sobre o e-mail que eu acabei de lhe mandar.

— Eu vim para ver você, claro. — Ele olha abaixo para mim impassível. Oh, o que ele está pensando? — Eu estou ficando neste hotel.

— Você está ficando aqui? — Eu sôo como uma estudante do segundo ano, muito estridente até para minhas próprias orelhas.

— Bem, ontem você disse que desejava que eu estivesse aqui.— Ele pausa tentando medir minha reação. — Nossa intenção é agradar, Senhorita Steele. — Sua voz está quieta sem rastro de humor.

Droga – ele está bravo? Talvez a Sra. Robinson comentou? Ou o fato que eu estou em meu terceiro, logo será o quarto Cosmo? Minha mãe está olhando ansiosamente nós dois.

— Porque você não se junta a nós para um bebida, Christian? — Ela acena para o garçom que está ao seu lado em um nano segundo.

— Eu quero uma gim-tônica, — Christian diz. — Hendricks[33] se você tiver isto ou Bombay Sap-phire[34]. Pepino com o Hendricks, lima com a Bombay.

Inferno … só Christian podia fazer uma bebida parecer um prato elaborado.

— E mais dois Cosmo por favor, — eu adiciono, olhando ansiosamente para Christian. Eu estou bebendo com minha mãe – nenhuma razão para ele estar bravo sobre isto.

— Por favor puxe uma cadeira, Christian.

— Obrigado, Sra. Adams.

Christian puxou uma cadeira perto e se senta graciosamente ao meu lado.

— Então você está hospedado no hotel que estamos, só por coincidência? — Eu pergunto, tentando fortemente manter meu tom leve.

---

[33] Um gin incomum e selecionado com produção limitada, combinado com pepino é a combinação perfeita.

[34] Bombay Sapphire é uma marca de gin distribuído pela Bacardi que foi lançado em 1987.

— Ou, você está bebendo neste hotel que eu estou hospedado só por coincidência, — Christian responde.

— Eu acabei de terminar de jantar, entrei aqui, e vi você. Eu estava distraído pensando sobre seu e-mail mais recente, e eu olhei para cima e você estava aí. Uma coincidência, neh? — Ele vira sua cabeça para um lado, e eu vejo um rastro de um sorriso. *Agradeças aos céus* – que nós podemos ser capazes de salvar a noite afinal.

— Minha mãe e eu fomos fazer compras esta manhã e fomos para praia esta tarde. Nós decidimos tomar alguns coquetéis hoje à noite, — eu murmúrio, sentindo que eu devo um tipo de explicação.

— Você comprou essa blusa? — Ele acena com a cabeça para minha nova seda verde, — A cor cai bem em você. E você pegou um pouco de sol. Você parece adorável.

Eu ruborizo, me movimento na cadeira com seu elogio.

— Bem, eu iria visitá-la amanhã. Mas aqui está você.

Ele levanta a mão, toma minha mão, e aperta suavemente, correndo seu dedo polegar através das minhas juntas e para… e eu sinto o familiar puxar. Aquela descarga elétrica correndo em baixo da minha pele sob a pressão gentil de seu dedo polegar, disparando meu fluxo de sangue e pulsando ao redor do meu corpo, aquecendo tudo em seu caminho. Faz dois dias desde que eu o vi.

Oh meu Deus… Eu o quero. Minha respiração se entrecorta. Eu pisco para ele, sorrindo bobamente, e vejo um sorriso tocar seus bonitos e esculpidos lábios.

— Eu pensei que eu surpreenderia você. Mas como sempre, Anastásia, você me surpreende estando aqui.

Eu olho depressa para mamãe, que está olhando fixamente para Christian… sim olhando fixamente! *Pare com isto mãe.* Como se ele fosse alguma criatura exótica, nunca vista antes. Eu quero dizer, eu reconheço que eu nunca tive um namorado, e Christian se qualifica com tal facilidade nesse referência – mas é tão incrível que eu podia atrair um homem? *Este homem? Sim, olhe francamente para ele* – meu subconsciente estala. Oh, cale a boca! Quem convidou você para a festa? Eu faço uma careta para minha mãe – mas ela não parece notar.

— Eu não quero interromper o tempo que você tem com sua mãe. Eu tomarei uma bebida rápida e então me retirarei. Eu tenho trabalho para fazer, — ele declara seriamente.

— Christian, é adorável encontrar você finalmente, — Mãe insere, finalmente achando a voz. — Ana falou muito ternamente de você.

Ele sorri para ela.

— Realmente? — Ele levanta uma sobrancelha para mim, uma expressão divertida em seu rosto, e eu ruborizo novamente.

O garçom chega com nossos bebidas.

— Hendricks, senhor — ele diz com um floreado triunfante.

— Obrigado,— Christian murmura em reconhecimento.

Eu dou um gole no meu Cosmo meio que nervosamente.

— Quanto tempo você ficará na Geórgia, Christian? — Mamãe pergunta.

— Até sexta-feira, Sra. Adams.

— Você jantará conosco amanhã à noite? E por favor, chame-me Carla.

— Eu teria muito prazer, Carla.

— Excelente. Se você dois me dão licença, eu preciso retocar a maquiagem.

Mãe... você acabou de ir lá. Eu olho para ela desesperadamente enquanto ela levanta e vai embora, deixando nós dois sozinhos juntos.

— Então, você está brava comigo por jantar com um velho amigo. — Christian vira seu quente e cauteloso olhar para mim, erguendo minha mão para seus lábios e beijando cada junta suavemente.

Jesuz, ele quer fazer isso agora?

— Sim, — eu murmuro enquanto meu sangue aquece.

— Nossa última relação sexual foi há um longo tempo, Anastásia,— ele sussurra. — Eu não quero ninguém exceto você. Você não percebeu isto já?

Eu pisco para ele.

— Eu penso sobre ela como uma molestadora de criança, Christian. — Eu seguro minha respiração e espero por sua reação.

Christian fica pálido.

— Isto é muito crítico de sua parte. Não era assim, — ele sussurra, chocado. Ele solta minha mão. *Crítico?*

— Oh, como era então? — Eu pergunto. Os Cosmos estão me fazendo valentes.

Ele faz uma careta para mim, confuso. Eu continuo.

— Ela aproveitou-se de um menino de quinze anos de idade vulnerável. Se você tivesse sido uma menina de quinze anos de idade e Sra.

Robinson fosse um Sr. Robinson, iniciando você em um estilo de vida BDSM, isso teria sido certo? Se ele fosse Mia, diga?

Ele ofega e franze a testa para mim.

— Ana, não era assim.

Eu o encaro.

— Certo, isso não parece assim para mim, — ele quietamente continua. — Ela era uma força positiva. Eu precisava.

— Eu não entendo.— É minha vez de parecer confusa.

— Anastásia, sua mãe brevemente voltará. Eu não estou confortável conversando sobre isto agora. Mais tarde talvez. Se você não me quiser aqui, eu tenho um avião me aguardando no Hilton Head. Eu posso ir.

Ele está bravo comigo… não.

— Não … não vai. Por favor. Eu estou feliz por que você está aqui. Eu estou só tentando fazer você entender. Eu estou brava porque assim que eu parti, você jantou com ela. Pense sobre como é quando eu chego em qualquer lugar próximo de José. José é um bom amigo. Eu nunca tive uma relação sexual com ele. Considerando que você e ela,— eu diminui, pouco disposta a adicional o que eu pensei.

— Você está com ciúme? — Ele olha fixamente para mim, confundido, e seus olhos ligeiramente suavizam, se aquecendo.

— Sim, e brava sobre com o que ela fez com você.

— Anastásia, ela me ajudou, isto é tudo que eu direi sobre isto. E quanto ao ciúme, ponha você mesmo em meu lugar. Eu não tive que justificar minhas ações para ninguém nos últimos sete anos. Nenhuma pessoa. Eu faço como eu quero, Anastásia. Eu gosto de minha autonomia. Eu não fui visitar Sra. Robinson para chatear você. Eu fui porque de vez em quando nós jantamos. Ela é uma amiga e uma companheira de negócios.

Companheira de negócios? Merda. Essa é nova.

Ele olha para mim, avaliando minha expressão.

— Sim, nós somos companheiros de negócios. O sexo acabou entre nós. Tem sido assim por anos.

— Por que sua relação terminou?

Sua boca estreitou, e seus olhos cintilam.

— Seu marido descobriu.

Merda!

— Nós podemos conversar sobre isto em outro tempo … em algum lugar mais privado? — Ele rosna.

— Eu não acho que você me convencerá de que ela não seja algum tipo de pedofilia.

— Eu não penso sobre isso desse modo. Eu nunca pensei. Agora isto é suficiente! — Ele estala.

— Você a amou?

— Como você dois estão?— Minha mãe retornou, não visto por qualquer um de nós.

Eu engesso um sorriso de mentira em meu rosto quando ambos, Christian e eu debruçamos de volta apressadamente… culpavelmente.

Ela olha para mim.

— Bem, mãe.

Christian dá um gole em sua bebida, assistindo-me, sua expressão cautelosa. O que ele está pensando? Ele a amou? Eu penso que se ele amou, eu enlouquecerei, e muito.

— Senhoras, eu devo deixá-las por esta noite.

Não… não… ele não pode me deixar sufocada como isto.

— Por favor, ponha estas bebidas em minha conta, número do quarto 612. Eu ligarei para você de manhã, Anastásia. Até amanhã, Carla.

— Oh, é tão agradável ouvir alguém usar seu nome inteiro.

— Nome bonito para uma menina bonita,— Christian murmura, agitando suas mãos estendidas, e ela realmente ri.

Ah mamãe… Até tu? Traidora! Eu permaneço, olhando para ele, implorando para ele parar e responder minha pergunta, e ele beija minha bochecha, castamente.

— Até mais tarde, bebê,— ele sussurra em minha orelha. Então ele se foi.

Maldito bastardo controlador. Minha raiva retorna com completa força. Eu afundo em minha cadeira e viro para enfrentar minha mãe.

— Bem ele me deixou atordoada, Ana. Ele prende a atenção. Eu não sei o que está acontecendo entre você doisentretanto. Eu penso que vocês precisam conversar um com o outro. Nossa a tensão aqui é insuportável. — Ela se abana de modo teatral.

— MÃE!

— Vá conversar com ele.

— Eu não posso. Eu vim aqui para ver você.

— Ana, você veio aqui porque você está confusa sobre aquele cara. É óbvio você dois são loucos um pelo outro. Você precisa conversar com ele.

Ele voou três mil milhas para ver você, pelo amor de Deus. E você sabe o quão terrível é para ele voar.

Eu ruborizo. Eu não disse a ela sobre seu avião privado.

— O que? — Ela estala para mim.

— Ele tem seu próprio avião, — eu murmuro, envergonhada, e é só dois milhas e meia, Mãe.

Por que eu estou envergonhada? Suas sobrancelhas crescem rapidamente.

— Uau, — ela murmura. — Ana, existe algo acontecendo entre você dois. Eu tenho tentado sondar isso desde que você chegou aqui. Mas o único modo que você vai resolver o problema, qualquer que seja, é conversar sobre isto com ele. Você pode fazer pensar quanto quiser – mas até que você realmente converse, não vai chegar em qualquer lugar.

Eu franzo a testa para minha mãe.

— Ana, amor, você sempre teve uma propensão para analisar tudo. Siga seu instinto. O que isso diz a você, coração?

Eu olho fixamente para meus dedos.

— Eu penso que eu estou apaixonada por ele, — eu murmúrio.

— Eu sei. E ele por você.

— Não!

— Sim, Ana. Droga – o que você precisa? Um sinal de neon que relampeja em sua fronte?

Eu fico pasma e lágrimas picam o canto de meus olhos.

— Ana, amor. Não chore.

— Eu não penso que ele me ama.

— Eu não me importo o quão rico você é, você não larga tudo e entra em seu avião privado para cruzar um continente inteiro só para um chá da tarde. Vá atrás dele! Este é um local bonito, muito romântico. Também é um território neutro.

Eu me torço sobre o seu olhar. Eu quero ir, mas eu não faço.

— Querida, não sinta que você tem que voltar comigo. Eu quero você feliz – e agora mesmo eu penso que a chave para sua felicidade está ali em cima, no quarto 612. Se você precisar voltar para casa mais tarde, a chave está debaixo da planta de Yucca[35] na varanda dianteira. Se você ficar…bem… você é uma garota crescida agora. Só fique segura.

[35] Yucca é um género de arbustos e árvores perenes da família Asparagaceae, subfamília Agavoideae. http://en.wikipedia.org/wiki/Yucca

Eu ruborizo. Jesus, Mãe.

— Vamos terminar nosso Cosmo primeiro.

— Esta é minha menina, Ana. — Ela sorri.

Eu bato timidamente no quarto 612 e espero. Christian abre a porta. Ele está falando no celular. Ele pisca para mim com completa surpresa, então segura à porta aberta e acena para seu quarto.

— Todos os pacotes excedidos estão concluídos?... E o custo?... — Christian assobia entre seus dentes. — Puca... esse foi um caro engano... E Lucas? ...

Eu olho em torno do quarto. Ele está em um apartamento, como no Heathman. A mobília aqui é extremamente modernas, muito atual. Toda púrpura e dourada com motivos em bronze nas paredes. Christian anda para um unitário de madeira escura e abre uma porta para revelar um minibar. Ele indica que eu devia me servir, então anda pelo quarto.

Eu assumo que é isso, então eu não consigo mais ouvir sua conversa. Eu encolho os ombros. Ele não parou seu telefonema quando eu entrei em seu escritório daquela vez. Eu ouço a água correndo ... ele está enchendo uma banheira. Eu me sirvo com suco de laranja. Ele anda relaxadamente de volta no quarto.

— Faça Andrea mandar para mim os diagramas. Barney disse que ele achou o problema...

Christian riu. — Não, sexta-feira... existe um lote de terra aqui que eu estou interessado ... Sim, ligue para Bill... Não, amanhã... eu quero ver o que Geórgia oferecerá se nós mudarmos.

Christian não tirou seus olhos de mim. Dando-me um copo, ele aponta para um balde de gelo.

— Se seus incentivos forem atraentes o suficiente... eu penso que nós devíamos considerar isto, entretanto eu não estou certo sobre o maldito calor daqui...eu concordo que Detroit tem suas vantagens também, e ele é mais fresco... — Seu rosto momentaneamente escurece. *Por quê?* — Faça Bill ligar. Amanhã... Não muito cedo. — Ele desliga e olha fixamente para mim, seu rosto ilegível, e um extenso silêncio entre nós. Certo... minha vez de conversar.

— Você não respondeu minha pergunta, — eu murmuro.

— Não. Eu não fiz, — ele quietamente diz, seus olhos cinzas largos e cautelosos.

— Não, você não respondeu minha pergunta ou não você não a amou?

Ele dobra seus braços e se debruça contra a parede, e um pequeno sorriso brinca em seu lips.

— O que você está fazendo aqui, Anastásia?

— Eu acabei de dizer a você.

Ele respira fundo.

— Não. Eu não a amei. — Ele franze a testa para mim, divertido, mas ainda perplexo.

Eu não posso acreditar em que eu estou segurando minha respiração. Eu cedo como um saco de pano velho quando eu libero a respiração. *Bem, agradeças aos céus por isto.* Como eu me sentiria se ele realmente amasse a bruxa?

— Você realmente é a deusa de olhos verdes, Anastásia. Quem teria pensado?

— Você está rindo de mim, Sr. Grey?

— Eu não ousaria. — Ele agita sua cabeça solenemente, mas ele tem o mal cintilando em seu olho.

— Oh, eu penso que você ri, e eu penso que você frequentemente faz.

Ele sorri quando eu dou de volta as palavras que ele disse para mim antes. Seus olhos se escurecem.

— Por favor, pare de morder seu lábio. Você está em meu quarto, eu não fixei meus olhos em você por quase três dias, e eu voei um caminho longo para ver você. — Seu tom mudou para suave, sensual.

Seu BlackBerry zumbe, distraindo nós dois, e ele desliga isto sem olhar para ver quem que é. Eu puxo uma respiração. Eu sei onde isto está indo… *mas nós deveríamos conversar.*

Ele toma um passo para mim vestindo seu olhar predatório e sensual.

— Eu quero você, Anastásia. Agora. E você me quer. É por isso que você está aqui.

— Eu realmente queria saber, — eu sussurro em defesa.

— Bem, agora que você sabe, você vai ou fica?

Eu ruborizo quando ele para na minha frente.

— Fico,— eu murmuro, olhando ansiosamente para ele.

— Oh, eu esperava que sim.— Ele olha abaixo, para mim. — Você estava tão brava comigo, — ele respira.

— Sim.

— Eu não me lembro de ninguém, exceto minha família, estar bravo comigo. Eu gosto disto.

Ele corre as pontas de dedos abaixo pela minha bochecha. *Oh Deus,* sua proximidade, seu cheiro delicioso de Christian. Nós deveríamos estar conversando, mas meu coração está batendo, meu sangue cantando quando ele percorre meu corpo, desejo, aumentando, desdobrando... em todos os lugares. Christian se curva e corre seu nariz junto ao meu ombro e até a minha orelha, seus dedos deslizam em meu cabelo. — Nós devíamos conversar. — Eu sussurro.

— Mais tarde.

— Existe tanto que eu quero dizer.

— Eu também.

Ele planta um beijo suave debaixo do lóbulo da minha orelha enquanto seus dedos apertam em meu cabelo. Puxando meu pescoço para trás, ele expõe minha garganta para seus lábios. Seus dentes roçam rapidamente meu queixo, e ele beija minha garganta.

— Eu quero você, — ele respira.

Eu gemo e aperto seus braços.

— Você está mestruada?— Ele continua a me beijar.

Droga. Nada foge dele?

— Sim, — eu sussurro, envergonhada.

— Você está com cólicas?

— Não. — Eu ruborizo . Jesus...

Ele para e olha abaixo para mim.

— Você tomou sua pílula?

— Sim.— Quão mortificante é isto?

— Vamos tomar um banho.

Oh?

Ele toma minha mão e me leva no quarto. É dominado por uma super cama King-size com elaboradas cortinas. Mas nós não paramos lá. Ele me leva no banheiro que é duas vezes o quarto, todo aquamarine e pedras brancas. É enorme – No segundo quarto um banheira, grandes o suficiente para quatro pessoas com passos de pedra levando para ela, está vagarosamente enchendo com água. O vapor sobe suavemente acima da espuma, e eu noto um banco de pedra envolta de tudo.

Velas chamejam ao lado. Uau... ele fez tudo isso enquanto estava no telefone.

— Você tem um laço de cabelo?

Eu pisco para ele, pesquei em meu bolso da calça jeans, e retirei um elástico de cabelo.

— Prenda seu cabelo, — ele suavemente ordena. Eu faço como ele diz.

Faz um calor sufocante junto à banheira, e minha blusa começa a agarrar. Ele se agacha e fecha a torneira. Levando-me para trás, para a primeira parte do banheiro, ele permanece atrás de mim quando nós enfrentamos o espelho de parede acima das duas pias de vidro.

— Erga seus braços, — ele respira. Eu faço como sou informada, e ele ergue minha blusa acima de minha cabeça de forma que eu estou nua na frente dele. Não tirando seus olhos fora dos meus, ele alcança ao redor e desfaz o botão superior em minha calça jeans e o zíper.

— Eu vou ter você no banheiro, Anastásia.

Inclinando-se ele beija meu pescoço. Eu movo minha cabeça para um lado e dou a ele um acesso mais fácil. Afundando seus dedos em minha calça jeans, ele lentamente as desliza para abaixo das minhas pernas, abaixando-se atrás de mim ao mesmo tempo enquanto puxa minhas calças e minha calcinha para o chão.

— Saia de sua calça jeans.

Pegando a extremidade da pia, eu faço isto. Eu agora estou nua, olhando fixamente para eu mesma, e ele está se ajoelhando atrás de mim. Ele beija e então suavemente morde meu traseiro, fazendo-me engasgar. Ele para e olha fixamente para mim mais uma vez no espelho. Eu tento muito ficar quieta, ignorando minha tendência natural de me cobrir. Ele alarga sua mão através de minha barriga, a palma de sua mão quase alcançando de um lado ao outro do quadril.

— Olhe para você. Você é tão bonita,— ele murmura. — Sinta. — Ele aperta minhas mãos nas dele, suas palmas contra as partes de trás das minhas mãos, seus dedos entre os meus de forma que meus dedos são alargados. Ele coloca minhas mãos em minha barriga. — Sinta o quão suave sua pele é.

Sua voz é suave e baixa. Ele move minhas mãos em um círculo lento então para cima dos meus seios. — Sinta o quão cheios são seus seios.— Ele segura minhas mãos de forma que elas se encaixam em meus peitos.

Ele suavemente golpeia meus mamilos com seus dedos polegares repetidas vezes.

Eu gemo entre os lábios e arqueando minhas costas, assim meus seios enchem as palmas da minha mão. Ele aperta meus mamilos entre nossos dedos polegares, puxando suavemente de forma que eles se prolongam. Eu assisto com fascinação a criatura temerária contorcendo na minha frente. *Oh isto parece bom.* Eu gemo e fecho meus olhos, não mais querendo ver aquela mulher libidinosa no espelho que se quebra debaixo de suas próprias mãos... suas mãos... sentindo minha pele à medida que ele faria, experimentando como despertar é – só seu toque, e seu tranquilo, suave, comando.

— Está tudo bem, bebê, — ele murmura.

Ele guia minhas mãos para baixo, aos lados de meu corpo, passando da minha cintura para meus quadris, e através de meus pelos púbicos. Ele desliza sua perna entre a minha, empurrando meus pés separadamente, alargando minha posição, e corre minha mão para meu sexo, uma mão de cada vez, instalando um ritmo. É tão erótico. Verdadeiramente eu sou uma marionete e ele é o mestre ventríloquo.

— Olhe como você arde, Anastásia, — ele sussurra enquanto arrasta beijos e mordidas suaves junto ao meu ombro. Eu gemo. De repente ele me solta.

— Continue, — ele ordena, e está de volta assistindo-me.

Acariciar-me... *Não...* Eu o quero fazendo isto. Não parece o mesmo. Eu estou perdida sem ele. Ele puxa sua camisa acima de sua cabeça e depressa tira sua calça jeans.

— Você prefere que eu faça isto? — Seu cinza olhar abrasa o meu no espelho.

— Oh sim... por favor,— eu respiro.

Ele volta a me rodear com os braços e toma minhas mãos mais uma vez, continuando a carícia sensual através de meu sexo, acima de meu clitóris. Os pelos de seu tórax raspa contra mim, sua ereção pressionando contra mim. *Oh logo...* por favor. Ele morde a nuca de meu pescoço, e eu fecho meus olhos, apreciando o número infinito de sensações; Meu pescoço, minha virilha... o sentir dele atrás de mim.

Ele para abruptamente e me gira ao redor, circulando meus pulsos com uma mão, encarcerando minhas mãos atrás de mim, e puxando meu rabo-de-cavalo com o outro. Eu ruborizo contra ele, e ele me beija de modo selvagem, saqueando minha boca com a sua. Mantendo-me no lugar.

Sua respiração está desigual, comparada a minha.

— Quando começou sua mestruação, Anastásia? — Ele pergunta inesperadamente, olhando abaixo, para mim.

— Erre... Ontem,— eu murmuro em meu estado altamente excitado.

— Bom.— Ele me solta e me vira ao redor.

— Segure na pia, — ele ordena e puxa meus quadris para atrás novamente, como ele fez no playroom, então eu estou curvada para abaixo.

Ele alcança entre minhas pernas e puxa o fio azul… *o que*! E… um suavemente puxão, meu tampão está fora e ele lança isto no banheiro. *Merda.* Doce mãe… Jesus.

E então ele está dentro de mim… ah! pele contra pele… movendo lentamente a princípio… facilmente, testando-me, empurrando-me… *oh meu Deus.* Eu agarro a pia, arquejando, forçando eu mesma de volta nele, sentindo ele dentro de mim. Oh, doce agonia… suas mãos em meus quadris. Ele fixa um ritmo castigador – dentro, fora, e ele move sua mão para frente e acha meus clitóris, e o massageia … oh jesus. Eu posso sentir eu mesma acelerando.

— Está bem, bebê, — ele diz com uma voz rouca enquanto entra fortemente em mim, angulando seus quadris, e é suficiente para me mandar voando, voando alto.

Uau… e eu gozo, ruidosamente, segurando fortemente na pia enquanto eu voo em meu orgasmo, tudo aperta e relaxa mais uma vez. Ele segue, apertando-me firmemente, sua frente em minhas costas quando ele goza e chama meu nome é como uma ladainha ou uma oração.

— *Oh, Ana!* — Sua respiração é desigual em minha orelha, em sinergia perfeita com a minha. — Oh, bebê, eu nunca conseguirei ter o suficiente de você? — Ele sussurra.

Sempre será assim? Tão opressivo, tão devorador, tão desnorteado e iludindo. Eu quis conversar, mas agora eu estou cansada e ofuscada de fazer amor e perguntando se eu conseguirei o suficiente *dele?*

Nós afundamos devagar para o chão, e ele embrulha seus braços ao meu redor, encarcerando-me. Eu estou enrolada em seu colo, minha cabeça contra seu tórax, enquanto nós dois nos acalmamos. Muito sutilmente, eu inalo seu doce, intoxicante aroma Christian. *Eu não devo aninhar. Eu não devo aninhar.* Eu repito o mantra em minha cabeça – entretanto eu estou tão tentada a fazer isso. Eu quero erguer minha mão e desenhar alguma coisa no pelo de seu tórax com minhas pontas dos dedos… mas eu resisto, sabendo que ele odiará isto se eu fizer. Nós estamos ambos quietos, perdidos em nossos pensamentos. Eu estou perdida nele… perdida para ele.

Eu lembro que eu estou mestruada.

— Eu estou sangrando, — eu murmuro.

— Não me incomodo, — ele respira.

— Eu notei. — Eu não posso manter a suavidade fora de minha voz.

Ele tenciona ligeiramente.

— Aborrece você? — Ele pergunta suavemente.

Aborrece-me? Talvez deveria... aborrece? Não. Eu me debruço de volta e olho para ele, e ele olha abaixo para mim, seus olhos uns suaves nublados cinzas.

— Não, absolutamente.

Ele sorri.

— Bom. Vamos tomar um banho.

Ele me libera e me coloca no chão enquanto ele levanta. Enquanto ele se move, eu noto novamente as cicatrizes pequenas, redondas, brancas em seu tórax. Eles não foram de catapora, eu medito distraidamente. Grace disse que ele dificilmente foi afetado. Santo Deus... eles devem ser queimaduras.

Queimaduras de que? Eu empalideço com a compreensão, choque e asco atravessam por mim.

De cigarros? Sra. Robinson, sua mãe de nascimento, quem? Quem fez isto para ele? Talvez exista uma explicação razoável, e eu estou exagerando – esperanças selvagens florescem em meu peito. Espero que eu esteja errada.

— O que é isto? — Os olhos de Christian se alargam em seu rosto em sinal de alarme. — Suas cicatrizes, — eu sussurro. — Eles não são de catapora.

Eu assisto enquanto em um segundo ele se fecha, sua posição muda de relaxado, tranquilo, e à vontade, para defensivo – bravo, até. Ele franziu o rosto para mim, seu rosto se escurece, e sua boca se aperta em uma linha fina e dura.

— Não, eles não são, — ele estala, mas não me dá informações adicionais. Ele permanece em pé, segurando sua mão para mim, e me ajuda a levantar.

— Não olhe para mim assim. — Sua voz está mais fria e repreensiva enquanto ele solta minha mão.

Eu ruborizo, castigada, e olho fixo para abaixo em meus dedos, e eu sei, eu sei que alguém apagou cigarros em Christian. Eu tenho náuseas.

— Ela fez isto? — Eu sussurro antes de poder me parar.

Ele não diz nada, então eu sou forçada a olhar para ele. Ele está olhado para mim.

— Ela? Sra. Robinson? Ela não é um animal, Anastásia. Claro que ela não fez. Eu não entendo por que você sente que tem que a demonizar.

Ele está de pé lá, desnudo, gloriosamente desnudo, com meu sangue nele... e nós estamos finalmente tendo esta conversa. E eu estou muito nua – nenhum de nós tem qualquer lugar para esconder, exceto talvez a banheira. Eu respiro fundo, movo passado por ele, e desço na água.

Está deliciosamente morna, calmante, e funda. Eu derreto na espuma e olho fixamente para ele, entre as bolhas.

— Eu só me pergunto como você seria se não tivesse a conhecido. Se ela não te apresentasse para seu... um, estilo de vida.

Ele suspira e desce no lado oposto da banheira, sua mandíbula apertada com tensão, seus olhos gelados. Quando ele graciosamente submerge seu corpo em baixo da água, ele é cuidadoso para não me tocar. Jesus – *eu o deixei tão bravo?*

Ele olha impassível para mim, seu rosto ilegível, não dizendo nada. Novamente os extensos silêncios entre nós, mas eu mantenho minha intenção. É sua vez Grey – eu não estou desistindo desta vez.

Meu subconsciente está nervoso, ansiosamente batendo suas unhas – isto podia terminar de dois modo. Christian e eu nos olhamos fixamente um para o outro, mas eu não volto atrás. Eventualmente, depois do que pareceu como um milênio, ele agita sua cabeça, e sorri.

— Eu provavelmente teria ido pelo caminho de minha mãe de nascimento, se não tivesse sido pela Sra. Robinson.

Oh! Eu pisco para ele. Viciado ou prostituta? Possivelmente ambos?

— Ela me amou de um modo que eu achei... aceitável, — ele adiciona com um encolher os ombros.

Que diabo isso quer dizer?

— Aceitável? — Eu sussurro.

— Sim. — Ele olha atentamente para mim. — Ela me distraiu do caminho destrutivo que eu estava seguindo. É muito duro crescer em uma família perfeita quando você não é perfeito.

Oh não. Minha boca secou enquanto eu digeria suas palavras. Seu olhar estava em mim, sua expressão insondável. Ele não vai dizer mais a mim. Que frustrante. Do lado de dentro, eu estou bobinando – ele soa tão cheio de autodepreciação. E Sra. Robinson o amou. Merda... ela ainda amava?

Eu sinto como eu contribuí o estômago.

— Ela ainda ama você?

— Eu acho que não, não assim.— Ele franze a testa como se ele não tivesse pensado sobre a ideia. — Eu continuo dizendo a você que foi há muito tempo atrás. Está no passado. Eu não posso mudar isto ainda que eu quisesse, o que eu não quero. Ela me salvou de mim mesmo. — Ele está irritado e corre uma mão molhada por seu cabelo. — Eu nunca discuti isto com ninguém. — Ele pausa, — Exceto Dr. Flynn, claro. E a única razão que eu estou conversando sobre isto agora, com você, é porque eu quero que você confie em mim.

— Eu confio em você, mas eu quero conhecer você melhor, e sempre que eu tento conversar, você me distrai. Existe tanto que eu quero saber.

— Oh pelo amor, Anastásia. O que você quer saber? O que eu tenho que fazer? — Seus olhos queimaram, e entretanto ele não levantou sua voz, eu sei que ele está tentando frear seu temperamento.

Eu olho depressa para abaixo, para minhas mãos, clara em baixo da água quando as bolhas começaram a dispersar.

— Eu estou só tentando entender, você é tal enigmático. Diferente de qualquer pessoa que eu encontrei antes. Eu estou contente que você está dizendo a mim o que eu quero saber.

Jesus – talvez seja os Cosmopolitan me deixando valente, mas de repente eu não posso aguentar a distância entre nós. Eu me movo pela água para sua lateral e me inclino para ele assim nós estamos nos tocando, pele com pele. Ele tenciona e seus olhos estão cautelosamente em mim, como se eu pudesse mordê-lo. *Bem, isto é uma reviravolta*. Minha deusa interna olha para ele em especulação quieta, surpreendida.

— Por favor, não fique bravo comigo,— eu sussurro.

— Eu não estou bravo com você, Anastásia. Eu só não estou acostumado a este tipo de conversar – este sondamento. Eu só tenho isto com Dr. Flynn e com… Ele para e faz uma carranca.

— Com ela. Sra. Robinson. Você conversa com ela? — Eu inicio, tentando frear meu próprio temperamento.

— Sim, eu faço.

— Como é?

Ele se muda dentro da banheira para me enfrentar, derrubando a água aos lados sobre o chão. Ele coloca seu braço ao redor dos meus ombros, descansando na borda da banheira.

— Persistente você não?— Ele murmura, um rastro de irritação em sua voz. — Vida, os negócios, o universo. Anastásia, faz tempo que a Sra. Robinson e eu nos conhecemos. Falamos sobre tudo.

— De mim?— Eu sussurro.

— Sim. — Os olhos cinzas assistem-me cuidadosamente.

Eu mordo meu lábio inferior, tentando restringir a pressa súbita de raiva que vem a superfície.

— Por que você conversa sobre mim? — Eu empenho para não soar chorona e petulante, mas eu não tenho sucesso. Eu sei que eu devia parar. Eu estou empurrando-o muito forte. Meu subconsciente surge com o rosto de Edvard Munch novamente.

— Eu nunca encontrei ninguém como você, Anastásia.

— O que isso quer dizer? Que nunca conheceu alguém que assinou o contrato sem questionar primeiro?

Ele agita sua cabeça.

— Eu preciso de conselho.

— E você toma conselho da Sra. Pedofila? — Eu estalo. Segurar meu temperamento é mais difícil do que eu pensei.

— Anastásia... suficiente, — ele estala de volta severamente, seus olhos se estreitando.

Eu estou patinando em gelo fino, e eu estou indo para om perigo.

— Ou eu porei você nos meus joelhos. Eu não tenho nenhum interesse sexual ou romântico de qualquer jeito. Ela é uma amiga querida, estimada e uma companheira de negócios. Isto é tudo. Nós temos um passado, uma história compartilhada, que era monumentalmente benéfica para mim, entretanto isso fodeu seu casamento... mas este lado da nossa relação está terminado.

Jesus – outra parte que eu não consigo entender. Ela era casada também. Como eles fizeram isto por tanto tempo?

— E seus pais nunca descobriram?

— Não, — ele rosna. — Eu já disse isso a você.

E eu sei isso. Eu não posso perguntar a ele quaisquer perguntas adicionais sobre ela porque ele enlouquecerá comigo.

— Você acabou? — Ele estala.

— Por agora.

Ele respira fundo e visivelmente relaxa na minha frente, como se um grande peso fosse erguido de seus ombros ou algo.

— Certo... minha vez, — ele murmúrios, e seu olhar feroz virou gélido, especulativo. — Você não respondeu meu e-mail.

Eu ruborizei. Oh, eu odeio refletores em mim, e parece que ele vai ficar bravo toda vez que nós temos uma discussão. Eu agito minha cabeça.

Talvez isto é o que ele sente sobre minhas perguntas, ele não está acostumado a ser desafiado. O pensamento é revelador, me distrai, e enerva.

— Eu iria responder. Mas agora você está aqui.

— Você prefere que eu não estivesse? — Ele respira, sua expressão impassível novamente.

— Não, eu estou contente, — eu murmuro.

— Bom. — Ele dá para mim um sorriso genuíno de alivio. — Eu estou muito contente de estar aqui... apesar de seu interrogatório. Embora aceite que me fuzile de perguntas, você pensa que pode reivindicar algum tipo de imunidade diplomática só porque eu voei todo esse caminho para ver você? Eu não estou aceitando isto, Senhorita Steele. Eu quero saber como você se sente.

Oh não...

— Eu disse a você. Eu estou contente que você esteja aqui. Obrigada por vir, — eu digo debilmente.

— O prazer é todo meu, Senhorita Steele.— Seus olhos brilham quando ele se debruça para abaixo e me beija suavemente.

Eu sinto eu mesma automaticamente respondendo. A água está ainda morna, o banheiro quieto e vaporoso.

Ele para e se puxa de volta, olhando abaixo, para mim.

— Não. Eu penso que eu quero primeiro algumas respostas antes de nós fazermos mais.

Mais? Ai está essa palavra novamente. E ele quer respostas .... respostas para o que? Eu não tenho um passado secreto... eu não tenho uma infância horripilante. O que ele possivelmente podia querer saber sobre mim que ele já não saiba?

Eu suspiro, resignada.

— O que você quer saber.

— Bem, como você se sente sobre nosso acordo, para começar.

Eu pisco para ele. Hora de dizer a verdade. Meu subconsciente e a deusa interior olham nervosamente uma para o outro. *Inferno, vamos com a verdade.*

— Eu penso que eu não posso fazer isto por um período estendido de tempo. Um fim de semana inteiro sendo alguém que eu não sou. — Eu ruborizo e olho fixamente para as minhas mãos.

Ele levanta meu queixo, e ele está sorrindo para mim, divertido.

— Não, eu também penso que você não poderia.

E parte de mim se sente ligeiramente afrontada e desafiada.

— Você está rindo de mim?

— Sim, mas em um bom modo,— ele diz com um pequeno sorriso.

Ele se debruça e me beija suavemente, brevemente.

— Você não é uma grande submissa, — ele respira enquanto segura meu queixo, seus olhos dançam com humor.

Eu olho fixamente para ele chocada, então eu desato a rir – e ele se junta a mim.

— Talvez eu não tenha um bom professor.

Ele bufa.

— Talvez. Talvez eu deveria ser mais rígido com você. — Ele arma sua cabeça para um lado e dá a mim um sorriso astuto.

Eu trago. Jesus, não. Mas ao mesmo tempo, meus músculos apertam deliciosamente bem no fundo.

É seu modo de exibir o quanto ele se importa. Talvez o único modo que ele pode mostrar que se importa – eu percebo isto. Ele está olhando fixamente para mim, medindo minha reação.

— Foi tão ruim quando eu espanquei você a primeira vez?

Eu olho de volta para ele, piscando. Foi tão ruim? Eu lembro de parecer confusa com minha reação. Machuca, mas não tanto em retrospecto. Ele disse inúmeras vezes que está mais em minha cabeça. E a segunda vez… Bem, isso foi bem… quente.

— Não, para falar a verdade não, — eu sussurro.

— Foi mais a ideia disto? — Ele inicia.

— Eu suponho. Sentir prazer, quando supostamente não se é para ter.

— Eu lembro de sentir o mesmo. Leva um tempo para conseguir que sua cabeça trabalhe ao redor isto.

Santo inferno. Isto foi quando ele era uma criança.

— Você pode sempre usar uma palavra de segurança, Anastásia. Não esqueça isto. E, desde que você siga as regras, o que preenche uma profunda necessidade em mim pelo controle, você se mantém segura, então talvez nós podemos achar um modo.

— Por que você precisa me controlar?

— Porque isso satisfaz uma necessidade em mim que eu não encontrava em meus anos de formação.

— Então isso é uma forma de terapia?

— Eu nunca pensei sobre isso desse modo, mas sim, eu suponho que é.

Isto eu posso entender. Isto ajudará.

— Mas, aqui tem uma coisa... um momento você diz não me desafie, o próximo você diz que gosta de ser desafiado. Isto é uma linha muito fina para andar com sucesso.

Ele olha para por um momento, então franze o cenhos.

— Eu posso ver isto. Mas você parece estar se dando bem até agora.

— Mas a que custo pessoal? Você me deixou de braços e pernas atadas.

— Eu gosto disso, atar pernas e braços, — ele sorri.

— Não é isso que eu quis dizer! — Eu esguicho água em exasperação.

Ele olha para em mim, arqueando uma sobrancelha.

— Você acabou de espirrar água em mim?

— Sim.— *Merda... esse olha.*

— Oh, Senhorita Steele. — Ele me agarra e me puxa sobre seu colo, espirando água por toda parte do chão. — Eu penso que nós tivemos suficiente conversa no momento.

Ele aperta suas mãos, uma em cada lado da minha cabeça e me beija. Profundamente. Possuindo minha boca. Angulando minha cabeça... controlando-me. Eu gemo contra seus lábios. Isto é o que ele gosta. Isto é no que ele é tão bom. Tudo acende dentro de mim e meus dedos vão para seu cabelo, segurando ele para mim, e eu estou beijando-o de volta e dizendo que eu o quero muito, do único modo que eu sei como. Ele geme, e movendo assim eu estou montada nele, ajoelhando acima dele, sua ereção em baixo de mim. Ele se puxa de volta e olha para mim, seus olhos ardendo e luxurioso. Eu solto minhas mãos para agarrar a extremidade da banheira, mas ele agarra ambos meus pulsos e puxa minhas mãos atrás das minhas costas, segurando-os juntos com uma mão.

— Eu vou te ter agora,— ele sussurra e me ergue de forma que eu estou pairando acima dele.

— Pronta? — Ele respira.

— Sim, — eu sussurro, e ele me solta para ele, lentamente, perfeitamente lento... enchendo-me...Assistindo-me enquanto ele me toma.

Eu gemo, fechando meus olhos, e eu me divirto na sensação, o estirar do preenchimento. Ele dobra seus quadris, e eu ofego, debruçando adiante, descansando minha fronte contra a sua.

— Por favor, deixe minhas mãos soltas, — eu sussurro.

— Não me toque, — ele pleiteia, e solta meus pulsos, ele agarra meus quadris.

Apertando a borda da banheira, eu levanto e então abaixo lentamente, abrindo meus olhos para olhá-lo. Ele está assistindo-me. Sua boca ligeiramente aberta, sua respiração detida, formal – sua língua entre seus dentes. Ele parece tão... quente. Nós estamos molhados e escorregadios e movendo um contra o outro. Eu me debruço para baixo e o beijo. Ele fecha seus olhos. Tentativamente, eu trago minha mão para sua cabeça e corro meus dedos por seu cabelo, não me separando meus lábios de sua boca. Isto eu tenho permissão. Ele gosta disto. Eu gosto disto. E nós nos movemos junto. Eu puxo seu cabelo, inclinando sua cabeça e afundando o beijo, montando-o – mais rápido, aumentando o ritmo. Eu gemo contra sua boca. Ele começa a me erguer propositalmente mais rápido, mais rápido, segurando meus quadris. Beijando-me de volta. Nós somos bocas e línguas molhadas, cabelo emaranhado, e quadris se movendo. Toda sensação... tudo consumindo novamente.

Eu estou quase... eu estou começando a reconhecer esse delicioso aperto... acelerando. E a água... está rodando ao nosso redor, nosso próprio remoinho de água, um vórtice ativo quando nossos movimentos se tornam mais frenéticos... pulverizando água em todos os lugares, espelhando o que está acontecendo dentro de mim... e eu só não me importo.

Eu amo este homem. Eu amo sua paixão, o efeito que eu tenho nele. Eu amo que ele tenha voado até aqui para me ver. Eu amo que ele se importe comigo como ele se importa. É tão inesperado, tão realizadora.

Ele é meu, e eu sou seu.

— Isso mesmo, bebê, — ele respira.

E eu gozo, meu orgasmo se rasga por mim, turbulento, apaixonado, um apogeu que me devora inteiro. E de repente Christian me esmaga nele... seus braços embrulhados ao redor das minhas costas quando ele encontra sua liberação.

— Ana, bebê! — Ele grita, e isso prece uma selvagem invocação, ativa e tocando as profundezas de minha alma.

Nós deitamos olhando fixamente um para o outro, olhos cinzas em azuis, cara a cara, na cama super king-size, ambos segurando os travesseiros em nossas frentes. Nus. Sem tocar. Só olhando e admirando, cobertos por um lençol.

— Você quer dormir? — Christian pergunta, sua voz suave. Ele é bonito; A mistura de cores em seu cabelo vívido contra o algodão egípcio

branco, olhos cinza, queimando sem chama, expressivo. Ele parece preocupado.

— Não. Eu não estou cansada. — Eu me sinto estranhamente energizada. Tem sido tão bom conversar – eu não quero parar.

— O que você quer fazer?— Ele pergunta.

— Conversar.

Ele sorri.

— Sobre que?

— Coisas.

— Que coisas?

—Você.

— O que tem eu?

— Qual seu filme favorito?

Ele sorri.

— Hoje, é 'O Piano.' [36]

Seu sorriso é contagiante.

— Claro. Bobagem minha. Tal triste, excitante nota, que sem nenhuma dúvida você pode tocar? Tantas realizações, Sr. Grey.

— E o maior é você, Senhorita Steele.

— Então eu sou número dezessete.

Ele franze a testa para mim não compreendendo.

— Dezessete?

— Número de mulheres você teve… fez sexo.

Seus lábios se curvam, seus olhos que brilham com incredulidade.

— Não exatamente.

— Você disse quinze,— Minha confusão é óbvia.

— Eu estava me referindo ao número de mulheres em meu quarto de jogos. Eu pensei que era isso que você quis dizer. Você não perguntou a mim quantas mulheres com que eu fiz sexo.

— Oh. — *Merda… existe mais… Quantas?* Eu pasmo. — Baunilha?

— Não. Você é minha conquista baunilha, — ele agita sua cabeça, ainda rindo para mim.

[36] **O Piano** (em inglês The **Piano**) é um filme áustralo-franco-neozelandês de 1993, do gênero drama e escrito e dirigido pela neozelandesa Jane Campion.

Por que ele acha isto engraçado? E por que eu estou rindo de volta para ele como uma idiota?

— Eu não posso dar a você um número. Eu não coloquei notas na minha cama ou qualquer coisa.

— De quantas estamos falando... dezenas, milhares de centenas? — Meus olhos crescem mais selvagem quando os números ficam maiores.

— Dezenas. Nós estamos nas dezenas, pelo amor.

— Todas submissas?

— Sim.

— Pare de rir de mim, — Eu repreendo-o levemente, tentando e falhando em manter um rosto sério.

— Eu não posso. Você é engraçada.

— Engraçada no sentido bobona ou graciosa?

— Um pouco de ambos eu acho. — Suas palavras espelham as minhas.

— Isto é um maldito descaramento, vindo de você.

Ele se debruça e beija a ponta do meu nariz.

— Isto chocará você, Anastásia. Pronta?

Eu movimento a cabeça, alargo os olhos, ainda com o sorriso estúpido em meu rosto.

— Todas eram submissas em treinamento, quando eu estava treinando. Existem lugares ao redor de Seattle que se pode ir e praticar. Aprender a fazer o que eu faço, — ele diz.

O que?

— Oh. — Eu pisco para ele.

— Sim, eu paguei por sexo, Anastásia.

— Isto não é algo para orgulhar-se, — eu murmúrio altivamente — E você está certo… que eu estou profundamente chocada. E zangada que eu não posso chocá-lo.

— Você vestiu minha roupa íntima.

— Isso chocou você?

— Sim. — Minha deusa interior saltou com uma vara acima de uma barra de 4 metros e meio.

— Você não vestiu sua calcinha para encontrar meus pais.

— Isso chocou você?

— Sim.

Jesus, a barra moveu para 4 metros e 80.

— Parece que eu posso só chocá-lo no departamento de roupa íntima

— Você disse a mim que você era virgem. Isto é o maior choque que eu já tive.

— Sim, seu rosto era um retrato, um momento Kodak.— Eu dou uma risadinha.

— Você me deixou usar o chicote em você.

— Isso chocou você?

— Sim.

Eu sorri.

— Bem, eu posso deixar você fazer isto novamente.

— Oh, eu espero, Senhorita Steele. Neste fim de semana?

— Ok, — eu concordo, bobamente.

— Ok?

— Sim. Eu irei para o Quarto Vermelho da Dor novamente.

— Você dirá meu nome.

— Isso choca você?

— O fato de eu gostar disso me choca.

— Christian.

Ele sorri.

— Eu quero fazer algo amanhã. — Seus olhos brilharam com excitação.

— O que?

— Uma surpresa. Para você. — Sua voz é baixa e suave.

Eu levanto uma sobrancelha e abafo um bocejo ao mesmo tempo.

— Eu chateio você, Senhorita Steele? — Seu tom é sardônico.

— Nunca.

Ele se debruça através e me beija suavemente meus lábios.

— Durma, — ele comanda, então desliga a luz.

E neste quieto momento, enquanto eu fecho meus olhos, exaustos e saciados, eu penso que eu estou no olho da tempestade. E apesar de tudo que ele disse, e o que ele não disse, eu não acho que já estive tão feliz.

Capítulo 24

Christian está em uma jaula de aço. Vestindo jeans, seus macios e rasgados jeans, seu peito e seus pés que são de dar água na boca estão nus, e ele está olhando para mim. Sua piada privada faz com que ele tenha um sorriso em seu rosto bonito e seus olhos da cor de um cinza fundido. Em suas mãos ele segura uma taça de morangos.

Ele anda lentamente com uma graça atlética até a frente da jaula, olhando fixamente para mim. Segurando um morango gordo e maduro, ele estende a sua mão através das barras.

— Coma, — diz ele, sua língua acariciando a frente de sua boca, ele enfatiza o 'a'.

Eu tento ir para ele, mas estou amarrada, travada por uma força invisível em volta dos meus pulsos, me segurando. *Deixe-me ir.*

— Venha e coma, — ele diz, sorrindo o seu delicioso sorriso torto.

Eu puxo e puxo... Deixe-me ir! Eu quero gritar e gritar, mas nenhum som emerge. Eu estou muda. Ele se estende um pouco mais, e encosta o morango em meus lábios.

— Coma, Anastásia. — Sua boca forma o meu nome, se demorando sensualmente em cada sílaba.

Eu abro minha boca e mordo, a gaiola desaparece e minhas mãos estão livres. Eu chego a tocá-lo, passo os meus dedos pelos cabelos de seu peito.

— Anastásia.

Não. Eu lamento.

— Vamos lá, querida.

Não. Eu quero tocar em você.

— Acorde.

Não. Por favor. Meus olhos piscam involuntariamente abertos por uma fração de segundo. Eu estou na cama e alguém está falando ao meu ouvido.

— Acorde, querida, — ele sussurra, e o efeito de sua voz quente é como caramelo derretido em minhas veias.

É Christian. Caramba, ainda está escuro, e as imagens dele no meu sonho ainda persistem, desconcertantes e atormentando em minha cabeça.

— Ah... não, — eu gemo. Eu queria estar de volta em seu peito, de volta ao meu sonho. Por que ele está me acordando?

É o meio da noite, ou assim parece. *Puta merda*. Será que ele quer sexo, agora?

— Hora de levantar, querida. Vou ligar a luz. — Sua voz é calma.

— Não, — eu gemo.

— Eu quero perseguir o amanhecer com você, — ele diz, beijando o meu rosto, minhas pálpebras, a ponta do meu nariz, minha boca, e eu abro os olhos. A luz está ligada. — Bom dia, linda, — ele murmura.

Eu gemo, e ele sorri.

— Você não uma pessoa da manhã, — ele murmura.

Através da neblina da luz, eu vejo Christian debruçado sobre mim, sorrindo. Divertido.

Sorrindo para mim. Vestido! Em preto.

— Eu pensei que você queria sexo, — eu resmungo.

— Anastásia, eu sempre quero sexo com você. É reconfortante saber que você sente o mesmo, — ele diz secamente.

Eu olho para ele enquanto os meus olhos se ajustam a luz, mas ele ainda parece divertido... agradeço aos céus.

— Claro que sim, mas não quando é tão tarde.

— Não é tarde, é cedo. Vamos lá, se você levantar. Nós vamos sair. E depois ter uma verificação da enxurrada de sexo.

— Eu estava tendo um sonho tão bom, — eu lamento.

— Sonhando com o quê? — Ele pede com paciência.

— Com você. — Eu coro.

— O que eu estava fazendo no momento?

— Tentando me alimentar com morangos.

Seus lábios se contorcem em um traço de sorriso.

— Dr. Flynn poderia ter um dia de campo com isso. Levanta e vá se vestir. Não se preocupe em tomar banho, nós podemos fazer isso mais tarde.

Nós!

Sento-me, e as piscinas de lençóis na minha cintura caem, revelando o meu corpo. Ele está me dando espaço, seus olhos escurecem.

— Que horas são?

— 5:30 da manhã.

— Parece 3:00 da manhã.

— Nós não temos muito tempo. Eu a deixei dormir o maior tempo possível. Venha.

— Não posso tomar um banho?

Ele suspira.

— Se você tomar um banho, eu vou querer tomar um com você, e você e eu sabemos o que vai acontecer em seguida, o dia só vai passar. Venha.

Ele está animado. Como um menino pequeno, ele brilha com antecipação e entusiasmo. Ele me faz sorrir.

— O que estamos fazendo?

— É uma surpresa. Eu disse a você.

Eu não posso deixar de sorrir para ele.

— Ok. — Eu escalo para fora da cama e procuro minhas roupas. É claro que elas estão bem dobradas na cadeira ao lado da minha cama. Um par de cuecas boxes Ralph Lauren é colocado para fora. Eu a coloco, e ele sorri para mim. Hmm, outra peça de roupa íntima de Christian Grey, um troféu para adicionar a minha coleção, junto com o carro, o BlackBerry, o Mac, o casaco preto e um conjunto de livros antigos de primeiras edições valiosas. Sacudo a cabeça, e franzo a testa quando uma cena de Tess passa pela minha cabeça: a cena dos morangos. Invoco meu sonho. Para o inferno com o Dr. Flynn, Freud teria um dia de campo, e, em seguida, ele provavelmente terminaria tentando lidar com as Cinquenta Sombras.

— Eu vou lhe dar algum espaço, agora que você se levantou. — Christian sai em direção à sala de estar e eu ando para o banheiro. Eu tenho necessidades para atender, e eu queria um banho rápido. Sete minutos depois, estou na sala de estar, limpa, escovada e vestida em jeans, meu corpete, e a roupa intima de Christian Grey. Olhei para Christian, o vendo sentado na mesa de jantar onde ele está tomava café da manhã. Café da manhã! Caramba, nesse momento.

— Coma, — diz ele.

Santo Moisés... meu sonho. Olho para ele de boca aberta, pensando em sua língua no céu da boca. *Hmm, sua língua experiente.*

— Anastásia, — ele diz com firmeza, me puxando para fora de meu devaneio.

É realmente muito cedo para mim. Como posso lidar com isso?

— Vou tomar um chá. Posso pegar um croissant para depois?

Ele me olha com desconfiança, e eu sorrio docemente.

— Não jogue água na minha festa, Anastásia, — adverte ele suavemente.

— Eu vou comer mais tarde quando meu estômago estiver acordado. Depois das 7:30 da manhã... Ok?

— Ok. — Ele olha para mim.

Honestamente. Tenho que me concentrar muito em não fazer uma careta para ele.

— Eu quero desviar meu olhar de você.

— Por todos os meios, faça, e você vai fazer o meu dia, — disse com firmeza.

Olho para o teto.

— Bem, uma surra me acordaria, eu suponho. — Pouso meus lábios em uma contemplação silenciosa.

A boca de Christian cai aberta.

— Por outro lado, eu não quero que você fique toda quente e desconfortável, o clima aqui é quente o suficiente. — Dou de ombros com indiferença.

Christian fecha a boca e se esforça muito para olhar indignado, mas não consegue totalmente.

Eu posso ver o humor escondido na parte de trás dos seus olhos.

— Está, como sempre, me desafiando, Senhorita Steele. Beba seu chá.

Eu observo o rótulo Twinings, e no interior, meu coração canta. *Veja, ele se importa*, com o meu paladar subconsciente. Eu sento e o enfrento, bebendo sua beleza. Será que vou ter o suficiente desse homem?

Quando sai da sala, Christian lança um moletom para mim.

— Você vai precisar disso.

Eu olho para ele, intrigada.

— Confie em mim. — Ele sorri, se inclina e me beija depressa nos lábios, em seguida, agarra minha mão e nos guia para fora.

Lá fora, no frio relativo à meia-luz anterior ao amanhecer, nas mãos de um manobrista estavam às chaves de Christian para um veloz carro esporte com uma capota. Levanto uma sobrancelha para Christian, que sorri para mim.

— Você sabe, às vezes é ótimo ser eu, — ele diz com um sorriso cúmplice, mas presunçoso que eu simplesmente não sei imitar. Ele é tão adorável quando é brincalhão e despreocupado. Ele abre a porta do carro com uma reverência exagerada, e eu escalo. Ele está em um humor tão bom.

— Aonde vamos?

— Você vai ver. — Ele sorri enquanto escorrega o carro na unidade, e sai em Savannah Parkway. Ele programa o GPS e pressiona um botão no volante e uma peça clássica orquestral enche o carro.

— O que é isso? — Eu pergunto, quando o doce, doce som de uma centena de cordas de um violino chegam até nós.

— É uma parte de La Traviata. Uma ópera de Verdi.

Oh, meu... é lindo.

— La Traviata? Eu tenho lembrança disso. Só não posso me lembrar de onde. O que significa?

Christian olha para mim e sorri.

— Bem, literalmente, a mulher caída. É baseada no livro de Alexandre Dumas, A Dama das Camélias.

— Ah. Eu li isso.

— Eu achei que você poderia ter lido.

— A cortesã condenada. — Contorço-me desconfortavelmente no assento de couro. Ele está tentando me dizer alguma coisa? — Hmm, é uma história deprimente, — murmuro.

— Muito deprimente? Você quer escolher alguma música? Está no meu iPod. — Christian tem um sorriso secreto novamente.

Eu não posso ver o seu iPod em lugar nenhum. Ele bate na tela do console entre nós, e eis que, há uma lista de reprodução.

— Você escolhe. — Seus lábios se contorcem em um sorriso, e eu sei que é um desafio.

O iPod de Christian Grey, deve ser interessante. Eu percorro a tela sensível ao toque, e encontro a música perfeita. Pressiono tocar. Eu não teria imaginado que ele era um fã de Britney. O clube mix, com batidas Techno, e Christian abaixa o volume. Talvez seja cedo demais para isso: Britney é a suma mais sensual.

— Tóxic, hein? — Sorri Christian.

— Eu não sei o que você quer dizer. — Finjo inocência.

Ele abaixa um pouco mais a música, e por dentro eu estou me abraçando. Minha deusa interior está de pé no pódio aguardando a sua medalha de ouro. Ele abaixa um pouco mais a música.

Vitória!

— Eu não coloquei essa música no meu iPod, — ele diz casualmente, e aperta o pé e acelera pela rodovia me jogando de volta para o meu acento.

O quê? Ele sabe o que está fazendo, o bastardo. *Quem colocou?* E tenho que escutar a Britney indo e indo. *Quem... quem?*

A música termina e o iPod se embaralha e começa a tocar uma música triste de Damien Rice. *Quem? Quem?* Olho para fora da janela, meu estômago revirando. *Quem?*

— Foi Leila, — ele respondeu meus pensamentos não ditos. *Como ele faz isso?*

— Leila?

— Uma ex que colocou a música no meu iPod.

Damien toca ao longe no fundo enquanto me sento atordoada. Uma ex... ex-submissa? Uma ex... — Uma das quinze? — eu pergunto.

— Sim.

— O que aconteceu com ela?

— Nós terminamos.

— Por quê?

Oh caramba. É muito cedo para esse tipo de conversa. Mas ele parece relaxado, feliz mesmo, e até mais falante.

— Ela queria mais. — Sua voz é baixa, introspectiva mesmo, e ele deixa a frase pendurada entre nós, terminando com essa palavra pouco poderosa novamente.

— E você não queria? — Perguntou antes que eu posso empregar meu cérebro para por um filtro em minha boca. Merda, eu quero saber?

Ele balança a cabeça.

— Eu nunca quis mais, até que conheci você.

Eu suspiro, cambaleando. *Oh meu Deus*. Não é isso que eu quero? Ele quer mais. Ele quer, também! Minha deusa interior capotou fora do pódio e está fazendo cambalhotas ao redor do estádio.

Não é só comigo.

— O que aconteceu com as outras catorze? — Pergunto.

Eita, tem que aproveitar que ele está falando.

— Você quer uma lista? Divorciada, decapitada, morta?

— Você não é Henry VIII.

— Ok. Em nenhuma ordem em particular, eu só tive relacionamentos de longo prazo com quatro mulheres, além de Elena.

— Elena?

— Sra. Robinson para você. — Ele dá aquele seu meio sorriso de uma piada secreta.

Elena! Puta merda. A maligna tem um nome e que soa estrangeiro. A visão de uma gloriosa sedutora de pele clara com cabelos negros e lábios vermelhos rubi vem à mente, e eu sei que ela é linda. *Eu não devo permanecer. Eu não devo permanecer.*

— O que aconteceu com as quatro? — Pergunto para me distrair.

— Então está tão curiosa e ávida por informação, senhorita Steele, — ele repreende de brincadeira.

— Oh, Sr. Quando É O Seu Período Fértil?

— Anastásia, um homem precisa saber dessas coisas.

— Será que precisa?

— Eu preciso.

— Por quê?

— Porque eu não quero que você engravide.

— Nem eu! Bem, ainda não por alguns anos.

Christian pisca assustado, então visivelmente relaxa. Ok. Christian não quer ter filhos.

Agora ou nunca? Estou sofrendo com o ataque repentino de sinceridade sem precedentes. Talvez seja o inicio da manhã? Algo na água da Geórgia? No ar da Geórgia? O que mais eu quero saber? *Carpe Diem* (Aproveite o dia).

— Então, as outras quatro, o que aconteceu? — Pergunto.

— Com uma, conheceu outra pessoa. E as outras três queriam, mais. Eu não estava no mercado para mais.

— E as outras? — Eu pressionei.

Ele olha para mim brevemente e apenas balança a cabeça.

— Só não deu certo.

Uau, um balde de carga de informações para processar. Olho no espelho lateral do carro, e percebo o crescimento suave de rosa e verde azulado no céu para trás. O amanhecer está nos seguindo.

— Onde estamos indo? — Eu pergunto perplexa, olhando para o I-95. Estamos indo para o sul, isso é tudo que eu sei.

— Um campo de pouso.

— Não estamos indo de volta para Seattle não é mesmo? — Eu suspiro, alarmada. Eu não disse adeus para a minha mãe. Caramba, ela vai estar nos esperando para jantar.

Ele ri.

— Não, Anastásia, vamos para o meu segundo passatempo favorito.

— Segundo? — Franzo a testa para ele.

— Sim. Eu te disse o meu favorito está manhã.

Olho para o seu perfil glorioso, franzindo a testa, quebrando a cabeça.

— Satisfazer você, Senhorita Steele é que tem que estar no topo da minha lista. Qualquer maneira que eu poder te pegar.

Oh,

— Bem, isso é bastante alto na minha lista de desvios, e prioridades excêntricas também. — Murmuro corando. — Tenho o prazer de ouvir, — ele resmunga secamente.

— Então, aeroporto?

Ele sorri para mim.

— Voando.

Sinos vagos começaram a soar. Ele tinha mencionado antes.

— Nós vamos perseguir o amanhecer, Anastásia. — Ele se vira e sorri para mim quando o GPS o incita a virar à direita no que parece ser um complexo industrial. Ele vira para o lado, onde um tem grande edifício branco onde se lê: Brunswick Soaring Association.

Planando! Vamos planar?

Ele desliga o motor.

— Você quer isso? — Pergunta ele.

— Você vai voar?

— Sim.

— Sim, por favor! — Não hesitei. Ele sorri, se inclina para frente e me beija.

— Primeira outra novidade, Senhorita Steele, — ele diz, enquanto sai do carro.

Primeira vez? Que tipo de primeira vez? Primeira vez pilotando um planador… merda! Não, ele disse que fez isso antes. Eu relaxo. Ele caminha em volta do carro e abre minha porta. O céu se transformou em um opala sutil, brilhando e brilhando suavemente atrás das nuvens. O amanhecer está sobre nós.

Pegando minha mão, Christian me leva ao redor do prédio para uma grande extensão de pista onde vários aviões estão estacionados. Esperando ao lado deles, um homem com a cabeça raspada e um olhar selvagem em seus olhos está acompanhado por Taylor.

Taylor! Christian não vai a um lugar sem aquele homem? Eu olho para ele, e ele sorri gentilmente para mim.

— Sr. Grey, este é seu piloto reboque, o Sr. Mark Benson, — diz Taylor. Christian e Benson apertam as mãos e iniciam uma conversa, que soa muita técnica sobre a velocidade do vento, as direções, e assim por diante.

— Olá, Taylor, — murmuro timidamente.

— Senhorita Steele. — Ele acena uma saudação para mim, e eu franzo a testa. — Ana, — ele se corrige.

— Ele tem sido um inferno na terra nos últimos dias. Ainda bem que estamos aqui, — ele diz conspirando.

Oh, esta é uma notícia. Por quê? Certamente não por minha causa! Revelações de quinta-feira! Deve ser algo na água Savannah que faz estes homens soltar umas poucas coisas.

— Anastásia, — Christian me convoca. — Venha. — Ele estende a mão.

— Vejo você depois. — Eu sorrio para Taylor, e dando-me uma saudação rápida, ele volta para o estacionamento.

— Sr. Benson, esta é a minha namorada Anastásia Steele.

— Prazer em conhecê-lo, — murmuro enquanto apertamos as mãos.

Benson me dá um sorriso deslumbrante.

— Igualmente, — ele diz, e eu posso dizer que pelo seu sotaque ele é britânico.

Quando pego a mão de Christian, há uma excitação crescente em minha barriga. *Uau... planar*! Seguimos Mark Benson por todo o caminho em direção a pista. Ele e Christian mantém uma conversa em execução. Eu pego a essência. Nós estaremos em um Blanik L-23, que aparentemente é melhor do que um L-13, embora esteja aberto ao debate. Benson vai pilotar um Piper Pawnee. Ele está voando a cerca de cinco anos. Tudo não significa nada para mim, mas olhando para Christian, tão animado, é um prazer vê-lo.

O avião em si é longo, elegante e branco com listras laranja. Ele tem uma cabine pequena com dois assentos um em frente ao outro. É preso por um longo cabo branco de um pequeno avião com uma única hélice convencional. Benson abre a grande cúpula de acrílico claro que emoldura a cabine, o que nos permite entrar.

— Primeiro precisamos colocar o cinto do seu paraquedas.

Paraquedas!

— Eu vou fazer isso, — interrompe Christian e toma o cinto de Benson, que sorri docilmente para ele.

— Eu vou buscar algum contrapeso, — diz Benson e vai em direção ao avião.

— Você gosta de me prender nas coisas. — Observo secamente.

— Senhorita Steele, você não tem ideia. Aqui, entre nessas tiras.

Eu faço como me disse, coloco o meu braço em seu ombro. Christian enrijece um pouco, mas não se move. Uma vez que meus pés estão nas alças, ele puxa o paraquedas para cima, e eu coloco meus braços nas alças. Habilmente, ele prende o cinto e aperta todas as correias.

— Pronto, esta prontas — ele diz levemente, mas seus olhos estão brilhando. — Você tem seu laço de cabelo de ontem?

Concordo com a cabeça.

— Você quer que eu coloque em meu cabelo?

— Sim.

Eu rapidamente faço o que ele pede.

— Pode se sentar, — Christian comanda. Ele é ainda tão mandão. Subo na parte traseira.

— Não, na frente. O piloto fica na parte de trás.

— Mas você não será capaz de ver.

— Verei o suficiente. — Ele sorri.

Eu não acho que já o vi tão feliz, mandão, mas feliz. Subo e me estabeleço no assento de couro. É surpreendentemente confortável. Christian se inclina, puxa o sinto sobre os meus ombros, pega o cinto menor entre as minhas pernas e as faixas horárias, e apoia todos no fecho que tem em minha barriga. Ele aperta as cintas de contenção.

— Hmm, duas vezes em uma manhã, eu sou um homem de sorte, — ele sussurra e me beija rapidamente.

— Isso não vai demorar muito, vinte, trinta minutos no máximo. As massas de ar não são muito boas neste horário da manhã, mas é tão deslumbrante lá em cima a esta hora. Eu espero que você não esteja nervosa.

— Animada. — Eu o olhei.

Da onde é que esse sorriso ridículo vem? Na verdade, parte de mim está apavorada. Minha deusa interior, ela está debaixo de um cobertor atrás do sofá.

— Bom. — Ele sorri de volta, acariciando meu rosto, em seguida, desaparece de vista.

Eu ouço seus movimentos enquanto ele sobe atrás de mim. Claro que ele me amarrou com tanta força que não posso me mover ao redor para vê-lo... típico! Estamos muito baixo sobre o chão. Diante de mim, um painel de mostradores e alavancas e uma coisa grande como um porrete. Deixo-o quieto.

Mark Benson aparece com um sorriso alegre quando ele verifica as minhas tiras se inclina, e verifica o chão da cabine. Eu acho que é o contrapeso.

— Sim, isso é seguro. Primeira vez? — Ele me pergunta.

— Sim.

— Você vai adorar.

— Obrigada, Sr. Benson.

— Chamem-me de Mark. — Ele se vira para Christian. — Tudo bem?

— Sim. Vamos.

Estou tão feliz por não ter comido nada. Estou além de animada, e eu não acho que meu estômago apreciaria o alimento, a emoção, e sair do chão. Mais uma vez, estou me colocando nas mãos hábeis deste homem lindo. Mark fecha a tampa da cabine, passeia ao longo do caminho em frente, e sobe dentro.

A única hélice do Piper começa a rodar, e o nervosismo do meu estômago sobe para a minha garganta. Caramba... Eu estou realmente fazendo isso. Mark nos puxa lentamente pela pista, e quando o cabo leva a pressão, de repente sacudimos para frente. Estamos fora. Ouço conversas sobre o aparelho de rádio atrás de mim. Eu acho que é conversa de Mark com a torre - mas eu não posso dizer o que ele está falando.

O Piper pega velocidade, assim como nós. É muito irregular, e na frente de nós, o avião de uma única hélice ainda está no chão. Caramba, será que vamos levantar? E de repente, o nervosismo do meu estômago desaparece da minha garganta e gratuitamente sai através do meu corpo para o chão, estamos no ar.

— Aqui vamos nós, querida! — Christian grita atrás de mim. E nós estamos em nossa própria bolha, só nós dois. Tudo o que ouço é o som do vento rasgando e passando e o som distante que vem do zumbido do motor do Piper.

Estou segurando a borda do meu assento com as duas mãos, com tanta força que meus dedos estão brancos.

Nós seguimos para o oeste, para o interior, longe do sol nascente, ganhando altura, atravessando campos e florestas e casas e I-95. *Oh meu Deus*. Isto é surpreendente, acima de nós apenas o céu. A luz é extraordinária, difusa e quente no tom, e me lembro de José falar sobre a "hora mágica", um horário do dia em que os fotógrafos adoram, é isso... logo após o amanhecer, e eu estou nela, com Christian.

De repente, lembro-me da exposição de José. Hmm. Eu preciso dizer para Christian. Pergunto-me brevemente como ele vai reagir. Mas eu não vou me preocupar com isso, não agora, eu estou apreciando o passeio. Meus ouvidos estalam com o ganho de altura, e a terra desliza mais e mais longe. É tão pacífica.

Estou entendendo totalmente porque ele gosta de estar aqui. Fora de seu BlackBerry e todas as pressões de seu trabalho.

O rádio crepita a vida, e Mark menciona 3.000 pés. Caramba, isso parece alto. Eu verifico no chão, e não posso mais distinguir claramente nada lá em baixo.

— Relaxe, — Christian diz no rádio, e de repente o Piper desaparece, e a sensação de ser puxada fornecida pelo pequeno avião nos deixa. Estamos flutuando, flutuando sobre a Geórgia.

Puta merda, é excitante. O avião se transforma, e as asas mergulham, e nós vamos em espiral em direção ao sol. *Ícaro. É isso*. Eu estou voando perto do sol, mas ele está comigo, me levando. Eu engasgo com a realização. Nós rodamos e rodamos, e na minha opinião, nesta luz da manhã é espetacular.

— Segure-se firme! — Grita, e mergulhamos de novo, só que desta vez ele não para. De repente, eu estou de cabeça para baixo, olhando para o chão através do topo de vidro da cabine.

Eu grito alto, meus braços automaticamente avançam, minhas mãos ficam espalmadas sobre o vidro para me impedir de cair. Eu posso ouvi-lo rindo. *Bastardo!* Mas sua alegria é contagiante, e eu estou rindo muito enquanto ele endireita o avião.

— Estou contente por não ter tomado café da manhã! — Eu grito para ele.

— Sim, em retrospecto, é bom você não ter feito, porque eu vou fazer isso de novo.

Mergulha o avião mais uma vez, até que estamos de cabeça para baixo. Desta vez, estou preparada, e fico com a mão no cinto, mas isso me faz rir e sorrio como uma tola. Ele nivela o avião, mais uma vez.

— Lindo, não é? — Ele fala.

— Sim.

Voamos, mergulhando majestosamente no ar, ouvindo o vento e o silêncio, na luz da manhã. Quem poderia pedir mais?

— Vê o leme na sua frente? — Ele grita novamente.

Eu olho para o pau que está se movendo ligeiramente entre as minhas pernas. *Oh não*, onde ele está indo com isso?

— Agarre.

Oh merda. Ele vai me fazer pilotar o avião. *Não!*

— Vá em frente, Anastásia. Agarre-o, — ele insiste com mais veemência.

Timidamente, eu o agarro e sinto a altura e a guinada do que eu suponho que sejam os lemes e as pás ou o que mantêm essa coisa no ar.

— Segure firme... mantenha-o estável. Vê o botão do meio em frente? Mantenha a agulha no centro. — Meu coração está na boca. *Puta merda.* Estou voando num planador... Eu estou subindo.

— Boa menina. — Christian parece encantado.

— Estou surpresa que você me deixe assumir o controle, — eu grito.

— Você ficaria espantada com o que eu deixaria você fazer, Senhorita Steele. Faça para mim agora.

Eu sinto o movimento do leme de repente, e o deixo ir em espiral para baixo por vários pés, meus ouvidos começam a estalar novamente. O chão está se aproximando, e parece como se pudéssemos estar batendo nele em breve. Caramba, isso é assustador.

— BMA, este é BG N Papa Alpha 3, entrando na pista da esquerda a favor do vento sete para a grama, a BMA. — Christian soa com o seu tom autoritário habitual. A torre grita para ele no rádio, mas eu não entendo o que eles dizem. Nós voamos rodando novamente em um grande círculo, se afundando lentamente para o chão. Eu posso ver o aeroporto, as pistas de pouso, e nós estamos voando para trás sobre a I-95.

— Espere querida. Isto pode ficar instável.

Depois de outro círculo que mergulhei e, de repente estamos no chão com um baque breve, correndo ao longo da grama, *puta merda.* Meus dentes se batem quando nós colidimos a uma velocidade alarmante ao longo do chão, até que finalmente chegamos a uma parada. O avião oscila ligeiramente, em seguida, mergulha para a direita.

Tomo uma lufada profunda de ar, enquanto Christian se inclina e abre a tampa da cabine, escalando para fora e se alongando.

— Como foi isso? — Ele pergunta, e seus olhos estão brilhando, um cinza prata deslumbrante. Ele se inclina para me soltar.

— Foi extraordinário. Obrigada, — eu sussurro.

— Foi mais? — Pergunta ele, sua voz repleta de esperança.

— Muito mais, — eu respiro, e ele sorri.

— Venha. — Ele estende a mão para mim, e eu escalo para fora da cabine.

Assim que eu estou fora, ele me agarra e me abraça forte contra seu corpo. De repente, sua mão está no meu cabelo, puxando ele para trás, e sua outra mão desce até a base da minha espinha. Ele me beija, longo, duro, e apaixonadamente, sua língua na minha boca.

Sua respiração está pesada, o seu ardor... *Caramba*, sua ereção... estamos em um campo. Mas eu não me importo. Minhas mãos torcem em seu cabelo, agarrando-o para mim. Eu o quero, aqui, agora, no chão. Ele se afasta e olha para baixo, para mim, seus olhos agora escuros e luminosos na luz da manhã, cheios de matérias-primas, e uma sensualidade arrogante. Uau. Ele tira o meu fôlego.

— Café da manhã, — ele sussurra, fazendo soar deliciosamente erótico.

Como ele pode fazer bacon e ovos soar como um fruto proibido? É uma habilidade extraordinária. Ele se vira, apertando minha mão, e voltamos para o carro.

— E sobre o planador?

— Alguém vai cuidar disso, — ele diz com desdém. — Vamos comer agora. — Seu tom é inequívoco.

Comida! Ele está falando de alimentos, quando na verdade tudo que eu quero é ele.

— Venha. — Ele sorri.

Eu nunca o vi assim, e é uma alegria para os olhos. Eu me encontro caminhando ao lado dele, de mãos dadas, como uma estúpida, com sorriso bobo estampado em meu rosto. Isso me lembra de quando eu tinha dez anos e passei o dia na Disneylândia com Ray. Era um dia perfeito, e este está, com certeza, se moldando ao mesmo.

De volta ao carro, que voltamos ao longo de I-95 para Savannah, meu alarme do telefone acende. Ah, sim... minha pílula.

— O que é isso? — Christian pergunta, curioso, olhando para mim.

Eu procuro na minha bolsa pelo o pacote.

— Alarme para a minha pílula, — eu murmuro com minhas bochechas vermelhas.

Seus lábios se contraem.

— Bom, bem feito. Eu odeio camisinha.

Eu fico um pouco mais vermelha. Ele é tão paternalista como nunca foi.

— Gostei que você me apresentou a Mark como sua namorada, — murmuro.

— Não é o que você é? — Ele levanta uma sobrancelha.

— Eu sou? Eu pensei que você queria uma submissa.

— Assim como eu fiz, Anastásia, e faço. Mas eu já lhe disse, eu quero mais, também.

Oh meu Deus. Ele está chegando lá, e esperança surge através de mim, me deixando sem ar.

— Estou muito feliz que você quer mais, — eu sussurro.

— Nosso objetivo é agradar, Senhorita Steele. — Ele sorri enquanto vira para a International House of Pancakes.

— IHOP. — Eu sorrio de volta. Eu não acredito nisso. Quem teria pensado... Christian Grey na IHOP.

É 8:30 da manhã, mas está tudo calmo, no restaurante. Está com cheiro de massa doce, frituras e desinfetante. *Hmm... não como um aroma sedutor*. Christian me leva a uma mesa.

— Eu nunca teria imaginado que você viesse aqui, — eu digo enquanto deslizo na cabine.

— Meu pai costumava nos trazer a um desses sempre que minha mãe saia para uma conferencia médica. Era o nosso segredo. — Ele sorri para mim, os olhos cinzentos dançam, então pega um menu, passando a mão pelo cabelo rebelde enquanto olha para o cardápio.

Oh, eu quero correr minhas mãos por aquele cabelo. Eu pego um menu e o examino. Percebo que estou morrendo de fome.

— Eu sei o que quero, — ele respira, sua voz baixa e rouca.

Olho para ele, e ele está me olhando daquele jeito que aperta todos os meus músculos da barriga e me tira o meu fôlego, seus olhos escuros e latentes. *Puta merda.* Eu olho para ele, minha voz como o sangue em minhas veias, respondendo à sua chamada.

— Eu quero o que você quiser, — eu sussurro.

Ele inala drasticamente.

— Aqui? — Pergunta ele sugestivamente, levantando uma sobrancelha para mim, sorrindo maliciosamente, seus dentes prendendo a ponta de sua língua.

Oh meu Deus... sexo no IHOP. Suas mudanças de expressão, crescem mais obscuras.

— Não morda seu lábio, — ele ordena. — Não aqui, não agora. — Seus olhos endurecem momentaneamente, e por um momento, ele parece tão deliciosamente perigoso. — Se eu não puder tê-la aqui, não me tente.

—Olá, Meu nome é Leandra, o que posso fazer por vocês... er... gente... er... hoje, esta manhã...? — Sua voz se extingue, tropeçando em suas palavras, enquanto ela fica de olho no Sr. Belíssimo à minha frente.

Ela fica vermelha como tomate, e no fundo eu até que entendo-a, porque ele ainda tem esse efeito em mim. Sua presença me permite fugir rapidamente de seu olhar sensual.

— Anastásia? — Ele me pede, ignorando-a, e eu duvido que alguém pode pronunciar meu nome de forma mais carnal como ele neste momento.

Eu engulo, rezando para que eu não fique da mesma cor que a pobre Leandra.

— Eu te disse, eu quero o que você quiser. — Eu mantenho a minha voz suave, baixa, e ele olha para mim faminto. Caramba, minha deusa interior desmaia. *Eu estou até aonde neste jogo?*

Leandra olha de mim para ele e vice-versa. Ela está praticamente da mesma cor que seu cabelo vermelho brilhante.

— Devo lhes dar mais um minuto para decidir?

— Não. Sabemos o que queremos. — A boca de Christian se abre em um pequeno sorriso sexy.

— Queremos duas porções das panquecas originais com xarope e bacon ao lado, dois copos de suco de laranja, um café preto com leite desnatado, e um chá Inglês, se você tiver, — Christian diz, sem tirar os olhos de mim.

— Obrigada, senhor. Isso é tudo? — Sussurra Leandra, olhando para qualquer lugar, menos para nós dois. Nós dois por sua vez, olhamos para ela, e ela cora mais um pouquinho e se distancia.

— Você sabe que não é realmente justo. — Olho para a mesa de fórmica, traçando um padrão com o meu dedo indicador, tentando parecer indiferente.

— O que não é justo?

— O jeito que você desarma as pessoas. Mulheres. Eu.

— Eu te desarmo?

Eu bufo.

— O tempo todo.

— É só algo físico, Anastásia, — ele diz suavemente.

— Não, Christian, é muito mais do que isso.

Ele franze o cenho.

— Você me desarma totalmente, Senhorita Steele. Sua inocência. Que supera qualquer barreira.

— É por isso que você mudou de opinião?

— Mudei de opinião?

— Sim, sobre... err... nós?

Ele acaricia o queixo pensativo com seus dedos longos e hábeis.

— Eu não acho que mudei de opinião apenas por isso. Nós apenas precisamos redefinir nossos parâmetros, redesenhar as nossas linhas de batalha, se você quiser. Nós podemos fazer este trabalho, eu tenho certeza. Eu quero você submissa na minha sala de jogos. Eu vou te punir se você desviar das regras. Fora isso... bem, eu acho que tudo esta em discussão. Essas são as minhas necessidades, Senhorita Steele. O que você diria sobre isso?

— Então dormir com você? Na sua cama?

— É isso que você quer?

— Sim.

— Eu concordo em seguida. Além disso, eu durmo muito bem quando você está na minha cama. Eu não tinha ideia disso. — Sua testa aumenta enquanto diminui sua voz.

— Eu estava com medo de que você me deixaria se eu não concordasse com tudo isso, — sussurro.

— Eu não vou a lugar algum, Anastásia. Além disso ... — Ele se desliga, e depois de algum pensamento, acrescenta. — Estamos seguindo seu conselho, sua definição: compromisso. Você enviou para mim. E até agora, ela está funcionando para mim.

— Eu adoro que você queira mais, — murmuro timidamente.

— Eu sei.

— Como você sabe?

— Confie em mim. Apenas sei. — Ele sorri para mim. Ele está escondendo alguma coisa. *O quê?*

Naquele momento, Leandra chega com o café da manhã e nossa conversa cessa. Meu estômago ronca, me lembrando de como estou com fome. Christian me observa com uma aprovação irritante enquanto devoro tudo em meu prato.

— Posso te convidar? — Peço a Christian.

— Me convidar como?

— Pagando por esta refeição.

Christian bufa.

— Eu não penso assim. — Ele ridiculariza.

—Por favor. Eu quero.

Ele franze a testa para mim.

— Você está tentando me castrar completamente?

— Este é provavelmente o único lugar que eu vou ser capaz de pagar.

— Anastásia, eu aprecio o pensamento. Mas não.

Aperto meus lábios.

— Não faça uma cara feia, — ele ameaça, com os olhos brilhando ameaçadoramente.

Claro que ele não me pede o endereço da minha mãe. Ele sabe já sabe, perseguidor como ele é. Quando ele estaciona na frente da casa, eu não comento. Qual é o ponto?

— Você quer entrar? — Pergunto timidamente.

— Eu preciso trabalhar, Anastásia, mas eu vou estar de volta esta noite. Que horas?

Eu ignoro a facada indesejada de decepção. Por que eu quero passar cada minuto com este controlador deus do sexo? Oh sim, eu me apaixonei por ele, e por saber voar.

— Obrigada... por tudo.

— O prazer é meu, Anastásia. — Ele me beija, e eu inalo o cheiro sexy de Christian.

— Eu te vejo mais tarde.

— Tente me parar, — ele sussurra.

Eu aceno um adeus enquanto ele vai embora para o sol da Geórgia. Eu ainda estou vestindo sua camiseta e sua cueca, e estou muito quente.

Na cozinha, minha mãe está em um retalho completo. Não é todo dia que ela tem para entreter um multi-zilionário, e que a destaca.

— Como você está, querida? — Ela pergunta, e eu fico vermelha, porque com certeza ela deve saber o que eu estava fazendo na noite passada.

— Eu estou bem. Christian me levou para planar esta manhã. — Espero que a nova informação vá distraí-la.

— Planar? Como em um pequeno avião sem motor? Esse tipo de planar?

Concordo com a cabeça.

— Uau.

Ela está sem palavras, um novo conceito para a minha mãe. Ela fica de boca aberta, mas eventualmente se recupera e retoma sua linha original de questionamento.

— Como foi ontem à noite? Será que você falou sobre isso?

Eita. Eu fico num tom de vermelho brilhante.

— Nós conversamos, a noite passada e hoje. Está ficando melhor.

— Bom. — Ela vira a atenção para os quatro livros de culinária que ela tem aberto sobre a mesa da cozinha.

— Mamãe... se você quiser, eu cozinho esta noite.

— Oh, querida, isso é típico de você, mas quero fazê-lo.

— Ok. — Eu faço uma careta, sabendo muito bem que o tipo de comida que minha mãe faz ou é bom ou é ruim.

Talvez ela tenha melhorado desde que ela se mudou para Savannah com Bob. Houve um tempo que eu não iria submeter ninguém a sua comida... mesmo, que eu a odiasse? Ah, sim, a Sra. Robinson, Elena. Bem, talvez ela. *Será que vou conhecer essa maldita mulher?*

Eu decidi enviar um rápido agradecimento a Christian.

De: Anastásia Steele
Assunto: Voando em vez de ferida
Data: 02 de junho de 2011 10:20 EST
Para: Christian Grey

Às vezes, você realmente sabe como dar bons momentos a uma garota.

Obrigada

Ana, X

De: Christian Grey
Assunto: Voando vs ferida
Data: 02 de junho de 2011 10:24 EST
Para: Anastásia Steele

Prefiro qualquer coisas do que seu ronco. Eu tive um momento muito bom.

Mas eu sempre tenho quando estou com você.

Christian Grey

CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

De: Anastásia Steele
Assunto: O RONCO

Data: 02 de junho de 2011 10:26 EST
Para: Christian Grey

EU NÃO RONCO. E se eu fizer isso, é muito rude de sua parte apontar.

Você não é cavalheiro Sr. Grey! E você está no mesmo barco que eu!

Ana

De: Christian Grey
Assunto: Falar dormindo
Data: 02 de junho de 2011 10:28 EST
Para: Anastásia Steele

Eu nunca disse ser um cavalheiro, Anastásia, e eu acho que tenho demonstrações que apontam para isso em diversas ocasiões. E não estou intimidado pelas suas letras MAIÚSCULAS.

Mas vou confessar que foi mentirinha : Não - você não ronca, mas você fala. E é fascinante.

O que aconteceu com o meu beijo?

Christian Grey
CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

Puta merda. Eu sei que falo no meu sono. Kate me disse várias vezes. O que diabos eu disse? *Ah, não*.

De: Anastásia Steele
Assunto: Língua nos dentes
Data: 02 de junho de 2011 10:32 EST
Para: Christian Grey

Você é um canalha e um grosseirão, definitivamente, não é um cavalheiro.

Então, o que eu digo? Não há beijos para você, até você falar!

De: Christian Grey
Assunto: A Bela Adormecida Falando
Data: 02 de junho de 2011 10:35 EST

Para: Anastásia Steele

Seria mais uma grosseria minha dizer, e eu já fui castigado por isso.

Mas se você se comportar, eu posso lhe dizer esta noite. Eu tenho que ir a uma reunião agora.

Até depois, querida.

Christian Grey
CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

Certo! Vou manter o silêncio de rádio, até esta noite. Eu bufo. *Eita.* Supondo que eu já disse que eu o odeio, ou pior ainda, que eu o amo, no meu sono. Oh, eu espero que não. Eu não estou pronta para lhe dizer, e eu tenho certeza que ele não está pronto para ouvir, ou se ele quiser ouvir. Faço uma careta para o computador e decido que vou cozinhar, vou fazer o pão.

Minha mãe decidiu por uma sopa fria a base de tomates crus e um churrasco com bifes marinados em azeite de oliva, alho e limão. Christian gosta de carne, e é simples de fazer. Bob se ofereceu para ser o homem da churrasqueira. O que há sobre homens e fogo, eu penso enquanto sigo atrás da minha mãe, até o supermercado com o carrinho de compras?

Enquanto procuro o corredor de carne crua, meu telefone toca. Eu corro para ele, pensando que pode ser Christian. Eu não reconheço o número.

— Olá? — Eu respondo sem fôlego.

— Anastásia Steele?

— Sim.

— É Elizabeth Morgan do SIP.

— Oh. Oi.

— Estou ligando para oferecer-lhe o cargo de assistente do Sr. Jack Hyde. Gostaríamos que você começasse na segunda-feira.

— Uau. Isso é ótimo. Obrigada!

— Você conhece os detalhes do salário?

— Sim. Sim... é isso, eu quero dizer, eu aceito a sua oferta. Eu adoraria ir trabalhar para você.

— Excelente. Nos vemos na segunda às 8:30 da manhã?

— Vejo você depois. Tchau. E muito obrigada.

Eu olho para a minha mãe.

— Você tem um emprego?

Concordo com alegria, ela grita e me abraça no meio do supermercado Publix.

— Parabéns, querida! Temos que comprar um champanhe! — Ela está batendo palmas e pulando para cima e para baixo. *Ela tem 42 anos ou 12 anos?*

Eu olho para o meu telefone e franzo a testa, há uma chamada não atendida de Christian. Ele nunca me telefona. Eu ligo para ele em seguida.

— Anastásia, — ele responde imediatamente.

— Oi, — murmuro timidamente.

— Eu tenho que voltar para Seattle. Algo está fora de controle. Estou no caminho para Hilton Head agora. Por favor, peça desculpas à sua mãe — eu não posso ir ao jantar. — Ele soa muito profissional.

— Nada de grave, espero?

— Eu tenho uma situação que tenho que lidar. Eu vou te ver sexta-feira. Vou enviar Taylor para lhe pegar no aeroporto, se não puder ir eu mesmo. — Ele soa frio. Até mesmo irritado. Mas pela primeira vez, eu não acho que seja por minha causa.

— Ok. Eu espero que você resolva a sua situação. Tenha um bom voo.

— Você também, querida, — ele respira, e com essas palavras, o meu Christian está de volta brevemente. Em seguida, ele desliga.

Ah, não. A última "situação" que ele tinha era a minha virgindade. *Caramba, espero que não seja nada assim.*

Eu olho para minha mãe. Sua felicidade anterior se transformou em preocupação.

— É Christian, ele teve que voltar para Seattle. E ele pede desculpas.

— Oh! Isso é uma pena, querida. Mas nós ainda podemos ter o nosso churrasco, e agora temos algo para comemorar, o seu novo trabalho! Você tem que me contar tudo sobre ele.

É fim de tarde, eu e minha mãe estamos deitadas ao lado da piscina. Minha mãe relaxou a tal ponto que ela está, literalmente, na horizontal, agora que o Sr. Megasena não está chegando para jantar. Enquanto eu estou deitada ao sol, me esforçando para perder a cor pálida, eu penso sobre ontem à noite e o café da manhã hoje. Eu penso sobre Christian, e meu sorriso ridículo se recusa a diminuir. Ele se mantém rastejando pelo meu rosto, espontaneamente e desconcertante, se bem me lembro nossas diversas conversas e o que fizemos... o que ele fez.

Parece haver uma mudança na maré da atitude de Christian. Ele nega, mas, ele admite que está tentando ter mais. O que poderia ter mudado? O que mudou desde que ele me enviou o seu longo e-mail e quando eu o vi ontem? O que ele fez? Sento-me, de repente, quase derramando a minha Dr. Pepper. Ele jantou com... *ela*. Elena.

Puta Merda!

Meu couro cabeludo espinha com a realização. Ela disse algo a ele? Ah... queria ter sido uma mosca na parede durante o jantar. Eu poderia ter pousado em sua sopa ou em seu copo de vinho e sufocá-la.

— O que é isso, Ana, querida? — Mamãe pergunta, assustada.

— Eu estou apenas passando por um momento, mamãe. Que horas são?

— Cerca de 06:30 da tarde, querida.

Hmm... ele não posou ainda. Posso perguntar-lhe? Devo perguntar-lhe? Ou talvez ela não tem nada a ver com isso. Cruzo os dedos para isso. O que eu disse no meu sono? Porcaria... alguma desprotegida observação enquanto sonhava com ele, eu aposto? Seja lá o que é, ou foi, espero que a mudança venha de dentro dele e não por causa dela.

Estou sufocada neste calor danado. Eu preciso de outro mergulho na piscina.

Quando estou indo para a cama, ligo o meu computador. Não vi nada de Christian.

Nem mesmo uma palavra que ele chegou em segurança.

De: Anastásia Steele
Assunto: Chegou em segurança?
Data: 02 de junho de 2011 22:32 EST
Para: Christian Grey

Caro senhor

Por favor, me deixe saber se você chegou em segurança. Estou começando a me preocupar. Pensando em você.

Sua Ana, X

Três minutos depois, ouço o ping do e-mail que chega a minha caixa de entrada.

De: Christian Grey
Assunto: Desculpa
Data: 02 de junho de 2011 19:36
Para: Anastásia Steele

Querida Senhorita Steele

Eu cheguei em segurança, e por favor aceite minhas desculpas por não deixá-la saber. Eu não quero te causar nenhuma preocupação, é reconfortante saber que você se importa comigo. Eu estou pensando em você também e como sempre estou ansioso para vê-la amanhã.

Christian Grey
CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

Eu suspiro, Christian está de volta para a formalidade.

De: Anastásia Steele
Assunto: A Situação
Data: 02 de junho de 2011 22:40 EST
Para: Christian Grey

Caro Sr. Grey

Eu acho que é muito evidente que eu me importo com você, profundamente. Como você pode duvidar disso?
Espero que a sua "situação" esteja resolvida.

Sua Ana, X
PS: Você vai me dizer o que eu disse enquanto estava dormindo?

De: Christian Grey
Assunto: Quinta Petição
Data: 02 de junho de 2011 19:45
Para: Anastásia Steele

Querida Senhorita Steele

Eu gosto muito que você se importe comigo. A "situação" aqui ainda não está resolvida.
Com relação ao seu PS: A resposta é não.

Christian Grey
CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

De: Anastásia Steele
Assunto: Insana Petição
Data: 02 de junho de 2011 22:48 EST
Para: Christian Grey

Espero que tenha sido divertido. Mas você deve saber que não posso aceitar qualquer responsabilidade pelo que sai da minha boca enquanto eu estiver inconsciente. Na verdade, você provavelmente me entendeu mal.

Um homem com a sua idade avançada certamente deve ser um pouco surdo.

De: Christian Grey
Assunto: Se Declarar Culpado
Data: 02 de junho de 2011 19:52
Para: Anastásia Steele

Querida Senhorita Steele

Desculpe, você poderia falar mais alto? Eu não posso ouvi-la.

Christian Grey
CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

De: Anastásia Steele
Assunto: Insana Petição Novamente
Data: 02 de junho de 2011 22:54 EST
Para: Christian Grey

Você está me deixando louca.

De: Christian Grey
Assunto: Espero que sim...
Data: 02 de junho de 2011 19:59
Para: Anastásia Steele

Querida Senhorita Steele

Eu pretendo fazer exatamente isso na noite de sexta-feira. Esperando ansiosamente. ;)

Christian Grey
CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

De: Anastásia Steele
Assunto: Grrrrrr
Data: 02 de junho de 2011 23:02 EST
Para: Christian Grey

Estou oficialmente chateada com você.
Boa noite

Senhorita A. R. Steele

De: Christian Grey
Assunto: Gato Selvagem
Data: 02 de junho de 2011 20:05
Para: Anastásia Steele

Você está rosnando para mim senhorita Steele?
Eu possuo uma gata que rosna.

Christian Grey
CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

Ele tem uma gata? Eu nunca vi um gato em seu apartamento. Não, eu não vou respondê-lo.

Oh, ele pode ser tão irritante às vezes. Cinquenta Sombras de exasperação. Eu subo para a cama e deito olhando para o teto enquanto os meus olhos se ajustam ao escuro. Eu ouço outro ping do meu computador. Eu não vou olhar. Não, definitivamente não. Não, eu não vou olhar. Gah!

Como a tola que sou, não posso resistir à tentação das palavras de Christian Grey.

De: Christian Grey
Assunto: O que você disse enquanto dormia
Data: 02 de junho de 2011 20:20
Para: Anastásia Steele

Anastásia

Eu prefiro ouvir você dizer as palavras que pronunciou no seu sono enquanto você está inconsciente, é por isso que eu não vou te dizer. Vá dormir. Você precisará estar descansada para o que tenho em mente para você amanhã.

Christian Grey
CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

Ah, não... O que eu disse? É tão mau como eu penso, eu tenho certeza.

Capítulo 25

Minha mãe me abraça forte.

— Ouça seu coração, querida, e por favor, por favor, procure não dar demasiada importância às coisas. Relaxe e desfrute. É muito jovem, céus. Ainda tem muita vida pela frente, viva-a. Você merece o melhor.

Suas tristes palavras sussurradas ao meu ouvido me confortam. Ela Beija meu cabelo.

— Ai, mamãe.

Agarro-me em seu pescoço e, de repente, meus olhos se enchem de lágrimas.

— Carinho, já sabe o que dizem: terá que beijar muitos sapos para encontrar o príncipe encantado.

Dou-lhe um sorriso retorcido, agridoce.

— Parece que beijei um príncipe, mamãe. Espero que não se transforme em sapo.

Ela me brinda com seu sorriso mais terno, maternal e amoroso e enquanto nos abraçamos de novo, percebo o quanto amo esta mulher.

— Ana, estão chamando seu voo — Bob me avisa nervoso.

— Irá me visitar, mamãe?

— É obvio, querida... em breve. Amo você.

— Eu também.

Quando ela me solta, tem os olhos vermelhos das lágrimas contidas. Odeio ter que deixá-la. Abraço Bob, dou meia volta e me encaminho ao portão de embarque; hoje não tenho tempo para a sala VIP.Não quero olhar para trás, mas faço... e vejo Bob abraçando minha mamãe, que chora desconsolada com as lágrimas escorrendo pelas bochechas. Já não posso conter mais as minhas. Abaixo a cabeça e cruzo o portão de embarque, sem levantar os olhos do branco e resplandecente chão, turvado através de meus olhos empapados de lágrimas.

Uma vez a bordo, rodeada do luxo da primeira classe, me encolho no assento e tento me recompor. Sempre é difícil e doloroso me separar de minha mãe; ela é atrapalhada, desorganizada, mas também perspicaz, e me ama muito. Com um amor incondicional, que toda criança merece de seus pais. O rumo que tomam meus pensamentos me faz franzir o cenho, pego meu Black-Berry e o olho consternada.

O que sabe Christian de amor? Parece que não teve amor incondicional durante sua infância. Aperta-me o coração e, como um vento suave, me vem à cabeça as palavras de minha mãe: "Sim, Ana. Deus, o que mais precisa? Uma placa luminosa na sua testa?". Acredita que Christian me ama, mas, claro, ela é minha mãe, como não vai pensar assim? Para ela, mereço o melhor. Franzo o cenho. É verdade, e, em um instante de assombrosa lucidez, percebo. É muito simples: eu quero seu amor. Necessito que Christian Grey me ame. Por isso temo tanto nossa relação, porque, em um nível profundo e existencial, reconheço em meu interior um desejo incontrolável e profundamente enraizado de ser amada e protegida.

E, devido as suas Cinquenta sombras, me contenho. O sadismo era uma distração do verdadeiro problema. O sexo é alucinante, e ele é rico, e bonito, mas tudo isso não vale nada sem seu amor, e o mais desesperador é que não sei se ele é capaz de amar. Nem sequer se ama a si mesmo. Lembro o desprezo que sentia por si mesmo, e que o amor de sua mãe era a única manifestação de afeto que encontrava "aceitável". Castigar, açoitar, bater, e tudo o que poderia fazer para elevar sua relação, não se considerava digno de amor. Por que se sentia assim? Como podia se sentir assim? Suas palavras ressonam em minha cabeça: "É muito difícil crescer em uma família perfeita quando você não é perfeito".

Fecho os olhos, imagino sua dor, e não alcanço a compreensão. Estremeço ao pensar que possivelmente falei muito. O que eu teria confessado a Christian em sonhos? Que segredos eu revelei?

Olho fixamente meu Black-Berry com a vaga esperança de que ele me ofereça respostas. Como era de esperar, não se mostrava muito comunicativo. Ainda não iniciamos a decolagem, assim dava para mandar um email para minhas Cinquenta Sombras.

De: Anastásia Steele
Data: 3 de junho de 2011 12:53 EST
Para: Christian Grey
Assunto: indo para casa

Querido senhor Grey:

Já estou comodamente instalada na primeira classe, na qual te agradeço. Conto os minutos que faltam para vê-lo esta noite e possivelmente te torturar para te arrancar a verdade sobre minhas revelações noturnas.

Sua Ana x

De: Christian Grey
Data: 3 de junho de 2011 09:58
Para: Anastásia Steele
Assunto: indo para casa

Anastásia, desejo muito vê-la.

Christian Grey

CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

Sua resposta me faz franzir o cenho. Soa cortante e formal, não está escrita em seu habitual estilo sucinto, mas criativo.

De: Anastásia Steele
Data: 3 de junho de 2011 13:01 EST
Para: Christian Grey
Assunto: indo para casa
Queridíssimo senhor Grey:

Acredito que tudo vá bem com respeito ao "problema". O tom de seu email me parece preocupante.

Ana x

De: Christian Grey
Data: 3 de junho de 2011 10:04
Para: Anastásia Steele
Assunto: indo para casa

Anastásia:
O problema poderia estar melhor. Já embarcou? Se o estiver, não deveria estar me mandando e-mails. Esta se pondo em perigo e transgredindo diretamente as normas relativa a sua segurança pessoal. Sobre os castigos é sério.

Christian Grey

CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

Merda. Muito bem. Deus... O que esta acontecendo? Qual será "o problema"? Taylor pediu demissão, Christian perdeu uns milhões na Bolsa de Valores... então.

De: Anastásia Steele
Data: 3 de junho de 2011 13:06 EST
Para: Christian Grey
Assunto: Reação desmedida

Querido senhor casca-grossa:

As portas do avião ainda estão abertas. Estamos atrasados, mas decolamos em dez minutos. Meu bem-estar e dos passageiros que estão ao meu redor está assegurado. Pode guardar suas mãos por agora.

Senhorita Steele

De: Christian Grey
Data: 3 de junho de 2011 10:08
Para: Anastásia Steele
Assunto: Desculpas; mãos guardadas

Sinto sua falta e de sua língua afiada, senhorita Steele.
Quero que chegue em casa sã e salva.

Christian Grey

CEO, Grey Participações e Empreendimentos Inc.

De: Anastásia Steele
Data: 3 de junho de 2011 13:10 EST
Para: Christian Grey
Assunto: Desculpas aceitas

Estão fechando as portas. Você não vai ouvir o bip das minhas mensagens, ainda mais com a sua surdez.
Até mais tarde.

Ana x

Desligo o Black-Berry, incapaz de me liberar da angústia. Acontecia alguma coisa com Christian. Para que "o problema" tenha escapado de suas mãos. Encosto no assento, olhando o compartimento do bagageiro onde guardei minhas bolsas. Está manhã, com a ajuda de minha mãe, comprei para Christian um pequeno presente para lhe agradecer as viagens de primeira classe e os voos de planador. Sorrio ao lembrar da experiência do planador... Um autêntico gozador. Ainda não sei se darei a ele o brinquedo que comprei. Agora me parece infantil; ou, se estiver de humor estranho, talvez não.

Uma parte de mim esta desejando voltar, mas outra teme o que me espera no final da viagem. Enquanto repasso mentalmente as distintas possibilidades a respeito de qual pode ser "o problema", tenho em conta que, uma vez mais, o único lugar livre é o que está a meu lado. Meneio a cabeça ao pensar que possivelmente Christian pagou pela parte conjugada para que ela não falasse com ninguém. Descarto a ideia absurda: Pensando que não poderia haver ninguém tão controlador, tão ciumento. Quando o avião entra em pista, fecho os olhos.

Oito horas depois, saio do terminal de chegada de Sa-tac e encontro Taylor me esperando, segurando um letreiro que diz SENHORITA A. STEELE.

Que exagero! Mas me alegro ao vê-lo.

— Olá, Taylor!

— Senhorita Steele, me saúda com formalidade, mas detecto um traço risonho em seus intensos olhos marrons.

Tão impecável como sempre: num elegante traje cinza escuro, camisa branca e gravata também cinza.

— Já te conheço, Taylor, não precisava de cartaz. Além disso, agradeceria se me chamasse de Ana.

— Ana. Permita que eu leve sua bagagem?

— Não, eu mesma posso levar. Obrigada.

Apertou os lábios visivelmente.

— Mas se você ficar mais tranquilo levando-a... pegue-a.

— Obrigado. Ele pega a mochila e a mala recém comprada que minha mãe me deu de presente. Por aqui, senhora.

Suspiro. É tão educado... Recordo de algo que queria apagar da minha memória, que este homem comprou roupas intimas para mim. De fato e isso me inquieta, foi o único homem que me comprou roupa intimas. Nem sequer Ray teve que passar por esse apuro. Caminhamos em silencio até o Audi SUV negro que esperava lá fora, no estacionamento do aeroporto, ele abre a porta para mim. Enquanto subo, me pergunto se foi uma boa ideia ter colocado uma saia tão curta na minha volta a Seattle. Na Geórgia me parecia elegante e apropriada; aqui me sinto nua. Assim que Taylor colocou minha bagagem no porta-malas, saímos para o Escala.

Avançamos devagar, apanhados pela hora do rush o tráfego era intenso. Taylor não tirava os olhos da estrada. Descrevê-lo como taciturno seria muito pouco.

Não suportando mais o silêncio.

— Como vai Christian, Taylor?

— O senhor Grey está preocupado, senhorita Steele.

Sim, deve estar se referindo ao "problema". Achei uma fonte de ouro.

— Preocupado?

— Sim, senhora.

Olho carrancuda para Taylor e ele me devolve o olhar pelo retrovisor; nossos olhos se encontram. Não vai me contar mais. Droga, é tão fechado quanto o controlador obsessivo.

— Ele está bem?

— Acredito que sim, senhora.

— Se sente mais cômodo me chamando de senhorita Steele?

— Sim, senhora.

— Ah, bem.

Isso acaba por completo com a nossa conversa, assim seguimos em silêncio. Começo a pensar no recente deslize de Taylor, quando me disse que Christian estava de mau humor, foi uma distração. Ou melhor se envergonhava de ter comentado, ele se preocupava por ter sido desleal. O silêncio me deixava asfixiada.

— Poderia pôr música, por favor?

— Certamente, senhora. O que gosta de ouvir?

— Algo relaxante.

— Algo relaxante.

Vejo desenhar um sorriso nos lábios do Taylor quando nossos olhares voltam a se cruzar brevemente no retrovisor.

— Sim, senhora.

Aperta uns botões no painel e os suaves acordes do Canon do Pachelbel inundam o espaço que nos separa. OH, sim... era isso que me estava fazendo falta.

— Obrigada.

Encosto-me no assento enquanto entramos em Seattle, a um ritmo lento mas constante, pela interestadual 5.

Vinte e cinco minutos depois, estamos na frente da impressionante fachada do Escala.

— Vamos senhora — me diz, abrindo a porta. — Agora vou subir a bagagem.

Sua expressão era calma, cálida, afetuosa inclusive, como um tio querido.

Isso... Tio Taylor, boa ideia.

— Obrigada por ir me buscar.

— Um prazer, senhorita Steele.

Sorri, e eu entro no edifício. O porteiro me saúda com a cabeça e com a mão.

Enquanto subo para o trigésimo andar, sinto milhares de borboletas batendo suas asas e voando pelo meu estômago. *Por que estou tão nervosa?* Sei que é porque não tenho nem ideia de como esta o humor de Christian quando eu chegar. Minha deusa interior estava confiante para um tipo especifico de humor; meu subconsciente, como eu, parece um monte de nervos.

Abrem-se as portas do elevador e me encontro no vestíbulo. Parece-me tão estranho que Taylor não me receba. Está estacionando o carro, claro. No salão, vejo Christian falando no Black-Berry enquanto contempla a cidade de Seattle pela janela. Usa um traje cinza com o casaco desabotoado e está passando a mão pelo cabelo. Está inquieto, tenso inclusive. O que esta acontecendo? Inquieto ou não, é sempre um prazer olhá-lo. Como pode ser tão... irresistível?

— Nem um pouco... como... Sim.

Virou-se, e me vê, e sua atitude muda por completo. Passa da tensão ao alívio e logo a outra coisa: um olhar que chama a atenção diretamente da minha deusa interior, um olhar de sensual a carnal, em seus ardentes olhos cinza.

Minha boca seca e o desejo renasce dentro de mim ... ui.

— Me mantenha informado — ele fala decidido e autoritário enquanto avança com passos decididos para mim.

Espero paralisada que cubra a distância que nos separa, me devorando com o olhar. Minha nossa, algo esta acontecendo... A tensão de sua mandíbula, a angústia de seus olhos. Tira seu casaco, a gravata e, pelo caminho, os joga no sofá. Logo me envolve com seus braços e me aperta contra seu corpo, com força, rápido, me agarrando pelos ombros para levantar minha cabeça, e me beija como se desse a vida por isso.

Que diabos esta acontecendo aqui? Tira com violência o prendedor do meu cabelo, mas pouco me importa. Sua forma de me beijar me parece primária e desesperada. Por isso será que, neste momento me necessita tanto? Eu jamais me senti tão desejada. Parece escuro, sensual, alarmante, tudo de uma vez só. Devolvo o beijo com igual ardor, afundando os dedos em seus cabelos, retorcendo-os Nossas línguas se entrelaçam, a paixão e o ardor resplandece entre nós. Divino, ardente, sexy, e seu cheiro de gel de banho e de Christian me excitam muito. Separa sua boca da minha e fica me olhando, me prende em uma emoção inefável.

— O que aconteceu? — pergunto.

— Alegra-me muito que tenha voltado. Tome banho comigo. Agora.

Não sei se me pede isso ou me ordena isso.

— Sim — sussurro e, me agarrando pela mão, me tira do salão e me leva a seu dormitório, ao banheiro.

Uma vez lá, me solta e abre a torneira da banheira super espaçosa. Vira devagar e me olhe, excitado.

— Eu gosto de sua saia. É muito curta — diz com voz grave. —Tem pernas lindas.

Tira os sapatos e se abaixa para tirar também as meias três quartos, sem afastar os olhos de mim. Seu olhar voraz me deixa muda. Uau, eu desejo tanto este deus grego... Imito-o e tiro as sapatilhas negras. De repente, me agarra e me empurra contra a parede. Beija-me no rosto, o pescoço, os lábios... Agarra-me os cabelos.

Sinto os azulejos frios e suaves nas minhas costas quando se aproxima tanto de mim que me deixa emparedada entre seu calor e a fria porcelana. Timidamente, me prendo em seus braços e ele grunhe quando aperto com força.

— Quero fazer isso agora. Aqui, rápido, duro — Diz, e põe as mãos nas minhas coxas e sobe a saia. Ainda está menstruada?

— Não — respondo me ruborizando.

— Bom.

Desliza os dedos pelas calcinhas brancas de algodão e, de repente, se agacha para arrancá-la de uma vez só. Tenho a saia totalmente levantada e enrugada, dessa forma estou nua da cintura para baixo, ofegando, excitada. Agarra-me pelos quadris, me empurrando de novo contra a parede, e me beija no ponto onde se encontram minhas pernas. Agarrando-me pela parte superior de ambas as coxas, separa as minhas pernas. Grito com força ao notar que sua língua acaricia meu clitóris. Deus... Jogo a cabeça para trás sem querer e gemo, me agarrando a seu cabelo.

Sua língua é desumana, forte e persistente, me melando, dando voltas e voltas sem parar. É delicioso e a sensação é tão intensa que quase é dolorosa. Começa a acelerar; então, para. O que? Não! Ofego com a respiração entrecortada, e o olho impaciente. Pega meu rosto com ambas as mãos, me segura com firmeza e me beija com violência, colocando a língua na minha boca para que eu saboreie minha própria excitação. Logo abaixa sua cueca e libera sua ereção, me agarra pelas coxas por trás e me levanta.

— Enrosca as pernas em minha cintura, bebê — me ordena, tremendo, tenso.

Faço o que me diz e me penduro nele, e ele, com um movimento rápido e resolvido, me penetra até o fundo.

— Ah! — Gemo, grito. Agarra minha bunda, cravando os dedos na suave carne, e começa a se mover, devagar no começo, com um ritmo fixo, mas, assim que perde o controle, acelera, cada vez mais.

— Ahhh! — Jogo a cabeça para trás e me concentro nessas sensações invasoras, castigadoramente celestiais, que me empurra e me empurra para frente, cada vez mais alto e, quando já não posso mais aguentar, estralo ao redor de seu membro, entrando na espiral de um orgasmo intenso e devorador. Ele se deixa levar com um gemido profundo e afunda a cabeça em meu pescoço e afunda seu membro ainda mais em mim, grunhindo escandalosamente enquanto se deixa ir.

Logo que pode respirar, me beija com ternura, sem se mover, sem sair de mim, e eu o olho sentindo saudades, sem chegar a vê-lo. Quando por fim consigo olhá-lo, se retira devagar e me levanta com força para que possa pôr os pés no chão. O banheiro está cheio de vapor e faz muito calor. Estou com roupas de mais.

— Parece que você ficou alegre ao me ver, — murmuro com um sorriso tímido.

Contrai a boca, risonho.

— Sim, senhorita Steele, acredito que minha alegria é mais do que evidente. Veem, deixa que te leve a banheira.

Desabotoa os três botões seguinte camisa, solta os punhos, tira a camisa pela cabeça e a joga no chão. Logo tira as calças do traje e a boxer de

algodão e os joga com o pé. Começa a desabotoar os botões da minha blusa branca enquanto o observo; anseio poder tocar seu peito, mas me contenho.

— Como foi sua viagem? — Pergunta calmo.

Parece muito mais tranquilo agora que desapareceu sua inquietação, ela se dissolveu em nossa transa.

— Bem, obrigada — murmuro, ainda sem fôlego. — Obrigada outra vez pelas passagens. É muito mais agradável viajar de primeira classe. — Sorrio para ele timidamente. — Tenho algo pra te contar acrescento nervosa.

— Sério?

Olha-me enquanto desabotoava o último botão, deslizou a blusa pelos braços e a atirou com o resto da roupa.

— Consegui um trabalho.

Ele ficou imóvel, logo sorri com ternura.

— Parabéns, senhorita Steele. Vai me dizer aonde agora? Provoca-me.

— Não sabe?

Nega com a cabeça, carrancudo.

— Por que deveria saber?

— Dada a sua tendência de perseguição, pensei que saberia...

Encolho-me ao ver que a expressão dele muda.

— Anastásia, jamais me ocorreria interferir em sua carreira profissional, salvo que me pedir isso, claro.

Parecia ofendido.

— Então, não tem nem ideia de que editora é?

— Não. Sei que há quatro editoras em Seattle, assim imagino que é uma dessas.

— SIP.

— Ah, a mais pequena, bem. Muito bem. Inclina-se e me beija a frente. Esta pronta? Quando começa?

— Na segunda-feira.

— Tão logo, não? Mais é certo que desfrute de ti enquanto posso. Vire-se.

Desconcerta-me a naturalidade que me ordena, mas faço o que me diz, e ele desabotoa o meu prendedor e abaixa a barra da saia. Abaixa-me e aproveita para me agarrar o traseiro e me beijar o ombro. Inclina-se sobre mim e me cheira os cabelos, inspirando fundo. Aperta minha bunda.

— Embriaga-me, senhorita Steele, e me acalma. Uma mistura interessante.

Beija-me meu cabelo. Logo me pega pela mão e me enfia na ducha.

— Ai.

A água está visivelmente fervendo. Christian sorri enquanto a água cai por cima dele.

— Esta um pouquinho quente.

E, no fundo, tem razão. Sinto as maravilhas de tirar de cima de mim o suor da calorosa Georgia e o do sexo que acabamos de fazer.

— Vire-se — me ordena, e eu obedeço e me ponho de cara para a parede. Quero te lavar — murmura.

Pega o gel e joga um pouco na mão.

— Tenho algo para te contar — sussurro enquanto me ensaboa os ombros.

— Ah, é? Diga.

Respiro fundo e me armo de coragem.

— A exposição fotográfica do meu amigo José será inaugurada na quinta-feira em Portland.

Suas mãos param e ficam suspensas sobre meus seios. Dei ênfase em especial à palavra "amigo".

— Sim, e o que acontece? — Pergunta muito sério.

— Disse a ele que iria. Quer vir comigo?

Depois do que me pareceu uma eternidade, pouco a pouco começa a me lavar outra vez.

— A que horas?

— A que horas?

— A inauguração é às sete e meia.

Beija-me a orelha.

— Certo.

Em meu interior, meu subconsciente relaxa, desaba e cai pesadamente no velho e maltratado cérebro.

— Estava nervosa porque tinha que me perguntar isso?

— Sim. Como sabe?

— Anastásia, acaba de relaxar o corpo inteiro — diz seco.

— Bom, parece que você é... um pouco ciumento.

— Sou sim, — diz ameaçador. — E te fará bem em lembrar. Mas obrigado por perguntar. Iremos no Charlie Tango.

Ah, no helicóptero, claro... Estou boba... Outro vôo... imagino! Sorrio.

— Posso te lavar? — pergunto.

— Parece que não — murmura, e me beija brandamente e me viro para recuperar a dor da negativa.

Faço companhia à parede enquanto ele acaricia as minhas costas com sabão.

— Me deixará te tocar algum dia? — Pergunto audazmente.

Voltou a parar, a mão cravada em meu traseiro.

— Apoie as mãos na parede, Anastásia. Vou te penetrar outra vez — sussurra ao ouvido me agarrando pelos quadris, e sei que a discussão terminou.

Mais tarde, estamos sentados na cozinha, eu de penhoar, depois de nós termos comido a deliciosa massa Alle Vongole da senhora Jones.

— Mais vinho? — pergunta Christian com um brilho em seus olhos cinzas.

— Um pouquinho, por favor.

O Sancerre é revigorante e delicioso. Christian me serve e logo se serve também.

— Como vai o "problema" que te trouxe para Seattle? — pergunto timidamente.

Franziu o cenho.

— Fora de controle — fala com amargura. Mas você não se preocupe com isso, Anastásia. Tenho planos para ti esta noite.

— Ah, é?

— Sim. Quero você no quarto de jogos dentro de quinze minutos.

Levanta-se e me olha.

— Pode se preparar em seu quarto. O guarda roupas agora está cheio de roupa para ti. Não admito discussão a respeito.

Espremendo os olhos, me desafiando para dizer qualquer coisa. Ao ver que não o faço, vai com passo rápidos a seu escritório.

Eu! Discutir? Contigo, Cinquenta Sombras? Pelo bem de meu traseiro, não. Fico sentada no banco, momentaneamente estupefata, tentando digerir esta última informação. Comprou roupas para mim. Olho o nada de forma exagerada, sabendo bem que não posso reclamar. Carro, móveis, motorista, roupas... Qual seria o próximo: um maldito apartamento, e então já serei sua querida em todas as regras.

Jesus! Meu subconsciente está em estado crítico. Ignoro e subo a meu quarto. Porque sigo tendo *meu* quarto. Por quê? Pensei que tinha mudado ao deixar dormir com ele. Suponho que não está acostumado a dividir seu espaço pessoal, claro que eu tampouco. Consola-me a ideia de ter ao menos um lugar onde posso me esconder dele.

Ao examinar a porta de minha habitação, descubro que tem fechadura, mas não chave. Digo a mim mesma que possivelmente a senhora Jones tenha uma cópia. Perguntarei a ela. Abro a porta do guarda roupas e volto a fechar rapidamente. *Puta merda... gastou uma fortuna*. Lembrei de Kate, com toda essa roupa perfeitamente alinhada e pendurada nas barras. No fundo, sei que tudo vai ficar bem, mas não tenho tempo para isso agora: esta noite tenho que ir até o quarto vermelho da... dor... ou do prazer, espero.

Estou só de calcinhas, encostada junto à porta. Tenho o coração na boca. Minha nossa, pensava que com o sexo no banho teria tido o bastante. Este homem é insaciável, ou possivelmente todos os homens o sejam. Não sei, não tenho com quem comparar. Fecho os olhos e procuro me acalmar, conectar com tudo que há em meu interior. Por lá, em alguma parte, escondida atrás da deusa que levo dentro de mim.

A espera faz borbulhar meu sangue pelas veias como um refresco efervescente. O que ele irá fazer comigo? Respiro fundo, devagar, mas não posso negar: estou nervosa, excitada e já estou molhada. Isto é tão... Quero pensar que é *errado,* mas de algum modo sei que não é assim. É certo com Christian. É o que ele quer e, depois destes últimos dias... depois de tudo o que tem feito, tenho que lhe dar valor e aceitar o que me diz que precisa, seja o que for.

Lembro seu olhar quando cheguei hoje, sua expressão ofegante, a forma resolvida que se dirigiu para mim, como se eu fosse um oásis no deserto.

Faria quase tudo para voltar a ver essa expressão. Aperto as coxas de prazer ao pensar nele, e isso me recorda que devo separar as pernas. Faço.

Quanto me fará esperar? A espera me está matando, me mata de desejo turvo e provocante. Dou uma olhada no quarto que esta iluminado: a cruz, a mesa, o sofá, o banco... a cama. Vejo-a imensa, e está coberta com lençóis vermelhos de cetim. Que objeto usará hoje?

A porta se abre e Christian entra como um sopro, me ignorando por completo. Abaixo a cabeça em seguida, olho as minhas mãos e separo com cuidado as pernas. Christian deixa algo sobre a enorme cômoda que existe junto à porta e se aproxima devagar na cama. Permito-me olhá-lo por um instante e quase para meu coração. Esta descalço, com o torso descoberto e com um desses jeans gastos com o botão superior desabotoado. *Deus, está tão gotoso...* Meu subconsciente se abana com desespero e a minha deusa interior se balança e convulsiona com um primitivo ritmo carnal. Vejo que esta muito disposta. Umedeço os lábios instintivamente. O sangue corre mais rápido por todo o meu corpo, densa e carregada de luxuria. *O que vai fazer comigo?*

Dá meia volta e se dirige tranquilamente até a cômoda. Abre uma das gavetas e começa a tirar coisas e às colocar em cima. Minha curiosidade me mata, mas resisto à imperiosa necessidade de dar uma olhada. Quando termina o que está fazendo, se coloca diante de mim. Vejo seus pés descalços e quero beijar até o último centímetro deles, passar a língua pela pele, chupar cada um dos seus dedos.

— Está linda, — diz.

Mantenho a cabeça abaixada, consciente de seu olhar fixo e de que estou visivelmente nua. Noto que o rubor se estende devagar pela face. Inclina-se e pega meu queixo, me obrigando a olhar para ele.

— É uma mulher linda, Anastásia. E é toda minha — murmura. Levanta-te — ordena em voz baixa, transbordando de promessas sensuais.

Tremendo, fico de pé.

— Olhe para mim, — diz, e elevo meus olhos a seus olhos ardentes.

É seu olhar de amo: frio, duro e sexy, com sombras de pecado inimaginável em um só olhar provocador. Seca minha boca e sei em seguida

que vou fazer o que me pedir. Um sorriso quase cruel se desenha em seus lábios.

— Não assinamos o contrato, Anastásia, mas já falamos sobre os limites. Além disso, recordo que temos as palavras de segurança, certo?

Minha Nossa... o que terá planejado para que eu vá precisar das palavras de segurança?

— Quais são? — Pergunta de maneira autoritária.

Franzo um pouco o cenho para ouvir a pergunta e seu gesto se endurece visivelmente.

— Quais são as palavras de segurança, Anastásia? — Diz muito devagar.

— Amarelo, — murmuro.

— E? — insiste, apertando os lábios.

— Vermelho, — digo.

— Não as esqueça.

E não posso evitar... arqueio uma sobrancelha e estou a ponto de recordar a ele minha nota media, mas o repentino olhar gélido e cinzento me detém em seco.

— Cuidado com essa boquinha, senhorita Steele, se não quer que a corte em rodelas. Entendido?

Trago saliva instintivamente. *Certo.* Pisco muito rápida, arrependida. Na realidade, me intimida mais seu tom de voz que a ameaça em si.

— E bem?

— Sim, senhor — falo atropeladamente.

— Boa garota. — Fez uma pausa e me olha. — Não é que vai precisar das palavras de segurança porque vai doer em você, mas sim por que o que vou fazer vai ser intenso, muito intenso, e preciso que me guie. Entendido?

Na verdade não. Intenso? Uau.

— Isso é sobre tato, Anastásia. Não vais poder reclamar nem me ouvir, mas poderá me sentir.

Franzindo o cenho. *Não vou te ouvir?* E como isso vai funcionar? Se vira. Em cima da cômoda há uma caixa brilhosa plana de cor preta. Quando passou a mão por cima, a caixa se dividiu em dois, abrindo duas portas e ficou à vista um Cd player com um monte de botões. Christian aperta vários em sequência. Não acontece nada, mas ele parece satisfeito. Eu estou desconcertada. Quando se vira de novo para me olhar, vejo aquele seu sorrisinho de "Tenho um segredo".

— Vou te amarrar na cama, Anastásia, mas primeiro vou vendar seus olhos e não vai poder me ouvir. Colocou o iPod que levava nas mãos. A única coisa que vai ouvir é a música que vou pôr para você.

Certo. Um interlúdio musical. Não é precisamente o que esperava. Alguma vez fez o que eu esperava?

Deus, espero que não seja rap.

— Vem.

Pega-me pela mão e me leva a antiga cama de dossel. Há correntes nos quatro cantos: uns cadeados metálicos e finos com pulseiras de couro brilhando sobre o cetim vermelho.

Uf, meu coração vai sair do peito. Derreto de dentro para fora; o desejo percorre o meu corpo inteiro. Poderia eu estar mais excitada?

— Fique aqui de pé.

Estou olhando para a cama. Inclina-se para frente e me sussurra ao ouvido:

— Espera aqui. Não tire os olhos da cama. Imagine-se aí deitada, amarrada e completamente a minha mercê.

Minha Nossa.

Ele se afasta por um momento e o ouço pegar algo perto da porta. Tenho todos os sentidos hiper-alertas; a audição a mais aguçada. Pegando algo do rack de chicotes e palmatórias que estavam junto à porta. *Minha nossa. O que vai fazer comigo?*

Noto que ele esta nas minhas costas. Pega-me pelos meus cabelos, faz um montinho e começa a trançar eles.

— Embora eu goste de suas trancinhas, Anastásia, estou impaciente para te ter, você vai ter que se conforma só com uma, — diz com voz grave e suave.

Roça as minhas costas de vez em quando com seus dedos hábeis enquanto me faz a trança, e cada carícia acidental é como uma doce descarga elétrica em minha pele.

Ele prende o final com um elástico de cabelo, então delicadamente puxa a trança de forma que me vejo obrigada a me inclinar para seu corpo. Puxa de novo, desta vez para um lado, e eu inclino a cabeça e lhe dou acesso a meu pescoço. Inclina-se e me enche de pequenos beijos, percorrendo a base da orelha até o ombro com os dentes e a língua. Cantarola em voz baixa enquanto o faz e o som ressona em mim por dentro. Justo lá... lá embaixo, em minhas vísceras. Gemo brandamente sem poder evitar.

— Bom, — diz respirando contra minha pele.

Levanta as mãos diante de mim; seus braços acariciam os meus. Na mão direita leva um chicote de tiras. Lembro-me de minha primeira visita a este quarto.

— Toque-o, — sussurra, e me soa como o próprio diabo.

Meu corpo se incendeia em resposta. Timidamente, abro os braço e roço as largas franjas do chicote. Tem muitas faixas largas, todas suave e com pequenas contas nas pontas.

— Vou usar ele. Não vai doer, mas fará que corra o sangue pela superfície da pele e fique sensível.

Oh, ele diz que não vai doer.

— Quais são as palavras de segurança, Anastásia?

— Tá... "amarelo" e "vermelho", senhor — sussurro.

— Boa garota.

Deixou o chicote sobre a cama e põe as mãos na minha cintura.

— Não vai precisar, sussurra.

Então pega minha calcinha e a baixa de uma vez só. As tiro pelos pés torpemente, me apoiando no poste da cama.

— Fique quieta — ordena, logo me beija o traseiro e me dá dois beliscões; Fico tensa. Deite-se de barriga para cima acrescenta, me dando uma palmada forte no traseiro que me faz pular.

Apresso-me a subir ao colchão duro e rígido e me deito, olhando Christian. Sinto na pele o cetim suave e frio do lençol. Vejo-o impassível, salvo pelo olhar: em seus olhos brilha uma emoção contida.

— As mãos por cima da cabeça— ordena, e eu obedeço.

Deus... meu corpo está sedento dele. Já o desejo.

— Vire-se, — e pelo canto do olho, vejo ele se dirigir de novo à cômoda e voltar com o iPod e o que parece uma máscara para dormir, similar ao que usei em meu voo a Atlanta. Ao lembrar, me da vontade de rir, mas não consigo que meus lábios respondam. A impaciência me consome. Sei que meu rosto está completamente imóvel e que o olho com os olhos arregalados.

Sentou na borda da cama e coloca em mim o iPod. Tem conectados uns pontos auriculares e tem uma estranha antena. Que estranho... Carrancuda, tento averiguar para que serve.

— Isto vai transmitir ao iPod o que quero que você ouça — diz, dando umas batidinhas na pequena antena e respondendo assim a minha pergunta não formulada. — Eu vou ouvir o mesmo que você, e tenho um comando a distancia para controlar.

Dizia seu habitual sorriso de "Eu sei de algo que você não sabe" e me mostra um pequeno dispositivo plano que parece uma calculadora muito moderna. Inclina-se sobre mim, coloca com cuidado os pontos auriculares nos ouvidos e deixa o iPod sobre a cama por cima de minha cabeça.

— Levanta a cabeça, — ordena, e o faço imediatamente.

Devagar, põe e mim a máscara, passando o elástico pela nuca. Já não vejo. O elástico da máscara segura os pontos auriculares. Ouço ele levantar da cama, mas o som é apagado. Ensurdece-me minha própria respiração, entrecortada e errática, reflexo de meu nervosismo. Christian me agarra pelo braço esquerdo, estica-o com cuidado até o canto esquerdo da cama e me prende na pulseira de couro. Quando termina, acaricia-me o braço inteiro com seus largos dedos. *OH!* A carícia me produz uma deliciosa sensação entre o calafrio e cosquinhas. Ouço-o circular a cama devagar até o outro lado, onde pega meu braço direito para me prender. De novo passeia seus dedos largos por ele. *Minha nossa*, estou a ponto de estalar. Por que isso é tão erótico? Vão ate os pés da cama e pega ambos os tornozelos.

— Levanta a cabeça — outra vez e ordena.

Obedeço, e me puxa de forma que os braços ficam completamente esticados e quase suspensos pelas pulseiras. Deus... não posso mover os braços.

Um calafrio de inquietação misturado com uma tentadora excitação percorre meu corpo inteiro e me põe ainda mais molhada. Grunhi. Separando as pernas, prende primeiro o tornozelo direito e logo o esquerdo, de modo que fico bem preso, de braços e pernas abertas, e completamente a sua mercê. Desconcerta-me não poder vê-lo. Escuto com atenção... o que faz? Não ouço nada, apenas a minha respiração e os fortes batimentos do meu coração, que bombeia o sangue com fúria contra meus tímpanos.

De repente, um suave assobio do iPod aparece. Desde dentro de minha cabeça, uma voz angelical canta sem acompanhamento uma nota longa e doce, a que se une imediatamente outra voz e logo mais, minha nossa, um coro celestial, cantando a capela de um hinário antigo. Como se chama isto? Jamais ouvi nada semelhante. Algo quase insuportavelmente suave passeia por meu pescoço, deslizando devagar pela clavícula, pelos peitos, me acariciando, me endurecendo os mamilos... é muito suave, *inesperado. Isso é pelo!*

Uma luva de pelos?

Christian passeia a mão, sem pressa e deliberadamente, por meu ventre, riscando círculos ao redor de meu umbigo, logo depois de quadril a quadril, e eu trato de adivinhar aonde irá depois, mas a música metida em minha cabeça me transporta. Segue a linha dos meus pelos pubianos, passa entre minhas pernas, por minhas coxas; desce por um, sobe pelo outro, e quase me faz cosquinhas. Unem-se mais vozes ao coro celestial, cada uma com fragmentos distintos, se fundindo gostoso e docemente em uma melodia mais harmoniosa que eu tenha ouvido antes. Eu pego uma palavra "*Deus*"- e me dou conta de que cantam em latim.

A luva de pelos segue me baixando pelos braços, me acariciando a cintura, subindo de novo pelos peitos. Seu roce me endurece os mamilos e ofego, me perguntando aonde irá sua mão depois. De repente, a luva de pelos desaparece e noto que as faixas do chicote de tiras fluem por minha pele, seguindo o mesmo caminho que a luva, e me resulta muito difícil me concentrar com a música que soa em minha cabeça: é como um tilintar de vozes cantando, tecendo uma tapeçaria etérea de ouro e prata, delicioso e sedoso, que se mistura com o tato do suave em minha pele, me percorrendo... *minha nossa*. Subitamente, desaparece. Logo, de repente, uma chicotada seca no ventre.

— Aaaggghhh! —grito.

Pega-me de surpresa. Não dói exatamente; mas bem me produz um forte formigamento por todo o corpo. E então volta a me açoitar. Mais forte.

— Aaahhh!

— Aaahhh!

Quero me mover, me retorcer, escapar, ou desfrutar de cada golpe, não sei... acaba sendo tão irresistível... Não posso mexer os braços, tenho as pernas presas, estou bem presa. Volta a me açoitar, desta vez nos peitos. Grito. É uma doce agonia, suportável... prazerosa; não, não de forma imediata, mas, com cada novo golpe, minha pele canta em perfeito ritmo com a música que soa na cabeça, e me vejo arrastada a uma parte muito escuro de minha psique que se rende a esta sensação tão erótica. *Sim... já entendi.* Açoita-me no quadril, logo sobe com golpes rápidos pelo pelos pubiano, segue pelas coxas, pela parte interna, sobe de novo, pelos quadris. Continua enquanto a música alcança um clímax e então, de repente, para de soar. E ele também para. Logo começa o canto outra vez, vai crescendo, e ele me orvalha de golpes e eu grito e me retorço. De novo para, e não se ouve nada, salvo minha respiração entrecortada e meus ofegos descontrolados. Não... o que acontece? O que vai fazer agora? A excitação é quase insuportável. Entrei em uma zona muito escura, muito carnal.

Noto que a cama se move e que ele se coloca por cima de mim, e o hino volta a começar. Será que ele vai repetir tudo. Desta vez são seu nariz e seus lábios os que me acariciam... passeiam por meu pescoço e minha clavícula, me beijando, me chupando... descendo para meus peitos... *Ah!* Sai de um mamilo para o outro, passeando a língua ao redor de um enquanto belisca sem piedade o outro com os dedos... Gemo, muito forte, acredito, embora não ouço. Estou perdida, perdida nele... perdida nessas vozes astrais e angélicos... perdida em todas estas sensações das que não posso escapar... completamente a mercê de suas peritas mãos.

Descende até o ventre, riscando círculos com a língua ao redor do umbigo, seguindo o caminho do chicote e da luva. Gemo. Beija-Me, me chupa, me mordisca... segue abaixo... e de repente tenho sua língua ali, no clitóris. Jogo a cabeça para trás e grito, a ponto de desmaiar, a beira do orgasmo... E então ele para.

Não! A cama se move e Christian se ajeita entre minhas pernas. Inclina-se para um poste e, de repente, a corrente do tornozelo desaparece. Subo a perna até o centro da cama, a apoio contra ele. inclina-se para o outro lado e liberta a outra perna. Esfrega ambas as pernas, as espremendo, as massageando, as reavivando.

Logo me pega pelos quadris e me levanta de forma que já não tenho as costas encostadas na cama; estou arqueada e apoiada só nos ombros. *O que?* Coloca-se entre minhas pernas... e com uma rápida e certeira investida me penetra... *OH, Deus...* e volto a gritar. Iniciam as convulsões de meu orgasmo iminente, e então para. Cessam as convulsões... OH, não... vai continuar me torturando.

— Por favor! choramingo.

Pega em mim com mais força... para me advertir? Não sei. Crava os dedos no meu traseiro enquanto eu ofego, assim me manda ficar quieta. Muito lentamente, começa a se mexer outra vez: sai, entra... angustiantemente devagar. *Minha nossa... por favor*! Grito por dentro e, conforme aumenta o número de vozes do coral, vai aumentando ele seu ritmo, de forma infinitamente controlada, completamente ao som da música. Já não aguento mais.

— Por favor — suplico a ele, e com um só movimento rápido volta a me deixar na cama e se deita sobre mim, com as mãos nos lados de meus seios, aguentando seu próprio peso, e empurra.

Quando a música chega a seu clímax, me precipito... Em queda livre... ao orgasmo mais intenso e angustiante que jamais tive, e Christian me segue, investindo forte três vezes mais... até que finalmente fica imóvel e cai sobre mim.

Quando recupera a consciência e volta de qualquer lugar que tenha estado, Christian sai de mim. A música cessou e noto como ele se estira sobre meu corpo para soltar a pulseira direita. Grunhi ao sentir por fim a mão livre. Em seguida solta a outra, retira com cuidado a máscara de meus olhos e tira os pontos auriculares dos ouvidos. Pisco à luz tênue do quarto e levanto os olhos para seu intenso olhar de olhos cinzas.

— Olá, — murmura.

— Olá, respondo timidamente.

Em seus lábios se desenha um sorriso. Inclina-se e me beija brandamente.

— Muito bem, — sussurra. — Vire-se.

Minha Nossa... o que me vai fazer agora? Seu olhar se enternece.

— Só vou te dar uma massagem nos ombros.

— Ah, certo.

Viro, tensa, de barriga para baixo. Estou exausta. Christian se senta escarranchado sobre minha cintura e começa a massagear meus ombros. Gemo forte; tem uns dedos fortes e experientes. Inclina-se e beija minha cabeça.

— Que música era essa? — Consigo balbuciar.

— É o coral a quarenta vozes de Thomas Talis, titulado Spem in alium.

— Foi... impressionante.

— Sempre quis fazer ao ritmo dessa peça.

— Não me diga que também foi a sua primeira vez?

— Com certeza, senhorita Steele.

Volto a gemer enquanto seus dedos fazem sua magia em meus ombros.

— Bom, também é a primeira vez que eu transo com essa música, — murmuro sonolenta.

— Mmm... você e eu estamos estreando juntos em muitas coisas, — diz com total naturalidade.

— O que te hei dito em sonhos, Chris... *err...* senhor?

Interrompe um momento a massagem.

— Disse-me um montão de coisas, Anastásia. Falou de jaulas e morangos, me disse que queria mais e que sentia minha falta.

Ah, graças a Deus.

— Só isso? — Pergunto com evidente alívio.

Christian conclui sua esplêndida massagem e se deita a meu lado, fincando o cotovelo na cama para levantar a cabeça. Olha-me carrancudo.

— O que pensava que tinha dito?

OH, merda.

— Que eu tinha dito que você era feio e arrogante, e que era um desastre na cama.

Franzido ainda mais o cenho

— Certo, está claro que tudo isso é verdade, mas agora me deixou intrigado de verdade. O que é o que me esconde, senhorita Steele?

Pisco com ar inocente.

— Não te escondo nada.

— Anastásia, — lembra.

— Pensava que fosse me fazer rir depois do sexo.

— Pois por aí vamos mal. — Esboça um sorriso. — Não sei contar piadas.

— Senhor Grey! Ha alguma coisa que não sabe fazer? — Digo sorrindo, e ele me sorri também.

— Não, aparentemente contar piadas.

Adota um ar tão digno que me faz rir.

— Eu também não os conto.

—Eu adoro te ouvir rir, — murmura, se inclina e me beija. — Esconde-me alguma coisa, Anastásia? Vou ter que te torturar para surrupiar isso de você, Sei que algo te preocupa.

Capítulo 26

Eu acordo com um solavanco. Eu acho que tinha apenas caído alguns degraus em um sonho, e eu fiquei ereta, momentaneamente desorientada. Está escuro, e eu estou na cama de Christian sozinha. Alguma coisa tinha me acordado, algum pensamento incômodo. Eu olho para seu despertador no criado-mudo. São cinco da manhã, mas me sinto descansada. Porque disso? Oh, é a diferença do horário, seria oito da manhã na Georgia. *Puta merda... eu preciso tomar minha pílula*. Eu saio da cama, agradecida pelo o que quer que tenha me acordado. Eu posso ouvir notas fracas do piano. Christian está tocando. Isso eu preciso ver. Eu amo assisti-lo tocar. Nua, agarrei meu roupão da cadeira e vagueei calmamente pelo corredor, deslizando pelo roupão e ouvindo o som mágico do lamento melódico que estava vindo da sala grande.

Coberto pela escuridão, Christian está sentado em uma bolha de luz enquanto toca, e seu cabelo brilha com os realces de cobre. Ele parece nu, embora eu sei que ele está usando sua calça de pijama. Ele está concentrando, tocando lindamente, perdido na melancolia da música. Eu hesito, observando das sombras, sem querer interrompe-lo. Eu quero segurá-lo.

Ele parece perdido, até mesmo triste, e dolorosamente solitário, ou talvez seja apenas a música que é tão cheia de tristeza pungente. Ele termina a peça, pausa por uma fração de segundo, então começa a tocar de novo.

Eu me movo cuidadosamente em direção a ele, atraída como uma mariposa pelas chamas... A ideia me faz sorrir.

Ele olha para cima, para mim e franze a testa antes que seu olhar retorne para suas mãos, *e oh merda,* ele está irritado porque estou perturbando-o?

— Você deveria estar dormindo, — ele me repreende suavemente.

Eu posso dizer que ele está pré-ocupado com alguma coisa.

— E você também, — eu replico, não tão suavemente.

Ele olha para cima novamente, seus lábios se contorcendo com um vestígio de sorriso.

— Você está me repreendendo, Senhoria Steele?

— Sim, Senhor Grey, eu estou.

— Bem, eu não consigo dormir. — Ele franze o cenho mais uma vez quando um traço de irritação ou raiva brilha através de seu rosto. Comigo? Certamente que não.

Eu ignoro sua expressão facial e muito corajosamente sento ao lado dele no banco do piano, colocando minha cabeça em seu ombro nu para assistir seus dedos hábeis e ágeis, acariciarem as teclas. Ele faz uma pausa fracionada, e então continua até o final da peça.

— O que foi isso? — eu perguntei baixinho.

— Chopin[37]. Opus 28, número 4. Em E menor, se você está interessada, — ele murmurou.

— Estou sempre interessada no que você faz.

Ele se vira e pressiona suavemente seus lábios contra meu cabelo.

— Eu não quis acordar você.

— Você não acordou. Toca outra.

— Outra?

— A peça de Bach que você tocou na primeira noite que eu fiquei.

— Oh, o Marcello.

Ele começa a tocar vagarosamente e deliberadamente. Eu sinto o movimento de suas mãos em seus ombros enquanto eu me inclino contra ele e fecho os olhos. As notas tristes e emotivas fazem um redemoinho lento e melancólico ao nosso redor, ecoando pelas paredes. É uma peça assombrosamente bela, mais triste ainda que a de Chopin, e eu me perco na beleza do lamento. De certa forma, ela reflete como eu me sinto. O profundo desejo pungente que eu tenho de conhecer esse extraordinário homem melhor, tentar e compreender *sua* tristeza. Cedo demais, a peça está no final.

— Porque você só toca música tão triste?

Eu sento ereta e olho para cima para ele enquanto ele encolhe os ombros em resposta para minha pergunta, sua expressão desconfiada.

— Então você só tinha seis anos quando começou a tocar? — eu pergunto.

Ele assente, seu olhar desconfiado se intensificando. Depois de um momento ele se voluntaria.

— Eu me atirei para aprender piano para agradar a minha nova mãe.

— Para caber em uma família perfeita?

— Sim, por assim dizer, — ele diz evasivamente. — Porque você está acordada? Você não precisa se recuperar dos esforços de ontem?

— São oito da manhã para mim. E eu preciso tomar minha pílula.

Ele levantou as sobrancelhas em surpresa.

— Bem lembrado, — murmurou, e eu posso dizer que ele estava impressionado. Seus lábios capricharam em um meio sorriso. — Só você começaria um tratamento específico de anticoncepcionais em um fuso horário diferente. Talvez você devesse esperar meia hora e então outra meia hora amanhã de manhã. Assim eventualmente você pode tomá-las em um tempo razoável.

— Bom plano, — eu respiro. — Então o que nós devemos fazer por meia hora? — pisco inocentemente para ele.

[37] **Frédéric François Chopin** foi um pianista francês nascido a Polonia e compositor para piano da era romântica. É amplamente conhecido como um dos maiores compositores para piano e um dos pianistas mais importantes da história.

— Eu posso pensar em algumas coisas, — ele sorri, olhos cinzas brilhantes. Eu olho para trás impassível enquanto minhas entranhas apertam e derretem sob seu olhar conhecedor.

— Por outro lado, nós poderíamos conversar, — eu sugeri calmamente.

Ele franze a testa.

— Eu prefiro o que eu tenho em mente. — Ele me coloca em seu colo.

— Você sempre prefere fazer sexo do que conversar, — eu ri, me equilibrando segurando em seus braços.

— Verdade. Especialmente com você. — Ele fuça meu cabelo e começa uma trilha contínua de beijos da minha orelha até minha garganta. — Talvez no meu piano, — ele sussurra.

Oh meu Deus. Todo o meu corpo se aperta ao pensamento. *Piano. Uau.*

— Eu quero esclarecer uma coisa, — eu sussurro enquanto meu pulso começa a acelerar, e minha deusa interior fecha os olhos, deleitando-se na sensação de seus lábios em mim.

Ele pausa momentaneamente antes de continuar seu ataque sensual.

— Sempre tão ansiosa por informação, Senhorita Steele. O que precisa ser esclarecido? — ele respira contra a minha pele na base do meu pescoço, continuando seus suaves beijos gentis.

— Nós, — eu sussurro enquanto fecho os olhos.

— Humm. O que sobre nós? — ele pausa sua trilha de beijos ao longo do meu ombro.

— O contrato.

Ele levanta a cabeça para olhar para mim, uma pitada de diversão em seus olhos, e suspiros. Ele acaricia os dedos na minha bochecha.

— Bem, eu acho que o contrato ficou obsoleto, você não acha? — sua voz esta baixa e rouca, seus olhos suaves.

— Obsoleto?

— Obsoleto. — Ele sorri. Eu olho de boca aberta para ele, intrigada.

— Mas você estava tão interessado no contrato.

— Bem, isso foi antes. De qualquer forma, as regras ainda seguem de pé. — Sua expressão endureceu um pouco.

— Antes? Antes do que?

— Antes... — ele pausa e a expressão cautelosa está de volta, — Antes que houvesse “mais.” Ele encolhe os ombros.

— Oh.

— Além do mais, nós estivemos na sala de jogos duas vezes agora, e você não fugiu gritando espantada.

— Você espera que eu faça isso?

— Nada do que você faz é esperado, Anastásia, — ele diz secamente.

— Então, deixe-me ser clara. Você só quer que eu siga as regras do contrato todo o tempo, mas ignore o resto estipulado?

— Exceto na sala de jogos. Eu quero que você siga o espírito do contrato na sala de jogos, e sim, eu quero que você siga as regras, todo o tempo. Então eu sei que você estará segura, e eu serei capaz de ter você a qualquer momento que eu queira.

— E se eu quebro uma das regras?

— Então eu vou puni-la.

— Mas você não vai precisar da minha permissão?

— Sim, irei.

— E se eu digo não?

Ele me olha por um momento, com uma expressão confusa.

— Se você disser não, você vai dizer não. Eu terei que encontrar uma maneira de persuadi-la.

Eu me afasto dele e fico em pé. Preciso de alguma distância. Ele franze a testa quando eu olho para baixo para ele. Ele parece intrigado e cauteloso de novo.

— Então, o aspecto da punição permanece.

— Sim, mas só se você quebra as regras.

— Eu vou precisar relê-las, — eu digo, tentando lembrar dos detalhes.

— Eu vou buscá-las pra você. — Seu tom está de repente profissional.

Uau. Isso ficou sério tão rapidamente. Ele se levanta do piano e anda agilmente para sua sala de estudo. Meu couro cabeludo fica arrepiado. Caramba, eu preciso de um pouco de chá. O futuro do nosso então chamado relacionamento está sendo discutido as cinco e quarenta e cinco da manhã quando ele está pré-ocupado com outra coisa, isso é sábio? Eu me dirijo para a cozinha que ainda está envolta das sombras. Onde estão os interruptores? Eu os encontro, ligo-os, e despejo água em uma chaleira. *Minha pílula!* Eu reviro minha bolsa que deixei na mesa de café e as encontro rapidamente. Um gole, e estou pronta. No momento que eu termino, Christian está de volta, sentando em um dos bancos do bar, me observando atentamente.

— Aqui está. — Ele empurra um pedaço de papel digitado na minha direção, e eu percebo que ele mexeu em algumas coisas.

REGRAS

Obediência:

A Submissa irá obedecer qualquer instrução dada pelo Dominante imediatamente sem hesitação ou reserva e de uma forma eficiente. A Submissa irá concordar com qualquer atividade sexual considerada apta e

prazerosa pelo Dominante exceto aquelas atividade que são indicadas em duros limites.

(Anexo A). Ela fará tão avidamente e sem hesitação.

Sono:

A Submissa garantirá que consiga um mínimo de oito ou sete horas de sono por noite quando ela não está com o Dominante.

Comida:

A Submissa comerá regularmente para manter sua saúde e bem-estar de uma lista prescritas de alimentos (Anexo 4). A Submissa não terá lanche entre as refeições, com a exceção de frutas.

Roupas:

Enquanto estiver com o Dominante, A Submissa apenas vestirá roupas aprovadas pelo Dominante. O Dominante irá fornecer um orçamento para roupas da Submissa, a qual a Submissa deve utilizar. O Dominante deverá acompanhar A Submissa nas compras das roupas desse caráter.

Exercícios:

O Dominante deverá fornecer a Submissa um treinador pessoal quatro vezes por semana em sessões de uma hora de duração em horários a ser mutuamente acordados entre o treinador e a Submissa. O treinador informará ao Dominante o progresso da Submissa.

Higiene Pessoal / Beleza:

A Submissa irá manter-se limpa e raspada e/ou depilada em todos os momentos. A Submissa visitará um salão de beleza de escolha do Dominante em momentos a ser decididos pelo Dominante, e passará por qualquer tratamento que o Dominante julgar conveniente.

Segurança Pessoal:

A Submissa não vai beber em excesso, fumar, usar drogas ilícitas ou colocar-se em qualquer perigo desnecessário.

Qualidades Pessoais:

A Submissa não entrará em quaisquer relações sexuais com alguém que não seja o Dominante. A Submissa se comportará respeitosa e de forma modesta em todos os momentos. Ela deve reconhecer que seu comportamento é um reflexo direto sobre o Dominante. Ela deve ser responsabilizada por quaisquer malefícios, erros cometidos e mau comportamento cometidos quando não estiver na presença do Dominante.

O não cumprimento de qualquer regra acima resultará em punição imediata, cuja natureza deverá ser determinada pelo Dominante.

— Então a coisa da obediência ainda está em pé?

— Oh, sim. — Ele sorri.

Eu balanço a cabeça divertida, e antes que eu perceba, desvio meu olhar do dele.

— Você acabou de revirar os olhos para mim, Anastásia? — ele respira.

Oh porra.

— Possivelmente, depende de qual é a sua reação.

— O mesmo de sempre, — ele diz, balança a cabeça ligeiramente, seus olhos abertos com excitação.

Eu engulo instintivamente e um arrepio de satisfação corre através de mim.

— Então... — *Puta merda. O que eu vou fazer?*

— Sim? — ele lambe o lábio inferior.

— Você quer me espancar agora.

— Sim. E eu farei.

— Oh, mesmo, Senhor Grey? — eu desafio, sorrindo de volta para ele. Dois podem jogar esse jogo.

— Você vai me impedir?

— Você vai ter que me pegar primeiro.

Seus olhos se arregalam em uma fração de segundo, e ele sorri, lentamente ficando em pé.

— Oh, mesmo, Senhorita Steele?

A mesa de café está entre nós. Eu nunca estive tão grata pela sua existência do que nesse momento.

— E você está mordendo o lábio, — ele respira, se movendo lentamente para sua esquerda quando eu me movo para a minha.

— Você não faria, — eu provoco. — Afinal, você desvia seu olhar também. — Eu tento argumentar com ele. Ele continua a se mover em direção a sua esquerda, assim como eu.

— Sim, mas com esse joginho você acaba de subir o nível de excitação. — Seus olhos incendeiam, e antecipação selvagem emana dele.

— Eu sou bastante rápida, você sabe. — Eu tento com indiferença.

— Eu também.

Ele está me perseguindo, em sua própria cozinha.

— Você vai vir sem resistir? — ele pergunta.

— Alguma vez eu já fui?

— Senhorita Steele, o que você quer dizer? — ele sorri. — Será pior para você se eu tiver que ir e pegá-la.

— Isso apenas se você me pegar, Christian. E nesse momento, eu não tenho nenhuma intenção de deixá-lo me pegar.

— Anastásia, você pode cair e se machucar. O que a colocará em violação direta a regra número sete.

— Desde que te conheci Senhor Grey, estou em perigo permanente, com regras ou sem.

— Sim você esta. — Ele pausa, e sua testa enruga ligeiramente.

De repente, ele dá o bote em mim, me fazendo gritar e correr para a mesa de jantar. Eu consigo escapar, colocando a mesa entre nós. Meu coração está martelando e a adrenalina disparou pelo meu corpo... cara... isso é tão excitante. Eu sou uma criança de novo, embora isso não esteja certo. Eu o observo cuidadosamente, enquanto ele caminha deliberadamente em minha direção. Eu dou uns centímetros de distância.

— Você certamente sabe como distrair um homem, Anastásia.

— Nosso objetivo é agradar, Senhor Grey. Distraí-lo do que?

— Vida. O universo. — Ele balança a mão vagamente.

— Você realmente parecia muito preocupado enquanto estava tocando.

Ele para e cruza os braços, sua expressão divertida.

— Nós podemos fazer isso durante o dia todo, querida, mas eu vou pegá-la, e só será pior para você quando eu fizer.

— Não, você não vai. — Eu não devo ser excessivamente confiante. Eu repito isso como um mantra. Meu subconsciente vestiu seu Nike, e ele está sobre os tacos de partida.

— Qualquer um poderia pensar que você não quer que eu te pegue.

— Eu não quero. Esse é o ponto. Para mim o castigo é como o toque para ti.

Toda a sua atitude muda em um segundo. Foi-se o Christian brincalhão, e ele fica me olhando como se eu tivesse lhe dado um tapa. Ele está pálido.

— É assim que você se sente? — ele sussurra.

Aquelas cinco palavras, e a forma como ele as pronuncia, me falam muito. *Ah não*. Elas me dizem muito mais sobre ele e como ele sente. Elas me dizem sobre seu medo e ódio. Eu franzo a testa.

Não, eu não me sinto assim *tão* mal. De jeito nenhum. Eu sinto?

— Não, não me afeta tanto quanto isso, mas isso te dá uma ideia, — eu murmuro, olhando ansiosamente para ele.

— Ah, — ele diz.

Merda. Ele parece completa e totalmente perdido, como se eu tivesse puxado o tapete debaixo dos seus pés.

Tomando uma respiração profunda, eu me movo ao redor da mesa até que estou em pé na frente dele, olhando para seus olhos apreensivos.

— Você odeia isso tanto assim? — ele respira, seus olhos cheios com horror.

— Bem... não, — eu o tranquilizo. *Caramba – é assim que ele se sente sobre as pessoas o tocarem?*

— Não. Eu me sinto ambígua sobre isso. Eu não gosto, mas não odeio.

— Mas na noite passada, na sala de jogos, você... — ele diminuiu.

— Eu faço isso para você, Christian, porque você precisa disso. Eu não. Você não me machucou na noite passada. Aquilo foi em um contexto diferente, e eu posso racionalizar aquilo internamente, e eu confio em você. Mas quando você quer me punir, eu me preocupo se você vai me machucar.

Seus olhos cinzentos brilham como uma tempestade turbulenta. O tempo passa, e se expande e esvai antes dele responder em voz baixa.

— Eu quero machucar você. Mas não quero provocar uma dor maior que não seja capaz de suportar.

Porra!

— Por quê?

Ele passa a mão pelo cabelo, e encolhe os ombros.

— Eu apenas preciso disso. — Ele pausa, me olhando com angústia, e fecha os olhos e balança a cabeça. — Eu não posso dizer a você, o porque — ele sussurra.

— Não pode ou não vai?

— Não vou.

— Então você sabe o por que.

— Sim.

— Mas você não vai me dizer.

— Se eu digo, você irá sair correndo gritando dessa sala, e nunca vai querer retornar. — Ele me olha com cautela. — Eu não posso correr esse risco, Anastásia.

— Você quer que eu fique.

— Mais do que você pode imaginar. Eu não suportaria perder você.

Oh meu Deus.

Ele olha para baixo para mim, e repentinamente, me puxa para seus braços e está me beijando, beijando-me apaixonadamente. Isso me pega completamente de surpresa, e eu sinto seu pânico e necessidade desesperada em seu beijo.

— Não me deixe. Você me disse em sonhos que nuca me deixaria, e implorou para eu não deixá-la, — ele murmura contra meus lábios.

Oh... minhas confissões noturnas.

— Eu não quero ir. — E me coração fica apertado, como se ficasse do avesso.

Esse é um homem com necessidade. Seu medo é nu e óbvio, mas ele está perdido... em algum lugar em sua escuridão. Seus olhos arregalados,

desolados e torturados. Eu posso acalmá-lo. Acompanho-o brevemente na escuridão para trazê-lo para a luz.

— Me mostra, — eu sussurro.

— Mostrar a você?

— Me mostre o quanto isso pode machucar.

— O que?

— Me punir. Eu quero sabe o quão ruim isso pode ficar.

Christian dá um passo para longe de mim, completamente confuso.

— Você tentaria?

— Sim. Eu disse que faria. — Mas eu tenho uma segunda intenção. Se eu faço isso por ele, talvez ele me deixasse tocá-lo.

Ele pisca para mim.

— Ana, você é tão confusa.

— Estou confusa demais. Estou tentando trabalhar nisso. E você e eu vamos saber, de uma vez por todas, se eu posso fazer isso. Se eu posso lidar com isso, então talvez você... — minha palavras me faltaram, e ele me olha espantado. Ele sabe que estou me referindo à coisa do toque. Por um momento, ele parece consternado, mas de repente seu rosto ganha um ar de determinação, e ele aperta os olhos, olhando para mim especulativamente como se ponderasse as alternativas.

Abruptamente, ele agarra meu braço em um aperto firme e se vira, me tirando da sala grande, para cima dos degraus, e para a sala de jogos. Prazer e dor, recompensa e castigo, as palavras dele de há muito tempo ecoam em minha mente.

— Eu vou mostrar a você o quão ruim pode ser, e você pode decidir o que fazer. — Ele pausa na porta. —Você está pronta para isso?

Eu balanço a cabeça, decidida, me sinto um pouco tonta e fraca enquanto fico pálida. Ele abre a porta, e ainda apertando meu braço, agarra o que parece ser um cinto da prateleira ao lado da porta, então me leva até o banco de couro vermelho no canto afastado do quarto.

— Se dobre sobre o banco, — ele murmura baixinho.

Ok. Eu posso fazer isso. Eu me dobro sobre o couro liso e macio. Ele me deixou com o roupão. Em uma parte tranquila do meu cérebro, estou vagamente surpresa que ele não tenha me feito tirá-lo. *Puta merda isso vai doer... eu sei*. Meu subconsciente desmaiou, e minha deusa interior está se esforçando para parecer corajosa.

— Nós estamos aqui porque você disse sim, Anastásia. E você correu de mim. Eu vou bater em você seis vezes, e você vai contar comigo.

Porque diabos ele apenas não vai em frente? Ele sempre faz uma boa refeição para me punir. Eu reviro meus olhos, sabendo muito bem que ele não pode me ver.

Ele levanta a barra do meu roupão, e por alguma razão, isso parece mais íntimo do que estando nua. Ele acaricia gentilmente meu traseiro,

correndo sua mão quente pelas duas nádegas e então para o alto das minhas coxas.

— Estou fazendo isso para que se recorde de não correr de mim, por mais excitante que isso seja, eu não quero que você corra de mim, — ele sussurra.

Sou consciente da ironia. Eu estava correndo para evitar isso. Se ele tivesse aberto seus braços, eu teria corrido para ele, e não para longe dele.

— E você afastou seu olhar de mim. Você sabe como eu me sinto sobre isso. — De repente, se foi aquele medo irritado e nervoso em sua voz. Ele está de volta de onde quer que ele tenha estado. Eu ouço isso eu seu tom, na forma como ele coloca seus dedos nas minhas costas, me segurando e a atmosfera muda no quarto.

Eu fecho meus olhos, preparando-me para o golpe. Ele vem duro, estapeando toda a minha parte traseira, e a batida do cinto é tudo o que eu temia. Eu grito alto involuntariamente, e respiro profundamente.

— Conte, Anastásia! — ele ordena.

— Um! — eu grito com ele, e soa como um palavrão.

Ele me bate de novo, e a dor pulsa e ecoa ao longo da cintura. *Caralho... isso d*ói.

— Dois! — eu grito. É tão bom gritar.

A respiração dele está irregular e áspera. Considerando que a minha é quase inexistente, enquanto eu busco desesperadamente em minha psique alguma força interna. O cinto atravessa minha carne novamente.

— Três! — Lágrimas indesejáveis surgem nos meus olhos. Caramba, isso é mais duro do que pensei, muito mais duro do que a surra. Ele não está maneirando em nada.

— Quatro! — eu grito quando o cinto me açoita novamente, e agora as lágrimas estão escorrendo pelo meu rosto. Eu não quero chorar. Irrita-me que eu esteja chorando. Ele me bate de novo.

— Cinco. — Minha voz é mais um soluço, embargado e sufocado, e nesse momento, eu acho que o odeio. Mais um. Eu posso fazer mais um. Minhas costas parecem estar em fogo.

— Seis, — eu sussurro enquanto a dor escaldante corta através de mim novamente, e eu o ouço derrubar o cinto atrás de mim, e ele está me puxando para seus braços, sem fôlego e compassivo... e eu não quero nada dele.

— Deixe-me ir... não... — e eu me encontro lutando para fora de seu alcance, empurrando-o para longe. Lutando contra ele.

— Não me toque! — Eu digo enfurecida.

Eu me endireito e olho para ele, e ele está me observando como se eu pudesse estar louca, seus olhos cinzentos largos, confusos. Eu jogo as lágrimas com raiva para fora dos meus olhos com as costas das minhas mãos, olhando para ele.

— Isso é o que você realmente gosta? Eu, assim? — eu uso a manga do roupão para enxugar meu nariz. Ele me olha com cautela.

— Bem, você é um fodido filho da puta.

— Ana, — ele implora, chocado.

— Não se atreva a me chamar de Ana! Você precisa resolver essa merda, Grey! — e com isso, eu me viro com firmeza, e saio da sala de jogos, fechando a porta silenciosamente atrás de mim.

Eu aperto a maçaneta da porta atrás de mim e brevemente me encosto contra a porta. Onde ir? Eu corro? Fico? Estou tão brava, lágrimas correm pelo meu rosto, e eu as limpo com raiva. Eu só quero me enrolar. Enrolar-me e me recuperar de alguma forma. Curar a minha fé abalada. Como eu pude ter sido tão estúpida? Claro que isso dói.

Timidamente, eu esfrego o meu traseiro. Aah! Está ferido. Para onde ir? Não o quarto dele. Meu quarto, ou o quarto que seria meu, não, *é* meu... *era* meu. É por isso que ele queria que eu o mantivesse. Ele sabia que eu precisaria de distância dele.

Eu me lancei rigidamente naquela direção, consciente de que Christian pode me seguir. Ainda está escuro no quarto, a madrugada apenas um sussurro no horizonte. Eu subo desajeitadamente na cama, tomando cuidado para não sentar no meu traseiro dolorido e sensível. Eu mantenho o roupão, enrolando-o ao meu redor, e me enrolo em uma bola e realmente deixo ir, soluçando duro em meu travesseiro.

No que eu estava pensando? Porque eu o deixei fazer aquilo comigo? Eu queria a escuridão, para explorar o quão ruim ela poderia ser, mas é muito escuro para mim. Eu não posso fazer isso. Sim, é isso o que ele quer, é isso que o excita de verdade.

Isso sim é um despertar de verdade, e que jeito... E para ser justa com ele, ele me avisou e avisou, uma e outra vez. Ele não é normal. Ele tem necessidade que eu não posso cumprir. Percebo isso agora.

Eu não quero que ele me bata assim novamente, nunca mais. Eu penso nas duas vezes que ele me bateu, e o quão suave ele foi comigo em comparação a isso. Isso é o suficiente para ele? Eu soluço mais duro no travesseiro. Eu vou perdê-lo. Ele não vai querer ficar comigo se eu não posso dar isso a ele.

Porque, porque, porque eu me apaixonei pelas Cinquenta Sombras? Por que? Porque eu não posso amar o José, ou Paul, ou Clayton, ou alguém como eu?

Oh, seu olhar desesperado quando eu saí. Eu fui tão cruel, estava tão chocada com a selvageria... ele vai me perdoar... eu vou perdoá-lo? Meus pensamentos estão todos descontrolados e desordenados, ecoando e quicando no interior do meu crânio. Meu subconsciente está balançando a cabeça tristemente, e minha deusa interior não está em nenhum lugar para ser vista.

Oh, essa é uma manhã escura da alma para mim. Estou tão sozinha. Eu quero a minha mãe. Eu me lembro das suas palavras de despedida no aeroporto, *Siga o seu coração, querida, e por favor, por favor, tente não pensar demais sobre as coisas. Relaxe e aproveite. Você é tão jovem querida, você tem tanto para experimentar, apenas deixe acontecer.*

Você merece o melhor de tudo.

Eu realmente segui meu coração, e eu tenho uma bunda dolorida e um espírito angustiado e quebrado para mostrar. Eu tenho que ir. É isso... eu tenho que ir embora. Ele não é bom para mim, e eu não sou boa para ele.

Como nós podemos possivelmente fazer isso funcionar? E o pensamento de não vê-lo novamente praticamente me sufoca... meu Cinquenta Sombras.

Eu ouço a porta abrir. *Oh no – ele está aqui.* Ele coloca alguma coisa no criado mudo, e a cama muda embaixo do seu peso quando ele sobe atrás de mim.

— Silêncio, — ele respira, e eu quero me afastar dele, me mover para o outro lado da cama, mas eu estou paralisada. Eu não posso me mover e me deito rigidamente, não cedendo nem um pouco.

— Não brigue comigo, Ana, por favor, — ele sussurra. Gentilmente, ele me puxa para seus braços, enterrando o nariz no meu cabelo, beijando meu pescoço.

— Não me odeie, — ele respira suavemente contra a minha pele, sua voz dolorosamente triste. Meu coração aperta de novo e libera uma nova onda de choro e soluços silenciosos.

Ele continua me beijando suavemente, com ternura, mas eu permaneço distante e desconfiada.

Ficamos deitados juntos assim, sem diz qualquer coisa por muito tempo. Ele apenas me segura, e muito gradativamente, eu relaxo e paro de chorar. O amanhecer vai e vem, e a luz suave fica mais brilhante conforme a manhã se move, e ainda nós deitamos quietamente.

— Eu trouxe para você um pouco de Advil e creme de arnica, — ele diz depois de muito tempo.

Eu me viro muito lentamente em seus braços então eu posso encará-lo. Estou descansando minha cabeça em seu braço. Seus olhos estão um cinza de pedra e protegidos.

Eu olho para seu rosto lindo. Ele não está mostrando nada, mas ele mantêm seus olhos nos meus, mal piscando. Oh, ele é tão incrivelmente lindo. Em tão pouco tempo, ele se tornou tão, tão querido para mim. Esticando minha mão, eu acaricio sua bochecha e corro a ponta dos dedos por sua barba. Ele fecha os olhos e exala levemente.

— Desculpe, — eu sussurro.

Ele abre os olhos e me olha intrigado.

— Pelo o que?

— Pelo o que eu disse.

— Você não me disse nada que eu não soubesse. — E seus olhos suavizam com alívio. — Desculpe-me, eu machuquei você.

Eu dou os ombro.

— Eu pedi por isso. — E agora eu sei. Eu engulo. Aqui vai. Eu preciso dizer o que sinto. — Eu não acho que posso ser tudo o que você quer que eu seja, — eu sussurro. Seus olhos se arregalam um pouco, e ele pisca, sua expressão temerosa retornando.

— Você é tudo o que eu quero que seja.

O que?

— Eu não entendo. Eu não sou obediente, e você pode estar certo como o inferno que eu não vou deixar você fazer *aquilo* comigo de novo. E é isso o que você precisa, você me disse.

Ele fecha os olhos novamente, e eu posso ver uma infinidade de emoções cruzar seu rosto. Quando ele os reabre, sua expressão está desolada.

Oh não.

— Você está certa. Eu deveria deixar você ir. Eu não sou bom para você.

Meu couro cabeludo se arrepia quando cada fio de cabelo em meu corpo está atento, e meu mundo desaba, deixando um amplo abismo aberto para eu cair dentro.

Oh no.

— Eu não quero ir, — eu sussurro. Foda-se, é isso. Pagar ou jogar. As lágrimas nadam em meus olhos mais uma vez.

— Eu não quero você vá também, — ele sussurra, sua voz crua. Ele estica a mão e gentilmente acaricia meu rosto e enxuga uma lágrima caindo com o polegar.

— Eu vim para a vida desde que conheci você. — Seu polegar traça o contorno do meu lábio inferior.

— Eu também, — eu sussurro, — Eu me apaixonei por você, Christian.

Seus olhos arregalam novamente, mas dessa vez, com medo puro e indissolúvel.

— Não, — ele respira como se eu o tivesse socado e tivesse deixado-o sem ar.

Oh não.

— Você não pode me amar, Ana. Não... isso é errado. — Ele está horrorizado.

— Errado? Porque é errado?

— Bem, olhe para você. Eu não posso fazê-la feliz. — Sua voz está angustiada.

— Mas você me faz feliz. — Eu franzo a testa.

— -Não nesse momento, não fazendo o que eu quero fazer.

Puta merda. É realmente isso. Isso é o que ferve para baixo, incompatibilidade, e todas aquelas pobres legendas veem a mente.

— Nós nunca conseguiremos superar isso, não é? — eu sussurro, meu couro cabeludo pinicando com medo.

Ele balança a cabeça tristemente. Eu fecho os olhos. Não suporto olhar para ele.

— Bem... é melhor eu ir, então, — eu murmuro, estremecendo quando me sento.

— Não, não vá. — Ele soa em pânico.

— Não há nenhuma razão para eu ficar. — De repente, eu me sinto cansada, realmente muito cansada, e eu quero ir agora. Eu saio da cama, e Christian me segue.

— Eu vou me vestir. Gostaria de um pouco de privacidade, — eu digo, minha voz plana e vazia enquanto o deixo em pé no quarto.

Dirigindo-me para o andar de baixo, eu olho para a sala grande, pensando em como apenas algumas horas antes eu tinha descansado minha cabeça no ombro dele enquanto ele tocava o piano. Tanta coisa tinha acontecido desde então.

Eu tive meus olhos abertos e vislumbrei a extensão da sua depravação, e agora eu sei que ele não é capaz de amar, de dar e receber amor. Meus piores medos tinham sido realizados. E estranhamente, é muito libertador.

A dor é tanta que eu recuso tomar conhecimento disso. Eu me sinto entorpecida. Eu de alguma forma escapei do meu corpo e sou agora uma observadora casual do desenrolar dessa tragédia. Eu me banho rápida e metodicamente, pensando somente em cada segundo na minha frente. Agora aperte o frasco para lavar o corpo. Coloque o frasco de volta na prateleira. Esfregue a bucha no rosto, no corpo... indo, todas as ações simples e metódicas, exigindo simples pensamentos mecânicos.

Eu termino meu banho, e como eu não lavei meu cabelo, eu posso me secar rapidamente. Eu me visto no banheiro, tirando o jeans e camiseta da minha mala pequena. Minha calça jeans irrita meu traseiro, mas francamente, é uma dor que eu dou boas-vindas como distrai minha mente do que está acontecendo com o meu estilhaçado e quebrado coração.

Eu me curvo para fechar a mala, e a sacola contendo o presente para Christian me chama a atenção, um kit de modelagem de Blahnik L23 planador, algo para ele construir. As lágrimas ameaçam. *Oh não... t*empos mais felizes, quando havia esperança de mais. Eu a tiro da bolsa, sabendo que eu preciso dar isso a ele.

Rapidamente, um rasgo um pedaço de papel do meu caderno, rabiscando apressadamente uma nota para ele, e a deixo no topo da caixa.

Lembrança de um tempo feliz.
Obrigada.
Ana

Eu me olho no espelho. Um assombrado fantasma pálido me olha de volta. Eu escovo meu cabelo em um rabo de cavalo e ignoro como as minhas pálpebras estão inchadas de chorar. Meu subconsciente concorda em aprovação. Mesmo ela sabe que não deve ser sarcástica agora. Eu não posso acreditar que meu mundo está desmoronando ao meu redor em uma pilha de cinzas estéreis, todas as minhas esperanças e sonhos cruelmente frustradas. Não, não pense sobre isso. Não agora, não ainda. Respirando fundo, eu pego minha bolsa, e depois de colocar o kit planador e minha nota em seu travesseiro, eu me dirijo para a grande sala.

Christian está no telefone. Ele está vestido com calças pretas e camiseta. Seus pés descalços.

— Ele disse o que! — ele grita, me fazendo pular. — Bem, ele poderia ter nos dito a porra da verdade. Qual é o número dele, eu preciso ligar para ele... caralho, isso está realmente fodido. — Ele olha para cima e não tira seus olhos escuros e taciturnos de mim. — Encontre-a, — ele estala e pressiona o telefone.

Eu ando até o sofá e pego minha mochila, fazendo o meu melhor para ignorá-lo. Eu tiro o Mac para fora e ando de volta em direção a cozinha, colocando-o cuidadosamente na mesa do bar, junto com o BlackBerry e a chave do carro. Quando eu me viro para encará-lo, ele está me olhando, estupefato, com horror.

— Eu preciso do dinheiro que Taylor deu pelo meu fusca. — Minha voz está clara e calma, desprovida de emoção... *extraordinário*.

— Ana, eu não quero essas coisas, elas são suas, — ele diz incrédulo. —Por favor, leve-as.

— Não Christian, eu só as aceitei sob resignação, e eu não as quero mais.

— Ana, seja razoável, — ele me censura, mesmo agora.

— Eu não quero nada que me lembre de você. Eu só preciso do dinheiro que Taylor deu pelo meu carro. — Minha voz está muito monótona.

Ele suspira.

— Você esta realmente tentando me ferir?

— Não. — Eu franzo a testa olhando para ele. Claro que não... eu amo você. — Eu não estou. Estou tentando me proteger, — eu sussurro. Porque você não me quer da forma que eu quero você.

— Por favor, Ana, leve essas coisas.

— Christian, eu não quero brigar, eu só preciso do dinheiro.

Ele aperta os olhos, mas eu não estou mais intimidada por ele. Bem, só um pouco. Eu olho impassivelmente de volta, sem piscar ou recuar.

— Você vai levar um cheque? — ele diz acidamente.

— Sim. Eu acho está bom.

Ele não sorri, ele só se vira e anda em direção a sua sala de estudos. Eu dou uma última olhada prolongada ao redor de seu apartamento, para as artes nas paredes, todas abstratas, serenas, legais... frias, mesmo. Encaixadas, eu penso distraidamente. Meus olhos desviam para o piano.

Caramba, se eu tivesse mantido a minha boca fechada, nós teríamos feito amor no piano. Não, fodido, nós teríamos fodido no piano.

Bem, eu teria feito amor. O pensamento fica pesado e triste em minha mente. Ele nunca fez amor comigo, fez? Sempre foi uma foda para ele.

Christian retorna e me entrega um envelope.

— Taylor pagou um bom preço. É um carro clássico. Você pode perguntar para ele. Ele levará você para casa.

Ele acena na direção sobre meu ombro. Eu me viro, e Taylor está parado na porta, vestindo seu terno, tão impecável como sempre.

— Está tudo bem, eu posso ir sozinha para casa, obrigada.

Eu me viro para olhar para Christian, e eu vejo a fúria mal contida em seus olhos.

— Você vai me desafiar a cada momento?

— Porque mudar um hábito de uma vida? — me desculpo com um pequeno encolher de ombros.

Ele fecha seus olhos com frustração e corre a mão pelo cabelo.

— Por favor, Ana, deixe Taylor levar você para casa.

— Eu vou pegar o carro, Senhorita Steele, — Taylor anuncia autoritariamente. Christian acena para ele, e quando eu olho ao redor, Taylor tinha ido.

Eu me viro de volta para encarar Christian. Nós estamos a quatro metros de distância. Ele dá um passo para frente, e instintivamente eu dou um passo para trás. Ele para, e a angústia em sua expressão é palpável, seus olhos cinza, queimando.

— Eu não quero que você vá, — ele murmura, sua voz cheia de saudade.

— Eu não posso ficar. Eu sei o que quero e você não pode me dar isso, e eu não posso dar a você o que você precisa.

Ele dá um outro passo a frente, e eu levanto minhas mãos.

— Não, por favor. — Eu recuo dele. De jeito nenhum eu posso tolerar seu toque agora, me mataria.

— Eu não posso fazer isso.

Agarrando a minha mala e minha mochila, eu me dirijo para o corredor de entrada. Ele me segue, mantendo uma distância cautelosa. Ele pressiona o botão do elevador, e a porta abre. Eu entro.

— Adeus, Christian, — eu murmuro.

— Ana, adeus, — ele diz suavemente, e ele parece completamente, totalmente quebrado, um homem em uma dor agonizante, refletindo como eu me sinto por dentro. Eu desvio o meu olhar para longe dele antes que eu mude de ideia e tente confortá-lo.

As portas do elevador fecham, e me leva rapidamente para o térreo e para o meu inferno pessoal.

Taylor segura à porta aberta para mim, e eu entro no banco traseiro do carro. Eu evito contato visual. Constrangimento e vergonha me lavam. Eu sou um completo fracasso. Eu tinha a esperança de arrastar meu Cinquenta Sombras para a luz, mas provou ser uma tarefa além das minhas pobres habilidades. Desesperadamente, eu tento manter as emoções depositadas em um compartimento. Quando no dirigimos em direção a 4th Avenida, eu olho fixamente para fora da janela, e a enormidade do que eu tinha feito lentamente me lava. *Merda, eu o deixei.* O único homem que eu amei. O único homem com quem eu já dormi.

Eu suspiro e as barragens estouram. As lágrimas escorrem espontaneamente e indesejáveis pelas minhas bochechas, e eu as enxugo apressadamente com meus dedos, lutando com a minha mala pelos meus óculos de sol. Quando nós paramos em algum semáforo, Taylor segura um lenço de linho para mim. Ele não diz nada e não olha na minha direção, e eu tomo isso com gratidão.

— Obrigada, — eu resmungo, e esse pequeno ato discreto de bondade é a minha ruína. Eu sento de volta no assento luxuoso de couro e choro.

O apartamento está dolorosamente vazio e desconhecido. Eu não vivi aqui por tempo suficiente para me sentir como em casa. Eu me dirijo diretamente para meu quarto, e lá, pendurado frouxamente no final da minha cama, está um balão de helicóptero muito triste e murcho. Charlie Tango, parecendo e sentindo exatamente como eu. Eu o agarro com raiva e tiro da minha cama, tirando a gravata e abrançando-o. *Oh, o que eu fiz?*

Eu caio na minha cama, de sapato e tudo, e uivo. A dor é indescritível... física, mental... metafísica... está por toda parte, penetrando na medula óssea. Luto.

Isso é luto, e eu o trouxe para mim. Bem no fundo, um pensamento desagradável e sem ser solicitado vem da minha deusa interior, seu lábio enrolado com um rosnado... a dor física da mordida de um cinto não é nada, nada comparado com essa devastação. Eu me enrolo, desesperadamente agarrando o balão de alumínio e o lenço de Taylor, e me entrego a minha dor.

Fim da Parte Um



KEEP
CALM
AND
READ

Fifty Shades Darker

Assustada com os segredos obscuros do belo e atormentado Christian Grey, Ana Steele põe um ponto final em seu relacionamento com o jovem empresário e concentra-se em sua nova carreira, numa editora de livros. Mas o desejo por Grey domina cada pensamento de Ana e, quando ele propõe um novo acordo, ela não consegue resistir. Em pouco tempo, Ana descobre mais sobre o angustiante passado de seu amargurado e dominador parceiro do que jamais imaginou ser possível. Enquanto Christian tenta se livrar de seus demônios interiores, Ana se vê diante da decisão mais importante da sua vida.